Anne Rice

A MÚMIA

OU

RAMSÉS, O MALDITO



Rocco

Anne Rice

A MÚMIA

OU

RAMSÉS, O MALDITO



Rocco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ANNE RICE

A MÚMIA ou RAMSÉS, O MALDITO

Titulo original THE MUMMY

Copyright ©1989 by Anne O'Brien Rice

Proibida a venda em Portugal

Direitos para a língua portuguesa reservados, com exclusividade para o Brasil, à

EDITORA ROCCO ITDA.

Rua daAssembLéia, 10 Gr. 3101 TELEFONE: 224-5859 - Fax: 252-3627

Telex: 38462 EDRC BR

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

Ilustração de capa OSCAR RAMOS

Preparação de originais SANDRA CHAVES

Revisão

SANDRA PÁSSARO/WENDETT SETÚBAL

HENRIQUE TXRNAPOLSKY

WALTER VERÍSSIMO

Tradução de FÁBIO FERNANDES

Rio de Janeiro - 1993

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Rice, Anne, 1941-

R381m A múmia, ou Ramsés, o maldito / Anne Rice; tradução de Fábio Fernandes. - Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Tradução de: The mummy or Ramsés, the damned.

1. Romance estadunidense. I. Fernandes, Fábio. II. Titulo. In. Título: Ramsés, o maldito.

CDD - 813

91-0674 CDU - 820(73)

Contra Capa:

Por ter bebido o elixir da eternidade, o rei Ramsés II está destinado a vagar para sempre na terra. Amante da rainha Cleópatra, ele acorda na Londres eduardiana sob a máscara de um refinado egiptólogo, Reginald Ramsey, companheiro de Julie, filha do arqueólogo Lawrence Stratford.

Por algum tempo Ramsés adapta-se ao molde de sua nova existência lembranças de suas vidas passadas, no entanto, assim como marcas de um amor intenso demais para ser esquecido, não o abandonam. Para revivê-las, Ramsés não exitará em cometer uma loucura, que desencadeará uma série de crimes e horrores incontroláveis.

Este livro foi digitalizado por Emanuel Noimann dos Santos e corrigido por Fabiana Martins Noimann dos santos em fevereiro de 2009

Este romance é dedicado com amor a Stan Rice e Christopher Rice e a Gita Mehta, uma inspiração constante e a Sir Arthur Conan Doyle, pelas suas incríveis histórias de múmias, e a H. Rider Haggard que criou a imortal Ela todos que trouxeram ”a múmia” de volta à vida em histórias, romances e filmes. E finalmente meu pai Howard O’Brien, que mais de uma vez foi me buscar no show de variedades da vizinhança, quando ”a múmia” me assustava tanto que eu não conseguia sequer ficar no saguão com aquela música assustadora escapando pelas portas.

Um agradecimento muito especial a Frank Konigsberg Larry Sanitsky pelo apoio entusiástico relacionado com A Múmia e sua contribuição para a construção da história.

PARTE I

Os flashes das câmeras o cegaram por um instante. Ah, se pudesse afastar os fotógrafos!

Mas eles o acompanhavam há meses, desde que os primeiros artefatos foram encontrados naquelas colinas áridas ao sul do Cairo. Era como se eles também soubessem. Alguma coisa estava para acontecer. Depois de todos aqueles anos, Lawrence Stratford estava para fazer uma grande descoberta.

E por isso eles estavam lá com suas câmeras, e os flashes fumacentos. Quase o fizeram perder o equilíbrio quando ele abriu caminho pela estreita passagem escavada, até às letras visíveis na porta de mármore meio encoberta.

A luz do crepúsculo pareceu diminuir de repente. Ele conseguia distinguir as letras, mas não entender seu sentido.

- Samir - ele gritou. - Preciso de luz.

- Sim, Lawrence.

Imediatamente a tocha surgiu atrás dele, e numa torrente de luz amarela a placa de pedra ficou maravilhosamente visível. Sim, hieróglifos, escavados fundo e muito bem trabalhados, e em mármore. Nunca vira algo assim.

Sentiu o toque quente e sedoso da mão de Samir na sua quando começou a ler em voz alta:

”Ladrões de Mortos, afastai-vos desta tumba para não acordar seu ocupante, cuja ira não pode ser contida. Ramsés, o Maldito, é meu nome.”

Olhou para Samir. O que isso significaria?

- Vamos, Lawrence, traduza, você é muito mais rápido que eu - disse Samir.

- ”Ramsés, o Maldito, é meu nome. Outrora Ramsés, o Grande, do Alto e Baixo Egitos; Matador dos Hititas, Construtor de Templos; Amado pelo Povo; e guardião imortal dos reis e rainhas do Egito através dos tempos. No ano da morte da Grande Rainha Cleópatra, quando o Egito se tornou uma província

romana, eu me entreguei à escuridão eterna; acautelem-se, todos aqueles que deixarem os raios do sol passarem por esta porta.”

- Mas isso não faz sentido - murmurou Samir. Ramsés, o Grande, reinou mil anos antes de Cleópatra.

- Sim, mas estes hieróglifos são da décima nona dinastia, sem sombra de dúvida - Lawrence retrucou. Impaciente, raspou com os dedos o cascalho solto. - E olhe, a inscrição se repete... em latim e grego. - Fez uma pausa, e então leu rapidamente as últimas linhas em latim.

- ”Previnam-se: Eu durmo como a terra dorme sob o céu noturno ou a neve invernal; e, uma vez despertado, não sirvo a homem algum.”

Por um momento Lawrence ficou sem palavras, olhando o texto que havia lido. Só conseguiu vagamente ouvir Samir dizer:

- Não gosto disso. Não sei exatamente o que significa, mas é uma maldição.

Relutante, Lawrence se voltou e viu que a suspeita de Samir havia se tornado medo.

- O corpo de Ramsés, o Grande, está no Museu do Cairo - Samir disse impaciente.

- Não - respondeu Lawrence. Sentiu claramente um frio subindo devagar pela espinha até o pescoço. - Existe um corpo no Museu do Cairo, mas não é Ramsés! Olhe os cartuchos, o selo! Não havia ninguém na época de Cleópatra que soubesse escrever os hieróglifos antigos. E estes são perfeitos; e feitos, assim como o latim e o grego, com infinito cuidado.

Ah, se ao menos Julie estivesse aqui, Lawrence pensou com amargura. Sua filha, Julie, não tinha medo de nada. Ela entenderia este momento como ninguém mais poderia.

Quase tropeçou quando recuou para fora da passagem, fazendo gestos para os fotógrafos saírem da frente. Mais uma vez os flashes espocaram ao seu redor. Repórteres correram para a porta de mármore.

- Chame os escavadores de volta ao trabalho - gritou Lawrence. - Quero a passagem aberta até o limiar da porta. Vou entrar naquela tumba esta noite.

- Lawrence, vá devagar - pediu Samir. - Há alguma coisa aqui que não pode ser desprezada.

- Samir, você me surpreende - respondeu Lawrence. - Há dez anos vasculhamos estas colinas atrás de uma descoberta dessas. E ninguém tocou naquela porta desde que foi selada, há dois mil anos.

Quase com raiva, ele empurrou os repórteres que o acompanhavam e tentavam bloquear o caminho. Precisava da quietude de sua tenda até que a porta estivesse descerrada; precisava de seu diário, o único confidente adequado para a excitação que sentia. Subitamente ele se sentia tonto do calor sentido ao longo do dia.

- Nada de perguntas agora, damas e cavalheiros – Samir disse com educação. Como sempre fazia, Samir se colocava entre Lawrence e o mundo real.

Lawrence desceu a trilha irregular, torcendo de leve o tornozelo e sentindo dor, mas continuando assim mesmo, os olhos apertados olhando além das tochas tremeluzentes a beleza sombria das tendas iluminadas sob o céu violeta do crepúsculo.

Só uma coisa o distraiu antes de alcançar a zona segura de sua cadeira e escrivaninha no acampamento: um vislumbre de seu sobrinho, Henry, olhando com tédio a uma pequena distância. Henry, tão pouco à vontade e deslocado no Egito; parecendo infeliz em seu terno de linho branco amarrotado. Henry, com o inevitável copo de scotch na mão e o inevitável charuto na boca.

Sem dúvida a dançarina do ventre estava com ele: a mulher, Malenka, do Cairo, que dava a seu cavalheiro inglês todo o dinheiro que ganhava.

Lawrence nunca pôde esquecer Henry completamente, mas tê-lo agora nos seus calcanhares era mais do que podia suportar. Numa vida bem vivida, Lawrence considerava Henry seu único desapontamento verdadeiro: o sobrinho que não ligava para nada, a não ser mesas de jogo e bebida; o único herdeiro homem dos milhões dos Stratford, e não podia confiar uma nota de uma libra aos seus cuidados.

Sentiu novamente uma dor profunda - saudades de Julie. Sua filha amada, que devia estar aqui com ele, e estaria, se seu jovem noivo não a tivesse persuadido a ficar em casa.

Henry tinha ido ao Egito por dinheiro. Henry tinha papéis da companhia para Lawrence assinar. E o pai de Henry, Randolph, o enviara nessa triste missão, desesperado como sempre para cobrir as dívidas do filho.

Bela dupla eles formam, Lawrence pensou amargo: o imprestável e o presidente da Companhia de Navegação Stratford, que desajeitado derramava os lucros da empresa no bolso sem fundo do filho.

Mas, falando concretamente, Lawrence podia perdoar tudo de seu irmão Randolph. Lawrence não havia simplesmente entregue o negócio da família a Randolph. Ele o jogara em cima do irmão, juntamente com todas as suas imensas pressões e responsabilidades, de forma que ele, Lawrence, pudesse passar o resto de seus anos escavando as ruínas egípcias que tanto amava.

E, para ser totalmente justo, Randolph havia feito um trabalho aceitável ao dirigir a Companhia de Navegação Stratford. isto é, até seu filho transformá-lo num sonegador e num ladrão. Randolph admitiria tudo se pressionado. Mas Lawrence era simplesmente egoísta demais para o confronto. Nunca mais queria deixar o Egito para pisar nos escritórios apertados da Companhia de Navegação Stratford. Nem mesmo Julie poderia persuadi-lo a voltar para casa.

E agora Henry estava ali, esperando a sua hora. E Lawrence negava a ele essa hora, entrando na tenda e puxando ansioso a cadeira para junto da escrivaninha. Apanhou um diário com capa de couro que vinha guardando, talvez para essa descoberta. Escreveu rápido o que lembrava da inscrição da porta e das questões que ela suscitava.

”Ramsés, o Maldito’’. Ele recostou-se na cadeira, olhando para o nome escrito no diário. E pela primeira vez sentiu apenas um pouco do pressentimento que tomara conta de Samir.

O que diabos tudo isso significava?

Meia-noite e meia. Estava sonhando? A porta de mármore da tumba havia sido cuidadosamente removida, fotografada e colocada sobre cavaletes em sua tenda. E agora estavam prontos para entrar. A tumba! Sua, finalmente!

Acenou com a cabeça para Samir. Sentia que uma onda de excitação percorria as pessoas. Os flashes começaram assim que ele colocou as mãos sobre os ouvidos, e então o espanto pegou todos desprevenidos. Sentiu-o na boca do estômago.

Não havia tempo para isso. Tinha a tocha na mão e ia entrar, embora Samir tentasse mais uma vez impedi-lo.

- Lawrence, pode haver armadilhas, pode haver...

- Saia da minha frente.

A poeira o fazia tossir. Seus olhos lacrimejavam.

Atirou a tocha pelo buraco da abertura. Paredes decoradas com hieróglifos: mais uma vez, o magnífico estilo da décima nona dinastia, sem sombra de dúvida.

Entrou imediatamente. O frio lá dentro era extraordinário; e o aroma, o que era?, um perfume curioso após todos aqueles longos séculos!

Seu coração batia rápido demais. O sangue subiu-lhe ao rosto, e teve de tossir novamente quando a massa de repórteres levantou a poeira da passagem.

- Para trás! - gritou irritado. Os flashes espocavam todos ao seu redor novamente. Mal podia ver o teto acima pintado com suas pequenas estrelas.

E lá dentro, uma grande mesa cheia de caixas e jarros de alabastro. Pilhas de papiros enrolados. Meu Deus, só essas coisas já confirmavam uma descoberta fantástica.

- Mas isto não é uma tumba! - murmurou. Havia uma mesa de escrever, coberta com uma fina camada de poeira, dando a impressão de que seu usuário havia acabado de se levantar. Aberto sobre ela jazia um papiro, com penas afiadas, um vidro de tinta. E um cálice de vinho.

Mas o busto, o busto de mármore... era greco-romano, com certeza. Uma mulher de cabelos muito ondulados penteados para trás e presos por uma faixa de metal, os olhos sonolentos com as pálpebras meio caídas, como se fosse cega, seu nome talhado na base: CLEÓPATRA

- Não é possível - ouviu Samir dizer. - Mas veja, Lawrence, o estojo da múmia!

Lawrence já o tinha visto. Estava olhando, mudo, o objeto, que jazia sereno no centro exato daquela sala desconcertante, aquele estúdio, biblioteca, com suas pilhas de manuscritos e sua mesa de escrever coberta de pó.

Mais uma vez, Samir ordenou que os fotógrafos se afastassem. Os flashes fumacentos estavam deixando Lawrence maluco.

- Saiam, todos vocês, saiam! - Lawrence gritou. Resmungando, eles sumiram de vista pela porta, deixando os dois homens ali, num silêncio assustador.

Foi Samir quem falou primeiro.

- Isto aqui é mobiliário romano. Esta é Cleópatra. Olhe as moedas, Lawrence, sobre a mesa. Com a imagem dela, e recém-cunhadas. Só isso vale...

- Eu sei. Mas aqui jaz um antigo faraó, meu amigo. Cada detalhe do estojo... é tão perfeito como qualquer outro já encontrado no Vale dos Reis.

- Mas não há um sarcófago - Samir acrescentou. Por quê?

- Isto não é uma tumba - respondeu Lawrence.

- E então o Rei escolheu ser enterrado aqui! - Samir chegou mais perto do estojo da múmia, erguendo a tocha bem acima do belo rosto pintado, com olhos escurecidos por sombra e lábios exoticamente modelados.

- Eu poderia jurar que é do período romano - ele disse.

- Mas o estilo...

- Lawrence, é real demais. Um artista romano que imitou o estilo da décima nona dinastia com perfeição!

- E como poderia acontecer uma coisa dessas, meu amigo?

- Maldições - Samir murmurou, como se não tivesse ouvido a pergunta. Estava olhando as fileiras de hieróglifos que circundavam a figura pintada. As letras gregas apareciam mais em baixo, e finalmente vinha o latim.

- ”Não toqueis os restos de Ramsés, o Grande” Samir leu. - É a mesma coisa nas três línguas. O bastante para impedir qualquer homem sensato.

- Não este homem sensato - retrucou Lawrence. Traga aqueles operários para cá, para levantar esta tampa imediatamente.

A poeira havia assentado um pouco. As tochas, presas nos velhos suportes de ferro da parede, levantavam muita fumaça até o teto, mas ele deixaria para se

preocupar com isso depois. A coisa a fazer agora era retirar a forma humana enfaixada, que fora colocada contra a parede, a fina tampa de madeira do estojo da múmia posta cuidadosamente a seu lado.

Ele não via mais os homens e mulheres aglomerados na entrada, que olhavam para ele e sua descoberta em silêncio. Lentamente, levantou a faca e deslizou-a pela casca quebradiça de linho seco, que num instante caiu para revelar a figura bem enfaixada que havia por baixo.

Os repórteres soltaram o fôlego em uníssono. Muitas vezes os flashes estouraram. Lawrence podia sentir o silêncio de Samir. Ambos olhavam o rosto sombrio por baixo de suas bandagens de linho amarelado, os braços murchos cruzados tão serenamente sobre o peito.

Parecia que um dos fotógrafos estava pedindo que lhe permitissem entrar na câmera. Samir ficou irritado, e exigiu silêncio. Mas Lawrence mal se deu conta dessas distrações.

Olhava calmamente a forma emaciada à sua frente, com suas faixas da cor da areia escura do deserto. Parecia ser possível detectar uma expressão nas feições enfaixadas; podia detectar eloquente tranquilidade na postura dos lábios finos.

Toda múmia era um mistério. Toda forma desidratada preservada era um retrato horrível da vida após a morte. Olhar esses antigos mortos egípcios nunca deixava de impressioná-lo. Mas sentia um estranho desejo quando olhava para este... este misterioso ser que se proclamava Ramsés, o Maldito, Ramsés, o Grande.

Alguma coisa quente o tocou no íntimo. Aproximou-se, cortando mais uma vez a camada externa. Por trás, Samir ordenava aos fotógrafos que saíssem da passagem. Havia perigo de contaminação. Sim, para fora, todos vocês, por favor.

Estendeu a mão e tocou a múmia de repente: tocou-a com as pontinhas dos dedos, mostrando reverência. Curioso, tão úmida! Certamente a camada grossa de bandagens havia amaciado com o tempo.

Mais uma vez ele olhou o rosto estreito que tinha à frente, os lábios redondos e a boca sombria.

- Julie - ele disse num sussurro. - Ah, minha querida, se pelo menos você pudesse ver...

O Baile da Embaixada. Os mesmos velhos rostos; a mesma velha orquestra, a mesma velha valsa, suave mas monótona. As luzes ofuscavam a vista de Elliott Savarell: o champanhe deixava um gosto amargo na boca. Mesmo assim, ele bebeu todo o conteúdo do copo um tanto sem vontade e chamou a atenção de um garçom que passava. Sim, outro. E mais outro. Quisera fosse um bom brandy ou uísque.

Mas eles o queriam aqui, não queriam? Não seria a mesma coisa sem o Conde de Rutherford. O Conde de Rutherford era um ingrediente essencial, assim como os generosos arranjos de flores, os milhares e milhares de velas; o caviar e a prataria; e os velhos músicos tocando cansados seus violinos enquanto a geração mais nova dançava.

Todos tinham um cumprimento para o Conde de Rutherford. Todos queriam convidar o Conde de Rutherford para o casamento de uma filha ou um chá vespertino ou outro baile como aquele. Pouco importava que Elliott e sua esposa raramente se divertissem agora, fosse em sua casa de Londres ou na propriedade rural em Yorkshire: que Edith passasse a maior parte do tempo agora em Paris com uma irmã viúva. O décimo sétimo Conde de Rutherford era o artigo original. Os títulos em sua família remontavam de uma maneira ou outra a Henrique VIII.

Por que não pusera tudo a perder há tempos atrás?, Elliott se perguntava. Como conseguiria cativar tantas pessoas nas quais, quando muito, não tivera mais que um interesse passageiro?

Mas não, essa não era toda a verdade. Ele amava algumas dessas pessoas, quer se importasse em admitir ou não. Amava seu velho amigo Randolph Stratford, tanto quanto amara o irmão dele, Lawrence. E certamente amava Julie Stratford, e adorava vê-la dançar com seu filho. Elliott estava aqui por causa do filho. Claro que Julie não iria realmente se casar com Alex. Pelo menos não tão cedo. Mas era a única esperança clara no horizonte de Alex de adquirir o dinheiro de que precisava para manter as terras que herdaria, a riqueza que ele deveria ter herdado junto com o velho título e que já não tinha mais.

A parte triste era que Alex amava Julie. O dinheiro não significava nada para nenhum dos dois. Era a geração mais velha que planejava tudo, como sempre.

Elliott recostou-se contra a balaustrada dourada, olhando o movimento suave dos jovens casais que rodopiavam abaixo e por um momento tentou abafar

e ruído das vozes, e ouvir somente os doces acordes da valsa.

Mas Randolph Stratford falava novamente. Randolph estava assegurando a ele que Julie precisava apenas de um empurrãozinho. Se Lawrence desse o consentimento, a filha aceitaria.

- Dê uma chance a Henry - Randolph disse novamente. - Ele está no Egito há uma semana. Se Lawrence tomar a iniciativa...

- Mas por que - Elliott perguntou - Lawrence faria isso?

Silêncio.

Elliott conhecia Lawrence melhor do que Randolph. Elliott e Lawrence. Ninguém sabia realmente a verdadeira história, a não ser eles mesmos. Em Oxford, anos atrás, num mundo livre de preocupações, eles foram amantes, e um ano após o rompimento passaram um inverno juntos ao sul do Cairo, numa casa flutuante sobre o Nilo. Inevitavelmente o mundo os havia separado. Elliott havia se casado com Edith Christian, uma herdeira americana. Lawrence transformara a Companhia de Navegação Stratford num império.

Mas a amizade entre os dois jamais acabara. Passaram juntos incontáveis férias no Egito. Ainda poderiam conversar a noite toda sobre história, ruínas, achados arqueológicos, poesia, o que você tem feito. Elliott foi o único que realmente entendeu quando Lawrence se afastou e foi para o Egito. Elliott teve inveja de Lawrence. E houve as primeiras farpas trocadas entre os dois. Na madrugada, quando o vinho descia como água, Lawrence chamara Elliott de covarde, por passar os anos que lhe restavam em Londres, num mundo que não valorizava; um mundo que não lhe dava alegrias. Elliott criticara Lawrence por ser cego e estúpido. Afinal de contas, Lawrence era rico para além dos sonhos mais loucos de Elliott; e Lawrence era um viúvo com uma filha inteligente e independente. Elliott tinha mulher e filho que dele necessitavam todos os dias para regular o sucesso de suas vidas totalmente respeitáveis e convencionais.

- Tudo o que quero dizer - Randolph apressou-se - é que se Lawrence expressasse seu desejo por este casamento...

- E o probleminha de vinte mil libras? - Elliott perguntou subitamente. Seu tom de voz era suave, educado, mas a pergunta era imperdoavelmente grosseira. Ainda assim persistiu.

- Edith voltará da França em uma semana, e certamente notará que o colar

está faltando. Você sabe, ela sempre nota.

Randolph não respondeu.

Elliott deu uma pequena risada, mas não por causa de Randolph, nem mesmo de si. E certamente não de Edith, que agora só tinha um pouco mais de dinheiro que Elliott e grande parte disso em prataria e jóias.

Talvez Elliott risse porque a música o apalermava; ou alguma coisa da visão de Julie Stratford dançando lá embaixo com Alex tocasse seu peito. Ou talvez porque há muito ele havia perdido sua capacidade de falar com eufemismos e meias-verdades. Isso acabara juntamente com sua disposição física e a sensação de bem-estar que o acompanhara durante toda a juventude.

Agora suas articulações doíam cada vez mais a cada inverno; e não podia andar mais de um quilômetro no campo sem sentir uma forte dor no peito. Não se importava de ter cabelos brancos aos cinqüenta e cinco anos, talvez porque soubesse que lhe caíam bem. Mas no fundo, ter de usar uma bengala onde quer que fosse o magoava. Entretanto, isso eram meras sombras perto do que ainda estava por vir.

Velhice, fraqueza, dependência. Rezar para que Alex fosse feliz, casado com os milhões dos Stratford, e que isso não demorasse!

Subitamente sentiu-se inquieto; insatisfeito. A música suave o irritava; estava cansado de ouvir Strauss, na verdade. Mas sentia alguma coisa mais profunda.

Queria explicar a Randolph, num arroubo, que ele, Elliott, havia cometido um erro crucial há muito tempo. Alguma coisa a ver com aquelas longas noites no Egito, quando ele e Lawrence andavam juntos pelas ruas do Cairo, ou se apoiavam um no outro ao saírem bêbados do pequeno saloon do barco. Lawrence, de alguma forma, conseguira viver sua vida em proporções heróicas; havia conseguido coisas de que outras pessoas eram simplesmente incapazes. Elliott havia se movido com a corrente. Lawrence escapara para o Egito, de volta ao deserto, aos templos, àquelas noites cheias de estrelas.

Deus, como sentia falta de Lawrence. Nos últimos três anos haviam trocado apenas um punhado de cartas, mas a velha cumplicidade jamais morreria.

- Henry levou alguns papéis consigo - disse Randolph, - Uma questão menor de títulos de família. - E olhou para os lados desconfiado, desconfiado

demais.

Elliott quase riu novamente.

- Se tudo correr como espero - continuou Randolph - vou pagar a você tudo o que lhe devo, e o casamento acontecerá dentro de seis meses, tem minha palavra.

Elliott sorriu.

- Randolph, o casamento pode acontecer ou não; pode resolver as coisas para nós dois ou não...

- Não diga isso, meu velho.

- Mas eu tenho de ter essas vinte mil libras de volta antes que Edith volte para casa.

- Precisamente, Elliott, precisamente.

- Sabe, você podia dizer não ao seu filho de vez em quando.

Randolph soltou um suspiro profundo. Elliott não o pressionou. Sabia melhor do que ninguém que a deterioração de Henry não era mais uma brincadeira; não tinha nada a ver com os desvarios da mocidade ou alguma fase ruim. Havia algo de completamente podre em Henry Stratford e sempre houvera. Havia muito pouca coisa podre em Randolph. E, portanto, isso era uma tragédia; e Eliott, que amava seu próprio filho, Alex, excessivamente, só podia ter pena de Randolph.

Mais garantias; um sinal positivo de garantia. Você receberá suas vinte mil libras. Mas Elliott não estava escutando. Voltara a observar os dançarinos: seu bom e gentil filho sussurrando apaixonadamente nos ouvidos de Julie, cujo rosto tinha aquele ar de determinação de que ela se orgulhava, por motivos que Elliott nunca conseguira entender totalmente.

Algumas mulheres precisam sorrir para ficar bonitas. Outras precisam chorar. Mas, com Julie, o brilho verdadeiro só surgia quando ela estava séria: talvez porque seus olhos fossem de um castanho claro demais, a boca muito inocente, as faces de porcelana suaves demais.

Queimada pelas chamas da determinação, ela era uma visão celestial. E Alex, apesar de toda a sua educação e toda a sua paixão declarada, não parecia

mais do que um parceiro para ela; um dos mil jovens elegantes que a poderiam ter conduzido pelo piso de mármore.

Era a ”Morning Paper Waltz” e Julie a adorava; sempre a adorara. Naquele momento lhe voltou à mente a pálida lembrança de tê-la dançado uma vez com seu pai. Foi quando eles levaram para casa o primeiro gramofone, e dançaram por todo o salão egípcio e pela biblioteca e pelo escritório - ela e o pai - até que a luz surgisse por trás das persianas, e ele dissesse:

- Ah, minha querida, chega. Chega.

Agora a música deixava-a aborrecida e quase triste. E Alex continuava falando com ela, dizendo, de uma forma ou outra, que a amava, e havia aquele pânico dentro dela, aquele medo de dizer palavras duras ou frias.

- E se você quiser viver no Egito - Alex disse sem fôlego - e desenterrar múmias com seu pai, ora, vamos para o Egito então. Iremos logo após o casamento. E se você quiser marchar pelo direito do sufrágio, ora, então marcharei ao seu lado.

- Ah, claro - respondeu Julie. - Isso é o que você diz agora, e eu sei que você diz isso de coração, Alex, mas eu simplesmente não estou pronta. Não posso.

Ela não podia suportar vê-lo ser tão sincero. Não podia suportar vê-lo sofrer. Se ao menos Alex fosse um pouco irresponsável; só um pouquinho de sordidez como em todas as pessoas. Suas boas maneiras ficariam ainda melhores com um pouco de malícia. Alto, esbelto e com belos cabelos castanhos, ele era angelical demais. Os incansáveis olhos escuros revelavam toda a sua alma muito facilmente. Aos vinte e cinco anos de idade, ele era um garoto ansioso e inocente.

- O que é que você quer ter com uma sufragista como esposa? - ela perguntou. - Ou uma exploradora? Você sabe que eu podia muito bem ser uma exploradora ou uma arqueóloga. Eu queria estar no Egito com meu pai agora mesmo.

- Querida, nós vamos para lá. Mas case-se comigo antes.

Ele se inclinou como se quisesse beijá-la. E ela recuou um passo, a valsa carregando-os quase impiedosamente rápida, de tal modo que por um momento ela se sentiu leve e quase como se estivesse realmente apaixonada.

- O que posso fazer para conquistar você, Julie? ele sussurrou em seu ouvido. - Trarei as grandes pirâmides para Londres.

- Alex, você me conquistou há muito tempo - ela disse sorrindo. Mas era uma mentira, não era? Havia algo de verdadeiramente terrível neste momento: na música com seu ritmo lindamente envolvente e o olhar desesperado no, rosto de Alex.

- A simples verdade é... Eu não quero me casar. Ainda não. - E talvez nunca!

Ele não respondeu. Ela fora por demais grosseira, por demais direta. Ela conhecia aquele recolhimento súbito. Não era uma reação pusilânime; pelo contrário, era coisa de cavalheiro. Ela o magoara, e quando ele voltou a sorrir, havia uma doçura e uma coragem nesse sorriso que a comoveu e entristeceu mais ainda.

- Papai voltará em alguns meses, Alex. Então conversaremos. Sobre casamento, o futuro, os direitos da mulher casada e descasada, e a possibilidade de que você mereça muito mais do que uma mulher moderna como eu, que é bem provável que torne seu cabelo grisalho logo no primeiro ano e mande você correndo para os braços de uma senhorita à moda antiga.

- Ah, como você gosta de chocar - ele disse. - E eu adoro me chocar.

- Será que você realmente gosta disso, meu querido? De súbito ele a beijou. Estavam parados no meio do salão, os outros casais girando ao redor deles ao som da musica. Ele a beijou e ela permitiu, entregando-se a ele como se devesse de alguma forma amá-lo; como se devesse de alguma forma ir de encontro às expectativas dele.

Não importava que outros os estivessem olhando. Não importava que as mãos dele tremessem enquanto a seguravam. O que importava era que, embora ela o amasse terrivelmente, isso não era o bastante.

Agora fazia frio. Havia barulho lá fora; carros chegando. O zurro de uma mula; e o som agudo do riso de uma mulher, uma mulher americana, que havia dirigido do Cairo até ali assim que ouvira a notícia.

Lawrence e Samir sentaram-se em suas cadeiras de armar em frente à escrivaninha antiga, com os papiros abertos sobre ela.

Com o cuidado de não colocar todo o seu peso sobre a peça frágil de mobiliário, Lawrence rabiscou apressado sua tradução no diário. De vez em quando olhava por trás do ombro a múmia, o grande rei que para todos parecia simplesmente dormir. Ramsés, o Imortal! Essa ideia inflamava Lawrence. Ele sabia que ficaria nessa estranha câmara até bem depois do amanhecer.

- Mas isso deve ser brincadeira - disse Samir. - Ramsés, o Grande, guardando as famílias reais do Egito por mil anos. Amante de Cleópatra?

- Ah, mas isso faz um sentido sublime! - replicou Lawrence. Descansou a pena por um momento, olhando para o papiro. Como doíam seus olhos.

- Se alguma mulher pudesse levar um imortal a se enterrar, essa mulher seria Cleópatra.

Olhava para o busto de mármore à sua frente. Carinhosamente, acariciou a face branca de Cleópatra. Sim, Lawrence acreditava. Cleópatra, amada de Júlio César e amada de Marco Antônio; Cleópatra, que havia resistido à conquista romana mais tempo do que qualquer um imaginava possível; Cleópatra, a última governante do Egito no mundo antigo. Mas a história... deveria retornar à sua tradução...

Samir levantou-se e espreguiçou-se com dificuldade. Lawrence observou-o enquanto ele se dirigia à múmia. O que ele estava fazendo? Examinando as faixas que envolviam os dedos, examinando o brilhante anel de escaravelho tão claramente visível na mão direita? Aquilo era um tesouro da décima nona dinastia, ninguém podia negar, pensou Lawrence.

Lawrence fechou os olhos e massageou com cuidado as pálpebras. Então as abriu, focalizando a vista no papiro à sua frente mais uma vez.

- Samir, estou lhe dizendo, o sujeito está me convencendo. Tal comando de linguagens é de espantar qualquer um. E sua perspectiva filosófica é quase tão moderna quanto a minha própria - estendeu a mão para o velho documento, que já havia examinado antes. - E isto, Samir, eu quero que você examine. Isto não é nada menos que uma carta de Cleópatra a Ramsés.

- Bazófia, Lawrence. Alguma espécie de brincadeira romana.

- Não, meu amigo, nada desse tipo. Ela escreveu esta carta de Roma quando César foi assassinado! Ela contou a Ramsés que estava voltando para ele, para o Egito.

Depositou a carta ao lado. Quando Samir tivesse tempo, veria por si mesmo o que esses documentos continham. Todo o mundo veria. Voltou para o papiro original.

- Mas ouça isto, Samir... Os últimos pensamentos de Ramsés: ”Os romanos não podem ser condenados pela conquista do Egito; no final, fomos conquistados pelo próprio tempo. E todas as maravilhas deste admirável novo século podem afastar-me de meu lamento e mesmo assim não posso curar meu coração; no entanto a mente sofre; a mente se fecha como uma flor sem os raios do sol.”

Samir ainda estava olhando a múmia, olhando o anel.

- Outra referência ao sol. Mais uma vez o sol. - Ele se voltou para Lawrence. - Mas certamente você não acredita nisso...

- Samir, se você pode acreditar na maldição, por que é que não pode acreditar num homem imortal?

- Lawrence, você está brincando comigo. Eu já vi os efeitos de muitas maldições, meu amigo. Mas um homem imortal – que viveu na Atenas de Péricles e na Roma republicana e na Cartago de Aníbal? Um homem que ensinou a Cleópatra a história do Egito? Destas coisas nada sei.

- Ouça mais uma vez, Samir: Sua beleza para sempre me assombrará; assim como sua coragem e frivolidade; sua paixão pela vida, que parecia inumana em sua intensidade, apesar de ser apenas humana, no fim de tudo.”

Samir não respondeu. Seus olhos estavam fixos novamente na múmia, como se não pudesse parar de olhar para ela. Lawrence entendia perfeitamente, por isso sentara de costas para a coisa, para poder ler o papiro, para poder terminar o trabalho crucial.

- Lawrence, esta múmia está tão morta quanto qualquer uma que já vi no Museu do Cairo. Um contador de histórias, é o que o homem era. Mas estes anéis...

- Sim, meu amigo. Eu os observei com muito cuidado antes; são o sinete de Ramsés, o Grande, e portanto não temos apenas um contador de histórias, mas também um colecionador de antigüidades. É nisso que você quer que eu acredite?

Mas em que Lawrence acreditava? Sentou-se contra a lona da cadeira e deixou os olhos percorrerem o conteúdo daquela estranha sala. Então voltou à tradução do rolo:

- ”E então me recolho a esta câmara isolada; e agora minha biblioteca se tornará minha tumba. Meus servos untarão meu corpo e o enfaixarão em fino linho funerário, como era o costume de meu tempo há tanto esquecido. Mas nenhuma faca me tocará. Nenhum embalsamador extrairá o coração e o cérebro de minha forma imortal.”

Uma sensação de euforia tomou Lawrence de assalto; ou era um sonho acordado? Aquela voz... parecia tão real para ele; ele sentia a personalidade, como nunca se sentira com os antigos egípcios. Ah, mas naturalmente aquele era um imortal...

Elliott estava ficando bêbado, mas ninguém sabia. Exceto ele próprio, que se apoiava na balaustrada do patamar de uma forma casual que ele raramente assumia. Havia estilo até mesmo em seus menores gestos, e agora ele o violava sem se importar, muito ciente de que ninguém notaria; ninguém se ofenderia.

Ah, mas que mundo, feito quase totalmente de sutilezas. Que horror. E ele precisava pensar nesse casamento; precisava falar sobre isso; precisava fazer alguma coisa a respeito do triste espetáculo de seu filho, que obviamente derrotado, após ver Julie dançando com outro, vinha agora subindo as escadas de mármore.

- Peço-lhe que acredite em mim - Randolph dizia. - Eu garanto este casamento. É só questão de dar um pouco de tempo.

- Certamente você não acha que eu gosto de pressionar você - Elliott respondeu. Com a língua enrolada. Totalmente bêbado. - Fico muito mais à vontade num mundo de sonhos, Randolph, onde o dinheiro simplesmente não existe. Mas o fato é que não podemos nos dar ao luxo de tamanha fantasia, nenhum de nós. O casamento é essencial para nós dois.

- Então eu mesmo irei ter com Lawrence.

Elliott virou-se para ver seu filho a apenas alguns passos de distância, esperando a permissão dos adultos, como uma criança.

- Pai, preciso muito de consolo - disse Alex.

- O que você precisa é de coragem, jovem - Randolph retrucou, seco. - Não venha me dizer que recebeu outro não como resposta.

Alex pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava.

- Ela me ama. Ela não me ama - ele disse gentil. - O simples fato é que eu não posso viver sem ela. Ela está me deixando louco.

- Claro que não pode - Elliott riu cordial. - Agora escute. Aquele rapaz desajeitado lá em baixo está pisando nos pés dela. Tenho certeza de que ela ficaria muito grata se você a salvasse imediatamente.

Alex assentiu, mal se apercebendo de que seu pai tomava a taça ainda meio cheia de sua mão e engolia o resto do champanhe. Endireitou os ombros e voltou à pista de dança. Uma perfeita pintura.

- O que me intriga é isso - Randolph disse, o fôlego contido. - Ela o ama. Sempre o amou.

- Sim, mas ela é igual ao pai. Ama sua liberdade. E, francamente, não a culpo. De certa forma, ela é demais para Alex. Mas ele a faria feliz. Sei que faria.

- Naturalmente.

- E ela o faria supremamente feliz; e talvez ninguém mais o fizesse.

- Besteira - retrucou Randolph. - Qualquer jovenzinha em Londres daria os olhos da cara por uma chance de fazer Alex feliz. O décimo oitavo Conde de Rutherford?

- Será que isso é mesmo tão importante? Nossos títulos, nosso dinheiro, a eterna manutenção de nosso decorativo e tedioso mundinho?

Elliott deu uma olhada no salão de baile. Estava naquele estado lúcido e perigoso que a bebida proporciona, quando tudo começa a brilhar; quando os grãos do mármore têm um sentido próprio; quando se pode fazer os discursos mais ofensivos.

- Às vezes me pergunto se não deveria estar no Egito com Lawrence. E se Alex não deveria dividir seu amado título com outra pessoa.

Ele podia ver o pânico nos olhos de Randolph. Meu Deus, o que o título

significava para esses mercadores, esses homens de negócios que não tinham nada senão o título? Não era só o fato de que Alex pudesse eventualmente vir a controlar Julie, e portanto controlar os milhões dos Stratford, e que o próprio Alex seria muito mais fácil de controlar do que Julie. Era a promessa da verdadeira nobreza, de sobrinhas e sobrinhos correndo pelo parque da velha chácara dos Rutherford em Yorkshire, daquele miserável Henry Stratford se aproveitando da aliança de todas as formas torpes que pudesse.

- Ainda não estamos derrotados, Elliott - disse Randolph. E eu gosto do seu mundinho decorativo e tedioso. O que mais pode haver quando você o conquista?

Eliott sorriu. Mais um gole de champanhe e ele diria a Randolph o que havia. Ele bem que poderia...

- Eu te amo, meu bom inglês – Malenka disse a ele. Ela o beijou, e o ajudou com sua gravata, o toque suave dos dedos contra a face, o que fazia os cabelos de sua nuca se eriçarem.

Que tolas adoráveis as mulheres são, pensou Henry Stratford. Mas daquela mulher egípcia ele gostava mais do que muitas. Tinha a pele morena, era dançarina de profissão: uma beleza quieta e lasciva com quem podia fazer o que quisesse. Não se teria nunca esse tipo de liberdade com uma puta inglesa.

Ele podia se ver estabelecendo-se algum dia em algum país do Oriente com uma mulher dessas, livre de toda a respeitabilidade britânica. Isto é, depois que ele fizesse sua fortuna nas mesas, aquela grande vitória de que precisava para colocá-lo bem longe do alcance do mundo.

No momento, havia trabalho a ser feito. A multidão ao redor da tumba havia dobrado em tamanho desde a noite passada. E o truque era alcançar seu tio Lawrence antes que o homem fosse carregado definitivamente pelo pessoal do museu e pelas autoridades. Alcançá-lo agora, quando ele poderia concordar com qualquer coisa, contanto que o deixassem em paz.

- Vá, querida. - Beijou Malenka novamente e observou-a enrolar em torno de si o manto escuro e correr para o carro que esperava. Como ele gostava daqueles pequenos luxos ocidentais. Sim, aquele tipo de mulher. Ao contrário de Daisy, sua companheira em Londres, uma criatura mimada e exigente que mesmo assim o excitava, talvez porque fosse tão difícil de contentar.

Tomou um último gole de scotch, apanhou sua pasta de couro e deixou a tenda.

A multidão estava horrível. A noite inteira fora acordado por motores e escapamentos de automóveis, além de vozes frenéticas. E agora o calor estava aumentando; e já podia sentir a areia entrando pelos sapatos.

Como detestava o Egito. Como detestava esses acampamentos no deserto e os árabes que viajavam em camelos, e os serviçais sujos e preguiçosos. Como detestava todo o mundo de seu tio.

E lá estava Samir, aquele assistente insolente e irritante que se gabava de ser um igual social de Lawrence, tentando fazer os repórteres idiotas ficarem em silêncio. Será que aquela poderia realmente ser a tumba de Ramsés II? Lawrence daria alguma entrevista?

Henry não dava a mínima. Empurrou os homens que guardavam a entrada da tumba.

- Senhor Stratford, por favor - Samir gritou às suas costas. Uma repórter vinha logo atrás. - Deixe seu tio sozinho agora - Samir pedia enquanto ele se aproximava. - Deixe-o saborear sua descoberta.

- Ao diabo que deixo.

Lançou um olhar para o guarda que bloqueava seu caminho. O homem deu passagem. Samir voltou-se para conter os repórteres. Quem estava entrando na tumba?, eles queriam saber.

- Assunto de família - ele respondeu rápido e frio à repórter que tentava acompanhá-lo. O guarda barrou a passagem dela.

Restava tão pouco tempo. Lawrence parou de escrever, enxugou a testa com cuidado, dobrou o lenço e fez mais uma nota breve:

”Foi brilhante esconder o elixir entre uma vastidão de venenos. Que lugar mais seguro para uma poção que confere a imortalidade do que entre poções que trazem a morte? E pensar que foram venenos dela: os que Cleópatra testou antes de decidir usar o veneno da áspide para tirar sua vida.’’

Parou e limpou a testa mais uma vez. Já estava tão quente ali. E dali a poucas horas estariam sobre ele, exigindo que deixasse a tumba para os

funcionários do museu. Ah, se ao menos tivesse feito essa descoberta sem o museu! Deus sabe que não precisava deles. E tomariam tudo de suas mãos.

O sol vinha em finos raios que passavam pelo portal escavado. Atingia os jarros de alabastro à sua frente, e pareceu que ouvia algo: um som leve como de respiração.

Virou-se e olhou para a múmia, para as feições claramente moldadas por baixo das faixas apertadas. O homem que se dizia Ramsés fora alto, e talvez robusto.

Não era um velho, como a criatura que jazia no Museu do Cairo. Mas este Ramsés afirmava jamais haver envelhecido. Era um imortal, e simplesmente dormia envolto nessas bandagens. Nada poderia matá-lo, nem mesmo os venenos naquela sala, que ele experimentara em quantidade quando o luto por Cleópatra o havia deixado como que enlouquecido. As suas ordens, seus servos enfaixaram seu corpo inconsciente; enterraram-no vivo, no caixão que ele havia preparado para si mesmo, supervisionando cada detalhe; então selaram a tumba com a porta onde ele próprio fizera suas inscrições.

Mas o que o havia deixado inconsciente? Esse era o mistério. Ah, que história deliciosa. E se...

Quando deu por si, estava olhando a criatura sombria enfaixada em linho amarelo. Será que ele realmente acreditava que alguma coisa estava viva lá dentro? Alguma coisa que poderia andar e falar?

Isso fez Lawrence sorrir.

Voltou-se para os jarros sobre a mesa. O sol estava tornando aquela salinha um inferno. Apanhando o lenço, levantou cuidadosamente a tampa do primeiro jarro à sua frente. Cheiro de amêndoas amargas. Era algo tão mortal quanto cianureto.

E o imortal Ramsés afirmava ter ingerido metade dos conteúdos dos jarros no afã de terminar sua vida amaldiçoada.

E se houvesse realmente um ser imortal sob aquelas bandagens?

Aquele som novamente. O que era? Alguma coisa farfalhando? Não, nada tão distinto. Parecia mais um ruído de respiração.

Mais uma vez olhou para a múmia. O sol agora brilhava totalmente sobre ela em raios longos, lindos e poeirentos; o sol que brilhava pelos vitrais das igrejas, ou por entre os galhos de velhos carvalhos nas florestas escuras.

Parecia que podia ver a poeira erguendo-se da figura antiga: uma névoa dourada de partículas em movimento. Ah, ele estava tão cansado!

E a coisa não parecia mais tão murcha; havia até assumido os contornos de um homem.

- Mas o que você realmente era, meu amigo milenar? - Lawrence perguntou baixinho. - Louco? Iludido? Ou simplesmente o que você afirma ser... Ramsés, o Grande?

Só de dizer isso sentiu um arrepio - o que os franceses chamam de frisson. Levantou-se e chegou mais perto da múmia.

Os raios do sol positivamente banhavam a coisa. Pela primeira vez ele notou o contorno de suas sobrancelhas por baixo das bandagens: seu rosto parecia dotado de mais expressão, forte e determinada.

Lawrence sorriu. Dirigiu-se a ela em latim, escolhendo as frases com cuidado.

- Você sabe por quanto tempo dormiu, imortal faraó? Você, que afirmava ter vivido mil anos?

Será que ele não estava massacrando o antigo idioma? Havia passado tantos anos traduzindo hieróglifos que tinha perdido a intimidade com a língua de César.

- Já se passaram duas vezes mil anos, Ramsés, desde que você se fechou nesta câmara; desde que Cleópatra levou a serpente venenosa ao seio.

Ele olhava para a figura, e calou-se por um momento. Existiria porventura alguma múmia que não despertasse um profundo e frio medo da morte em quem a contemplasse? Poder-se-ia crer que de algum modo a vida ali permanecia; que a alma estava aprisionada nas bandagens e só poderia ser libertada se a coisa fosse destruída.

Sem pensar, ele agora falava em inglês.

- Ah, se você pudesse ser imortal. Se pudesse abrir os olhos para este

mundo moderno. E se eu não precisasse esperar permissão para remover essas bandagens miseráveis, para poder olhar... teu rosto!

O rosto. Alguma coisa mudara em seu rosto? Não; era apenas a luz do sol em sua plenitude, não era? Mas o rosto parecia mais cheio. Reverentemente, Lawrence esticou a mão para tocá-lo mas não o fez; a mão ficou parada à distância. Tornou a falar em latim:

- Estamos no ano de 1914, meu grande rei. E o nome de Ramsés, o Grande, é ainda conhecido por todo o mundo; e também o nome de sua última rainha.

De repente ele ouviu um ruído às suas costas. Henry:

- Falando em latim com Ramsés, o Grande, tio? Talvez a maldição já esteja fazendo efeito na sua cabeça.

- Ah, ele entende latim - respondeu Lawrence, ainda olhando para a múmia. - Não entende, Ramsés? E grego também. E persa e etrusco, e línguas que o mundo esqueceu. Quem sabe? Talvez você conhecesse as línguas dos antigos bárbaros do norte que se tornaram o nosso próprio idioma inglês há séculos. - E tornou a falar em latim: - Mas, ah, existem tantas maravilhas no mundo agora, grande Faraó. Existem tantas coisas que eu poderia lhe mostrar...

- Acho que ele não pode te ouvir, tio - Henry disse friamente. Um ruído suave de vidro tocando vidro. - Vamos esperar que não, de qualquer forma.

Lawrence voltou-se abruptamente. Henry, com uma maleta debaixo do braço esquerdo, segurava a tampa de um dos jarros em sua mão direita.

- Não toque nisso! - Lawrence disse irritado. - É veneno, seu imbecil. Estão todos cheios de veneno. Um pouco dele e você estaria tão morto quanto ele. Isto é, se é que ele está realmente morto. - Até mesmo a visão do sobrinho o irritava. E numa ocasião daquelas...

Lawrence voltou-se para a múmia. Ora, até mesmo as mãos pareciam mais cheias. E um dos anéis estava quase rompendo as bandagens. Mas horas atrás...

- Venenos? - Henry perguntou às suas costas.

- É um verdadeiro laboratório de venenos - Lawrence respondeu. - Os mesmos venenos que Cleópatra experimentou em seus escravos indefesos antes do suicídio! - Mas por que desperdiçar essa preciosa informação com Henry?

- Incrivelmente curioso - seu sobrinho respondeu. Cínico, sarcástico. - Pensei que ela tivesse sido mordida por uma áspide.

- Você é um idiota, Henry. Sabe menos história do que um cameleiro egípcio. Cleópatra tentou uma centena de venenos antes de se decidir pela serpente.

Ele se voltou e observou com frieza seu sobrinho tocar o busto de mármore de Cleópatra, os dedos passando pelo nariz e os olhos sem a menor delicadeza.

- Bem, imagino que isto valha uma pequena fortuna, de qualquer forma. E estas moedas... Você não vai dar essas coisas ao Museu Britânico, vai?

Lawrence sentou-se na cadeira de acampamento. Mergulhou a pena no tinteiro. Onde havia parado na tradução? Impossível se concentrar com essas distrações.

- Você só pensa em dinheiro? - perguntou com frieza. - E o que você faz com ele além de perdê-lo no jogo?

Olhou para o sobrinho. Quando o fogo da juventude se apagara daquele belo rosto? Quando a arrogância o endurecera e envelhecera; e o tornara tão mortalmente idiota?

- Quanto mais dinheiro lhe dou, mais você perde nas mesas. Volte para Londres, pelo amor de Deus. Volte à sua companheira e seus coleguinhas de music hall. Mas vá embora.

Um ruído alto do lado de fora - outro motor de carro fazendo sua entrada pela estrada da areia. Um criado de pele morena com as roupas enlameadas entrou subitamente, trazendo nas mãos uma bandeja com desjejum completo. Samir entrou logo a seguir.

- Não posso contê-los por muito mais tempo, Lawrence - disse ele. Com um pequeno gesto elegante, ordenou que o criado colocasse a bandeja na ponta da mesa portátil. - Os homens da Embaixada Britânica também estão aqui, Lawrence. E todos os repórteres de Alexandria ao Cairo. Receio que lá fora esteja sendo montado um circo e tanto.

Lawrence olhava a prataria, as xícaras de porcelana. Não queria nada, a não ser ficar sozinho com seus tesouros.

– Ah, deixe-os lá pelo tempo que você puder, Samir. Dê-me mais algumas horas sozinho com estes rolos. Samir, a história é tão triste, tão pungente.

- Vou fazer o melhor possível - Samir respondeu.

- Mas tome seu café, Lawrence. Você está exausto. Precisa de comida e repouso.

- Samir, eu nunca estive melhor. Deixe-os do lado de fora até o meio-dia. Ah, e leve Henry com você. Henry, vá com Samir. Ele vai providenciar alguma coisa para você comer.

- Sim, venha comigo, senhor, por gentileza.

- Tenho que falar com meu tio em particular.

Lawrence voltou os olhos para o caderno de anotações. E o papiro aberto sobre ele. Sim, o rei estava falando de sua tristeza depois, que se isolara para um estúdio secreto, aqui, longe do mausoléu de Cleópatra em Alexandria, longe do Vale dos Reis.

- Tio - Henry disse com frieza profunda -, eu ficaria mais que feliz em voltar a Londres se o senhor simplesmente cedesse um minuto do seu tempo para assinar...

Lawrence recusou-se a tirar os olhos de cima do papiro. Talvez houvesse alguma pista quanto à localização do mausoléu de Cleópatra.

- Quantas vezes preciso repetir? - murmurou indiferente. - Não. Não vou assinar papel algum. Agora pegue sua pasta e suma da minha vista.

- Tio, o conde quer uma resposta com relação a Julie e Alex. Ele não vai esperar para sempre. E quanto a estes papéis, é apenas uma questão de algumas ações.

O conde... Alex e Julie. Era monstruoso.

- Meu bom Deus, num momento desses!

- Tio, o mundo não parou de girar em função da sua descoberta. - Um tom de voz tão ácido. - E as ações têm que ser liquidadas.

Lawrence pousou a pena.

- Não, não têm de ser - respondeu, encarando Henry friamente. - E quanto ao casamento, pode esperar para sempre. Ou até Julie decidir por si mesma. Volte para casa e diga isso ao meu bom amigo conde de Rutheríbrd! E diga ao seu pai que não vou mais liquidar ações da família. Agora me deixe sozinho.

Henry não se moveu. Mudou a maleta de braço, pouco à vontade, o rosto endurecendo enquanto olhava para o tio.

- Tio, você não percebe...

- Permita-me dizer a você o que eu percebo - Lawrence retrucou. - Que você já perdeu no jogo o resgate de um rei e que seu pai fará qualquer coisa para cobrir suas dívidas. Nem mesmo Cleópatra e seu amado bêbado Marco Antônio poderiam ter dilapidado a fortuna que escorreu pelas suas mãos. E o que Julie precisa com o título Rutherford, de qualquer maneira? Alex precisa dos milhões dos Stratford, essa é que é a verdade. Alex é um mendigo que tem o mesmo título de Elliott. Deus me perdoe. É a verdade.

- Tio, Alex poderia comprar qualquer herdeira em Londres com esse título.

- Então por que não compra?

- Uma palavra do senhor e Julie mudaria de ideia...

- E Elliott mostraria sua gratidão a você por arranjar as coisas, não é? E com o dinheiro de minha filha ele seria realmente muito generoso.

Henry estava lívido de raiva.

- Você não se importa com este casamento, que diabo - Lawrence disse amargo. - Você se humilha porque precisa do dinheiro...

Pensou ter visto os lábios do sobrinho pronunciarem uma praga.

Voltou-se para a múmia, tentando afastar isso tudo: os tentáculos da vida londrina que deixara para trás - tentando alcançá-lo aqui.

Mas a figura inteira parecia mais cheia! E o anel, estava totalmente visível agora, como se o dedo, mais cheio de carne, tivesse rompido totalmente as bandagens. Lawrence imaginou ter visto a cor clara de carne saudável.

Você está perdendo a cabeça, ele murmurou para si mesmo. E aquele som, novamente. Tentou escutar, mas sua concentração só o fazia mais consciente do

ruído externo. Aproximou-se do corpo no caixão. Bom Deus, aquilo que ele estava vendo por baixo das bandagens na cabeça era cabelo?

- Fico tão triste por você, Henry - ele murmurou de repente. - Que você não possa saborear tamanha descoberta. Este rei antigo, este mistério. - Quem disse que ele não podia tocar os restos? Só mover talvez um centímetro do linho podre?

Ele pegou o canivete e o segurou indeciso. Há vinte anos ele poderia ter cortado as bandagens e aberto a coisa. Não haveria nenhum funcionário. Poderia ter visto por si mesmo se por baixo de toda aquela poeira...

- Eu não faria isso se fosse você, tio - Henry interrompeu. - O pessoal do Museu em Londres vai criar caso.

- Eu lhe disse para sair.

Ele ouviu Henry colocar uma xícara de café como se tivesse todo o tempo do mundo. O aroma preencheu a pequena câmara fechada.

Lawrence sentou-se na cadeira de acampamento, e novamente pressionou o lenço dobrado sobre a testa. Vinte e quatro horas sem dormir. Talvez devesse descansar.

- Beba seu café, tio Lawrence - Henry disse. Servi para o senhor. - E a xícara cheia estava lá. - Estão esperando lá fora. Está exausto.

- Seu palhaço - Lawrence murmurou. - Queria que você fosse embora.

Henry colocou a xícara à sua frente, perto do caderno de anotações.

- Cuidado, esse papiro não tem preço.

O café parecia convidativo, mesmo com Henry o oferecendo assim. Levantou a xícara, tomou um grande gole e fechou os olhos.

O que ele havia visto assim que baixou a xícara? A múmia se mexendo com a luz do sol? Impossível. De repente uma sensação de queimação na garganta apagou tudo o mais. Era como se sua garganta estivesse se fechando! Não conseguia falar ou respirar.

Tentou se levantar; estava olhando para Henry; e subitamente sentiu o cheiro que vinha da xícara, ainda na sua mão trêmula. Amêndoas amargas. Era o

veneno. A xícara estava caindo; mal a ouviu espatifar contra o piso de pedra.

- Pelo amor de Deus! Seu bastardo!

Estava caindo; suas mãos estendidas para o sobrinho, que olhava para ele amargo e lívido, frio como se essa catástrofe não estivesse acontecendo; como se ele não estivesse morrendo.

Seu corpo entrou em convulsões. Violentamente ele se voltou. A última coisa que viu quando caía foi a múmia ao sol ofuscante; a última coisa que sentiu foi o chão de areia sob seu rosto, que queimava.

Por um longo momento, Henry Stratford não se moveu. Olhou para o corpo do tio como se não acreditasse no que vira. Outra pessoa havia feito aquilo. Outra pessoa havia rompido a membrana espessa da frustração e colocara aquele plano horrível em ação. Outra pessoa havia colocado a colherinha de prata no jarro de veneno antigo e a jogara, sorrateira, na xícara de Lawrence.

Nada se movia sob os raios de sol empoeirados. As menores partículas pareciam suspensas no ar quente. Apenas um leve som dentro da câmara; algo como a batida de um coração.

Imaginação. Era imperativo continuar. Era imperativo deter o tremor nas mãos; impedir que o grito abandonasse seus lábios. Porque ele estava lá: um grito que uma vez libertado não pararia jamais.

Eu o matei. Eu o envenenei.

E agora esse grande obstáculo odioso e impenetrável ao meu plano não existe mais.

Abaixe-se; sinta o pulso. Sim, está morto. Bem morto.

Henry levantou-se, lutando contra uma onda súbita de náuseas, e rapidamente apanhou vários papéis da maleta. Mergulhou a pena do tio no tinteiro e escreveu o nome Lawrence Stratford perfeita e rapidamente, como havia feito diversas vezes no passado, em papéis menos importantes.

Sua mão tremia muito, mas não havia problema. Seu tio acabara de ter um tremor desse tipo. E a escrita parecia muito boa quando ele terminou.

Colocou a pena de volta e ficou com os olhos fechados, tentando se acalmar novamente, tentando pensar apenas: está feito.

Os pensamentos mais curiosos o invadiram subitamente: que ele poderia desfazer isso, que isso não havia sido mais do que um impulso; que ele poderia voltar os minutos e seu tio estaria vivo novamente. Isso positivamente não poderia ter acontecido! Veneno... café... Lawrence morto.

E então uma lembrança lhe veio à mente, pura e silenciosa e certamente bem-vinda: o dia, há vinte e um anos, em que sua prima Julie havia nascido. Seu tio e ele sentados no escritório juntos. Seu tio Lawrence, a quem amava mais do que o pai.

- Mas eu quero que você saiba que você sempre será meu sobrinho, meu querido sobrinho...

Meu Deus, será que ele estava perdendo a cabeça? Por um momento não soube nem onde estava. Poderia jurar que mais alguém estava naquela sala com ele. Quem era?

Aquela coisa no caixão da múmia. Não olhe: como uma testemunha. Volte ao trabalho em questão.

Os papéis estão assinados; as ações podem ser vendidas; e agora é mais um motivo para Julie casar com aquele estúpido Alex Savarell. E mais um motivo para o pai de Henry assumir o controle absoluto da Companhia de Navegação Stratford.

Sim. Sim. Mas o que fazer neste momento? Olhou mais uma vez para a mesa. Tudo como estava. E aquelas seis moedas de ouro reluzentes de Cleópatra. Ah, sim, leve uma. Rapidamente, ele a colocou no bolso. O rosto ficou quente de repente. Sim, a moeda devia valer uma fortuna. E ele poderia colocá-la numa carteira de cigarros; fácil de contrabandear. Tudo bem.

Agora, sair daqui imediatamente. Não, ele não estava pensando. Não conseguia acalmar o peito. Gritar para Samir, era a ação mais adequada. Alguma coisa horrível havia acontecido com Lawrence. Um acesso, ataque do coração, impossível dizer! E esta cela é uma fornalha. Um médico devia vir imediatamente.

- Samir! - ele gritou, olhando para a frente como um ator de cinematógrafo das matinês num momento de choque. Seu olhar voltou àquela coisa sombria nas bandagens de linho. Será que ela estava olhando de volta para ele? Será que os olhos dela estavam abertos por debaixo das bandagens? Absurdo! Mesmo assim,

a ilusão tocou uma profunda nota de pânico nele, que lhe deu a perfeita entonação de seu grito seguinte, que foi de socorro.

O funcionário lia furtivamente a última edição do London Hetald, as páginas dobradas e cuidadosamente ocultas por detrás da mesa laqueada escura. O escritório estava quieto agora por causa da reunião do conselho, e o único som era um distante claque-claque de uma máquina de escrever numa sala contígua.

A MALDIÇÃO DA MÚMIA MATA O MAGNATA DA NAVEGAÇÃO STRATFORD.

”RAMSÉS, O MALDITO” ATACA OS QUE PERTURBAM SEU DESCANSO

Como a tragédia havia despertado a imaginação pública! Impossível dar um passo sem uma manchete. E como os jornais populares a elaboravam, permitindo ilustrações de pirâmides e camelos desenhadas às pressas, da múmia em seu caixão de madeira e do pobre senhor Stratford morto a seus pés.

Pobre senhor Stratford, que fora um homem tão bom para quem trabalhava com ele; lembrado agora por essa morte trágica e formidável.

Justo quando o furor estava acabando, a história recebia outra infusão de vitalidade:

HERDEIRA DESAFIA A MALDIÇÃO DA MÚMIA. ”RAMSÉS, O MALDITO” VEM PARA LONDRES

O funcionário agora virava a página em silêncio, dobrando mais uma vez o jornal na largura de uma coluna. Difícil de crer que a senhorita Stratford estava trazendo para casa todo o tesouro para ser exibido em sua própria casa em Mayfair, mas era isso o que seu pai sempre fizera.

O funcionário esperava ser convidado para a recepção, mas não havia a menor chance, muito embora estivesse na Companhia de Navegação Stratford havia uns trinta anos.

Pensar que havia um busto de Cleópatra, o único retrato autêntico existente. E moedas com seu nome e sua efígie, cunhadas como novas. Ah, ele teria gostado de ver essas coisas na biblioteca do senhor Stratford. Mas teria de esperar até que o Museu Britânico reclamasse a coleção e a pusesse em exibição tanto para lordes quanto para comuns.

E havia coisa que ele poderia ter contado à senhorita Stratford se tivesse tido uma oportunidade, coisas que talvez o velho senhor Lawrence quisesse que ela soubesse.

Por exemplo, que Henry Stratford não se sentava à sua mesa fazia um ano, e mesmo assim recebia um salário inteiro além de bônus; e que o senhor Randolph passava cheques para ele contra fundos da empresa, aleatoriamente, e depois adulterava os livros.

Mas talvez a jovem descobrisse isso tudo por si mesma. O testamento lhe havia concedido controle total sobre a companhia do pai. E era por isso que ela estava na sala de diretoria, com seu belo noivo, Alex Savarell, visconde de Summerfíeld, naquele momento.

Randolph não suportava vê-la chorar assim. Desagradável pressioná-la com papéis para assinar. Ela parecia muito mais frágil em seu vestido preto de luto; o rosto fatigado e trêmulo como se estivesse febril; os olhos cheios daquela estranha luz que ele vira pela primeira vez quando lhe disse que seu pai estava morto.

Os outros membros da diretoria estavam sentados num silêncio profundo, olhos baixos. Alex segurava seu braço gentilmente. Parecia um pouco estupefato, como se realmente não entendesse a morte; ele apenas não queria que ela sofresse. Alma simples. Deslocada entre esses mercadôres e homens de negócios; o aristocrata de porcelana com sua herdeira.

Por que devemos passar por isso? Por que não podemos ficar sozinhos com nosso pesar?

Mas Randolph fazia isso porque tinha de fazer, embora jamais a coisa toda tivesse parecido tão sem sentido. Jamais seu amor pelo filho único havia sido tão dolorosamente posto à prova.

- Eu simplesmente ainda não consigo tomar decisões, Randolph - ela explicou educadamente.

- Claro que não, minha querida - respondeu ele. Ninguém espera que você o faça. Se você apenas assinar esta ordem de pagamento para fundos de emergência e deixar o resto para nós!...

- Eu quero ver tudo, ajudar nas coisas - ela disse. - Era exatamente essa a intenção de papai. Toda essa situação com os armazéns da Índia, não entendo

como pôde ter chegado a uma crise tão grande. - Ela fez uma pausa, sem vontade de ser levada pelas coisas, talvez totalmente incapaz disso, e as lágrimas correram silenciosas mais uma vez.

- Deixe isso comigo, Julie - ele disse cansado. - Venho lidando com crises na Índia há anos.

Ele empurrou os documentos na direção dela.

- Assine, por favor, assine. Não peça explicações agora. Não acrescente humilhação a esta dor.

Porque isso é que era tão surpreendente, que ele sentisse saudades de seu irmão, tantas saudades. Não sabemos o que sentimos por aqueles que amamos até que eles são levados para longe de nós. Toda noite ele acordava lembrando-se de coisas... Os dias de Oxford, suas primeiras viagens ao Egito: Randolph, Lawrence e Elliott Savarell. Aquelas noites no Cairo. Ele acordara cedo e revira velhas fotografias e papéis. Lembranças tão maravilhosamente vividas.

E agora, sem espírito ou vontade, ele tentava enganar a filha de Lawrence. Tentava encobrir dez anos de mentiras e engodos. Lawrence havia construído a Companhia de Navegação Stratford porque realmente não se importava com dinheiro. Ah, os riscos que Lawrence costumava assumir. E o que Randolph fizera desde que assumira? Tomara o controle e começara a roubar.

Para profundo espanto seu, Julie ergueu a pena e assinou o nome rapidamente em todos os vários papéis, sem sequer passar os olhos neles. Bem, ele estava a salvo de suas inevitáveis perguntas por algum tempo.

Desculpe, Lawrence. Era como uma oração silenciosa. Talvez, se você soubesse de toda a história...

- Em poucos dias, tio Randolph, quero me sentar com o senhor e me inteirar de tudo. Acho que era isso o que papai queria. Mas estou muito cansada. Está realmente na hora de ir para casa.

- Sim, deixe-me levar você para casa agora - Alex acrescentou imediatamente. Ajudou-a a se levantar.

Caro e bom Alex. Por que meu filho não tem sequer uma minúscula partícula dessa educação? O mundo inteiro poderia ter sido seu.

Randolph acorreu a abrir a porta dupla. Para seu espanto, percebeu que os homens do Museu Britânico estavam esperando do lado de fora. Que aborrecimento. Se soubesse, ele a teria convencido de outra forma. Não gostava do untuoso senhor Hancock, que se comportava como se tudo o que Lawrence houvesse descoberto pertencesse ao museu e ao mundo.

- Senhorita Stratford - disse o homem ao se aproximar de Julie - tudo foi aprovado. A primeira exibição da múmia ocorrerá em sua casa, exatamente como seu pai gostaria. Vamos catalogar tudo, naturalmente, e remover a coleção para o museu assim que a senhorita quiser. Achei que a senhorita gostaria que eu a assegurasse pessoalmente...

- Claro – Julie respondeu cansada. Isso não a interessava mais do que a reunião da diretoria, obviamente. Agradeço ao senhor, senhor Hancock. O senhor sabe o que esta descoberta significou para papai. - Fez mais uma pausa, como se fosse começar a chorar. E por que não? - Só gostaria de ter estado com ele no Egito.

- Querida, ele morreu onde estava mais feliz - Alex consolou-a de maneira pouco convincente. - E entre as coisas que amava.

Belas palavras. Lawrence havia sido enganado. Teve sua descoberta fantástica nas mãos apenas por algumas horas. Até mesmo Randolph compreendia isso.

Hancock tomou o braço de Julie. Caminharam juntos até a porta.

- Claro que é impossível autenticar os restos até empreendermos um exame completo. As moedas, o busto, são descobertas sem precedentes...

- Não vamos fazer exigências extravagantes, senhor Hancock. Só quero uma pequena recepção para os amigos mais antigos de papai.

Ela ofereceu a mão para mandá-lo embora. Essas coisas ela conduzia de maneira muito decidida, bem como o pai. Muito parecido com o Conde de Rutherford, se reparassem bem. Ela sempre teve modos de aristocrata. E se o casamento pudesse acontecer...

- Adeus, tio Randolph.

Ele curvou-se para beijá-la no rosto.

- Eu amo você, querida - murmurou. Isso o surpreendeu. E também o sorriso que se estampou no rosto dela. Será que ela ouviu o que ele quis dizer com aquilo? Eu lamento tanto, tanto por tudo, minha querida.

Finalmente só na escadaria de mármore. Todos haviam ido embora, menos Alex, e no fundo de seu coração, ela desejava que ele também fosse. Ela não queria nada tanto quanto o interior silencioso de sua limusine Rolls-Royce, com o vidro fechado para afastar os ruídos do mundo.

- Agora eu só vou dizer uma vez, Julie - Alex disse enquanto a ajudava a descer as escadas. - Mas vem do fundo de minha alma. Não deixe esta tragédia adiar o casamento. Conheço seus sentimentos, mas agora você está sozinha em casa. E quero estar com você, tomar conta de você. Quero que sejamos marido e mulher.

- Alex - ela disse - eu estaria mentindo para você se dissesse que posso tomar uma decisão agora. Mais do que nunca eu preciso de tempo para pensar.

De repente ela não podia suportar olhar para ele; ele parecia sempre tão jovem. Será que ela também foi assim algum dia? A pergunta talvez fizesse seu tio Randolph sorrir. Ela tinha vinte e um anos, mas Alex, aos vinte e cinco, parecia um rapaz para ela. E doía não amá-lo como ele merecia ser amado.

A luz do sol machucou seus olhos quando ele abriu a porta para a rua. Ela desceu o véu da aba do chapéu. Nenhum repórter, graças a Deus, nenhum repórter, e o grande carro preto a motor estava esperando de porta aberta.

- Não ficarei sozinha, Alex - ela disse com carinho.

- Tenho Rita e Oscar. E Henry está voltando ao seu velho quarto. Tio Randolph insistiu. Terei mais companhia do que preciso.

Henry. A última pessoa que ela queria ver no mundo era Henry. Que ironia que ele tivesse realmente sido a última pessoa que seu pai viu diante dos olhos na hora da morte.

Os repórteres cercaram Henry Stratford quando desembarcou. A maldição da múmia o havia aterrorizado? Ele havia visto algo de sobrenatural em ação na pequena câmara de pedra onde a morte de Lawrence Stratford ocorrera? Henry lutou para chegar até a alfândega em silêncio, ignorando os flashes barulhentos e esfumaçados das câmaras. Com fria impaciência ele encarou os funcionários, que conferiram suas poucas malas e em seguida o mandaram passar.

Seu coração batia tão alto que podia ouvi-lo. Queria uma bebida. Queria o silêncio de sua própria casa em Mayfair. Queria sua companheira, Daisy Banker. Queria qualquer coisa, menos a monótona viagem de carro com seu pai. Evitou totalmente os olhos de Randolph ao entrar no banco de trás do Rolls.

Enquanto o desajeitado salão ambulante forçava passagem pelo tráfego pesado, ele viu, num relance, Samir Ibrahaim cumprimentando um grupo de homens vestidos de preto: sem dúvida empregados do museu. Que felicidade que este corpo de Ramsés, o Grande, preocupasse a todos muito mais que o corpo de Lawrence Stratford, que fora enterrado sem cerimônia no Egito, como ele havia desejado. Bom Deus, seu pai parecia horrível, como se tivesse envelhecido dez anos da noite para o dia. Estava até mesmo um pouco desalinhado.

- O senhor tem um cigarro? - Henry perguntou secamente.

Sem olhar para ele, seu pai lhe entregou um cigarro fino e um isqueiro.

- O casamento é ainda o essencial - Randolph murmurou quase como se conversasse consigo mesmo. - Uma noiva recente simplesmente não tem tempo de pensar em negócios. E, por enquanto, arranjei para que você fique com ela. Ela não pode ficar sozinha.

- Meu Deus, papai, estamos no século vinte! Por que diabos ela não pode ficar sozinha?

Ficar naquela casa, e com aquela múmia nojenta em exibição na biblioteca? Isso o enojava. Fechou os olhos, saboreando o cigarro em silêncio e pensando na companheira. Uma série de imagens eróticas passaram rápidas pela sua cabeça.

- Droga, você vai fazer o que eu disser - disse seu pai. Mas a voz saiu sem convicção. Randolph virou os olhos para a janela. - Você vai ficar lá e ficar de olho nela e fazer o que puder para que ela consinta no casamento o mais rápido possível. Faça o melhor que puder para que ela não se afaste de Alex. Acho que ele está começando a deixá-la irritada.

- Também, pudera! Se Alex tivesse alguma iniciativa...

- O casamento é bom para ela. É bom para todos.

- Está certo, está certo, vamos embora!

O carro se moveu em silêncio. Havia tempo para jantar com Daisy, e um

longo descanso no apartamento antes das mesas de jogo no Flint’s, isto é, se ele conseguisse um pequeno adiantamento do pai...

- Ele não sofreu, sofreu?

Henry levou um susto.

- O quê? Do que o senhor está falando?

- Seu tio? - perguntou seu pai, voltando-se para ele pela primeira vez. - O falecido Lawrence Stratford, que acabou de morrer no Egito? Ele sofreu, pelo amor de Deus, ou partiu em paz?

- Num minuto ele estava bem, no seguinte estava caído no chão. Morreu em segundos. Por que é que o senhor me faz uma pergunta dessas?

- Você é tão sentimental, não é, seu bastardo?

- Eu não pude evitar!

Por um momento, a atmosfera daquela pequena cela voltou a ele, o cheiro acre do veneno. E aquela coisa, aquela coisa no estojo da múmia, e a ilusão sombria de que ela havia presenciado tudo.

- Ele era um velho idiota e cabeça-dura - Randolph disse quase num sussurro. - Mas eu o amava.

- Verdade? - Henry virou-se de repente e encarou seu pai. - Ele deixa tudo para ela, e você o amava!

- Ele nos deu o bastante há muito tempo. Deveria ter sido o bastante, mais do que o bastante...

- E uma bagatela comparado com o que ela herdou!

- Não vou discutir isso.

Paciência, Henry pensou. Paciência. Sentou-se de volta contra o encosto cinza macio. Preciso de no mínimo cem libras e não vou consegui-las assim.

Daisy Banker olhava pelas cortinas de renda Henry descer do táxi lá embaixo. Ela vivia num grande apartamento em cima do Music Hall, onde cantava toda noite das dez às duas da manhã; uma mulher de pele aveludada com grandes olhos azuis e cabelo louro platinado. Sua voz não era muita coisa e ela

sabia disso; mas gostavam dela, isso era verdade. Gostavam muito dela.

E ela gostava de Henry Stratford, ou pensava assim. Ele era certamente a melhor coisa que jamais lhe havia acontecido. Ele havia conseguido para ela o emprego lá embaixo, embora como, ela nunca conseguiu descobrir, e ele pagava o apartamento, ou pelo menos era o que ele dizia. Ela sabia que a prestação estava um pouco atrasada, mas ele tinha acabado de voltar do Egito. Ele acertaria tudo ou calaria qualquer pessoa que o questionasse a esse respeito. Era muito bom nisso.

Ela correu para o espelho quando ouviu os passos dele nas escadas. Desabotoou a gola emplumada do penhoar e endireitou as pérolas da gargantilha. Beliscou as bochechas para deixar o rosto corado e então a chave dele girou na porta.

- Ora, eu já tinha quase desistido de você, sabia? ela resmungou quando ele entrou na sala. Mas, ah, a visão dele. Nunca deixou de mexer com ela. Ele era tão bonito com seus olhos e cabelos castanhos; e o jeito como ele se comportava; tão cavalheiro. Ela adorava a maneira com que ele retirava sua capa e a jogava descuidado sobre a cadeira, como fazia agora, e a chamava para seus braços. Tão descuidado; e tão cheio de si! Mas por que não devia ser assim?

- E meu carro a motor? Você me prometeu um carro a motor só para mim antes de viajar. Onde está? Não estava lá embaixo. Aquilo era um táxi.

Havia algo de muito frio em seu sorriso. Quando ele a beijou, seus lábios a machucaram um pouco; e seus dedos beliscaram a carne macia do antebraço. Ela sentiu um pequeno arrepio subindo a espinha; sua boca fremia. Ela o beijou novamente, e quando ele a levou para o quarto ela não disse uma palavra.

- Vou lhe dar seu carro a motor - ele sussurrou em seu ouvido enquanto arrancava o penhoar dela e a apertava contra si de tal forma que os bicos dos seios dela tocaram a superfície áspera de sua camisa engomada. Ela beijou-lhe a face, e o queixo, lambendo os pêlos da barba que já crescia. Gostoso sentir a respiração dele dessa maneira, sentir suas mãos sobre seus ombros.

- Não com tanta força, senhor - ela sussurrou.

- Por que não?

O telefone tocou. Ela poderia tê-lo arrancado da parede. Ela desabotoou a camisa para ele enquanto ele atendia.

- Eu lhe disse para não ligar de novo, Sharples.

Ah, aquele maldito filho de uma puta, ela pensou angustiada. Queria que ele estivesse morto. Ela havia trabalhado para Sharples antes de Henry Stratford resgatá-la. E Sharples era um sujeito mau, isso era certo. Ele deixara sua marca nela, uma pequena meia-lua na parte de trás do pescoço.

- Eu disse que pagaria você quando voltasse, não disse? Suponho que você tenha me dado um tempo para desfazer as malas! - Ele bateu o pequeno fone no gancho. Ela empurrou o telefone para fora da mesa de tampo de mármore.

- Venha cá, coração - ela disse, sentando na cama.

Mas os olhos dela escureceram levemente quando deram com os dele olhando o telefone. Ele ainda estava quebrado, não estava? Sem nenhum.

Estranho. Não houve velório nesta casa para seu pai. E agora o caixão pintado de Ramsés, o Grande, estava sendo carregado cuidadosamente pelos escritórios contíguos, e para a biblioteca, que ele sempre chamara de salão egípcio, como se fosse um cadáver recente. Um velório para a múmia; e o principal pranteador não estava aqui.

Julie observou Samir dirigir os homens desde o museu até colocarem cuidadosamente o caixão ereto no canto sudeste, à esquerda das portas da estufa aberta. Uma posição perfeita. Qualquer pessoa que entrasse na casa poderia vêlo imediatamente. Todos os que estivessem nas salas de visitas teriam dele uma boa visão; e a própria múmia aparentemente teria uma visão de todos reunidos para prestar-lhe homenagem quando a tampa fosse erguida e o corpo fosse revelado.

Os papiros e os jarros de alabastro seriam dispostos na longa mesa de mármore sob o espelho, à esquerda do caixão ereto, ao longo da parede leste. O busto de Cleópatra já estava sendo colocado num estande ao centro da sala. As moedas de ouro ficariam numa vitrine especial ao lado da mesa de mármore. E outros tesouros poderiam agora ser dispostos de qualquer maneira que Samir achasse conveniente.

A delicada luz do sol vespertino entrava na sala através da estufa, jogando intrincados padrões que dançavam sobre a máscara dourada do rosto do rei e seus braços cruzados.

Era muito bonito, autêntico obviamente. Só um tolo questionaria tal tesouro. Mas o que queria dizer toda essa história?

Ah, se ao menos todos fossem embora, Julie pensou, e ela pudesse ficar sozinha para estudar isso. Mas os homens ficariam aqui para sempre, examinando a exibição. E Alex, o que fazer com Alex, que ficava ao lado dela e não lhe dava um momento de privacidade?

Claro que ela ficara satisfeita ao ver Samir, embora a dor que sentisse tivesse aumentado ao ver a dor dele.

E ele parecia rígido e desconfortável em seu terno ocidental negro e camisa branca engomada. Nas sedas de seus trajes nativos, ele era um príncipe de olhos escuros, bem distante das rotinas tediosas deste século agitado e sua motivação afobada para o progresso. Aqui ele parecia estrangeiro, e quase servil, apesar da maneira imperiosa com que dava ordens aos trabalhadores.

Alex olhava para os trabalhadores e as relíquias com a expressão mais estranha. O que era? Aquelas coisas nada significavam para ele; elas tinham a ver com algum outro mundo. Mas ele não as achava bonitas? Ah, era tão difícil para ela compreender.

- Fico me perguntando se existe uma maldição - ele murmurou baixinho.

- Ah, por favor, não seja ridículo – Julie respondeu. - Eles vão ficar trabalhando por algum tempo. Por que não voltamos para a estufa e tomamos um chá?

- Sim, seria bom - ele disse. Aquilo em seu rosto era desagrado, não era? Não confusão. Ele não sentia nada por aqueles tesouros. Eram estranhos para ele; não importavam. Ela teria se sentido da mesma forma olhando alguma máquina moderna que não compreendesse.

Isso a entristeceu. Mas tudo a entristecia agora: e, além de tudo, o fato de que seu pai teve tão pouco tempo com esses tesouros, de que havia morrido no mesmo dia de sua maior descoberta. E de que ela era a única que deveria saborear cada artigo que ele descobrira naquele túmulo misterioso e controverso.

Talvez após o chá, Alex entendesse que ela queria ficar sozinha. Ela o levava pelo hall agora, passando pelas portas duplas dos escritórios, pelas portas da biblioteca e pela alcova de mármore, até a sala envidraçada que abrigava samambaias e flores e ocupava toda a extensão dos fundos da casa.

Este havia sido o lugar favorito de papai quando não estava na biblioteca. Não era por acaso que sua mesa e seus livros estivessem apenas a alguns metros

de distância, depois dessas portas de vidro.

Sentaram-se juntos à mesa de vime, o sol brincando de maneira bonita sobre o serviço de chá à sua frente.

- Sirva você, querido - ela disse a Alex. Ela colocou os bolos nos pratos. Agora aquilo lhe dava algo que ele entendia para fazer.

Será que ela já conhecera um ser humano que pudesse fazer tão bem todas as pequenas coisas do cotidiano? Alex dançava, cavalgava, atirava, servia chá, misturava deliciosos coquetéis americanos, cumpria o protocolo do Palácio de Buckingham sem piscar um olho. Ocasionalmente lia algum poema com tamanha simulação de sentimentos que a fazia chorar. Também beijava muito bem, e não havia dúvida de que, com ele, o casamento teria seus momentos de profunda sensualidade. Sem dúvida. Mas o que mais haveria?

De repente ela se sentiu egoísta. Isso tudo não era bastante? Não havia sido para seu pai, um príncipe mercador cujas maneiras eram impossíveis de distinguir daquelas de seus amigos aristocratas. Não havia significado nada.

- Beba, minha querida, você precisa - Alex lhe disse oferecendo a xícara do jeito que ela gostava. Sem leite e sem açúcar. Só uma fina rodela de limão.

Imagine alguém realmente precisando de chá. Parecia que a luz havia mudado ao seu redor; uma som bra. Ela levantou os olhos, para ver que Samir havia entrado silenciosamente na sala.

- Samir. Sente-se. Junte-se a nós.

Ele fez sinal para que ela permanecesse onde estava. Segurava nas mãos um livro com capa de couro.

- Julie - ele disse com um olhar lento e proposital na direção da sala egípcia - trouxe o caderno de anotações de seu pai para você. Eu não queria dá-lo às pessoas do museu.

- Ah, fico tão grata. Junte-se a nós, por favor.

- Não, preciso retornar ao trabalho imediatamente. Quero ter certeza de que as coisas estão sendo feitas como devem. E você deve ler este caderno, Julie. Os jornais, eles publicaram apenas a superfície da história. Há mais aqui...

- Vamos, sente - ela pediu novamente. - Depois cuidamos disso.

Depois de um momento de hesitação, ele acedeu. Pegou a cadeira ao lado dela, acenando educadamente com a cabeça para Alex, a quem havia sido apresentado antes.

- Julie, seu pai havia começado suas traduções. Você conhece o domínio que ele tinha sobre as línguas antigas...

- Sim, eu estou ansiosa para ler isto. Mas o que está realmente preocupando você? - ela perguntou com franqueza. - O que está errado?

Samir ponderou, e então:

- Julie, estou inquieto quanto a esta descoberta. Estou inquieto quanto à múmia e aos venenos contidos na tumba.

- Eram realmente os venenos de Cleópatra? - Alex perguntou rápido. - Ou isso é invenção dos repórteres?

- Ninguém pode dizer - Samir respondeu com educação.

- Samir, tudo está cuidadosamente rotulado – Julie explicou. - Os criados receberam ordens.

- Você não acredita na maldição, acredita? - Alex perguntou.

Samir sorriu educadamente.

- Não. No entanto - ele acrescentou, voltando-se para Julie - prometa-me que, se você vir qualquer coisa de estranho, até mesmo se sentir algum pressentimento, me chamará no museu imediatamente.

- Mas, Samir, eu jamais esperava que você acreditasse...

- Julie, maldições são raras no Egito - ele disse rapidamente. - E os avisos escritos no estojo desta múmia são da maior gravidade. A história da imortalidade da criatura, há mais detalhes neste livrinho.

- Mas você não acha que papai realmente sucumbiu a uma maldição, Samir.

- Não. Mas as coisas encontradas na tumba desafiam explicações. A não ser que se acredite... Mas isso é absurdo. Só peço que não se fie em nada. Que me chame na hora se precisar de mim.

Levantou-se abruptamente e voltou à biblioteca. Ela podia ouvi-lo falar em

árabe com um dos trabalhadores. Ela os olhava pouco à vontade pelas portas abertas.

Pesar, ela pensou. E uma emoção estranha e mal compreendida. Ele lamenta por papai tanto quanto eu, e portanto toda a descoberta está arruinada para ele. Como tudo aquilo devia ser difícil.

E ele teria gostado tanto daquilo se... Bem, ela entendia. Não acontecia isso com ela. Ela não queria mais nada, apenas ficar sozinha com Ramsés, o Grande, e sua Cleópatra. Mas ela entendia. E a dor da perda do pai estaria ali para sempre. Ela realmente não queria que aquilo fosse embora. Olhou para Alex, pobre menino perdido que a olhava com tanta preocupação.

- Eu te amo - ele sussurrou de repente.

- Ora, o que deu em você? - ela riu baixinho. Ele parecia surpreso, tinha um ar infantil. Seu noivo bonito estava realmente sofrendo de repente. Ela não podia suportar isso.

- Não sei - ele disse. - Talvez eu esteja tendo um pressentimento. Foi isso o que ele disse? Só sei que quero lembrar a você... que eu a amo.

- Ah, Alex, querido Alex. - Ela inclinou-se para a frente e o beijou, e sentiu que ele agarrava desesperadamente sua mão.

O pequeno relógio de formas extravagantes que ficava na penteadeira de Daisy tocou as seis.

Henry sentou, espreguiçou-se e esticou o braço para a garrafa de champanhe novamente, enchendo seu copo e o dela.

Ela ainda parecia sonolenta, a fina tira de cetim de sua camisola caída sobre o braço roliço.

- Beba, querida - ele disse.

- Eu não, amorzinho. Hoje à noite eu canto - ela disse empinando o queixo arrogante. - Não posso beber o dia inteiro como alguém que conheço.

Ela cortou um pedaço da galinha assada em seu prato, e o colocou na boca de qualquer maneira. Bonita boca.

- Mas esta sua prima! Ela não tem medo da maldita múmia! Colocá-la lá

dentro de sua própria casa!

Olhos azuis grandes e estúpidos se fixaram nele; bem o tipo que ele gostava. Embora sentisse saudades de Malenka, sua beldade egípcia; realmente sentia. O bom de uma oriental era que ela não precisava ser estúpida; podia ser inteligente; e tão fácil de controlar quanto. Com uma garota como Daisy, a estupidez era essencial; e você tinha de falar com ela: e falar e falar.

- Por que diabos ela deveria ter medo daquela maldita múmia? - ele disse irritado. - A maluca está dando o tesouro inteiro a um museu. Ela não sabe o que é dinheiro, a minha prima. Ela tem dinheiro demais para se dar conta. Ele aumentou minha conta bancária com uma ninharia e deixa para ela um império de navegação. Foi ele quem...

Ele parou. A pequena câmara; a luz do sol caindo em raios sobre aquela coisa. Ele viu tudo novamente. Viu o que havia feito! Não. Não estava certo. Ele morreu de um acesso ou ataque do coração, o homem deitado no chão de areia. Eu não fiz aquilo. E aquela coisa, ela não estava olhando pelas bandagens, isso era absurdo!

Bebeu o champanhe rápido demais. Ah, mas era bom. Encheu o copo de novo.

- Mas uma múmia nojenta na mesma casa que ela - Daisy disse.

E de repente, violentamente, ele viu aqueles olhos novamente, sob bandagens apodrecidas, olhando para ele. Sim, olhando. Pare com isso, seu idiota, você fez o que tinha que fazer! Pare com isso ou vai ficar louco.

Levantou-se da mesa um pouco tonto e colocou o paletó, dando um laço na gravata de seda.

- Mas aonde é que você vai? - perguntou Daisy. Você está um pouquinho bêbado demais para sair agora, se quer minha opinião.

- Não quero - ele respondeu. Ela sabia para onde ele estava indo. Ele estava com as cem libras que conseguira espremer de Randolph, e o cassino estava aberto. Abrira ao anoitecer.

Ele queria estar sozinho lá agora, para poder se concentrar de verdade. O simples ato de pensar no pano verde sob as lâmpadas e o som dos dados e da roleta girando provocavam uma profunda excitação nele. Uma boa vitória e ele

parava por ali, prometeu a si mesmo. E com cem libras de cacife. Não, não podia esperar...

Claro que correria até Sharples, e devia muito dinheiro a Sharples, mas como diabos o homem esperava que ele lhe pagasse se não fosse às mesas, e embora ele não se sentisse com sorte - não, hoje não - bem, tinha de tentar.

- Espere um pouquinho, senhor. Sente, senhor - disse Daisy, indo atrás dele. Tome outra taça comigo e depois um cochilo. São só seis horas.

- Me deixe em paz - ele disse. Colocou o sobretudo e suas luvas de couro. Sharples. Um estúpido. Sentiu no bolso do casaco a faca que levava há anos. Sim, ainda estava ali. Tirou-a do bolso e examinou a fina lâmina de metal.

- Oh, não, senhor - Daisy engasgou.

- Não seja idiota - disse atravessado, e fechando a faca e colocando-a de volta no bolso ele saiu.

Nenhum som agora senão o gorgolejar suave da fonte na estufa; o crepúsculo cinzento há muito se fora, e a sala egípcia estava iluminada apenas pela lâmpada esverdeada da mesa de Lawrence.

Julie estava sentada na poltrona de couro do pai, de costas para a parede, o penhoar de seda macio e confortável, e surpreendentemente quente, a mão sobre o diário que ainda não lera.

A máscara reluzente de Ramsés, o Grande, era sempre tão levemente assustadora, os grandes olhos amendoados perscrutando as sombras; o busto de mármore de Cleópatra parecia brilhar. E tão bonitas as moedas sobre veludo negro contra a parede dos fundos.

Ela as havia inspecionado cuidadosamente antes. O mesmo perfil do busto, o mesmo cabelo ondulado sob a tiara de ouro. Uma Cleópatra grega, não a imagenzinha boba egípcia tão popular em programas de tragédias de Shakespeare, ou nas gravuras que ilustravam as Vidas, de Plutarco e uma série de histórias populares.

O perfil de uma bela mulher; forte, não trágica. Forte como os romanos gostavam que fossem seus heróis e heroínas.

Os grossos rolos de pergaminho e papiros pareciam tão frágeis empilhados

na mesa de mármore. Os outros itens também poderiam ser facilmente destruídos por mãos curiosas. Pena de caniço, potes de tinta, um pequeno bico queimador de prata a óleo, provavelmente, com um anel para colocar um frasco de vidro. Os próprios frascos estavam ali ao lado: estranhos espécimes de vidraçaria antiga, cada um com uma pequena tampa de prata. Naturalmente que todas essas pequenas relíquias, e a fileira de jarros de alabastro ao lado, estavam protegidas por pequenos sinais em letras de bom tamanho que diziam: ”Não toque, por favor”.

Não obstante, isso a preocupava, tanta gente vir aqui para ver essas coisas.

- Lembre-se, é veneno, com toda a certeza - Julie disse a Oscar e Rita, seus indispensáveis mordomo e empregada. E isso fora o suficiente para mantê-los fora do aposento!

- É um corpo, senhorita - Rita dissera. - Um cadáver! Não importa que seja um rei egípcio. Eu digo, deixe os mortos em paz, senhorita.

Julie sorrira para si mesma.

- O Museu Britânico está cheio de mortos, Rita.

Ah, se os mortos pudessem voltar. Se o fantasma de seu pai viesse ter com ela. Imagine um milagre desses, leio novamente, falar com ele, ouvir sua voz. O que aconteceu, papai? O senhor sofreu? O senhor ficou com medo em algum momento?

Sim, ela não teria se importado com essa visitação. Mas uma coisa dessas jamais aconteceria. Esse era o horror. Do berço ao túmulo somos assediados por tragédias mundanas. O esplendor do sobrenatural era coisa para histórias e poemas, e peças de Shakespeare.

Mas por que insistir nisso? Agora havia chegado o momento de ficar sozinha com os tesouros de seu pai, e de ler as suas últimas palavras escritas.

Virou as páginas até chegar à data da descoberta. E as primeiras palavras que leu encheram seus olhos de lágrimas.

Preciso escrever para Julie, descrever tudo. Hieróglifos na porta virtualmente corretos; devem ter sido escritos por alguém que sabia o que estava escrevendo. Mas o grego é inteiramente do período ptolomaico. E o latim é sofisticado. Impossível. Mas está lá. Samir anormalmente temeroso e

supersticioso. Preciso dormir algumas horas. Estou entrando hoje à noite!

Havia um esboço apressado da porta da tumba e seus três grandes parágrafos de escrita. Virou apressada a página seguinte.

Nove da noite pelo meu relógio. Finalmente dentro da câmara. Parece mais uma biblioteca do que uma tumba. O homem foi posto no caixão de um rei, ao lado de uma mesa onde deixou treze rolos. Escrevendo inteiramente em latim, com uma pressa óbvia, mas sem descuido. O papel está repleto de respingos de tinta, mas o texto está completamente coerente.

”Chamem-me de Ramsés, o Maldito. Pois este é o nome que me dei. Mas um dia eu fui Ramsés, o Grande, do Alto e do Baixo Egitos, matador dos hititas. Pai de muitos filhos e filhas, que governou o Egito por sessenta e quatro anos. Meus monumentos ainda estão de pé; a estela reconta minhas vitórias, embora mil anos tenham se passado desde que eu, como uma criança mortal, fui tirado do ventre.

”Ah, momento fatal agora enterrado pelo tempo, quando, das mãos de uma sacerdotisa hitita, tomei o elixir. Seus avisos não considerei. A imortalidade eu desejava. E então bebi o veneno na taça transbordante. E agora, longos séculos passados... entre os venenos de minha rainha perdida, escondo a poção que ela não aceitou de mim... minha perdida Cleópatra.”

Julie parou. O elixir, escondido entre esses venenos? Ela descobriu o que Samir quis dizer. Os jornais não haviam contado essa parte do pequeno mistério. Aterrorizante. Aqueles venenos escondiam uma fórmula que podia garantir a vida eterna.

- Mas quem criaria uma ficção dessas? - ela murmurou.

Descobriu-se olhando para o busto de mármore de Cleópatra. Imortalidade. Por que Cleópatra não bebeu a poção? Oh, veja só, ela estava começando a acreditar. Sorriu.

Virou a página do diário. A tradução foi interrompida. Seu pai só havia escrito o seguinte:

Continua a descrever como Cleópatra o despertou de seu sono cheio de sonhos, como ele lhe serviu de tutor, a amou, a observou seduzir os líderes romanos um por um...

- Sim - Julie sussurrou. - Primeiro, Júlio César, e depois Marco Antônio. Mas por que ela não tomou o elixir?

Havia outro parágrafo traduzido:

”Como posso continuar carregando este fardo? Como posso ainda suportar a solidão? Mas não posso morrer. Os venenos dela não podem me fazer mal. Conservam meu elixir para que eu possa ainda sonhar com outras rainhas, boas e sábias, para partilhar os séculos comigo. Mas não é seu rosto que eu vejo? Sua voz que eu ouço? Cleópatra. Ontem. Amanhã. Cleópatra.”

Seguia-se um texto em latim. Vários parágrafos escritos em latim que Julie não entendia. Nem mesmo com a ajuda de um dicionário ela poderia ter traduzido aquilo. E depois havia umas linhas de egípcio demótico, ainda mais impenetrável que o latim. Nada mais.

Ela fechou o livro. Lutou contra as inevitáveis lágrimas. Era quase como se ela pudesse sentir-a presença de seu pai naquela sala. Como ele devia ter ficado excitado, que rabisco louco sua escrita tinha se tornado.

E como era maravilhoso todo esse mistério.

Em algum lugar entre todos aqueles venenos, um elixir que conferia a imortalidade? Não era preciso encarar aquilo no sentido literal para achar bonito. E olhar aquele pequeno queimador de prata e o frasco delicado. Ramsés, o Maldito, havia acreditado naquilo. Talvez seu pai houvesse acreditado. E naquele momento, ora, talvez ela também acreditasse.

Levantou-se devagar e se aproximou da longa mesa de mármore que estava encostada contra a parede oposta. Os rolos eram muito frágeis. Havia pedaços de papiro espalhados por todo lugar. Ela vira os homens fazerem esse estrago quando os levantaram tão cuidadosamente de seus nichos. Ela não se atrevia a tocar neles. Além do que, não sabia ler o que continham.

Quanto aos jarros, ela também não devia tocá-los. E se algum veneno daqueles tivesse derramado, ou de alguma forma sido liberado no ar?

Ela se descobriu subitamente olhando seu próprio reflexo no espelho da parede. Voltou à mesa, e abriu o jornal dobrado que estava ali.

A peça Marco Antônio e Cleópatra, de Shakespeare, estava tendo uma longa temporada em Londres. Ela e Alex queriam vê-la, mas Alex cochilava

durante peças sérias. Só Gilbert e Sullivan entretinham Alex, e mesmo assim ao final do terceiro ato a cabeça já estava caindo para o peito.

Ela estudou o pequeno anúncio do espetáculo. Levantou-se e apanhou o Plutarco na estante sobre a mesa. Onde estava a história de Cleópatra? Plutarco não havia lhe devotado uma biografia completa. Não, sua história estava contida na de Marco Antônio, é claro.

Folheou rapidamente as passagens das quais tinha uma breve lembrança. Cleópatra havia sido uma grande rainha, e o que hoje chamamos de grande política. Não só havia seduzido César e Marco Antônio, como também manteve o Egito livre da conquista romana por décadas, finalmente tirando a própria vida quando Marco Antônio se matou e Otávio César irrompeu por seus portões. A perda do Egito para Roma havia sido inevitável, mas ela quase virou a mesa. Se Júlio César não tivesse sido assassinado, poderia ter tornado Cleópatra sua imperatriz. Se Marco Antônio tivesse sido um pouco mais forte, Otávio poderia ter sido derrubado.

Mesmo em seus últimos dias, entretanto, Cleópatra havia sido vitoriosa à sua própria maneira. Otávio queria levá-la para Roma como prisioneira real. Ela o enganara. Testara dúzias de venenos em prisioneiros condenados, e então escolheu a picada de uma serpente para terminar sua vida. Os guardas romanos não impediram seu suicídio. E assim Otávio tomou posse do Egito. Mas Cleópatra ele não levaria.

Julie fechou o livro quase que com reverência. Olhou a longa fileira de jarros de alabastro. Será que aqueles eram os mesmos venenos?

Mergulhou num estranho devaneio olhando o magnífico caixão. Ela já havia visto mais de uma centena iguais a aquele ali e no Cairo. Já havia examinado mais de uma centena desde quando podia se lembrar. Só que aquele continha um homem que afirmava ser imortal. Que afirmava não ter morrido quando enterrado, mas mergulhado num ”sono sem sonhos”.

Qual era o segredo daquele homem adormecido? Como ser despertado? E o elixir!

- Ramsés, o Maldito - murmurou ela. - Você acordaria para mim como fez com Cleópatra? Você acordaria para um novo século de maravilhas indescritíveis mesmo com sua rainha morta?

Nenhuma resposta senão o silêncio; e os grandes olhos dourados do rei olhando para ela, mãos esculpidas cruzadas sobre o peito.

- Isto é um roubo! - disse Henry, mal contendo sua raiva. - Essa coisa não tem preço. - Os olhos fuzilavam o homenzinho atrás da mesa no escritório nos fundos da loja de moedas. Ladrãozinho miserável em seu mundo cheio de caixas de vidro sujas e pedacinhos de dinheiro exibidos como se fossem jóias.

- Se for genuína, sim - o homem respondeu devagar. - E, se é genuína, de onde vem? Uma moeda como esta, com uma efígie perfeita de Cleópatra? É o que eles vão querer saber, sabe, de onde ela vem. E você não me disse seu nome.

- Não, não disse. - Exasperado, arrancou a moeda do comerciante, colocou-a de volta no bolso e voltou-se para ir embora. Parou por tempo bastante para colocar suas luvas. O que ele deixou para trás? Cinqüenta libras? Estava furioso. Deixou a porta bater atrás de si quando saiu para o vento cortante.

O comerciante ficou ainda sentado por muito tempo. Ainda podia sentir a moeda que havia deixado escapar pelas mãos literalmente. Nunca, em todos esses longos anos, ele havia visto alguma coisa parecida. Sabia que era genuína, e subitamente nunca se sentiu tão idiota.

Devia tê-la comprado! Devia ter se arriscado. Mas sabia que era roubada, e nem mesmo pela rainha do Nilo ele se tornaria um ladrão.

Levantou-se da mesa, e passou pelas cortinas empoeiradas de sarja que separavam sua loja de um pequeno escritório onde passava a maior parte do tempo, até mesmo durante o expediente, sozinho. Seu jornal estava do lado da cadeira onde o havia deixado. Abriu-o e leu a manchete:

A MÚMIA STRATFORD E SUA MALDIÇÃO CHEGAM A LONDRES

O desenho abaixo mostrava um jovem esbelto desembarcando do H.M.S. Melpomine junto com a múmia do famoso Ramsés, o Maldito. Henry Stratford, sobrinho do arqueólogo morto, dizia a legenda. Sim, aquele era o homem que havia acabado de deixar sua loja. Será que ele havia roubado a moeda do túmulo onde seu tio morrera tão subitamente? E quantas mais havia levado? O negociante estava confuso; aliviado por um lado, e cheio de arrependimento por outro. Ficou olhando o telefone.

Meio-dia. A sala de jantar do clube estava quieta, os poucos membros

espalhados pelas mesas, almoçando em silêncio. Do jeito que Randolph gostava, uma verdadeira retirada estratégica das ruas barulhentas lá fora e da pressão e confusão intermináveis de seu escritório.

Não ficou feliz quando viu o filho parado na porta, a uns trinta metros de distância. Provavelmente não havia dormido a noite passada. Mas Henry estava barbeado, bem vestido, isso Randolph admitia. As pequenas coisas nunca escapavam ao controle de Henry. O que ele não conseguia enfrentar era o grande desastre: o fato de que não tinha mais vida própria; que era um jogador e um bêbado sem alma.

Randolph voltou à sua sopa.

Não levantou os olhos quando seu filho sentou na cadeira oposta e pediu ao garçom scotch e água ”imediatamente” ’.

- Pedi para que ficasse com sua prima a noite passada - Randolph disse, triste. Não havia sentido em dizer isso. - Deixei a chave para você.

- Eu peguei a chave, obrigado. E minha prima, sem dúvida, está muito bem sem mim. Ela tem sua múmia para lhe fazer companhia.

O garçom trouxe a bebida e Henry esvaziou o copo de um gole.

Randolph tomou devagar outra colher da sopa quente.

- Por que diabos você come num lugar como este? Isso aqui já está fora de moda há uma década. É positivamente um funeral.

- Abaixe sua voz.

- Por que deveria? Todos os membros são surdos. Randolph recostou-se na cadeira. Fez um sinal com a cabeça para o garçom, que foi à mesa e levou o prato de sopa

- E o meu clube e eu gosto dele - disse melancólico. Sem sentido. Toda conversa com seu filho era sem sentido. Choraria se pensasse nisso. Choraria se se detivesse muito no fato de que as mãos de Henry tremiam, que seu rosto estava pálido e cansado e seus olhos fixados no nada - olhos de um viciado, um bêbado.

- Traga a garrafa - Henry disse ao garçom, sem levantar os olhos. E para seu pai: - Preciso de vinte libras.

- Não posso lhe adiantar nada! - Randolph disse aborrecido. - Enquanto ela estiver no controle, a situação é simplesmente desesperadora. Você não compreende.

- Você está mentindo. Eu sei que ela assinou papéis ontem...

- Você retirou o salário de um ano em adiantamento.

- Pai, eu ainda devo ter cem...

- Se ela examinar os livros, provavelmente terei que confessar tudo; e pedir mais uma chance.

O simples fato de ter dito isso o encheu de um alívio surpreendente. Talvez fosse isso que ele quisesse. De súbito olhou para o seu filho com distanciamento. Sim, devia contar tudo à sua sobrinha, e pedir-lhe... o quê? Sua ajuda. Henry sorria irônico.

- Nos prestarmos a seus pés por perdão. Ah, isso é formidável.

Randolph desviou o olhar para a extensa paisagem de mesas com toalhas brancas. Restava apenas uma figura curvada de cabelos grisalhos, comendo sozinha num canto distante. O velho visconde Stephenson, um dos antigos proprietários de terra da pequena nobreza que ainda tinha uma conta bancária para manter suas vastas possessões. Bem, coma em paz, meu amigo, Randolph pensou enfastiado. O que mais podemos fazer? - Falava agora gentilmente com o filho. - Você podia ir trabalhar amanhã. Pelo menos marcar presença...

Seu filho estava ouvindo? Seu filho, que tinha sido um infeliz por tanto tempo quanto Randolph podia se lembrar, seu filho que não tinha nenhum futuro, nenhuma ambição, nenhum plano, nenhum sonho?

Pensar nisso de repente partiu seu coração: todos aqueles anos que seu filho não tinha sido outra coisa senão desesperado, sonso e amargo, também. Partia seu coração ver os olhos do filho moverem-se inquietos sobre os simples objetos da mesa: a prataria pesada, o guardanapo que ele ainda não tinha aberto, o copo e a garrafa de scotch.

- Está certo, eu lhe darei algum adiantado. - Que diferença fariam mais cem libras? E este era seu único filho. Seu único filho.

Uma ocasião melancólica ainda que inegavelmente excitante. Quando

Elliott chegou, a casa Stratford estava abarrotada, quase transbordando. Ele sempre amara aquela casa, com seus aposentos anormalmente amplos e sua impressionante escadaria central.

Tanta madeira escura, tantas estantes enormes, e, no entanto, ela tinha uma atmosfera alegre com a abundância de luz elétrica e as paredes infindáveis revestidas com papel dourado. Sentiu muitas saudades de Lawrence quando parou no hal de entrada. Ele sentia Lawrence ali; e todos os momentos desperdiçados de sua amizade retornaram para atormentá-lo. E o antigo caso de amor que ainda o perseguia.

Bem, ele sabia que isso iria acontecer. Mas não havia nenhum lugar na terra onde quisesse estar aquela noite, exceto na casa de Lawrence para a primeira exibição oficial de Ramsés, o Maldito, a descoberta de Lawrence. Fez um pequeno gesto de recusa para afastar aqueles que imediatamente vieram em sua direção, e fazendo mesuras com a cabeça abriu caminho por entre estranhos e velhos amigos até chegar ao salão egípcio. A dor nas pernas estava pior esta noite, devido à umidade, como ele sempre dizia. Mas com sorte não teria que ficar muito tempo de pé. E estava com uma nova bengala que muito apreciava, um bastão extravagante com cabo de prata.

- Obrigado, Oscar - disse com o sorriso costumeiro ao pegar a primeira taça de vinho branco.

- Não vai demorar muito, meu velho - Randolph lhe disse cansado. - Vão desvelar a coisa assombrosa agora. E melhor irmos para lá.

Elliott assentiu. Randolph estava com uma aparência horrível, nenhuma dúvida quanto a isso.

A morte de Lawrence o deixara muito abatido, mas estava fazendo o melhor que podia, isso era óbvio.

Foram juntos para as fileiras da frente e pela primeira vez, Elliott pôs os olhos no caixão surpreendentemente bonito da múmia.

A expressão inocente e infantil da máscara de ouro o fascinou. Então, seus olhos se moveram para as faixas escritas que envolviam a porção inferior da figura. Palavras gregas e latinas escritas como se fossem hieróglifos egípcios!

Ele estava distraído quando Hancock, do Museu Britânico, pediu silêncio, batendo ruidosamente com uma colher num copo de cristal. Ao lado de Hancock

estava Alex abraçando Julie, que estava com uma aparência estranha em seu vestido preto de luto, o cabelo todo preso atrás e o rosto pálido, revelando para todo mundo que seus traços nunca precisaram de penteados malucos ou outros adornos.

Quando seus olhos se encontraram, Elliott deu um pequeno sorriso melancólico a Julie, e viu nela o brilho imediato que sempre o cumprimentou. De certa forma, pensou, ela gosta mais de mim que de meu filho. Que ironia. Seu filho observava como se estivesse totalmente perdido. E talvez estivesse, esse era o problema.

Subitamente, Samir Ibrahaim apareceu à esquerda de Hancock. Mais um velho amigo. Mas ele não viu Elliott. Um pouco ansioso, ordenou a dois jovens que pegassem a tampa do estojo da múmia e aguardassem instruções. Ficaram olhando para baixo como se um pouco embaraçados pelo papel que iam desempenhar. E a sala permaneceu em silêncio mortal.

- Damas e cavalheiros - disse Samir. Os dois jovens imediatamente ergueram a tampa e a colocaram habilmente de lado. - Eu lhes dou Ramsés, o Grande.

A múmia ficou exposta para todos verem. A figura alta de um homem com braços cruzados sobre o peito, aparentemente calvo e nu sob as bandagens grossas e descoloridas.

Um suspiro coletivo assomou da multidão. À luz dourada dos lustres elétricos e de uns poucos candelabros espalhados, a forma tinha um quê de horrível, como sempre. Morte preservada e encenada.

Aplausos esparsos e nervosos. Arrepios e até mesmo risos apreensivos; e então as densas fileiras de espectadores se romperam. Alguns se aproximaram para olhar de perto, recuando em seguida como do calor de uma fogueira, outros virando completamente as costas para a coisa.

Randolph suspirou e balançou a cabeça.

- Ele morreu por isto, não foi? Eu gostaria de entender por quê.

- Não seja mórbido - disse o homem próximo a ele, alguém que Elliott devia se lembrar, mas não lembrava. Lawrence foi feliz...

- Fazendo o que gostava - murmurou Elliott. Se ouvisse isso mais uma vez

poderia chorar.

Lawrence teria ficado feliz examinando seu tesouro. Lawrence teria ficado feliz traduzindo aqueles rolos de pergaminho. A morte de Lawrence foi uma tragédia. Quem quer que tentasse provar qualquer outra coisa era um perfeito idiota.

Elliott apertou levemente o braço de Randolph, e o deixou, dirigindo-se lentamente ao corpo venerável de Ramsés.

Parecia que a geração mais jovem tinha decidido bloquear en massa a sua passagem enquanto rodeavam Alex e Julie. Elliott podia ouvir a voz dela em fragmentos enquanto o falatório recuperava seu volume animado por todos os lados.

- ... uma história notável nos papiros – Julie explicava. - Mas papai tinha apenas começado a tradução. Gostaria de saber o que você acha, Elliott.

- O que dizia, minha querida? - Ele acabara de alcançar a múmia e estava contemplando seu rosto, maravilhado com o quão facilmente se podia discernir a expressão por baixo de tantas camadas de tecido em decomposição. Ela se aproximou dele e ele pegou sua mão. Outras pessoas empurravam, tentando olhar de perto, mas Elliott egoisticamente não arredava os pés.

- Sua opinião, Elliott, sobre todo o mistério - disse Julie. - É um caixão da décima nona dinastia? Como isso foi aparecer nos tempos romanos? Você sabe, papai contou me uma vez que você sabe mais sobre egiptologia do que todo os homens do museu.

Ele riu suavemente para si mesmo. Ela olhou ao redor nervosa para se certificar de que Hancock não estava por perto. Graças a Deus, ele estava no meio de sua própria multidão, explicando alguma coisa a respeito dos papiros, sem dúvida, e da fila de jarros exóticos ao longo da parede, abaixo do espelho.

- O que você acha? - Julie insistiu. A seriedade já tinha sido tão sedutora algum dia?

- Não é possível que seja Ramsés, o Grande, minha querida - disse ele. - Mas isso você já sabe. - Estudou novamente a tampa pintada do caixão, e mais uma vez o corpo aninhado em suas faixas empoeiradas. - Um excelente trabalho, devo dizer. Não foram usados muitos produtos químicos; não há o menor cheiro de betume.

- Não há betume - Samir disse subitamente. Ele estava à esquerda de Elliott e Elliott nem sequer o vira.

- E como é que você sabe disso?

- O rei nos deu sua própria explicação - respondeu Samir. - Ou pelo menos Lawrence assim me contou. Ramsés foi enfaixado com toda a cerimônia e orações adequadas; mas não foi embalsamado. Jamais foi tirado da cela onde escreveu sua história.

- Que ideia surpreendente! - exclamou Elliott. E você mesmo leu estas inscrições? - Apontou para o latim enquanto traduzia: - ”Não deixe os raios de sol tocarem meus restos; pois nas trevas eu durmo; além de todo sofrimento; além de todo conhecimento...” Agora, isto não é propriamente um sentimento egípcio. Acho que você concorda.

O rosto de Samir escureceu enquanto olhava as letras miúdas.

- Há maldições e avisos por toda parte. Eu era um homem curioso até abrirmos essa estranha tumba.

- E agora está amedrontado? - Não era uma boa coisa para um homem dizer a outro. Mas era verdade. E Julie estava simplesmente fascinada.

- Elliott, quero que você leia as notas de papai - disse ela - antes que o museu recolha tudo e tranque numa galeria. O homem não alega simplesmente ser Ramsés. Há muito mais.

- Você não está se referindo ao disparate que está nos jornais? - ele perguntou-lhe. - A respeito dele ser imortal e amante de Cleópatra.

Ela olhou para ele de forma estranha.

- Papai traduziu algo sobre isso - ela retrucou e olhou para os lados. - Eu tenho o caderno de anotações. Está na escrivaninha dele. Acho que Samir concordará comigo. Você achará interessante.

Mas Samir estava sendo arrastado por Hancock e um outro colega com um sorriso irritado. E Lady Treadwell se aproximara de Julie antes que ela pudesse prosseguir. Julie não estava com medo da maldição? Eliott sentiu a mão de Julie escapulir da sua. O velho Winslow Baker queria falar com Eliott justo agora. Não, vá embora. Uma mulher alta de rosto murcho e longas mãos brancas estava

diante do caixão e fazia questão de saber se tudo aquilo não era uma brincadeira.

- Certamente que não! - disse Baker. - Lawrence sempre desenterrou coisas reais, eu aposto a minha vida nisso.

Eliott sorriu.

- Assim que o museu tirar as bandagens - disse ele - estarão aptos a datar os restos mortais com sucesso. Certamente, haverá evidências internas de idade.

- Lorde Rutherford, eu não o reconheci - disse a mulher.

Ah, bom Deus, e ele a tinha reconhecido? Alguém havia parado em frente a ela; todos queriam ver a coisa. E ele devia sair dali, mas não queria.

- Eu não suporto sequer pensar que eles vão abri-lo -Julie disse quase num sussurro. - Esta é a primeira vez que o vejo. Eu mesma não ousei abrir o estojo.

- Venha comigo, querida, há um velho amigo que eu gostaria que conhecesse - Alex disse subitamente. - Pai, você está aí! Você não pode ficar em pé! Quer que eu lhe ajude até uma cadeira?

- Eu posso ir sozinho, Alex, prossiga - Eliott retrucou. O fato era que ele estava acostumado com a dor. Era como se tivesse pequenas facas nas juntas, e esta noite ele as sentia até mesmo nos dedos. Porém, de vez em quando, conseguia se esquecer dela completamente.

E agora estava sozinho com Ramsés, o Maldito, com muitas costas voltadas para ele. Que esplêndido!

Comprimiu os olhos quando chegou bem perto do rosto da múmia. Surpreendemente bem modelado; nem um pouco desidratado. E, certamente não era o rosto de um homem velho, tal como o de Ramsés teria sido ao final de sessenta anos de reinado.

A boca era de um homem jovem, ou pelo menos de um homem em sua plenitude. O nariz era fino, mas não emaciado: do tipo que os ingleses chamam aristocrático. As saliências das sobrancelhas eram proeminentes e os olhos em si não poderiam ter sido pequenos. Provavelmente um belo homem. De fato, parecia haver pouca dúvida a esse respeito.

Alguém disse grosseiramente que a coisa deveria estar num museu. Um outro disse que era absolutamente horrível. E pensar que estes tinham sido os

amigos de Lawrence! Hancock examinava as moedas de ouro em exposição no estojo de veludo. Samir estava ao seu lado.

O fato é que Hancock estava fazendo um estardalhaço sobre alguma coisa, não estava? Elliott conhecia aquele tom de autoridade.

- Havia cinco, apenas cinco? Você tem certeza disso? - E ele falava tão alto que poderia se pensar que Samir era surdo, não apenas um egípcio.

- Certeza absoluta. Eu lhe disse. - Havia um toque de irritação na voz de Samir. - Eu mesmo cataloguei todo o conteúdo da câmara.

Sem tentar disfarçar, Hancock desviou o olhar para alguém do outro lado do salão. Elliott viu que era Henry Stratford, esplendidamente vestido com um terno de lã cor de chumbo e uma gravata de seda preta. Ria e conversava nervosamente, ao que parecia - com Alex, Julie e com aquela multidão de jovens os quais Henry secretamente repugnava e desprezava.

Bonito como sempre, Elliott pensou. Bonito como quando era um garoto de vinte anos, e aquele rosto formoso de linhas fortes podia passar de uma vulnerabilidade ilusória para uma malignidade arrepiante.

Mas por que Hancock estava olhando para ele? E o que estava sussurrando agora no ouvido de Samir? Samir olhou para Hancock por um longo momento e depois deu de ombros e devagar desviou também o olhar para Henry.

Como Samir devia detestar tudo aquilo, Elliott pensou. Como devia detestar aquele desconfortável terno ocidental; queria seu gellebiyya de seda fina e suas sandálias e devia tê-los. Que bárbaros devemos parecer.

Eliott foi até o canto mais distante e sentou-se na poltrona de couro de Lawrence, recostando-a contra a parede. A multidão se movimentava ao acaso, revelando Henry, que mais uma vez se afastava dos outros e olhava desconfortável para os lados. Muito sutil, não como um vilão no palco, mas ele estava prestes a fazer alguma coisa, não estava?

Henry passou devagar pela mesa de mármore, a mão pairando sobre a mesa como se tencionasse tocar nos rolos antigos. A multidão se moveu novamente e impediu-lhe a visão, mas Elliott simplesmente esperou. O pequeno nó de pessoas à sua frente finalmente se desfez e lá estava Henry, a metros de distância, observando um colar numa pequena prateleira de vidro, uma das muitas relíquias que Lawrence trouxe para casa anos atrás.

Alguém viu Henry pegar o colar e olhá-lo admirado como se fosse um antiquário? Alguém o viu colocá-lo no bolso e sair andando com o rosto inerte e a boca inflexível?

Bastardo.

Elliott apenas sorriu. Tomou um gole do vinho branco gelado e desejou que fosse sherry. Desejou não ter visto o pequeno furto. Desejou não ter visto Henry.

Suas próprias lembranças secretas de Henry sempre guardaram uma pontinha de mágoa, talvez porque ele nunca tenha confessado a ninguém o que acontecera. Nem mesmo para Edith, embora tenha contado a ela muitas outras coisas sórdidas a seu próprio respeito quando o vinho e a filosofia fizeram com que parecesse imperativo que o fizesse; e nem aos padres católicos romanos para quem ele ocasionalmente ia falar sobre céu e inferno de modo tão veemente que mais ninguém toleraria.

Ele sempre pensou que se não trouxesse à lembrança aqueles tempos sombrios, poderia esquecê-los. Mas eram horrivelmente vívidos mesmo agora, dez anos depois.

Um dia ele amara Henry Stratford. E Henry Stratford foi único amante de Elliott que tentou chantageá-lo.

É claro que foi um fracasso absoluto. Elliott riu na cara de Henry. Ele recorreu ao blefe. Devo contar tudo ao seu pai? Ou devo contar ao seu tio Lawrence primeiro? Ele ficaria furioso comigo... por talvez cinco minutos. Mas você, seu sobrinho favorito, ele desprezará até a sua morte porque eu lhe contarei tudo, sabe, inclusive a soma de dinheiro que você está pedindo. Quanto é? Cinco mil libras? Você fez de si mesmo um patife por isso, imagine.”

Henry ficou calado e magoado; completamente confuso.

Devia ter sido um triunfo; mas nada superava a dor profunda da humilhação total. Henry aos vinte e dois, uma víbora com rosto de anjo, que atacou Elliott num hotel de Paris como se fosse um garoto comum da sarjeta. E, depois, houve os pequenos furtos. Uma hora depois de Henry ter saído, Elliott descobriu que sua cigarreira, seu porta-níqueis e todo o dinheiro haviam sumido. Seu roupão sumira; suas abotoaduras. Outros itens de que não lembrava mais.

Nunca conseguira mencionar todo o desastre. Mas agora, gostaria de ter instigado Henry, aproximar-se dele sorrateiro e perguntar sobre o colar que

estava no seu bolso. Henry o poria junto com a cigarreira dourada, o porta-níqueis finamente gravado e as abotoaduras de diamante? Ou iria levá-lo ao mesmo penhorista?

Na verdade era tudo muito triste. Henry era um jovem privilegiado, mas tudo deu errado, a despeito da educação, do sangue e das inúmeras oportunidades. Começara a jogar quando era não mais que um garoto; a bebida se tornou uma doença quando contava vinte e cinco anos; e agora, aos trinta e dois, tinha um perpétuo ar sinistro que realçava seus melhores contornos e o deixava curiosamente repulsivo, a despeito deles. E quem sofria com isto? Randolph, é claro, que acreditava, contra todas as evidências, que a decadência de Henry era falha do pai.

Deixe que vá para o inferno, Elliott pensou. Talvez ele tenha procurado em Henry um vislumbre da chama que ele conhecera com Lawrence, e tudo foi sua própria falha: ver o tio no sobrinho. Mas não, isto começou como uma coisa sincera. E Henry Stratford o tinha perseguido, afinal de contas. Sim, para o inferno com Henry.

Era a múmia que Elliott viera ver. E a multidão tornara a recuar um pouco. Apanhou uma nova taça de vinho de uma bandeja que passava, levantou-se, ignorando a terrível pontada no quadril esquerdo e dirigiu-se à solene figura no esquife.

Olhou novamente o rosto, a rigidez estampada na boca e o queixo firme. Um homem em sua plenitude, sem dúvida. E havia cabelos saindo do crânio bem-formado sob as bandagens intumescidas.

Ergueu a taça num brinde.

- Ramsés - murmurou, aproximando-se. E, em seguida, falando em latim: - Seja bem-vindo a Londres. Sabe onde fica Londres? - riu por estar falando latim com aquela coisa. Depois citou algumas frases do relato de César sobre a conquista da Bretanha. - é aqui que você está, grande rei. - Fez uma tentativa malsucedida de mudar para o grego, mas era simplesmente muito difícil para ele. Em latim, disse: - Espero que você goste do maldito lugar mais do que eu.

De súbito ouviu um leve farfalhar. De onde vinha? Muito estranho ouvir tão distintamente enquanto o barulho de conversa ao seu redor era um incômodo tão persistente. Mas soava como se tivesse vindo do próprio caixão, bem à sua frente.

Examinou o rosto novamente. Depois os braços e as mãos, que pareciam presos apenas pelo linho apodrecido, como se pudessem se soltar a qualquer momento. De fato, havia um rasgo nítido no tecido escuro e sujo que mostrava um pedaço da roupa de baixo do corpo bem onde os pulsos se cruzavam. Não era bom. A coisa estava se deteriorando ali mesmo, diante de seus olhos. Ou havia pequenos parasitas trabalhando. Precisava para-los imediatamente.

Olhou para os pés da múmia. Era alarmante. Uma pequena pilha de pó caindo a olhos vistos, parecia, que da mão direita cruzada, onde as bandagens tinham sido seriamente rompidas.

- Bom Deus, Julie deve enviá-lo ao museu, imediatamente - murmurou. E então ouviu o som de novo. Farfalhar? Não, era mais fraco. Sim, a coisa precisava de cuidados apropriados. Só Deus sabia o que a umidade de Londres estava fazendo à coisa. Mas, de certo, Samir sabia disso. E Hancock também.

Em latim, falou para a múmia novamente.

- Eu também não gosto da umidade, grande rei. Causa-me dor. E é por isso que estou indo para casa agora, vou deixar você com seus adoradores.

Deu-lhe as costas, apoiado pesadamente na bengala para aliviar a dor no quadril. Olhou para trás somente mais uma vez. A coisa parecia muito robusta. Era como se o calor egípcio não a tivesse secado de forma alguma.

Daisy olhava para o pequeno colar enquanto Henry o colocava em seu pescoço. Seu camarim estava abarrotado de flores, garrafas de vinho tinto, champanhe no gelo e outros presentes, mas nenhuma de um homem tão bonito quanto Henry Stratford.

- É engraçado - disse ela, inclinando a cabeça para o lado. Uma corrente de ouro fina e uma pequena jóia com uma pintura, ou algo parecido com isso. - Onde conseguiu isto?

- Este vale muito mais do que o traste que você estava usando - Henry disse sorrindo. Sua voz estava grossa. Ele estava bêbado de novo. E isto significava que ele seria mau ou muito, muito doce. - Agora vamos, meu amor, estamos indo ao Flint’s. Sinto que estou com uma sorte fora do comum e tenho cem libras coçando no bolso. Vamos andando.

- Quer dizer que a tola da sua prima está completamente sozinha naquela casa com o diabo do estojo da múmia totalmente aberto na sala de visitas?

- Quem diabos se importa? - Ele pegou a pele de raposa branca que comprara para ela e colocou nos seus ombros. Puxou-a para fora do camarim, rumo à coxia.

O Flint’s estava cheio quando chegaram lá. Ela detestava a fumaça e o cheiro azedo de bebida, mas era sempre divertido estar com ele ali, quando ele tinha dinheiro e ficava excitado. Ele deu um beijo no seu rosto enquanto a levava para a roleta.

- Você conhece as regras. Fique à minha esquerda, e só à minha esquerda. Assim tem sempre dado sorte.

Ela concordou com a cabeça. Olhou para todos os cavalheiros elegantes do salão e para as mulheres carregadas de jóias. E ela com aquela coisa sem graça no pescoço. Isso a incomodava.

Julie sobressaltou-se. Que barulho era aquele? Ela se sentia um pouco embaraçada quando ficava sozinha na biblioteca sombria.

Não havia mais ninguém ali, mas ela podia jurar que tinha ouvido outra pessoa. Não era um passo, não. Apenas os pequenos sons de uma outra pessoa na sala bem próxima dela.

Ela olhou a múmia que dormia em seu estojo. À meialuz, parecia coberta por uma fina camada de cinzas e que tinha uma expressão sombria, sorumbática. Ela realmente não havia notado isso antes. Parecia que estava se debatendo em um pesadelo. Quase podia ver uma ruga em sua testa.

Ela estava contente por eles não terem recolocado a tampa? Não tinha certeza. Mas era muito tarde. Ela tinha prometido não tocar em nada; e precisava ir para a cama, estava mais cansada do que nunca. Os velhos amigos de seu pai demoraram - uma eternidade. E depois o pessoal do jornal chegou. Que insolência! Os guardas finalmente os forçaram a sair, mas não antes de terem tirado uma série inteira de fotos da múmia.

E agora o relógio marcava uma hora. E não havia mais ninguém ali. Então, por que ela estava trêmula? Ela foi rápido para a porta da frente e estava prestes a fechar o ferrolho quando lembrou de Henry. Esperava-se que ele ficasse como ”dama de companhia” e protetor de Julie. Estranho que ele não tenha falado uma palavra educada a ela desde que chegara em casa. Ele, com certeza, não tinha estado em seu quarto lá em cima. Mas, mesmo assim... Deixou a porta

destrancada.

Estava bem frio quando ele saiu para a rua deserta. Colocou as luvas rapidamente.

Ele não devia ter dado um tapa nela, pensou. Mas ela não devia ter se intrometido, maldita. Ele sabia o que estava fazendo. Teria dobrado seu dinheiro dez vezes! Pelo menos se tivesse feito aquele último lance! E então, enquanto ele discutia para assinar a nota, ela se intrometeu!

- Mas você não deve!

Irritante, o modo como olharam para ele. Ele sabia o que devia. Sabia o que estava fazendo. E Sharples estava lá, aquele lixo. Como se tivesse medo de Sharples.

Foi Sharples quem apareceu no beco agora e parou em frente a ele. Por um instante, não teve certeza. Estava muito escuro, com o nevoeiro pairando logo acima do chão, mas depois, com uma brecha de luz de uma janela acima, viu o rosto bexiguento do homem.

- Saia da minha frente - disse.

- Mais uma fase de azar, senhor? - Sharples alcançouo e continuou andando ao seu lado. - E a senhorita está lhe dando prejuízo. Ela sempre foi dispendiosa, senhor, mesmo quando trabalhava para mim. E eu sou um homem generoso, o senhor sabe.

- Me deixe sozinho, estúpido. - Apertou o passo. A luz da rua estava bem adiante e não haveria um táxi a essa hora.

- Não sem um pequeno acerto de contas, senhor. Henry parou. A moeda de Cleópatra. O imbecil fazia ideia de quanto ela valia? De súbito sentiu os dedos do homem cutucando seu braço.

- Não ouse! - Recuou. Em seguida, lentamente, retirou a moeda do bolso interno do paletó, segurou-a na luz fraca e ergueu a sobrancelha enquanto olhava para o homem, que arrancou-a da palma da sua mão imediatamente.

- Ah! Isto é uma beleza, senhor. Uma beleza ar...que...o...lógica legítima! - Ele virou a moeda como se as inscrições realmente significassem algo para ele. - Você roubou isto, não foi, senhor? Do tesouro do seu tio, estou certo?

- É pegar ou largar!

Sharples segurou a moeda fechando o punho, como quem fazia um truque de mágica para uma criança.

- Manteiga não derrete na sua boca, não é, senhor? - Ele colocou a moeda no bolso. - Quando roubou-a ele ainda estava lá sufocando? Ou você esperou até o suspiro derradeiro?

- Vá para o inferno.

- Isto não vai cobrir tudo, senhor. Não senhor, de forma nenhuma. Não o que você deve a mim e aos cavalheiros do Flint’s, senhor.

Henry virou-se abruptamente; ajeitou a cartola contra o vento. Começou a andar rápido em direção à esquina. Podia ouvir o ruído dos sapatos de Sharples na calçada atrás dele. E ninguém à frente na noite enevoada; ninguém atrás. Nem mesmo a brecha de luz da porta do Flint’s era visível.

Podia ouvir Sharples se aproximando. Meteu a mão no bolso do paletó. Sua faca. Retirou-a devagar, abriu a lâmina e segurou o cabo com força.

De súbito sentiu a pressão de Sharples contra as suas costas.

- Me parece que precisa de uma pequena lição de como pagar suas dívidas, senhor - disse-lhe o canalha.

Sharples apoiou a mão no ombro de Henry, mas ele se virou rápido e forçou o joelho contra Sharples, fazendo-o perder o equilíbrio. Henry apontou para a seda brilhante de seu colete, onde a faca poderia penetrar entre as costelas, sem impedimentos. Para sua surpresa sentiu-a afundar no peito do homem e viu os dentes brancos de Sharples enquanto ele abria a boca com um grito fraco.

- Idiota! Eu lhe disse para me deixar em paz! - Puxou a lâmina e esfaqueou o homem de novo. Desta vez ouviu a seda rasgar, e recuou, tremendo todo.

O homem deu alguns passos cambaleantes. Então caiu de joelhos. Caiu para frente devagar, ombros curvados, e então virou-se de lado, o corpo caindo flácido no chão.

Henry não conseguia ver seu rosto no escuro. Via apenas a forma inerte estendida ali. O frio penetrante da noite o paralisou. O coração retumbava nos ouvidos, como na câmara, no Egito, quando olhou para Lawrence morto no

chão.

Ora, que se dane! Ele não devia ter tentado aquilo comigo! A raiva o dominou. A despeito da luva, ele não conseguia mover a mão direita de tão fria que estava. A mão segurava a faca, rígida. Com cuidado, levantou a mão esquerda, fechou a faca e guardou-a.

Olhou de um lado para outro. Escuridão, silêncio. Apenas o ruído longínquo de um carro a motor numa rua distante. Gotas d'água pingando em algum lugar, como que de uma canaleta quebrada. E o céu acima brilhando fraco, da cor de ardósia.

Ajoelhou-se na escuridão que se esvaía. Procurou a seda brilhosa de novo e, com cuidado para não tocar a grande mancha de sangue que se espalhava, alcançou a lapela do paletó. A carteira do homem. Gorda, cheia de dinheiro!

Nem sequer examinou o conteúdo. Em vez disso, colocou-a no mesmo bolso da faca. Em seguida virou-se abruptamente, ergueu a cabeça e caminhou com passos ruidosos e decisivos. Chegou até a assobiar.

Mais tarde, confortavelmente instalado no banco de um táxi, tirou a carteira do bolso. Trezentas libras. Ora, não era mau. Porém, enquanto olhava o maço de notas sujas, foi tomado de pânico. Era como se não pudesse falar ou se mover, e quando olhou pela janela do carro viu apenas o céu cinzento sobre os telhados das casas sombrias. Não parecia haver nada que ele quisesse, ou pudesse querer ou ter algum dia que aliviasse o desespero que sentia.

Trezentas libras. Mas ele não tinha matado o homem por isso. Ora, quem poderia dizer que ele matara alguém? Seu tio Lawrence morreu de um ataque no Cairo. E quanto a Sharples, um agiota desprezível que ele conhecera certa noite no Flint's, bem, um de seus cúmplices o matou. Seguiu-o sorrateiro até uma rua escura e enfiou-lhe uma faca nas costelas.

Com certeza, foi o que aconteceu. Quem iria associá-lo a esses crimes sórdidos?

Ele era Henry Stratford, vice-presidente da Companhia de Navegação Stratford, membro de uma família distinta que em breve se uniria por casamento ao Conde de Rutherford. Ninguém ousaria...

E agora podia recorrer à sua prima. Explicar que teve um pouco de azar, e ela decerto viria com uma quantia confortável, talvez o triplo do que tinha nas

mãos, porque ela entenderia que essas perdas eram apenas temporárias. E seria um grande alívio acertar tudo.

Sua prima, sua única irmã. Eles já haviam se amado um ao outro, ele e Julie. Amaram um ao outro como apenas irmãs e irmãos podem. Lembraria isso a ela. Ela não lhe traria nenhum transtorno, e então ele poderia descansar.

E, ultimamente, esta era a pior parte. Ele não conseguia descansar.

Julie desceu as escadas arrastando suavemente os chinelos, as muitas pregas do penhoar de renda reunidas na mão para que não tropeçasse e os cabelos castanhos soltos em ondas sobre os ombros e as costas.

Ela viu o sol antes de qualquer outra coisa, no momento em que entrou na biblioteca - a grande e bendita torrente de luz amarela preenchendo a estufa de vidro além das portas abertas, um deslumbramento por entre as samambaias, e na água dançante da fonte e na grande rede de folhas verdes curvadas sob o teto de vidro.

Longos raios diagonais caíam sobre a máscara de Ramsés, o Maldito, em seu canto sombrio, nas cores escuras do tapete oriental, e sobre a própria múmia, ereta em seu estojo aberto, o rosto e os membros fortemente enfaixados tornando-se dourados com a neblina, dourados como a areia do deserto ao meio-dia.

O salão clareou diante dos olhos de Julie. O sol explodiu de súbito sobre as moedas de ouro de Cleópatra em sua cama de veludo. Tremeluziu no busto de mármore liso de Cleópatra, com seu olhar sério. Alcançou o alabastro translúcido da longa fileira de vasos. Reluziu em pequenas peças de ouro velho espalhado por toda a sala e no ouro das lombadas dos muitos livros encadernados em couro. Incidiu sobre o nome ”Lawrence Stratford” gravado em seu diário revestido de veludo sobre a escrivaninha.

Julie permaneceu parada, sentindo o calor ao seu redor. O cheiro de mofo se esvaía. E a múmia parecia se mover na luz brilhante, como se reagisse ao calor. Parecia suspirar quase como uma flor se abrindo. Que ilusão estranha. E claro que não tinha se movido de jeito nenhum. No entanto, parecia realmente mais cheia, de alguma forma os ombros e braços fortes mais arredondados, os dedos como se estivessem vivos.

- Ramsés... - sussurrou.

Então veio o som de novo, o som que a assustara na noite anterior. Mas não, não era som, não exatamente. Apenas a respiração da grande casa, das peças de madeira e de gesso na tepidez da manhã. Ela fechou os olhos por um instante. E então os passos de Rita soaram no hall. E claro, tinha sido Rita todo tempo... o som de outra pessoa muito próxima: batidas do coração, respiração, o deslocamento sutil de peças de vestuário em movimento.

- Ah, senhorita, eu lhe disse que não gosto desta coisa dentro de casa - disse Rita. O ruído seria o espanador de penas que limpava suave a mobília da sala de visitas?

Ela não se virou para olhar. Olhou para a múmia. Aproximou-se dela e olhou para o seu rosto. Bom Deus, ela realmente não tinha visto na noite passada. Não como via agora na iluminação mais quente. Isto tinha sido um homem de verdade, esta coisa, trancada para sempre em sua mortalha.

- Afianço-lhe, senhorita, isto me dá arrepios.

- Não seja ridícula, Rita. Traga-me um café, como uma boa menina. - Ela chegou ainda mais perto da coisa. De qualquer forma, não havia ninguém ali para impedi-la. Podia tocá-la se desejasse. Ouviu Rita se retirar. Ouviu a porta da cozinha abrir e fechar. Então esticou o braço e tocou as bandagens de linho que cobriam o braço direito. Tão suave, tão frágil. E quente do sol.

- Não, isso não é bom para você, é? - perguntou, olhando para os olhos da coisa, como se fosse grosseiro fazer o contrário. - Mas eu não quero que o levem. Sentirei saudades quando não estiver mais aqui. Mas eu não deixarei que lhe abram. Isso eu prometo.

Que cabelo castanho-escuro era aquele que ela via por baixo das bandagens que circundavam o crânio? Parecia que havia um grande chumaço de cabelos ali, apertados de forma dolorosa contra os ossos, dando um efeito horrível de calvície. Mas foi o espetáculo global que a conquistou e afastou-a dos detalhes. A coisa tinha uma personalidade distinta, um pouco parecida com a que uma escultura fina teria. Ramsés era alto, de ombros largos, com a cabeça na posição de reverência e os braços na de resignação.

As palavras do diário voltaram-lhe à memória com uma clareza dolorosa.

- Você é imortal, meu amor - disse ela. - Meu pai compreendeu isso. Talvez você nos amaldiçoe por abrir sua tumba, mas milhares virão te ver; milhares irão

eventualmente dizer seu nome. Você viverá eternamente...

Muito estranho que ela estivesse prestes a chorar. O pai morto. E a coisa, que tinha significado tanto para ele. O pai em um túmulo sem nome no Cairo, como ele queria que fosse; e Ramsés, o Maldito, a sensação de Londres.

Subitamente a voz de Henry a assustou.

- Você está falando com essa coisa maldita da mesma forma que seu pai.

- Santo Deus, eu não sabia que você estava aqui! De onde você veio?

Ele ficou na arcada, entre as duas salas de visitas, a longa capa de sarja pendendo solta de um ombro. Barba por fazer, muito provável que tivesse bebido. E aquele seu sorriso. Era deprimente.

- Fui encarregado de vigiá-la, lembra?

- Sim, é claro. Tenho certeza de que está absolutamente satisfeito.

- Onde está a chave do armário das bebidas? Está trancado, como você sabe. Por que diabos o Oscar faz isso?

- O Oscar só volta amanhã. Talvez você deva tomar café. Isso lhe faria muito bem.

- Faria bem agora, minha querida? - Ele tirou a capa enquanto se dirigia arrogante a ela, os olhos perscrutando o salão egípcio como se ele não o aprovasse inteiramente. - Você nunca me deixa mal, deixa? - perguntou e deu aquele sorriso amargo de novo. - Minha companheira de infância, minha prima, minha irmãzinha! Detesto café. Quero um pouco de sherry.

- Bem, não tenho nenhum - retrucou ela. - Por que você não vai lá para cima e dorme?

Rita chegou à porta e ficou esperando instruções.

- Café para o senhor Stratford também, Rita, por favor - Julie disse, pois ele não se movera. Estava perfeitamente claro que não iria a lugar nenhum. Estava olhando fixo para a múmia, na verdade, como se ela o tivesse assustado. - O papai realmente falava com ele desta forma? ela perguntou. - Da forma como eu estava falando?

Ele não respondeu de imediato. Virou-se e foi inspecionar os jarros de

alabastro, a postura relaxada e arrogante.

- Sim, falava com ele como se pudesse responder. E em latim, ainda por cima. Se quer minha opinião, seu pai estava doente já há algum tempo. Muitos anos no calor do deserto desperdiçando dinheiro em corpos, estátuas, jóias e coisas sem valor.

Como suas palavras a feriram! Tão descuidadas, porém tão detestáveis. Ele parou diante de um dos jarros, de costas para ela. Pelo espelho ela o viu fazendo uma careta para o jarro.

- Era o dinheiro dele, não era? - ela perguntou. Ele fez o suficiente por todos nós, ou assim pensou.

Ele se virou rápido.

- O que você quer dizer com isso?

- Bem, você não tem administrado o seu muito bem, tem?

- Eu faço o melhor que posso. Quem é você para me julgar? - ele perguntou. De súbito, com a luz do sol iluminando seu rosto, ele parecia assustadoramente mau.

- E quanto aos acionistas da Companhia de Navegação Stratford? Você fez o melhor para eles? Ou isto também está muito além do meu julgamento?

- Vá com cuidado, minha garota - disse ele. Aproximou-se dela. Deu um olhar arrogante para a múmia à sua esquerda, quase como se ela fosse uma outra presença, uma outra pessoa completa; e depois virou um pouco os ombros para a múmia e estreitou os olhos enquanto olhava para Julie. - Meu pai e eu somos os únicos familiares que lhe restam agora. Talvez você precise mais de nós do que você pensa. Afinal, o que você realmente sabe a respeito de negócios e navegação?

Curioso. Ele levantou uma boa questão e depois a arruinou. Ela precisava de ambos, mas não tinha nada a ver com negócios e navegação. Precisava deles porque eles eram seu sangue, e ao diabo os negócios e a navegação.

Não queria que ele visse a sua mágoa. Ela se virou e, cabisbaixa, olhou para as amplas salas de visitas geminadas, para as janelas opacas ao norte, na frente da casa, onde a manhã mal parecia estar acontecendo.

- Eu sei como somar dois e dois, querido primo disse ela. - E isso me colocou numa posição muito estranha e dolorosa.

Com alívio, viu Rita entrar pelo hall, as costas curvadas desconfortáveis enquanto carregava a pesada bandeja de prata com café. Deixou a bandeja na mesa de centro da sala de visitas dos fundos, apenas a uns poucos metros de Julie.

- Obrigada, querida. Por enquanto é só.

Com um olhar penetrante para a coisa do caixão, Rita saiu. E mais uma vez Julie estava sozinha com este momento de dor intensa. Devagar, se virou e viu que o primo estava em frente a Ramsés.

- Então vou direto ao assunto - ele disse, e se virou para encará-la. Afrouxou a gravata de seda, depois tirou-a e enfiou no bolso. Seu andar estava quase cambaleante ao se aproximar dela.

- Eu sei o que você quer - disse ela. - Eu sei o que você e o tio Randolph querem. E mais importante, eu sei o que vocês dois precisam. O que papai deixou para vocês não chega a cobrir seus débitos. Mas, meu Deus, você fez tantas besteiras.

- Tão hipócrita - disse Henry. Estava apenas a um passo dela agora, de costas para o sol brilhante e para a múmia. - A sufragista, a pequena arqueóloga. E agora você quer colocar a mão nos negócios, não quer?

- Vou tentar - ela disse, fria. A raiva dele acendeu a dela. - O que mais posso fazer? - perguntou. - Deixar tudo passar despercebido pelas mãos de seu pai! Deus, eu tenho pena de vocês!

- O que está tentando me dizer? - perguntou ele. Seu bafo fedia a álcool, e o rosto estava escuro com a barba por fazer. - Que irá solicitar nossas exonerações? É isso?

- Ainda não sei. - Deu as costas para ele. Caminhou até a sala de visitas da frente e abriu a secrétaire. Sentou-se em frente à secretárea e retirou seu talão de cheques. Destampou o tinteiro.

Ela podia ouvi-lo andar às suas costas enquanto ela escrevia o cheque.

- Diga-me, prima, é boa a sensação de ter mais do que jamais poderá gastar,

mais do que jamais poderá contar? E não ter feito nada para ter conseguido isso?

Ela se virou, olhos baixos, e deu-lhe o cheque. Levantou-se e foi para a janela da frente. Suspendeu a cortina de renda e olhou para a rua. Por favor, vá embora, Henry, ela pensou melancólica, desconsolada. Ela não queria magoar seu tio. Ela não queria magoar ninguém. Mas o que poderia fazer? Há anos sabia dos desfalques de Randolph. Ela e seu pai tinham discutido isso da última vez em que ela esteve no Cairo. E claro que Lawrence queria ter a situação sob controle, sempre quis. E agora, isso cabia a ela.

Virou-se de súbito. O silêncio a deixou apreensiva. Viu seu primo no salão egípcio. Estava olhando para ela, o olhar frio e aparentemente inexpressivo.

- E quando casar com Alex, vai nos deserdar também?

- Pelo amor de Deus, Henry. Vá embora e me deixe em paz.

Havia algo de atordoante na expressão dele, na rigidez de seu rosto. Ele não era mais jovem, era? Parecia velho em seus hábitos, sua culpa e sua autopiedade. Tenha piedade, ela pensou. O que você pode fazer para ajudá-lo? Dê-lhe uma fortuna e ela desaparecerá em quinze dias. Ela se virou de novo e olhou para a rua londrina de inverno.

Transeuntes matutinos. A ama-seca do outro lado da calçada com os gêmeos em seu carrinho de vime. Um homem idoso apressado com um jornal debaixo do braço. E o guarda, o guarda do Museu Britânico, andando calmamente na escada frontal, bem abaixo dela. E rua abaixo, em frente à casa do tio Randolph, Sally, a arrumadeira, sacudia o tapete na porta da frente porque estava certa de que ninguém estava acordado para ver.

Por que não havia nenhum som atrás dela, nas salas geminadas? Por que Henry não tinha saído enfurecido, batendo a porta da frente? Talvez tivesse, mas não, ela ouviu um barulhinho furtivo de repente, uma colher tocando a porcelana. O maldito café.

- Eu não sei como isso chegou a esse ponto - ela disse, ainda olhando para a rua a sua frente. - Fundos de crédito, salários, bônus, vocês tinham tudo, vocês dois.

- Não, tudo não, minha querida. Você tem tudo. Som de café sendo derramado. Pelo amor de Deus!

- Olhe, garota - ele disse, voz baixa e cansada. Eu não quero esta discussão mais do que você. Venha. Sente-se. Vamos tomar uma xícara de café juntos como pessoas civilizadas.

Ela não conseguia se mover. O gesto parecia mais sinistro do que a raiva dele.

- Venha e tome uma xícara de café comigo, Julie. Havia algum meio de fugir disso? Ela se virou, olhos abaixados, e foi em direção da mesa, levantando o olhar apenas quando parecia inevitável ver Henry a encarando com a xícara fumegante na mão estendida.

Havia algo de muito estranho nisso, no modo como ele oferecia a xícara a ela, na expressão peculiarmente vazia em seu rosto.

Mas isto durou não mais que um segundo. Pois o que ela viu atrás dele fez com que congelasse no caminho. A razão lutou contra aquilo, mas a indicação de seus sentidos era inegável.

A múmia estava se mexendo. O seu braço direito estava esticado, as faixas rasgadas penduradas nele, enquanto o corpo saía da caixa dourada! O grito congelou em sua garganta. A coisa estava vindo na direção dela - na direção de Henry, que estava de costas para múmia - movendo-se com um passo fraco, sorrateiro, o braço esticado à frente, a poeira levantando do linho apodrecido que a cobria, um forte cheiro de poeira e deterioração enchia o aposento.

- Que diabos deu em você? - Henry perguntou. Mas a coisa estava agora bem atrás dele. A mão esticada se aproximou da garganta de Henry.

O grito dela não saía. Petrificada, ela ouvia apenas um som agudo e seco por dentro, como os gritos impotentes de seus piores sonhos.

Henry se virou, as mãos erguidas pelo reflexo de se proteger, a xícara de café caiu com um estrépito na bandeja de prata. Um bramido baixo escapou-lhe dos lábios enquanto ele lutava com a coisa que o estrangulava. Seus dedos apertavam as faixas sujas; a poeira levantava em rajadas enquanto a criatura libertava o braço esquerdo das bandagens e buscava prender sua vítima com ambas as mãos.

Com um grito de terror, Henry se livrou da criatura e caiu de quatro. Num instante se pôs de pé, cambaleando pelo tapete. Passou rapidamente pela sala da frente e pelo piso de mármore do hall da frente até a porta.

Muda, apavorada, Julie olhou fixamente para a figura fantasmagórica que se ajoelhou ao lado da mesa de centro. A coisa estava ofegante, lutando para respirar. Ela mal ouviu a porta da frente abrir ou bater.

Nunca em toda sua vida tivera um momento tão destituído de razão. Tremendo violentamente, recuou horrorizada com aquela criatura esfarrapada, aquela coisa morta que ressuscitou, e parecia agora incapaz de se levantar.

Estava olhando para ela? Estavam aqueles olhos brilhando através das bandagens esfarrapadas? Olhos azuis? A coisa estendeu a mão para ela. Seu corpo foi tomado por um calafrio involuntário. Uma onda de tonteira a percorreu. Não desmaie. O que quer que aconteça, não desmaie.

De súbito, a coisa se virou. Olhou deliberadamente para seu caixão, ou era para a estufa onde a luz incidia através do telhado? Ele se deitou no tapete oriental, como se estivesse exausto, e depois esticou a mão como se em direção do grande fluxo de sol matinal.

Ela podia ouvir sua respiração novamente. Vivo! Bom Deus, vivo! Ele lutou para se mover para a frente, levantando um pouco o tronco robusto do tapete e se impulsionando com um arrastar lento dos joelhos.

Para fora da sala de visitas às escuras ele se arrastou, centímetro por centímetro, afastando-se dela, até alcançar os raios de sol mais distantes que penetravam na biblioteca. Lá ele parou. Parecia respirar fundo como se na realidade respirasse não o ar, mas a luz. Elevou-se um pouco mais, apoiado nos cotovelos, e recomeçou a arrastar-se na direção da estufa, com velocidade maior. As bandagens de linho penduradas pelas pernas. Havia uma trilha de poeira no tapete. As bandagens dos braços estavam caindo em pedaços. Fragmentos de linho desprendiam-se e pareciam se desintegrar na luz.

Sem uma decisão consciente, ela foi atrás dele, mantendo uma distância segura. Mas totalmente incapaz de parar de segui-lo, de olhar para ele como que encantada por seu progresso penoso através das portas da estufa.

Ele se movia para onde a claridade do sol era mais quente e, de repente, parou ao lado da fonte e deitou-se de costas. Esticou uma mão em direção ao teto de vidro e a outra caiu flácida sobre o peito.

Silenciosamente, Julie entrou na estufa. Ainda tremendo incontrolável, ela se aproximou mais e mais até estar fitando a coisa de cima.

O corpo estava se desenvolvendo com a luz do sol! Estava ficando ainda mais robusto a olhos vistos! Ela podia ouvir o som das faixas o libertando. Podia ver o peito levantar e abaixar com uma respiração regular.

E o rosto, meu Deus, o rosto. Havia olhos lá, grandes e brilhantes olhos azuis sob as bandagens finas. De súbito, ele levantou os braços e arrancou as bandagens. Sim, grandes e belos olhos azuis. Com outro movimento, ele arrancou as bandagens do crânio e soltou um tufo fino de cabelos castanhos.

Em seguida, ajoelhou-se com leveza e tranquilidade e mergulhou as mãos enfaixadas na fonte, levando com as mãos em forma de concha a água cintilante aos lábios. Bebeu muita água em goles de suspiros profundos. Depois, parou e olhou para ela, limpando a densa camada de fragmentos de linho do rosto.

Um homem olhando para ela! Um homem de olhos azuis, inteligente, olhando para ela!

O grito veio de novo, mas não foi pronunciado. Soltou apenas um suspiro suave. Ou foi um soluço? Ela percebeu que dera um passo para trás. A coisa levantava-se apoiada nos pés.

Ele se levantou totalmente agora e olhou calmo para ela, os dedos trabalhando quase distraídos limpando o resto das bandagens apodrecidas de sua cabeça como se fossem teias de aranha. Sim, a cabeça cheia de cabelos castanhoescuros, ondulados. Caíram até um pouco abaixo das orelhas, e agora cobriam levemente a testa. E os olhos demonstravam fascinação ao olhar para ela. Bom Deus, imagine! Fascinação ao olhar para ela!

Ela iria desmaiar. Tinha lido a respeito disso. Sabia o que era, embora nunca tivesse acontecido com ela. Mas suas pernas lhe fugiam literalmente e as coisas estavam ficando turvas. Não. Pare! Ela não podia desmaiar com aquela coisa olhando para ela.

Aquela era a múmia que ressuscitara!

Ela voltou ao salão egípcio, pernas tremendo; o corpo todo úmido, as mãos segurando com força o penhoar de renda.

Ele observou-a com curiosidade genuína quanto ao que ela pretendia fazer. Em seguida limpou mais bandagens do pescoço, ombros e peito. Seu peito largo e nu. Ela fechou os olhos, e depois abriu-os devagar. Ainda estava lá, com aqueles braços vigorosos e a poeira caindo dos cabelos castanhos brilhosos.

Ele deu um passo na direção dela. Ela recuou. Ele deu outro passo. Ela recuou mais ainda. Na verdade, ela estava atravessando toda a biblioteca de costas, e muito de repente sentiu a mesa de centro da segunda sala de visitas nas costas. Ela sentiu suas mãos tocarem a borda da bandeja de prata de café.

Com passos tranqüilos e silenciosos, ele se aproximava dela... aquela coisa, aquele belo homem com um corpo esplêndido e olhos azuis grandes e meigos.

Bom Deus, você está perdendo a razão! Não importa se ele é bonito! Ele tentou estrangular Henry! Rapidamente, deu a volta à mesa, tateando com as mãos esticadas para trás como se estivesse indo em direção às portas da sala de visitas da frente.

Ele parou quando alcançou a mesa. Olhou para baixo, para a cafeteira de prata e a xícara virada. Ele pegou alguma coisa da bandeja. O que era aquilo? Um lenço embolado. Henry o teria deixado ali? Inequivocamente, apontou para o café derramado e, depois, em uma voz suave, ressonante e caracteristicamente masculina falou:

- Venha e tome uma xícara de café comigo, Julie!

Sotaque britânico perfeito! Palavras familiares! Julie sentiu um choque percorrê-la. Não era um convite da coisa. Ora, era uma imitação de Henry. Precisamente a mesma entonação. Era o que Henry havia dito!

Ele segurava o lenço, que havia se desdobrado. Pó branco, brilhando como se estivesse cheio de cristais. Ele apontou para a fileira distante de jarros de alabastro. Estava faltando a tampa de um dos jarros! E de novo ele falou com o mesmo perfeito sotaque inglês:

- Beba seu café, tio Lawrence.

Um gemido saiu dos lábios dela. O significado era evidente. Ela permaneceu lá, atônita, as palavras ecoando na cabeça. Henry tinha envenenado seu pai e esta criatura tinha testemunhado. Henry tinha tentado envenená-la. Com toda sua imaginação ela tentava negar isso. Tentava achar alguma explicação que provasse que não tinha sido desta forma. Mas ela sabia que tinha sido. Com tanta certeza quanto sabia que a coisa estava viva, respirando e ocupando o espaço diante dela, e que era o imortal Ramsés que veio à vida saído daquelas faixas deterioradas, e estava de pé diante dela na sala de visitas com o sol às costas.

As pernas lhe faltavam. Não havia como impedir. E a escuridão a cercava. Sentiu-se escorregar. Ela viu a figura alta correr para a frente, e sentiu os braços fortes a pegarem, levantarem e sustentarem firmemente, de forma que ela se sentiu quase segura.

Ela abriu os olhos, e olhou para o rosto da coisa. Não, para o rosto do homem. Seu belo rosto. Ela ouviu o grito de Rita vindo do hall. E a escuridão surgiu novamente.

- Que diabos você está dizendo? - Randolph não estava totalmente acordado. Esforçou-se para sair das cobertas emboladas e alcançar o roupão de seda amarrotado ao pé da cama. - Você está me dizendo que deixou sua prima lá, sozinha na casa com aquela coisa!

- Eu estou lhe dizendo que aquilo tentou me matar! - Henry gritou como um louco. - E isto que estou lhe dizendo! A coisa maldita saiu do caixão e tentou me estrangular com sua mão direita!

- Diabos, onde estão meus chinelos?! Ela está sozinha naquela casa, seu idiota!

Descalço, ele correu para o hall e desceu as escadas, o roupão inflando atrás dele.

- Corra, seu imbecil! - gritou para o filho, que hesitava no topo da escada.

Ela abriu os olhos. Estava sentada no sofá e Rita a abraçava. Rita a estava machucando. Rita choramingava baixinho.

E havia a múmia, lá, em pé. Nada disso era imaginação. Nem o tufo de cabelos escuros caído em sua testa larga e lisa. Nem seus olhos azuis muito sombrios. Ele tinha tirado mais daquele tecido apodrecido que o cobria. Estava nu até a cintura, um deus, parecia no momento. Especialmente com aquele sorriso. Aquele sorriso cálido e envolvente.

Os cabelos pareciam se mover enquanto ela olhava para ele, como se estivesse crescendo diante de seus olhos. Estava mais cheio e brilhante do que antes de ela desmaiar. Mas, em nome de Deus, o que ela estava fazendo, olhando fixamente para os cabelos daquela criatura!

Ele se aproximou um pouco mais. Os pés nus estavam livres das incômodas faixas.

- Julie - ele disse suave.

- Ramsés - ela murmurou em resposta.

A criatura assentiu o sorriso se abrindo.

- Ramsés! disse enfático, e fez uma reverência muito sutil com a cabeça.

Bom Deus, ela pensou, este não é apenas um homem dotado de beleza; é o homem mais bonito que eu já vi.

Atônita, ela se forçou a ficar de pé. Rita a segurou, mas ela afastou-a. Então, a múmia - o homem - se aproximou, pegou sua mão e ajudou-a a ficar de pé.

Os dedos eram quentes, empoeirados. Quando percebeu, estava olhando fixo seu rosto. Pele como a pele de qualquer outro ser humano, apenas mais lisa, e talvez mais suave e de uma cor mais intensa - como a de um homem que estivera correndo, as faces levemente ruborizadas.

Ele virou a cabeça rápido. Ela também ouviu. Vozes lá fora; discussão. Um carro parou em frente à casa.

Rita correu rápida e desajeitada para a janela como se a múmia fosse impedi-la.

- é a Scotland Yard, senhorita, graças a Deus!

- Não, isso é um desastre! Tranque a porta imediatamente.

- Mas, senhorita!

- Feche, agora!

Rita correu para obedecer a ordem. Julie pegou a mão de Ramsés.

- Venha comigo lá para cima, imediatamente - disse a ele. - Rita, ponha a tampa no caixão. Não pesa quase nada. Feche-o rápido e venha.

Tão logo passou o ferrolho pela porta, eles bateram e tocaram a campainha. O som agudo tinindo dos fundos da casa assustou Ramsés. Seus olhos se moveram rápido para o teto e para os fundos da casa como se tivesse ouvido o som percorrendo o fio até a parede da cozinha.

Julie puxou-o com cuidado mas urgentemente, e para sua surpresa ele a seguiu facilmente ao subirem a escada.

Ela podia ouvir Rita dando gritinhos de aflição. Mas fazia o que Julie mandara. Ela ouviu o baque da tampa do caixão sendo posta no lugar.

E Ramsés olhava o papel de parede, os retratos emoldurados, para a prateleira de bugigangas aconchegada a um canto no topo da escada. Ele estava olhando para a janela de vidro manchado. Olhou para o tapete de lã com motivo de penas e folhas entrelaçadas.

As pancadas estavam ficando totalmente insuportáveis. Julie podia ouvir seu tio Randolph chamando por ela.

- O que devo fazer, senhorita? - Rita gritou.

- Suba imediatamente. - Ela olhou para Ramsés que a observava com uma estranha mistura de paciência e divertimento. - Você parece normal - murmurou. - Perfeitamente normal. Bonito, mas normal. - Ela o puxou lá para baixo, para a entrada. - A banheira, Rita! - gritou quando Rita apareceu tremendo e nervosa, atrás dele. Rápido. Abra a torneira.

Ela o levou em direção à frente da casa enquanto Rita corria para os fundos. Eles tinham parado com as pancadas por um minuto. Ela podia ouvir o ranger da chave na fechadura. Mas o ferrolho... graças a Deus! As pancadas começaram de novo.

Ramsés estava realmente sorrindo para ela agora, como se estivesse prestes a rir. Olhava atentamente o interior dos quartos ao passar por eles. De súbito, viu o lustre elétrico pendurado em sua corrente empoeirada no teto. Os pequenos bulbos de luz pareciam fracos e opacos à luz do dia, mas estavam acesos. Ele apertou os olhos para estudá-los, resistindo a ela suavemente, pela primeira vez.

- Mais tarde você vê isso! - ela disse em pânico. A água estava rugindo dentro da banheira. O vapor saía por baixo da porta.

Ele tornou a assentir educadamente, erguendo de leve as sobrancelhas e a seguiu para o banheiro. Os azulejos brilhantes pareciam agradá-lo. Ele se virou devagar para a janela e contemplou a luz do sol cintilando no vidro coberto de neve. Com cuidado ele examinou o trinco e abriu a janela, empurrando para fora pelos dois lados até que pudesse ver o telhado se expandir na sua frente e o céu matinal brilhante.

- Rita, as roupas do papai -Julie disse sem fôlego. Eles iam pôr aquela porta abaixo a qualquer minuto. - Corra, traga o roupão, os chinelos, uma camisa, tudo que você puder trazer já.

Ramsés ergueu o queixo e fechou os olhos. Ele estava se embebendo da luz solar. Julie via seus cabelos se movendo muito de leve; pequenas mechas curvaram sobre a testa. Os cabelos pareciam ficar mais cheios. Estavam ficando mais cheios.

É claro. Foi isso que o acordou do sono, ela pensou. O sol! E ele estava muito fraco para fazer mais do que lutar com Henry. Teve que se arrastar até a luz do sol antes de recuperar sua energia total.

Houve gritos de ”Polícia” vindo lá debaixo. Rita veio correndo com um par de chinelos na mão e uma pilha de roupas sobre o braço.

- Há repórteres lá fora, senhorita; uma multidão deles, a Scotland Yard, o seu tio Randolph...

- Sim, eu sei. Desça agora e diga a eles que já estamos indo, mas não retire o ferrolho!

Julie pegou o roupão de seda e a camisa branca e os colocou no cabide. Tocou o ombro de Ramsés.

Ele se virou e olhou para ela. O imediato calor do seu sorriso a surpreendeu.

- Britannia - ele disse suave. Seus olhos se moviam da direita para a esquerda como se para circundar o ponto em que estava.

- Sim, Britannia. - ela disse. Uma tontura repentina e adorável tomou conta dela. Ela apontou para a banheira.

- Lavarei - Não significa lavar?

Ele afirmou com a cabeça. Seus olhos absorviam tudo ao seu redor: as torneiras de metal, o vapor subindo da banheira funda. Ele olhou para as roupas.

- Para você! - ela disse, apontando para o roupão e depois para Ramsés. Oh, se pelo menos ela conseguisse lembrar em latim. - Vestimentas. - Ela disse desesperada.

E então ele realmente riu. Suave, amável, indulgente. E ela se viu petrificada de novo, olhando para ele, para a beleza serena e vislumbrante de seu rosto. Até mesmo os dentes brancos que tinha, a pele perfeita e a maneira dominadora peculiar ao olhar para ela eram adoráveis. Mas ele era Ramsés, o Grande, não era? Ela iria desmaiar de novo se não parasse com isso.

Ela recuou até a porta.

- Veste! - ela disse. - Lavarei.

Ela fez gestos suplicantes com ambas as mãos. Ameaçou sair, e subitamente, a vigorosa mão direita dele segurou o pulso dela.

O coração dela parou inteiramente.

- Henry! - ele disse baixinho. Seu rosto ficou com um ar de ameaça, mas não para ela.

Lentamente ela conteve a respiração. Podia ouvir Rita gritando para os homens pararem de bater. Alguém estava gritando em resposta da rua.

- Não, não se preocupe com Henry. Agora não. Eu cuidarei de Henry, pode ter certeza - Ah, mas ele não entenderia isso. Mais uma vez gesticulou pedindo paciência, clemência, e então tirou suavemente a mão dele do seu pulso. Ele balançou a cabeça afirmativamente, e a deixou ir. Ela se virou de costas de novo> fechou a porta, correu para o hall e desceu a escada.

- Deixe-me entrar, Rita! - Randolph gritava. Julie quase tropeçou no último degrau. Correu para a

sala de visitas. A tampa estava no lugar, no caixão! Eles veriam a fraca trilha de poeira no chão? Mas ninguém acreditaria nisso! Ela não teria acreditado!

Ela parou, fechou os olhos, respirou fundo, e depois disse a Rita que fosse em frente e abrisse a porta.

Ela se virou, uma expressão severa estampada no rosto e observou enquanto seu tio Randolph, desgrenhado e descalço, vestido somente de camisolão, entrava no aposento. O guarda do museu estava logo atrás dele e dois cavalheiros que pareciam ser policiais à paisana, embora ela não soubesse exatamente por quê.

- Qual é o problema? Vocês me acordaram de um sono profundo no sofá. Que horas são? - Ela olhou ao redor, confusa. - Rita, o que está acontecendo?

- Estou certa de que não sei, senhorita! - Rita quase gritou. Julie gesticulou para que ficasse quieta.

- Ah, minha querida, eu estava apavorado - Randolph respondeu. - Henry disse...

- Sim? O que Henry disse?

Os dois cavalheiros em sobretudo estavam olhando para o café derramado. Um deles observava o lenço aberto e o pó branco espalhado pelo chão. Como se parecia com açúcar visto à luz do sol! E lá estava Henry, de súbito, parado na porta do hall.

Ela olhou para ele por um momento silencioso de raiva. Matou meu pai! Mas não podia se permitir sentir isso justo agora. Não podia se permitir acreditar nisso ou ficaria louca. Ela o viu de novo em suas lembranças, segurando aquela xícara de café para ela; viu sua expressão pétrea, seu rosto pálido.

- Qual é o problema com você, Henry? - ela perguntou, fria, contendo o tremor na voz. - Você saiu daqui há meia hora como se tivesse visto um fantasma.

- Você sabe muito bem o que aconteceu - murmurou ele. Estava lívido e suava. Pegou seu lenço e limpou o lábio superior; suas mãos tremiam tanto que ela podia ver.

- Contenha-se - disse Randolph, virando-se para o filho. - Que diabos você está vendo agora?

- A questão é, senhorita - disse o mais baixo dos homens da Scotland Yard - , há algum tipo de intruso nesta casa?

Voz e modos de cavalheiro. Ela estava perdendo o medo. Podia sentir sua convicção voltando enquanto falava.

- Na verdade não, senhor. Meu primo viu um intruso? Henry, você deve estar com a consciência pesada. Está tendo alucinações. Eu não vi ninguém aqui.

Randolph olhou furioso para Henry. Os homens da Scotland Yard pareciam confusos.

Quanto a Henry, ele estava furioso. Olhou para ela como se quisesse estrangulá-la com suas mãos. E ela retribuiu direto o olhar, pensando friamente, você matou meu pai. Você teria me matado.

Nós não sabemos como nos sentiríamos em tais momentos. Não podemos saber, ela pensou. Só sei que odeio você, e nunca odiei nenhum outro ser humano em minha vida.

- O estojo da múmia! - Henry falou de repente, sem pensar. Agarrou-se à porta como se não ousasse entrar na sala. - Eu quero ver aquele estojo de múmia aberto agora.

- Você está realmente passando dos limites. Ninguém vai tocar naquele estojo da múmia. Ele contém uma relíquia inestimável, que pertence ao Museu Britânico e não deve ser exposta ao ar.

- Que diabos você quer dizer com isso? - ele gritou. Estava ficando histérico.

- Fique quieto - Randolph disse para ele. – Já ouvi o suficiente!

Havia barulho do lado de fora, vozes. Alguém tinha percorrido todo o caminho até a escada e estava observando atentamente através da porta da frente.

- Henry, eu não quero esta confusão na minha casa - Julie disse em poucas palavras.

O homem da Scotland Yard estudou Henry friamente.

- Senhor, se a madame não quer a investigação do local...

- Realmente não quero -Julie respondeu. - Acho que seu tempo já foi suficientemente desperdiçado. Como podem ver, não houve nenhum distúrbio aqui.

E claro que a xícara de café estava caída na baixela de prata e o lenço no chão, mas ela fincou pé na decisão friamente, os olhos passando de Henry para o oficial. E depois para o outro oficial que a escrutinava um pouco cuidadoso demais, embora não dissesse uma palavra.

Nenhum deles via o que ela via - a figura de Ramsés descendo a escada devagar. Eles não o viram atravessar o hall da frente e silenciosamente entrar no aposento. Isto é, até que Julie não pôde desviar o olhar dele, os outros

perceberam e se viraram para ver a fonte de sua fascinação: o homem alto de cabelos castanhos em um roupão de seda cor de vinho, em pé na porta.

Ela olhava para ele, sem fôlego. Majestoso. Era assim que todos os reis deviam ser. Porém ele parecia ser de outro mundo, como se sua corte tivesse sido um lugar de superhomens. Homens de força incomum e porte imponente, com olhos vivos e penetrantes.

Até mesmo o roupão com suas lapelas de cetim ficava exótico nele. Os chinelos eram como de uma tumba antiga. A camisa branca que vestia estava desabotoada, no entanto, parecia curiosamente ”normal”, talvez porque sua pele tinha aquele brilho vigoroso, porque estufava o peito levemente para frente e mantinha os pés firmemente plantados no chão com uma tranquilidade que nenhum homem moderno ostentaria. Esta era a postura que ordenava subserviência, mas não havia nada de arrogante em sua expressão. Ele apenas olhava para ela e para Henry, que tinha corado até às raízes dos cabelos pretos.

Henry olhava fixo para a camisa aberta. Olhava fixo para o anel de escaravelho que Ramsés usava na mão direita. Os dois inspetores o observavam. E Randolph parecia estar totalmente confuso. Teria reconhecido o roupão que dera a seu irmão? Rita recuou contra a parede e cobriu a boca com as mãos.

- Tio Randolph – Julie disse dando um passo para frente. - Ele é um grande amigo de papai e acabou de chegar do Egito. Um egiptólogo que papai conhecia muito bem. Ah... Sr. Ramsey, Reginald Ramsey. Quero que conheça meu tio Randolph Stratford, e esse é seu filho Henry...

Ramsés estudou Randolph e depois deslocou os olhos para Henry de novo. Henry estava encarando Ramsés, estupidamente. Julie fez um pequeno gesto para Ramsés pedindo paciência.

- Acho que não é hora de uma reunião social - disse embaraçada. - De fato, estou muito cansada. Fui apanhada de surpresa por tudo isso...

- Bem, senhorita Stratford, talvez tenha sido este cavalheiro que seu primo viu - disse o brilhante policial.

- Oh, é muito provável que tenha sido. Mas eu preciso cuidar do meu convidado. Ele ainda não fez o desjejum. Eu devo...

Henry sabia! Podia perceber. Ela se esforçava para dizer algo polido e apropriadamente sem sentido. Que já passava das oito horas. Que ela estava com

fome. Henry estava encolhido em um canto e Ramsés olhava fixo para ele enquanto passava por trás dos dois homens da Scotland Yard, indo na direção do lenço, e agora, com um gesto rápido e gracioso o apanhando do chão. Ninguém viu além de Julie e Henry. Olhando fixo e penetrante para Henry, Ramsés pôs o lenço no bolso do roupão.

Randolph a observava em total perplexidade. Um dos homens da Scotland Yard estava bastante aborrecido.

- Você está bem, minha querida? - perguntou Randolph. - Tem certeza?

- Oh, sim. Decerto. - Ela se aproximou dele de imediato, e pegando seu braço o guiou até a porta. Os homens da Scotland Yard os seguiram.

- Meu nome é inspetor Trent, madame - disse o falante. - E este é o meu parceiro, sargento Galton. A senhorita deve nos chamar se precisar.

- Sim, é claro - disse ela. Henry parecia estar à beira de uma explosão. De repente ele saiu às pressas, quase esbarrando nela. Passou precipitado pela porta aberta e através da multidão reunida nos degraus.

- Era a múmia, senhor? - alguém gritou. - Você viu a múmia andar?!

- Era a maldição?!

- Senhorita Stratford, você está ilesa!

Os homens da Scotland Yard saíram instantaneamente, e o inspetor Trent ordenou que a multidão dispersasse imediatamente.

- Ora, que diabos aconteceu com ele? - Randolph murmurou. - Não estou entendendo nada.

Julie apertou o braço dele. Não, ele não devia saber o que Henry fizera. Ele jamais teria feito alguma coisa para magoar seu pai, realmente não. Mas como ela podia ter certeza? Num impulso ela o beijou. Colocou a mão atrás do pescoço do tio, e beijou seu rosto.

- Não se preocupe, tio Randolph - ela disse de repente. Sentiu vontade de chorar.

Randolph balançou a cabeça. Estava humilhado, até mesmo um pouco amedrontado. Ela se sentiu triste por ele, ao vê-lo partir. Mais triste do que já se

sentira por qualquer outra pessoa em sua vida. Não lembrou de que ele estava descalço antes de ele ter percorrido metade do caminho, descendo a rua. Os repórteres o seguiam. Como os homens da Scotland Yard já tinham partido de carro, dois repórteres retornaram e ela que se retirou rápido, batendo a porta. Ela olhou pelo vidro a figura distante do tio, que subiu apressado os degraus da própria casa.

Em seguida, devagar, ela se virou e voltou para a sala da frente.

Silêncio. O fraco murmúrio da fonte na estufa. Um cavalo trotando rápido na rua. Rita tremendo num canto, as mãos irrequietas dando nós no avental.

E Ramsés, imóvel, no meio da sala. Os braços cruzados, olhando para ela, os pés um pouco mais afastados do que antes. O sol era uma névoa dourada e cálida atrás dele, deixando uma sombra em seu rosto. O brilho profundo de seus olhos era quase tão atraente quanto o intenso reflexo de seu cabelo abundante.

Pela primeira vez ela entendeu o simples significado da palavra real. E lembrou de uma outra palavra, bastante incomum, porém perfeitamente apropriada. Era gracioso. E lhe ocorreu que nem uma pequena parte de sua beleza era a sua expressão. Ele parecia ser admiravelmente inteligente e admiravelmente curioso, embora fosse absolutamente calmo, tudo ao mesmo tempo. Sobrenatural, porém perfeitamente normal. Mais que humano; mas humano ainda assim.

Ele simplesmente olhava para ela. As dobras fundas do roupão de cetim grande e pesado ondulavam muito levemente com a corrente suave de ar quente que vinha pelas portas da estufa.

- Rita, deixe-nos - murmurou ela.

- Mas, senhorita...

- Vá.

Silêncio novamente. Então ele caminhou em sua direção. Nenhum sinal de sorriso; apenas uma leve seriedade, os olhos um pouco mais abertos enquanto ele parecia estudar-lhe o rosto, os cabelos, o vestido.

Como deve lhe parecer este penhoar de renda fina?, ela pensou de súbito. Bom Deus, será que ele pensa que as mulheres desta época vestem essas coisas na casa e na rua? Mas ele não olhava a renda. Olhava o formato dos seios dela

sob a seda solta, o contorno de seus quadris. Olhou novamente para o rosto dela e não havia como negar sua expressão. Subitamente ele se apaixonara. Ele se aproximou e estendeu as mãos para os ombros dela. E ela sentiu-lhe os dedos cálidos apertando.

- Não - ela disse.

Balançou enfaticamente a cabeça e deu um passo para trás. Endireitou os ombros, tentando não admitir o medo, ou o calafrio súbito e delicioso que lhe subiu pela espinha e desceu pelos braços.

- Não - ela repetiu com um leve toque de desaprovação.

E, diante de seus olhos, no limite do medo, o calor nos seios que a assombrava, ele assentiu, recuou e sorriu. Fez um pequeno gesto de abertura com as mãos. Falou uma pequena expressão em latim. Ela entendeu seu próprio nome, a palavra Regina, e a palavra que ela sabia significar casa. Julie é uma rainha em sua casa.

Ela assentiu.

Seu suspiro de alívio era impossível de disfarçar. Estava tremendo toda. Será que ele percebia? Claro.

Ele fez um gesto inquisitivo:

- Panis, Julie - ele sussurrou. - Vinum. Panis. Estreitou os olhos, como se procurasse a palavra adequada.

- Edere - murmurou, e fez um gesto gracioso aos lábios.

- Ah! Sei o que você está dizendo. Comida, você quer comida. Quer vinho e pão. - Correu até a porta. - Rita chamou. - Ele está com fome, Rita, precisamos dar-lhe algo para comer agora mesmo.

Ela se virou para vê-lo novamente sorrindo para ela, com aquele grande calor afetuoso que vira no andar de cima. Ele gostava de olhar para ela, não gostava? Se ele soubesse que ela o achava quase irresistível, que um momento antes ela quase o enlaçara nos braços e... - melhor não pensar nisso. Não, não devia pensar nisso de maneira alguma.

Elliott estava sentando na cadeira de braços, olhando de frente o carvão queimando na lareira. Estava o mais perto que podia da grade, os pés metidos em

chinelos sobre o guardafogo. Ouvia Henry, oscilando entre a impaciência e uma fascinação inesperada. A vingança de Deus sobre Henry fora quase completa por seus pecados. Henry era um escândalo.

- Você deve ter imaginado! - disse Alex.

- Mas estou lhe dizendo que aquela maldita coisa saiu do estojo de múmia e foi atrás de mim. Ela me estrangulou. Eu senti a mão dela em mim; eu olhei seu rosto sujo enrolado nas bandagens.

- Definitivamente imaginou - disse Alex.

- Imaginei o diabo!

Elliott levantou os olhos para os dois jovens a um canto do revestimento à sua direita. Henry, sem se barbear, trêmulo, o copo de scotch na mão. E Alex, imaculado, as mãos limpas como as de uma freira.

- E esse sujeito egiptólogo, você está dizendo que ele e a múmia são a mesma pessoa? Henry, você esteve fora a noite toda, não esteve? Esteve bebendo com aquela garota do Music Hall. Você esteve...

- Bem, de onde diabos o bastardo veio se ele não é a múmia?

Elliott riu suavemente. Mexeu nos carvões com a ponta de sua bengala de prata.

Henry continuava inabalável.

- Ele não estava lá a noite passada! Ele desceu as escadas no roupão de banho do tio Lawrence! E vocês nunca viram esse homem! Ele não é um homem qualquer. Qualquer um que olhe para ele pode dizer que ele não é comum.

- Ele está sozinho lá agora? Com Julie?

Alex, alma ingênua, custou tanto a encaixar as coisas.

- É o que eu estou tentando lhes dizer, meu Deus! Não há ninguém em Londres que me escute? - Henry tomou o scotch de um gole, foi até a mesinha e tornou a encher o copo. - E Julie o está protegendo. Julie sabe o que aconteceu. Ela viu a coisa ir na minha direção!

- Você está prestando um desserviço a si mesmo com essa história - Alex disse com gentileza. - Ninguém vai acreditar...

- Você sabe daqueles papiros, daqueles rolos - Henry falou apressado. - Eles falavam em alguma espécie de coisa imortal. Lawrence falava sobre isso com aquele tal de Samir, alguma coisa sobre Ramsés Segundo vagando por mil anos...

- Pensei que fosse Ramsés, o Grande - interrompeu Alex.

- São a mesma coisa, seu imbecil. Ramsés Segundo, Ramsés, o Grande, Ramsés, o Maldito. Estava tudo nos rolos, estou lhe dizendo: sobre Cleópatra e esse Ramsés. Você não leu nos jornais? Pensei que o tio Lawrence estivesse ficando de miolo mole por causa do calor.

- Acho que você precisa de um descanso, possivelmente num hospital. Toda essa conversa sobre maldição...

- Diabos, vocês não estão me entendendo! É pior do que uma maldição. A coisa tentou me matar. Ela se moveu, estou lhes dizendo. Está viva.

Alex olhou para Henry com um olhar mal disfarçado de repulsa. O mesmo olhar que ele reserva para jornais, Elliott pensou irritado.

- Vou ver Julie. Pai, se me der licença...

- Claro, é exatamente o que você devia fazer. - Elliott tornou a olhar para o fogo. - Informe-se sobre esse egiptólogo. De onde ele veio. Ela não devia ficar sozinha naquela casa com um estranho. É absurdo.

- Ela está sozinha naquela casa com a maldita múmia! - grunhiu Henry.

- Henry, por que é que você não vai para casa e dorme um pouco? - Alex perguntou. - Vejo o senhor depois, pai.

- Seu maldito covarde!

Alex ignorou o insulto. Parecia um insulto surpreendentemente fácil de se ignorar. Henry esvaziou o copo novamente e voltou à mesinha.

Elliott ouviu o tilintar da garrafa contra o copo.

- E este homem, este misterioso egiptólogo, você sabe o nome dele? - perguntou.

- Reginald Ramsey, tente esse. Sou capaz de jurar que ela inventou na hora.

- Voltou ao revestimento, apoiando o cotovelo nele, com uma coqueteleira cheia de scotch, que bebericou devagar, os olhos desviando-se ansiosos quando Elliott olhou para ele. - Não o ouvi falar uma palavra de inglês; e o senhor devia ter visto o olhar dele. Estou lhe dizendo: você tem que fazer alguma coisa!

- Sim, mas precisamente o quê?

- Como diabos eu vou saber? Pegue a maldita coisa, é isso!

Elliott deu uma risada.

- Se esta coisa, ou pessoa, ou o que seja, tentou estrangular você, por que Julie a está protegendo? Por que não a estrangulou?

Henry ficou olhando para a frente por um momento, os olhos vazios. Tomou outro grande gole do copo. Elliott o olhava friamente. Louco não. Não. Histérico, mas não louco.

- O que estou perguntando - Elliott disse suavemente - é por que ela iria tentar machucar você?

- Que inferno, é uma múmia, não é? Eu era o único que estava bisbilhotando lá naquele túmulo maldito! Julie não. Eu achei Lawrence morto na maldita tumba...

Henry parou, como se tivesse acabado de perceber alguma coisa. O rosto não estava mais vazio; estava num visível estado de choque.

Seus olhos se encontraram, mas só por um momento. Elliott olhou para a lareira. Este é o jovem pelo qual um dia me importei, pensou ele, que um dia acariciei com carinho e paixão; que um dia amei. E agora ele está chegando ao fim de alguma coisa, o fim. E a vingança devia ser doce, mas não é.

- Escute - disse Henry. Estava quase gaguejando. Existe alguma coisa confusa nisso tudo, alguma espécie de explicação existe. Mas a coisa, seja o que for, tem que ser detida. Pode ter lançado uma espécie de feitiço em Julie.

- Sei.

- Não, você não sabe. Você acha que eu sou louco. E me despreza. Sempre me desprezou.

- Não, nem sempre.

Uma vez mais trocaram olhares. O rosto de Henry agora estava molhado de transpiração. Seus lábios tremiam levemente, e então ele desviou o olhar.

Profundamente desesperado, Elliott pensou. Não tem onde se esconder de si mesmo, esta é a questão.

- Bem, o que quer que você pense - disse Henry -, não vou passar outra noite naquela casa. Vou mandar enviarem minhas coisas para o clube.

- Você não pode deixá-la sozinha lá. Não é adequado. E na ausência de um compromisso formal entre Julie e Alex, não posso interferir de forma adequada.

- Com os diabos que não pode. E para o diabo que não vou onde quiser. Estou lhe dizendo que lá não fico.

Ouviu Henry voltar-se para ir embora. Ouviu o vidro batendo forte na mesinha de topo de mármore. Ouviu os passos pesados afastando-se, deixando-o sozinho.

Elliott recostou-se no encosto de damasco. Ouviu um ressoar fraco que significava que a porta da frente havia sido batida.

Ele tentou ver todo o incidente em perspectiva, Henry indo ali porque Randolph não acreditava nele. Que história estranha para um rapaz inventar, mesmo um rapaz tão louco e desesperado quanto Henry. Não fazia sentido algum.

- Amante de Cleópatra - ele murmurou. - Guardião da casa real do Egito. Ramsés, o Imortal. Ramsés, o Maldito.

Subitamente ele queria ver Samir novamente. Falar com ele. Naturalmente que a história era ridícula, mas... Não. Toda a questão era que Henry estava se deteriorando mais rapidamente do que se poderia ter previsto. No entanto, ele queria que Samir soubesse disso.

Pegou o relógio de bolso. Ora, ainda era muito cedo. Tinha ainda bastante tempo antes dos compromissos da tarde. Se pudesse se levantar daquela cadeira...

Plantara a bengala firmemente nas pedras da lareira à sua frente quando ouviu o passo macio da esposa no tapete próximo à porta. Tornou a afundar na cadeira, aliviado porque não sentiria essa dor excruciante por muito tempo mais,

e então ergueu os olhos para ela.

Sempre gostara da esposa; e agora, no meio de sua vida, descobrira que a amava. Mulher de elegância impecável e charme sutil, ela parecia imune ao tempo, talvez porque não o atraísse eroticamente. Mas ele sabia que ela era doze anos mais velha, e portanto era velha, e isso o perturbava porque ele tinha medo de envelhecer, e tinha medo de perdê-la.

Sempre a admirara, gostava de sua companhia; e precisava desesperadamente de seu dinheiro. Ela nunca se importou com isso. Apreciava o charme dele, suas ligações sociais, e lhe perdoava as excentricidades secretas.

Ela sempre soube que havia alguma coisa de errado com ele fílosoficamente, que ele era ”a ovelha desgarrada do rebanho’ ’, totalmente por simpatia a seus pares, amigos e inimigos. Mas ela jamais fizera disso um escândalo. Sua felicidade não dependia da felicidade dele, ao que parecia; e era eternamente grata por ele continuar na vida social, e não ter fugido, como Lawrence Stratford, para viver no Egito.

Ele agora estava muito inválido devido à artrite para lhe ser infiel, e às vezes se perguntava se isso era um alívio para ela, ou se a deixava triste. Não fazia ideia. Ainda dividiam o leito matrimonial, e provavelmente sempre o fariam, embora nunca houvesse qualquer urgência ou necessidade real, exceto que nos últimos tempos ele estava muito consciente de que dependia dela e a amava profundamente.

Estava feliz por ela estar em casa. Amenizava a dor pela morte de Lawrence. Mas é claro que teria de recuperar seu colar de diamantes muito rápido, e o fato de que Randolph prometera pagar-lhe amanhã de manhã o dinheiro pelo qual havia penhorado a coisa era um grande alívio. Edith lhe parecia especialmente bonita agora em seu novo traje parisiense de lã verde. Ela possuía um ar elegante, a não ser pelos cabelos prateados cheios, que pareciam mais adoráveis ainda por causa da severidade das roupas e da ausência de quaisquer jóias. Ela jamais usava os diamantes que ele emprestara, a não ser para comparecer em bailes. Ele se orgulhava do fato de que ela era uma mulher bonita para a sua idade, e invariavelmente impressionante. As pessoas gostavam dela ainda mais do que dele, o que era como devia ser.

- Vou sair por um instante - ele disse a ela. - Uma pequena tarefa. Você nem vai sentir minha falta. Volto em tempo para o almoço.

Ela não respondeu. Sentou-se na poltrona otomana ao seu lado, colocou a mão sobre a dele. Como era suave o toque. As mãos dela eram as únicas partes do corpo que revelavam inquestionavelmente a idade.

- Elliott, você penhorou novamente meu colar - ela disse.

Ele ficou envergonhado. Não disse nada.

- Eu sei que você fez isso por Randolph. As dívidas de Henry novamente. Sempre a mesma história.

Ele olhou para os carvões à sua frente. Não respondeu. Afinal, o que havia para dizer? Ela sabia que estava seguro nas mãos de um joalheiro conhecido dos dois, que o adiantamento havia sido relativamente pequeno: fácil para ela lidar, mesmo se Randolph não devolvesse o dinheiro.

- Por que você não falou comigo e disse que precisava de dinheiro? - ela perguntou.

- Nunca foi fácil fazer isso, minha querida. Além do mais, Henry tem tornado as coisas muito difíceis para Randolph.

- Eu sei. Eu sei que você quis ajudar, como de costume.

- Por mais vulgar que possa parecer, um empréstimo por um colar de diamantes é um preço pequeno a se pagar pelos milhões dos Stratford. E é onde estamos, minha querida, tentando fazer um bom casamento, como se diz, para nosso filho.

- Randolph não pode persuadir sua sobrinha a se casar com Alex. Ele não tem nenhuma influência sobre ela. Você emprestou o dinheiro porque sentiu pena de Randolph. Porque ele é seu velho amigo.

- Talvez seja verdade.

Ele suspirou. Não olhava para ela.

- Talvez, de alguma forma, eu me sinta responsável - ele disse.

- Como você poderia ser responsável? O que você tem a ver com Henry e o que aconteceu com ele? - perguntou ela.

Ele não respondeu. Pensou no quarto de hotel em Paris, e no olhar angustiado nos olhos de Henry quando sua tentativa de extorsão falhou. Estranho

como tudo era claro para ele, a mobília daquele quarto. Mais tarde, quando descobriu o furto da cigarreira e do dinheiro, pensara: preciso me lembrar disso; preciso me lembrar de tudo. Isso não deve mais acontecer comigo.

- Desculpe quanto ao colar, Edith - ele murmurou, com a dor súbita do pensamento de que ele havia roubado da esposa como Henry roubara dele. Descobriu-se sorrindo para ela, até mesmo piscando, flertando um pouco como sempre fazia. Encolheu levemente os ombros para ela.

Ela recebeu tudo isso com um sorrisinho malicioso. Anos atrás ela teria dito, ”Não banque o menino mau comigo.” O fato de não dizer mais isso não queria dizer que não o achasse charmoso.

- Randolph tem o dinheiro para cobrir o empréstimo agora - ele assegurou, mais sério.

- Não é necessário - ela murmurou. - Deixe isso comigo. - E agora ela se levantava lentamente e esperava. Ela sabia que ele podia usar sua ajuda para se levantar. E, por mais que isso o humilhasse, ele também sabia.

- Onde você vai? - ela perguntou ao estender as mãos para ele. Falar com Samir Ibrahaim, no museu.

- Essa múmia novamente.

- Henry apareceu com uma história muito estranha.

– Alex, meu querido - disse ela, pegando ambas as mãos nas suas. - O senhor Ramsey era um bom amigo de papai. Não há problema em que fique aqui.

- Mas você está sozinha... - Olhava desaprovador seu penhoar branco, pelo menos isso ele podia fazer.

- Alex, sou uma garota moderna. Não me questione! Agora você irá embora e me deixará tomar conta de meu convidado. Em alguns dias, nós almoçamos e eu explico tudo...

- Julie, alguns dias!

Ela o beijou rapidamente nos lábios. Apressou-o para a porta da frente. Ele lançou-lhe outro daqueles olhares determinados pelo hall até a estufa.

- Alex, vá agora. O homem é do Egito; vou mostrar Londres a ele. E estou com pressa. Por favor, meu querido, faça o que te peço.

Ela praticamente o empurrou porta afora. Ele era cavalheiro demais para continuar protestando. Lançou-lhe aquele olhar inocente, surpreso, e então disse suavemente que ligaria para ela se estivesse tudo certo.

- Claro - ela disse. - Você é um doce.

Beijou as pontas dos dedos, soprou-as para ele, e fechou imediatamente a porta.

Ela se virou e recostou-se na parede por um instante, olhando de volta para o hall, e sua imagem refletida nas portas de vidro. Viu Rita passar apressada. Ouviu o som da chaleira na cozinha. A casa estava repleta de fragrâncias quentes e pungentes de comida cozinhando.

Seu coração batia mais forte novamente; pensamentos atravessaram seu cérebro, mas não tinham impacto emocional. O que importava naquele momento, naquele momento absolutamente extraordinário, era que Ramsés estava ali. O imortal estava ali. Estava na estufa.

Ela fez o caminho de volta pelo hall e ficou olhando para ele da porta. Ainda vestia o robe de seu pai, embora tivesse retirado a camisa com um leve ar de desagrado pelo material engomado. E seus cabelos agora haviam alcançado o máximo, uma vasta cabeleira negra de ondas suaves que caíam até bem abaixo dos lóbulos das orelhas, e um cacho totalmente cheio que ficava caindo na testa.

A mesinha branca de vime estava coberta de pratos fumegantes. Enquanto lia um exemplar de Punch colocado à frente do prato, ele comia delicadamente com a mão direita a carne aqui, e as frutas ali, e o pão à sua esquerda, e os pedaços de galinha assada à sua frente. Era um milagre, na verdade, a velocidade com que comia, sem utilizar os garfos e as facas, embora tivesse adorado os desenhos que ornavam a prata antiga.

Ele estivera lendo e comendo intensamente nas últimas duas horas. Devorara quantidades de comida além de sua imaginação. Parecia combustível para ele. Bebera quatro garrafas de vinho, duas de soda, todo o leite da casa, e agora tomava ocasionais goles de brandy.

Não estava bêbado; pelo contrário, parecia extraordinariamente sóbrio. Lera seu dicionário inglês-egípcio tão rápido que ela ficou quase tonta com a

velocidade com que ele virara as páginas. O dicionário inglês-latim não tomara mais tempo que o outro. O sistema de numerais arábicos, comparado ao de romanos, ele aparentemente absorveu em minutos. O conceito de zero ela não conseguiu explicar, mas certamente tentou demonstrar na prática. Então ele percorreu o Oxford English Dictionary com a mesma pressa, virando as páginas para trás e para diante, correndo os dedos por uma coluna depois da outra.

Naturalmente ele não estava lendo cada palavra. Estava pegando a substância, as raízes, o esquema fundamental da linguagem; ela entendeu isso quando ele a fez dizer o nome de todos os objetos à vista e repetiu as palavras rapidamente com inflexão perfeita. Ele havia memorizado os nomes de cada planta no cômodo: samambaias, bananeiras, orquídeas, begônias, margaridas, buganvílias. Ela ficou pasma ao ouvir seu rápido inventário repetido momentos após sem um erro: fonte, mesa, pratos, pratos de porcelana, prata, piso de ladrilhos, Rita!

Agora ele completava seu aprendizado com textos puramente ingleses, terminando a Punch depois de dois números da revista Strand, a Harper’s WeekJy americana, e todos os números do The Times que havia na casa.

Ele vasculhou as páginas com grande cuidado, os dedos tocando palavras, fotos e até desenhos, como se fosse um cego que tivesse adquirido milagrosamente a capacidade de ver pelo toque. Com a mesma adorável atenção, seus dedos tocavam os pratos Wedgwood e o cristal Waterford.

Levantou excitado os olhos quando Rita lhe trouxe uma garrafa de cerveja.

- Não tenho mais nada, senhorita. - Ela deu de ombros, ficando bem distante dele ao erguer a garrafa.

Ele tomou-a de suas mãos e esvaziou-a imediatamente. Deu-lhe um aceno de cabeça e sorriu.

- Egípcios adoram cerveja, Rita. Pegue um pouco mais, depressa.

Manter Rita ocupada era impedi-la de enlouquecer.

Julie atravessou as samambaias e vasos de plantas e tomou seu lugar à mesa, no lado oposto ao de Ramsés. Ele ergueu os olhos, então apontou para uma foto da ”garota Gibson” à sua frente. Julie assentiu.

- Americana - disse ela.

- Estados Unidos - ele retrucou. Ela estava surpresa.

- Sim - respondeu.

Ele devorou rapidamente uma salsicha inteira, e dobrou outra fina fatia de pão e comeu-a em dois pedaços, enquanto virava as páginas com a mão esquerda, vendo a foto de um homem sobre uma bicicleta. Isso o fez gargalhar.

- Bicicleta - disse ela.

- Sim! - exclamou ele, precisamente como ela dissera um momento antes. Então ele disse alguma coisa suavemente em latim.

Ah, ela tinha que levá-lo para sair, mostrar-lhe tudo.

O telefone soou subitamente, uma campainha aguda que vinha da mesa de seu pai no salão egípcio. Levantou-se imediatamente. Ele acompanhou-a até o cômodo e ficou bem perto, olhando para ela enquanto ela atendia.

- Alô? Sim, é Julie Stratford quem fala. - Ela cobriu o bocal. - Telefone - ela sussurrou. - Máquina de falar.

Ela segurou o receptor para que ele pudesse ouvir a voz na outra extremidade. Era do clube de Henry; eles iriam lá para apanhar as coisas de Henry. Será que ela podia arrumar tudo?

- Já está arrumado. Vai precisar de dois homens, acho. Por favor se apressem.

Ela pegou o fio e ergueu-o para mostrar a Ramsés.

- A voz passa através do fio - ela sussurrou. Desligou o fone, e deu uma olhada ao redor. Pegando sua mão, ela o levou de volta à estufa, e apontou para os fios do lado de fora, que corriam da casa até o poste telegráfico do outro lado do jardim.

Ele estudou tudo com uma profunda concentração. Então ela pegou um vidro vazio da mesa e aproximou-se do muro que dividia o outro lado da estufa da cozinha. Colocou a boca do vidro contra a parede e pressionou a orelha no fundo do copo, e escutou. Isso amplificava o som dos passos de Rita. Então ela o convidou a fazer o mesmo. Ele ouviu a amplificação do mesmo jeito que ela.

Ele ficou olhando para ela, pensativo, atordoado, excitado.

- O fio do telefone conduz som - ela explicou. É uma invenção mecânica.

Isto é o que ela devia fazer, mostrar a ele o que eram máquinas! Explicar o grande avanço que as máquinas haviam proporcionado; a completa transformação de pensamento sobre como fazer as coisas.

- Conduz som - ele repetiu pensativo. Foi até a mesa e pegou a revista que estava lendo. Fez um gesto para ela, como para que lesse em voz alta. Rapidamente, ela leu um parágrafo de comentário sobre assuntos do lar. Muito carregado de abstrações, mas ele estava apenas escutando as sílabas, não estava? Impaciente, tomou a revista das mãos dela e então respondeu:

- Obrigado.

- Muito bem - ela disse. - Você está aprendendo com uma velocidade fantástica.

Então ele fez uma curiosa série de gestos. Tocou a têmpora, a testa, como se fizesse alguma referência ao cérebro. E depois tocou o cabelo, e sua pele. O que ele estava tentando lhe dizer? Que o órgão do pensamento respondia tão rapidamente quanto seus cabelos e seu corpo reagiram à luz do sol?

Ele se virou para a mesa.

- Salsichas - disse. - Bife. Galinha assada. Cerveja. Leite. Vinho. Garfo. Faca. Guardanapo. Cerveja. Mais cerveja.

- Sim - ela disse. - Rita, traga mais cerveja para ele. Ele gosta de cerveja. - Ergueu uma dobra do penhoar.

- Tecido - continuou. - Seda.

Ele produziu um leve zumbido com a boca.

- Abelhas! - ela exclamou. - Exatamente. Ah, você é tão maravilhosamente esperto.

Ele riu.

- Repita - disse.

- Maravilhosamente esperto. - Agora ela apontava para sua cabeça, tap, tap, tap. O cérebro, pensamento.

Ele assentiu. Baixou os olhos para a faca de cabo de prata à mesa. Pegou-a, como se pedindo sua permissão, e guardou-a dentro do bolso. Então, pedindo que ela o acompanhasse, passou para o salão egípcio. Ele se aproximou de um velho mapa-múndi esmaecido por trás de um vidro empoeirado numa moldura pesada e apontou cuidadosamente para a Inglaterra.

- Sim, Inglaterra. Britânia - ela disse. Apontou para a América. - Os Estados Unidos - continuou. Então identificou continentes e oceanos. Finalmente identificou o Egito, e o rio Nilo, um fino traço no pequeno mapa. Ramsés, Rei do Egito. - ela apontou para ele.

Ele assentiu. Mas queria saber mais alguma coisa. Muito cuidadosamente articulou a questão.

- Século vinte? O que quer dizer Anno Domini!

Ela olhou para ele sem fala. Ele dormira durante a vida de Cristo! Claro que não tinha condições de saber quanto tempo o sono havia durado. O fato de que ele era um pagão puro não a perturbou tanto quanto a deixou fascinada. Mas ela teve medo do choque que lhe daria agora quando respondesse à sua pergunta.

Numerais romanos, onde estava aquele livro? Apanhou o exemplar das Vidas, de Plutarco, numa das estantes do pai e achou a data de publicação em numerais romanos, apenas de três anos antes, perfeito.

Apanhando uma folha de papel para recados na escrivaninha do pai, e mergulhando a pena na tinta, ela escreveu rapidamente a data correta. Mas como tornar conhecido para ele o começo do sistema?

Cleópatra estava perto, mas tinha medo de usar o nome dela, por todos os motivos óbvios. Então lhe surgiu o exemplo mais claro.

Ela escreveu em letras de imprensa o nome Otávio César. Ele fez que sim com a cabeça. Ela fez um numeral romano embaixo dele. Então traçou uma longa linha horizontal, que se movia até a borda direita, e escreveu seu próprio nome, Julie, e a data completa em numerais romanos. E depois disso a palavra latina: annum.

Ele empalideceu. Olhou muito tempo para o papel, e então a cor pareceu dançar em suas faces. Sem dúvida ele a compreendera. Sua expressão tornou-se grave, e depois curiosamente filosófica. Parecia mais estar ponderando que absorvendo um choque. Ela escreveu a palavra século, e depois o numeral

romano correspondente a cem, e a palavra annus. Ele assentiu um pouco impaciente, sim, sim, ele entendia.

Então ele dobrou os braços e caminhou lentamente pela sala. Ela não podia imaginar o que ele estava pensando.

- Um longo tempo - ela murmurou. - Tempus... tempus fugit!

Subitamente ficou embaraçada. O tempo voa? Mas era todo o latim de que conseguia se lembrar. Ele sorria para ela. Será que dizer aquilo já era um clichê dois mil anos antes?

Ele se aproximou da mesa, e inclinando-se gentilmente sobre ela, apanhou a pena e cuidadosamente desenhou o cartucho egípcio que soletrava seu nome em hieróglifos, Ramsés, o Grande. Então ele também traçou uma linha horizontal que cruzava a página quase até a borda, onde ele escreveu Cleópatra. No meio dessa linha ele escreveu o numeral romano M, que significa mil anos; e depois os números arábicos correspondentes, que ela havia lhe ensinado cerca de uma hora antes.

Ele deu a ela um momento para ler isso. E então ele escreveu abaixo do cartucho os números arábicos 3000.

- Ramsés tem três mil anos de idade - disse, apontando para si mesmo - e Ramsés sabe disso.

Ele tornou a assentir, e sorriu. Qual era sua expressão? Triste, resignado, simplesmente pensativo? Em seus olhos havia uma grande sombra negra de dor. O sorriso não arrefeceu, mas ela viu isso, e percebeu uma súbita retração das pálpebras sob seus olhos, enquanto ponderava isso, e aparentemente afastava o lado emocional. Olhava o cômodo agora como se fosse a primeira vez. Olhou para o teto, e depois para o chão, e depois diretamente para o busto de Cleópatra. Seus olhos estavam tão grandes quanto antes, o sorriso tão doce e agradável, mas o algo mais havia sumido de seu rosto. O vigor. Havia desaparecido completamente.

Quando olhou para ela novamente, havia um brilho tênue de lágrimas nos seus olhos. Ela não podia suportar isso. Estendeu a mão e segurou firme sua mão esquerda. Os dedos dele curvaram-se em torno dos dela, apertando-os com carinho.

- Muitos anos, Julie - ele disse. - Muitos anos. O mundo não visto por mim.

Falo com clareza?

- Ah, sim, claro que sim - ela respondeu.

Ele a estudou, murmurando suavemente, e quase com reverência.

- Muitos, muitos, muitos anos, Julie. - E então ele sorriu. E seu sorriso ficou maior. E então os ombros começaram a tremer. E ela percebeu que ele estava rindo.

- Dois mil anos, Julie - ele gargalhava. E o olhar de grande excitação retornou, o olhar de vitalidade aumentada. Só lentamente seus olhos se voltaram para o busto de Cleópatra. Olhou para ele por um longo momento, e depois ele tornou a olhar para Julie, e a curiosidade e o otimismo retornaram. Pois era um grande e vigoroso otimismo.

Ela queria beijá-lo. Na verdade, a necessidade era tão forte que isso a espantava. Não era simplesmente a beleza de seu rosto, era a qualidade ressonante e profunda de sua voz, e o olhar de dor em seus olhos, e o jeito como ele sorria para ela agora, e esticou a mão e tocou seus cabelos com muito respeito. Ela sentiu um frio percorrer a espinha.

- Ramsés é imortal - disse ela. - Ramsés tem vitam eternam.

Uma breve risada educada de reconhecimento da parte dele. Um aceno de cabeça.

- Sim - disse ele. - Vitam eternan.

Será que ela estava sentindo amor por aquele homem? Ou simplesmente fascínio tão poderoso que varria todas as demais considerações de sua mente? Até mesmo Henry e o que ele fizera, que ele havia assassinado seu pai?

Henry deve esperar. A justiça deve esperar. A menos que ela própria matasse Henry, e isso era realmente impensável. Mas isto, isto era tudo agora, esse homem sentado à sua frente. Seu ódio por Henry teria seu dia. Henry estava se encaminhando para a justiça divina mais certamente do que nenhum outro ser humano que ela conhecera.

E ela ficara olhando aqueles magníficos olhos azuis, sentindo o calor das mãos que seguravam a sua, colocada no futuro desse homem por milagre.

Ouviu-se um barulho violento da rua. Só podia ter sido um carro a motor.

Ele ouviu, disso não havia dúvida; mas só reagiu muito lentamente, desviando o olhar dela e mirando-o nas janelas da frente. Então colocou o braço muito suavemente sobre o ombro dela e guiou-a com ele para a frente da casa.

Que cavalheiro era ele; que ser estranhamente cortês. Ele olhou através da cortina para o que deve ter sido certamente um espetáculo chocante: um carro italiano de passeio, com dois rapazes no banco da frente, ambos acenando para uma jovem que andava na calçada oposta. O motorista soou a buzina, uma coisa alta e medonha, o que pregou um susto em Ramsés. Mas ele continuava a olhar o carro trôpego e fumacento, não com medo, mas curiosidade. Quando a coisa começou a se mover, e eles desceram a rua, sua curiosidade deu lugar a um profundo espanto.

- Carro a motor - ela disse. - Funciona a gasolina. É uma máquina. Uma invenção.

- Carro a motor! - Ele se moveu imediatamente para a porta da frente, e abriu-a.

- Não, você deve entrar, vestir-se adequadamente ela explicou. - Vestimentas, vestimentas adequadas.

- Camisa, gravata, calças, sapatos - disse ele.

Ela riu. Ele fez um gesto para que ela aguardasse. Ela o viu entrar no salão egípcio, e estudar a longa fileira de jarros de alabastro. Escolheu um deles, e virou-o para revelar um pequeno compartimento oculto na base, que agora estava aberto. De dentro dele, retirou várias moedas de ouro. Levou-as para ela.

- Vestimentas - disse ele.

Ela as estudou apenas um segundo ou dois na luz das janelas. Mais daquelas legítimas moedas de Cleópatra.

- Ah, não - ela disse. - São valiosas demais para gastá-las. Deixe-as de lado. Aqui você é meu convidado. Eu cuidarei de tudo.

Ela o tomou pela mão e subiram as escadas. Uma vez mais, ele estudou tudo a seu respeito. Somente então parou para examinar os bibelôs de porcelana no armário. Parou abaixo do retrato do pai dela, no hall de cima.

- Lawrence - ele disse. Então, olhando sério para ela: - Henry? Onde está

Henry?

- Eu vou cuidar de Henry - ela disse. - O tempo e as cortes da lei... judidum... a justiça cuidará de Henry. Ele indicou que não se satisfazia com essa resposta. Tirou a faca do bolso e correu o polegar pela lâmina.

- Eu, Ramsés, matarei Henry.

- Não! - As mãos dela voaram para os lábios. - Não. Justiça. Lei! - ela disse. - Somos um povo de cortes e leis. Quando a hora chegar... - Mas ela parou. Não conseguia falar mais. As lágrimas brotavam em seus olhos. Isso a estava atingindo novamente. Henry roubara a seu pai o triunfo, o mistério, aquele momento. - Não - ela disse quando ele tentou segurá-la.

Ele pôs a mão sobre o peito.

- Eu, Ramsés, sou a justiça - ele disse. - Rei, corte, justiça.

Ela fungou, tentando parar as lágrimas. Limpou os lábios com as costas da mão.

- Você aprende palavras muito rápido - ela disse – mas não pode matar Henry. Não posso viver se você matar Henry.

Subitamente ele tomou o rosto dela em suas mãos, e, forçando-a em sua direção, beijou-a. Foi breve, porém absolutamente devastador. Ela afastou-se e deu-lhe as costas.

Rapidamente, ela caminhou até o fim do hall e abriu a porta do quarto de seu pai. Não se voltou e nem olhou para ele novamente enquanto tirava a roupa do armário. Tirou a camisa, as calças, o cinto. Meias, sapatos. Ela apontou para as fotos na parede, todas as velhas fotografias que seu pai guardava de si mesmo e de Elliott e Randolph e outros sujeitos, desde os dias de Oxford até o presente. O paletó, ela esquecera o paletó. Tirou-o também e colocou-o na cama.

Então, e só então, ela ergueu os olhos. Ele estava de pé na porta, observando-a. O robe estava aberto até a cintura agora; certamente havia algo de profundamente primitivo no jeito como ele estava ali, braços cruzados, pés separados, e também parecia no momento o máximo da sofisticação decorosa.

Ele então entrou no quarto, vasculhando-o com a mesma curiosidade com a qual se aproximava de tudo o mais.

Viu as fotos de seu pai, junto com Randolph e Eliott em Oxford. Voltou-se para olhar as roupas deixadas na cama. Obviamente estava comparando as roupas com as dos homens nas fotos.

- Sim - ela disse. - É assim que você deve se vestir. Seus olhos pularam para o Archaeology Jornal na mesinha-de-cabeceira. Pegou-o e o folheou, parando numa grande gravura da grande pirâmide de Gizé, que também continha o Mena Hotel. O que ele poderia estar pensando? Ele o fechou.

-Arrrrrr... keo... logia - ele disse. Com a profunda satisfação de uma criança, ele sorriu.

Seus olhos positivamente brilharam quando olhava para ela. Havia uma pequena mecha de pêlo em seu peito largo. Ela precisava sair dali agora.

- Vista-se, Ramsés. Como as fotos. Ajudo você depois se cometer algum erro.

- Muito bem, Julie Stratford - ele disse naquele paralisantemente perfeito sotaque britânico. - Eu me visto sozinho. Já fiz isto antes.

Claro. Escravos. Ele sempre os tivera, não? Provavelmente às dúzias. Bem, não havia mais nada a ser feito. Ela não podia começar tirando aquele robe com as próprias mãos. Suas faces queimavam. Podia sentir. Correu para fora, e fechou devagar a porta.

Henry estava agora bêbado como nunca em sua vida. Terminara a garrafa de scotch que havia apanhado sem permissão de Elliott, e o brandy descia como água. Mas isso não ajudava.

Fumava um charuto egípcio atrás do outro, enchendo o apartamento de Daisy com a fragrância pungente à qual havia se acostumado no Cairo. E tudo o que isso fazia era lembrá-lo de Malenka, e de como ele queria estar com Malenka, embora também quisesse nunca ter posto os pés no Egito, nunca ter entrado naquela câmara no lado da montanha onde seu tio Lawrence examinava uma pilha de rolos antigos.

Aquela coisa estava viva! Aquela coisa o vira colocar o veneno na xícara de Lawrence. Agora não havia como se enganar com aqueles olhos abertos sob as bandagens; não havia como se enganar: a coisa saíra de seu caixão na casa de Julie e pusera a mão imunda em seu pescoço.

Ninguém compreendia o perigo em que ele estava envolvido. Ninguém compreendia porque ninguém conhecia a motivação da coisa! Que importava a razão de sua existência imunda! A coisa sabia o que ele havia feito. E esse Reginald Ramsey - embora não pudesse associar inteiramente o homem com a criatura suja que tentara estrangulá-lo - sabia intelectualmente que eram a mesma pessoa. Será que o homem desapareceria nas bandagens de linho podre quando fosse apanhado?

Deus! Ele estremeceu todo. Ouviu Daisy falar alguma coisa, e quando levantou os olhos viu-a de pé perto da estante da lareira, posando em seu corpete com meias de seda, os seios derramando-se para fora das taças do corpete, os cachos louros caindo nos ombros. Devia ser uma coisa muito boa de se ver, de se tocar. Não lhe dizia nada.

- E você está me dizendo que uma maldita múmia saiu bem de dentro daquele estojo e pôs as malditas mãos no seu pescoço! E você está me dizendo que ela vestiu um maldito robe e chinelos e está andando pela casa!

Vá embora, Daisy. Mentalmente, ele via a si mesmo tirando a faca do bolso, a faca com que havia matado Sharples, e viu-se esfaqueando Daisy com ela, na garganta.

A campainha soou. Ela não ia à porta naqueles trajes, ia? Uma perfeita idiota. Pouco se lhe dava, que diabo! A porta. Encolheu-se na cadeira, tateando o bolso à procura da faca.

Flores. Ela voltou com uma grande braçada de flores, falando coisas a respeito de um admirador. Ele tornou a aprumar-se na cadeira. O que ela estava fazendo? Olhando para ele daquele jeito?

- Preciso de uma pistola - disse sem olhar para ela. - Certamente um de seus amigos vagabundos pode me arrumar uma pistola, não pode?

- Eu não tenho nada com isso!

- Você vai fazer o que eu disser! - ele disse. Se ela soubesse; ele havia matado dois homens. Quase matara uma mulher. Quase. E a verdade era, ele teria gostado de machucar Daisy, ele teria gostado de ver a expressão no rosto dela quando a faca entrasse em sua garganta. - Agora pegue o telefone - ele disse. - Chame aquele seu irmão imprestável. Preciso de uma pistola pequena o bastante para guardar debaixo do casaco.

Será que ela ia chorar?

- Faça o que estou mandando - ele disse. - Agora estou indo para o meu clube apanhar algumas das minhas roupas. Se alguém ligar me procurando, diga que vou ficar por aqui, está me ouvindo?

- Você não está em condições de ir a lugar nenhum! Ele pelejou para sair da cadeira e andar na direção da porta. O chão estava jogando. Firmou-se no umbral. Por um longo momento, repousou a testa contra ele. Não conseguia se lembrar de um tempo em que não estivesse cansado, desesperado ou irritado. Olhou para ela.

- Se eu voltar e você não tiver feito o que eu mandei...

- Eu faço - ela gemeu. Jogou as flores no chão e cruzou os braços, deu as costas a ele e baixou a cabeça.

Algum instinto, sobre o qual ele sempre confiara sem perguntas, disse a ele que se acalmasse agora. Aquele era o momento de parecer gentil, quase carinhoso, embora a própria visão dela submissa assim o enfurecesse, embora os soluços dela o fizessem rilhar os dentes.

- Você gosta muito deste apartamento, não é, querida? - ele perguntou. - E gosta do champanhe que está bebendo e das peles que está vestindo. E vai gostar do carro a motor assim que eu consegui-lo. Mas o que eu preciso agora é um pouco de lealdade e tempo.

Viu-a assentir. Ela se virou para ir de encontro a ele. Ele desceu o hall e saiu.

O baú de Henry tinha acabado de ser levado.

Julie estava na janela, vendo o estranho e barulhento carro a motor alemão desaparecer no fim da rua. No fundo do coração, ela não sabia o que fazer a respeito de Henry.

Chamar as autoridades àquela altura era impensável. Não apenas não havia testemunha explicável para o que Henry havia feito, mas o pensamento de ferir Randolph era mais do que Julie podia suportar.

Randolph era inocente. Sabia disso por instinto. E também sabia que saber da culpa de Henry seria o golpe final para Randolph. Ela perderia o tio como

havia perdido o pai. E embora o tio não tivesse sido jamais o tipo de homem que seu pai fora, ele era da mesma carne e sangue, e ela o amava muito.

Mal e mal, ela lembrou-se das palavras de Henry naquela manhã. ”Somos tudo o que você tem.’’ Ela descobriu-se paralisada de dor, novamente à beira das lágrimas.

O som de passos na escada a interrompeu. Ela se voltou. E viu a única pessoa no mundo que podia dissipar esse fardo, ainda que por pouco tempo.

Ela havia se vestido com muito cuidado para aquele momento. Dizendo a si mesma que tudo o que estava fazendo era uma forma de educar seu honorável convidado, escolhera a roupa mais exótica que possuía; o melhor chapéu de véu negro com flores de seda; e luvas, naturalmente; tudo isso para familiarizá-lo com as modas do tempo.

Mas também tinha desejado parecer bonita para ele. E sabia que a lã cor de vinho ajeitava seu corpo. O coração tornou a bater mais forte quando ela o viu descendo as escadas.

Na verdade, a respiração dela se perdeu totalmente quando ele pôs os pés no hall de entrada e olhou para ela, chegando perigosamente perto, como se quisesse beijá-la.

Ela não recuou.

Ele vestira corretamente as roupas de seu pai. Meias pretas e sapatos perfeitos. Camisa abotoada propriamente. Gravata de seda com um nó um tanto excêntrico, mas bem bonito. Até mesmo as abotoaduras dos punhos estavam colocadas adequadamente. Na verdade, ele estava perturbadoramente belo com o colete de seda, paletó preto comprido e calças de flanela cinza. Só o cachecol de caxemira estava todo errado. Ele o amarrara como um cinturão ao redor da cintura, como um soldado antigo poderia ter feito.

- Posso? - ela perguntou enquanto removia, e então passou-o por cima da cabeça dele e ao redor do pescoço, por dentro do paletó. Ela alisou-o com jeito, tentando não ser dominada por ele, por seus olhos azuis olhando firmes para ela, e aquele estranho sorriso filosófico.

Agora a grande aventura ia começar. Iam sair juntos. Ela iria mostrar a Ramsés, o Grande, o século vinte. Era o momento mais excitante que ela já experimentara.

Ele pegou sua mão quando ela abriu a porta. Puxou-a suavemente para ele. Novamente foi como se ele fosse beijá-la, a excitação que ela sentia subitamente transformou-se em medo.

Ele sentiu; parou, segurando sua mão um pouco mais de leve, um pouco mais gentil. E então ele curvou-se e beijoua com reverência. E dirigiu a ela um sorrisinho muito arrogante.

Como, em nome de Deus, ela poderia resistir a ele?

- Vamos embora. O mundo nos aguarda! - ela disse. Um cabriolé passava por ali naquele mesmo instante. Ela fez sinal, e puxou-o de leve.

Ele havia parado. Estava olhando a rua larga, para cima e para baixo, todas as muitas casas com seus corrimões de ferro e portas maciças, e cortinas de tecido; e as pontas das chaminés fumegando acima.

Quão vital, quão apaixonado, quão cheio de puro desejo por aquilo tudo ele parecia. Com um impulso rápido nos passos, foi atrás dela, e subiu na parte de trás do pequeno táxi.

Ocorreu a ela que nunca em sua vida ela percebera uma fração daquela paixão em seu amado Alex. Ela ficou triste por um instante, não porque estivesse realmente pensando em Alex, mas porque teve o primeiro sinal de como seu velho mundo estava acabando, de como as coisas nunca, nunca mais seriam as mesmas.

O escritório de Samir no Museu Britânico era pequeno, atulhado de livros, e mais do que isso talvez pela grande escrivaninha e as duas poltronas de couro. Mas Elliott o achava confortável o bastante. E, graças a Deus, a pequena lareira o mantinha bem quente.

- Bem, não estou certo de que possa lhe contar muita coisa - disse Samir. - Lawrence havia traduzido apenas um fragmento: o Faraó afirmava ser imortal. Ele havia vagado pelo mundo, ao que parecia, desde o fim de seu reinado oficial. Vivera entre povos que os antigos egípcios não sabia que existiam. Afirmou ter estado em Atenas por duzentos anos, ter vivido em Roma. Finalmente ele recolheu-se a uma tumba da qual apenas as famílias reais do Egito poderiam chamá-lo. Certos sacerdotes conheciam o segredo. Isso havia se tornado uma lenda no tempo de Cleópatra. Mas aparentemente a jovem rainha acreditava.

- E ela fez o que foi necessário para despertá-lo.

- Assim ele escreveu. E apaixonou-se profundamente por ela, aprovando sua ligação com César em nome da necessidade e da experiência, mas não com Marco Antônio. Segundo Lawrence, isso o deixou amargurado. Não havia nada ali que contradissesse a nossa história. Ele condenou Marco e Cleópatra por seus excessos e mau julgamento da mesma forma que nós.

- Lawrence acreditava na história? Ele tinha alguma teoria...

- Lawrence estava num delírio de felicidade com o mistério. Uma combinação tão incompreensível de artefatos. Lawrence teria passado o resto da vida tentando solucioná-lo. Não estou certo do que ele realmente acreditava.

Elliott parou para refletir.

- A múmia, Samir. Você a examinou. Estava como Lawrence quando ele abriu o estojo pela primeira vez.

- Sim.

- Você detectou algo fora do comum?

- Milorde, o senhor já viu mil múmias. A parte chocante foi o escrito, o domínio de idiomas e, claro, o estojo da múmia.

- Bem, eu tenho uma historinha para lhe contar disse Elliott. - Segundo nosso amigo comum Henry Stratford, a múmia está bem viva. Esta mesma manhã ela saiu do caixão, atravessou a biblioteca de Lawrence e tentou estrangular Henry no escritório. Henry teve sorte de escapar com vida.

Por um momento Samir não respondeu. Era como se não tivesse ouvido. Então, suavemente:

- O senhor está brincando comigo, Lorde Rutherford? Elliott riu.

- Não. Não estou brincando, senhor Ibrahaim. E aposto que Henry Stratford não estava brincando quando me contou a história hoje cedo. Na verdade, tenho certeza de que ele não estava brincando. Estava bastante abalado; quase histérico. Mas não estava brincando.

Silêncio. Isto é que é estar sem fala, pensou Elliott enquanto encarava Samir.

- Você não tem um cigarro, tem, Samir? - ele perguntou.

Sem tirar os olhos de Elliott, Samir abriu uma caixinha de marfim delicadamente esculpida. Cigarros egípcios. Perfeitamente deliciosos. Samir ergueu o isqueiro de ouro e entregou-o a Elliott.

- Obrigado. Eu poderia acrescentar... pois acho que você deve estar se perguntando... essa múmia não machucou Julie. E tornou-se na verdade seu hóspede de honra.

- Lorde Rutherford...

- Estou falando muito sério. Meu filho, Alex, foi até lá imediatamente. Para falar a verdade, a polícia já estava no local muito antes. Parece que há um egiptólogo hospedado na casa dos Stratford, um senhor Reginald Ramsey, e Julie está sendo muito enfática em levar seu convidado para conhecer Londres. Não tem tempo para discutir as alucinações insanas de Henry. E Henry, que havia visto esse egiptólogo, afirma que ele na verdade é a múmia, andando por aí com as roupas de Lawrence.

Elliott acendeu o cigarro e inalou profundamente.

- Você vai ouvir isso tudo breve, da parte de outras pessoas - ele disse casualmente. - Os repórteres estiveram lá em peso. ”Múmia Anda em Mayfair”. - Deu de ombros.

Samir estava visivelmente mais atordoado que divertido. Parecia positivamente aborrecido.

- O senhor há de me perdoar - ele disse - mas não tenho o sobrinho de Lawrence, Henry, em alto conceito.

- Claro que não, como poderia?

- Este egiptólogo. O senhor disse que seu nome era Reginald Ramsey. Nunca ouvi falar de um egiptólogo com esse nome.

- Claro que não. E você os conhece a todos, pois não? Do Cairo a Londres ou Manchester, ou Berlim ou Nova York.

- Acho que sim.

- Então nada disto faz sentido.

- Nem uma partícula de sentido.

- A não ser, é claro, que levemos em consideração, por um momento, a ideia de que esta múmia seja imortal. Então tudo se encaixa.

- Mas você não acredita que... - Samir parou. A tensão estava clara novamente. Na verdade, havia aumentado.

- Sim?

- Isto é absurdo - murmurou Samir. - Lawrence morreu de um enfarte na tumba. Aquela coisa não o matou! Isso é loucura.

- Houve a menor evidência de violência?

- Evidência? Não. Mas havia uma sensação sobre aquela tumba, e as maldições escritas por sobre o estojo da múmia. A coisa queria ser deixada em paz. O sol. Não queria o sol. Mas pedia que fosse deixada em paz. É isso o que os mortos sempre querem.

- Querem mesmo? - perguntou Elliott. - Se eu estivesse morto, não tenho certeza de que iria querer ficar em paz. Se isso significasse estar totalmente morto, quer dizer.

- Estamos permitindo que nossas imaginações corram conosco, Lorde Rutherford. Além disso... Henry Stratford estava na tumba quando Lawrence morreu!

- Hmmmmmm. é verdade. E Henry não tinha visto nosso amigo podre e esfarrapado se mover até esta manhã.

- Não estou gostando desta história. Não gosto nem um pouco. Não gosto de saber que a senhorita Stratford está sozinha naquela casa com aquelas relíquias.

- Talvez o museu deva dar mais uma olhada nelas – disse Elliott. - Conferir a múmia. Afinal de contas, a coisa é extremamente valiosa.

Samir não respondeu. Tornara a afundar naquele estado sem palavras, olhando a escrivaninha à sua frente.

Elliott pegou a sua bengala com firmeza e levantou-se. Estava ficando muito bom em ocultar o desconforto inevitável dessa simples operação. Mas tinha de ficar de pé, parado, por alguns instantes, para que a dor cessasse. Amassou lentamente o cigarro.

- Obrigado, Samir. Foi uma conversa muito interessante.

Samir ergueu os olhos como se despertasse de um sonho.

- Que diabos o senhor pensa que está acontecendo, Lorde Rutherford? - Levantou-se devagar.

- Quer minha sincera opinião neste momento?

- Ora, sim, eu quero.

- Ramsés Segundo é imortal. Ele descobriu algum segredo em tempos antigos, alguma substância que lhe conferiu a imortalidade. E está percorrendo Londres com Julie agora mesmo.

- O senhor não fala sério.

- Sim, eu falo sério - disse Elliott. - Mas também teria então que acreditar em fantasmas, e espíritos, e má sorte, jogar sal por trás do ombro e bater na madeira toda hora. Eu ficaria surpreso - não, espantadíssimo - se tudo isso fosse verdadeiro, você me entende. Mas eu acredito. Neste momento, eu acredito nisso. E vou lhe dizer por quê. É a única explicação para o que aconteceu que faz qualquer sentido.

Silêncio novamente.

Elliott sorriu. Calçou as luvas, pegou a bengala e deixou o escritório como se cada passo não lhe causasse dor.

Esta era a grande aventura de sua vida. Nada que viesse depois poderia jamais igualar-se a isso, disso ela tinha certeza. E como era profundamente surpreendente que isso fosse acontecer em Londres, ao meio-dia, correndo para um lado e para o outro no meio das ruas barulhentas e apinhadas que conhecera a vida toda.

Nunca antes a cidade vasta e sombria lhe parecera mágica. Mas agora parecia. E como ele a percebia: esta metrópole supercrescida, com seus edifícios de tijolos, gigantescos, seus bondes barulhentos e carros a motor que soltavam enormes arrotos, e hordas de carruagens de cavalos negros e táxis soluçando a cada rua. O que ele pensaria da interminável propaganda, placas de todos os tamanhos e descrições, oferecendo produtos, serviços, direções e conselhos? Será que ele achava feias as feéricas lojas de departamentos com suas pilhas de

roupas prontas? o que ele pensava das pequenas lojas onde as luzes elétricas queimavam o dia inteiro porque as próprias ruas eram enfumaçadas e escuras demais para admitir a luz natural do dia?

Ele amava isso. Ele abraçava isso. Nada o assustava ou repelia. Correu para perto do meio-fio para encostar as mãos nos carros a motor enquanto passavam. Subiu os degraus dos ônibus para ver as coisas do andar de cima. No escritório telegráfico, ele correu a estudar a jovem secretária em sua máquina de escrever. E, ela, imediatamente encantada com aquele gigante de olhos azuis que se curvava sobre ela, recuou para deixá-lo bater nas teclas com seus próprios dedos enluvados, o que ele fez, imediatamente construindo frases em latim que o fizeram dar gargalhadas até não mais poder continuar.

Para os escritórios do The Times, Julie chamou-o. Ele precisava conhecer as prensas gigantescas, sentir o cheiro da tinta preta, ouvir o ruído ensurdecedor que preenchia aquelas salas imensas. Ele precisava fazer a conexão entre todas aquelas invenções. Precisava ver como tudo era tão simples.

Ela ficou olhando enquanto ele encantava as pessoas em toda parte que iam. Homens e mulheres prestavam-lhe deferência, como se soubessem instintivamente que ele era a realeza. Sua postura, suas passadas largas, seu sorriso radiante subjugavam todos a quem olhava fixamente, todos cujas mãos ele apertava apressado, todos a cuja conversa ou palavras casuais ele ouvia, como se recebesse uma mensagem secreta que não podia ser mal interpretada.

Havia palavras filosóficas para descrever seu estado de ser, com certeza, mas Julie não conseguia pensar quais eram. Só sabia que ele tirava alegria das coisas, que as pás e roletes a vapor não o assustavam porque ele antecipava choques e surpresas e queria simplesmente compreender.

Tantas perguntas a lhe fazer. Tantos conceitos que ela lutava para expressar. Essa era a parte mais difícil. Conceitos.

Mas falar de abstrações ficava mais fácil a cada hora. Ele estava aprendendo inglês a uma velocidade estonteante.

- Nome! - ele dizia a ela se ela parasse por um só minuto seus intermináveis comentários. - Linguagem são nomes, Julie. Nomes para pessoas, objetos, o que sentimos. - Ele martelava o próprio peito com o dedo ao dizer as últimas palavras. As palavras latinas quarc, quid, quoe qui haviam saído completamente de sua fala no meio da tarde.

- O inglês é velho, Julie. Língua de bárbaros de meu tempo, e agora cheia de latim. Você ouve o latim? O que é isto, Julie? Explique isto para mim!

- Mas não existe ordem nas coisas que eu lhe ensino - disse ela. Queria explicar a impressão, relacioná-la com a cunhagem de moedas.

- Eu farei a ordem depois - tranqüilizou-a. Estava muito ocupado entrando pelos fundos de padarias e cozinhas de sopas, nas oficinas do sapateiro e do moleiro, e estudando o refugo jogado nos becos, percebendo os pedaços de papel que as pessoas carregavam e olhando as roupas das mulheres.

E olhando para as mulheres também.

Se isto não é desejo, não sei o que é caráter, pensou Julie. Ele teria assustado as mulheres se não estivesse tão bem vestido, e estranhamente senhor de si. Na verdade, toda a sua maneira de se posicionar, fazer gestos, falar, possuía uma grande força atrativa. Este é um rei, ela pensou, deslocado no tempo e no espaço, mas não obstante, um rei.

Conduziu-o a um livreiro. Ela apontou os homens antigos, Aristóteles, Platão, Eurípides, Cícero. Ele olhou os quadros de Aubrey Beardsley na parede.

Fotografias decididamente o deliciavam. Julie levou-o então a um pequeno estúdio, para tirar seu próprio retrato. Seu prazer era quase infantil. Mais maravilhoso ainda, ele exclamou, era que até mesmo os pobres daquela grande cidade podiam tirar tais retratos.

Mas quando ele assistiu filmes animados, ficou positivamente atordoado. Dentro do pequeno cinema cheio de gente, ele perdeu o fôlego, agarrando-se com firmeza na mão de Julie, enquanto as gigantescas figuras luminescentes corriam pela tela à frente deles. Traçando os raios de luz com o olho, foi imediatamente até a salinha nos fundos escancarando a porta sem hesitação. Mas o velho projecionista caiu presa de seu charme como todos, e logo estava explicando todo o mecanismo em detalhes.

Por último eles adentraram a gigantesca caverna escura da Victoria Station, as poderosas locomotivas barulhentas fizeram com que ele parasse de súbito. Mas mesmo dessas ele se aproximou sem temor. Tocou o ferro frio e negro, e ficou perigosamente perto das rodas gigantes. Por trás do trem que partia, ele colocou o pé no trilho para sentir a vibração. Atordoado, olhou a multidão.

- Milhares de pessoas, transportadas de um lado da Europa ao outro - ela

gritou por sobre o ruído ao redor deles. - Jornadas que antes levavam meses agora duram poucos dias.

- Europa - ele sussurrou. - Itália até Britânia.

- Os trens são carregados em barcos através da água. Os pobres do campo podem entrar nas cidades. Todos os homens conhecem as cidades, sabia?

Ele assentiu sério. Pegou a mão dela.

- Não tenha pressa, Julie. Tudo será compreendido a seu tempo. - Outro de seus rápidos e brilhantes sorrisos, aquela grande e súbita onda quente de afeição por ela que a fazia ruborizar e desviar o rosto.

- Templos, Julie. As casas do deus... di.

- Deuses. Mas agora só existe um. Um Deus. Descrença. Um Deus?

Abadia de Westminster. Caminharam juntos sob os arcos altos. Tamanho esplendor. Ela mostrou-lhe o cenotáfío de Shakespeare.

- Não é a casa de Deus - ela disse. - Mas o lugar onde nos reunimos para falar com ele. - Como explicar o cristianismo? - Amor fraterno - ela disse. - Essa é a base.

Ele olhou para ela confuso.

- Amor fraterno? - Olhou as pessoas ao seu redor com olhar crítico.

- Eles crêem nesta religião? - ele perguntou. - Ou é apenas um hábito?

No fim da tarde ele falava coerentemente parágrafos inteiros. Contou a ela que gostava do inglês. Era uma ótima linguagem para pensar. O grego e o latim haviam sido excelentes para pensar. O egípcio não. A cada nova linguagem que aprendia em sua existência anterior, sua capacidade de compreensão havia aumentado. Linguagem possibilitava tipos inteiros de pensamentos. Ah, que as pessoas comuns dessa época lessem jornais, cheios de palavras! O que deveria pensar a gente comum?

- Você não está nem um pouco cansado? – Julie perguntou finalmente.

- Não, nunca cansado - respondeu ele - a não ser no coração e na alma. Faminto. Comida, Julie. Desejo muita comida.

Entraram juntos na quietude do Hyde Park, e apesar de suas negativas, ele pareceu aliviado pela visão súbita das árvores atemporais ao seu redor, pela visão do céu por entre os galhos como poderia ter sido visto a qualquer momento ou de qualquer ponto de vista na Terra.

Acharam um pequeno banco no caminho. Ele quedou-se silencioso observando os passantes. E como eles olhavam para ele: aquele homem de compleição poderosa com sua expressão forte e exuberante. Será que ele sabia que era bonito?, perguntou-se ela. Será que ele sabia que o simples toque de sua mão a fizera sentir um frisson que ela tentava ignorar?

Ah, tanto para mostrar a ele. Ela o levou aos escritórios da Companhia de Navegação Stratford, rezando que ninguém a reconhecesse, e levou-o até o elevador de ferro forjado, e pressionou o botão para o telhado.

- Cabos e polias - ela explicou.

- Britânia - ele sussurrou ao olharem os telhados de Londres; ao escutarem o grito dos apitos das fábricas, ao ruído dos sinos dos trens lá embaixo. - América, Julie. - Voltou-se excitado para ela, agarrando-lhe os ombros, os dedos surpreendentemente gentis: - Quantos dias por barco mecânico até América?

- Dez dias, acredito. Pode-se chegar ao Egito em menos tempo. Uma passagem para Alexandria leva seis dias.

Por que ela dissera aquelas palavras? O rosto dele assumiu, quase imperceptivelmente, um tom sombrio.

- Alexandria - ele murmurou, pronunciando a palavra da mesma forma que ela. - Alexandria ainda existe?

Ela o levou de volta ao elevador. Tanta coisa ainda por ver. Ela explicou que ainda existia uma Atenas, ainda existia uma Damasco, ainda existia uma Antioquia. E Roma, naturalmente ainda existia Roma.

Ocorreu a ela uma ideia maluca. Chamando uma charrua, ela ordenou ao cocheiro:

- Madame Tussaud’s.

Todas aquelas figuras fantasiadas no museu de cera. Rapidamente ela explicou o que era, panorama da história. Ela mostrou-lhe índios americanos,

mostrou-lhe Gengis Khan ou Atila, o Huno... criaturas que haviam levado o terror à Europa depois da queda de Roma.

Ela não conseguia abarcar o mosaico de fatos que eram criados para ele. Sua equanimidade a surpreendia cada vez mais.

Mas não passaram mais que alguns instantes no museu de Madame Tussaud sem que ela percebesse o erro que cometera. A compostura dele caiu por terra à primeira visão dos soldados romanos. Reconheceu a figura de Júlio César instantaneamente. E então, sem acreditar, viu a Cleópatra do Egito, uma boneca de cera que não se parecia em nada com o busto que ele guardara ou com as moedas que ainda possuía. Mas sua identidade era infalível: ela estava reclinada sobre suas almofadas, a serpente enrolada em suas mãos, as presas bem abaixo do seio. A figura rígida de Marco Antônio estava de pé atrás dela, um homem sem feições próprias em uniforme militar romano.

O rosto de Ramsés mudou de cor. Havia algo de selvagem em seus olhos quando voltou-se para Julie, e depois voltou os olhos para os nomes impressos abaixo daquele estande.

Por que ela não se lembrara de que essas figuras estariam ali? Ela pegou sua mão quando ele recuou do vidro. Ele virou-se, quase esbarrando num casal que bloqueava seu caminho. O homem disse algo ameaçador, mas Ramsés pareceu não ter ouvido. Estava correndo em direção à saída. Ela o seguiu.

Ele parecia mais calmo quando ela chegou à rua. Estava observando o tráfego. Estendeu a mão a ela sem olhar para ela, e juntos caminharam devagar até que parou para ver operários numa construção. O grande misturador de cimento estava girando. O som dos martelos ecoava contra paredes distantes.

Um sorriso leve e amargo perpassou os lábios de Ramsés. Julie chamou uma charrete que passava.

- Onde vamos agora? - ela perguntou. - Diga-me o que quer ver.

Ele estava olhando para uma mendiga, uma figura esfarrapada de sapatos de salto quebrado que estendia sua mão para ele quando ele passou.

- Os pobres - disse ele, olhando para a mulher. Por que os pobres ainda estão aqui?

Andaram em silêncio por ruas de paralelepípedos. Varais de roupas

ocultaram o céu úmido e cinzento. A fumaça de fogueiras subia pelos becos. Crianças descalças de cara suja se viravam para vê-los passar.

- Mas toda essa riqueza não pode ajudar essas pessoas? Elas são tão pobres quanto os camponeses de minha terra.

- Algumas coisas não mudam com o tempo - disse Julie.

- E seu pai? Era um homem rico? Ela assentiu.

- Ele construiu uma grande companhia de navegação - navios que levam produtos da índia e do Egito para a Inglaterra e a América. Navios que dão a volta ao mundo.

- Por essa riqueza, Henry tentou matar você, assim como matou seu pai na tumba.

Julie fixou o olhar para a frente. Parecia que as palavras iriam arrancar todos os vestígios de controle que ela possuía. Este dia, esta aventura, a haviam levado às alturas, e agora ela sentia que estava descendo, Henry matou papai. Era quase impossível falar.

Ramsés pegou sua mão.

- Deveria existir riqueza suficiente para nós todos – ela disse, a voz abalada. - Suficiente para mim, para Henry, para o pai de Henry.

- E mesmo assim seu pai procurava tesouros no Egito.

- Não, tesouros não! - Ela olhou-o, ferina. - Ele fazia escavações para encontrar evidências do passado. Seus escritos significavam mais para ele do que os anéis em seus dedos. A história que você contou, aquilo foi o tesouro dele. Aquilo e o sarcófago pintado, porque eram coisas puras, de seu tempo.

- Arqueologia - disse Ramsés.

- Sim. - Ela sorriu apesar de si mesma. - Meu pai não era ladrão de tumbas.

- Compreendo você. Não fique zangada.

- Ele era um scholar - disse ela, com um pouco mais de delicadeza. - Tinha todo o dinheiro de que precisava. Se cometeu algum erro, foi o de deixar sua companhia para o irmão e para o sobrinho, mas ele lhes pagava tão bem.

Ela parou. Sentiu-se cansada subitamente. Sob a euforia, ela sempre ficava pensando no que havia acontecido; e a dor havia apenas começado.

- Algo deu errado - ela murmurou.

- Ganância foi o que deu errado. A ganância é o que sempre dá errado.

Ele olhava pela janela as vidraças sujas e quebradas lá em cima. Cheiros ruins subiam das poças de lama e das portas. Os fedores da urina e da podridão.

Ela própria jamais estivera antes naquela parte de Londres. Isso a entristeceu; exacerbava sua própria dor.

- Este Henry deveria ser detido - Ramsés disse com firmeza. - Antes que tente ferir você novamente. E a morte de seu pai, certamente você vai querer que ela seja vingada.

- Isso matará meu tio Randolph quando ele descobrir o que aconteceu. Isto é, se já não sabe.

- O tio, aquele que veio esta manhã com tanto medo por você... ele é inocente e tem medo pelo filho. Mas primo Henry é mau. E o mal é incontido.

Ela tremia. As lágrimas despontaram nos olhos.

- Não posso fazer nada agora. Ele é meu primo. Eles são minha única família. E quando alguma coisa for feita, terá de ser numa corte da lei.

- Você está em perigo, Julie Stratford - ele disse.

- Ramsés, aqui não sou uma rainha. Não posso agir por conta própria.

- Mas eu sou um rei. Sempre serei. Minha consciência pode suportar esse fardo. Deixe-me agir quando eu achar conveniente.

- Não! - ela murmurou. Ergueu os olhos para ele implorando. Ele apertou seu braço contra o dela, gentilmente, e então esticou-o como se fosse abraçá-la. Ela ficou firme. - Prometa-me não fará nada. Se alguma coisa acontecer, isso ficará também na minha consciência.

- Ele matou seu pai.

- Mate-o e você matará a filha de meu pai - disse ela.

Houve um instante de silêncio em que ele apenas olhou para ela, maravilhado talvez, ela não sabia dizer. Ela sentiu o braço direito dele contra seu braço esquerdo. Então ele a puxou para perto de si, os seios contra o peito dele, e ele a beijou, a boca se abrindo sobre a dela. O calor foi imediato e profundamente penetrante. Ela estendeu os braços para empurrá-lo, e descobriu seus dedos acariciando-lhe os cabelos. Ela aninhou gentilmente sua cabeça. E então recuou, sem pensar, atordoada.

Por um momento não conseguiu falar. Seu rosto estava afogueado, e ela se sentia mole, e profundamente exposta. Fechou os olhos. Sabia que se ele a tocasse novamente, o jogo estaria perdido. Acabaria fazendo amor com ele naquele táxi, se não tomasse alguma providência...

- O que você achou que eu era, Julie? - ele perguntou. - Um espírito? Eu sou um homem imortal.

Moveu-se para beijá-la novamente; ela se afastou, a mão erguida.

- Vamos falar novamente de Henry? - ele perguntou. Pegou a mão dela, apertou-a e beijou-lhe os dedos. - Henry sabe o que sou. Ele viu, porque me movi para salvar sua vida, Julie. Ele viu. E não há motivo para deixá-lo viver com esse conhecimento, já que ele é mau e merece morrer.

Ele sabia que ela mal podia se concentrar nas palavras que ele falava. Isso a fez ficar subitamente com raiva, os lábios dele roçando seus dedos, os olhos azuis dele brilhando como faróis no táxi mal iluminado.

- Henry se fez de ridículo com essa história - disse ela. - E não tentará me machucar novamente. - Retirou sua mão e desviou o olhar para a janela. Estava deixando aquele cortiço triste e miserável. Graças a Deus.

Ele deu de ombros, como se não se importasse.

- Henry é um covarde - ela disse. Seu corpo estava novamente sob controle. - Um covarde terrível. O que ele fez com papai, uma covardia terrível.

- Covardes podem ser mais perigosos que corajosos, Julie - ele disse.

- Não o machuque! - ela sussurrou. Voltou-se para encarar Ramsés novamente. - Por mim, deixe-o para Deus. Não posso ser seu júri e juiz!

- Tão igual a uma rainha - ele disse. - E mais sábia que muitas.

Curvou-se lentamente para beijá-la de novo. Ela sabia que devia recuar, mas não o fez. E o calor inundou-a novamente, enfraquecendo-a completamente. Quando ela recuou, ele tentou abraçá-la; mas a resistência imediata que ela ofereceu foi mais forte.

Quando ela tornou a olhar para ele, ele estava sorrindo.

- Um convidado em sua corte - disse com um pequeno gesto de aceitação -, minha rainha.

Elliott não teve a menor dificuldade em sobrepujar Rita. Mesmo enquanto ela implorava que compreendesse que sua patroa não estava em casa, e certamente deveria voltar outra hora, ele passou por ela, direto ao salão egípcio.

- Ah, esses tesouros adoráveis. Não há no mundo tempo bastante para examiná-los. Dê-me um copo de sherry, Rita. Acho que estou cansado. Vou repousar por um momento antes de ir para casa.

- Sim, senhor, mas...

- Sherry, Rita.

- Sim, senhor.

Como ela estava pálida e sôfrega, a pobrezinha. E que confusão estava aquela biblioteca. Havia livros espalhados por toda parte. Olhou a mesa na estufa. Podia ver, de onde estava, que havia dicionários empilhados sobre a mesinha; jornais e revistas em pequenas pilhas espalhadas por todas as cadeiras.

Mas o diário de Lawrence estava ali na escrivaninha, como ele esperava. Abriu-o, confirmou que não havia erro, e então colocou-o dentro do casaco.

Olhava para o estojo da múmia quando Rita voltou, a taça de sherry numa pequena bandeja de prata.

Apoiando-se pesadamente em sua bengala, ele levantou o copo e tomou apenas um gole.

- Você me deixaria dar uma olhada na múmia, pois não? - ele pediu.

- Meu Deus, não, senhor! Por favor, não toque nisso! - disse Rita, simplesmente em pânico ao olhar o estojo da múmia. - É muito pesado, senhor! Não devemos tentar levantá-lo.

- Tsc, tsc. Você sabe tão bem quanto eu que aquilo é uma concha fina de madeira, e não é tão pesada assim.

A garota estava aterrorizada. Ele sorriu. Tirou um soberano do bolso e deu a ela. Ela ficou surpresa. Balançou a cabeça.

- Não, aceite, querida. Compre alguma coisa bonita para você.

E antes que ela pudesse pensar no que dizer, ele passou por ela, na direção da porta da frente. Ela correu para abri-la para ele.

Ele só parou ao chegar ao final das escadas. Por que é que não forçara a questão? Por que não havia olhado dentro daquele estojo?

Seu valete, Walter, apressou-se em ajudá-lo. Bom e velho Walter, com ele desde menino. Deixou que Walter o ajudasse a subir no carro, e recostou-se, a dor nos quadris mordendo fundo enquanto ele esticava as pernas.

Ele teria ficado surpreso ao descobrir o estojo vazio, ao descobrir que aquilo era um jogo? Pelo contrário. Ele percebia que acreditava totalmente em que o estojo estava vazio. E teve medo de confirmar isso.

O senhor Hancock, do Museu Britânico, não era um homem paciente. Toda sua vida ele usara sua devoção às antigüidades egípcias para bulir com as pessoas, para justificar rudeza e até mesmo maldade para com outros. Isso era parte de sua natureza, tanto quanto o genuíno.

- Se me perdoam a um velho, a questão do amor para com as relíquias e os papiros que estudara a vida inteira.

Leu em voz alta a manchete a sua frente para os três outros cavalheiros na sala.

- ”Múmia Anda em Mayfair”. - Ele dobrou o jornal. - Isto é perfeitamente abominável. O jovem Stratford está fora de si?

O cavalheiro mais velho, sentado diretamente oposto, no outro lado da escrivaninha, simplesmente sorriu.

- Henry Stratford é um bêbado, e um jogador. Mas a múmia deve ter realmente saído do estojo!

- Mas a questão é - disse Hancock - que temos uma coleção inestimável de

antigüidades numa casa particular, e agora temos este pequeno escândalo! Com a Scotland Yard entrando e saindo e os repórteres da imprensa marrom seguindo-lhes os passos.

- Se me perdoam - argumentou o cavalheiro mais velho -, a questão da moeda roubada é muito mais premente.

- Sim - disse Samir Ibrahaim do outro lado do círculo onde estava sentado. - Mas eu lhes digo que só haviam cinco moedas quando cataloguei a coleção, e nenhum de nós viu esta pretensa moeda roubada.

- Não obstante - retrucou Hancock -, o senhor Taylor é um respeitável negociante de moedas. Ele tinha certeza de que a moeda era autêntica. E de que foi Henry Stratford quem a ofereceu para venda.

- Stratford poderia tê-la roubado no Egito - disse o cavalheiro mais velho. Duas pessoas no círculo concordaram.

- A coleção devia estar no museu - disse Hancock.

- Deveríamos estar fazendo nossos exames da múmia de Ramsés agora. O Museu do Cairo está furioso com essa controvérsia. E agora, esta moeda...

- Mas, cavalheiros - interrompeu Samir. - Certamente não poderemos tomar decisão alguma quanto à segurança da coleção até que tenhamos falado com a senhorita Stratford.

- A senhorita Stratford é muito jovem - Hancock cortou-o. - E está num estado de luto que obscurece seu juízo.

- Sim - disse o cavalheiro mais velho. - Mas certamente todos os presentes percebem que Lawrence Stratford contribuiu com milhões a este museu. Não, eu acho que Samir tem razão. Não podemos tirar a coleção de lá até que a senhorita Stratford dê a sua permissão.

Hancock deu mais uma olhada no jornal.

- ”Ramsés Ergue-se da Tumba’’ - ele leu. - Estou lhes dizendo, não gosto disso.

- Talvez outro guarda devesse ficar de prontidão – disse Samir. - Talvez dois.

O cavalheiro mais velho assentiu.

- Boa sugestão. Mas repito, os sentimentos da senhorita Stratford devem ser levados em consideração.

- Talvez você queira chamá-la - disse Hancock, olhando para Samir. - Você era amigo do pai dela.

- Muito bem, senhor - respondeu Samir, a voz baixa. - Certamente que farei isso.

Anoitecia: Hotel Victória. Ramsés estava jantando desde as quatro horas, quando o sol ainda atravessava o vidro opaco e se derramava sobre as mesas com toalhas brancas. Agora estava escuro; velas brilhavam por toda parte; os ventiladores de teto giravam muito devagar, mal perturbando as folhas das altas e elegantes palmeiras verde-escuras que estavam nos vasos de metal.

Garçons de libre traziam prato atrás de prato de comida sem comentários, sobrancelhas elevadas ao abrirem a quarta garrafa de vinho tinto italiano.

Julie havia terminado sua modesta refeição horas antes. Estavam engajados em profunda conversação agora, o inglês fluindo tão fácil quanto o vinho.

Ela ensinara a Ramsés como usar a prataria pesada, mas ele ignorou. Em sua época apenas um bárbaro empurraria a comida para dentro da boca.

Na verdade, ele observara após uma pequena consideração, ninguém empurrava a comida. Julie teve tempo para explicar o surgimento dos talheres de prata. Por ora, ela devia concordar que ele era muito... muito... exigente, ela arriscou. Elegante, civilizado, mestre em partir o pão e a carne em porções pequenas e colocá-la na língua sem que os dedos tocassem os lábios.

Ela estava agora imersa em sua discussão sobre a Revolução Industrial.

- As primeiras máquinas eram simples: para tecer, arar os campos. Foi a ideia da máquina que pegou.

- Sim.

- Se você faz uma máquina para fazer uma coisa, então pode aperfeiçoar uma máquina para fazer outra...

- Compreendo.

- E então surgiram o motor a vapor, o carro a motor, o telefone, o aeroplano.

- Quero fazer isso, voar no céu.

- Claro, e faremos isso. Mas você compreende o conceito, a revolução no pensamento?

- Claro. Não estou vindo, como você diz, da décima nona dinastia da história do Egito, venho dos primeiros dias do Império Romano. Minha mente é, como vocês dizem?, flexível, adaptável. Estou numa constante, como vocês dizem?, revolução?

Alguma coisa o assustou; a princípio ela não percebeu o que era. A orquestra havia começado, muito suavemente, de forma que ela mal a ouvia por sobre os murmúrios das conversas. Ele ergueu-se, deixando cair o guardanapo. Apontou para o outro lado do salão lotado.

Os acordes suaves da Valsa da Viúva Alegre elevavam-se acima do murmúrio das conversas. Julie virou-se para ver a pequena orquestra de cordas reunida no outro lado do piso polido do pequeno espaço de dança.

Ramsés ergueu-se e foi na direção deles.

- Ramsés, espere - disse Julie. Mas ele não a escutou. Ela correu atrás dele. Certamente todos estavam olhando o homem alto que marchava através do piso de danças e parou bruscamente bem na frente dos músicos como se fosse o maestro em pessoa.

Olhou com firmeza para os violinos, para o violoncelo; e então, ao estudar a enorme harpa dourada, o sorriso retornou-lhe, num êxtase tão claro que a violinista sorriu para ele e o velho violoncelista grisalho pareceu levemente divertido.

Ele devia parecer um surdo-mudo quando subiu o estrado e colocou os dedos no violoncelo, recuando com o poder da vibração, e depois tocando-o novamente.

- Ooooh, Julie - ele murmurou em voz alta. Todos olhavam. Até mesmo os garçons olhavam para ele com óbvio alarme. Mas ninguém ousava questionar o belo cavalheiro vestido com o melhor terno e colete de seda de Lawrence, nem mesmo quando ele estremeceu e colocou as mão nos lados da cabeça.

Ela puxou-o. Ele nem se moveu.

- Julie, esses sons! - ele sussurrou.

- Então dance comigo, Ramsés - ela disse.

Ninguém mais estava dançando, mas o que importava? Havia o salão de baile, e ela tinha vontade de dançar. Mais do que tudo no mundo.

Atônito, ele olhou para ela, e então deixou-se girar, e sua mão ser tomada adequadamente enquanto ela deslizava a mão pela cintura dele.

- Agora, é assim que o homem conduz a mulher – disse ela, iniciando o passo de valsa e conduzindo-o com facilidade. - Era a minha mão que deveria estar no seu ombro. Eu ando assim, e você... isso. Mas permita-me conduzi-lo.

Giravam cada vez mais rápido, Ramsés acompanhando-a lindamente, só de vez em quando olhando os próprios pés. Outro casal juntara-se a eles; e depois outro. Mas Julie não os via; via apenas o rosto enlevado de Ramsés, e a maneira como seus olhos se moviam por sobre os tesouros comuns do salão. Subitamente tudo ficou enevoado, as velas, as pás dos ventiladores girando acima, as flores mergulhadas nos vasos sobre as mesas, e o reluzir da prata por toda parte, e a música que os cercava, a música que os levava cada vez mais rápido.

Subitamente ele deu uma gargalhada.

- Julie, é como música que se derramasse de uma ânfora. Como música que se tornasse em vinho.

Ela o girava rapidamente em pequenos círculos.

- Revolução! - ele gritou.

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

Então, de repente acabou. Deve ter havido um final. Tudo o que ela sabia era que estava terminado, e que ele ia beijá-la, e ela não queria que ele parasse. Mas ele hesitou. Notou que os outros casais se retiravam. Pegou-a pela mão.

- Sim, hora de ir - ela disse.

Lá fora, a noite era fria e enevoada. Ela deu umas moedas ao porteiro. Queria um táxi.

Ramsés andava para um lado e para o outro, olhando as multidões de viajantes comerciais indo e vindo em carros a motor e carruagens, o pequeno jornaleiro correndo na direção dele com a última edição.

- Maldição da Múmia em Mayfair! - o garoto gritava com voz aguda. - Múmia se Ergue da Tumba!

Antes que ela pudesse alcançar Ramsés, ele arrancou o jornal da mão do menino. Envergonhada, ela deu uma moeda à criança.

Estava tudo lá, todo aquele escândalo idiota. Uma charge a nanquim de Henry descendo esbaforido a escadaria da frente da casa dela.

- Seu primo - Ramsés disse sombrio. - ”Maldição da Múmia Ataca Novamente” - ele lia devagar.

- Ninguém acredita nisso! É uma brincadeira. Ele continuou a ler.

- ”Cavalheiros do Museu Britânico dizem que a coleção de Ramsés está inteiramente segura e breve retornará ao museu.” - Ele parou. - Museu - disse. - Explique esta palavra museu. O que é o museu, uma tumba?

A pobre garota estava arrasada, Samir podia ver. Ele devia ir embora. Mas tinha de ver Julie. E por isso esperou no escritório, sentado rígido na beira do sofá, recusando a terceira oferta de Rita por café, chá ou vinho.

De quando em vez corria os olhos pela casa para ver o reluzente caixão egípcio. Se Rita não ficasse ali de pé... Mas obviamente ela não iria deixá-lo sozinho.

O museu estava fechado havia horas. Mas ela queria que ele o visse. Deixou o táxi ir embora e seguiu-o até a cerca de ferro. Ele enfiou os dedos pelos buracos da grade ao olhar para a porta e as janelas altas acima. A rua era escura e estava deserta. E uma chuva leve começara a cair.

- Há muitas múmias lá dentro - ela disse. - Sua múmia acabaria vindo para cá. Papai trabalhava para o Museu Britânico, embora pagasse os próprios custos.

- Múmias de Reis e Rainhas do Egito?

- Na verdade, a maioria é do Egito. Havia uma múmia de Ramsés Segundo numa caixa de vidro durante anos.

Ele deu uma pequena e amarga gargalhada.

- Você a viu? - Olhou de volta para o museu. - Pobre idiota. Jamais soube que foi enterrado na tumba de Ramsés.

- Mas quem era ele? - O coração dela acelerou. Muitas perguntas na ponta da língua.

- Jamais soube - ele disse baixinho, os olhos ainda percorrendo devagar o prédio como se estivesse memorizando. - Mandei meus soldados procurarem um moribundo, alguém que não tivesse quem o amasse e dele cuidasse. Levaram-no de volta ao palácio à noite. E então eu... como vocês dizem? Forjei minha própria morte. E então meu filho, Menepta, teve o que queria, ser rei. - Considerou por um instante. Sua voz alterou-se sutilmente. Ficou mais grave. - E agora você me diz que este corpo está num museu com outros reis e rainhas?

- No Museu do Cairo - ela disse suavemente. - Perto de Saqqara, e das pirâmides. Existe uma grande cidade lá.

Ela podia ver como isso o afetava. Muito gentilmente, ela continuou, embora não soubesse dizer se ele a ouvia ou não.

- Em tempos antigos, o Vale dos Reis foi saqueado. Ladrões de tumbas despojaram quase todas elas. O corpo de Ramsés, o Grande, foi encontrado com dezenas de outros num túmulo coletivo feito para isso pelos sacerdotes.

Ele se virou e olhou para ela pensativo. Mesmo em grandes aflições seu rosto parecia aberto, os olhos perscrutadores.

- Diga-me, Julie. A Rainha Cleópatra Sexta, que governou nos tempos de Júlio César. Seu corpo repousa neste Museu do Cairo? Ou aqui? - Ele se voltou para o edifício escuro. Viu as súbitas mudanças nele; as cores voltando à sua face.

- Não, Ramsés. Ninguém sabe o que aconteceu com os restos de Cleópatra.

- Mas você conhece a rainha, cuja imagem em mármore estava na minha tumba.

- Sim, Ramsés, até mesmo crianças conhecem o nome de Cleópatra. Todo o mundo o conhece. Mas seu túmulo foi destruído há muito tempo. Aquilo foi há muito tempo, Ramsés.

- Entendo melhor do que falo, Julie. Continue.

- Ninguém sabe onde ficava o túmulo dela. Ninguém sabe o que aconteceu ao seu corpo. Os tempos das múmias haviam passado.

- Não é verdade! - murmurou ele. - Ela foi enterrada adequadamente, à velha moda egípcia, sem a magia e o embalsamamento, mas foi envolta em linho como se devia, e depois levada ao seu túmulo por mar.

Parou. Colocou as mãos nas têmporas. E então repousou a testa contra a grade de ferro. A chuva caía um pouco mais forte. De repente ela sentiu um calafrio.

- Mas aquele mausoléu - ele disse, recompondo-se, cruzando os braços e recuando um passo agora como se quisesse dizer que falava sério. - Era uma grande estrutura. Era grande e bonita e coberta de mármore.

- Assim nos dizem os escritores antigos. Ninguém sabe onde fica.

Ele olhou para ela em silêncio.

- Eu sei, é claro - ele disse.

Desceu a calçada, afastando-se dela. Parou sob o lampião da rua e olhou para a feérica luz incandescente amarela. Ela tentou acompanhá-lo. Finalmente ele se voltou para ela, esticou sua mão e puxou para perto.

- Você sente minha dor - ele disse calmamente. Mas me conhece tão pouco. O que pareço, a você?

Ela refletiu.

- Um homem - ela disse. - Um homem belo e forte. Um homem que sofre como todos nós sofremos. E sei de coisas... Porque você as escreveu de próprio punho e deixou os rolos lá.

Impossível dizer se isso lhe agradava.

- E seu pai leu essas coisas também - respondeu ele.

- Sim. Ele fez algumas traduções.

- Eu o observei - sussurrou ele.

- Era verdade o que você escreveu?

- Por que eu deveria mentir?

Subitamente ele se moveu para beijá-la, e mais uma vez ela recuou.

- Ah, você escolhe os momentos mais estranhos para seus pequenos avanços - ela disse sem fôlego. - Estávamos falando de... de tragédia, não era?

- De solidão, talvez, e de frivolidades. E das coisas que o pesar nos faz cometer.

Sua expressão se amorteceu. Havia aquela coisa jocosa nele, aquele sorriso.

- Seus templos ficam no Egito. Ainda estão de pé ela disse. - O Ramasseum, em Luxor. Abu Simbel. Ah, esses não são os nomes pelos quais você os conhece. Suas estátuas colossais! Estátuas que o mundo inteiro viu. Sobre as quais escreveram poetas ingleses. Grandes generais viajaram para vê-la. Já caminhei por elas, pus minhas mãos sobre elas. Já estive em seus antigos salões.

Ele continuava a sorrir.

- E agora eu ando com você por estas ruas modernas.

- E você se enche de alegria ao fazê-lo.

- Sim, isto é bem verdade. Meus templos eram velhos antes que eu fechasse meus olhos. Mas o mausoléu de Cleópatra tinha acabado de ser construído. - Ele parou, largando a mão dela. - Ah, para mim é como se fosse ontem. No entanto é distante, como se fora um sonho. De alguma forma eu senti a passagem dos séculos enquanto dormia. Meu espírito cresceu enquanto eu dormia.

Ela pensou nas palavras de tradução de seu pai.

- O que você sonhou, Ramsés?

- Nada, minha querida, que possa tocar as maravilhas deste século! - Ele parou. - Quando estamos cansados, falamos com ternura de sonhos como se eles incorporassem nossos verdadeiros desejos... o que gostaríamos de ter quando o que temos nos desaponta. Mas para este viajante, o mundo concreto sempre foi o verdadeiro objeto do desejo. E o cansaço veio apenas quando o mundo pareceu feito de sonhos.

Os olhos estavam fixos na chuva que caía. Ela deixou suas palavras pesarem, tentando talvez em vão abarcar o significado completo delas. Sua breve vida fora marcada com dor o bastante para fazê-la desejar o que tinha. A morte da mãe, anos antes, havia feito com que se apegasse ainda mais ao pai. Tentara amar Alex Savarell porque ele queria isso; e seu pai não havia se importado. Mas o que ela realmente amava eram ideias, e coisas, assim como o pai. Era isso o que ele queria dizer? Ela não tinha certeza.

- Você não quer voltar ao Egito, não precisa ver por si mesmo o velho mundo? - perguntou ela.

- Estou arrasado - murmurou ele.

Uma rajada de vento úmido varreu as calçadas desertas; folhas secas voejaram e se colaram ao longo da cerca alta de ferro. Um zumbido baixo soava dos fios elétricos acima, e Ramsés virou-se para dar uma olhada neles.

- Cada vez mais vívido que um sonho - murmurou ele, tornando a olhar a solitária lâmpada amarela acima de sua cabeça. - Eu quero esta época, minha querida - ele disse. - Você me perdoa se eu te chamar assim? Minha querida? Como você chamou seu amigo, Alex?

- Pode me chamar assim - disse ela. – Pois eu te amo mais do que jamais o amei!

Julie deu um daqueles sorrisos acolhedores e generosos. Foi a ela com os braços estendidos e ergueu-a subitamente.

- Pequena rainha - disse ele.

- Ponha-me no chão, grande rei - murmurou ela.

- E por que eu deveria?

- Porque eu lhe ordeno que sim.

Ele obedeceu. Colocou-a no chão com gentileza e curvou-se.

- E agora, para onde vamos minha rainha, de volta ao palácio de Stratford, na região de Mayfair, na terra de Londres, Inglaterra, antigamente conhecida como Britânia?

- Sim, vamos voltar, porque estou esgotada.

- Sim, e eu preciso estudar na biblioteca de seu pai, se me permite. Preciso ler os livros agora para “colocar em ordem’’, como vocês dizem, as coisas que você me mostrou.

Nem um som na casa. Onde havia ido a garota? O café que Samir finalmente aceitara estava agora bem frio. Não conseguia beber aquela infusão fria. Para começar, nem mesmo queria bebê-la.

Há quase uma hora não tirava os olhos fixos do estojo da múmia, ao que parecia, o relógio batera duas vezes no corredor, um ocasional par de faróis rasgando as cortinas acetinadas e varrendo o grande cômodo de teto alto, e enchendo o rosto dourado da múmia com vida por um instante terrível.

Subitamente ele se pôs de pé. Pôde ouvir o ranger do piso sob o tapete. Caminhou lentamente até o estojo. Erga-o. E você saberá. Erga-o. Imagine. Poderia estar vazio?

Ele esticou a mão para tocar a madeira trabalhada, as mãos paradas, tremendo.

- Eu não faria isso, senhor!

Ah, a garota. A garota novamente no corredor com as mãos apertadas, a garota com muito medo, mas de quê?

- A senhorita Julie ficaria muito zangada.

Ele não pôde pensar em nada para dizer. Deu um aceno rápido e desajeitado com a cabeça, e voltou ao sofá.

- Talvez amanhã o senhor devesse voltar - ela disse.

- Não, preciso vê-la hoje.

- Mas, senhor... é tão tarde.

Os cascos de um cavalo do lado de fora, o pequeno ranger das rodas de uma charrete. Ele ouviu uma pequena gargalhada súbita muito fraca, mas sabia que era Julie.

Rita apressou-se até a porta e destrancou o ferrolho. Ele ficou olhando sem fala o casal entrar na sala. Julie, radiante, os cabelos cheios de pingos brilhantes de chuva; e um homem, um homem alto de esplêndida aparência, com cabelos

castanho-escuros e olhos azuis brilhantes, ao lado dela.

Julie falou com ele. Ela disse seu nome. Mas não foi registrado.

Ele não conseguia tirar os olhos daquele homem. A pele era branca, intocada. E as feições eram exoticamente moldadas. Mas o espírito que habitava o homem era a característica mais forte. O homem exalava força e uma força súbita que era quase arrepiante.

- Eu só queria... dar uma olhada em você - ele disse a Julie quase sem lançar-lhe um olhar. - Saber se você estava bem. Preocupo-me com você...

Sua voz enfraqueceu.

- Ah, eu sei quem é você! - exclamou o homem subitamente, com um sotaque britânico impecável. - Você é o amigo de Lawrence, não é? Seu nome é Samir.

- Já nos encontramos? - perguntou Samir. - Não me lembro.

Seus olhos moviam-se incertos pela figura que se aproximava dele agora, e subitamente ele olhava fixamente a mão estendida, o anel de rubi, e o anel com o cartucho de Ramsés, o Grande, e parecia que o salão havia se tornado irreal: que as vozes que lhe falavam não faziam sentido, e que não havia necessidade de responder.

O anel que ele vira através das bandagens da múmia! Não havia engano. Ele não poderia cometer um engano daqueles. E o que Julie estava dizendo que pudesse importar agora? Palavras pronunciadas de forma tão educada, mas tudo mentiras, e aquela criatura olhava para ele, sabendo muito bem que ele reconhecia o anel, sabendo muito bem que simples palavras não importavam.

- Espero que Henry não tenha corrido para o senhor com aquelas bobagens... - Sim, era isso o que ela estava dizendo.

Mas não eram bobagens. E lentamente ele deslocou o olhar e forçou-se a ver por si mesmo que ela estava sã e salva e segura. Então fechou os olhos, e quando os abriu novamente, olhou não para o anel, mas para o rosto do rei, para os olhos azuis firmes que compreendiam tudo.

Quando tornou a falar com ela, foi num murmúrio desconexo:

- Seu pai não teria querido que você ficasse desprotegida. Seu pai teria

querido que eu viesse...

- Ah, mas Samir, amigo de Lawrence - o outro disse -, agora não existe perigo para Julie Stratford. - E, passando subitamente para egípcio antigo com um sotaque que Samir jamais ouvira: - Esta mulher por mim é amada e será protegida de todo mal.

Aqueles sons eram espantosos. Ele recuou. Julie estava falando novamente. E mais uma vez ele não estava escutando. Tinha se agarrado à platibanda da lareira como se estivesse prestes a cair.

- Certamente você conhece a língua antiga dos faraós, meu amigo - disse o homem alto de olhos azuis. - Você é egípcio, não é? Por toda a sua vida você a estudou. Pode lê-la tão bem quanto lê grego ou latim.

Uma modulação de voz tão cuidadosa; tentava dispersar todo medo; era civilizada, cortês. O que mais Samir poderia ter querido?

- Sim, senhor, o senhor está certo - disse Samir. Mas nunca a tinha ouvido, e o sotaque sempre fora um mistério. Mas o senhor precisa me contar... - forçou-se a olhar diretamente para o homem outra vez. - O senhor é egiptólogo, segundo me disseram. O senhor acredita que foi a maldição da tumba que matou meu adorado amigo Lawrence? Ou a morte o tomou naturalmente, como supomos?

O homem parecia pesar a questão; e nas sombras, a alguns metros de distância, Julie Stratford empalideceu e baixou os olhos, e virou-se muito sutilmente contra os dois.

- Maldições são palavras, meu amigo - disse o homem. - Avisos para afastar os ignorantes e a plebe. E preciso veneno ou alguma arma para tirar uma vida humana de forma antinatural.

- Veneno! - murmurou Samir.

- Samir, é muito tarde - disse Julie. Sua voz estava rouca, tensa. - Não vamos falar disso agora, ou vou acabar chorando novamente e me sentindo tola. Precisamos falar dessas coisas somente quando quisermos realmente examiná-las. - Ela deu um passo à frente e tomou-lhe as mãos. – Quero que você venha outra noite, quando poderemos conversar todos.

- Sim, Julie Stratford está cansada. Julie Stratford foi uma grande professora. E eu lhe desejo uma boa noite, meu amigo. Você é meu amigo, não

é? Existem tantas coisas que talvez possamos dizer um ao outro. Mas por ora, creio que eu deva proteger Julie Stratford de qualquer um ou qualquer coisa que possa feri-la.

Samir encaminhou-se devagar à porta.

- Se precisar de mim - disse ele, virando-se - me chame.

Apanhou o casaco. Tirou seu cartão dele e ficou olhando, aturdido por um instante. Então deu-o ao homem. Viu o anel refletir a luz quando o homem pegou-o.

- Estou no meu escritório no Museu Britânico até tarde todas as noites. Caminho pelos corredores quando todos já foram embora. Vá pela porta lateral e me encontrará.

Mas por que ele dizia essas coisas? O que ele queria arrumar? Num átimo, desejou que a criatura falasse novamente na língua ancestral; não conseguia compreender a estranha mistura de dor e alegria que sentia: as estranhas trevas em que o mundo entrava, e a apreciação da luz que surgia com essas trevas.

Virou-se e saiu, descendo apressado os degraus de granito e passando pelos guardas uniformizados sem um olhar sequer na direção deles. Andou rápido pelas ruas frias e úmidas. Ignorou os táxis que passavam por ele devagar. Só queria ficar sozinho. Não tirava da cabeça o anel; ouvir aquelas palavras em egípcio antigo finalmente definidas em voz alta, como jamais ouvira antes. Queria chorar. Um milagre se revelara; mas mesmo assim, de alguma forma isso ameaçava o que havia de milagroso ao seu redor.

- Lawrence, dá-me tua luz - ele murmurou.

Julie fechou a porta e passou-lhe o ferrolho. Voltou para Ramsés. Podia ouvir os passos de Rita no andar acima. Estavam sozinhos, bem além dos ouvidos de Rita.

- Você quis confiar-lhe seu segredo? - perguntou ela.

- O mal está feito - ele disse baixo. - Ele sabe a verdade. E seu primo Henry contará a outros. E outros também começarão a acreditar.

- Não, isso é impossível. Você viu por si só o que aconteceu com a polícia. Samir sabe porque viu o anel; ele o reconheceu. E como ele viu, ele passou a

acreditar. Outros não farão isso. E de algum modo...

- De algum modo?

- Você queria que ele soubesse. Foi por isso que você se dirigiu a ele pelo nome. Você disse a ele quem você era.

- Eu disse?

- Sim, eu acho que você disse.

Ele ponderou isso. Não concordou muito com a ideia. Mas era verdade, ela poderia ter jurado isso.

- Se dois acreditam, três podem acreditar - ele disse, como se ela não tivesse provado nada.

- Eles não podem provar. Você é real, sim, e o anel é real. Mas o que existe realmente para ligar você ao passado? Você não compreende esta época se pensa que é preciso tão pouco para que os homens acreditem que alguém se ergueu da tumba. Está é a época da ciência, não da religião.

Ele organizava os pensamentos. Curvou a cabeça e cruzou os braços, andando para frente e para trás sobre o tapete. Então parou:

- Ah, minha querida, se você pudesse compreender - disse ele. Não havia urgência em sua voz, mas havia uma grande emoção. E parecia que o ritmo agora era inglês, quase intimamente. - Por mil anos eu guardei esta verdade - ele disse - até mesmo dos que eu amava e servia. Eles jamais souberam de onde vim, ou quanto tempo eu tinha vivido, ou o que havia me acontecido. E agora surgi em sua época, revelando esta verdade a mais mortais numa lua cheia do que nunca desde que Ramsés governou o Egito.

- Entendo - ela disse. Mas pensava uma coisa completamente diferente. Você escreveu toda a história nos rolos. Você os deixou lá. E isso foi porque você não podia suportar este segredo por mais tempo. - Você não compreende esta época - ela repetiu. - Ninguém acredita em milagres, nem as pessoas com quem eles acontecem.

- Que coisa estranha de se dizer!

- Se eu gritasse isso do alto dos telhados ninguém me acreditaria. Seu elixir está a salvo, com ou sem esses venenos.

Foi como se um choque de dor o percorresse. Ela viu. Ela sentiu. Ela lamentou suas palavras. Que loucura pensar que essa criatura é toda-poderosa, que seu sorriso pronto esconde uma vulnerabilidade tão grande quanto sua força. Ela estava arrasada. Ela esperou. E então o sorriso dele mais uma vez veio em seu socorro.

- O que podemos fazer senão esperar e ver, Julie Stratford?

Ele suspirou. Tirou o fraque, e afastando-se dela foi até a sala egípcia. Ficou olhando o caixão, seu caixão, e depois a fileira de jarros. Esticou a mão para baixo e cuidadosamente acendeu o interruptor, como a tinha visto fazer, e então ergueu os olhos para as longas fileiras de livros que iam da escrivaninha de Lawrence até o teto.

- Com certeza você precisa dormir - disse ela. Deixe-me levar você até o quarto de papai, lá em cima.

- Não, minha querida, eu não durmo, a não ser quando desejo deixar de viver por algum tempo.

- Você quer dizer que... você não precisa dormir, nem de dia nem de noite?

- Correto - disse ele, lançando-lhe outro sorrisinho. - Vou lhe contar outro segredo louco. Não preciso da comida ou da bebida que consumo, apenas sinto vontade. E meu corpo aprecia - ele riu levemente do choque dela. – Mas o que preciso agora é ler os livros de seu pai, se me permitir.

- Claro, não precisava me pedir uma coisa dessas – respondeu ela. - Você deve pegar o que precisar e o que quiser. Vá ao quarto dele quando quiser. Ponha o robe dele. Quero que você tenha todos os confortos. - Ela riu. – Estou começando a falar do seu jeito.

Olharam um para o outro. Apenas alguns metros os separavam, e ela estava feliz por isso.

- Vou deixar você agora - disse ela, mas por um instante ele pegou sua mão, eliminou a distância, prendeu-a nos braços e beijou-a novamente. Então, de forma quase rude ele a soltou.

- Julie é rainha em seu próprio domínio - disse ele, um pouco como que se desculpando.

- E suas palavras a Samir, vamos nos lembrar delas: ”Mas por ora devo proteger Julie Stratford de qualquer um ou qualquer coisa que possa feri-la.’’

- Não menti. E deveria deitar ao seu lado, para melhor protegê-la.

Ela riu. Melhor fugir agora enquanto ainda era moral e fisicamente possível.

- Ah, mas ainda há outra coisa - disse ela.

Foi até a extremidade nordeste da sala, e abriu o gabinete do gramofone. Ligou a coisa e procurou por entre os discos da RCA Victor, Aída, de Verdi.

- Ah, exatamente - disse ela. E não havia nenhuma figura esfuziante na capa do álbum para repeli-lo. Colocou o disco preto pesado no prato de veludo, colocou o braço no lugar. E então voltou-se para ver o rosto dele enquanto começava a marcha triunfal da ópera, um coral baixo e distante de vozes belas.

- Ahhhh, mas o que é esta mágica? A máquina está fazendo música!

- Ela só reproduz. E vou dormir como as mulheres mortais o fazem, sonhando, embora a vida real tenha se tornado tudo o que sonhei que fosse.

Ela olhou para trás uma vez mais para vê-lo balançando com a música, os braços cruzados, a cabeça baixa. Ele cantava junto, bem baixo, com a respiração. E até mesmo a simples visão da camisa branca esticada por sobre suas costas largas e seus braços poderosos fez com que ela tremesse toda.

Ao soar a meia-noite, Eliott fechou o caderno de anotações. Havia passado a noite lendo a tradução de Lawrence de cabo a rabo, e reesaminando suas velhas biografias empoeiradas do rei chamado Ramsés, o Grande, e da rainha conhecida como Cleópatra. Não havia nada naqueles tomos históricos que não pudesse se encaixar na pretensa história da múmia.

Um homem que governou o Egito por sessenta anos poderia muito bem ter sido imortal, diabos. E o reinado de Cleópatra VI havia sido, para quaisquer padrões, profundamente notável.

Mas o que o intrigava mais do que tudo no momento era um parágrafo em que Lawrence havia escrito em latim e egípcio: a última nota. Elliott não teve problema em ler isso. Mantinha seu diário em latim quando esteve em Oxford; e estudara egípcio com Lawrence durante anos, e depois por conta própria.

Não era uma transcrição do material nos rolos de Ramsés. Ao invés disso, o parágrafo continha os comentários particulares de Lawrence sobre o que havia lido. Afirma ter ingerido este elixir apenas uma vez. Não foi necessário outra infusão. Preparou a mistura para Cleópatra, mas sentiu que não era seguro descartar-se da infusão. Relutante em colocar tudo em seu corpo por medo de resultados adversos. E se todos os produtos químicos desta tumba forem testados adequadamente? E se existir algum produto químico aqui que possua um efeito rejuvenescedor sobre o corpo humano, e possa prolongar substancialmente a vida?”

As duas linhas em egípcio eram incoerentes. Falavam alguma coisa sobre magia, segredos, ingredientes naturais combinados para provocar um efeito inteiramente novo.

Então é isso o que Lawrence provavelmente acreditava. E tivera a precaução de ocultar nas línguas antigas. E o que Elliott realmente acreditava nessa situação? Especialmente à luz da história de Henry sobre a ressurreição da múmia?

Ocorreu-lhe novamente que estava jogando num joguinho muito dramático; que crença é uma palavra que raras vezes analisamos completamente. Por exemplo, por toda a sua vida ele ”acreditou” nos ensinamentos da Igreja inglesa. Mas nem por um momento esperou entrar num paraíso cristão quando morresse, e certamente não num inferno cristão. Não teria apostado uma moedinha de cobre na existência de qualquer um dos dois.

Uma coisa era bem certa. Se ele tivesse realmente visto a coisa sair do caixão, como Henry afirmava que ela tinha feito, ele não se comportaria como Henry. Henry era homem sem imaginação. Talvez essa falta de imaginação tivesse sempre sido a falha trágica. Ocorreu-lhe que Henry era um homem que não apreendia as implicações das coisas.

Longe de fugir desse mistério, como Henry havia escolhido fazer, Elliott havia se tornado obcecado com ele. Se tivesse ficado mais tempo na casa dos Stratford, sido um pouquinho mais esperto, poderia ter examinado aqueles jarros de alabastro; poderia ter apanhado um dos rolos. Aquela coitadinha da Rita teria aceito qualquer explicação.

Ele queria ter tentado.

Também queria que seu filho, Alex, não sofresse. Pois aquele era o único

aspecto desagradável deste mistério até o momento.

Alex andou procurando Julie o dia inteiro. Ficou num grande estado de alerta com relação ao convidado na casa de Julie, a quem ele havia apenas olhado de relance por entre as portas da estufa: ”um homem enorme, bem, muito alto, e com olhos azuis. Um sujeito bem... bem-parecido, mas certamente velho demais para estar cortejando Julie!”

Então, às oito daquela noite, houve uma ligação daquele bom tipo de amigos que adora espalhar boatos ao deus dará. Julie fora vista dançando no Hotel Vitória com um estranho bonito e de respeito. Alex e Julie não estavam noivos? Alex agora não cabia em si de preocupação. Embora tivesse ligado para Julie de hora em hora a tarde inteira, ela não respondera. Finalmente pedira ao pai que interviesse. Será que Elliott não poderia chegar ao fundo disso?

Sim. Elliott iria até o fundo disso. Na verdade, Elliott sentiu-se curiosamente reanimado pelo projeto inteiro. Elliott sentiu-se quase jovem, sonhando acordado com Ramsés, o Grande, e seu elixir oculto entre venenos.

Levantando-se então de sua confortável poltrona à beira do fogo, ignorando a dor familiar nas pernas, foi até a escrivaninha para escrever uma carta.

Querida Julie,

Chegou aos meus ouvidos a notícia de que você está hospedando um amigo de seu pai, creio. Eu teria um grande prazer em conhecer este cavalheiro. Talvez possa ser de alguma ajuda a vocês durante a estada dele, e certamente não gostaria de perder tal oportunidade.

Posso lhe pedir que venham aqui amanhã à noite para um jantar em família...

Em instantes ele terminou a nota. Colocou-a num envelope, pôs o lacre e levou-a ao hall da frente, onde a pôs numa bandeja de prata para que seu criado, Walter, a entregasse pela manhã. Então parou. Naturalmente isso era o que Alex queria que ele fizesse. Mas sabia que não fazia isso por Alex. E sabia que se um jantar desse acontecesse Alex ficaria mais magoado do que já estava. Por outro lado, quanto mais cedo Alex percebesse... Parou. Não sabia realmente o que é que Alex deveria perceber. Sabia apenas que ele próprio estava inflamado com o mistério que lentamente se desenrolava à sua frente.

Mancou com dificuldade até o cabide debaixo da escada, retirou o manto

de sarja pesado e então saiu pela porta lateral da casa. Havia quatro carros a motor estacionados ali.

Mas o Lancia Theta com partida elétrica era o único que ele dirigia. E já havia se passado um ano sem que ele tivesse desfrutado desse extraordinário prazer.

Isso o deliciava agora, o fato de que ele poderia conduzir a coisa sozinho, sem ter de consultar um criado, um cocheiro, um valete ou um chofer. Que evolução maravilhosa, que uma invenção tão complexa pudesse fazer uma pessoa voltar à simplicidade.

O pior de tudo era se acomodar no banco da frente, mas ele conseguiu. Então pressionou o pedal de partida, acelerou, e logo estava novamente sobre a sela de um cavalo, livre, como fora quando jovem, correndo num galope para Mayfair.

Deixando Ramsés, Julie subiu apressada as escadas e entrou no quarto, fechando a porta por trás de si. Por um longo momento ela ficou inclinada contra a porta, os olhos fechados. Podia ouvir Rita se movendo lá embaixo. Podia sentir o cheiro gostoso de cera das velas que Rita sempre acendia à sua cabeceira. Um pequeno toque romântico que Julie conservava da infância - antes das luzes elétricas - quando o cheiro dos lampiões a gás sempre a enjoavam um pouco.

Ela não pensava em nada senão no que tinha acontecido: tudo a preenchia tão completamente que não havia espaço para uma verdadeira reflexão ou avaliação. Aquele senso latente de uma aventura extenuante era a única atitude que ela podia racionalmente identificar consigo própria. Exceto, é claro, por uma atração física por Ramsés que era profundamente dolorosa.

Não, não era simplesmente física. Ela estava se apaixonando completamente.

Quando abriu os olhos, viu o retrato de Alex sobre a cômoda. E Rita nas sombras, que tinha acabado de pôr sua camisola sobre a colcha rendada. Então gradualmente ela foi ficando ciente de que o quarto estava cheio de flores.

Buquês de flores em vasos de vidro sobre a cômoda, nas mesinhas-de-cabeceira, em sua escrivaninha no canto...

- São do visconde, madame - disse Rita. Todos esses buquês. Não sei o que ele vai pensar, madame, de tudo isso... essas estranhas saídas. Eu mesma não sei

o que pensar, madame...

- Claro que não - disse Julie. - Mas, Rita, você não pode contar isso a uma alma sequer, você sabe disso.

- Quem ia acreditar em mim, madame? - perguntou Rita. - Mas não compreendo, madame. Como ele se escondeu naquela caixa? Como ele comeu aquela comida toda?

Por um momento, Julie não conseguiu responder. O que seria que estava pensando Rita?

- Rita, não há nada para se preocupar - ela disse com firmeza. Pegou as mãos de Rita entre as suas. - Você acredita em mim quando lhe digo que ele é um homem bom, e que tudo isso tem uma boa explicação?

Rita ficou olhando para Julie sem entender. Seus pequenos olhos azuis ficaram muito grandes de repente.

- Mas, senhorita Julie! - ela sussurrou. - Se ele é um homem bom, por que é que ele teve que entrar assim em Londres? E como foi que ele não se sufocou debaixo daquele pano todo?

Julie ficou pensando um momento.

- Rita, meu pai sabia do plano - ela disse, séria. – Ele aprovou.

Será que realmente queimamos no inferno por contar mentiras?, pensou Julie. Especialmente mentiras que imediatamente acalmem outras pessoas?

- Posso até acrescentar - disse Julie - que o homem tinha um propósito muito importante aqui. E que só algumas pessoas no governo sabem disso.

- Ahhhh... - Rita estava pasma.

- Claro que algumas pessoas muito importantes na Companhia de Navegação Stratford também sabem, mas você não deve deixar escapar uma palavra. Especialmente para Henry, ou o Randolph, ou o Lorde Rutherford ou qualquer outra pessoa, ouviu?

Rita fez que sim com a cabeça.

- Muito bem, madame. Eu não sabia que era isso.

Depois que a porta havia fechado, Julie começou a rir e pôr a mão na boca como uma estudante. Mas a verdade era que aquilo fazia sentido perfeitamente. Porque o que a Rita acreditava, por mais louco que parecesse, era muito mais plausível do que o que realmente havia acontecido.

O que realmente havia acontecido. Ela se sentou à frente do espelho. Começou quase lânguida a tirar os alfinetes do cabelo, e sua visão turvou-se quando olhou seu próprio reflexo. Ela viu o quarto como se através de um véu; viu as flores; viu as cortinas de renda branca na sua cama; viu seu mundo, remoto, e não mais importante.

Deslizou suavemente através dos movimentos de pentear os cabelos, de se levantar, tirar a roupa, colocar a camisola, e se enfiar debaixo das cobertas. As velas ainda queimavam. O quarto tinha um brilho suave e agradável. As flores davam um perfume sutil.

Amanhã ela o levaria aos museus, se ele quisesse. Talvez tomassem um trem para o campo. Podiam ir à Torre de Londres. Ah, tantas coisas...

E então veio aquela grande e maravilhosa interrupção de todo pensamento; ela o viu; ela viu a si própria e ele juntos.

Samir estava sentado à sua mesa há quase uma hora. Havia bebido metade de uma garrafa de Pernod, um licor que sempre gostara muito, e que descobrira num café francês no Cairo. Mas não estava bêbado; havia simplesmente entorpecido a agitação que o possuíra pouco depois que deixara a casa dos Stratford. Mas quando tentava realmente pensar no que estava acontecendo, a agitação voltava.

Assustou-se com uma súbita batida no vidro de sua janela. Seu escritório ficava nos fundos do museu. E a única luz acesa no prédio inteiro era a sua, e talvez outra em algum lugar bem lá dentro, onde os guardas-noturnos tomavam café e fumavam cigarros.

Não conseguia ver a figura do lado de fora. Mas sabia quem era. E levantou-se antes da próxima batida. Foi ao corredor dos fundos, até uma porta posterior e abriu-a para o beco dos fundos.

Vestindo um casaco respingado de chuva, a camisa aberta e desabotoada pela metade, Ramsés, o Grande, estava esperando por ele. Samir deu um passo para a escuridão do lado de fora. A chuva havia deixado um brilho nas paredes

de pedra e na calçada. Mas nada parecia brilhar tanto quanto aquela figura alta e impositiva à sua frente.

- O que posso fazer por vós, senhor? - perguntou Samir. - Que serviço posso prestar?

- Quero entrar, ó honesto - disse Ramsés. - Se você permitir, gostaria de ver as relíquias de meus ancestrais e de meus filhos.

Um maravilhoso tremor percorreu Samir à menção daquelas palavras. Sentiu lágrimas aflorando aos olhos. Não poderia explicar a ninguém aquela felicidade agridoce.

- Com prazer, senhor - disse ele. - Deixai-me ser vosso guia. E um grande privilégio.

Elliott viu as luzes na biblioteca de Randolph. Estacionou o carro no meio-fio, bem ao lado das velhas cavalariças, desceu e conseguiu subir as escadas e tocar a campainha. O próprio Randolph, em mangas de camisa e com o cheiro ruim de vinho no hálito, veio atender.

- Meu Deus, você sabe que horas são? - perguntou ele. Virou-se e deixou que Elliott o seguisse até a biblioteca. Que coisa louca ela era, atulhada de todos os equipamentos que o dinheiro podia comprar para uma sala daquelas, incluindo gravuras de cães e cavalos, e mapas que ninguém jamais havia visto.

- Vou ser franco com você. Estou cansado demais para agir diferente - disse Randolph. - Você chegou numa hora muito boa para responder uma pergunta muito importante.

- E qual é ela? - perguntou Elliott. Ele observou Randolph acomodar-se em sua escrivaninha, uma monstruosidade de mogno com esculturas pesadas. O tampo estava cheio de papéis e livros-caixa. Havia contas aos montes. E um telefone grande e feio, e caixinhas de couro para clipes, canetas e papel.

- Os antigos romanos - disse Randolph, tornando a se sentar e bebendo seu vinho sem pensar em oferecê-lo a Elliott. - O que eles faziam quando sofriam uma desonra, Elliott? Cortavam os pulsos, não era? E sangravam graciosamente até a morte.

Elliott olhou o homem, seus olhos vermelhos, a leve paralisia das mãos. Então fez uso de sua bengala para tornar a se levantar. Foi até a escrivaninha e

serviu-se de um copo de vinho. Reencheu o cálice de Randolph e voltou para sua poltrona.

Randolph assistiu a tudo, mas parecia não dar nenhum significado ao que via. Repousou os cotovelos na escrivaninha à sua frente, e correu os dedos muito enrugados pelo cabelo grisalho enquanto olhava a pilha de papéis.

- Se não me falha a memória - disse Elliott - Brutus caiu sobre a própria espada. Marco Antônio tentou o mesmo truque mais tarde, e fez um serviço muito ruim. Então subiu numa corda até os aposentos de Cleópatra. E lá conseguiu de algum modo tentar novamente, ou finalmente morrer. Ela escolheu o veneno de uma cobra. Mas sim, para responder sua pergunta, os romanos de tempos em tempos cortavam os pulsos, é verdade. Mas você vai me permitir observar que nenhum dinheiro vale a vida de um homem. E você precisa parar de pensar nisso.

Randolph sorriu. Elliott provou o vinho. Muito bom. Os Stratford sempre beberam bons vinhos. Todos os dias eles bebiam safras que outros reservavam para ocasiões especiais;

- É mesmo? - perguntou Randolph. - Dinheiro algum? E onde vou conseguir a quantia que preciso para impedir que minha sobrinha saiba toda a extensão de minha perfídia?

O conde balançou a cabeça.

- Se você tirar sua vida, ela sem dúvida descobrirá tudo.

- Sim, e eu não estarei lá para responder às perguntas dela.

- Grande coisa, não vale o preço dos anos que lhe restam. Você está falando bobagens.

- Estou? Ela não vai casar com Alex. Você sabe que não. E ela não daria as costas à Companhia de Navegação Stratford mesmo que casasse. Não há nada que fique entre mim e o desastre final.

- Pois bem, há sim.

- E o que é?

- Espere alguns dias e verá se não estou certo. Sua sobrinha tem uma nova distração. Seu convidado do Cairo, o senhor Reginald Ramsey. Alex está

arrasado por causa disso, claro, mas ele irá se recuperar. E esse Reginald Ramsey bem poderá afastar Julie da Navegação Stratford, assim como de meu filho. E seus problemas poderão ter uma solução muito simples. Ela pode perdoar tudo em você.

- Eu vi aquele sujeito! - disse Randolph. - Eu o vi esta manhã quando Henry fez aquela cena idiota. Você não está me dizendo...

- Tenho um palpite, como dizem os americanos. Julie e esse homem...

- Henry devia estar naquela casa!

- Esqueça. O que você está dizendo não importa.

- Bem, você não parece muito animado com isto tudo! Eu achava que você estaria mais triste do que eu.

- Não é importante.

- Desde quando?

- Desde que comecei a pensar, pensar realmente, em que consistem nossas vidas. A velhice e a morte nos aguardam a todos. E não conseguimos encarar essa simples verdade, então procuramos distrações sem fim.

- Meu Deus, Elliott! Você não está falando com Lawrence, está falando com Randolph. Eu queria poder partilhar de sua grande perspectiva. Neste momento eu venderia minha alma por cem mil libras. E muitos outros homens também.

- Eu não - disse Elliott. - E não tenho nem jamais terei cem mil libras. Se tivesse, daria a você.

- Daria?

- Sim, acho que sim. Mas deixe-me levar esta conversa em outra direção. Julie pode não querer ser questionada sobre seu amigo, o senhor Ramsey. Ela pode querer algum tempo sozinha, alguma independência verdadeira. E você pode ter tudo novamente nas suas mãos.

- Está falando sério?

- Estou, e agora vou para casa. Estou cansado, Randolph. Não corte os pulsos. Beba o quanto quiser, mas não faça algo tão terrível para todos nós.

Amanhã à noite, vá lá em casa jantar. Convidei Julie e esse homem misterioso. Não me falte. E quando isto tudo acabar, talvez tenhamos uma ideia melhor do pé em que estarão as coisas. Você vai poder ter o que quiser. E eu poderei ter a solução de um mistério. Posso contar com você para amanhã à noite?

- Jantar, amanhã à noite? - disse Randolph. - Você veio até aqui à uma da manhã para me perguntar isso?

Elliott deu uma gargalhada. Colocou o copo na mesa e se levantou.

- Não - disse ele. - Vim para salvar sua vida. Acredite em mim, não vale a pena, cem mil libras. Só estar vivo... não sentir dor... mas por que tentar explicar?

- Sim, não se dê ao trabalho.

- Boa noite, meu amigo. Não se esqueça. Amanhã à noite. Não precisa me levar à porta. Agora vá dormir como um bom homem, certo?

Com uma lanterna elétrica, Samir havia levado Ramsés rapidamente por toda a coleção. O que quer que o rei sentisse, não confessou. Estudou cada objeto grande - múmia, sarcófago, estátua - por sua vez, mal observando a enormidade de pequenas relíquias que enchiam tantas caixas.

Seus passos ecoavam descuidados no chão de pedra. O único guarda, há muito acostumado às caminhadas noturnas de Samir, os deixou em paz.

- No Egito estão os verdadeiros tesouros - disse Samir. - Os corpos dos reis. Esta é apenas uma fração do que foi salvo da pilhagem e da ação do tempo.

Ramsés parou. Estava examinando um estojo de múmia da época de Ptolomeu, uma das curiosas criações híbridas que consistiam de um caixão egípcio com um rosto grego realista pintado sobre ele, ao invés da máscara estilizada de séculos anteriores. Era o caixão de uma mulher.

- Egito - murmurou Ramsés. - Subitamente não consigo ver o presente pelo passado. Não posso abraçar esta época sem dizer meu adeus completamente àqueles anos.

Samir se descobriu tremendo na escuridão. A doce tristeza tornou a dar lugar ao medo, um terror profundo silencioso dessa coisa antinatural que ele agora sabia ser verdade. Não podia haver erro.

O rei deu as costas às salas egípcias.

- Leve-me para fora, meu amigo - disse ele. - Estou perdido neste labirinto. Não gosto do conceito de um museu.

Samir caminhou rapidamente ao seu lado, o facho de luz brilhando no chão logo à frente deles.

- Senhor, se desejar ir para o Egito, vá agora. É o meu conselho para o senhor, embora eu saiba que o senhor não o pediu. Leve Julie Stratford se quiser. Mas deixe a Inglaterra.

- Por que diz isso?

- As autoridades sabem que foram roubadas moedas da coleção! Elas querem reclamar a múmia de Ramsés, o Grande. Há muitas conversas e suspeitas.

Samir podia ver a ameaça no rosto de Ramsés.

- O maldito Henry Stratford - ele disse bem baixo, acelerando sutilmente o passo. - Ele envenenou o tio, um homem de conhecimento e sabedoria. Carne de sua carne, sangue de seu sangue. E roubou desse homem uma moeda de ouro após isso.

Samir parou. O choque era maior do que ele podia suportar. No mesmo instante ele percebeu que era verdade. Ele soubera, assim que vira o corpo do amigo, que alguma coisa estava terrivelmente errada. Não fora uma morte natural. Mas acreditava que Henry Stratford era um covarde. Lentamente recuperou o fôlego. Olhou a figura alta e sombria de pé ao seu lado.

- O senhor tentou me dizer isso mais cedo esta noite - ele murmurou. - Eu não quis acreditar.

- Eu percebi, amado servo - disse o rei. - Com meus próprios olhos. Assim como vi você chegar até o corpo de seu amigo Lawrence e começar a chorar. Essas coisas estavam misturadas com meus sonhos; mas lembro-me muito claramente delas.

- Ah, mas isto não pode passar sem uma vingança. - Samir tremia.

Ramsés pôs a mão no ombro dele. Reduziram o passo.

- E esse Henry Stratford conhece meu segredo - disse Ramsés. - A história que ele contou era verdadeira. Pois quando ele tentou da mesma maneira tirar a vida de sua prima, eu saí do caixão para impedir isso. Ah, se naquele instante eu tivesse toda minha força eu teria acabado com ele ali. Eu deveria tê-lo embalsamado pessoalmente, enfaixando-o e colocando-o no caixão pintado para que todo o mundo o visse como Ramsés.

Samir sorriu amargo.

- Justa recompensa - ele disse baixinho. Sentia as lágrimas na face, mas o alívio que elas costumavam dar não vinha. - E o que vai fazer agora, senhor?

- Matá-lo, é claro. Pelo bem de Julie e para o meu bem. Não há outra possibilidade.

- O senhor espera a oportunidade?

- Espero permissão. Julie Stratford tem a consciência delicada de quem não está acostumada a derramamento de sangue. Ela ama o tio; tem pavor de violência. E compreendo o raciocínio dela, mas fico impaciente. E furioso. Não quero que esse Henry nos ameace mais.

- E quanto a mim? Eu também sei seu segredo agora, senhor. O senhor me matará para protegê-lo?

Ramsés parou.

- Não peço gentilezas de quem estou prestes a matar. Mas diga-me. Por sua honra, quem mais conhece a verdade?

- Lorde Rutherford, o pai do jovem que corteja Julie...

- Ah, o que se chama Alex, o dos olhos gentis.

- Sim, senhor. O pai é um homem com quem se podia contar. Ele suspeita. O que é mais significativo, ele pode acreditar, mais honestamente até do que o jovem Stratford.

- Este conhecimento é venenoso! Tão mortal quanto os venenos de minha tumba. Primeiro haverá fascinação, depois ganância, e finalmente o desespero.

Chegaram à porta lateral. A chuva estava acabando. Samir podia vê-la através do vidro grosso, embora não pudesse ouvi-la.

- Diga-me por que este conhecimento não é venenoso para você - questionou Ramsés.

- Não quero viver para sempre, senhor. Silêncio.

- Eu sei. Posso ver. Mas por meu coração dos corações, não compreendo.

- Estranho, senhor, que eu deva lhe dar explicações. Ao senhor, que deve saber coisas que eu nunca saberei.

- Ficarei grato pela explicação.

- Percebi que já é por demais cruel continuar vivendo agora. Eu amava meu amigo. Temo por sua filha. Temo pelo senhor. Tenho medo de adquirir conhecimento que não posso utilizar para qualquer propósito moral.

Nova pausa.

- Você é um homem sábio - disse Ramsés. - Mas não tema por Julie. Eu a protegerei, até de mim mesmo.

- Siga meu conselho e vá embora. Os boatos que correm são perigosos. E o caixão vazio, ele será descoberto. Mas se o senhor tiver partido, tudo isto será esquecido. Tem de ser esquecido. A mente racional não pode aceitar de outra forma.

- Sim. Eu irei. Preciso ver o Egito novamente. Preciso ver a moderna cidade de Alexandria cobrindo os palácios e as ruas que conheci. Preciso ver o Egito novamente apenas para acabar com isso, e entrar no mundo moderno. Mas quando?, esta é a questão.

- O senhor precisará de documentos para viajar, senhor. Nesta época, não se pode ser um homem sem uma identidade. Eu posso obter esses documentos para o senhor.

Ramsés pensou.

- Diga-me onde posso achar Henry Stratford.

- Isso eu não sei, senhor. Eu mesmo poderia matá-lo agora, se soubesse. Fica na casa do pai quando quer. E também sustenta uma moça. Peço-lhe que deixe a Inglaterra já, e deixe esta vingança esperar o momento adequado. Deixe-me providenciar para o senhor os documentos de que necessita.

Ramsés assentiu, mas não foi um aceno de concordância. Ele estava simplesmente reconhecendo a generosidade do conselho, Samir sabia disso.

- Como posso recompensar sua lealdade, Samir? perguntou ele. - O que quer que eu possa lhe dar?

- Estar perto do senhor. Conhecê-lo. Ouvir de quando em quando uma ínfima parte da sua sabedoria. O senhor eclipsou os mistérios que eu amava. E o mistério agora. Mas não peço nada, realmente, senão pela sua própria segurança: vá. E proteja Julie Stratford.

Ramsés sorriu em aprovação.

- Arranje os documentos de viagem para mim - disse ele.

Meteu a mão no bolso e tirou uma moeda de ouro reluzente que Samir reconheceu na hora. Não precisava estudar a efígie.

- Não, senhor, não posso. Esta não é mais uma moeda. É mais...

- Use-a, meu amigo. Existem muitas, muitas mais de onde esta veio. No Egito eu tenho riquezas ocultas que eu próprio não posso mais calcular.

Samir aceitou a moeda, embora não tivesse certeza do que iria fazer com ela.

- Posso conseguir o que o senhor quer.

- E para você? O que for necessário para que viaje conosco?

Samir sentiu a pulsação acelerar. Ficou olhando o rosto do rei, apenas parcialmente revelado pela luz parda que passava por entre a porta.

- Sim, senhor, se é isso o que deseja. Irei com vocês com prazer.

Ramsés fez um pequeno gesto educado. Samir imediatamente abriu a porta; Ramsés curvou-se rapidamente e saiu para a chuva em silêncio.

Por um longo tempo Samir ficou ali, sentindo a rajada fria de fora, mas sem se mover. Então fechou e trancou a porta. Caminhou pelos corredores escuros do museu até chegar ao foyer da frente.

Uma grande estátua de Ramsés, o Grande, ficava ali, desde muitos anos, saudando a todos que entravam no museu.

Ela merecera apenas um sorriso fugaz do rei. Mas Samir ficou olhando para ela, consciente de que sua atitude era de adoração silenciosa.

O Inspetor Trent estava sentado à sua escrivaninha, na Scotland Yard, pensando. Passava das duas. O Sargento Galton tinha ido para casa há muito tempo. E ele próprio estava cansado. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar em todos os aspectos desse estranho caso, que agora abarcava um assassinato.

Nunca se acostumara a examinar cadáveres. Mas tinha ido ao necrotério para ver o corpo de Thomas Sharples, por uma razão muito importante. Uma rara moeda grega havia sido encontrada no bolso de Sharples, uma moeda idêntica à ”moeda de Cleópatra” da coleção Stratford. E também fora encontrado nas vestes um caderninho de endereços de Sharples, contendo o nome e endereço de Henry Stratford.

Henry Stratford, que fugira da casa de sua prima em Mayfair esta manhã, gritando que uma múmia havia saído do caixão.

Sim, um enigma.

Que Henry Stratford possuísse uma rara moeda de Cleópatra não teria surpreendido ninguém. Ele tentara vender uma dessas moedas dois dias atrás, isso era agora quase certo. Mas por que teria tentado pagar suas dívidas com uma peça de ouro tão valiosa, e por que o ladrão que assassinara Sharples não a roubara?

Mas a coisa toda fazia sentido. E ainda havia a questão do assassinato em si. Certamente Henry Stratford não o cometera. Um cavalheiro como ele podia tapear os credores por meses. Além do mais, ele não era do tipo que enfiaria uma faca no peito de um homem, pelo menos Trent achava que não.

Mas, ele não era do tipo de sair gritando da casa de sua prima que uma múmia havia tentado estrangulá-lo.

E ainda havia outra coisa. Uma coisa muito preocupante. Era o jeito como a senhorita Stratford reagira quando contaram-lhe a história louca de seu primo. Não pareceu chocada, mas sim indignada. Ora, a história não a surpreendera nem um pouco. E ainda havia aquele estranho cavalheiro que estava na casa dela e a maneira com que a garota Stratford olhara para ele. A mocinha estava escondendo alguma coisa, isso era certo. Talvez ele devesse parar por lá e apenas

dar uma olhadinha na casa, e conversar um pouco com os guardas.

Afinal de contas, ele também não ia mesmo dormir aquela noite.

Madrugada. Ramsés estava de pé no corredor da casa palaciana de Julie, observando os ponteiros intricadamente esculpidos do relógio do avô se moverem. Finalmente o ponteiro grande cortou ao meio o numeral 12, e o pequeno cortou pela metade o numeral romano 4, e o relógio iniciou um som profundo e melodioso de carrilhões.

Numerais romanos. Onde quer que olhasse ele os via; nas esquinas, nas páginas de livros; nas fachadas de edifícios. Na verdade, a arte, a linguagem, o espírito de Roma corria por toda essa cultura, ancorando-a firmemente ao passado. Até mesmo o conceito de justiça que tão fortemente influenciou Julie Stratford não viera dos bárbaros que um dia governaram este lugar com suas ideias primitivas de lei revelada e vingança tribal, mas das cortes e juizes de Roma onde a razão havia reinado.

Os grandes bancos dos trocadores de dinheiro eram construídos à moda dos templos romanos. Grandes estátuas de mármore de figuras vestidas como romanos em lugares públicos. As casas curiosamente desgraciosas que atulhavam esta rua tinham colunas romanas e até peristilos sobre as portas.

Voltou-se e foi até a biblioteca de Lawrence Stratford e tornou a se sentar na confortável poltrona de couro do homem. Colocara velas acesas por todo o aposento para seu próprio prazer, e agora ele punha o mesmo nível de luminosidade que tanto amava. Naturalmente a empregadinha teria um ataque quando visse, pela manhã, a cera derramada por toda parte, mas não se importava. Ela certamente limparia tudo.

Ele adorara aquele aposento de Lawrence Stratford... os livros de Lawrence Stratford e sua escrivaninha. O gramofone de Lawrence Stratford tocando ”Beethoven”, uma mistura de pequenos trompetes esganiçados que soavam como um coro de gatos.

Como era curioso o fato de que ele tivesse tomado posse tão firmemente do que pertencera àquele inglês de cabelos brancos que abrira a porta de seu túmulo.

O dia inteiro ele vestira os trajes oficiais e pesados de Lawrence Stratford. E agora, novamente à vontade, nos ”pijamas” de seda e robe de cetim de

Lawrence Stratford. A parte mais intrigante do vestuário moderno foram os sapatos de couro do homem. Certamente os pés humanos não foram feitos para vestir esse tipo de cobertura. Era mais do que um soldado necessitava para protegê-lo no calor da batalha. Até mesmo os pobres usavam essas pequenas câmaras de tortura, embora alguns fossem afortunados o bastante para terem buracos no couro, criando uma espécie de sandália tosca para que os pés pudessem respirar.

Riu de si mesmo. Depois de tudo o que vira hoje, estava pensando em sapatos. Os pés não doíam mais. Então por que não esquecer?

Nunca sentia dor por muito tempo; nem tampouco o prazer. Por exemplo, agora ele fumava os deliciosos charutos de Lawrence Stratford, puxando lentamente a fumaça, de forma que ficava tonto. Mas a tontura ia imediatamente embora. Assim foi com o brandy, como sempre fora. Experimentara a embriaguez apenas por um instante, quando engoliu o primeiro gole e o calor delicioso da bebida ainda estava em seu peito.

Seu corpo simplesmente recusava os efeitos das coisas. Mesmo assim, ele podia provar, cheirar e sentir. E a estranha música metálica que saía do gramofone lhe dava tanto prazer que sentiu que poderia tornar a chorar.

Tanto para viver. Tanto para estudar! Desde a volta do museu, ele devorara cinco ou seis livros da biblioteca de Henry Stratford. Lera discussões complexas e atordoantes sobre a ”Revolução Industrial”. Folheara um pouco as ideias de Karl Marx, que eram totalmente sem sentido, até onde podia ver. Um homem rico, ao que parecia, escrevendo sobre homens pobres quando nem sequer sabia como suas mentes funcionavam. Reesaminara o globo terrestre diversas vezes e memorizou os nomes de continentes e países. Rússia, esse país era interessante. E essa América era o maior mistério de todos.

Então leu Plutarco, o mentiroso! Como o bastardo ousava dizer que Cleópatra tentara seduzir Otávio, seu último conquistador? Que ideia monstruosa! Havia alguma coisa sobre Plutarco que o fazia pensar em velhos fofocando reunidos em bancos de praças públicas. A história não tinha gravitas.

Mas basta. Por que pensar a respeito? Subitamente deixou-se levar pela confusão. O que o preocupava, o que o deixava com medo?

Não foram todas as maravilhas que descobrira nesse século XX desde a parte da manhã; nem a rouca e abrasiva língua inglesa, a qual dominava desde a

parte da tarde; e nem a quantidade de tempo que se passara desde que fechara os olhos. O que o preocupava era toda essa questão do jeito como seu corpo constantemente se restaurava: feridas se curando; pés apertados relaxando; o brandy tendo pouco ou nenhum efeito.

Isso o preocupava porque pela primeira vez em toda a sua longa existência ele começava a se perguntar se seu coração e mente não eram objetos de algum sistema similar de renovação incontrolável. Será que a dor mental o deixava tão facilmente quanto a dor física?

Não era possível. Mas se não era, por que sua pequena viagem ao Museu Britânico não o fizera chorar de agonia? Dormente e silencioso, ele caminhara entre múmias e sarcófagos e manuscritos roubados de todas as dinastias do Egito até a época em que se retirara de Alexandria, até seu último túmulo nas colinas egípcias. Mas Samir fora o que sofrera, o belo Samir da pele dourada, de olhos negros como os de Ramsés um dia foram. Grandes olhos egípcios, aqueles, os mesmos depois de séculos incontáveis. Samir, seu filho.

Não que as memórias não fossem vívidas. Eram. Como ontem, parecia, quando ele os tinha visto carregar o caixão de Cleópatra para fora do mausoléu e até o cemitério romano à beira do mar. Podia sentir novamente o cheiro daquele mar se quisesse. Podia ouvir o choro ao seu redor. Podia sentir as pedras através do couro fino de suas sandálias como havia sentido então.

Ao lado de Marco Antônio ela pedira para ser enterrada; e assim fora feito. Ficara entre a multidão, um homem comum, com o manto rústico enrolando o corpo, ouvindo os lamentos dos que carpiam. ”Nossa grande rainha está morta’’.

Seu lamento fora uma agonia. Então por que ele não chorava agora? Estava sentado nesta sala olhando o busto dela de mármore, e a dor estava logo além de seu alcance.

- Cleópatra - ele sussurrou. A título de brincadeira, ele a visualizou não como a mulher no seu leito de morte, mas como a garota que o despertara: Levantai, Ramsés, o Grande. Uma rainha do Egito vos chama. Sai de vosso sono profundo e aconselhai-me neste tempo de sofrimento.

Não, ele não sentia nem a alegria nem a dor.

Isto significaria que a capacidade de sofrer havia sido afetada pelo poderoso elixir que jamais cessava de trabalhar em suas veias? Ou era alguma

outra coisa, de que ele há muito suspeitara; que quando dormia, de algum modo sabia que o tempo passava? De algum modo, mesmo naquele estado inconsciente, ele viajava para longe das coisas que o feriram; e seus sonhos eram apenas uma indicação do raciocínio que se dava na quietude e nas trevas. Sem entrar em pânico, ele tinha sabido, antes que a luz do sol tocasse seu corpo, que milhares de anos haviam se passado.

Talvez ele estivesse simplesmente tão chocado por tudo o que vira a seu respeito no século XX que as memórias não o atingiram com toda a sua força emocional. A dor retornaria toda de uma vez e ele se veria chorando incontrolavelmente à beira da loucura: incapaz de abraçar toda a beleza que via.

Houve um momento no museu de cera, sim, quando vira aquela efígie vulgar de Cleópatra, e o ridículo Antônio sem expressão ao seu lado, quando sentira algo parecido com pânico. Retornar às ruas cheias e barulhentas de Londres o acalmara. Ele a ouvira gritando em sua memória: ”Ramsés, Antônio está morrendo. Dê-lhe o elixir! Ramsés!” Parecia uma voz de algum lugar fora dele, que não podia silenciar a seu bel-prazer. O fato dela ter sido tão grosseiramente representada o incomodava. E seu coração batia como aqueles martelos a vapor que quebravam as calçadas de cimento de Londres. Descompassado. Mas não era dor.

E o que importava que a estátua de cera tinha vulgarizado tanto a beleza dela? Suas estátuas também não tinham nenhuma semelhança com ele, e ele ficara ali no sol quente conversando com os homens que as faziam! Ninguém esperava que a arte popular tivesse alguma coisa a ver com o modelo de carne e osso, isto é, não até que os romanos começaram a encher seus jardins com suas próprias imagens, até os últimos detalhes.

Cleópatra não era romana. Cleópatra fora grega e egípcia. E o horror era que Cleópatra significava uma coisa totalmente errada para essas pessoas modernas do século XX. Ela se tornara um símbolo de licenciosidade, quando na verdade ela possuíra uma infinidade de talentos admiráveis. Eles a puniram por um defeito esquecendo tudo o mais.

Sim, isto foi o que o chocara no museu de cera. Lembrada, mas não pelo que fora. Uma prostituta pintada deitada sobre uma almofada de seda.

Silêncio. Seu coração estava disparado novamente. Ele escutava. Ele ouvia o tique-taque do relógio.

À sua frente havia uma bandeja com saborosos pastéis. E o brandy, e laranjas e peras num prato de porcelana. Ele devia comer e beber, pois isso sempre o acalmava, como se estivesse faminto quando não estava nem um pouco.

E ele não queria sentir a agonia novamente, queria? Mas estava apavorado. Porque não queria perder sua vasta experiência dos sentimentos humanos. Isso seria como morrer!

Uma vez mais ele olhava o belo rosto dela, reproduzido ali em mármore, mais verdadeiramente Cleópatra do que aquele horror de cera. E alguma coisa bem no fundo ameaçava a estranha placidez de sua mente. Ele via imagens sem sentido. Pôs as mãos na cabeça e suspirou.

Naturalmente que, se ele pensasse em Julie Stratford na cama sobre ele, a mente e o coração num instante se uniriam. Riu suavemente ao pegar um dos pasteizinhos: macio e doce. Ele o devorou. Queria devorar Julie Stratford. Ah, aquela mulher, aquela esplêndida mulher; esta rainha moderna de ossos delicados que não precisava de terra para reinar para torná-la nobre. Tão maravilhosamente inteligente e surpreendentemente forte. Mas era melhor que ele não pensasse mais nisso, ou subiria e bateria à porta dela.

Imagine: arrombando os aposentos dela. A pobre serviçal acorda no sótão e começa a gritar. E daí? E Julie Stratford levanta-se com aquela camisola de renda que ele já havia olhado antes no corredor, e ele a cobre, rasgando seu fino vestido, acariciando suas perninhas quentes e possuindo-a antes que ela possa protestar.

Não. Você não pode fazer isso. Faça isso e destruirá a coisa que deseja. Julie Stratford merecia humildade e paciência, e muita. Percebera isso quando a observara daquele estranho estado de semi-inconsciência, enquanto ela se movia pela biblioteca, falando com ele no caixão, sequer imaginando que ele pudesse ouvi-la.

Julie Stratford havia se tornado um grande mistério de corpo, alma e vontade.

Tomou outro gole de brandy. Delicioso. Outra longa tragada do charuto. Cortou uma fatia de laranja com a faca, pegou-a e comeu sua carne molhada e doce.

O charuto encheu a sala de um perfume melhor que qualquer incenso. Tabaco turco, Julie lhe dissera. Então ele não sabia o que significava, mas agora sabia. Folheando um livrinho intitulado História do Mundo, ele lera tudo sobre os turcos e suas conquistas. Era assim que ele devia começar, realmente, com os livrinhos cheios de generalidades e resumos: ”Em um século e meio, toda a Europa havia sido derrotada pelas hordas bárbaras.’’ Os detalhes viriam depois, enquanto ele vasculhasse a grande riqueza de material impresso em todas as linguagens. Só de pensar nisso ele sorria.

O gramofone parou. Ele se levantou, foi até a máquina e achou outro disco preto para que ela tocasse. Este tinha o título curioso de ”Only a bird in a gilded cage” (Apenas um pássaro numa gaiola dourada N.T.). Por algum motivo isso o fez pensar novamente em Julie e desejar enchê-la de beijos. Colocou o disco no prato e colocou a agulha. Uma voz baixa e frágil de mulher começou a pipilar. Ele riu. Pegou mais brandyt acompanhou um pouco a canção, numa dança lenta sem mover os pés do lugar.

Mas era hora de fazer algum trabalho. A escuridão se dissolvia do lado de fora das janelas. A primeira luz cinzenta da aurora estava surgindo. Ele podia ouvir, mesmo sobre os ruídos fracos da cidade ao seu redor, a música distante dos pássaros.

Foi até a cozinha escura e fria da casa, achou um “copo”, como eles o chamam, esse objeto bonito, e encheu-o com água do miraculoso cano de cobre.

Então voltou à biblioteca e estudou a longa fileira de jarros de alabastro sob o espelho. Todos pareciam intactos. Nenhuma rachadura. Nada faltando. E ali estava seu pequeno combustor, pronto para ele, e os frascos de vidro vazios. Tudo de que precisava era um pouco de óleo. Ou de uma daquelas velas, que havia queimado até um tamanho conveniente.

Movendo-se com muito cuidado entre seus rolos, ele montou adequadamente o pequeno combustor. Colocou o toco de vela no lugar, e soprou a chama.

Então estudou novamente os jarros. A mão escolheu antes da mente. E quando estudou o pó branco moído, percebeu que a mão estava certa.

Ah, se Henry Stratford tivesse mergulhado a colher neste ao invés de no outro! Que grande choque ele teria tido. Seu tio, transformado num fortíssimo leão, poderia ter-lhe arrancado a cabeça.

Ocorreu-lhe subitamente que, embora os venenos pudessem ter assustado as pessoas de sua época, eles não seriam obstáculo para os cientistas desta. Uma pessoa com um mínimo de crença poderia facilmente ter retirado todos os jarros fora dali, dado os conteúdos lentamente a vítimas animais, até descobrir o elixir. Seria muito simples.

Naquele momento, claro, apenas Samir Ibrahaim e Julie Stratford sabiam do elixir. E jamais divulgariam o segredo a ninguém. Mas Lawrence Stratford havia parcialmente traduzido a história. E seu caderno de anotações estava em algum lugar - Ramsés não conseguira encontrá-lo - para que qualquer um lesse. E, claro, havia os rolos.

Fosse qual fosse o caso, essa situação não poderia continuar para sempre. Ele precisava carregar o elixir consigo. E, é claro, sempre havia a chance de que a substância tivesse perdido a potência. Por quase dois mil anos, o pó permanecera no jarro.

Naquele tempo, o vinho teria virado vinagre, ou outro fluido totalmente impossível de se beber. Farinha teria virado alguma coisa indistinguível de areia.

Sua mão tremia agora, enquanto ele colocava todos os grânulos rançosos no prato de metal do combustor. Sacudiu o jarro para se certificar de que não restava sequer uma partícula. Então misturou tudo com o dedo no prato, e adicionou uma quantidade generosa de água do copo.

Tornou a acender a vela. Quando começou a borbulhar, ele reuniu os frascos de vidro e os dispôs juntos: os que estavam em exibição ali na mesa, e dois outros que haviam permanecido escondidos ou esquecidos numa caixa de ébano.

Quatro grandes frascos com tampas de prata.

Em segundos a mudança tinha acontecido. Os ingredientes puros, por si mesmos já bem potentes, haviam se tornado um líquido borbulhante, cheio de uma vaga luz fosforescente. Quão nefasto parecia, como algo que poderia queimar a pele dos lábios de alguém que tentasse bebê-lo! Mas não fez isso. Não fizera isso eras atrás, quando ele bebera o frasco inteiro sem hesitação, pronto para sofrer para ser imortal! Não houve dor alguma. Ele sorriu. Dor alguma.

Com muito cuidado ele ergueu o prato. Colocou o elixir fervente num frasco após o outro até que todos os quatro recipientes estivessem cheios. Então

aguardou até que o prato esfriasse e lambeu-o até ficar limpo, pois era a única coisa segura a fazer. Então tampou os frascos. E pegou a vela e pingou cera ao redor das tampas para selá-las, todas menos uma.

Três dos frascos ele colocou no bolso de seu robe. O quarto, o que ele não selara, levou consigo até a estufa. Ficou ali em pé no escuro, segurando-o, olhando as samambaias e as trepadeiras que enchiam a sala.

As paredes de vidro estavam perdendo sua opacidade escura. Ainda podia ver seu próprio reflexo com clareza, uma figura alta vestida numa roupa cor de vinho, com uma sala quente atrás: mas os objetos pálidos do mundo exterior também estavam se tornando visíveis.

Aproximou-se da samambaia no vaso mais próximo; uma coisa de grandes folhas verde-escuras aéreas. Derramou um pouco do elixir no solo úmido. Então voltou-se para a buganvília, cujos frágeis botões vermelhos eram poucos e estavam bem espalhados entre a folhagem escura. Derramou muitas gotas do elixir nesse vaso também.

Ouviu uma fraca movimentação: um som rascante. Usar mais seria loucura. Mesmo assim andou de vaso em vaso, derramando apenas algumas gotas em cada. Finalmente só restava metade do frasco. E já tinha feito estrago suficiente, não tinha? Se a mágica não funcionasse mais, ele saberia em alguns instantes. Olhou para o telhado de vidro. O primeiro vestígio de sol já se encontrava ali. O deus Rá enviando os primeiros raios de sol.

As folhas das samambaias farfalharam e aumentaram de comprimento; botões tenros se desenrolavam. As buganvílias incharam e estremeceram em suas treliças, pequenos tentáculos subindo em disparada pela grade de ferro forjado, pequenos botões abrindo subitamente, vermelhos como feridas ensangüentadas. Toda a sala de vidro estava viva com o crescimento acelerado. Ele fechou os olhos, escutando o som. Um tremor profundo perpassou seu corpo.

Como podia ter acreditado que o elixir tinha perdido seu efeito? Era tão forte quanto sempre tinha sido. Um grande gole o fizera imortal para sempre. Por que pensara que a própria substância, uma vez criada, seria menos imortal do que ele?

Colocou o frasco no bolso. Destrancou a porta dos fundos da casa e saiu para o ar nevoento e úmido da aurora.

A dor na cabeça de Henry era tão ruim que sequer podia ver com clareza os dois detetives. Estava sonhando com aquela coisa, com aquela múmia, quando o acordaram. Tomado por um terror frio, ele havia sacado a arma, travara-a, colocara-a no bolso e fora até a porta. Se quisessem revistá-lo...

- Todo mundo conhecia Tommy Sharples! - ele disse, a fúria mascarando o medo. - Todo mundo lhe devia dinheiro. É por isto que vocês me acordam nem bem amanheceu?

Olhava estupidificado para o homem chamado Galton, que agora trazia nas mãos aquela maldita moeda de Cleópatra! Como diabos ele podia ter sido tão idiota? Fugir e deixar aquela moeda no bolso de Sharples. Mas pelo amor do inferno, ele não tinha planejado cortar o Sharples! Como é que ia pensar numa coisa dessas?

- Já viu isto antes, senhor?

Calma. Não existe uma centelha de evidência para conectar você a qualquer coisa. Deixe que a indignação trabalhe a seu favor como sempre.

- Ora, é da coleção de meu tio. A coleção Ramsés. Como conseguiram? Devia estar trancada.

- A questão é - disse o que se chamava Trent – como o senhor Sharples a conseguiu? E o que ele fazia com ela quando foi morto?

Henry passou as mãos pelos cabelos. Se apenas a dor parasse. Se apenas ele pudesse pedir licença por um minuto, tomar um bom drinque e ter algum tempo para pensar.

- Reginald Ramsey! - exclamou ele, olhando Trent nos olhos. - Esse é o nome do sujeito, não é? Aquele egiptólogo! O que está na casa da minha prima. Bom Deus, o que está acontecendo naquela casa!

- Sr. Ramsey?

- Vocês já o interrogaram, não é? De onde ele veio, aquele homem? - Seu rosto ficou vermelho enquanto os dois homens o olhavam silenciosos. - Será que eu tenho que fazer o trabalho por vocês? De onde diabos o bastardo veio? E o que é que ele está fazendo na casa da minha prima com aquele tesouro?

Por uma hora Ramsés andou. A manhã era fria e seca. As grandes e

atemorizantes casas de Mayfair deram lugar aos cortiços mal-ajambrados dos pobres. Caminhou por ruas estreitas e sem calçamento, como os becos de uma cidade antiga: Jericó ou Roma. Aqui se viam rastros de carroças a cavalo, e o cheiro de estrume fresco.

De quando em vez algum passante desfavorecido olhava para ele. Certamente ele não devia andar vestido com aquele robe comprido de cetim. Mas isso não importava. Ele era novamente Ramsés, o Andarilho. Ramsés, o Maldito apenas de passagem nesta época. O elixir ainda conservava sua potência. E a ciência desta época não estava mais preparada para ele do que a ciência de qualquer outra época.

Veja este sofrimento, os mendigos dormindo na ruela. Sinta o cheio daquela casa, como se a porta fosse uma boca que despeja seu hálito sujo enquanto anseia por ar puro.

Um mendigo se aproximou.

- Me dê seis pence, senhor. Não como há dois dias. Por favor, senhor.

Ramsés passou direto, os chinelos molhados e sujos das poças onde pisara.

E agora vinha uma jovem, olhe só para ela; ouça a tosse que vem profunda de seu peito.

- Quer se divertir, senhor? Eu tenho um quarto quentinho, senhor.

Ah, sim, ele queria os serviços dela, tanto que podia sentir-se endurecer imediatamente. E a febre ainda a tornava mais desejável; ela expandia seu peito pequeno, graciosa, enquanto forçava um sorriso apesar da dor.

- Agora não, minha boa moça - ele murmurou. Parecia que a rua, se de fato era uma rua, o havia levado a uma grande vastidão de ruínas. Edifícios queimados cheirando a fumaça, com janelas despidas de cortinas ou vidros.

Mesmo ali os pobres se juntavam em alcovas e nos corredores. Um bebê chorava desesperado. A canção dos famintos.

Continuou andando. Podia ouvir a cidade ganhando vida ao seu redor; não as vozes humanas; estas ele ouvia sempre. Eram as máquinas que o despertavam agora, enquanto o céu cinza-sujo ficava mais claro e quase prateado. De algum lugar muito distante, ele ouviu a garganta profunda do apito de um trem. Parou.

Podia sentir a suave vibração do grande monstro de ferro mesmo ali, através da terra úmida. Que ritmo sedutor tinham aquelas rodas avançando sobre os trilhos de ferro.

Subitamente um espasmo de ruído agudo o fez entrar em pânico. Virou-se em tempo de ver um carro a motor aberto correndo em sua direção, um jovem rapaz pulando no banco alto. Recuou contra a parede de pedra atrás dele enquanto a coisa rateava e andava aos solavancos pelos sulcos na lama.

Estava abalado, zangado. Um raro momento em que se sentia indefeso, exposto.

Atordoado, percebeu que estava olhando um pombo cinza morto no meio da rua. Um daqueles pássaros cinzentos gordos e idiotas que via por toda Londres, descansando em parapeitos de janelas e nos telhados; este havia sido atingido pelo carro a motor, e parte de sua asa fora esmagada sob as rodas.

O vento a mexia agora, dando-lhe uma falsa aparência de vida.

Subitamente uma memória, uma das mais antigas e mais vívidas, o pegou desprevenido, arrancando-o cruelmente do presente e plantando-o firme em outro tempo e lugar.

Estava na caverna da sacerdotisa hitita. Em trajes de batalha, sua mão no cabo da espada de bronze, olhava os pombos brancos andando em círculos na luz do sol sob a grade alta.

- Eles são imortais? - perguntou a ela. Falava na língua rascante e gutural dos hititas.

Ela riu como louca.

- Eles comem, mas não precisam comer. Bebem, mas não precisam beber. E o sol que os mantém fortes. Leve-os e eles dormem, mas não morrem, meu rei.

Ele havia olhado o rosto dela, tão velho, encolhido e com rugas profundas. A gargalhada o irritara.

- Onde está o elixir? - exigiu ele.

- Acha que ele é grande coisa? - Como os olhos dela brilharam quando ela se aproximou, tentando-o. - E se todo o mundo se enchesse dos que não podem morrer? E seus filhos? E os filhos de seus filhos? Esta caverna guarda um

horrível segredo, eu lhe digo. O segredo do próprio fim do mundo, eu lhe digo!

Ele puxara a espada.

- Dê-me! - rugiu.

Ela não estava com medo; apenas sorrira.

- E se ele matá-lo, meu impetuoso egípcio? Nenhum ser humano jamais o bebeu. Homem, mulher ou criança.

Mas ele já tinha visto o altar, visto a taça de líquido branco. Vira a tabuleta atrás dela, coberta com letras em forma de cunha.

Subiu até o altar. Leu as palavras. Seria possível que aquela fosse a fórmula do elixir da vida? Ingredientes comuns que ele próprio podia ter recolhido dos campos e margens dos rios de sua terra natal? Meio descrente, ele guardou-os na memória, sem nunca sonhar que jamais esqueceria.

E o líquido, ó deuses, olhem. Com ambas as mãos ele ergueu a taça e bebeu tudo. De algum lugar distante ele a ouviu gargalhar e gargalhar; ecoava pelas câmaras sem fim da caverna.

E então ele se voltou, limpando os lábios com as costas da mão, os olhos largos com o choque que o percorria, o rosto latejando, o corpo endurecendo como se ele estivesse em sua carruagem à frente do campo de batalha, à beira de erguer a espada e emitir o grito de guerra. A sacerdotisa deu um passo para trás. O que ela vira? Seu cabelo se mexia, flutuando como se uma brisa tivesse nele soprado; os fios grisalhos caindo enquanto o forte cabelo castanho o substituía; os olhos negros perdendo a cor, tornando-se da cor das safiras: a transformação aterrorizante que ele verificaria depois quando estivesse na frente do espelho.

- Bem, vamos ver, não vamos? - ele gritara, o coração batendo com força, os músculos latejando. Ah, como ele se sentia leve e poderoso. Poderia alçar vôo. - Vou viver ou morrer, sacerdotisa?

Atordoado, ele olhava a rua de Londres à sua frente. Como se isso tivesse acontecido havia apenas algumas horas! O momento inteiro e completo, e ele ainda podia ouvir o bater daquelas asas contra a grade. Setecentos anos haviam se passado entre aquele momento e a noite em que entrara na tumba para o primeiro longo sono. E dois mil desde que fora acordado, apenas para voltar ao túmulo poucos anos depois.

E agora esta era Londres, este era o século XX. Subitamente ele tremia com violência. Uma vez mais o vento brumoso e úmido mexia com as penas do pombo cinza que jazia morto na rua. Foi até a poça de lama e ajoelhou-se ao lado do pássaro e tomou-o nas mãos. Ah, coisa frágil. Tão cheia de vida num momento, e agora não mais que refugo, embora a penugem branca flutuasse em seu peito quente e estreito.

Ah, como o vento frio o machucava. Como a visão da coisa morta feria seu coração.

Segurando o pombo na mão direita, retirou do bolso o frasco do elixir com a esquerda. Abriu a tampa com o polegar e derramou o líquido brilhante sobre a criatura morta, forçando uma gota pesada após a outra em seu bico aberto.

Não se passou um segundo antes que a coisa despertasse. Os olhinhos redondos se abriram. O pássaro pelejou para se ajeitar, as asas batendo violentamente. Deixou-o ir, e ele subiu, voando em círculos sob o céu cor de chumbo.

Ficou vendo o pombo até que desaparecesse de vista. Imortal, agora. Para voar eternamente.

E outra lembrança veio, silenciosa e rápida como um assassino. O mausoléu: os salões de mármore, os pilares e a figura triste de Cleópatra correndo ao seu lado enquanto ele fugia, cada vez mais veloz, do corpo morto de Marco Antônio esparramado sobre o colchão dourado.

- Você pode trazê-lo de volta! - ela gritou. - Você sabe que sim. Não é tarde demais, Ramsés. Dê-o para nós dois, Marco Antônio e eu! Ramsés, não vire as costas para mim. - Suas unhas compridas arranharam o braço dele.

Furioso ele se virou, deu-lhe um tapa, empurrou-a para trás. Surpresa, ela caiu, então desmoronou em soluços. Como era frágil, quase feia, com os círculos escuros embaixo dos olhos.

O pássaro havia sumido por entre os telhados de Londres. O sol ficava mais forte, uma luz branca chocante atrás das nuvens que rolavam.

Sua visão se toldava; o coração batia forte no peito. Ele estava chorando, chorando indefeso. Ó, deuses, o que o fizera pensar que a dor não viria?

Ele despertara após séculos numa grande e luxuriante dormência; e agora

essa dormência estava desaparecendo, e o calor de seu amor e sua tristeza seria totalmente seus uma vez mais. Aquele era tão somente o primeiro sabor do sofrimento, e qual era a bênção, a de que ele estava vivo, de corpo e alma, novamente?

Ficou olhando o frasco na mão. Sentiu-se tentado a quebrá-lo, e deixar seu conteúdo pingar dos dedos para a rua suja e enlameada. Pegar os outros frascos em algum lugar distante de Londres onde a grama crescesse bem alta, e somente as flores do campo seriam testemunhas; e lá derramar todo o líquido no chão.

Mas o que eram essas tolas fantasias? Ele sabia como fazer o elixir. Memorizara aquelas palavras da tabuleta. Não podia destruir o que para sempre estava gravado em sua própria mente.

Samir deixou o táxi e caminhou os últimos cem metros até o seu destino, mãos enfiadas nos bolsos, colarinho levantado contra o vento forte. Ao chegar à casa da esquina, subiu os degraus de pedra e bateu à porta.

Uma mulher toda em lã preta abriu a porta um pouco, e depois o deixou entrar. Silenciosamente, ele adentrou uma sala atulhada de coisas onde dois egípcios estavam sentados, fumando e lendo os jornais da manhã, as estantes e mesas ao redor deles cobertas de artigos egípcios. Um papiro e uma lente de aumento jaziam a um lado da mesa.

Samir olhou para o papiro. Nada importante. Olhou uma múmia comprida e amarelada, as bandagens ainda muito bem preservadas, deitada descuidadamente, ao que parecia, numa prateleira próxima.

- Ah, Samir, não se preocupe - disse o mais alto dos dois homens, cujo nome era Abdel. - Nada senão coisas falsas no mercado. Trabalho de Zaki, você sabe. A não ser por aquele sujeito ali... - O homem apontou para a múmia. - Ele é de verdade, mas não vale seu tempo.

Mesmo assim Samir deu uma olhada mais de perto na múmia.

- As obras de uma coleção particular - disse Abdel.

- Não são do seu nível.

Samir assentiu, e voltou-se para Abdel.

- Mas ouvi, entretanto, que surgiram algumas moedas raras de Cleópatra -

disse Abdel, em tom jocoso. Ah, se eu pudesse pôr minhas mãos numa dessas.

- Preciso de um passaporte, Abdel - disse Samir. Documentos de cidadania. Preciso deles rápido.

Abdel não respondeu imediatamente. Observou com interesse Samir meter a mão no bolso.

- E dinheiro. Preciso disso também.

Samir mostrou a moeda reluzente de Cleópatra.

Abdel esticou a mão para apanhá-la antes de se levantar da poltrona. Samir esperou sem expressão no rosto enquanto ele a examinava.

- Discrição, meu amigo - disse Samir. - Presteza e discrição. Vamos discutir os detalhes.

Oscar estava de volta. Isso poderia ser um problema, pensou Julie, mas só se Rita dissesse alguma besteira, mas Oscar nunca escutava Rita. Achava que Rita era uma idiota.

Quando Julie desceu as escadas, encontrou o mordomo acabando de fechar a porta da frente. Trazia consigo um buquê de rosas. Entregou a ela a carta que viera junto.

- Acabaram de chegar, senhorita - disse ele.

- Eu sei.

Com alívio ela viu que eram de Elliott, não de Alex, e rapidamente leu a carta enquanto Oscar aguardava.

- Chame o Conde de Rutherford, Oscar. Diga a ele que é impossível comparecer hoje à noite. E que mais tarde eu mesma ligarei para explicar.

Ele estava saindo quando ela tirou uma das rosas do buquê.

- Coloque-as na sala de jantar, Oscar - disse. Sentiu a fragrância, e depois sentiu as pétalas macias com o dedo. O que ia fazer com Alex? Certamente ainda era muito cedo para se fazer qualquer coisa, mas a cada dia as coisas só ficavam piores.

Ramsés. Onde estava ele? Essa era realmente a primeira coisa a se fazer. A

porta do quarto de seu pai estava aberta, e a cama desfeita.

Ela voltou apressada pelo hall até a estufa. Mesmo antes de chegar à porta, ela viu a magnífica buganvília rodeada de botões vermelhos.

E pensar que ontem, ela nem havia notado esses lindos botões. E olhe as samambaias, que magníficas. E os lírios que se abriram cedo nos potes ao redor da sala.

- Que milagre - disse ela.

Viu Ramsés sentado numa cadeira de vime, observando-a. E já esplendidamente vestido para as aventuras do dia. E desta vez não cometera erro algum. Quão saudável e belo ele parecia iluminado pelo sol; a cabeleira rica mais cheia, e seus grandes olhos azuis cheios de uma melancolia sombria quando olhou para ela, isto é, antes de se alegrar completamente e dar-lhe seu irresistível sorriso.

Por um momento um choque de medo perpassou-a. Ele parecia à beira das lágrimas. Ergueu-se da cadeira e foi em sua direção e levemente tocou seu rosto com os dedos.

- Que milagre você é! - exclamou ele.

Um silêncio caiu suavemente entre os dois. Ela queria se aproximar e atirar os braços no pescoço dele. Simplesmente ficou olhando, sentindo sua proximidade, e então aproximou-se e tocou seu rosto.

Ela devia se afastar, sabia disso. Mas ele a surpreendeu. Afastou-se e então, beijando-a de forma quase reverente na testa, disse:

- Quero ir ao Egito, Julie. Mais cedo ou mais tarde, terei de ir ao Egito. Deixe que seja agora.

Como ele parecia ferido e cansado. Toda a gentileza que estivera nele ontem agora vinha misturada com tristeza. Seus olhos pareciam maiores e mais escuros. E ela estava certa: ele estava quase chorando, e isso tornava a encher de medo a sua alma.

Deus, como a capacidade de sofrimento dele devia ser grande.

- É claro - disse ela. - Vamos para o Egito, nós dois juntos...

- Ah, essa era a minha esperança - disse ele. - Julie, esta época jamais poderá pertencer a mim enquanto eu não disser adeus ao Egito, pois o Egito é o meu passado.

- Entendo.

- Eu quero o futuro! - disse ele, a voz diminuindo até um sussurro. - Eu quero... - Parou, obviamente incapaz de continuar. Confuso, virou as costas para ela. Enfiou a mão no bolso e retirou um punhado de moedas de ouro.

- Podemos comprar um navio com isto, Julie, que nos leve pelo mar?

- Deixe tudo comigo - disse ela. - Nós vamos. Agora sente-se e coma seu desjejum. Eu sei como você está com fome. Não precisa me dizer.

Ele riu apesar de tudo.

- E providenciarei tudo imediatamente.

Ela foi até a cozinha. Oscar estava acabando de preparar a bandeja do café para eles. O ambiente cheirava a café, canela e bolinhos assados na hora.

- Oscar, ligue para Thomas Cook imediatamente. Reserve passagens para mim e o senhor Ramsey, até Alexandria. Veja se consegue arranjar direto. Vamos partir hoje se possível. Se apresse, e deixe essas coisas comigo. - Como ele ficou estupefato!

- Mas, senhorita Julie, e quanto a...

- Faça isso, Oscar. Faça as ligações agora. Rápido. Não há tempo a perder.

Carregando a bandeja pesada, ela voltou à luz do sol, e uma vez mais as flores enormes e lindas a surpreenderam. As orquídeas purpúreas e as margaridas amarelas eram igualmente bonitas.

- Ora, veja só isso - ela sussurrou. - E pensar que eu mal as notei antes. Tudo em flor. Ah, tão lindo...

Ele estava de pé à porta dos fundos, olhando-a com a mesma expressão triste e bonita.

- Sim, muito lindo - concordou.

A casa estava em polvorosa. Rita quase perdera a cabeça ao saber que ia ao

Egito. Oscar, que ficaria para tomar conta da casa, ficou auxiliando os condutores dos táxis a descer as malas enormes pela escada.

Randolph e Alex argumentavam furiosos com Julie que ela não devia fazer aquela viagem.

E o enigmático senhor Reginald Ramsey sentado à mesa de vime na estufa, devorando uma enorme refeição acompanhado de um copo atrás do outro para fazê-la descer. Enquanto isso ele lia os jornais, dois por vez, se Elliott não estava enganado. E de vez em quando ele apanhava um livro da pilha no chão, e folheava rapidamente as páginas como se procurasse algum item desesperadoramente importante, e quando achava largava o livro sem o menor cuidado.

Elliott estava sentado na poltrona de Lawrence no salão egípcio olhando tudo isso em silêncio; lançando às vezes um olhar a Julie, no escritório; e então para o senhor Ramsey, que certamente sabia estar sendo observado, mas não parecia se incomodar.

O outro observador silencioso e solitário era Samir Ibrahaim, que estava em pé bem nos fundos da estufa, um tanto perdido entre a notável profusão de folhagem de primavera, olhando através do indiferente senhor Ramsey para as salas mais escuras à frente.

Julie chamara Elliott há mais de três horas. Ele agira imediatamente. E sabia mais ou menos o que ia acontecer agora, quando o pequeno drama na sala de estar se desenrolasse.

- Mas você simplesmente não pode ir ao Egito com um homem de quem não sabe nada - disse Randolph, tentando manter a voz baixa. - Você não pode fazer uma viagem dessas sem um acompanhante adequado.

- Julie, eu não vou aceitar isso - reclamou Alex, pálido de exasperação. - Não vou deixar você fazer isso sozinha.

- Agora parem, os dois - reagiu Julie. - Sou uma mulher crescida. Eu vou. E posso tomar conta de mim mesma. Além do mais, Rita ficará comigo o tempo todo. E Samir, o melhor amigo de papai. Não poderia ter melhor protetor que Samir.

- Julie, nenhum deles é companhia adequada e você sabe disso. Isto não é menos que um escândalo.

- Tio Randolph, o navio parte às quatro. Temos que ir agora. Vamos nos ater aos negócios, certo? Mandei preparar uma procuração com meu advogado, e então o senhor poderá dirigir a Companhia de Navegação Stratford com mão livre.

Silêncio. Então finalmente chegamos ao âmago da questão, Elliott pensou com frieza. Ouviu Randolph lentamente limpar a garganta.

- Ora, eu acho que isso era necessário, minha querida - ele respondeu sem firmeza.

Alex tentou interromper, mas Julie o cortou educadamente. Havia mais alguns documentos que Randolph queria que ela assinasse? Poderia enviá-los para Alexandria imediatamente. Ela os assinaria e mandaria de volta para casa.

Satisfeito por Julie estar partindo no horário, Elliott levantou-se e andou casualmente até a estufa.

Ramsey continuava comendo quantidades sobre humanas de comida, sem restrições. Agora ele pegava um dos três diferentes charutos acesos e dava uma tragada, e então voltava ao seu pudim, e seu rosbife, e ao pão com manteiga. Aberta à sua frente estava uma história do Egito Moderno, no capítulo intitulado ”O Massacre dos Mamelucos”. O homem parecia varrer tudo com os olhos, tão rapidamente o dedo andava sobre a página.

Subitamente Elliott percebeu que estava cercado pela folhagem. Ficou quase aterrorizado com o tamanho da samambaia ao seu lado, e as imensas e pesadas buganvílias que roçavam em seu ombro, parcialmente bloqueando a porta. Meu Deus, o que acontecera ali? Lilases por toda parte onde olhava, e as margaridas explodindo de seus potes, e a hera enlouquecida espalhada por sobre todo o teto.

Escondendo seu choque, embora de quem ele não estava certo, já que nem Ramsey nem Samir se deram conta de sua presença oficialmente, arrancou uma campainha azul e branca que florescia bem acima de sua cabeça.

Ficou olhando a perfeita flor em forma de trompa. Que delicadeza. Então, lentamente, levantou os olhos para encontrar o olhar de Ramsey.

Samir ergueu-se subitamente de seu aparente estado de meditação.

- Senhor Rutherford, permita-me... - Então parou, como se as palavras lhe

faltassem completamente.

Ramsey levantou-se, limpando cuidadosamente os dedos no guardanapo de linho.

Distraidamente, o conde enfiou a campainha no bolso, e estendeu a mão.

- Reginald Ramsey - disse ele. - Um grande prazer. Sou um velho amigo da família Stratford. Dou uma de egiptólogo também. E meu filho, Alex, que está para se casar com Julie. Talvez o senhor o conheça.

O homem não sabia. Ou não havia entendido. Um pequeno rubor tomou conta de sua face.

- Casado com Julie? - disse ele, quase num sussurro. E depois, com uma alegria forçada: - Um jovem afortunado, seu filho.

O conde olhou de viés a mesa cheia de comida, porque não podia evitar, e as flores que só faltavam tapar o sol. Olhou placidamente o homem à sua frente, que era certamente uma das criaturas mais bonitas que ele jamais vira. Extremamente bonita, pensando bem. O tipo de olhos azuis grandes e carentes que deixavam as mulheres malucas.

Acrescente-se a isso o sorriso pronto e o resultado é uma combinação quase fatal.

Mas o silêncio estava ficando desconfortável.

- Ah, o diário - disse Elliott. Colocou a mão no bolso do casaco. Samir o reconheceu imediatamente, isso era certo.

- Este diário - disse Elliott - pertenceu a Lawrence. Possui informações valiosas sobre a tumba de Ramsés. Notas sobre um papiro deixado pelo homem, ao que parece. Apanhei-o à noite passada. Preciso colocá-lo de volta.

O rosto de Ramsey subitamente adquiriu uma sensível frieza.

Elliott virou-se, apoiando-se na bengala, e deu alguns dolorosos passos até a escrivaninha de Lawrence.

Ramsey acompanhou-o.

- A dor em suas juntas - perguntou Ramsey. - Você não tem um moderno... um remédio para isso? Havia um antigo remédio egípcio. A raiz do salgueiro.

Era só cozinhá-la.

- Sim - respondeu Elliott, tornando a olhar aqueles dispersantes olhos azuis. - Nesta época nós chamamos isso de aspirina, não é? - Sorriu. Tudo estava indo infinitamente melhor do que pudera antecipar. Esperava que a cor não dançasse em seu rosto como fazia no de Ramsey. Onde você esteve nestes anos todos que não ouviu falar da aspirina, meu caro? Nós a produzimos artificialmente, e naturalmente você é familiar com essa palavra.

A compostura de Ramsey permanecia impecável, embora ele tivesse estreitado os olhos um pouco, como se quisesse que o conde soubesse que estava sendo analisado.

- Não sou um cientista, Lorde Rutherford - respondeu. - Sou mais um observador, um filósofo. Então o senhor chama isso de aspirina. Fico feliz em saber disso. Talvez eu tenha passado tempo demais em terras distantes. Ergueu as sobrancelhas de forma quase brincalhona.

- Claro que os antigos egípcios tinham remédios mais potentes do que raiz de salgueiro, não tinham? - Elliott provocou. Olhou para a fileira de jarros de alabastro na mesa do outro lado da sala. - Remédios potentes - elixires, é assim que se chamam - que podiam curar males mais potentes do que a dor que me aflige os ossos.

- Remédios potentes têm seu preço - Ramsés replicou calmamente. - Ou devo dizer, seus perigos. Mas que homem incomum é o senhor, Lorde Rutherford. Certamente não acredita no que leu no caderno de anotações de seu amigo Lawrence.

- Ah, mas acredito. Porque, sabe, também não sou homem de ciência. Talvez ambos sejamos filósofos, você e eu. E me considero um pouco poeta, porque tantas de minhas andanças foram somente em meus sonhos.

Os dois homens olharam-se em silêncio por um momento.

- Um poeta - repetiu Ramsey, os olhos se movendo sobre Elliott de forma quase rude para tomar suas medidas.

- Entendo você. Mas o senhor diz coisas muito inusitadas.

Elliott tentou se segurar firme. Podia sentir o suor despontando sob a camisa. O rosto do homem era tão inesperadamente aberto, e quase convidativo.

- Eu gostaria de conhecer você - Elliott confessou subitamente. - Eu... eu gostaria de... aprender com você.

Hesitou. Os olhos azuis tornaram a se fixar silenciosamente sobre ele.

- Talvez no Cairo ou em Alexandria tenhamos algum tempo para conversar. Talvez até a bordo, pudéssemos nos conhecer melhor.

- O senhor vai para o Egito? - perguntou Ramsey, inclinando a cabeça.

- Sim. - Educadamente passou por Ramsey e entrou na sala de estar. Ficou diante de Julie, que havia acabado de assinar outro recibo bancário para o tio, em cujas mãos o entregava agora.

- Sim - disse Elliott, voltando-se para Ramsey e falando alto o bastante para que os outros o ouvissem. - Alex e eu estamos indo. Comprei passagens no mesmo navio, assim que Julie ligou. Nem iríamos sonhar em deixá-la sozinha, não é, Alex?

- Elliott, eu tinha dito que não - disse Julie.

- Pai, eu não sabia...

- Sim, minha querida - Elliott disse a Julie - mas eu não podia aceitar não como resposta. Além do mais, esta pode ser a última vez que vejo o Egito. E Alex nunca esteve lá. Certamente você não vai nos negar o prazer. Existe algum motivo pelo qual não devamos ir?

- Sim, eu suponho que devia ver o Egito - disse Alex, desta vez completamente confuso.

- Bem, sua mala já está feita e a caminho - disse Elliott. - Vamos então, ou vamos todos perder o navio.

Julie olhava para ele com fúria silenciosa. Ramsey deu uma pequena gargalhada atrás dele.

- Então vamos todos para o Egito - disse ele. - Acho isso deveras interessante. Vamos conversar a bordo, Lorde Rutherford, como o senhor disse.

Randolph ergueu os olhos depois de enfiar a procuração no bolso interno do paletó.

- Bem, isso resolve tudo, não é? Tenha uma viagem agradável, minha

querida. - Beijou carinhosamente a sobrinha no rosto.

O sonho novamente, mas não podia acordar. Virou-se na cama de Daisy, enfiando o rosto no travesseiro de renda cheio de perfume e irritando a pele.

- É só um sonho - ele murmurou. - Tem que parar. Mas ele via a múmia vindo em sua direção, as longas faixas de linho escurecido saindo dos pés que se arrastam. Ele sentiu os dedos se fecharem sobre sua garganta.

Tentou gritar, mas não conseguia. Sufocava, o cheiro das bandagens sujas o sufocava.

Virou-se, afundando nos lençóis e subitamente atacando com os punhos, apenas para sentir dedos fortemente agarrados neles.

Quando abriu os olhos, viu o rosto do pai.

- Ah, Deus - murmurou. Tornou a cair sobre o travesseiro. O sonho se encerrou sobre ele novamente por um instante, mas estremeceu e olhou de novo para o pai de pé acima da cama.

- Pai - ele gemeu. - O que o senhor está fazendo aqui?

- Eu podia fazer a mesma pergunta a você. Saia dessa cama e vista-se. Sua mala está esperando lá embaixo, junto com um táxi para levar você ao cais. Você vai ao Egito!

- Ao diabo que vou! - O que era isso, outro estágio do pesadelo?

Seu pai tirou o chapéu e sentou na cadeira ao lado da cama. Quando Henry esticou a mão para apanhar o charuto e fósforos, seu pai tirou-os de sua mão com um tapa.

- Merda - sussurrou Henry.

- Agora você me escute. Tenho as coisas nas mãos novamente e pretendo que elas continuem assim. Sua prima Julie e seu misterioso amigo egípcio estão partindo para Alexandria esta tarde, e Elliott e Alex vão com eles. Você também vai estar naquele navio, está entendendo? Você é primo de Julie, e portanto sua única companhia adequada. E você vai cuidar para que as coisas permaneçam como de costume, que nada intervenha para impedir o eventual casamento de Julie com Alex Savarell. E você cuidará... você cuidará para que esse homem, seja ele quem for, não machuque a filha única de meu irmão.

- Aquele homem! Você está louco se pensa que eu...

- E você está deserdado e sem um tostão se não for! Randolph baixou a voz e se inclinou. - Estou falando sério, Henry. Toda sua vida eu lhe dei tudo o que você quis. Mas se você não se emendar agora, e fizer isto até o fim, eu vou remover você do quadro da Navegação Stratford. Vou acabar com seu salário e taxas pessoais. Agora você vai estar naquele navio. E vai ficar de olho na sua prima e cuidar para que ela não fuja com aquele egípcio revoltantemente bonito! E vai me manter informado de tudo o que estiver se passando.

Randolph retirou um magro envelope branco do bolso do peito. Colocou-o sobre a mesinha de cabeceira. Havia um compacto maço de dinheiro no envelope. Henry podia ver isso. Seu pai levantou-se para ir.

- E não me ligue do Cairo dizendo que está falido. Fique longe das mesas de jogo e das dançarinas do ventre. Espero uma carta ou telegrama no prazo de uma semana.

Hancock não se aguentava.

- Saiu para o Egito! - Ele gritou no telefone. - Mas a coleção inteira ainda está lá na casa! Como ela pôde fazer isso?

Pediu silêncio ao funcionário que pretendia perturbá-lo. Então bateu o fone preto no gancho.

- Senhor, os repórteres estão aqui novamente, sobre a múmia.

- Ah, ao diabo com a múmia. Aquela mulher partiu e deixou aquele tesouro trancado em sua casa como se fosse uma coleção de bonecas!

Eliott assistia ao lado de Julie e Ramsey, sobre a amurada, enquanto Alex beijava sua mãe ao pé da escada, lá embaixo.

- Mas não estou aqui para vigiar você igual a uma galinha com os pintinhos - disse Elliott para Julie. Alex abraçou a mãe mais uma vez e então correu para bordo. - Só quero estar por perto se precisar de mim. Por favor, não fique tão aborrecida.

Meu Deus, ele falava sério. Ficava condoído ao ver o olhar no rosto dela.

- Mas Henry, por que Henry tinha que vir? Eu não quero Henry conosco.

Henry embarcara momentos antes, sem uma palavra educada a qualquer um, parecendo tão pálido e derrotado e totalmente infeliz quanto no dia anterior.

- Sim, eu sei - Elliott suspirou. - Mas, minha querida, ele é seu parente, e...

- Me dê espaço para respirar, Eliott. Você sabe que eu amo Alex, sempre amei. Mas casar-se comigo pode não ser a melhor coisa para ele. E sempre fui perfeitamente honesta quanto a isso.

- Eu sei, Julie, acredite em mim, eu sei. Sempre soube. Mas seu amigo... - Fez um gesto para a figura distante de Ramsey, que observava todas as despedidas no porto com óbvia excitação. - Como não vamos nos preocupar? O que vamos fazer?

Ela não podia resistir a ele. Sempre fora assim. Uma noite, quando ela tinha bebido muito champanhe e dançado demais, disse a Elliott que estava mais apaixonada por ele do que por Alex. Se ele estivesse livre e pedisse a mão dela, teria sido um fato consumado. Naturalmente Alex pensara que ela estava brincando. Mas havia um estranho olhar secreto no rosto dela que lisonjeou Elliott imensamente. E ela via um pálido resquício desse mesmo olhar agora. E que mentiroso ele era. Que mentiroso ele estava sendo justo agora.

- Está certo, Elliott - disse ela. - Beijou-o no rosto, e ele adorou. - Não quero ferir Alex - sussurrou.

- Sim, querida - disse ele. - É claro.

O apito a vapor soltou um violento grito. Última chamada para embarque de passageiros. Grupos se separavam nos conveses, e um mar de convidados descia para a margem.

Subitamente Ramsey veio aturdido na direção deles. Girou Julie como se não conhecesse a própria força. Ela ficou olhando para ele sem entender.

- Sinta isso, Julie. As vibrações. Preciso ver esses motores.

O rosto dela acalmou-se na hora. Era como se a excitação dele fosse contagiosa.

- Claro que sim, Elliott, com licença. Tenho que levar Ramsé... quero dizer, o senhor Ramsey... para a sala das máquinas, se isso puder ser arranjado.

- Permita-me - disse Elliott concordando, fazendo um gesto para chamar

um jovem oficial num uniforme branco imaculado que tinha acabado de chegar ao convés.

Alex já estava desfazendo a mala quando Elliott entrou na pequena sala de estar entre seus camarotes. Duas arcas enormes estavam abertas. Walter andava de um lado para outro com braçadas de roupas.

- Bem, isto é agradável, não é? - comentou Elliott, inspecionando o sofá e as poltronas, a pequena escotilha. Não houve muito tempo para arrumar acomodações adequadas, mas Edith finalmente entrara e cuidara de tudo pessoalmente.

- O senhor parece cansado, papai. Deixe-me pedir um pouco de chá.

O conde se acomodou fácil no pequeno fauteuil dourado. Chá cairia bem. Qual era essa fragrância? Havia flores na sala? Não viu nenhuma. Só o champanhe em seu balde de gelo reluzente e as taças prontas na bandeja de prata.

Então ele se lembrou. A campainha que ele havia amassado no bolso. Ela ainda exalava um perfume forte.

- Sim, chá seria bom, Alex, mas não há pressa - murmurou ele. Enfiando a mão no bolso, ele achou a florzinha amassada, tirou-a e levou-a ao nariz.

Um aroma realmente muito gostoso. E então ele pensou naquela estufa, inundada freneticamente com folhas e flores. Olhou para a campainha. Na sua frente ela se endireitava, as dobraduras nas pétalas enceradas desaparecendo. Abriu-se completamente e em seguida havia voltado a se tornar uma flor perfeita.

Alex estava falando, mas Elliott não o ouviu. Ficou simplesmente olhando embasbacado a flor. Então amassou-a novamente na palma da mão, com muita força.

Lentamente ergueu os olhos para ver que Alex estava acabando de pendurar o telefone no gancho.

- Chá em quinze minutos - disse Alex. - Qual é o problema, pai? Pai, o senhor está branco...

- Nada. Não. Não é nada. Quero descansar agora. Me chame quando chegar

o chá.

Levantou-se, a flor ainda esmagada em seu punho.

Quando fechou a porta de seu camarote, encostou-se nela, o suor encharcando as costas. Abriu a mão. Novamente a flor passou de uma coisa esmagada e quebrada para uma flor perfeita, as pétalas azuis e brancas abrindo-se diante de seus olhos.

Por um tempo sem fim, pareceu, ele ficou olhando para ela. O pequeno pedaço de folha verde na sua base curvou-se diante de seus olhos. Então percebeu que estava olhando para si mesmo no espelho. O grisalho e parcialmente aleijado Conde de Rutherford, bonito ainda aos cinquenta e cinco, embora cada passo que desse fosse uma agonia. Largou a bengala, ignorando-a, e com a mão esquerda sentiu os cabelos grisalhos.

Pôde ouvir Alex chamando por ele. O chá já havia chegado. Cuidadosamente apanhou sua carteira. Esmagou novamente a flor e enfiou-a entre as dobras de couro. Então inclinou-se bem devagar e apanhou a bengala.

Atordoado, lhe parecia, olhou para o filho, que serviu lhe o chá.

- Sabe, papai - disse Alex. - Estou começando a achar que vai dar certo, afinal de contas. Dei uma boa olhada em Ramsey. Ele é um sujeito muito impressionante, mas muito velho para ela, não acha?

Ah, mas isso era muito engraçado, este grande palácio de ferro flutuante com pequenas lojas a bordo, e um grande banquete e um salão de danças onde os músicos iriam tocar mais tarde!

E seus aposentos, ora, nunca como um rei teve ele aposentos tão esplêndidos a bordo de um vaso marítimo. Ria quase como um imbecil quando o comissário terminou de desembrulhar a última peça de roupas de Lawrence Stratford.

Samir fechou a porta depois que eles foram embora, e então virou-se e retirou uma grande quantidade de papéis do casaco.

- Isto dará conta de suas necessidades por um longo tempo, senhor, só que o senhor não deve mostrá-los todos de uma vez.

- Sim, meu fiel. Esta era a sabedoria comum quando eu escapulia do

palácio em criança. - Deu outra exuberante gargalhada. Não podia evitar. O navio continha até mesmo uma biblioteca e um pequeno cinema; e então todas as maravilhas abaixo do convés. E os membros gentis e elegantes da tripulação - todos os quais tinham maneiras de cavalheiros - lhe disseram que ele podia andar por onde desejasse.

- Sua moeda valia muito mais, senhor, mas tive pouco espaço para barganhar.

- Como dizem nesta época, Samir, não ligue mais para isso. E você está correto em sua avaliação de Lorde Rutherford. Ele acredita. Na verdade, eu deveria dizer que ele sabe.

- Mas é Henry Stratford que representa o perigo. Um tombo do convés em alto-mar seria justiça?

- Não seria sábio. Destruiria a paz de espírito de Julie. Quanto mais aprendo sobre esta época, mais compreendo suas complexidades, seus altamente desenvolvidos conceitos de justiça. São romanos, mas possuem alguma coisa mais. Devemos manter um olho nos progressos do senhor Henry Stratford. Quando sua presença se tornar mais do que incômoda para sua prima, então talvez a sua morte seja o menor de dois males, e você não precisa se preocupar com esta parte. Eu farei tudo sozinho.

- Sim, senhor. Mas se por algum motivo o senhor não quiser essa tarefa, ficarei mais do que satisfeito em matar esse homem pessoalmente.

Ramsés riu. Como ele gostava desse homem; tão sorrateiro, porém honesto; paciente, porém também muito sagaz.

- Talvez devêssemos matá-lo juntos, Samir - disse ele. - Mas seja qual for o caso, estou sôfrego. Quando vamos ter essa grande refeição juntos sobre as toalhas de mesa cor-de-rosa entre as grandes palmeiras nos vasos?

- Muito breve, senhor, e por favor, seja... cuidadoso.

- Samir, não se preocupe - disse Ramsés. Pegou na mão de Samir. - Tenho minhas instruções da rainha Julie. Devo comer apenas um prato de peixe, um prato de ave, um prato de carne, e não todos ao mesmo tempo.

Foi a vez de Samir rir.

- Você ainda está infeliz? Ramsés perguntou.

- Não, senhor. Estou muito feliz. Não fique nunca desapontado com minha expressão sombria. Já vi mais em minha vida até este momento do que jamais sonhei ver. Quando Henry Stratford estiver morto, nada mais pedirei. Ramsés assentiu. Seu segredo estava seguro para sempre com esse homem, isso ele sabia, embora não pudesse compreender totalmente essa qualidade de sabedoria e resignação. Jamais compreendera quando fora mortal. Não a compreendia agora.

Era um suntuoso salão de jantar de primeira classe, e já estava repleto de cavalheiros de fraque e gravata branca e senhoras em vestidos curtos. Quando Julie chegou e tomou sua cadeira, Alex ergueu-se para ajudá-la. Henry e Elliott, já sentados um de frente para o outro, também se levantaram, e embora Julie tivesse acenado com a cabeça para Elliott achou-se incapaz de olhar para o primo.

Virou-se para Alex, e colocou a mão sobre a dele. Infelizmente ela não podia evitar ouvir Henry constantemente falando irritado no ouvido de Elliott. Alguma coisa sobre Alex ser um idiota que não conseguiu evitar que Julie fizesse essa viagem.

Alex, olhando o prato à sua frente, parecia um pouco perdido. Aquela era a hora ou o local de se dizer a verdade? Ela sentia que devia ser honesta desde o começo, ou as coisas iriam apenas ficar piores para Alex, e ela precisava cuidar que isso não acontecesse.

- Alex - ela disse em voz baixa. - Posso ficar no Egito. Não sei quais serão meus planos. Você sabe, meu querido, às vezes acho que você precisa de alguém tão bom quanto você.

Não ficou surpreso com as palavras dela. Pensou um instante antes de responder.

- Mas como eu poderia querer alguém melhor que você? Eu a seguirei até as selvas do Sudão se for preciso.

- Você não sabe o que diz.

Ele se inclinou, a voz caindo até o mais íntimo sussurro:

- Eu a amo, Julie. Tudo o mais em minha vida é certo para mim. Mas você

não. E você é mais preciosa para mim do que todo o resto junto. Julie, estou disposto a lutar por você, se é o que precisa ser feito.

O que ela poderia lhe dizer que não o ferisse? Ele olhou para cima subitamente. Ramsés e Samir haviam chegado.

Por um momento, ela ficou sem fala. Ramsés era uma bela visão na camisa branca e fraque bem talhado do pai. Ao tomar sua cadeira, cada gesto seu parecia mais gracioso e decoroso do que o dos ingleses ao seu redor. Ele verdadeiramente fulgurava com vigor e bem-estar. O sorriso que ele dava era como um farol.

Então alguma coisa aconteceu. Ele ficou olhando os ombros desnudos de Julie, o decote largo do seu vestido. Olhava em particular a pequena sombra entre os seios meio expostos. E Alex olhou para Ramsés ultrajado, mas com educação. E Samir, sentando-se à esquerda do conde, obviamente já estava alarmado.

Ela precisava fazer alguma coisa. Ainda olhando para ela, como se nunca tivesse posto os olhos numa mulher antes, Ramsés sentou à sua esquerda.

Rapidamente ela abriu o guardanapo dele, sussurrando:

- Aqui, no seu colo. E pare de ficar me olhando. É um vestido de baile, muito adequado! - Ela se virou na mesma hora para Samir. - Samir, estou tão feliz por você ter podido fazer esta viagem conosco.

- Sim, e aqui estamos nós - Elliott disse imediatamente, preenchendo o silêncio. - Todos jantando exatamente como eu havia planejado. Isso não é maravilhoso? Parece que consegui o meu intento, afinal de contas.

- Isso mesmo - riu Julie. Subitamente sentiu-se aliviada por Elliott estar ali. Ele suavizaria um momento de estranheza após o outro; fazia isso por instinto. Na verdade, ele provavelmente não poderia evitar. Era aquele encanto que pairava, entre outras coisas, o que o mantinha perpetuamente querido.

Ela não teve coragem de olhar direto para Henry, mas podia perceber que ele estava definitivamente desconfortável. Já estava bebendo. Seu copo estava pela metade.

Os garçons agora traziam o sheffy, e a sopa. Ramsés já havia apanhado o pão. Partira com a mão um pedaço enorme da bisnaga o comera inteiro.

- E diga-me, senhor Ramsey - continuou Elliott -, o senhor gostou da estada em Londres? Não esteve conosco por muito tempo.

Por que diabos Ramsés estava sorrindo?

- Achei-a um lugar irresistível - disse ele com entusiasmo imediato. - Uma curiosa mistura de grande riqueza e inexplicável pobreza. Não compreendo como tantas máquinas podem produzir tanto para tão poucos, e tão pouco para tantos...

- Senhor, está questionando toda a Revolução Industrial - disse Alex, rindo de nervoso, o que para ele era com toda a certeza um sintoma de estar pouco à vontade. - Não me diga que o senhor é marxista. é raro encontrarmos radicais em nosso... nosso círculo.

- O que é um marxista? Eu sou egípcio - disse Ramsés.

- Claro que sim, senhor Ramsey - disse Elliott apaziguador. - E não é marxista. Quão perfeitamente ridículo. Conheceu nosso Lawrence no Cairo?

- Nosso Lawrence. Conheci-o por um breve tempo.

- Ramsés olhava para Henry. Julie rapidamente levantou a colher de sopa e, dando-lhe um cutucão de leve com o cotovelo, demonstrou como se devia comer a sopa. Ele sequer a olhou. Pegou o pão, mergulhou-o na sopa e começou a comê-lo, olhando novamente para Henry.

- A morte de Lawrence foi um choque para mim, como estou certo de que foi para todos - disse ele, mergulhando outro pedaço enorme de pão na sopa. - Um marxista é um filósofo? Lembro-me de um Karl Marx. Descobri essa pessoa na biblioteca de Lawrence. Um tolo.

Henry não havia tocado na sopa. Tomou outro grande gole de seu scotch e chamou o garçom com um gesto.

- Não é importante - Julie disse rapidamente.

- Sim, a morte de Lawrence foi um choque terrível

- Elliott disse sério. - Tenho certeza de que ele ainda poderia viver uns bons dez anos. Talvez vinte.

Ramsés estava mergulhando outro pedaço enorme de pão na sopa. E Henry

estava agora olhando para ele com um horror velado, cuidadosamente evitando seus olhos. Todos estavam mais ou menos observando Ramsés em silêncio; ele acabava agora o restante da sopa com outro pedaço enorme de pão, e então tomou o sherry de um gole só, e limpou os lábios com o guardanapo e recostou-se na cadeira.

- Mais comida - ele sussurrou. - Está vindo?

- Está sim, mas contenha-se - sussurrou Julie.

- Você era um amigo verdadeiro de Lawrence? - Ramsés perguntou a Elliott.

- Absolutamente - respondeu Elliott.

- Sim, bem, se ele estivesse aqui, ele estaria falando de sua adorada múmia - disse Alex com a mesma risada nervosa. - Para falar a verdade, por que é que você está fazendo esta viagem, Julie? Por que voltar ao Egito quando a múmia repousa lá em Londres aguardando exame? Sabe, eu realmente não entendo...

- A coleção abriu várias trilhas de pesquisa - disse Julie. - Queremos ir a Alexandria e então talvez ao Cairo...

- Sim, claro - disse Elliott. Estava obviamente observando a reação de Ramsés quando o garçom depositou o prato de peixe à sua frente, uma porção pequena num delicado molho cremoso. - Cleópatra - ele continuou -, seu misterioso Ramsés Segundo afirmava tê-la amado e perdido. E isso aconteceu em Alexandria, não foi?

Julie não tinha percebido essa abordagem. Nem Ramsés, que havia posto de lado o pão e olhava para o conde com uma expressão neutra no rosto. Então surgiram aqueles pontos dançantes de cor sob a pele macia de suas faces.

- Bem, sim, há este aspecto - lutou Julie. - E depois vamos a Luxor, e para Abu Simbel. Espero que vocês todos estejam em boa forma para uma árdua jornada. Claro que se não quiserem continuar...

- Abu Simbel - disse Alex. - Não é lá que estão as estátuas colossais de Ramsés Segundo?

Ramsés partiu o peixe ao meio com os dedos e comeu-o. Depois comeu a segunda metade. Um sorriso curioso havia despontado no rosto de Elliott, mas

Ramsés não viu. Estava olhando para Henry novamente. Julie ia começar a gritar.

- As estátuas de Ramsés, o Grande, estão por toda parte, na verdade - disse Elliott, olhando Ramsés limpar o molho com o pão. - Ramsés deixou mais monumentos em sua honra do que qualquer outro faraó.

- Ah, é esse. Eu sabia - disse Alex. - O megalomaníaco da história egípcia. Lembro-me agora, da escola.

- Megalomaníaco! - Ramsés exclamou com um riso.

- Mais pão! - ordenou ao garçom. Então, para Alex: O que é um megalomaníaco? Por favor?

- Aspirina, marxismo, megalomania - disse Elliott.

- São ideias novas para você, senhor Ramsey?

Henry estava ficando positivamente agitado. Havia bebido o segundo copo de scotch e agora sentava pregado às costas da cadeira, apenas olhando as mãos de Ramsés enquanto este comia.

- Ah, o senhor sabe - Alex disse jovial. - O sujeito era um grande fanfarrão. Construiu monumentos para si próprio por toda parte. Contava vantagens sem fim sobre suas vitórias, suas esposas e seus filhos! Então aí está a múmia, e todo esse tempo eu não havia percebido!

- O que é que você está falando, afinal? -Julie perguntou subitamente.

- Existiu algum outro rei egípcio na história que tenha alcançado tantas vitórias - Ramsés disse caloroso -, agradado a tantas esposas e sido pai de tantos filhos? E certamente você compreende que, ao exigir tantas estátuas, o faraó estava dando ao seu povo exatamente o que ele queria.

- Ah, isso é visão romanceada! - Alex disse com sarcasmo, pondo de lado o garfo e a faca. - Você não está querendo dizer que os escravos gostavam de ser chicoteados até a morte no sol abrasador para construir todos aqueles templos e estátuas colossais?

- Escravos chicoteados até a morte sob o sol quente? - perguntou Ramsés. - O que você está dizendo? Isto não aconteceu! - Virou-se para Julie.

- Alex, esta é apenas uma teoria de como os monumentos foram completados - disse ela. - Ninguém realmente sabe...

- Ora, eu sei - disse Ramsés.

- Cada um tem sua teoria! - exclamou Julie, elevando levemente a voz e fuzilando Ramsés com os olhos.

- Ora, pelo amor de Deus - disse Alex -, o homem construiu estátuas enormes de si mesmo de uma ponta a outra do Egito. Você não pode me dizer que as pessoas não teriam sido muito mais felizes cuidando de suas terras...

- Jovem, você é muito estranho! - disse Ramsés. O que sabe sobre o povo do Egito? Escravos, você fala de escravos quando seus cortiços estão repletos de crianças famintas. O povo queria os monumentos. Tinha orgulho de seus templos. Quando o Nilo inundava as margens não podia haver trabalho nos campos; e os monumentos se tornaram a paixão da nação. O trabalho não era forçado. Não tinha de sê-lo. O faraó era como um deus, e tinha de fazer o que seu povo esperava dele.

- Certamente você está exagerando um pouco no sentimento - disse Elliott, mas estava obviamente fascinado.

Henry estava branco. Não se mexia mais. O copo novo de scotch permanecia intocado.

- Nem um pouco - argumentou Ramsés. - O povo do Egito tinha orgulho de Ramsés, o Grande. Ele afastou os inimigos; conquistou os hititas; manteve a paz no Alto e no Baixo Egito por sessenta e quatro anos de seu reinado! Que outro faraó jamais trouxe tamanha tranquilidade à terra do grande rio? Você sabe o que aconteceu depois, não sabe?

- Reginald - Julie disse baixo -, isto realmente importa tanto assim?

- Bem, aparentemente importa ao amigo de seu pai - disse Elliott. - Suspeito que os antigos reis eram tiranos perfeitos. Suspeito que batiam em seus súditos até a morte se não trabalhassem naqueles monumentos absurdos. As pirâmides, por exemplo...

- O senhor não é tão estúpido, Lorde Rutherford disse Ramsés. - O senhor está... como se diz... me colocando numa armadilha. Por acaso os ingleses foram chicoteados nas ruas quando construíram sua Catedral de São Paulo ou a Abadia

de Westminster? A Torre de Londres, aquilo é trabalho de escravos?

- Ninguém sabe estas respostas - disse Samir, apaziguador. - Talvez devêssemos tentar...

- Há uma grande parcela de verdade no que você diz - disse Elliott, ignorando Samir. - Mas com respeito ao grande Ramsés, você deve admitir que ele era um governante excepcionalmente imodesto. A esteia que fala de seus feitos é risível.

- Senhor, francamente - disse Samir.

- Não são nada disso - disse Ramsés. - Aquele era o estilo da época, a maneira pela qual o povo queria que seu governante se representasse. Vocês não compreendem? O governante era o povo. Para que o povo fosse grande, o governante tinha de ser grande! O governante era o escravo do povo com relação aos desejos deste, suas necessidades, seu bem-estar!

- Ah, certamente você não quer dizer que o sujeito era um mártir! - debochou Alex. Nunca Julie o vira tão agressivo.

- Talvez não seja possível para uma mentalidade moderna compreender tão facilmente uma mentalidade antiga - concedeu Elliott. - Será que o oposto é verdadeiro? Será que um homem de tempos antigos, trazido à vida novamente, nesta era, poderia compreender nossos valores?

- Vocês não são difíceis de compreender - disse Ramsés. - Vocês aprenderam a se expressar bem demais para que alguma coisa permanecesse velada ou misteriosa. Seus jornais e livros dizem tudo. Mas mesmo assim vocês não são diferentes dos seus ancestrais. Vocês querem amor, querem conforto; querem justiça. Era isto o que o fazendeiro egípcio queria quando saía para arar os campos. E isto o que querem os trabalhadores de Londres. E como sempre, os ricos são zelosos do que possuem. E a ganância conduz a grandes crimes, como sempre foi.

Voltou impiedosamente os olhos para Henry, que agora olhava direto para ele. Julie olhou desesperada para Samir.

- Ora, você fala desta época como se não tivesse nada a ver com ela! - estranhou Alex.

- Então o que você está dizendo - disse Elliott é que não somos melhores

nem piores que os antigos egípcios.

Henry pegou seu drinque e subitamente bebeu-o de um gole. Então pegou o vinho e bebeu-o. Seu rosto pálido estava agora todo molhado. O lábio inferior tremia. Para todos os efeitos ele parecia seriamente doente.

- Não, não é isso o que estou dizendo - Ramsés explicou-se pensativo. - Vocês são melhores. Melhores em mil maneiras. Mesmo assim vocês ainda são humanos. Vocês ainda não descobriram todas as respostas. Eletricidade, telefones, essas mágicas são fantásticas. Mas os pobres continuam sem comida. Os homens matam pelo que não podem ganhar pelo próprio trabalho. Como repartir a magia, as riquezas, os segredos, este é ainda o problema.

- Ah, aí está: marxismo, eu não disse? - falou Alex.

- Ora, em Oxford eles nos diziam que Ramsés Segundo foi um maldito tirano.

- Cale a boca, Alex - disse Elliott, ignorando-o. Virou-se para Ramsés. - Por que isto preocupa você tanto, essas questões de ganância e poder?

- Oxford? O que é Oxford? - perguntou Ramsés, olhando para Alex. Então tornou a olhar para Henry, e Henry afastou abruptamente a cadeira. Parecia estar se segurando na mesa para não cair. Os garçons, enquanto isso, haviam tirado o peixe e colocavam os pratos de galinha assada com batatas. Alguém serviu outro drinque para Henry, que esvaziou-o na hora.

- Você vai ficar doente - Elliott disse-lhe baixo.

- Espere um minuto - disse Alex. - Você nunca, ouviu falar de Oxford?

- Não, o que é? - perguntou Ramsés.

- Oxford, megalomania, aspirina, marxismo - disse Elliott. - Sua cabeça está nas nuvens, senhor Ramsey.

- Sim, como a de uma estátua colossal! - sorriu Ramsés.

- Mas você ainda é marxista - disse Alex.

- Alex, o senhor Ramsey não é marxista! - disse Julie, incapaz de conter a sua raiva por mais tempo. - E, segundo me lembro, seu assunto favorito em Oxford era esporte, não era? Corridas de barcos e futebol? Você nunca estudou

história egípcia ou marxismo, não estou certa?

- Está, querida. Não sei nada do Antigo Egito - admitiu ele, um pouco ressabiado. - Mas existe aquele poema, senhor Ramsey, aquele poema sobre Ramsés, o Grande, de Shelley. O senhor ouviu falar, não ouviu? Vamos ver, um maldito professor velhote me fez memorizá-lo.

- Talvez devamos retornar à questão da jornada disse Samir. - Deverá estar muito quente em Luxor. Talvez vocês não irão querer seguir além de...

- Sim, e as razões para a jornada - disse Elliott. Você está investigando as afirmações feitas pela ”múmia

- Que afirmações? - Julie perguntou, cansada. Não sei o que o senhor quer dizer especificamente...

- Você sabe. Você mesma me disse - respondeu Elliott. - E havia também o caderno de anotações de seu pai, que eu li a seu pedido. A múmia afirma ser imortal, ter vivido e amado Cleópatra.

Ramsés olhou para seu prato. Partiu com destreza um pedaço do frango e comeu metade dele com duas mordidas rápidas e delicadas.

- O museu terá de examinar esses textos - disse Samir. - é muito cedo para tirar conclusões.

- E o museu está satisfeito por você ter deixado a coleção trancada em Mayfair? - perguntou Elliott.

- Francamente - disse Alex. - Essa coisa toda soou perfeitamente absurda para mim. Baboseira romântica. Um ser imortal, vivendo por mil anos e depois apaixonando-se tragicamente por Cleópatra.

- Perdão - disse Ramsés. - Devorou o restante do frango e limpou os dedos novamente. - Em sua famosa Oxford, também disseram coisas ruins sobre Cleópatra.

Alex riu alegre, sem hipocrisia.

- Você não precisa ir a Oxford para ouvir coisas ruins sobre Cleópatra. Ora, ela era a prostituta do mundo antigo, uma esbanjadora, devassa e histérica.

- Alex, não quero ouvir mais dessas histórias de colegial! - disse Julie.

- Você tem muitas opiniões, jovem - Ramsés comentou com um sorriso gélido. - Qual é a sua paixão agora? O que interessa a você?

Silêncio. Julie não pôde evitar de notar a curiosa expressão no rosto de Elliott.

- Bem - disse Alex. - Se você fosse imortal... um imortal que fora outrora um grande rei, você teria se apaixonado por uma mulher como Cleópatra?

- Responda à pergunta, Alex - disse Julie. - Qual é a sua paixão? Não é história, nem egiptologia, nem governo. O que você diria que o faz querer acordar de manhã? - Ela podia sentir o sangue subindo-lhe às faces.

- Sim, eu teria me apaixonado por Cleópatra - disse Ramsés. - Ela podia ter encantado um deus. Leia as entrelinhas do seu Plutarco. A verdade está ali.

- E qual é a verdade? - perguntou Elliott.

- Que ela era uma mente brilhante; ela possuía o dom dos idiomas e de governar que desafiava a razão. O maior homem de seu tempo cortejou-a. Sua alma era real em cada sentido da palavra. Por que acha que seu Shakespeare escreveu a respeito dela? Por que as crianças em suas escolas sabem seu nome?

- Ah, o que há. Direito divino? - perguntou Alex.

- Você fica melhor quando fala teorias marxistas.

- Que são o quê, precisamente?

- Alex -Julie disse ríspida. - Você não reconheceria um marxista nem que ele lhe desse um murro na cara.

- O senhor precisa compreender, meu lorde - Samir disse para Alex. - Nós, egípcios, levamos nossa história muito a sério. Cleópatra foi por quaisquer padrões uma rainha formidável.

- Sim, disseste-o bem - falou Ramsés. - E o Egito poderia se valer de uma Cleópatra agora para livrá-lo do domínio britânico. Ela poria seus soldados para correr, pode ter certeza.

- Ah, aí está, um revolucionário. E quanto ao Canal de Suez? Suponho que ela diria Não, obrigada’’ para isso? Você sabe o que é o Canal de Suez, não sabe? Bem, foi o financiamento inglês que proporcionou aquele pequeno milagre, meu

amigo, espero que entenda.

- Ah, sim, aquela trincheirinha que vocês cavaram entre o Mar Vermelho e o Mediterrâneo. Vocês chicoteavam os escravos sob o sol quente para cavar aquela trincheira? Diga-me.

- Touché, amigo velho, touché. A verdade é que não tenho a menor ideia. - Alex pôs o garfo de lado e recostou-se, sorrindo para Henry. - Este foi um jantar muito cansativo.

Henry o encarou com os mesmos olhos vidrados e sem expressão com que olhava a todos.

- Diga-me, senhor Ramsey - disse Elliott. - Sua opinião pessoal, por favor. Esta múmia é realmente Ramsés, o Grande? Um imortal que viveu até a época de Cleópatra?

Alex riu suavemente. Tornou a olhar para Henry, e desta vez aparentemente a condição dele o chocou. Ia dizer alguma coisa quando Ramsés continuou.

- E o que é que o senhor acha, Lorde Rutherford? perguntou Ramsés. - O senhor leu as notas de seu amigo Lawrence. Existe um imortal naquele estojo de múmia na casa de Julie em Mayfair?

Elliott sorriu.

- Não, não existe.

Julie ficou olhando o prato. Então lentamente ela ergueu os olhos para Samir.

- Claro que não! - disse Alex. - E já está na hora de alguém dizer isso. Quando o levarem para o museu e o cortarem, vão descobrir que ele era um escriba com uma forte imaginação.

- Perdão - disse Julie. - Mas estou tão cansada disso tudo. Em pouco tempo estaremos no Egito, entre as múmias e os monumentos. Será que precisamos continuar?

- Lamento, minha querida - disse Elliott, levantando o garfo e comendo um pedacinho de frango. – Gostei de nossa conversa, senhor Ramsey. Acho sua perspectiva sobre o Antigo Egito absolutamente intrigante.

- Mesmo? A época presente é minha mais recente fascinação, Lorde Rutherford. Ingleses como o senhor me intrigam. E, como dizia, o senhor era um bom amigo de Lawrence, pois não?

Julie viu a mudança em Henry antes de perceber que Ramsés o estava mirando novamente. Henry virou-se na cadeira, ergueu a taça vazia na mão, aí percebeu que estava vazia e ficou olhando para ela como se não soubesse o que fazer, e então ficou olhando estupidamente para o garçom, que a tomou dele e deu-lhe outro drinque.

Se Elliott notou isso tudo, não deu mostras.

- Tínhamos nossas diferenças, Lawrence e eu - respondeu ele -, mas sim, éramos muito bons amigos. E concordávamos em uma coisa. Esperávamos que nossos filhos logo se casassem e fossem felizes.

Julie estava surpresa.

- Elliott, por favor.

- Mas não precisamos discutir isso, você e eu - disse Elliott, rapidamente. Obviamente a grosseria não estava sendo fácil para ele. - Há outras coisas que eu gostaria de discutir com você. De onde você veio, quem você realmente é. Todas essas perguntas que eu mesmo me faço quando me olho no espelho.

Ramsés riu, mas agora ele estava zangado. Julie podia sentir isso.

- Você provavelmente achará minhas respostas breves e desapontadoras. Quanto ao casamento de Julie com seu filho, Lawrence acreditava que isso era escolha de Julie. Deixe me ver. Como ele falou? - Voltou os olhos para Henry mais uma vez. - Inglês é novo para mim, mas minha memória é excepcional. Ah, sim.'' O casamento de Julie pode esperar para sempre". Meu caro Henry, não foram essas as palavras?

Os lábios de Henry trabalharam em silêncio, mas apenas um fraco gemido saiu deles. O rosto de Alex estava vermelho, ferido, e ele olhava para Ramsés. Julie tinha de fazer alguma coisa para parar isso, mas o quê?

- Ora, você certamente parece ter sido um amigo íntimo do pai de Julie - Alex disse quase com tristeza. Mais íntimo, talvez, do que imaginávamos. Havia mais alguma coisa que Lawrence fez saber a você antes de morrer?

Pobre, pobre Alex! Mas tudo isso era endereçado a Henry, e em mais um momento as coisas iam explodir.

- Sim - disse Ramsés. Julie segurou sua mão e apertou-a, mas ele não se deu conta. - Sim, que ele achava que o sobrinho era um bastardo. - Tornou a olhar para Henry.

- Não estou certo? ”Seu bastardo’’. Não foram essas as suas últimas palavras?

Henry ergueu-se da cadeira, desequilibrando-a. Tropeçou para trás quando a cadeira caiu com um estrondo no chão acarpetado. Ficou olhando para Henry, a boca aberta, um som baixo saindo dela, como se engasgasse ou gemesse.

- Meu Deus - disse Alex. - Senhor Ramsey, o senhor foi longe demais.

- Mesmo? - perguntou Ramsés, observando Henry.

- Henry, você está bêbado, amigo velho - disse Alex. - Vou ajudar você até seu quarto.

- Por favor, não faça isso - sussurrou Julie. Elliott estava estudando os dois. Não tinha sequer olhado para Henry, que agora se virava e andava cambaleando até a porta.

Alex ficou olhando o prato, seu rosto vermelho.

- Sr. Ramsey, acho que há uma coisa que deve entender - disse Alex.

- E o que é, jovem?

- O pai de Julie era sincero para com aqueles que amava. - Então alguma coisa despertou nele. - Mas... o senhor não estava lá quando ele morreu, estava? Pensei que só Henry estava com ele. Sozinho.

Elliott ficou em silêncio.

- Nossa, mas essa vai ser uma viagem muito interessante - Alex disse, aturdido. - Devo confessar...

- Ela vai ser um desastre! - disse Julie. Não podia mais aguentar. - Agora me escutem. Todos vocês. Não quero mais falar de casamento; nem da morte de meu pai. Já estou cheia de ambos. - Levantou-se. - Perdoem-me, mas vou deixá-los agora. Estarei na minha cabine se precisarem.

- Olhou para Ramsés. - Mas nem uma palavra a mais sobre esses assuntos, está claro?

Ela pegou a bolsa de noite e caminhou lentamente pelo salão de jantar, ignorando os que a olhavam.

- Oh, isto é terrível - ela ouviu Alex dizer atrás dela. E em seguida ele estava ao seu lado. - Lamento muito, querida, sério! As coisas simplesmente fugiram ao controle.

- Já lhe disse que quero ir para o meu quarto - ela disse, apertando o passo.

Pesadelo. Você vai acordar, de volta a Londres, seguro, e nada disto terá acontecido. Você fez o que tinha de fazer. Aquela criatura é um monstro e deve ser destruída.

Estava de pé no bar, esperando o scotch, que parecia demorar uma eternidade, e então ergueu os olhos e o viu: aquela coisa, aquela coisa que não era humana, de pé à porta.

- Deixa pra lá - ele enrolou a língua baixinho. Virou-se e apressou os passos através do pequeno corredor acarpetado até o convés. Bateu a porta atrás dele, a coisa vinha atrás. Virou-se, o rosto golpeado pelo vento, e quase caiu nos estreitos degraus de metal. A coisa estava apenas a alguns metros de distância dele, aqueles grandes olhos azuis vidrados olhando para ele. Subiu correndo os degraus, o vento lutando contra enquanto corria pelo convés deserto.

Para onde estava indo? Como ele iria fugir dela? Abriu outra porta, que dava num pequeno corredor. Números que não reconheceu nas portas enceradas dos camarotes. Olhou para trás; a coisa havia entrado pelo corredor; pisava firme em sua direção.

- Maldito - sua voz era um lamento. Para o convés novamente, e dessa vez o vento estava tão úmido que era como chuva. Não podia ver para onde estava indo. Agarrou-se à amurada por um momento, olhando para o mar cinza espumante.

Não! Afasta-se da amurada. Ele tornou a correr até ver outra porta, e entrou novamente. Sentiu a vibração bem atrás de se, ouvia a coisa respirando. Sua arma, onde diabos estava a arma?

Virando-se, mexeu nos bolsos. A coisa o havia agarrado. Meu Deus! Sentiu uma mão grande e quente fechar-se sobre a sua. A arma foi arrancada dos dedos. Gemendo, caiu contra a parede, mas a coisa o segurava pela lapela, olhando-o na cara. Uma luz feia brilhava pela escotilha da porta, iluminando a coisa em rajadas irregulares.

- Uma pistola, estou certo? - a coisa disse para ele. Li sobre isso quando talvez devesse ter lido sobre Oxford, megalomania, aspirina e marxismo. Ela dispara um pequeno projétil de metal em alta velocidade, como resultado de intensa combustão dentro da câmara atrás do projétil. Muito interessante, e inútil ao lidar comigo. E se você a disparasse, os homens viriam e iriam querer saber por que você fez isso.

- Eu sei quem é você! Eu sei de onde você veio.

- Ah, sabe! Então sabe que eu sei quem é você. E o que você queria fazer! E não tenho o menor escrúpulo em carregar você até as fornalhas que abastecem este magnífico navio e dar você como alimento ao fogo que nos impulsiona agora pelo frio Atlântico.

O corpo de Henry entrou em convulsões. Ele lutava com todos os músculos, mas não conseguia se libertar da mão que agora se fechava sobre seu ombro, esmagando gentilmente os ossos.

- Ouça-me, tolo. - A coisa aproximou-se. Ele podia sentir o hálito dela no rosto. - Machuque Julie e eu o farei. Faça Julie chorar e eu o farei! Faça Julie franzir a testa e eu o farei! Pela paz de espírito de Julie, você vive. Por nada mais. Lembre-se do que eu disse.

A mão o soltou. Ele cambaleou até o chão, só se recompondo antes de cair. Trincava os dentes, os olhos se fechando enquanto sentia uma coisa quente e grudenta dentro das calças, e sentiu o cheiro do próprio excremento. Perdera o controle dos intestinos.

A coisa estava ali, o rosto velado na sombra enquanto estudava a pistola que erguia à luz pardacenta que vinha da escotilha na porta. Então enfiou a arma no bolso, virou-se e deixou-o.

Sentiu uma onda de mal-estar; viu tudo escuro.

Quando acordou estava encolhido no canto da passagem. Ao que parecia, ninguém havia passado. Trêmulo, tonto, levantou-se e voltou ao seu camarote. E

assim que chegou lá ficou sobre o pequeno toalete vomitando o conteúdo do estômago. Só então tirou as roupas sujas.

Ela chorava quando ele entrou. Ela mandara Rita jantar com os outros servos a bordo. Nem sequer batera. Abriu a porta e entrou rápido. Ela não olhou para ele. Pressionava o lenço nos olhos, mas o choro não parava.

- Desculpe, minha rainha. Minha gentil rainha. Acredite em mim, eu lamento.

Quando ela ergueu os olhos, viu a tristeza no rosto dele. Ele estava de pé ao lado dela, indefeso, o lampião atrás preenchendo as pontas de seus cabelos castanhos com uma luz dourada difusa.

- Deixe estar, Ramsés - ela disse desesperada. - Não posso suportar isso, saber que foi ele quem fez aquilo. Deixe estar, eu lhe imploro. Só quero estar com você no Egito.

Ele sentou-se ao seu lado no canapé, enorme, e gentilmente virou-a, e desta vez, quando ele a beijou, ela derreteu-se por completo, deixando que ele a envolvesse, deixando que ele lhe instilasse um calor poderoso. Ela beijou-lhe o rosto, a face onde a carne era tão afilada sobre os ossos, e então seus olhos fechados. Ela sentiu as mãos dele apertarem seus ombros nus e percebeu que ele estava puxando o vestido para baixo, afastando-o dos seios.

Ela recuou envergonhada. Havia deixado que ele chegasse lá e não queria.

- Não quero que isso aconteça - disse ela, as lágrimas voltando a descer.

Sem olhar para ele, ela puxou as mangas de cetim para cima. Quando finalmente os olhos se encontraram, ela viu apenas paciência, e aquele cálido meio-sorriso, temperado agora pela mesma tristeza que ela vira antes.

Ele estendeu a mão para ela, e ela ficou rígida. Mas ele apenas endireitou as mangas de seu vestido. E endireitou as pérolas em seu pescoço. Então beijou-lhe a mão.

- Venha comigo - disse ele com uma voz baixa e macia, beijando-a suavemente no ombro. - A brisa está fresca. E estão tocando música nos salões públicos. Podemos dançar com a música? Ah, este palácio flutuante. É um paraíso. Venha comigo, minha rainha.

- Mas Alex - disse ela. - Se Alex...

Ele beijou-lhe o pescoço. Beijou novamente sua mão. Virou a mão do outro lado e pressionou os lábios na palma dela. O calor percorreu-lhe o corpo novamente. Ficar no quarto seria tolice, a não ser, é claro... Mas não. Ela não poderia deixar isso acontecer, até que fosse realmente o que ela queria de todo coração.

Ela poderia perder a alma irremediavelmente; esse era o horror. Tornou a ter uma leve sensação de ver seu mundo inteiro ser destruído.

- Então vamos - ela disse entontecida.

Ele ajudou-a a se levantar. Pegou o lenço dela e limpou seus olhos como se ela fosse uma criança. Então pegou a pele branca do braço da cadeira e colocou sobre os ombros dela.

Andaram juntos ao longo do convés fresco, e no corredor, e depois no grande salão de baile, uma adorável jóia de madeira dourada e painéis acetinados, com palmeiras em vasos e vidros coloridos.

Ele gemeu ao ver a orquestra distante.

- Ahhh, Julie, essa música - sussurrou. - Ela me escraviza.

Era novamente uma valsa de Strauss, só que havia muitos músicos ali, e o som era mais alto e mais rico, inundando o grande salão.

Nenhum sinal de Alex, graças a Deus. Ela virou-se para ele, e deixou que ele tomasse a sua mão.

Com uma grande volta, ele começou a valsar com ela, os olhos nela, e parecia então que nada mais importava. Não existia Alex; não existia Henry; não havia nenhuma morte terrível pela qual seu pai devesse ser vingado.

Havia apenas esse momento de dançar com ele, girando e girando, sob os candelabros suaves e iridescentes. A música aumentava; os outros dançarinos pareciam perigosamente próximos ao redor deles; mas os passos de Ramsés eram perfeitos apesar de sua largura e força.

Não era bastante que ele fosse um mistério? - pensou ela em desespero. Não era bastante que ele arrancasse o véu completamente? Ele tinha de ser irresistível? Ela tinha que se apaixonar tão completamente?

Bem distante, das sombras fundas do bar de paredes escuras, Elliott os via dançar. Estavam entrando agora na terceira valsa, e Julie gargalhava enquanto Ramsés a levava louco e despreocupado, tirando os outros dançarinos do caminho.

Ninguém parecia se ofender com isso. Todos respeitam os apaixonados.

Elliott terminou o uísque, e então levantou-se para ir embora.

Quando ele alcançou a porta de Henry, bateu uma vez e depois abriu-a. Henry estava sentado no sofanete, um fino robe verde enrolado, as pernas nuas e cabeludas embaixo, os pés descalços. Parecia estar tremendo, como se estivesse sentindo um frio terrível.

Elliott ficou subitamente surpreso com o calor de sua própria ira. Sua voz saiu rouca e estranha.

- O que foi que nosso rei egípcio viu? - ele exigiu saber. - O que aconteceu naquela tumba quando Lawrence morreu?

Henry tentou virar o rosto, num patético momento de histeria, como se pudesse abrir caminho parede afora com as unhas. Elliott virou-o.

- Olhe para mim, seu covardezinho miserável. Responda à minha pergunta. O que aconteceu na tumba?

- Eu estava tentando conseguir o que você queria! murmurou Henry. Seus olhos estavam fundos. Havia um grande hematoma no seu pescoço. - Eu estava... tentando persuadi-lo a aconselhar Julie a se casar com Alex.

- Não minta para mim! - disse Elliott. Sua mão esquerda agarrou o cajado de prata, pronto para erguê-lo, e usá-lo como porrete.

- Eu não sei o que aconteceu - implorou Henry. Ou o que ela viu! Ela estava enrolada dentro do maldito estojo da múmia. Que diabos ela podia ter visto? Tio Lawrence estava discutindo comigo. Ele estava nervoso. O calor... não sei o que aconteceu. De repente ele estava caído no chão.

Caiu para a frente, braços sobre os joelhos, cabeça entre as mãos.

- Eu não queria machucá-lo - soluçou. - Ah, Deus, eu não queria machucá-lo! Eu fiz o que tinha de fazer. Curvou a cabeça, os dedos emaranhados nos cabelos escuros.

Elliott ficou olhando para ele. Se fosse seu filho, a vida não teria sentido. E se aquela criatura miserável estivesse mentindo... Mas ele não sabia. Simplesmente não poderia dizer.

- Tudo bem - murmurou. - Você me contou tudo?

- Sim! - disse Henry. - Deus, eu tenho de sair deste navio! Tenho de fugir dele!

- Mas por que ele o despreza? Por que tentou matar você, e por que busca humilhá-lo?

Houve um momento de silêncio. Tudo o que ouviu foi o fôlego entrecortado de desespero de Henry. Então o rosto branco e magro virou-se novamente, os olhos fundos implorando.

- Eu o vi ressuscitar - disse Henry. - Eu sou o único, além de Julie, que realmente sabe quem ele é. Você sabe, mas eu sou o único que viu. Ele quer me matar! - Parou, como se temesse perder completamente o controle. Os olhos dançavam quando olhou para o tapete.

- Vou lhe contar uma coisa também - disse ele, ao tornar a se jogar no sofá. - Ele tem uma força que não é natural, aquela coisa. Pode matar um homem com as próprias mãos. Por que não me matou da primeira vez que tentou, não sei. Mas pode ter sucesso se tentar novamente.

O conde não respondeu.

Virou-se e deixou o camarote. Saiu para o convés. O céu estava preto sobre o mar, e as estrelas estavam, como sempre numa noite sem nuvens sobre o oceano, maravilhosamente claras.

Inclinou-se sobre a amurada por um longo tempo, e então tirou do bolso um charuto e acendeu-o. Tentou raciocinar.

Samir Ibrahaim sabia que aquela coisa era imortal. Estava viajando com ela. Julie sabia. Julie havia sido enlevada. E agora, por sua total obsessão com esse mistério, ele deixara Ramsés saber que ele também sabia.

Agora, Ramsés sentia óbvia afeição por Samir Ibrahaim. Sentia alguma coisa por Julie Stratford, embora o que isso fosse, ainda não era claro. Mas o que Ramsés sentia por ele? Talvez se voltasse contra ele, como fizera com Henry, ”a

única testemunha”.

Mas de alguma forma isso não fazia sentido. Ou pelo menos se fazia, não assustava Elliott. Só o fascinava. E toda a questão de Henry continuava a intrigá-lo e repeli-lo. Henry era um mentiroso convincente. Mas não estava contando toda a verdade.

Nada a fazer senão esperar, ele pensou. E o que poderia fazer para proteger Alex, seu pobre e vulnerável Alex, que falhara tão miseravelmente durante o jantar em esconder sua mágoa crescente. Tinha de ajudar Alex a passar por isso, deixar claro ao seu filho que ele ia perder sua namorada de infância, pois não havia mais a menor dúvida quanto a isso.

Mas ah, como ele próprio estava adorando isso. Como isso o animava, de uma forma secreta e completa. A verdade era que, não importando o resultado, ele estava experimentando um rejuvenescimento por causa desse mistério. Ele estava tendo os melhores momentos em anos e anos.

Se repassasse as lembranças felizes de sua vida, só tinha havido uma única, quando simplesmente estar vivo já era maravilhoso e estranho. Na época, ele estava em Oxford; tinha apenas vinte anos; e estava apaixonado por Lawrence Stratford, e Lawrence Stratford estava apaixonado por ele.

O pensamento de Lawrence agora destruía tudo. Era como se o vento gelado que vinha do mar tivesse congelado seu coração. Alguma coisa havia acontecido naquela turnba, alguma coisa que Henry não ousava confessar a ele. E Ramsey sabia disso. E não importava o que mais fosse acontecer nessa pequena e perigosa aventura, Elliott ia descobrir a verdade.

No quarto dia, Elliott percebeu que Julie não jantaria novamente nos salões públicos; que ela faria todas as refeições no camarote de agora em diante, e que Ramsey provavelmente estava jantando com ela.

Henry também sumira de vista completamente. Deprimido, bêbado, ele permaneceu no quarto o dia inteiro, raramente vestindo outra coisa que não calças, uma camisa e um paletó de smoking. Entretanto, isso não o impediu de promover um jogo de cartas bem sério com membros da tripulação, que não estavam ansiosos para serem descobertos jogando com um passageiro da primeira classe. A fofoca era que Henry estava ganhando muito dinheiro. Mas sempre diziam isso de Henry. Mais cedo ou mais tarde ele perderia, e provavelmente tudo o que tinha ganho; desde o começo esse fora o ritmo de sua

decadência.

Elliott podia ver também que Julie estava se esforçando para ser gentil com Alex. Ela e Alex davam sua caminhada vespertina pelo convés, com chuva ou sol... Ela e Alex dançavam de vez em quando no salão de bailes após o jantar. Ramsey estava sempre lá, olhando com uma surpreendente equanimidade, pronto a qualquer momento para entrar e se tornar o parceiro de Julie. Mas obviamente havia um acordo pelo qual Alex não deveria ser negligenciado por Julie.

Nas breves excursões à terra, que Elliott não podia suportar fisicamente, Julie, Samir, Ramsey e Alex sempre viajavam juntos. Alex invariavelmente acabava sutilmente repelido. Ele não gostava muito de estrangeiros; Julie e Samir se divertiam por completo; e Ramsés ficava louco de entusiasmo pelas coisas que via, especialmente se conseguisse achar um cinema ou uma livraria com livros em inglês.

Elliott apreciava a gentileza de Julie para com Alex. Afinal de contas, aquele navio não era lugar para Alex compreender toda a verdade, e obviamente Julie sabia disso. Por outro lado, talvez Alex já sentisse que perdera a primeira grande batalha de sua vida; a verdade era que Alex era uma pessoa muito gentil e agradável para revelar o que sentia. Provavelmente ele mesmo não sabia, imaginou Elliott.

A verdadeira aventura da viagem para Elliott era conhecer Ramsey, e observá-lo a distância, e descobrir coisas sobre ele que outros não pareciam notar. Ajudava imensamente o fato de que Ramsey era ferozmente social.

Constantemente Ramsey, Elliott, Samir e Alex jogavam bilhar juntos, e nessas horas Ramsey discorria sobre toda sorte de assuntos e fazia todo tipo de perguntas.

O que lhe interessava em particular era a ciência moderna, e Elliott descobriu-se dissertando sobre as teorias das células, do sistema circulatório, germes e outras causas de doenças. Todo o conceito de inoculação fascinou Ramsey.

Quase toda noite Ramsey estava na biblioteca, folheando Darwin e Malthus ou compêndios populares sobre eletricidade, o telégrafo, o automóvel e astronomia.

A arte moderna também foi outra coisa que mereceu um interesse mais que passageiro. Estava poderosamente intrigado pelos pontilhistas e impressionistas, e os romances dos russos - Tolstói e Dostoiévski, apenas recentemente traduzidos para o inglês - o absorveram profundamente. Obviamente a velocidade de sua leitura e absorção era mágica.

Pelo sexto dia, Ramsey adquiriu uma máquina de escrever. Com a permissão do capitão ele a pediu emprestado dos escritórios do navio e pôs-se a datilografar listas do que queria fazer, algumas das quais Elliott conseguiu vislumbrar em visitas à cabine de Ramsey. Muito comuns eram itens como ”Visitar o Museu do Prado, em Madrid; voar num aeroplano assim que possível.”

Elliott finalmente percebeu uma coisa. Esse homem nunca dormia. Não precisava. A qualquer hora da noite Elliott podia encontrar Ramsey fazendo alguma coisa em algum lugar. Se não estivesse no cinema ou na biblioteca ou datilografando em seu quarto - então estava com a tripulação na sala de mapas ou na sala do rádio. Estavam apenas há dois dias a bordo e Ramsey já sabia os nomes de toda a tripulação; e também da maior parte do comando. Sua capacidade de seduzir as pessoas a fazer quase tudo não podia ser subestimada.

Numa manhã muito tenebrosa, Elliott entrou no salão de baile para ver um punhado de músicos tocando firmemente para Ramsey, que dançava sozinho, uma dança curiosa e primitiva muito parecida com a dos homens gregos atuais em suas tavernas à beira-mar. A figura do dançarino solitário, sua camisa de mangas compridas aberta até a cintura, tocara o fundo do coração de Elliott. Parecia um crime espionar uma coisa que vinha tão completamente da alma. Elliott virou-se, saindo para o convés para fumar solitário.

Na verdade, se ele se aprofundasse naquele aspecto, sentiria uma dor real. Pensara tantas vezes em suas palavras apressadas antes de partirem: ”Eu quero conhecer você.” Como elas eram verdadeiras. Como tudo isso era sedutor; de que forma maravilhosa o satisfazia. -

E então a agonia; o medo: alguma coisa além de toda imaginação está aqui! Elliott não queria ficar de fora disso.

E como era notável que seu filho, Alex, achasse Ramsey apenas peculiar e ”engraçado” e nem um pouco genuinamente intrigante. Mas o que Alex achava realmente intrigante? Fizera amizades rápidas do tipo das que sempre fazia com dúzias dos demais passageiros. Estava se divertindo, ao que parecia, não

importando o que mais estava acontecendo. E essa será a sua salvação, pensou Elliott. Que ele não sinta nada muito profundamente.

Quanto a Samir, ele era quieto por natureza; e jamais falava muito, não importasse o quanto as conversas entre Ramsey e Elliott ficassem ásperas. Mas havia uma qualidade quase religiosa na sua atitude para com Ramsey. E ele se tornara um serviçal completo do homem, isso era óbvio.

Ele só ficou agitado quando Elliott pressionou Ramsey para ter opiniões sobre história. E Julie também ficou assim.

- Explique o que quer dizer - perguntou Elliott quando Ramsey disse que o Latim tornava possível um tipo totalmente novo de pensamento. - Certamente as ideias surgem primeiro e depois a linguagem, para expressá-las.

- Não, isso não é verdade. Até mesmo na Itália, onde a língua nasceu, a linguagem tornou possível a evolução de ideias que seriam impossíveis de outra forma. A mesma relação de linguagens e ideias ocorre também na Grécia, sem dúvida.

- Mas vou lhe dizer o que há de estranho na Itália. E que a cultura se desenvolveu lá, pois o clima é muito agradável. E preciso que se tenha normalmente uma mudança muito radical de temperatura durante o ano para que a civilização progrida. Veja os povos das selvas e do extremo norte, profundamente limitados, pois o clima é o mesmo o ano inteiro...

Julie quase invariavelmente interrompia essas palestras. Elliott mal podia aguentá-las.

Julie e Samir também ficavam pouco à vontade quando Ramsey explodia com declarações apaixonadas, como Julie, precisamos acabar com o passado o mais rápido possível. Há tanto a ser descoberto. Raios-X, Julie, você sabe o que são? E precisamos ir ao Polo Norte num aeroplano.”

Esses comentários divertiam muitíssimo aos outros. Na verdade, outros passageiros, encantados e seduzidos por ele, pareciam considerar Ramsey não um ser superinteligente, mas levemente retardado. Eles próprios, sendo por demais sofisticados, nunca imaginando a razão por trás de suas estranhas exclamações, tratavam-no com carinho e condescendência, nunca se valendo das informações que ele dava num momento de provocação.

Nem tanto com Elliott, que o provocava sem piedade.

- Uma batalha antiga! Como devia ser realmente? Quero dizer, vimos os grandes relevos no templo de Ramsés Terceiro...

- Ah, esse foi um homem brilhante, um homônimo valoroso...

- O que disse?

- Um homônimo valoroso de Ramsés Segundo, é isso, continue.

- Mas o próprio faraó lutava realmente?

- Ah, sim, é claro. Ora, ele andava à frente das tropas; era um símbolo em ação. Ora, em uma batalha, o próprio faraó poderia esmagar duzentos crânios com sua borduna; poderia caminhar pelo campo de batalha, executando os feridos e moribundos da mesma forma. Quando se retirava para sua tenda, os braços estavam encharcados até os cotovelos em sangue. Mas lembre-se, isso era esperado. Se o faraó caísse... bem, a batalha estava terminada.

Silêncio.

Ramsey falou:

- Você não quer saber essas coisas, quer? E mesmo assim o arsenal de guerra moderno é tenebroso. Aquela guerra recente na África; homens eram dilacerados por armas com pólvora. E a Guerra Civil nos Estados Unidos, que horror. As coisas mudam, mas não mudam...

- Exatamente. Você próprio poderia fazer uma coisa dessas? Esmagar crânios um atrás do outro?

Ramsés sorriu.

- O senhor é um homem corajoso, não é, Lorde Elliott, Conde de Rutherford? Sim, eu poderia. E o senhor também, se estivesse lá, e se fosse faraó; o senhor poderia.

O navio ceifava o mar cinzento. A costa da África surgia ao longe. A festa estava quase no fim.

Fora outra noite perfeita. Alex havia se recolhido cedo, e Julie ficara sozinha para dançar com Ramsés por horas. Ela bebera vinho um pouco além da conta.

E agora, em pé na pequena passagem do lado de fora do camarote dela, ela

sentia como sempre a queimação, a tentação e o desespero ao qual ela não devia se entregar.

Ela estava completamente desarmada quando Ramsés girou-a, apertou-a de encontro ao peito e beijou-a mais rude do que o normal. Havia uma urgência dolorosa naquilo.

Ela se descobriu lutando, e depois recuando à beira das lágrimas, a mão erguida para bater nele. Ela não fez isso.

- Por que você tenta me forçar? - perguntou ela. O olhar dele a assustou.

- Estou faminto - disse ele, todo o semblante de cortesia perdido. - Faminto de você, de tudo. De comida e bebida e sol e da própria vida. Mas acima de tudo por você. Sinto dor! Estou cansado disso.

- Deus! - ela sussurrou. Levantou delicadamente as mãos para cobrir o rosto. Por que ela resistia? Naquele momento, ela não sabia.

- É o que a poção em minhas veias me faz - disse ele. - Não preciso de nada, mas nada me preenche. Só o amor, talvez. E então espero. - Sua voz ficou mais baixa. - Espero que você me ame. Se for preciso.

Ela riu de repente. Como tudo ficava claro.

- Ah, mas com toda a sua sabedoria, você não entendeu - disse ela. - O que é preciso é que você me ame.

O rosto dele ficou vazio. Então ele assentiu lentamente. Parecia completamente sem palavras. Ela não conseguia imaginar o que ele estava realmente pensando.

Rapidamente ela abriu a porta e entrou e sentou-se sozinha no sofá. Enterrou o rosto entre as mãos. Como havia soado infantil. Mas era verdade, era uma dolorosa verdade. E ela começou a chorar baixinho, esperando que Rita não a ouvisse.

Vinte e quatro horas, o navegador lhe dissera, e atracaremos em Alexandria.

Apoiou-se na amurada do convés. E perscrutou a densa neblina que cobriu totalmente a água.

Eram quatro horas. Nem mesmo o Conde de Rutherford estava por perto. Samir estava dormindo profundamente quando Ramsés visitou seus aposentos. E então tinha o convés só para si.

Ele amava isso. Amava o roncar dos motores através da grande estrutura de aço. Ele amava a pura força do navio. Ah, o paradoxo do homem do século XX entre suas grandes máquinas e invenções, pois ele era a mesma criatura de duas pernas que sempre fora, e mesmo assim suas invenções eram geradoras de invenções.

Pegou um charuto - um dos fracos e adocicados que o Conde de Rutherford lhe dera, e colocando a mão em concha contra o fósforo, acendeu-o com cuidado. Não podia ver a fumaça enquanto ela desaparecia, mas a coisa tinha um sabor divino. Fechou os olhos e saboreou o vento, e ficou pensando em Julie Stratford mais uma vez, agora que ela estava protegida e segura em seu pequeno quarto.

Mas Julie Stratford sumia. Era Cleópatra quem ele via. Vinte e quatro horas e estaremos em Alexandria.

Ele viu o salão de conferências do palácio de muito tempo atrás, a longa mesa de mármore, e ela, a jovem rainha - jovem como Julie Stratford era agora - conversando com seus embaixadores e conselheiros.

Ele assistia tudo de uma antecâmara. Tinha ficado fora por longo tempo, caminhando para longe, ao norte e a leste, para reinos que ele não conhecera antes em séculos anteriores. E, retornando na noite anterior, fora direto para os aposentos dela.

Por toda a noite fizeram amor; as janelas eram abertas para o mar; ela estivera tão faminta por ele quanto ele por ela; pois, embora ele tivesse tido uma centena de mulheres nos meses anteriores, só amava Cleópatra. Tão febril fora o amor dos dois que ele quase a ferira; mas ela o convidara a continuar, os braços prendendo-o com força, o corpo recebendo-o mais e mais.

A audiência terminara. Ele assistiu-a dispensando os cortesões. Viu-a erguer de seu trono e andar em sua direção: uma mulher alta com magníficos ossos, e um pescoço longo lindamente exposto, os cabelos negros ondulados penteados para trás num círculo à moda romana.

Havia uma expressão vagamente desafiadora em sua face, e o queixo

levemente empinado acentuava isso. Dava-lhe uma imediata impressão de força, que era desnecessário para temperar um poder de sedução inato.

Só quando ela puxou a cortina é que virou-se para ele e sorriu, os olhos escuros brilhando bonitos.

Havia um tempo em sua vida quando seres de olhos escuros eram tudo o que ele conhecia; ele era o único de olhos azuis porque bebera o elixir. Então viajara para terras distantes, terras das quais os egípcios nada sabiam; e conheceu homens e mulheres mortais, de olhos claros. E por mais estonteantes que essas coisas fossem, os olhos escuros permaneciam para ele os olhos verdadeiros, os olhos que ele podia julgar no mesmo instante.

Os olhos de Julie Stratford eram de um castanho escuro e grandes, e cheios de afeição e resposta fácil, como foram os olhos de Cleópatra no dia em que o abraçou.

- E agora, quais são minhas lições para esta tarde? perguntou ela em grego, a única língua que falavam um para o outro, alguma coisa em seus olhos expressando o prazer pela longa noite de intimidades.

- Simples - ele respondeu. - Ponha um disfarce e venha comigo andar entre seu povo. Para ver o que nenhuma rainha pode jamais ver. Isto é o que eu quero de você.

Alexandria. Como seria amanhã? Fora uma cidade grega então, de ruas calçadas de pedra e paredes caiadas de branco, e mercadores que vendiam para todo o mundo: um porto cheio de tecelões, joalheiros, sopradores de vidro, fabricantes de papiro. Em mil lojas do mercado eles trabalhavam sobre o porto lotado.

Pelo bazar eles caminharam juntos, ambos envoltos nos mantos informes que todos os homens e mulheres vestiam quando não queriam ser reconhecidos. Dois viajantes no tempo. E ele falara com ela de tantas coisas: de suas andanças ao norte, para a Gália, de sua longa jornada à índia. Montara em elefantes e vira o grande tigre com os próprios olhos. Voltara a Atenas para ouvir os filósofos.

E o que aprendera? Que Júlio César, o general romano, iria conquistar o mundo; que ele tomaria o Egito se Cleópatra não o detivesse.

Quais foram seus pensamentos naquele dia? Ela o deixara falar e falar sem absorver todos os conselhos desesperados que ele lhe dava? O que ele vira dos

homens comuns ao seu redor? As mulheres e crianças mergulhadas no trabalho de lavar roupas ou de tecer? Dos marinheiros de todas as nações procurando pelos bordéis?

Caminharam até a grande universidade, para ouvir os professores sob os pórticos. Finalmente pararam numa praça suja. Do poço comum Cleópatra bebera, se servindo da cabaça comum amarrada à corda.

- O gosto é o mesmo - ela disse com um riso jocoso. Ele se lembrava tão claramente da cabaça caindo na água fria lá no fundo. O som ecoando pelas paredes de pedra; o martelar que vinha do cais, e a visão através da rua estreita à direita dos mastros dos navios, uma floresta sem folhas.

- O que você realmente quer de mim, Ramsés? - perguntara ela.

- Que você seja uma boa e sábia rainha do Egito, já lhe disse.

Ela o pegou pelo braço, e forçou-o a olhar para ela.

- Você quer mais do que isso. Está me preparando para alguma coisa muito mais importante.

- Não - disse ele, mas era mentira, a primeira mentira que ele já contara a ela. A dor que sentia fora aguda, quase insuportável. Estou sozinho, minha amada, estou sozinho muito além do que um mortal pode suportar. Mas não disse isso a ela. Ficou ali apenas, sabendo que ele, um imortal, não podia viver sem ela.

O que acontecera depois disso? Outra noite de amor, com o mar além passando lentamente de azul a prata, e finalmente negro sob uma lua cheia. E por toda parte a mobília dourada, as lâmpadas penduradas e a fragrância do óleo perfumado, e em algum lugar numa alcova distante, um garoto tocava uma harpa e cantava uma canção triste em egípcio antigo que o próprio garoto não entendia, mas que Ramsés compreendia perfeitamente.

Memórias dentro das memórias. Seu palácio em Tebas quando fora mortal, e um medo da morte, e medo de ser humilhado. Quando tivera um harém de cem esposas para satisfazer, e isso parecera um fardo.

- Você teve muitos amantes desde que parti? - perguntara a Cleópatra.

- Ah, muitos homens - ela respondera numa voz baixa que era quase tão

dura quanto a de um homem, apesar da ressonância feminina. - Mas nenhum era amante.

Os amantes viriam. Júlio César viria; e então o único que a afastaria por completo de todas as coisas que ele a ensinara. ”Pelo Egito”, ela gritara. Mas não fora pelo Egito. Naquela época, o Egito era Cleópatra. E Cleópatra era Antônio.

Estava amanhecendo. A neblina sobre o mar havia clareado, e agora ele podia ver a superfície faiscante da água azul-escura. Bem acima, e sol pálido queimava. E imediatamente ele sentiu seus efeitos. Sentiu um hálito súbito de energia o atravessando.

O charuto havia acabado há muito tempo. Jogou-o no vazio, e apanhando sua cigarreira de ouro, tirou outro.

Um som de passos soou no convés de metal atrás dele.

- Faltam apenas algumas horas, senhor.

Surgiu um fósforo para acender um cigarro para ele.

- Sim, meu fiel - disse ele, tragando a fumaça. Acordamos deste navio como se fora um sonho. E o que iremos fazer na luz do dia com esses dois que sabem meu segredo, o jovem canalha e o velho filósofo que pode pesar a pior ameaça de todas com seu conhecimento?

- Os filósofos são tão perigosos, senhor?

- Lorde Rutherford tem grande fé no invisível, Samir. E não é um covarde. Ele quer o segredo da vida eterna. Ele sabe o que realmente existe, Samir.

Não houve resposta. Só a mesma expressão distante e melancólica.

- E vou contar-lhe outro pequeno segredo, meu amigo - ele continuou. - Estou começando a gostar muito desse homem.

- Percebi isso, senhor.

- Ele é um homem interessante - disse Ramsés. E, para sua surpresa ouviu sua voz falhar. Era duro para ele terminar, mas ele o fez, dizendo: - Gostaria de falar com ele.

Hancock estava sentado à sua mesa no escritório do museu, olhando para o Inspetor Trent, da Scotland Yard.

- Bem, pelo que sei, não temos escolha. Buscamos uma ordem judicial para entrar na casa e vasculhar a coleção. Naturalmente, se tudo estiver como deveria estar, e se não estiverem faltando moedas...

- Senhor, com as duas que temos agora, é demais esperar isso.

PARTE II

O Grand Colonial Hotel era um confeito cor-de-rosa e irregular, de arcos mouros, pisos de mosaicos, paredes laqueadas e cadeiras pavão de vime, com grandes varandas sobre a areia faiscante e o azul infinito do Mediterrâneo além dela.

Americanos e europeus ricos em eternos trajes brancos de verão lotavam seu imenso saguão e outros salões públicos. Uma orquestra tocava música vienense num de seus bares abertos. Um jovem pianista americano tocava ragtime em outro. Os elevadores ornamentados com metal, que subiam ao lado da grande escada curva, pareciam em eterno funcionamento.

Certamente se aquele edifício tivesse existido em qualquer outro lugar, Ramsey o teria adorado. Mas Elliott pôde ver, logo na primeira hora de sua chegada, que Alexandria era um profundo choque para ele.

Sua vitalidade pareceu imediatamente exaurida. Permaneceu quieto durante o chá, e pediu licença para ir dar uma volta.

E naquela noite ao jantar, quando levantou-se o assunto da partida abrupta de Henry para o Cairo, ele foi quase grosseiro.

- Julie Stratford é uma mulher crescida - disse ele, olhando para ela. - É ofensivo pensar que ela precise da companhia de um ser bêbado e dissoluto. Não somos todos, como vocês dizem, cavalheiros?

- Suponho que sim - respondeu Alex com uma jovialidade previsível. - Não obstante, ele é primo dela e era desejo de seu tio...

- O tio dela não conhece seu primo! - declarou Ramsey.

Julie interrompeu a conversa.

- Estou feliz por Henry ter partido. Breve nos encontraremos no Cairo. E Henry já será uma cruz no Cairo. Henry no Vale dos Reis seria intolerável.

- Isso mesmo - suspirou Elliott. - Julie, agora eu sou seu guardião.

Oficialmente.

- Elliott, a viagem é muito difícil para você. Você devia ir para o Cairo e também esperar por nós lá.

Alex ia protestar quando Elliott fez um gesto para que se calasse.

- Não se discute isto mais, querida, e você sabe disso. Além do mais, eu quero tornar a ver Luxor, e Abu Simbel, talvez pela última vez.

Ela olhou pensativa para ele. Sabia que ele falava a verdade nos dois casos. Não podia deixá-la viajar sozinha com Ramsey, não importava o quanto ela quisesse. E ele queria ver novamente aqueles monumentos. Mas ela também sentia que ele tinha suas próprias prioridades distintas.

Independente disso, a aceitação dela foi o suficiente para Elliott.

- E quando vamos tomar esse vapor do Nilo? - perguntou Alex. - De quanto tempo você precisa nessa cidade, meu velho? - perguntou a Ramsey.

- Não muito - Ramsey disse com desprezo. - Há muito pouca coisa preciosa que sobra dos velhos tempos romanos que eu esperava ver.

Ramsey, após devorar três pratos sem sequer tocar um garfo ou faca, pediu licença antes que os outros tivessem terminado.

Na tarde seguinte, estava claro que ele estava num estado melancólico. Quase não dissera nada ao lanche; declinou de jogar bilhar e novamente saiu para uma caminhada. Logo ficou óbvio que ele caminhava a todas as horas do dia e da noite, e havia deixado Julie inteiramente para Alex no momento. Nem mesmo Samir aparentemente tinha sua confiança.

Ele era um homem só no meio de uma batalha.

Elliott assistiu a tudo isso; e então tomou uma decisão. Através de seu valete, Walter, ele contratou um garoto egípcio, agregado do hotel que não fazia nada senão continuamente varrer as escadas acarpetadas de vermelho, para seguir Ramsey. Era um risco. E Elliott se sentiu envergonhado. Mas aquela obsessão o consumia.

Costumava ficar sentado numa confortável cadeira pavão do saguão, lendo os jornais ingleses, e observando todas as entradas e saídas. E então, em momentos estranhos, recebia relatórios do garoto egípcio, que falava um inglês

tolerável.

Ramsey caminhava. Ramsey olhava horas o mar. Ramsey explorava grandes campos além da cidade. Ramsey sentado em cafés europeus, olhando para o nada, bebendo enormes quantidades de doce café egípcio. Ramsey também fora a um bordel, e lá ele surpreendera o proprietário velho e sebento tomando todas as mulheres do lugar entre o crepúsculo e o nascer do sol. Isso significava doze cópulas. O velho cafetão nunca vira nada parecido.

Elliott sorriu. Então leva-as para a cama na mesma medida em que satisfaz todos os outros apetites, pensou. E isto certamente significava que Julie não o havia admitido em seu quarto. Ou havia?

Ruelas estreitas, como era chamado o velho setor da cidade. Mas não era mais velha que alguns séculos, e ninguém sabia que a grande biblioteca um dia ficara ali. Que abaixo, na colina, ficara a universidade onde os professores lecionavam a incontáveis centenas de discípulos.

Esta cidade fora a academia do mundo antigo, e agora era um balneário. E aquele hotel ficava no mesmo local onde estivera o palácio dela; onde ele a possuíra e lhe implorara que abandonasse sua louca paixão por Marco Antônio.

- O homem vai falhar, você não vê? - ele pedira. Se Júlio César não tivesse sido morto, você teria sido Imperatriz de Roma. Mas este homem nunca lhe dará isso. Ele é fraco, corrupto; não tem têmpera.

Mas então, pela primeira vez, ele vira a paixão selvagem e autodestrutiva nos olhos dela. Ela amava Marco Antônio. Ela não se importava! Egito, Roma, o que importava? Quando ela deixara de ser a rainha e se tornara a mera mortal? Ele não sabia. Só sabia que todos os seus grandes sonhos e planos estavam se dissolvendo.

- O que você sabe do Egito? - ela exigira saber. - Que eu seja Imperatriz de Roma? Não é isso o que você quer. Você quer que eu beba sua poção mágica, que você afirma que me tornará imortal como você. E ao diabo com minha vida mortal! Você mataria minha vida mortal e meu amor mortal, admita! Bem, eu não morrerei por você!

- Você não sabe o que está falando!

Ah, pare as vozes do passado. Ouça apenas o mar quebrando na praia lá embaixo. Ande por onde ficava o antigo cemitério romano, onde a colocaram

para repousar ao lado de Marco Antônio.

Ele viu a procissão mentalmente. Ouviu o choro. E o pior de tudo, ele a viu novamente naquelas últimas horas.

- Leve embora suas promessas. Marco me chama do túmulo. Quero estar com ele agora.

E agora todos os vestígios dela estavam perdidos, salvo o que permanecia dentro dele. E o que permanecera em lenda. Ouviu novamente a multidão que bloqueava as ruas estreitas, e inundava a colina gramada para ver seu caixão ser colocado no túmulo de mármore.

- Nossa rainha morreu livre.

- Ela enganou Otaviano.

- Ela não foi escrava de Roma.

Ah, mas ela poderia ter sido imortal!

As catacumbas. O único lugar onde ele não havia se aventurado. E por que pedira a Julie para vir com ele? Quão fraco se tornara, para precisar dela ali. E pensar que não contara nada a ela.

Podia ver a preocupação no rosto dela. Tão adorável ela parecia no vestido longo e rendado amarelo-claro. Essas mulheres modernas haviam todas parecido exageradamente vestidas no começo, mas compreendeu a intenção sedutora de seu vestir: as mangas bufantes terminando em punhos abotoados, as cinturas finas e as saias flutuantes. Começavam a lhe parecer normais.

E subitamente desejou que não estivessem ali. Que estivessem novamente na Inglaterra, ou longe, na América.

Mas as catacumbas, ele tinha de ver as catacumbas antes de prosseguirem. E, portanto eles andaram com os demais turistas, ouvindo a voz monocórdia do guia, que falava de cristãos se ocultando ali, de rituais antigos executados antes disso naquelas câmaras da pedra.

- Você já esteve aqui antes - sussurrou Julie. - Isso é importante para você.

- Sim - respondeu, apertando a mão dela. Ah, se eles pudessem simplesmente deixar o Egito agora e para sempre. Para quê aquele sofrimento?

O grupo solto de turistas que conversaram e murmuravam parou. Seus olhos se moveram ansiosos por sobre a parede. Ele a viu, a pequena passagem. Os outros continuaram, aconselhados novamente a continuar com o guia, mas ele segurou Julie, e então, quando as outras vozes morreram, ele acendeu a lanterna elétrica e entrou na passagem.

Era a mesma? Não sabia dizer. Só podia se lembrar do que acontecera.

O mesmo cheiro de pedra úmida; marcas em latim na parede.

Chegaram a uma grande câmara.

- Veja – disse ela. - Tem uma janela ali, cortada alto na rocha, que fantástico! E ganchos na parede, está vendo?

Parecia que a voz dela estava muito distante. Ele quis responder, mas não era possível.

Voltou o olhar na penumbra para a grande pedra retangular à qual ela apontava agora. Ela disse algo sobre um altar.

Não, um altar não. Uma cama. Uma cama onde ele ficara deitado por trezentos anos, até que aquele portal lá em cima fora aberto. As correntes antigas puxaram a janela de madeira pesada, e o sol descera, caindo morno sobre suas pálpebras.

Ouviu a voz infantil de Cleópatra:

- Deuses, é verdade. Ele está vivo! A voz dela se engasgando e ecoando pelas paredes. O sol descendo torrencialmente sobre ele.

- Ramsés, levanta! - gritou ela. - Uma rainha do Egito te chama.

Ele sentira o formigamento nos membros; sentiu o zumbido súbito na pele e nos cabelos. Ainda meio adormecido ele se sentou e viu a jovem de pé ali, cabelos pretos soltos em cascatas sobre os ombros. E o velho sacerdote, tremendo, o queixo batendo, mãos fechadas como em oração, curvando-se da cintura para cima.

- Ramsés, o Grande - ela dissera. - Uma rainha do Egito precisa de teu conselho.

Leves raios envoltos em poeira caíam do mundo do século XX, lá fora. O

rugido de carros a motor nos bulevares da moderna cidade de Alexandria.

- Ramsés!

Ele virou-se. Julie Stratford olhava para ele.

- Minha bela - ele sussurrou. Pegou-a nos braços, com carinho. Não era paixão, mas amor. Sim, amor. - Minha bela Julie - ele sussurrou.

No saguão eles beberam chá forte. Todo esse ritual o fazia rir. Comer bolinhos de trigo, ovos, sanduíches de pepino, e não chamar isso de refeição. Mas por que deveria reclamar? Poderia comer três vezes o que todos ali comiam e ainda ter fome para o jantar.

Saboreou esse momento sozinho com ela. Pois Alex, Samir e Elliott não estavam por perto.

Olhava a parada de chapéus de plumas, guarda-chuvas com babados. E os grandes e reluzentes carros a motor abertos, que roncavam até a entrada lateral, juntamente com as carruagens abertas.

Aquelas não eram mais as pessoas de seu tempo. A mistura racial era diferente. Ela dissera que seria a mesma coisa com os gregos quando eles fossem lá. Ah, tantos lugares para ir. Ele se sentia aliviado?

- Você tem sido tão paciente comigo - disse ele, sorrindo. - Não me pede para explicar nada.

Ah, mas ela parecia radiante; seu vestido era de seda clara com estampas de flores; rendas nos punhos e aquele pequeno botão de pérola no colarinho, que ele estava começando a amar. Graças a Deus ela não vestira um vestido aberto desde aquela primeira noite no mar. A visão de toda carne o deixava completamente alucinado.

- Você me dirá quando quiser me dizer - disse ela. - O que não posso suportar é ver você sofrendo.

- É tudo como você disse - ele murmurou. Bebeu todo o chá, uma beberagem que ele não gostava muito. Parecia ser metade de alguma coisa. - Tudo sumiu sem deixar vestígios. O mausoléu, a biblioteca, o farol. Tudo o que Alexandre construiu; e que Cleópatra construiu. Diga-me, por que as pirâmides ainda estão em Gizé? Por que meu templo ainda resiste em Luxor?

- Quer vê-los? - ela estendeu a mão por cima da mesinha e pegou a dele. - Está pronto para deixar este lugar agora?

- Sim, é hora de continuar, não é? E então, quando tivermos visto tudo, podemos deixar esta terra. Você e eu... Isto é, se você quiser continuar comigo.

Olhos castanhos tão adoráveis com sua grande franja de pestanas castanhas; e a doçura pura de sua boca quando sorria. E o que mais faltava? O conde havia acabado de sair do elevador, juntamente com seu filhinho idiota, e com Samir.

- Vou com você até os confins da terra - ela sussurrou. Ele sustentou o olhar dela por um longo momento. Ela sabia o que estava dizendo? Não. A questão era ele sabia o que ela estava dizendo? Que ela o amava, sim. Mas a outra, a outra grande pergunta nunca fora feita, ou fora?

Eles estavam subindo o Nilo durante quase toda a tarde, o sol batendo com força total sobre o toldo listrado do pequeno e elegante vapor. A combinação da bolsa de Julie com o dom de comando de Elliott providenciara-lhes todo o luxo possível. Os camarotes do barquinho eram tão bons quanto os do navio de cruzeiro que os trouxera através do mar. O salão e a sala de jantar eram mais do que confortáveis. O cozinheiro era europeu; os serviçais, com exceção, claro, de Walter e Rita, eram egípcios.

Mas o maior luxo de todos era a embarcação deles. Eles não a repartiam com mais ninguém. E haviam se tornado, para surpresa de Julie, um grupo de viajantes extremamente afins. Isto é, depois que Henry fora embora. E quanto a isso ela não poderia ter sido mais grata.

Ele fugira como um covarde assim que desembarcaram em Alexandria. E que história absurda, a de que ele iria preparar as coisas para eles no Cairo. O Shepheard’s Hotel iria preparar as coisas para ele no Cairo. Telegrafaram antes mesmo de iniciarem a jornada ao sul, para Abu Simbel. Não sabiam quanto tempo duraria seu cruzeiro; mas o Shepheard’s, velho baluarte da Inglaterra no exterior, estaria esperando.

A temporada de ópera estava para começar, avisaram. Gostariam que a concierge arranjasse poltronas de balcão para todos? Julie respondera que sim, embora não pudesse imaginar como terminaria a viagem.

Sabia apenas que Ramsés estava de bom humor; que adorava estar no Nilo.

Que ele ficava olhando por horas, do convés, as palmeiras e o deserto dourado de cada lado da faixa enorme e reluzente de água marrom.

Ninguém tinha de dizer a Julie que aquelas eram as mesmas palmeiras abertas, com forma de leque, pintadas sobre as paredes dos antigos túmulos egípcios. Ou que os agricultores de tez escura retiravam água do rio pelos mesmos métodos primitivos que usavam há quatro mil anos. Ninguém precisava dizer a ela que os muitos barcos nativos que por eles passavam pouco haviam mudado desde o tempo de Ramsés, o Grande.

E o vento e o sol não mudavam para ninguém.

Mas havia alguma coisa que ela tinha de fazer, e isso não podia esperar mais. Estava contente sentada no salão, vendo Samir e Eliott jogar xadrez. E então, quando Alex levantou-se de seu jogo de paciência e saiu sozinho para o convés, ela o seguiu.

Era quase noite; a brisa pela primeira vez era fresca, e o céu assumia lentamente um tom escuro de azul que era quase violeta.

- Você é um amor - disse ela. - E não quero magoar você. Mas também não quero me casar com você.

- Eu sei - respondeu ele. - Sei disso há muito tempo. Mas vou continuar a fingir que isso não é verdade. Como sempre fiz.

- Alex, não...

- Não, querida, não me dê conselhos. Deixe-me fazer as coisas do meu jeito. Afinal de contas, é um privilégio da mulher mudar de ideia, não é? E pode ser que você mude, e quando mudar, estarei esperando. Não, não diga mais nada. Você está livre. Sempre esteve, na verdade.

Ela respirou fundo. Uma dor profunda irradiou-se através dela. Sentia-a no peito; na boca do estômago. Queria chorar, mas aquele não era o lugar. Beijou-o rapidamente no rosto, e depois desceu para sua cabine.

Graças a Deus Rita não estava lá. Ela deitou-se na cama pequena e chorou baixinho no travesseiro. E então, exausta, caiu em estado de sonolência; seu último pensamento foi: Será que ele algum dia descobrirá que eu jamais o amei? Será que ele algum dia saberá que foi outro homem, um rival, que mexeu completamente comigo? Que ele possa entender, e não o outro.

Quando abriu os olhos estava escuro do outro lado das janelas. Rita acendera uma lamparina do convés. E percebeu que Ramsés estava de pé no quarto, olhando para ela.

Não sentiu raiva, e certamente não sentiu medo.

E então percebeu subitamente que ainda sonhava. Só que agora estava totalmente desperta e viu que o quarto estava com a luz acesa e vazio. Ah, se ele estivesse ali. O corpo dela ansiava por ele. Ela não se importava mais com o passado ou o futuro. Só se importava com ele, e disso certamente ele sabia.

Quando ela apareceu na sala de jantar, ele estava em animada conversação com os outros. A mesa estava atulhada com pratos exóticos.

- Não tínhamos certeza se devíamos acordá-la, querida - disse Elliott, imediatamente se levantando para ajudá-la com a cadeira.

- Ah, Julie - disse Ramsés -, esses pratos nativos são simplesmente deliciosos.

Ele provava alegremente shish kebab e folhas de parreira e pratos bem temperados cujos nomes ela não sabia, os dedos se movendo como sempre com grande delicadeza e deliberação.

- Espere um minuto - disse Alex. - Quer dizer que você nunca comeu esta comida antes?

- Ora, não, naquele hotel cor-de-rosa louco nós comemos carne e batatas se a memória não me falha - disse Ramsés. - E este é um prato muito bom, com esta galinha e canela.

- Mas espere um minuto - continuou Alex. - Você não é nativo do Egito?

- Alex, por favor, acho que o senhor Ramsey gosta de fazer mistério quanto a suas origens - disse Julie.

Ramsés riu. Bebeu um copo cheio de vinho.

- Isso é verdade, devo confessar. Mas se você quer saber, eu sou... eu sou egípcio, sim.- E onde diabos...?

- Alex, por favor - pediu Julie. Alex deu de ombros.

- Mas que enigma é você, Ramsey!

- Ah, mas não ofendo você, ofendo, Alexander?

- Me chame assim novamente e eu lhe mostro - disse Alex.

- O que significa isso?

- Nada - respondeu Elliott.

Deu uma palmadinha na mão do filho. Mas Alex não estava bem. E certamente não estava ofendido. Olhou para Julie. Deu-lhe um pequeno sorriso, triste e secreto, pelo qual ela sabia que seria eternamente grata.

O meio-dia em Luxor era escaldante. Esperaram até o fim da tarde antes de irem à margem e fazer o grande passeio até o imenso complexo de templos. Ramsés não tinha necessidade de ficar sozinho, isso ela podia ver. Ele caminhava por entre os pilares, de vez em quando olhando para cima, mas a maior parte do tempo ficou imerso nos próprios pensamentos.

Elliott se recusara a perder essa parte da jornada, não importava o quanto fosse difícil para ele. Alex ficou para trás para dar a seu pai um braço para se apoiar. E Samir andava com o conde também. Pareciam estar em profunda discussão.

- A dor está passando, não está? - perguntou Julie.

- Quando olho para você deixo de senti-la - respondeu Ramsés. -Julie é tão bonita no Egito quanto era em Londres.

- Isto aqui já estava em ruínas da última vez em que você o viu?

- Sim, estava, e coberta com tanta areia que só os topos das colunas eram visíveis. A avenida das esfinges estava inteiramente coberta. Mil anos haviam se passado desde que caminhei neste lugar como mortal, um tolo que achava que o reino do Egito era o mundo civilizado e que nenhuma verdade existia fora de suas fronteiras.

Parou, voltando-se para ela e beijando-a rapidamente na testa. Então houve um olhar de culpa na direção do grupo que vinha atrás. Não, não de culpa, apenas lamentando. Ela pegou sua mão. Continuaram a andar.

- Algum dia eu contarei tudo a você - disse ele. - Contarei tantas coisas que você se cansará de ouvir. Contarei a você como nos vestíamos e como falávamos

uns com os outros; e como jantávamos e como dançávamos; e o que eram estes templos e palácios quando a tinta ainda brilhava fresca nas paredes; e eu vinha aqui ao amanhecer, meio-dia e crepúsculo para saudar o deus e dizer as preces que as pessoas esperavam. Mas vamos, temos tempo de atravessar o rio e nos dirigirmos ao templo de Ramsés Terceiro. Quero muito vê-lo.

Fez sinal para um dos egípcios de turbante próximos. Queria um buggy para levá-los ao patamar. Ela ficou contente de se livrar dos outros por um pouco. Mas quando atravessaram o rio e alcançaram o imenso templo sem teto com sua corte de pilares internos, caiu num estranho silêncio. Levantou os olhos para os grandes relevos do rei guerreiro em batalha.

- Este foi meu primeiro pupilo - disse ele. - Aquele para quem eu viera após centenas de anos de andanças. Eu viera ao Egito para morrer, mas nada podia me matar. E então concebi o que devia fazer. Ir a esta casa real, tornar-me um guardião, um mestre. Ele acreditou em mim, este aqui, meu homônimo, meu filho distante. Quando eu lhe falava de história, de terras distantes, ele ouvia.

- E o elixir, ele o queria? - perguntou Julie.

Estavam sozinhos, de pé, nas ruínas de um grande salão, inteiramente cercados pelos pilares esculpidos. O vento do deserto estava frio agora. Desmanchou o cabelo de Julie. Ramsés passou os braços ao seu redor.

- Nunca contei a ele que eu fora mortal - respondeu. - Nunca contei isso a nenhum deles. Percebi, nos últimos anos de minha própria vida mortal, o que o segredo poderia fazer. Eu o vira tornar meu filho, Meneptah, um traidor. Naturalmente ele falhou em sua tentativa de me prender e extrair de mim o segredo. Dei-lhe o reino, e então deixei o Egito por séculos. Mas eu sabia o que o conhecimento podia fazer. Só contei a Cleópatra, séculos depois.

Ele parou. Era óbvio que não queria continuar. A dor que sentira em Alexandria retornara. A luz sumira de seus olhos. Caminharam de volta à carruagem em silêncio.

- Julie, vamos fazer rápido esta jornada - disse ele. - Amanhã, o Vale dos Reis, e então navegamos novamente para o sul.

Saíram ao amanhecer, antes que o calor total do sol descesse sobre eles. Julie pegou o braço de Elliott. Ramsés conversava novamente, espirituoso, pronto para qualquer pergunta que Elliott fizesse, e andaram bem devagar,

descendo por tumbas saqueadas, onde os turistas já se agrupavam, assim como os fotógrafos e os camelôs de turbantes e suas sujas gellebiyyas, vendendo quinquilharias e objetos falsos com afirmações fantásticas.

Julie já estava sofrendo com o calor. Seu grande chapéu de palha não ajudava muito; ela tinha de parar, respirar fundo. O cheiro de estrume de camelo e urina quase a derrubaram. Um camelo esbarrou nela e ela baixou os olhos para ver uma mão enegrecida esticada, dedos curvos como as pernas de uma aranha. Ela gritou sem poder evitar.

- Fora! - Alex gritou áspero. - Esses nativos são intoleráveis.

- Mão de múmia! - gritou o vendedor. - Mão de múmia, muito antiga!

- Tenho certeza - gargalhou Elliott. - Provavelmente veio de alguma fábrica de múmias no Cairo.

Mas Ramsés olhava para o vendedor e para a mão, como se transfigurado. O vendedor subitamente quedou-se, paralisado; o rosto tinha uma expressão de terror. Ramsés esticou a mão e agarrou a mão curvada, e o camelô largou-a, caindo de joelhos e recuando de costas.

- O que diabos... - disse Alex. - Certamente você não quer esse negócio.

Ramsés ficou olhando para a mão, para os pedaços de bandagens de linho podre que ainda se agarravam nela. Julie não sabia dizer o que estava errado. Estava ele ultrajado pelo sacrilégio? Ou a coisa tinha outro fascínio? Uma lembrança a possuiu, a múmia no estojo na biblioteca, e este ser vivo que ela amava fora aquela coisa. Parecia que um século havia se passado. Elliott observava isso tudo com uma aguda concentração.

- O que foi, senhor? - perguntou Samir baixinho.

Elliott teria ouvido? Ramsés tirou várias moedas e jogou-as na areia para o vendedor. O homem recolheu-as e partiu em desabalada carreira. Então Ramsés tirou seu lenço, cobriu cuidadosamente a mão e guardou-a no bolso.

- E o que você estava dizendo? - Elliott perguntou educadamente, retomando sua conversa como se nada tivesse acontecido. - Creio que você dizia que o tema dominante de nossa época é a mudança?

- Sim - Ramsés respondeu com um suspiro.

Parecia estar vendo o vale numa perspectiva inteiramente nova. Olhou as portas abertas das tumbas, para os cães que jaziam ali ao sol da manhã. Elliott continuou:

- E o tema dominante nos tempos antigos era que as coisas sempre continuariam as mesmas.

Julie podia ver as mudanças sutis no rosto dele, a pálida sombra de desespero; mas, quando se moveram, ele respondeu a Elliott com suavidade.

- Sim, nenhum conceito de progresso. Mas então o conceito de tempo ainda não estava desenvolvido. Uma nova contagem de anos se iniciava com o nascimento de cada rei. O senhor sabe disso, naturalmente. Ninguém contava o tempo por si em termos de séculos. Não tenho certeza de que o egípcio simples, do povo, tivesse qualquer noção de... séculos.

Abu Simbel. Finalmente chegaram ao último dos maiores templos de Ramsés. A excursão pela margem fora breve por causa do calor, mas agora o vento da noite soprava frio sobre o deserto. Furtivamente Julie e Ramsés desceram a escada de corda até o escaler. Ela amarrara o xale bem apertado em torno dos ombros. A lua estava perigosamente baixa sobre a água reluzente. Com o auxílio de um serviçal nativo, eles montaram nos camelos que os esperavam, e se dirigiram ao grande templo onde ficavam as maiores estátuas existentes de Ramsés, o Grande.

Era uma sensação montar naquela fera louca e espantosa. Julie dava gargalhadas. Não tinha coragem de olhar para o chão que se movia irregular abaixo dela. Mas ficou feliz quando pararam, e Ramsés saltou e estendeu os braços para apanhá-la. O serviçal levou as feras. Ficaram sozinhos, ela e Ramsés, sob o céu cheio de estrelas, o vento do deserto uivando fraco.

À distância ela viu a tenda iluminada de seu pequeno acampamento esperando por eles. Ela viu a lanterna brilhando através da lona translúcida; ela viu a pequena fogueira dançando ao vento, piscando e depois reaparecendo num brilho amarelo. Caminharam até o templo, passando pelas pernas gigantes do deus-faraó. Se havia lágrimas nos olhos de Ramsés, o vento carregou-as todas, mas o suspiro ela ouviu. O leve tremor na mão quente ela sentiu quando tomou-a na sua. Caminharam de mãos dadas, os olhos vasculhando as grandes estátuas paradas.

- Para onde você foi - ela sussurrou - quando seu reinado terminou? Você

deu o trono a Meneptah e então partiu...

- Por todo o mundo. O mais longe que ousei. Tão longe quanto qualquer mortal ousara. Vi as grandes florestas da Britânia então. As pessoas vestiam peles e se escondiam nas árvores para atirar suas flechas de madeira. Fui ao Oriente distante; descobri cidades que agora desapareceram completamente. Eu estava apenas começando a compreender que o elixir trabalhava no meu cérebro como o fizera no meu corpo. As linguagens eu podia aprender em questão de dias; eu podia... como vocês dizem... me adaptar. Mas inevitavelmente vieram... confusões.

- O que você quer dizer? - perguntou ela.

Pararam. Pisavam a areia dura. Uma grande luz suave do céu estrelado iluminava o rosto dele quando falou.

- Eu não era mais Ramsés. Eu não era mais um rei. Eu não tinha nação.

- Compreendo.

- Eu disse a mim mesmo que o mundo em si era tudo. O que eu precisava senão de caminhar, para ver? Mas isso não era verdade. Eu tinha de voltar ao Egito.

- E foi então que você quis morrer.

- E eu fui até o faraó, Ramsés Terceiro, e disse a ele que eu havia sido enviado para ser seu guardião. Isto é, depois que descobri que nenhum veneno podia me matar. Nem mesmo o fogo podia me matar. Me ferir sim, insuportavelmente, mas não me matar. Eu era imortal. Um gole do elixir me fizera isso. Imortal!

- Ah, a crueldade disso - suspirou ela.

Mas havia coisas que ela ainda não entendia, e mesmo assim não ousava perguntar-lhe. Paciente, aguardou que ele lhe dissesse.

- Houve muitos outros depois de meu bravo Ramsés Terceiro. Grandes rainhas, assim como reis. Eu aparecia quando me convinha. E então eu já era uma lenda: o fantasma humano que só falava aos governantes do Egito. Eu era visto como uma grande bênção quando surgia. E, naturalmente, eu tinha minha vida secreta. Eu caminhava pelas ruas de Tebas, um homem ordinário, buscando

companhia, mulheres, bebendo nas tavernas.

- Mas ninguém conhecia você, ou seu segredo? - Ela balançou a cabeça. - Não sei como você conseguiu suportar isso.

- Bem, eu não pude suportar mais - ele disse desalentado. - Foi quando eu finalmente escrevi isso nos rolos que seu pai achou em meu estúdio secreto. Mas naqueles primeiros dias, eu era um homem mais corajoso. E eu era amado, Julie. Você tem que entender isso. Ele fez uma pausa, como se escutasse o vento. - Eu era adorado - ele continuou. - Era como se eu tivesse morrido, e me tornado a coisa que eu afirmava ser. Guardião da casa real. Protetor do governante; carrasco dos maus. Leal não ao rei, porém ao reino.

- Nem mesmo os deuses ficam solitários? Ele riu.

- Você sabe a resposta. Mas não compreende toda a extensão do poder da poção que me fez o que sou. Eu próprio não compreendo inteiramente. Ah, as loucuras dos primeiros anos, quando eu fazia experiências com ela como um médico. - Um olhar amargo surgiu em seu rosto. - Para compreender este mundo, esta é a nossa missão, não é? E mesmo as coisas mais simples nos escapam.

- Sim, quanto a isso não discuto - murmurou ela.

- Nos momentos mais duros, eu punha minha fé na mudança. Eu compreendia isso, embora ninguém mais ao meu redor. Isto também deverá passar", dizia o velho adágio. Mas finalmente eu fiquei tão... cansado. Tão fraco. Ele pôs o braço ao redor dela, aproximando-a gentilmente, ao se virarem e saírem do templo. O vento agora morrera. Ele a mantinha aquecida. Ela só de vez em quando tapava os olhos para protegê-los dos pequenos grãos de areia no ar. A voz dele era baixa e lenta, enquanto se lembrava: - Os gregos chegaram à nossa terra. Alexandre, o construtor de cidades, o criador de novos deuses. Eu só queria o sono que era como a morte. Mas mesmo assim eu tinha medo, como qualquer mortal.

- Eu sei - sussurrou ela. Um arrepio a percorreu.

- Finalmente fiz uma barganha covarde. Eu iria para a tumba, para a escuridão, que então eu sabia ser um enfraquecimento gradual e depois um sono profundo de que eu não poderia despertar. Mas os sacerdotes que serviam a casa real sabiam onde eu estava, e que a luz do sol poderia me ressuscitar. Eles deram o segredo a cada novo governante do Egito, com o aviso de que se eu fosse

acordado, deveria ser para servir ao bem do Egito. E amaldiçoavam a quem fosse pérfido o bastante para me despertar apenas por curiosidade, ou com intenções malignas, pois então eu poderia me vingar.

Passaram pelas portas do templo, parando para que ele olhasse as figuras colossais ali sentadas. Bem acima, o rosto do rei era banhado pela luz do luar.

- E você estava consciente de tudo enquanto dormia?

- Não sei. Eu mesmo me faço essa pergunta! De vez em quando eu chegava perto de acordar, disso tenho certeza. E eu sonhava, ah, como eu sonhava. Mas o que quer que eu soubesse, eu o sabia como se em sonho. Não havia urgência nem pânico. Eu não podia despertar sozinho. Não tinha forças para puxar a corrente que faria a grande persiana de madeira acima admitir a entrada de luz solar. Talvez eu soubesse o que havia acontecido no mundo exterior. Certamente não fiquei surpreso ao aprender isso depois. Eu havia me tornado uma lenda... Ramsés, o Maldito; Ramsés, o Imortal, que dormia na caverna esperando um rei ou uma rainha do Egito que tivesse coragem para acordá-lo. Acho que nem acreditavam mais nisso, não de verdade. Até que...

- Ela veio.

- Ela foi a última rainha do Egito. E a única a quem eu disse toda a verdade.

- Mas, Ramsés, ela realmente recusou o elixir?

Ele fez uma pausa. Era como se ele não quisesse responder. Então:

- À sua própria maneira, ela o recusou. Ela não conseguia entender finalmente o que era o elixir. Posteriormente, ela me implorou que o desse a Marco Antônio.

- Sim. Não sei como não pensei nisso.

- Marco Antônio era um homem que destruíra a vida dela e a sua própria. Mas ela não sabia o que estava pedindo. Ela não compreendia. Ela não percebia o que uma coisa dessas teria significado: um rei e uma rainha egoístas, com tamanho poder. E a fórmula, eles também teriam desejado isso. Marco não iria querer exércitos imortais?

- Bom Deus! - murmurou ela.

Ramsés parou subitamente e afastou-se dela. Já estavam a alguma distância

do templo e ele se voltou, tornando a olhar as figuras gigantescas sentadas.

- Mas por que você escreveu a história nos rolos? ela perguntou. Não conseguiu evitar.

- Covardia, meu amor. Covardia, e o sonho de que alguém me acharia e à minha estranha história, e tirasse o peso do segredo de cima dos meus ombros! Eu havia falhado, meu amor. Minha força havia acabado. E então eu fugi para os sonhos e deixei a história ali... como uma oferta para o destino. Eu não podia mais ser forte.

Ela foi até ele e o abraçou. Ele não olhou para ela. Ainda olhava as estátuas. Com lágrimas nos olhos.

- Talvez eu tivesse sonhado que um dia eu acordaria novamente, em um novo mundo. Para seres novos e sábios. Talvez eu tivesse sonhado com alguém que... que aceitasse o desafio. - Sua voz cedeu. - E eu não mais seria o andarilho solitário. Ramsés, o Maldito, se tornaria uma vez mais Ramsés, o Imortal.

A ele parecia que as suas próprias palavras o surpreenderam. Então baixou os olhos para ela e, fechando suas mãos sobre os ombros dela, ergueu-a para beijá-la. Com toda sua alma ela se entregou. Sentiu o braço dele carregando-a. Ela inclinou-se contra o peito dele enquanto ele a carregava até a tenda, e à luz bruxuleante da fogueira. As estrelas caíam sobre as sombras das colinas distantes.

O deserto era um mar grande e tranquilo estendendo-se para todos os lados a partir deste santuário de calor onde eles agora entravam. Incenso; o aroma de velas de cera. Ele deitou-a sobre travesseiros de seda, sobre um tapete de flores escuras. As chamas que dançavam nas velas fizeram com que ela fechasse os olhos. Perfume elevando-se da seda sob ela. Uma morada que ele fizera para ela, para ele, para aquele momento.

- Eu amo você, Julie Stratford - ele sussurrou em seu ouvido. - Minha rainha inglesa. Minha beleza eterna.

Os beijos dele a paralisavam. Ela deitou-se, os olhos fechados, e deixou que ele abrisse a camisa de renda justa, deixou que ele abrisse os ganchos de sua saia. Luxuriante em sua postura indefesa, ela deixou que ele rasgasse a blusa e o corpete, e puxasse para baixo a roupa íntima rendada e comprida. Ela ficou nua, olhando para ele enquanto ele se ajoelhava diante dela, tirando suas próprias

roupas. Real ele parecia, o peito brilhando na luz; o sexo duro e pronto para ela. Então ela sentiu seu delicioso peso descer sobre ela, esmagando-a. As lágrimas surgiram em seus olhos, lágrimas de alívio. Um gemido suave escapou de seus lábios.

- Arrombe essa porta - murmurou ela. - A porta da virgindade. Abra-a, eu sou sua para sempre.

Ele rompeu o selo. Dor; uma breve e aguda dor que se esvaneceu imediatamente na paixão do ato. Ela o beijava faminta; beijava o sal e o calor de seu pescoço, seu rosto, seus ombros. Atirou-se contra ela, mais e mais, e ela arqueou as costas, erguendo-se, pressionando o corpo contra ele. Quando a primeira onda surgiu ela gritou como se realmente fosse morrer. Ouviu o uivo forte elevar-se de sua garganta nesse instante. Mas era apenas o começo.

Elliott observava o escaler se afastar. Pelos binóculos ele viu a pequena luz do acampamento por sobre as dunas baixas e compactas. Viu a pequena figura do serviçal, e os camelos. Então desceu apressado o convés, sem coragem de usar a bengala por medo do ruído que ela faria, e virou a maçaneta da porta do quarto de Ramsés. Destrancada. Ele entrou no camarote às escuras. Ah, esta coisa me fez virar um invasor e um ladrão, pensou ele. Mas não parou. Não sabia quanto tempo teria. E agora, com apenas a lua passando pelo portal para iluminar o seu caminho, ele vasculhou o armário cheio de roupas bonitas penduradas, as gavetas da cômoda cheias de camisas e outras coisas; a arca que não continha nada. Nenhuma fórmula secreta neste quarto. A não ser que estivesse bem escondida. Finalmente ele desistiu. Inclinou-se sobre a escrivaninha, olhando os livros de biologia abertos sobre ela. E então alguma coisa preta e feia, que ele captou com o canto de olho, deu-lhe um susto. Mas era apenas a mão da múmia, curvada ali sobre o tinteiro. Quão tolo ele se sentia. Tão envergonhado. Mas mesmo assim ficou ali, olhando a coisa, o coração batendo perigosamente no peito, e então ele sentiu a dor lancinante que sempre seguia esses choques e a dormência no braço. Ficou muito quieto, respirando bem devagar. Finalmente saiu e fechou a porta atrás de si. Invasor e ladrão pensou. E, inclinando-se sobre sua bengala de prata, caminhou lentamente de volta ao salão.

Era quase de manhã. Eles haviam deixado o calor da tenda horas antes e ido para o templo deserto, envoltos apenas nos lençóis finos de seda. Fizeram amor na areia, várias vezes. E então ele ficou deitado no escuro, olhando as estrelas, ele, o rei que construira aquela casa. Nenhuma palavra agora. Apenas o calor de seu corpo nu contra o dela, enquanto ele a envolvia em seu braço

esquerdo. Somente o lençol macio a envolvia.

Pouco antes do amanhecer, Elliott cochilou na cadeira. Ouviu o barquinho se aproximar; o barulho dos remos; o som das cordas rangendo quando os dois amantes voltaram a bordo. Ouviu os passos furtivos e rápidos no convés. Silêncio novamente. Quando abriu os olhos, o filho estava ali, nas sombras. Desalinhado, como se não tivesse se trocado para dormir, a barba por fazer. Viu seu filho pegar um cigarro da caixa de marfim e acendê-lo .Então Alex o viu. Por um momento, nenhum dos dois disse uma palavra, e então Alex deu o familiar sorriso congênito.

- Bem, pai - ele disse devagar. - Será bom voltar ao Cairo e a um pouco de civilização.

- Você é um homem bom, meu filho - Elliott disse carinhosamente.

Todos já devem saber, ela percebeu. Ela estava deitada ao lado de Ramsés, debaixo dos cobertores quentes de sua cama, o pequeno vapor dirigindo-se novamente para o norte, na direção do Cairo. Mesmo assim estavam sendo discretos. Ele ia e vinha somente quando não havia ninguém por perto. Não havia demonstrações de afeto. Mas revelavam-se com a liberdade que haviam roubado; até o amanhecer eles faziam amor, rolando, lutando, copulando na escuridão enquanto os motores do navio os levavam à frente. Era demais querer desejar além disso. Mas ela o fazia. Ela desejava se livrar dos que amava, exceto dele; desejava ser sua noiva ou estar entre os que nada perguntavam. Ela sabia que, quando chegassem ao Cairo, tomaria sua decisão. E não tornaria a ver a Inglaterra novamente, por um longo tempo, a não ser que Ramsés o quisesse.

Quatro da manhã. Ramsés estava de pé ao lado da cama. Ela estava mais adorável que tudo em seu sono, os cabelos castanhos formando uma grande sombra contra o travesseiro branco. Cuidadosamente ele a cobriu, para que ela não se resfriasse. Pegou seu cinto de dinheiro do monte que seu casaco e as calças faziam, e sentindo os quatro frascos seguramente selados contra o tecido, tornou a colocá-lo na cintura, afivelou-o e vestiu-se rapidamente. Ninguém no convés. A luz estava acesa no salão, entretanto. E quando ele olhou por entre as persianas de madeira, viu Elliott dormindo a sono solto na poltrona de couro, um livro aberto no colo, uma taça com vinho tinto pela metade ao seu lado.

Ninguém mais por perto. Entrou no seu quarto, trancou a porta e fechou as pequenas persianas de madeira da janela. Então foi à sua escrivaninha, acendeu a pequena lamparina com anteparo verde, sentou-se na cadeira de madeira e ficou

olhando a mão da múmia, que jazia ali, os dedos curvados quase até a palma, unhas amarelas como fragmentos de marfim. Será que ele teria a coragem para o que tencionava fazer? Em outros tempos, ele não havia feito demais dessas experiências horríveis? Mas ele tinha de saber. Tinha de saber o quanto era poderoso. Disse a si mesmo que deveria esperar por laboratórios, equipamento, esperar até ter dominado os textos de química; até ter ouvido os médicos entendidos.

Mas ele queria saber agora. Isso aparecera em sua mente como uma luz maligna no Vale dos Reis quando ele vira a mão, a mão curvada, a pele coriácea. Não era falsa. Ele sabia disso. Soubera no instante em que examinara o pedaço de osso apontando do pulso ferido, no momento em que vira a carne enegrecida se curvando. Era tão antiga quanto ele.

Afastou os livros de biologia. Colocou a coisa bem embaixo da lâmpada, e lentamente desembrulhou o linho. Ali, muito lentamente, ele conseguiu ver a estampa do embalsamador: as palavras em egípcio que lhe diziam que a coisa era de uma dinastia antes de seu tempo, Ah, pobre alma morta, que acreditara nos deuses, e nos fabricantes de bandagens de linho. Não faça isto. Mas ele enfiou a mão na camisa, alcançou o cinto de dinheiro e puxou o frasco que estava pela metade e abriu a tampa com o polegar, sem nem mesmo decidir-se a fazer isso conscientemente. Derramou o elixir na coisa enegrecida. Sobre a palma, e sobre os dedos rígidos.

Nada. Estava aliviado? Ou desapontado? Por um momento não soube dizer. Ficou olhando pela janela, onde o pálido amanhecer forçava as persianas, fazendo pequenas listras de claridade. Talvez fosse necessário o sol para o primeiro efeito. Embora isso não tivesse acontecido na caverna com a sacerdotisa. Sentira aquela poderosa alquimia antes dos raios do sol o tocarem. Claro que eles o fortaleceram imensuravelmente. E sem eles, ele teria adormecido em poucos dias. Mas no começo não havia necessitado deles. Puxou uma cigarrilha agora e acendeu-a, e saboreou a fumaça. Bem, graças aos deuses que ela não podia funcionar numa coisa antiga morta! Graças aos deuses a horrenda poção tinha seus limites. Puxou um cigarro e acendeu-o, saboreando a fumaça. Colocou um pouco de brandy no copo e bebeu. Lentamente o quarto começava a clarear ao seu redor.

Queria voltar sorrateiramente aos braços de Julie, e ficar por lá. Mas sabia que isso não podia ser feito de dia. E a verdade era que ele gostava bastante do jovem Savarell para não magoá-lo deliberadamente. E Elliott, é claro, ele não

queria machucar de forma alguma. Faltava muito pouco para uma verdadeira amizade com Elliott. Quando ele ouviu os primeiros sons dos outros no convés, tampou o frasco e colocou-o de volta em seu cinto de dinheiro. Levantou-se para mudar de roupa.

Então subitamente um ruído o assustou. A cabine estava agora inteiramente visível numa luz matinal azulada. Por um momento ele não ousou se virar. Então novamente ouviu aquele som! Um arranhar. Podia sentir o sangue pulsando nas têmporas. Finalmente ele se virou e olhou para a coisa. A mão estava viva! A mão se movia. Jazia de costas, flexionando os dedos, balançando suavemente sobre a mesa, e finalmente virou-se como um grande escaravelho sobre as cinco patas, e ficou arranhando o tinteiro. Recuou, instintivamente horrorizado. Ela moveu-se para a frente, lutando, engatinhando, e então subitamente caiu pela borda, parando no chão com um baque surdo aos seus pés. Uma oração no egípcio mais antigo escapou de seus lábios. Deuses do mundo inferior, perdoai minhas blasfêmias!

Tremendo violentamente, ele resolveu apanhá-la, mas não conseguiu fazê-lo. Como um louco ele olhou ao seu redor. A comida, a bandeja de comida que estava sempre ali para ele. Haveria uma faca. Encontrou-a rapidamente, uma faca de ponta afiada, e agarrando-a ele esfaqueou a mão e prendeu-a na mesa, os dedos dela curvando-se como se procurassem a lâmina. Ele alisou-a com sua mão esquerda e então esfaqueou-a novamente e mais outra vez, e finalmente cortou a carne dura como couro e partiu os ossos em pedaços. Ela espirrava sangue, sangue vivo. Ó, deuses, e os pedaços ainda estavam se movendo. Estavam ficando rosados, da cor da carne saudável, ao brilho da luz.

Correu para o pequeno banheiro, apanhou uma toalha, e enfiou todos os fragmentos ensanguentados nela. Então, fechando a toalha numa trouxa, bateu neles com o cabo da faca, e então com a base pesada da lâmpada, cujo fio puxara da tomada. Ainda podia sentir movimento na massa sanguinolenta. Ficou ali em pé, chorando. Ah, Ramsés, seu tolo! Não há limites para as suas loucuras! Então pegou a trouxa, ignorando o calor que podia sentir através do pano, e saiu para o convés e esvaziou a toalha sobre o rio escuro. Num instante os pedacinhos ensanguentados desapareceram. Ele ficou ali, banhado em suor, a toalha ensanguentada ainda na mão esquerda, e então ela também foi jogada às profundezas. Assim como a faca. E então ele recostou-se contra a parede, olhando a distante margem de areia dourada e as colinas distantes, ainda de um violeta claro à luz da manhã.

Os anos se dissolveram. Ele ouviu o choro no palácio. Ouviu seu despenseiro gritar antes de alcançar as portas da sala do trono e abri-las à força.

- Está matando tudo, meu rei. Eles estão tendo convulsões, vomitando; estão vomitando sangue também.

- Pegue tudo, queime! - gritou ele. - Cada árvore, cada monte de grãos! Jogue tudo no rio.

Loucura! Desastre. Mas ele fora apenas um homem de seu tempo, afinal de contas. O que os mágicos sabiam de células e microscópios e da verdadeira medicina? Mas mesmo assim não conseguia evitar de ouvir aqueles gritos, gritos de centenas, que saíam cambaleantes de suas casas; que chegavam à praça pública à frente do palácio.

- Eles estão morrendo, meu rei. É a carne. Está envenenando-os.

- Mate os animais que restam.

- Mas, meu rei...

- Corte-os em pedaços, está me ouvindo? Jogue-os no rio!

Ele olhava agora para as águas profundas. Em algum lugar acima na corrente, os pequenos pedaços da mão ainda viviam. Em algum lugar fundo, no fundo da lama, os grãos viviam. Os pedaços daqueles antigos animais ainda viviam! Eu lhe digo que é um segredo terrível, um segredo que poderia anunciar o fim do mundo.

Voltou à cabine, e, trancando a porta, afundou na poltrona da escrivaninha e chorou. Quando ele voltou ao convés era meio-dia. Julie estava em sua cadeira favorita, lendo aquela história antiga que era tão cheia de falhas e mentiras que o fazia rir. Ela estava garatujando uma pergunta na margem, que naturalmente discutiria com ele, e ele responderia.

- Ah, finalmente você acordou - disse ela. E então, vendo a expressão em seu rosto, perguntou: - O que houve?

- Estou farto deste lugar. Quero visitar as pirâmides, o museu, o que se costuma visitar. E então quero ir embora daqui.

- Sim, compreendo. - Ela fez um gesto para que ele pegasse a cadeira ao lado dela. - Também quero ir - disse. Deu-lhe um beijo rápido e suave nos lábios.

- Ah, faça isto de novo - disse ele. - Isto me conforta enormemente!

Ela beijou-o duas vezes, deslizando os dedos cálidos pela sua nuca.

- Não vamos ficar no Cairo mais que alguns dias, prometo.

- Alguns dias! Não podemos pegar um carro a motor e ver essas coisas, ou melhor, ainda, simplesmente pegar um trem até a costa e acabar com isso?

Ela baixou o olhar. Suspirou.

- Ramsés - ela disse -, você tem que me perdoar. Mas Alex, ele quer muito ver a ópera no Cairo. E Elliott também. Eu mais ou menos prometi que iríamos...- Ele resmungou.- E, você sabe, eu quero dizer adeus a eles lá. Que não vou voltar à Inglaterra. E... bem, eu preciso desse tempo. - Ela estudou o rosto dele. - Por favor.

- Claro - respondeu ele. - Esta ópera. - É alguma coisa nova? Alguma coisa que eu devesse ver, talvez?

- Sim! - ela exclamou. - Bem, é uma história egípcia. Mas foi escrita por um italiano há cinquenta anos, e especialmente para a British Opera House, no Cairo. Acho que você vai gostar.

- Muitos instrumentos.

- Sim - ela riu. - E muitas vozes!

- Está certo. Eu aceito. - Inclinou-se para a frente, beijando-a no rosto, e depois no pescoço. - E então você será minha, minha bela, só minha?

- Sim, inteira - murmurou ela.

Naquela noite, quando ele se recusou a ir à margem em Luxor, o conde perguntou-lhe se sua viagem ao Egito fora um sucesso, se ele achou o que queria.

- Acho que sim - respondeu ele, mal levantando os olhos de seu livro de mapas e países. - Acho que descobri o futuro.

Àquela fora uma casa mameluca, uma espécie de pequeno palácio, e Henry gostava bastante dela, embora não estivesse muito certo do que era um mameluco, a não ser que essa raça um dia governara o Egito. Ora, que podiam ter governado, isso lá podiam, ele nem queria saber. Mas no momento ele estava

se divertindo, já há dias, e naquela casinha atulhada com artigos exóticos do ocidente e velhas, grandes e confortáveis peças de mobiliário vitoriano, ele tinha tudo o que queria.

Malenka o mantinha alimentado com deliciosos pratos condimentados que por algum motivo ele devorava quando estava enjoado de beber, e que o atraíam mesmo quando estava muito bêbado e todas as outras comidas tinham gosto ruim. E ela o mantinha cheio de bebida, levando os rendimentos dele ao Cairo Britânico e voltando com seu gim, scotch ou brandy favoritos. E seus rendimentos duraram bem por dez dias seguidos, enquanto ele manteve o jogo de cartas correndo do meio-dia até tarde da noite. Era tão fácil tapear esses americanos que achavam que todos os ingleses eram bonequinha. O francês ele tinha de vigiar; aquele filho da puta era mau. Mas não roubava. E pagava as dívidas de uma vez, embora onde um homem com uma reputação daquelas obtinha o dinheiro Henry não podia imaginar.

De noite, ele e Malenka faziam amor na grande cama vitoriana, que ela adorava; ela achava que aquela cama era de muita classe, com aquela cabeceira alta de mogno e metros e metros de filó para proteger dos mosquitos. Então ele a deixava ter seus sonhos mesquinhos. Naquele momento ele a amava. Não se importava se jamais tornasse a pôr os olhos em Daisy Banker. Na verdade, ele havia mais ou menos decidido que não voltaria à Inglaterra. Assim que Julie e sua escolta chegassem, ele iria para a América. Havia até mesmo lhe ocorrido que seu pai poderia aceitar essa ideia, poderia dar-lhe um pecúlio ao saber que ele iria ficar por ali em Nova York, ou até mesmo na Califórnia. São Francisco, essa era uma cidade que o atraíra. Eles quase a reconstruíram completamente depois do terremoto. E ele tinha uma sensação de que lá poderia se dar bem, longe de tudo que tinha aprendido a odiar na Inglaterra.

Se pudesse levar Malenka consigo, isso também não seria ruim. E lá na Califórnia, quem se incomodaria com o fato de que a pele dela era mais escura que a dele? Sua pele. Ele amava a pele de Malenka. Quente e morena Malenka. Uma vez ou outra ele se aventurara a sair da casinha atulhada para vê-la dançar no Clube Europeu. Ele gostava. Quem sabe? Talvez ela pudesse ser uma celebridade na Califórnia, com ele empresariando, naturalmente. Isso poderia trazer algum dinheiro, e que mulher não gostaria de deixar este buraco sujo pela América? Ela já estava aprendendo inglês pelo gramofone, tocando discos que comprara no setor britânico por conta própria. Ele ria quando a ouvia repetir as mesmas frases inócuas: "Aceita um pouco de açúcar? Aceita um pouco de creme? " Até que ela falava direito. E de dinheiro ela entendia, isso era óbvio.

Ou não teria conseguido manter aquela casa, depois que o meio-irmão a deixara para ela.

O problema era que teria de lidar cuidadosamente com seu pai. Por isso ele ainda não deixara o Cairo. Porque seu pai tinha de acreditar que ele ainda estava com Julie, e velando por ela, e toda aquela coisa nojenta. Mandara um cabograma pedindo dinheiro ao pai dias antes, com um recado bobo que dizia que Julie estava bem. Mas certamente ele não teria de acompanhá-la a Londres. Isso era absurdo. Tinha de pensar em alguma coisa. Claro que, na verdade, não havia pressa de sair dali. O jogo estava indo de forma esplêndida pelo seu décimo primeiro dia. E já fazia algum tempo desde a última vez em que pusera os pés para fora da casa, exceto, claro, para tomar o café da manhã no pátio.

Gostava do pátio. Gostava de que o mundo ficasse completamente fechado do lado de fora. Gostava do laguinho, e dos azulejos, e até mesmo daquele papagaio de voz estridente de Malenka, aquele cinza africano - o pássaro mais feio que ele jamais vira - que não era totalmente desinteressante. O lugar inteiro tinha uma qualidade tremendamente luxuriante que o atraía.

Tarde da noite ele acordava morrendo de sede, achava sua garrafa e se sentava na sala da frente, entre todas as almofadas bordadas, ouvindo o gramofone tocar os discos de Aída.. Os olhos ficavam toldados, e todas as cores ao seu redor corriam juntas .Era exatamente assim que ele queria que a vida fosse. O jogo, a bebida, a profunda reclusão. E uma mulher quente e voluptuosa que tirasse as roupas quando ele estalasse os dedos. Ele fez com que ela se vestisse com sua fantasia dentro de casa. Gostava de ver sua barriga certinha e brilhante e os seios fartos sobressaindo do cetim púrpura. Gostava dos enormes brincos baratos que ela usava, e seus belos cabelos, ah, muito belos, ele gostava de vê-los descendo pelas costas dela de forma a poder pegá-los e puxá-la gentilmente em sua direção. Ah, ela era a mulher perfeita para ele. Ela lavava suas camisas, passava suas roupas e cuidava para que nunca lhe faltasse tabaco. Ela lhe trazia revistas e jornais quando ele pedia. Mas ele não ligava muito mais para isso.

O mundo exterior não existia. Exceto por sonhos com São Francisco. Foi por isso que ele ficou tão aborrecido quando lhe trouxeram um telegrama. Ele jamais deveria ter deixado aquele endereço no Shepheard's. Mas não teve escolha. De que outra forma poderia ter apanhado o dinheiro que seu pai autorizara por telegrama? Ou os demais telegramas que seu pai lhe enviara. Era importante não deixar seu pai zangado até que fosse feita alguma espécie de

acordo. Com uma expressão fria e matreira, o francês esperava enquanto ele rasgava o envelope amarelo e via que aquela mensagem não era de seu pai, mas de Elliott.

- Diabos - murmurou. - Estão chegando. Entregou o envelope a Malenka. - Passe meu terno. Tenho que voltar ao hotel.

- Você não pode desistir agora - disse o francês. O alemão puxou uma longa tragada de seu charuto fedorento. Era ainda mais estúpido que o francês.

- Quem disse que eu ia desistir? - comentou Henry.

Levantou suas cartas; e ganhou um por um na base do blefe. Mais tarde iria ao Shepheard's e cuidaria de seus quartos. Mas lá ele não dormiria. Isso eles não poderiam esperar dele.

- Está muito bem pra mim - disse o alemão, mostrando os dentes amarelados. O francês ficaria por ali tranquilamente até as dez ou onze.

Cairo. Aquilo fora deserto no tempo de Ramsés, embora em algum lugar ao sul ficava Saqqara, onde uma vez fora em peregrinação adorar a pirâmide do primeiro rei do Egito. E naturalmente fora visitar as grandes pirâmides dos grandes ancestrais. E agora ela era uma metrópole, maior até mesmo que Alexandria. E o setor britânico parecia realmente uma parte de Londres, exceto pelo fato de que era muito quente. Ruas pavimentadas; árvores bem podadas. Carros a motor em profusão, os motores e buzinas assustando os camelos, os burros, os nativos. O Shepheard's Hotel: outro palácio "tropical" com varandas largas, repletas de cadeiras de vime, persianas de ripas e indefinidos artefatos egípcios jogados entre os móveis ingleses, e tudo lotado com os mesmos turistas ricos que vira por toda parte.

Havia um grande anúncio da ópera em frente aos dois elevadores de metal. Aida. E uma gravura tão lasciva e vulgar de antigos egípcios envoltos nos braços um do outro entre palmeiras e pirâmides. E no térreo, outro desenho, oval, de um homem e uma mulher modernos dançando.

BAILE DA ÓPERA - NOITE DE ESTRÉIA SHEPHEARD'S HOTEL

Bem, se era isso que Julie queria. Tinha de admitir que queria ver um grande teatro, e ouvir uma orquestra de grande força. Ah, tantas coisas para ver! Tinha ouvido falar de filmes. Mas devia suportar aqueles últimos dias em seu solo nativo sem reclamar. Havia uma boa biblioteca ali, Elliott lhe dissera. Ele se

abarrotaria de livros científicos e os estudaria, e então escapuliria de noite para postar-se diante da Esfinge e falar aos espíritos de seus ancestrais. Não que acreditasse que eles estavam realmente lá. Não. Não acreditava. Nem mesmo nos tempos antigos ele havia realmente acreditado nos deuses, talvez porque os homens o chamassem de deus; e tanto de seu vigor se esgotara com os rituais. Ele sabia que não era deus. Teria um deus golpeado a sacerdotisa com um grande golpe de sua espada de bronze, após tomar o elixir? Mas ele não era o homem que havia feito aquela coisa. Ah, não, se a vida lhe ensinara alguma coisa, foi o sentido da crueldade.

Era o espírito do homem moderno que ele adorava agora. Sonhava com um laboratório em algum lugar seguro e isolado, onde pudesse separar os componentes químicos do elixir. Os ingredientes ele conhecia, é claro. E também sabia que poderia encontrá-los hoje tão facilmente quanto os encontrara há séculos. Vira os próprios peixes nos mercados de Luxor. Vira os próprios sapos pulando nos lodaçais ao longo do Nilo. As plantas cresciam selvagens nesses lodaçais. Ah, pensar que tal ação química vinha de coisas tão simples. Mas quem os teria combinado senão algum mágico antigo jogando coisas num caldeirão como uma velha fazendo um cozido?

Mas o laboratório teria de esperar. Ele e Julie deveriam viajar primeiro. E antes que isso tudo pudesse começar, ela deveria fazer suas dolorosas despedidas. E quando pensava nela dizendo adeus a seu rico e belo mundo, ele sentiu um frio por dentro. Mas, fossem quais fossem seus medos, ele a queria demais para fazer qualquer coisa a respeito deles. E ainda havia Henry, Henry que não se atrevera a mostrar a cara desde seu retorno... Henry que transformara a casa de uma dançarina de ventre no velho Cairo num antro de jogatina.

Os funcionários foram bastante solícitos com suas informações. Parecia que o jovem Stratford os pagara muito pouco para não falarem de seus excessos. Mas o que Ramsés iria fazer com as informações se Julie não o deixava agir? Certamente não poderiam deixar o homem vivo quando partissem. Mas como isso seria feito de forma que Julie não sofresse mais qualquer dor?

Elliott estava sentado em sua cama, as costas apoiadas na enfeitada cabeceira de madeira, o mosquiteiro preso em cada lado. Sentia-se bem por estar numa suíte do Shepheard's. A dor nos quadris era quase insuportável. As longas caminhadas em Luxor e Abu Simbel o deixaram profundamente exausto. Sentia uma leve congestão nos pulmões, e por alguns dias seu coração batia um pouco rápido demais. Olhava Henry, em seu terno de linho amarrotado, andar de um

lado para o outro sobre o pequeno tapete tunisiano no mimoso quarto "colonial", com suas peças vitorianas antigas e motivos egípcios na parede, além das inevitáveis cadeiras de vime.

Henry tinha agora o jeito de um bebedor constante, a pele igual à cera, além de rosada, e as mãos firmes porque agora ele estava completamente abastecido com scotch. Na verdade, seu copo estava vazio e Elliott não tinha a menor vontade de pedir a Walter para reenchê-lo. A antipatia que Elliott sentia por Henry alcançara o zênite. Os resmungos quase incoerentes do homem deixavam Elliott profundamente enojado.

- ...nenhum motivo no mundo por que eu deveria fazer essa viagem de volta com ela, ela é perfeitamente capaz de tomar conta de si própria. E eu também pretendo ficar aqui no Shepheard's...

- Por que é que você está me dizendo isto? - Elliott perguntou finalmente. - Escreva a seu pai.

- Escrevi, ora. E só para que você esteja avisado para não dizer a ele que fiquei aqui no Cairo enquanto você partia naquela viagem maluca para o sul. Esteja avisado para me defender.

- E por quê?

- Porque eu sei o que você veio fazer aqui. - Henry virou o corpo subitamente, os olhos brilhando com dramaticidade alcoólica. - Eu sei por que você veio. Não tem nada a ver com Julie! Você sabe que aquela coisa é um monstro. Você percebeu isso durante a viagem. Você sabe que o que eu disse era verdade, sobre ela sair do caixão...

- Sua estupidez é inacreditável.

- O que é que você está dizendo? - Henry inclinou-se sobre o pé da cama, como se quisesse assustar Elliott.

- Você viu um imortal erguer-se do túmulo, seu idiota inútil. Por que foge dele com o rabo entre as pernas?

- O idiota é você, Elliott. Isso não é natural. Isso é... monstruoso. E se ele tentar chegar perto de mim, vou dizer o que sei. Sobre ele e sobre você.

- Você está perdendo a memória junto com a cabeça. Você já disse. Foi o

motivo de riso de Londres por vinte e quatro horas, provavelmente o único reconhecimento verdadeiro que você jamais teve.

- Você acha que é muito esperto, seu aristocrata nojento. Você se atreve a se comparar a mim. Já esqueceu de nosso pequeno fim de semana em Paris? - Deu um sorriso distorcido ao erguer o copo vazio, então viu que não havia nada dentro. - Você vendeu seu título por uma fortuna americana. Vendeu o título de seu filho pelo dinheiro dos Stratford. E agora você corre atrás daquela coisa maldita! Você acredita nessa ideia louca e estúpida do elixir.

- E você não?

- Claro que não.

- Então como você explica o que viu?

Henry parou, os olhos trabalhando novamente daquela maneira febril que havia se tornado distorcida.

- Existe algum truque, alguma mágica. Mas não existe nenhum maldito produto químico que faça as pessoas viverem para sempre. Isto é loucura. Elliott riu.- Talvez seja feita com espelhos.

- O quê?

- A coisa saindo do caixão e tentando estrangular você - disse Elliott. O aborrecimento nos olhos de Henry transformaram-se em ódio.

- Talvez eu deva dizer à minha prima que você anda espionando-a, que você quer o elixir. Talvez eu deva dizer isso.

- Ela sabe. E ele também.

Profundamente abalado, Henry olhou para o copo vazio.

- Saia daqui - disse Elliott. - Vá para onde quiser.

- Se meu pai contatar você, deixe um recado para mim na recepção.

- É mesmo? Eu não posso saber que você está vivendo com aquela dançarina Malenka? Todo mundo sabe. E o escândalo do momento: Henry no velho Cairo com seu jogo de cartas e sua dançarina.

Henry resmungou.Elliott olhou pela janela. Um sol brilhante e fraco. Não

tornou a olhar para trás até ouvir a porta se fechar. Esperou alguns instantes, então apanhou o telefone e pediu para falar com a recepção.

- Você tem o endereço de Henry Stratford?

- Ele pediu que não o déssemos, senhor.- Bom, quem está falando é o Conde de Rutherford, e sou amigo da família. Por favor, queira dá-lo a mim.

Memorizou-o rapidamente, agradeceu ao funcionário e recolocou o fone no gancho. Conhecia aquela rua do velho Cairo. Ficava a apenas alguns passos do Babilônia, a casa noturna francesa onde trabalhava Malenka, a dançarina. Ele e Lawrence costumavam sentar e conversar horas a fio naquele clube, onde havia rapazes dançarinos.

Reafirmou seu voto: acontecesse o que acontecesse, ele descobriria o que pudesse de Ramsey antes que se separassem, quanto ao que realmente acontecera a Lawrence naquela tumba. Nada o impediria disso, nem a covardia nem sonhos com o elixir. Tinha no mínimo de descobrir o que Henry fizera. A porta abriu-se devagar. Tinha de ser seu valete, Walter, o único que entraria sem bater na porta.

- Boas acomodações, meu lorde? - Solícito demais. Ele ouvira a discussão. Começou a zanzar pelo quarto, limpando a mesinha de cabeceira, ajustando a sombra da lâmpada.

- Ah, sim, são ótimas, Walter. Servem. E meu filho, onde está?

- No andar de baixo, meu lorde, e posso lhe contar um segredinho? Walter inclinou-se sobre a cama, mão na boca como se estivessem no meio de uma multidão ao invés de num aposento enorme e vazio.- Ele conheceu uma bonita moça lá em baixo, uma americana. O nome é Barrington, meu lorde. Família rica de Nova York. O pai é do negócio de ferrovias.

Elliott sorriu.

- Como é que você já sabe disso tudo? Walter riu. Esvaziou o cinzeiro de Elliott dos charutos, que foram para o lixo porque queimavam tanto os pulmões de Elliott que ele não conseguia fumá-los. - Rita me contou, meu lorde. Viu-o menos de uma hora depois que nos registramos. E ele está com a senhorita Barrington agora, dando um passeio nos jardins do hotel.

- Ora, não seria interessante, Walter - disse Elliott, balançando a cabeça -,

se nosso querido Alex se casasse com uma herdeira americana?- Sim, meu lorde, certamente seria interessante - disse Walter. - Quanto ao outro, o senhor deseja os mesmos arranjos de antes? - Novamente Walter assumia um ar altamente confidencial. - Alguém para segui-lo?

Naturalmente ele se referia a Ramsés. Referia-se à vergonhosa questão do garoto que Elliott contratara em Alexandria.

- Se você puder fazer isso em segredo - disse Elliott.- Ele deve ser observado noite e dia, e devo receber relatórios sobre onde ele vai e o que faz.

Deu a Walter um maço de notas, que Walter imediatamente meteu no bolso, e então saiu, fechando a porta atrás de si. Elliott tentou respirar fundo, mas a dor no seu peito não permitia; muito lentamente, respirou de leve várias vezes. Ficou olhando as cortinas brancas inflando nas janelas abertas. Podia ouvir o tumulto e os ruídos do Cairo Britânico lá fora. Pensou na futilidade disso tudo: seguir Ramsés na esperança de descobrir alguma coisa, qualquer coisa, sobre o elixir. Absurdo, na verdade. Um pouco de especulação policial que não fazia mais do que alimentar a obsessão de Elliott. Não havia dúvida agora do que era Ramsés; e se ele tivesse o elixir consigo, indubitavelmente o carregava pessoalmente. Elliott sentiu vergonha. Mas isso era o de menos. O que importava mais era o mistério do qual ele estava profundamente afastado. Era melhor mesmo ir até o homem e implorar pelo elixir. Tinha vontade sincera de chamar Walter de volta e lhe dizer que era tudo uma tolice. Mas no fundo ele sabia que tentaria mais uma vez revistar o quarto de Ramsés; e o garoto que seguiria Ramsés poderia lhe dar alguma pista quanto aos hábitos do homem. Era alguma coisa, não era?, além de ficar pensando na dor no peito e nos quadris.

Fechou os olhos; viu as estátuas colossais de Abu Simbel novamente. Pareceu-lhe subitamente que esta era a última grande aventura de sua vida, e ele descobriu que não tinha nada a lamentar, que aquela excitação fora em si um presente sem preço para ele. Quem sabe, riu para si mesmo. Talvez Alex arrumasse uma herdeira americana.

Ah, mas ela era adorável, e ele gostava tanto de sua voz e da fagulha divina em seus olhos, pois era exatamente o que significava; e como ela o empurrava muito de leve com o dedo quando ria. E que belo nome tinha ela, senhorita Charlote Whitney Barrington.

- E então pensávamos em ir a Londres, mas dizem que é terrivelmente fria nesta época do ano, e tão sombria com a Torre de Londres e isso tudo, onde

cortaram a cabeça de Ana Bolena.

- Ah, não seria se eu a mostrasse a você! - exclamou ele.

- Bem, quando você volta para casa? Vai ficar para a ópera, não vai? Parece que todo mundo neste lugar não fala de outra coisa. é muito engraçado, sabia, vir até o Egito só para ver uma ópera.

- Mas é Aida, minha cara.

- Eu sei, eu sei...

- E sim, estamos indo, para falar a verdade, já foi tudo arranjado. E você estará lá, é claro. Ah, e quanto ao baile depois?

Que sorriso adorável.

- Bem, eu não sabia do baile. Eu realmente não queria ir com mamãe e papai, e...

- Bem, talvez quisesse ir comigo. Ah, que lindos dentes brancos.

- Ora, Lorde Rutherford, eu simplesmente adoraria.

- Por favor, me chame de Alex, senhorita Barrington. Lorde Rutherford é meu pai.

- Mas você é visconde - disse ela com uma surpreendente franqueza americana e o mesmo sorriso gracioso. - Foi o que me disseram.

- Sim, creio que é verdade. Visconde de Summerfíeld, na verdade...

- O que é um visconde? - perguntou ela.

Olhos tão belos, e o jeito de rir dela quando olhava para ele. De repente ele não estava mais zangado com Henry por estar entocado naquele buraco com a dançarina Malenka. Melhor que Henry estivesse completamente fora de vista com suas bebidas e jogos, ao invés de ficar passeando pelos salões públicos do hotel. Ah, o que Julie acharia da senhorita Barrington? Bem, ele sabia o que ele achava!

Meio-dia. Salão de jantar. Ramsés sentado, gargalhando.

- Agora, eu insisto que você faça assim. Pegue o garfo e a faca - disse Julie.

- Apenas tente.

- Julie, não é que eu não possa fazê-lo! É que me parece absolutamente bárbaro atirar comida na boca com pedaços de prata!

- O seu problema é que você sabe o quanto é perfeitamente atraente, e como cativa a todos.

- Aprendi um pouco de tato ao longo dos séculos.- Ele apanhou o garfo, deliberadamente fechando o punho no cabo.

- Pare com isso - disse ela baixo. Ele riu. Largou o garfo e apanhou um pedaço de frango com os dedos novamente. Ela agarrou-lhe a mão. - Ramsés, coma direito.

- Minha querida - disse ele. - Estou comendo à maneira de Adão e Eva, Osíris e ísis, Moisés, Aristóteles e Alexandre. Ela se derreteu em risadas. Ele roubou-lhe um beijo rápido. Então seu rosto ficou sombrio.- E quanto ao seu primo? - sussurrou ele. Isso a pegou completamente desprevenida.

- Precisamos falar dele?

- Vamos deixá-lo aqui no Cairo? Vamos deixar o assassinato de seu pai sem ser vingado?

Lágrimas brotaram de seus olhos. Com raiva, ela procurou o lenço na bolsa. Não vira Henry desde que voltara, e não queria vê-lo. Em sua carta a Randolph ela não fizera menção dele. E era o pensamento no tio, assim como em tantas outras coisas, que a fazia chorar agora.

- Entregue-me esse fardo - murmurou Ramsés. Eu carregarei com facilidade. Deixe que a justiça seja feita. Ela subitamente pôs a mão nos lábios dele.

- Não fale mais - disse ela. - Agora não.

Ele olhou por cima do ombro dela. Deu um pequeno suspiro e apertou a mão dela.

- O grupo do museu chegou, ao que parece - disse ele. - E não podemos deixar Elliott em pé.

Alex virou-se subitamente para lhe dar um beijinho no rosto. Quão casto.

Ela limpou o nariz rapidamente, e virou-se de tal forma que ele não visse o rubor em sua face.

- Ora, estamos todos aqui? - perguntou Alex. - Nosso guia particular vai nos levar ao museu em quinze minutos. Ah, e antes que me esqueça, a ida à ópera foi totalmente acertada. Poltronas no balcão e, é claro, bilhetes para o baile depois. E Ramsey, amigo velho, se me permite dizer, não competirei com você esta noite pelas atenções de Julie.

Julie assentiu.

- Já se apaixonou - disse ela com um sussurro irônico. Permitiu que Alex a ajudasse a se levantar. - Uma senhorita Barrington.

- Por favor, querida, dê-me a sua opinião. Ela vai ao museu conosco.

- Vamos nos apressar - disse Ramsés. - Seu pai não está bem. Estou surpreso que ele não tenha ficado para trás.

- Meu Deus, você sabe o que o Museu do Cairo significa para as pessoas? - disse Alex. - E é o lugar mais sujo e cheio de poeira que eu já...

- Alex, por favor, vamos ver a maior coleção existente de tesouros egípcios.

- A última provação - disse Ramsés, tomando Julie pelo braço. - E todos os reis estão numa única sala? Era isto o que você me dizia?

- Céus, tenho a impressão de que você já esteve aqui antes - disse Alex. - Você é um enigma, meu velho...

- Pode apostar - sussurrou Ramsés.

Mas Alex mal ouviu. Estava sussurrando para Julie que ela devia dar-lhe uma opinião sincera da senhorita Barrington. E a senhorita Barrington era a loura de bochechas rosadas de pé no saguão com Elliott e Samir. Bonitinha, obviamente.

- E pensar - disse Julie - que você precisa de minha aprovação!

- Shhhh, ela está ali. Com papai. Estão se dando muito bem.

- Alex, ela é perfeitamente adorável.

Pelos largos salões empoeirados do primeiro andar eles excursionaram,

ouvindo o guia, que falava rapidamente apesar do forte sotaque egípcio. Ah, tesouros à vontade, disso não havia dúvida. Todo o saque das tumbas; coisas com as quais nem sonhara em seu tempo. E ali estavam, para todo o mundo ver, debaixo de vidros úmidos e luzes fracas, mas mesmo assim preservados do tempo e da ruína. Viu a estátua do escriba feliz: a pequena figura de pernas cruzadas com o papiro no colo, olhando ansioso para cima. Isso devia tê-lo levado às lágrimas. Mas tudo o que ele sentia era uma alegria vaga de que viera, visitara tudo conforme devia, e agora estava partindo. Finalmente eles subiram a grande escadaria. O salão dos reis, a provação que temia. Sentiu Samir ao seu lado.

- Por que não esquecer esse prazer hediondo, senhor? Pois eles todos são horrores.

- Não, Samir, deixe-me vê-los até o fim.

Quase riu quando compreendeu o que era: uma grande câmara de caixas de vidro onde se exibiam artigos longe de dedos curiosos. Não obstante, os corpos magros e sombrios lhe davam um choque profundo. Mal conseguia ouvir o guia, e mesmo assim as palavras vinham com clareza:

- A múmia de Ramsés, o Maldito, na Inglaterra, é ainda uma descoberta controversa. Muito controversa. Este é o verdadeiro Ramsés Segundo, bem em frente a vocês, conhecido como Ramsés, o Grande.

Aproximando-se, ele olhou a coisa horrenda que tinha seu nome.

- ... Ramsés Segundo, o maior de todos os faraós egípcios.

Ele quase sorriu ao estudar os membros ressecados, e então a verdade óbvia o atingiu, como se fosse uma coisa física pressionando-lhe o peito: se ele não tivesse entrado naquela caverna com a velha e louca sacerdotisa, estaria realmente deitado naquele sarcófago. Ou o que dele restasse. E todo o mundo de então se desvaneceria; não era mais rápido que naqueles anos. E pensar que ele teria morrido sem saber tanto. Sem jamais descobrir...Ruído. Julie dissera alguma coisa, mas ele não conseguia ouvi-la. Havia um rugido surdo na sua cabeça.

Subitamente viu-os todos, aqueles cadáveres fantasmagóricos, como coisas queimadas num fogão. Viu o vidro sujo; viu os turistas abrindo caminho por aqui e por ali. Ouviu a voz de Cleópatra. Quando você deixá-lo morrer, também a

mim deixará morrer! Quero estar com ele agora. Afaste isso, não beberei. Estavam andando novamente? Samir dissera que era hora de ir? Lentamente ergueu os olhos de sobre o estranho rosto encovado e viu Elliott olhando para ele, com a expressão mais estranha. O que era? Compreensão. Ah, mas como você pode compreender? Eu próprio mal consigo.

- Vamos, senhor.

Deixou que Samir lhe tomasse pelo braço e o conduzisse até a porta. Parecia que a senhorita Barrington riu de alguma coisa que Alex sussurrara em seu ouvido. E o murmúrio dos turistas franceses próximos era positivamente aterrador. Que língua tão dura. Virou-se, tornando a olhar os estojos de vidro. Sim, deixe este lugar. Por que estamos descendo o corredor até os fundos do edifício? Com certeza já vimos tudo; os sonhos e o fervor de uma nação a isto se reduziram: um grande e empoeirado mausoléu onde garotas riem, e com justiça. O guia havia parado no fim do salão. O que era agora?

Outro corpo num estojo, e como alguém podia vê-lo nas sombras? Apenas alguns raios de luz empoeirada cortavam a janela suja acima.

- Esta mulher desconhecida... um curioso exemplo de preservação natural.

- Não podemos fumar, não é? - ele sussurrou a Samir.

- Não, senhor, mas podemos dar o fora, com certeza. Podemos esperar pelos outros do lado de fora, se o senhor quiser...

- ... combinados para mumificar naturalmente o corpo desta mulher anônima.

- Vamos - disse ele.

Colocou a mão no ombro de Samir. Mas devia falar com Julie para que ela não ficasse alarmada. Deu um passo à frente e puxou-a levemente pela manga, e olhou para o corpo na caixa quando fez isso seu coração parou.

- ... embora a maioria das bandagens há muito tempo tenha sido rasgada - à procura de objetos de valor, sem dúvida -, o corpo da mulher foi perfeitamente preservado pela lama do delta, assim como os corpos encontrados nos pântanos ao norte...O cabelo ondulado, o pescoço longo e bem torneado, os ombros bem esculpidos! E o rosto, o próprio rosto! Por um momento não acreditou no que seus olhos viam! A voz latejava na sua cabeça: - ... mulher desconhecida...

período ptolomaico... greco-romana. Mas vejam o perfil egípcio. Os lábios bem moldados...

A gargalhada aguda da senhorita Barrington atravessou suas têmporas. Cambaleou para a frente. Roçou de leve o braço da senhorita Barrington. Alex estava dizendo alguma coisa para ele, chamando-o pelo nome de forma agressiva. O guia olhava espantado. Tornou a olhar para o vidro. O rosto dela! Era ela... a mortalha fina moldada em sua carne, as mãos nuas gentilmente dobradas, os pés descalços, as bandagens soltas ao redor dos tornozelos. Tudo negro, negro como a lama do delta que a cercara, a preservara, a endurecera!

- Ramsés, o que foi?

- Senhor, está passando mal?

Estavam falando com ele de todos os lados; estavam-no cercando. Subitamente alguém o puxou, e ele voltou-se furioso.

- Não, solte-me.

Ouviu o vidro estilhaçar ao seu lado. Um alarme havia disparado, gritando como uma mulher em pânico. Olhe seus olhos fechados. É ela! É ela. Ele não precisava de anéis, ornamentos, nomes que lhe dissessem. É ela. Os guardas haviam chegado. Julie implorava. A senhorita Barrington estava com medo. Alex estava tentando fazêlo ouvir.

- Não posso ouvir você agora. Não posso ouvir nada. é ela. A mulher anônima. - Ela, a última rainha do Egito. Uma vez mais, ele se desvencilhou da mão no seu braço. Curvou-se sobre o vidro sujo. Queria estilhaçá-lo. As pernas não eram mais do que ossos; os dedos de sua mão direita ressecados quase até a um esqueleto. Mas aquele rosto, aquele lindo rosto. Minha Cleópatra.

Finalmente ele se permitira ser levado para longe. Julie o interrogara. Ele não respondera. Ela pagara pelo estrago na caixa, um pequeno mostruário de joalheria quebrado. Ele queria dizer que lamentava. Não conseguia se lembrar de mais nada. Exceto do rosto dela, e de todo o quadro que ela fazia: uma coisa criada da terra negra, desenterrada e colocada na madeira polida do estojo, as bandagens de linho ainda enrugadas como se manassem água. E seus cabelos, seus cabelos grossos e ondulados; ora, a forma inteira havia quase brilhado na luz tênue. Julie falava. As luzes eram suaves no quarto do Shepheard's Hotel. Queria responder, mas não conseguia. E então houve outra lembrança; aquele

estranho momento em que se lembrara na confusão e os ruídos, e vira Eliott a observá-lo com aqueles olhos tristes e cinzentos.

Oscar corria atrás do senhor Hancock e dos dois sujeitos da Scotland Yard enquanto eles marchavam direto pelas salas de estar até o salão egípcio. Ah, ele jamais deveria tê-los deixado entrar na casa. Não tinham direito de entrar naquela casa. E agora estavam indo direto ao sarcófago da múmia.

- Mas a senhorita Julie vai ficar tão zangada, senhor. Esta é a casa dela, senhor. E o senhor não pode tocar nisto, senhor, ora, é a descoberta do senhor Lawrence. Hancock viu as cinco moedas de ouro de Cleópatra na sua caixa.

- Mas as moedas poderiam ter sido roubadas no Cairo, senhor. Antes da coleção ser catalogada.

- Sim, claro, você está absolutamente certo - disse Hancock. Virou-se e olhou o sarcófago.

Julie serviu-lhe o vinho no cálice. Ele apenas olhava.

- Não vai tentar explicar? - murmurou ela. - Você a reconheceu. Você a conhecia. Só pode ser isso.

Por horas ele ficou ali em silêncio. O fim da tarde queimava pelas cortinas finas. O ventilador de pás no teto girava lento e monótono, deixando escapar um rugido fraco. Ela não queria chorar novamente.

- Mas não poderia ser... - Não. Ela não podia nem sequer sugerir isso. Mesmo assim, ela tornou a pensar na mulher; na tiara dourada nos cabelos, agora pretos e vítreos como todo o resto dela. - Não é possível que ela seja...

- Não é possível! - a voz dele era baixa, rouca, não mais que um sussurro agonizante. - Não é possível! Vocês desenterraram milhares de egípcios mortos. Saquearam suas pirâmides, suas tumbas no deserto, suas catacumbas. O que não é possível?

- Ah, meu Deus. - As lágrimas desciam copiosas pelo rosto dela.

- Múmias, roubadas, vendidas, trocadas - disse ele.

- Houve algum homem, mulher ou criança enterrado nesta terra cujo corpo não tenha sido roubado, se não exibido ou desmembrado? O que não é possível?

Por um momento parecia que ele havia perdido totalmente o controle; mas então calou-se, e tornou simplesmente a olhar para ela. E então seus olhos ficaram pálidos, como se não a visse. Recostou-se na cadeira.

- Não precisamos mais ficar no Cairo se você não quiser...

Mais uma vez ele virou-se lentamente. Era como se ele estivesse acordando de um sonho, que ainda não tivesse falado com ela.

- Não! - exclamou ele. - Não podemos ir. Agora não. Eu não quero ir embora.

E então sua voz calou-se, como se ele tivesse acabado de perceber o que estava dizendo. Levantou-se e saiu lentamente do quarto, sem nem um olhar para ela. Ela viu a porta se fechar; ouviu seus passos no hall; e então as lágrimas caíram de novo. O que ela iria fazer? O que o confortaria? Se ela usasse toda a sua influência, conseguiria fazer com que o corpo no museu fosse retirado da exposição pública e enterrado adequadamente? Não era provável. A exigência pareceria tola e despropositada. Ora, inúmeras múmias reais estavam em exibição!Mas mesmo que ela pudesse conseguir uma coisa dessas, ela temia que isso não o ajudasse agora. Foi a simples visão da coisa, não sua condição, que o esmagara.

Os dois oficiais da Scotland Yard olhavam constrangidos o homem do Museu Britânico.

- Devíamos ir agora, senhor. Não temos um mandado da corte para perturbar o sarcófago da múmia. Viemos para conferir as moedas, e isso já foi feito.

- Bobagem - disse Hancock. - Devíamos conferir tudo agora enquanto temos o mandado. Viemos ver se a coleção está intacta. Quero ver se a múmia não foi danificada antes de sairmos.

- Mas, senhor... - interferiu Oscar.

- Não diga mais uma palavra, meu homem. Sua patroa viajou para o Cairo e deixou um tesouro incalculável aqui. Ela não tinha nossa permissão. - Voltou-se para os dois oficiais da lei. - Abram essa coisa - ele disse, áspero.

- Bem, eu não gosto disso, senhor, realmente não gosto - disse Trent.

Hancock empurrou-o para o lado e ergueu a tampa sozinho, antes que os dois homens pudessem impedi-lo. Galton tentou pegá-la antes que o fundo atingisse o chão. Oscar perdeu o fôlego. Do lado de dentro estava a múmia, encolhida, enegrecida.

- O que diabos está acontecendo aqui? - Hancock gritou irado.

- E o que exatamente o senhor quer dizer, senhor? - perguntou Trent.

- Tudo volta para o museu agora.

- Mas, senhor...

- Não é a mesma múmia, seu idiota. Esta é da loja de um falsificador em Londres! Eu mesmo a vi. Foi-me oferecida para venda. Maldita mulher! Ela roubou a descoberta do século!

Passava muito da meia-noite. Não vinha mais música dos salões públicos. O Cairo dormia. Elliott caminhava sozinho no jardim escuro entre as duas alas do Shepheard's Hotel. Sua perna esquerda estava ficando dormente; mas ele não dava atenção a isso. De quando em vez lançava um olhar à figura que andava para um lado e para o outro na suíte acima; uma sombra que se movia de um lado para o outro por entre as persianas entre abertas. Ramsey. O quarto de Samir estava escuro. A luz do quarto de Julie havia se apagado uma hora antes. Há muito que Alex fora para a cama, preocupado com Ramsey, e completamente confuso, sem saber se Julie havia se apaixonado por um maluco.

A figura parou. Foi até as persianas. Elliott parou completamente na escuridão fria. Viu Ramsey espiar o céu, e talvez a grande teia de estrelas que cobria os telhados. Então a figura desapareceu por completo. Elliott virou-se e mancou apressado até as portas do saguão. Havia acabado de chegar ao foycr envolto em sombras depois do balcão da recepção, quando viu Ramsey descer a grande escadaria e dirigir-se às portas, os cabelos castanhos revoltos.

Sou um louco, pensou Elliott. Sou mais louco do que ele jamais foi. Segurando firme a bengala, foi atrás dele. Quando emergiu das portas da frente, viu a figura sombria à sua frente, atravessando a praça a passos rápidos. A dor na sua perna era agora tão forte que ele tinha de trincar os dentes, mas continuou. Em poucos minutos, Ramsey havia alcançado o museu. Elliott viu-o desviar da entrada da frente, e caminhar devagar até o lado direito do prédio, na direção de uma luz que queimava atrás de uma janela com barras. A luz amarela filtrava-se

para fora da pequena alcova dos fundos. O guarda estava derreado na cadeira, roncando inocente. A porta dos fundos estava aberta. Elliott entrou devagar no museu. Passou rapidamente pelas câmaras vazias dó térreo, por enormes deuses e deusas. Por fim ele chegou às grandes escadas e, agarrando-se no corrimão, subiu degrau por degrau, tirando o peso da perna ruim, tentando não fazer um ruído na tênue escuridão. Uma luz pardacenta enchia o corredor. A janela ao fundo era ligeiramente visível. E lá estava Ramsey, ao lado da pequena vitrina de exposição, onde a massa da mulher morta em seus trapos petrificados brilhava como carvão preto. Ramsey curvou a cabeça na luz âmbar, como um homem em oração.

Parecia que ele murmurava alguma coisa na escuridão. Ou estava chorando? Seu perfil estava bem delineado, junto com o movimento de sua mão quando a enfiou no paletó e retirou alguma coisa que brilhou nas sombras. Um frasco de vidro cheio de líquido luminescente. Meu Deus, ele não pode fazer isso. O que será esta poção que ele chega, a tentar isso? Elliott quase gritou. Quase alcançou Ramsey e tentou deter-lhe a mão. Mas quando Ramsey abriu o frasco, quando Elliott ouviu o fraco rangido da tampa de metal, ele recolheu-se ao canto do corredor, e ocultou-se por trás de um grande gabinete de vidro. Como era eloquente o sofrimento da figura distante, parada ali sobre o sarcófago, o frasco aberto em sua mão, a outra tentando tirar o cabelo da testa.

Então Ramsey se virou como se fosse embora e desceu o corredor na direção de Elliott sem vê-lo. Alguma coisa havia mudado na luz. Era o primeiro brilho palpável do sol, uma radiância de um cinza metálico fraco; um tremeluzir suave que incendiava todos os estojos de vidro e gabinetes do longo corredor. Ramsey voltou-se. Elliott pôde ouvi-lo suspirar. Podia sentir seu tormento. Ah, mas isto é loucura; isto é indizível. Indefeso, ele observou Ramsey aproximar-se do estojo mais uma vez e abrir a tampa leve com moldura de madeira, e deixou-a de lado em silêncio, como faria com a capa de um livro, de forma que pudesse tocar a coisa morta do lado de dentro. Com uma velocidade súbita, ele levantou uma vez mais o frasco. O líquido branco brilhante fluiu em gotas sobre o cadáver enquanto Ramsey passava o frasco de uma ponta a outra do corpo.

- É em vão, não pode funcionar - murmurou Elliott a meia voz. Descobriu-se recuando cada vez mais, encostado à parede, olhando agora através das paredes laterais do vidro do gabinete. Com horror e fascinação, ele viu Ramsey esfregar o fluido nos membros da mulher morta. Viu-o curvar-se carinhosamente, como se colocasse o frasco em sua boca.

Um silvo ecoou na escuridão. Elliott deixou escapar uma tosse seca. Ramsey cambaleou para trás, pressionando as costas na parede. O frasco caiu de sua mão e rolou no chão de pedra, um restinho de fluido ainda brilhando dentro dele. Ramsey olhava para a coisa à sua frente. Um movimento na massa escura deitada na cama rasa do estojo. Elliott percebeu. A coisa dentro do estojo estava se mexendo, se levantando. Ramsey recuou para o corredor. Um grito abafado escapou-lhe dos lábios. Além dele, Elliott viu a figura se sentar. O estojo de madeira estilhaçou-se e então caiu, o ruído ecoando alto pelo museu. A coisa ficou de pé! Sua grande cabeça de cabelos negros felpudos caía sobre os ombros como fumaça grossa. A pele enegrecida estava começando a clarear. Um gemido fantasmagórico saiu da criatura. Ela ergueu as mãos esqueléticas. Ramsey recuou. Uma oração desesperada escapou-lhe, cheia dos antigos nomes dos deuses egípcios. Elliott tapou a mão com a boca.

Avançando, os pés descalços arranhando as pedras com o som seco e duro de ratos nas paredes, a figura baixou os braços e foi em direção a Ramsés. A luz brilhava em seus olhos enormes e arregalados, as pálpebras carcomidas, os cabelos engrossando e serpenteando à medida que ficavam cada vez maiores e mais negros e cascateavam sobre os ombros ossudos. Mas, meu Deus, o que eram as manchas brancas ao longo do corpo? Eram os ossos da coisa, os ossos limpos onde a carne fora consumida, talvez há séculos atrás! Ossos limpos aparecendo na perna esquerda, ossos puros no pé direito, ossos puros nos dedos que lutavam para alcançar Ramsey. Ela não está completa. Você ressuscitou uma coisa que não está completa. A luz aumentava mais na janela acima. Os primeiros raios distintos rasgavam a penumbra funérea. Quando Ramsey recuou mais uma vez, passando por Elliott, quase cambaleando na direção do corrimão da escada, a coisa avançou, ganhando velocidade até alcançar a luz do sol.

E lá esticou as mãos como se tentando agarrar os raios, sua respiração chorosa vindo rápida e desesperada e cheia de pânico. A carne lanhada das mãos agora tinha cor de bronze. O rosto tinha a cor do bronze, e ficava cada vez mais leve e pálido e cada vez mais humano quando o sol a atingia. Ela virou-se sobre os pés, balançando como se bebesse a luz, e o sangue começou a escorrer das feridas abertas que por toda parte expunham o esqueleto. Elliott cerrou os olhos. Por um momento ele quase perdeu a consciência. Estava consciente do ruído abaixo. Uma porta batendo longe nos fundos do enorme prédio. Ele abriu os olhos para ver a coisa se aproximando. Olhando por trás do ombro, viu Ramsés colado ao corrimão das escadas, olhando com indisfarçável horror. Deus do céu, afaste-a. Elliott sentiu a queimação no peito, a constrição familiar. A dor desceu

pelo braço direito, e com toda sua força ele agarrou a bengala de prata. Obrigou-se a respirar, a continuar de pé.

A coisa esquelética estava inflando. Sua carne estava agora da cor da própria carne de Elliott; e os cabelos eram um grande chumaço ondulado que ocultava totalmente seus ombros. E suas roupas... até mesmo suas roupas haviam mudado. Suas roupas eram uma vez mais linho branco onde o elixir respingara. A criatura deixava entrever os dentes brancos até as raízes quando gemia. Seus seios despontaram e o linho podre caiu do formato feminino, enrolando-se nas pernas que arrastavam-se penosamente para a frente.Seus olhos estavam fixos no homem ao fim do salão. Sua respiração vinha forçada. Sua boca tornou-se uma careta. Ruídos do térreo. O som agudo de um apito. Um homem gritando em árabe. Ramsés virou-se. Estavam subindo a escadaria. Seus gritos só podiam significar que o haviam visto. Em pânico, ele se voltou para a figura feminina que se aproximava cada vez mais.Um grito rouco escapou dos lábios dela.

- Ramsés!

O conde fechou os olhos. Então tornou a abri-los e viu as mãos esqueléticas esticadas quando a mulher passou por ele. Houve um grito de "Pare!" e depois um tiro. A criatura gritou e tapou as orelhas com os dedos. Cambaleou para trás. Ramsés fora atingido pela bala, e virou-se para enfrentar o homem que subia as escadas. Desesperado, voltou-se para a mulher. Outra rajada de balas! O troar ensurdecedor ressoou pelo corredor. Ramsés caiu contra os degraus de mármore. A fêmea estremeceu, mãos ainda cobrindo os ouvidos. Ela parecia ter perdido o equilíbrio, cambaleando entre os sarcófagos de pedra no lado oposto do salão. Quando o apito sibilou novamente, ela urrou aterrorizada.

- Ramsés! - Era o grito de um animal ferido.

Uma vez mais, Elliott quase perdeu a consciência. Mais uma vez fechou os olhos, e lutou para encher os pulmões de ar. A mão esquerda, que agarrava a bengala, estava agora inteiramente dormente. Podia ouvir os sons dos guardas arrastando Ramsés escada abaixo. Obviamente Ramsés resistia. Mas os outros eram muitos. E a mulher! Ela desaparecera. Então tornou a ouvir seus pés raspando o chão de pedra. Deu uma olhada pelo vidro ao seu lado, para descobrir que ela recuava até a outra parte do salão. Gemendo, a respiração ainda entrecortada, ela desapareceu por uma porta lateral. Todos os sons embaixo morreram.

Aparentemente Ramsés havia sido removido do museu. Mas sem dúvida os

homens viriam procurar por ele em minutos. Ignorando impiedosamente a dor no peito, Elliott desceu apressado o corredor. Alcançou a porta lateral a tempo de ver a mulher desaparecendo aos pés da escada de serviço. Rapidamente recuou, para espiar por baixo dos vidros de exibição. Lá estava o frasco, ainda brilhando à luz cinzenta. Abaixando-se sobre um joelho, conseguiu apanhá-lo; e, fechando sua tampa, colocou-o no paletó. Então, lutando contra uma onda de tontura, desceu as escadas atrás da mulher, a perna esquerda dormente quase o derrubando.

A meio caminho ele a viu: assustada, cambaleante, uma mão erguida em forma de garra, como se querendo pegar a penumbra. Uma porta se abriu subitamente, vazando luz amarela na passagem; e uma serviçal apareceu, os cabelos e o corpo envolvidos num traje de lã preta, à moda muçulmana. Carregava um esfregão na mão direita. Imediatamente ela viu a figura esquelética se aproximando, e deixou escapar um grito agudo, o esfregão caindo-lhe das mãos. Voltou correndo para a sala iluminada. Um sibilo baixo escapou da mulher ferida e depois aquele rugido pavoroso novamente, enquanto ela ia atrás da empregada, as mãos esqueléticas estendidas como se para deter o grito lancinante. Elliott moveu-se o mais rápido que pôde. Os gritos pararam antes que ele alcançasse a porta da sala iluminada. Quando entrou, viu o corpo da empregada caindo sem vida no chão. Pescoço aparentemente quebrado e a carne rasgada de sua face. Os olhos negros arregalados não olhavam para nada. E a mulher ferida e esfarrapada passou por cima dela e foi até um pequeno espelho sobre a pia na parede. Ela deu um soluço de agonia quando viu seu reflexo. Soluçando e tremendo, ela esticou a mão e tocou o vidro.

Elliott quase desmaiou outra vez. A visão do cadáver e a criatura aterrorizante defronte ao espelho eram mais do que podia suportar. Mas uma fascinação impiedosa o sustentava, como o fizera o tempo inteiro. Deveria usar sua cabeça agora. Devia mandar para o inferno a dor em seu peito e o pânico que subia como uma náusea na sua garganta. Rapidamente fechou a porta do quarto atrás de si. O ruído o assustou. Ela girou, mãos preparadas novamente para o ataque. Por um instante, ele ficou paralisado pelo horror total do que agora assistia. A luz da lâmpada no teto era impiedosa. Seus olhos saltavam de pálpebras meio comidas. Ossos de costelas apareciam brancos por uma ferida aberta. Metade de sua boca não existia, e um pedaço inteiro da clavícula estava mergulhado em sangue. Meu Deus, o que ela devia estar sofrendo! Pobre ser trágico! Com um gemido baixo, ela avançou para ele. Mas Elliott falou rapidamente em grego:

- Amigo - disse ele. - Eu sou amigo e ofereço abrigo a ti. - E, como sua mente não lembrasse mais essa antiga língua, passou para o latim: - Confie em mim. Não deixarei você se machucar.

Sem tirar os olhos dela por um segundo, ele pegou um de vários mantos pretos pendurados na parede. Sim, o que ele queria: um daqueles trajes informes que as mulheres muçulmanas vestiam em público. Era grande o bastante para cobri-la facilmente da cabeça aos pés. Sem medo, aproximou-se dela, jogando o manto sobre sua cabeça e enrolando-o em seus ombros, e imediatamente suas mãos subiram para ajudar, fechando-o sobre o rosto, salvo pelos olhos assustados. Ele mandou-a rápido pelo corredor, fechando a porta atrás de si para ocultar o cadáver. Ruídos e gritos vinham do andar de cima. Podia ouvir vozes que vinham de uma sala no final do salão. Avistando a porta de serviço à sua direita ele a abriu, e levou-a para o beco, onde o sol brilhante incidiu sobre ambos.

Em poucos momentos ele estava livre do edifício. E haviam penetrado na imensa massa sem fim de muçulmanos, árabes e ocidentais que se moviam em todas as direções, apesar do estrondo das buzinas dos carros a motor e do progresso dos carros puxados a mula. A mulher ficou rígida quando ouviu as buzinas. À visão de um carro a motor passando raspando por ela, recuou, chorando por entre dentes trincados. Novamente Elliott dirigiu-se a ela em latim, garantindo-lhe que iria tomar conta dela, encontraria abrigo para ela. O que ela entendia ele não poderia saber. Então ela pronunciou a palavra latina para comida numa voz baixa e torturada.

- Comida e bebida - sussurrou ela. Murmurou mais alguma coisa, mas ele não entendeu. Parecia uma prece ou uma maldição.

- Sim - ele disse no ouvido dela, as palavras latinas saindo facilmente agora que ele sabia que ela as entendia. - Vou fornecer tudo o que quiser. Eu tomarei conta de você. Confie em mim.

Mas onde ele poderia levá-la? Só lhe veio à mente um lugar. Tinha de chegar ao Velho Cairo. Mas ele teria coragem de colocar a criatura num táxi a motor? Vendo passar uma carruagem, chamou-a. Ela subiu de boa vontade no banco de couro. Agora, como ele iria fazer isso, quando mal podia respirar e sua perna esquerda era quase inútil? Plantou o pé direito firmemente no degrau e balançou-se para cima com o braço direito. E então, perto de um colapso como nunca tivera na vida, desabou ao lado da figura curvada e disse com o último

fôlego ao condutor onde ele devia ir. O táxi avançou, o condutor gritando para os pedestres e estalando o chicote. A pobre criatura ao seu lado chorava abalada, puxando totalmente o véu sobre seu rosto. Abraçou-a; ignorou os ossos frios e duros que podia sentir através do tecido negro fino. Segurou-a firme e, aos poucos, recuperando a respiração, disse-lhe novamente em latim que iria ajudá-la, que era seu amigo.

Quando o táxi saiu voando do distrito britânico, ele tentava pensar. Mas chocado e sentindo dor, não conseguia explicação racional para o que havia testemunhado ou o que havia feito. Só sabia a um nível rudimentar que vira um milagre e um assassinato; e que o primeiro significava infinitamente mais para ele do que o último; e que ele estava agora num caminho irrevogável.

Julie estava apenas semiconsciente. Certamente não entendia as palavras do oficial britânico que estava à porta.

- Preso? Por invadir o museu? Não acredito.

- Senhorita Stratford, ele foi seriamente ferido. Parece que houve uma confusão.

- Que confusão?

O médico estava furioso. Se o homem estava seriamente ferido, ele devia estar no hospital, não nos fundos da prisão.

- Abram caminho - ele gritava para os homens uniformizados à sua frente. - Em nome de Deus, o que é isso, um pelotão de fuzilamento?

Nada menos que vinte rifles estavam apontados para o homem alto de olhos azuis que estava de pé contra a parede. Sangue seco cobria a camisa do homem. O ombro havia sido arrancado do casaco. Também estava coberto de sangue seco. Movido pelo pânico, ele olhou para o doutor.

- Não se aproxime mais! - gritou. - Você não vai me examinar. Você não vai me tocar com seus instrumentos médicos. Não estou ferido e quero sair deste lugar.

- Cinco balas - sussurrou o oficial no ouvido do médico. - Eu vi os ferimentos. Não pode ter suportado tamanha...

- Deixe-me dar uma olhada em você! - O médico tentou avançar.

No mesmo instante o punho do homem voou em sua direção, jogando a maleta preta no teto. Um dos rifles disparou quando o homem atacou os policiais, nocauteando vários contra a parede. O médico caiu de joelhos. Os óculos caíram no chão à sua frente. Sentiu a sola de um coturno sobre sua mão quando os soldados entraram correndo na sala. Novamente o rifle disparou. Gritos e maldições em egípcio. Onde estavam seus óculos? Precisava achá-los. Subitamente alguém o estava ajudando a se levantar. Os óculos estavam na sua mão e ele rapidamente os colocou. Um inglês civilizado apareceu em foco.

- Você está bem?

- O que diabos aconteceu? Onde está ele? Atiraram novamente nele?

- O homem é forte como um touro. Ele quebrou a porta dos fundos, com barras e tudo. Escapou.

Graças a Deus, Alex estava com ela. Ninguém conseguia encontrar Elliott. Samir tinha ido à delegacia de polícia para descobrir o que pudesse. Quando ela e Alex foram levados ao escritório, ela viu com alívio que era o assistente do governador, Miles Winthrop, e não o próprio governador. Miles estudara com Alex. Julie o conhecia desde que ele era pequeno.

- Miles, é um mal-entendido - disse Alex.

- Tem que ser.- Miles - disse ela. - Você acha que pode soltá-lo?

- Julie, a situação é mais complicada do que pensávamos. Em primeiro lugar, os egípcios não têm lá muita simpatia por quem invade seu museu mundialmente famoso. Mas agora também há um roubo e um assassinato a serem considerados.

- O que você está falando? - sussurrou Julie.

- Miles, Ramsey não poderia matar ninguém - disse Alex. - Isto é um absurdo patente.

- Espero que você esteja certo, Alex. Mas há uma empregada morta no museu com o pescoço quebrado. E uma múmia foi roubada de uma vitrine de exposição no segundo andar. E seu amigo fugiu da prisão. Agora me digam, vocês dois: até que ponto vocês realmente conhecem esse homem?

Correndo a toda velocidade sobre o telhado, ele alcançou a viela à sua

frente em um salto. Em segundos, percorreu outro telhado, e caiu em outro, e então cortou por outra rua estreita. Só então olhou para trás. Seus perseguidores o haviam perdido. Podia ouvir o crepitar fraco, muito distante, dos rifles. Talvez estivessem atirando uns nos outros. Ele não se importava. Saltou para a rua e correu. Em poucos passos a rua tornou-se um beco. As casas que o cercavam tinham janelas altas tapadas por placas de madeira. Não viu mais lojas inglesas ou placas em inglês. Só egípcios por ele passavam, e a maior parte era de mulheres velhas que andavam em pares, com véus sobre os rostos e os cabelos. Elas imediatamente desviavam o olhar da camisa ensanguentada e das roupas rasgadas.

Finalmente ele entrou numa porta e descansou, e então lentamente deslizou a mão por dentro do paletó. A ferida estava curada por fora, embora ele ainda pudesse sentir o pulsar por dentro. Sentiu a faixa larga do cinturão de dinheiro. Os frascos estavam intactos. Os malditos frascos! Quem dera que ele jamais houvesse tirado o elixir de seu local de repouso em Londres! Ou que ele houvesse selado o pó num vaso de barro e afundado o vaso no mar! O que os soldados teriam feito com o líquido se tivessem posto as mãos nele? Não podia sequer pensar em como estivera perto dessa possibilidade. Mas a coisa agora iria retornar ao museu! Ele precisava achá-la! E pensar no que acontecera a ela nesse ínterim era mais do que podia suportar. Nunca em toda a sua existência ele experimentara o lamento que sentia agora. Mas estava feito! Ele sucumbira à tentação. Acordara o corpo semi apodrecido que jazia naquela vitrine. E precisava encontrar os resultados de sua irresponsabilidade. Precisava saber se existia uma fagulha de intelecto nela! Ah, mas a quem ele enganava? Ela dissera seu nome!

Virou-se e desceu apressado o beco. Um disfarce, era disso que precisava. E não tinha tempo para comprar um. Devia pegá-lo onde pudesse. Lavanderia, ele vira cordas de lavanderia. Correu, até ver outra corda estendida sobre uma passagem estreita à sua esquerda. Trajes beduínos: a peça de mangas compridas e o adereço de cabeça. Puxou esses na hora. Jogando fora o casaco, vestiu-os, e então cortou um pedaço da corda para amarrar ao redor da cabeça. Agora parecia um árabe, exceto pelos olhos claros. Mas sabia onde poderia conseguir um par de óculos escuros. Vira-os no bazar. E aquele era o único caminho de volta ao museu. Voltou numa carreira desabalada.

Henry bebera quase até cair desde que voltara do Shepheard's no dia anterior. A breve conversa com Elliott tivera um efeito peculiar sobre ele de alguma forma; minara os nervos. Tentou se lembrar de que odiava Elliott

Savarell e que ele próprio estava para ir à América, onde nunca mais veria Elliott ou ninguém igual a ele.Mas o encontro o assombrava. A cada vez que ele ficava um pouco sóbrio, tornava a ver Elliott, olhando para ele com um desprezo absoluto. Ele ouvia o ódio frio na voz de Elliott. Elliott tinha um bocado de coragem para se voltar contra ele dessa forma.

Anos atrás, depois de um breve e estúpido caso, Henry teve o poder de destruir Elliott, mas não o fizera senão porque teria sido uma coisa cruel de se fazer. Ele sempre presumira que Elliott estivesse grato por isso; que a paciência e educação de Elliott assinalavam essa gratidão. Pois Elliott sempre fora infalivelmente cortês com ele ao longo dos anos. E nem tanto ontem. E a coisa terrível sobre isso era que o ódio que Eliott exibia era uma imagem refletida do ódio que Henry sentia por todos os que conhecia. Isso havia tornado Henry amargo. E também o amedrontara.

Tenho de fugir deles, todos eles, ele raciocinou. Não fazem nada senão me criticar e me julgar erradamente quando eles próprios não valem nada. Quando eles deixassem o Cairo, ele iria se limpar, parar de beber, voltar ao Shepheard's e dormir em paz por alguns dias. Então faria a barganha com o pai e iria para a América com a fortuna considerável que economizara. Mas, por enquanto, não tinha a intenção de acabar com a diversão. Não haveria jogo de cartas hoje; iria descansar, e beber o scotch sem distrações; apenas cochilar na sua cadeira de rotim, e comer a comida que Malenka preparasse para ele, como e quando escolhesse. A própria Malenka estava se tornando uma chata. Havia acabado de cozinhar um desjejum inglês para ele e queria que ele fosse à mesa. Dera-lhe um tapa com as costas da mão, e pedira que o deixasse sozinho.

Não obstante, ela continuava com seus preparativos. Ele podia ouvir a chaleira apitando. Ela colocara os pratos de porcelana na mesinha de vime no jardim. Ora, ao diabo com ela. Ele tinha três garrafas de scotch, o que era bastante. Talvez ele a trancasse do lado de fora se tivesse uma chance. Adorava a ideia de ficar ali totalmente sozinho. Bebendo, fumando e sonhando. E talvez ouvindo o gramofone. Estava até se acostumando àquele maldito papagaio. Enquanto ele cochilava agora, o papagaio guinchava e subia para frente e para trás, para cima e para baixo, dentro da gaiola. Papagaios cinza africanos gostavam de fazer coisas assim. Na verdade, a coisa mais parecia um enorme besouro para ele. Talvez ele devesse matá-lo quando Malenka não estivesse aqui. Sentia-se flutuando, cochilando, nos limites do sonho. Tomou mais um gole de scotch, tão suave, e deixou a cabeça rolar para o lado. A casa de Julie; a biblioteca; aquela coisa nos seus ombros; o grito curvado no fundo da garganta.

- Deus! - Pulou para a frente na cadeira, e o copo caiu de suas mãos. Se esse sonho pudesse parar...

Elliott teve de parar para recuperar o fôlego. Os dois olhos bulbosos olhavam para ele sobre a sarja preta. Parecia que eles tentavam se fechar um pouco pela luz do sol, mas as pálpebras meio carcomidas não se fechavam totalmente. A mão da mulher puxou o véu mais forte, como se quisesse se esconder do olhar dele. Sussurrando suavemente em latim, ele implorou por paciência. A carruagem era incapaz de chegar muito perto da casa para onde estava indo. Só mais alguns passos. Limpou sua testa com um lenço. Mas espere um momento. A mão. A mão que segurava o tecido preto sobre a boca. Olhou novamente. Ela estava mudando ao sol. A ferida que expunha os ossos dos dedos estava quase fechada. Olhou para ela por um momento; então tornou a ver seus olhos. Sim, as pálpebras haviam se enchido um pouco e agora havia pestanas longas, negras, bonitas curvando-se para cima, ocultando a ruína leprosa da carne. Ele envolveu-a com seu braço novamente; imediatamente ela se aninhou nele, uma coisa suave e trêmula. Deixou escapar um suspiro suave. Subitamente ficou consciente do perfume que se desprendia dela, um perfume rico, doce e completamente delicioso. E o cheiro de pó, de lama, para falar a verdade, do fundo do rio... mas isso era muito fraco. O perfume era forte e almiscarado. Podia sentir o calor dela escapando por entre a sarja preta. Meu Deus, o que é esta poção! Do que ela é capaz?

- Calma, calma, minha cara - disse em inglês. - Estamos quase chegando. Aquela porta no final.

Sentiu o braço dela ao seu redor. Com uma poderosa pressão ela o ergueu levemente, tirando a pressão de seu pé esquerdo dormente. A dor em seus quadris amainou. Ele deu uma pequena gargalhada de alívio. Na verdade, ele quase teve um acesso de riso. Mas não riu. Simplesmente continuou andando, permitindo que ela o ajudasse, até que ele alcançasse a porta. Lá ele descansou por um instante, e então bateu com o punho direito. Não podia dar mais um passo. Passou-se um longo momento durante o qual ele não ouviu nada. Bateu mais. Então veio o som da fechadura destravando, e Henry apareceu, apertando os olhos, a barba por fazer, vestido apenas num robe de seda verde.

- O que diabos você quer?

- Deixe-me entrar. - Empurrou a porta e levou a mulher com ele para dentro. Desesperada, ela abraçou-o, escondendo o rosto. Lentamente, ele viu que

o lugar era luxuriante: tapetes, mobília, vasos de decantação brilhando numa mesinha de mármore. Do outro lado do arco, uma beldade morena num traje de dança - obviamente Malenka - havia acabado de servir uma bandeja de comida fumegante. Pequenas laranjeiras se acumulavam contra a parede caiada do jardim.

- Quem é esta mulher? - Henry perguntou.

Ainda abraçando-a com força, Elliott pelejou para se sentar na cadeira. Mas podia ver que Henry estava olhando para os pés da mulher. Ele vira os ossos aparecendo no degrau de entrada. Um olhar de nojo passou pelo rosto de Henry, um olhar intrigado.

- Quem é ela? Por que você a trouxe pra cá? Então, convulsivamente, Henry recuou, batendo no pilar que dividia o arco do quintal, a cabeça batendo perigosamente na pedra. - O que ela tem de errado? - perguntou ele.

- Paciência, vou lhe contar tudo - sussurrou Elliott.

A dor no peito era tão ruim agora que ele mal podia formar as palavras. Acomodando-se na cadeira de rotim, sentiu a mão da mulher afrouxar. Levantou a cabeça, e percebeu que ela vira a mesinha do outro lado da sala, as garrafas de vidro reluzindo à luz que vinha do jardim. Ela foi até o líquido, gemendo. A roupa de sarja preta escorregou de sua cabeça e depois de seus ombros, revelando totalmente os ossos das costelas brilhando através dos buracos nas costas, e os restos de roupa que mal ocultavam sua nudez.

- Pelo amor de Deus, não entre em pânico - gritou Elliott.

Mas era tarde demais. O rosto de Henry ficou branco, a boca retorcia-se e tremia. Atrás dele, no jardim, Malenka deixou escapar um grito a plenos pulmões. A criatura ferida largou a garrafa com um enorme gemido aflito. A mão de Henry ergueu-se do bolso, o sol brilhando no tambor de um pequeno revólver de prata.

- Não! Henry! - gritou Elliott.

Tentou se levantar, mas não conseguiu. O disparo explodiu com o mesmo volume atordoante das armas no museu. O papagaio guinchava em sua gaiola. A mulher ferida gritou quando recebeu a bala no peito, cambaleando para trás, e depois deixou escapar um grande grito ao correr para Henry.

Os sons que saíam de Henry mal eram humanos. Toda a razão o abandonara. Correu para o jardim, disparando a arma várias vezes. Gritando de agonia, a mulher chegou perto dele, derrubando a arma de sua mão e pegando-o pela garganta. Numa valsa horrível eles lutaram, Henry arranhando-a desesperado, e os próprios dedos descarnados dela fechando-se no seu pescoço. A mesa de vime virou, a porcelana espatifando-se nos azulejos. Tropeçaram nas laranjeiras, as folhas pequenas derramando-se como numa ducha. Aterrorizada, Malenka encolheu-se contra a parede.

- Elliott, me ajude! - gritou Henry.

Estava sendo curvado para trás, os joelhos se dobrando e as mãos caindo, agarrando estupidamente os cabelos da criatura. De algum modo Elliott conseguiu alcançar o limite do arco. Mas apenas a tempo de ouvir os ossos se partirem. Estremeceu ao ver o corpo de Henry amolecer e cair suavemente, um embrulho de seda verde, no chão. A criatura recuou, cambaleando e gemendo, e então soluçando, a boca novamente contorcida numa careta, como no museu, os dentes expostos. A roupa esfarrapada que a cobria estava rasgada num dos ombros, os bicos rosa-escuros dos seios apareciam através do linho puro. Grandes manchas de sangue sujavam as bandagens ainda atadas ao seu torso, tiras de tecido caíam-lhe das coxas a cada passo. Os olhos, injetados e molhados de lágrimas, olhavam o morto e depois a comida esparramada, o chá quente fumegando ao sol. Lentamente ela se ajoelhou. Pegou os bolinhos e enfiou-os todos na boca. Lambeu o chá derramado de quatro. Passou os dedos na geleia e chupou-os freneticamente. Enfiou as unhas no bacon e depois engoliu as fatias finas todas. Num profundo silêncio, Elliott a observou. Estava vagamente consciente de Malenka correndo silenciosa em sua direção, e ficando atrás dele. Deliberadamente, ele respirou fundo várias vezes, ouvindo ao mesmo tempo as marteladas fortes de seu coração. A criatura devorou a manteiga; os ovos ela esmagou e abriu as cascas com os dentes.

Finalmente a comida acabou. Mas ela permaneceu ali, de joelhos. Olhava as próprias mãos estendidas. O sol batia direto no pequeno jardim. Brilhava em seus cabelos escuros. Aturdido, Elliott continuava observando. Não conseguia absorver ou julgar o que via. O choque contínuo de tudo o que testemunhara era grande demais. De repente a criatura se virou e deitou no piso pavimentado. Esticou-se toda, chorando como se fosse num travesseiro macio, a mão arranhando os ladrilhos cozidos. Então ela rolou de costas, de frente para a luz do sol, livre das pequenas sombras verdes das árvores. Por um momento ela olhou para o céu flamejante, e então os olhos pareceram rolar para trás da

cabeça. Só aparecia a metade da íris, uma meia-lua pálida.

- Ramsés - ela murmurou.

O peito se movia devagar com a respiração. Mas, fora isso, ela estava imóvel. O conde virou-se e estendeu os braços para Malenka. Apoiando-se fortemente nela, ele lutou para voltar à cadeira. Podia sentir a morena tremendo. Descansou quieto sobre as almofadas bordadas, e repousou a cabeça contra o espaldar alto de rotim, que pinicava. Isto tudo é um pesadelo, ele pensou. Mas não era. Ele vira essa criatura ressurgir dos mortos. Ele a vira matar Henry. O quê, em nome de Deus, ele podia fazer? Malenka continuava perto de seu braço, mas foi caindo lentamente de joelhos. Os olhos estavam arregalados e vazios, a boca escancarada. Ficou olhando para o jardim. Moscas rodeavam o rosto de Henry. Desceram sobre os restos da refeição derramada.

- Calma, calma, nada vai machucar você - sussurrou Elliott. O calor no peito se dissipava, muito devagar. Sentia um pouco de calor na mão esquerda. - Ela não vai machucar você, prometo. - Umedeceu os lábios secos com a língua, então de algum modo conseguiu continuar. - Ela está doente; e preciso cuidar dela. Ela não vai machucar você, está entendendo?

A egípcia agarrou-o pelo pulso, a testa contra o braço da cadeira. Depois de um longo momento, ela disse:

- Polícia não - ela implorou numa voz que quase não dava para ouvir. - Nenhum inglês entra minha casa.

- Polícia não - murmurou Elliott. - Polícia não. Não queremos polícia. Ele queria dar palmadinhas em sua cabeça, mas não conseguia se mover. Ficou olhando feito um tolo para a luz do sol e para o morto.

- Eu cuido do... - murmurou a mulher. - Eu levo meu inglês. Polícia não vem.

Elliott não entendeu. O que ela estava dizendo? Então lentamente ele compreendeu.

- Pode fazer isso? - ele perguntou baixo.

- Sim, eu posso. Amigos vêm. Levam inglês.

- Sim, então está certo. - Ele suspirou e a dor no peito aumentou. Tentou,

aos poucos, enfiar a mão direita no bolso e puxar seu clipe de dinheiro. Mal sendo capaz de mover os dedos da mão esquerda, puxou notas de dez libras. - Para você - disse ele. Fechou os olhos novamente, exausto pelo esforço. Sentiu o dinheiro arrancado da mão. - Mas você precisa tomar cuidado. Não pode dizer a ninguém o que viu.

- Não digo a ninguém. Eu cuido... Esta casa aqui é minha. Meu irmão deu.

- Sei, entendo. Só vou ficar aqui um pouco. Isso eu lhe prometo. Vou levar a mulher comigo. Mas por ora, você terá que ter paciência, e vai ter mais dinheiro, muito mais.

Mais uma vez ele olhou para o clipe de dinheiro. Puxou as notas sem contar e forçou-as na mão dela. Então tornou a se deitar, e fechou os olhos. Ouviu-a caminhar suavemente sobre o tapete. Então ela o tocou novamente. Quando ele ergueu os olhos, ela estava envolta em preto, e tinha na mão outro manto negro dobrado.

- Você cobre - murmurou ela. E com os olhos, apontou para o jardim.

- Eu cubro - murmurou ele. E fechou os olhos novamente.

- Você cobre! - ele ouviu-a dizer desesperada. E mais uma vez ele disse que cobria. Com grande alívio ele ouviu-a sair, e fechar a porta da rua.

Vestido nos longos e fluidos trajes beduínos, Ramsés andou pelo museu, entre os turistas que se espremiam, olhando à frente pelos vidros escuros o espaço vazio no fim do corredor onde estivera o vidro de exposição. Não havia sinal de que jamais estivera ali! Nem vidro quebrado nem madeira partida. E o frasco que ele havia deixado cair, sumira. Mas onde ela poderia estar? O que aconteceu com ela? Angustiado, pensou nos soldados que o cercaram. Será que ela caíra nas mãos deles? Continuou a caminhar, virando a esquina, olhos se movendo pelas estátuas e sarcófagos. Se ele conhecera angústia igual em todos aqueles séculos, não conseguia se lembrar. Não tinha direito de estar caminhando ali entre homens e mulheres, de respirar o mesmo ar. Não conseguia pensar em onde ir ou o que fazer. Se não descobrisse alguma coisa logo, ficaria completamente louco.

Talvez um quarto de hora tivesse se passado, talvez menos. Cobri-la, sim. Não, tirá-la do jardim antes que os homens chegassem. Ela jazia no chão, estuporada, de vez em quando murmurando coisas no sono. Agarrando a

bengala, levantou-se. Sua perna esquerda estava sensível novamente, e isso queria dizer que havia dor. Foi para o quarto. Havia uma enorme cama antiga, estilo vitoriano, contra a parede direita, o mosquiteiro de filó branco apanhando o jorro de luz que vinha pelas persianas abertas. Bem à esquerda da janela havia uma cômoda. E mais ao canto ainda, um armário, as portas de espelho abertas, revelando uma fileira de jaquetas de lã e casacos.

Em cima da cômoda, um pequeno gramofone portátil com uma trompa. Ao seu lado havia um conjunto de discos numa caixa de papelão. "Aprenda Inglês", diziam as letras pretas grandes. Havia outro disco, de músicas para dançar. Um cinzeiro. Diversas revistas e uma garrafa de scotch pela metade. Podia ver um banheiro adequado por uma porta do lado direito da cama. Tubulação de cobre e toalhas .Foi na outra direção, passando por uma porta para outra câmara que formava a parede norte do jardim, com todas as persianas fechadas. Ali a beleza morena guardava seus trajes exóticos de dança e as bijuterias. Mas uma das cabines estourava com vestidos ocidentais rendados também. Havia sapatos ocidentais, guarda-chuvas rendados e dois chapéus inacreditavelmente rendados. Mas para que serviam essas roupas quando a coisa ferida precisava era ser oculta de olhos curiosos? Achou os costumeiros vestidos muçulmanos muito bem dobrados numa gaveta do fundo. Então ele podia dar a ela roupas novas... isto é, se Malenka permitisse que ele comprasse aquelas roupas.Parou na porta para recuperar o fôlego. Ficou olhando para a coisa real à luz do sol, o cortinado flutuando preso num dossel circular, que mais parecia uma coroa. O momento parecia de transe, de êxtase. Imagens da morte de Henry passaram em flashes ante seus olhos. Mas não sentia nada. Nada... exceto talvez por um horror frio que roubava até mesmo o próprio desejo de viver. Desejo de viver. Ele tinha o frasco no bolso. Tinha algumas gotas do precioso líquido!

Isso também não o afetava; não acabava com seu langor. A empregada morta no museu; Henry morto no jardim. A coisa deitada lá fora no sol! Não conseguia raciocinar. Por que se preocupar em tentar? Tinha de encontrar Ramsés, disso estava certo. Mas onde estava Ramsés? O que as balas fizeram a ele? Será que estava sendo mantido preso pelos homens que o capturaram?

Mas primeiro a mulher; tinha de levá-la para dentro e escondê-la para que o corpo de Henry pudesse ser levado. Ela poderia acabar atacando os homens que viessem buscar Henry. E olhá-la uma vez podia mexer com eles muito mais. Mancando para o jardim, tentou clarear a mente. Ele e Ramsés não eram inimigos. Agora eram aliados. E talvez... Mas já não tinha espírito para tais sonhos e ambições agora: só o que devia ser feito no momento. Deu alguns

passos cautelosos na direção da mulher adormecida sobre o piso azulejado do pátio. O sol do meio-dia queimava, e subitamente ele ficou com medo por ela, por causa disso; tampou os olhos para olhá-la: pois certamente não podia estar vendo o que achava que via. Ela gemeu intranquila; estava sofrendo: mas uma mulher de grande e excepcional beleza jazia ali! Sim, um grande pedaço de osso branco brilhava por entre seus cabelos negros, e um pedacinho de cartilagem aparecia em seu maxilar. Na verdade, sua mão direita ainda tinha dois dedos que não passavam de ossos, o sangue escorrendo da cartilagem nas articulações. E a ferida no peito dela ainda estava ali, escancarada, revelando uma faixa de costelas brancas, coberta por uma fina membrana cheia de pequenas veias vermelhas. Mas o rosto tinha assumido seu contorno humano completo! Uma cor viva despontava nas faces bem construídas. A boca tinha um formato exótico e rude. E a carne tinha até um belo tom oliva. Os bicos dos seios tinham um tom escuro de rosa, os seios cheios e firmes.O que estava acontecendo? Será que o elixir levava tempo para fazer efeito?

Timidamente, ele se aproximou. O calor o atacou. Sua cabeça começou a rodar. Lutando novamente para não perder a consciência, correu para o pilar atrás e firmou-se ali, olhos ainda fixos na mulher que agora abria os olhos pálidos, cor de avelã. Ela mexeu-se incomodada, erguendo a mão direita e olhando-a novamente. Certamente ela sentia o que estava acontecendo consigo. Na verdade, parecia que as feridas lhe doíam. Ofegante, ela tocou o pedaço de carne aberta e ensanguentada na mão. Mas se entendia que estava sendo curada, não deu mostras. Deixou o braço cair cansado e fechou novamente os olhos. Tornou a chorar, baixinho.

- Ramsés - disse ela, como se ainda estivesse dormindo.

- Venha comigo - Elliott falou com ela suavemente em latim. - Venha para dentro, para uma cama adequada. Ela olhou para ele, atordoada. - O sol quente também está lá - disse ele.

E assim que disse essas palavras, percebeu. Era o sol que a estava curando! Ele o vira trabalhando sobre a mão dela quando vinham pelas ruas. Era a única parte exposta além dos olhos, e eles também estavam sendo curados. E fora o sol o que despertara Ramsés. Era esse o significado de toda a estranha linguagem no caixão, de que o sol não deveria penetrar na tumba. Mas não havia tempo para ponderar ou questionar. Ela tinha se sentado; os trapos haviam caído por completo de seus seios nus, e o rosto, que olhava para ele, era lindamente anguloso, as faces levemente sombreadas, olhos cheios de luz fria. Ela deu-lhe a

mão, então viu os dedos ossudos e retirou-a com um silvo.

- Não, confie em mim - ele disse em latim.

Ajudou-a a se levantar. Levou-a pela casinha até o quarto. Ela estudava os objetos ao redor. Com os pés, examinou o macio tapete persa. Ficou olhando o pequeno gramofone. O que o disco preto parecia para ela? Ele tentou conduzi-la até a cama, mas ela não se movia. Vira o jornal sobre a cômoda; e agora ela o agarrava e via o anúncio da ópera: a generosa egípcia e seu amante guerreiro, e o esboço das três pirâmides atrás deles, e as palmeiras egípcias em forma de leque. Ela soltou um gemido de aflição ao estudar isso. Então seu dedo se moveu sobre as colunas em inglês, e ela olhou para Elliott, os olhos arregalados, vítreos e ligeiramente loucos.

- Minha linguagem - ele disse a ela em latim. Inglês. Isto é um anúncio de um drama com música. Chama-se ópera.

- Fale em inglês - ela lhe disse em latim. Sua voz era áspera mas adorável. - Digo que fale.

Um som na porta. Ele a pegou pelo braço e levou-a para um lado, fora de vista.

- Estranhos - ele disse em inglês e repetiu imediatamente em latim. Continuou nessa linha, alternando idiomas, traduzindo para ela. - Deite e descanse, que já lhe trago comida.

Ela inclinou a cabeça para um lado, ouvindo os ruídos que vinham do outro quarto. Então seu corpo se moveu com um violento espasmo e ela pôs a mão na ferida no peito. Sim, elas a machucavam, essas terríveis úlceras que porejavam, pois era o que pareciam. Mas havia ainda outra coisa de errado com ela, segundo seus súbitos movimentos desconjuntados, e a maneira como cada ruído a assustava. Rapidamente ele a levou para a cama, e, afastando a rede, forçou-a a se deitar sobre os travesseiros rendados. Um ar de grande alívio passou por ele quando ela se deitou. Tornou a tremer violentamente, dedos dançando agora sobre os olhos, tentando instintivamente tapar o sol. Certamente ele devia cobri-la; só lhe restavam agora alguns trapos, finos como papel, mas ela precisava do sol. Abriu as persianas opostas, deixando todo o calor entrar. Então correu a fechar a porta que levava à sala de estar, e deu uma olhada pela janela que se abria para o jardim. Malenka estava justamente abrindo o portão do jardim. Dois homens haviam entrado com um tapete enrolado. Desenrolaram-no sobre o

pavimento, levantaram o corpo de Henry, jogaram-no sobre o tapete e o enrolaram novamente. A visão dos membros inertes deixou Elliott enojado. Engoliu em seco, e aguardou o aumento cada vez maior de pressão sobre o peito.

Então ouviu um choro suave que vinha da cama. Voltou para a mulher e olhou para ela. Não sabia dizer se a cura ainda continuava. E então pensou no frasco em seu casaco. Por um momento ele hesitou. Quem não hesitaria? Mas só havia algumas gotas. E ele não aguentava ver a dor que ela sentia. As mortes que ela causara; foram quase acidentes. E como era impossível medir sua confusão e tormento. Ela olhou para ele, apertando os olhos como se o brilho a machucasse. E, suavemente, em latim, ela perguntou seu nome. Por um momento ele não conseguiu responder. Seu tom simples evidenciara uma inteligência natural. E era inteligência agora que ele via nos olhos dela. Isto é, ela não parecia mais louca ou desorientada. Apenas uma mulher sofrendo.

- Perdoe-me - ele respondeu em latim. - Elliott, Lorde Rutherford. Em minha terra, eu sou um lorde.

Maliciosa, ela o analisou. Sentou-se, e estendeu a mão para o lençol dobrado aos pés da cama; puxou-o para cobrir-se até a cintura. A luz do sol faiscava em seus cabelos negros, e uma vez mais ele viu os tentáculos dançando em seu rosto. Suas sobrancelhas negras eram lindamente desenhadas, altas e com o espaço certo entre as duas. Seus olhos cor de avelã eram magníficos.

- Posso perguntar o seu nome? - ele disse em latim. Um sorriso amargo surgiu nos lábios dela.

- Cleópatra - respondeu. - Em minha terra, eu sou uma rainha.

O silêncio pairava. Um calor leve o atravessava, profundamente diferente da dor de outros choques. Ele olhou no fundo dos olhos dela, incapaz de responder. E então uma grande alegria apossou-se dele, obliterando todos os medos e tristezas de sua alma.

- Cleópatra - murmurou espantado e cheio de respeito.Em latim, ela disse:

- Fale comigo em inglês, Lorde Rutherford. Fale a língua com que você se dirigiu à escrava. Fale a língua escrita aqui no livro. Traga-me comida e bebida, pois estou precisando.

- Sim - ele respondeu em inglês. Repetiu a afirmativa em latim. - Comida e bebida. - E você precisa me dizer... - ela começou, mas então parou. A dor no

corpo era muito grande, e então ela tocou frenética a ferida na cabeça. - Diga-me... - ela tentou novamente, e então olhou para ele totalmente confusa.

Ela obviamente lutava para se lembrar; então foi tomada de pânico, e fechou as mãos sobre a cabeça, fechando os olhos e começou a chorar.

- Calma, espere, eu tenho o remédio - murmurou ele.

Sentou-se devagar no lado da cama. Tirou o frasco do paletó. Ainda havia meio centímetro de fluido nele, brilhando de forma que não era natural. Ela estudou o frasco com suspeitas. Observou enquanto ele o abria. Ele o levantou, gentilmente tocando o cabelo dela com a mão esquerda; mas ela o impediu. Apontou para as pálpebras, e ele viu que lá ainda havia pequenos pontos onde a pele parecia carcomida. Ela tomou o frasco, pingou uma gota ou duas nos dedos e esfregou-as nas pálpebras. Elliott estreitou os olhos para ver a ação do produto. Quase podia ouvi-lo, um ruído fraco de coisas estalando. Agora, desesperada, ela pegou todo o conteúdo do frasco e derramou-o sobre o buraco aberto no peito. Esfregou-o com os dedos da mão esquerda, gemendo baixinho, e então tornou a deitar-se, tossindo suavemente, a cabeça caindo sobre os travesseiros, e depois quieta. Vários minutos se passaram. Ele estava fascinado pelo que via. Mas a cura só fora até ali, e depois parara. Suas pálpebras estavam agora inteiramente normais, e realmente, suas pestanas eram uma franja negra completa. Mas a ferida no lado estava pior do que nunca. Somente agora ele se apercebia de que ela era Cleópatra, e que Ramsés havia topado com o corpo do seu amor perdido. Agora é que estava ficando claro para ele por que Ramsés fizera o que fizera. Atordoado, perguntou a si próprio como seria ter tamanho poder. Ele sonhara com a imortalidade, mas não com o poder de concedê-la. E aquele era o poder não apenas de garantir a imortalidade, mas de triunfar sobre a morte. Mas as implicações... elas o desconcertavam. Essa criatura, o que se passava na sua cabeça? Na verdade, de onde viera uma mente como a dela? Deus, ele tinha de achar Ramsey!

- Vou pegar mais remédio - ele disse em inglês, traduzindo imediatamente para o latim. - Vou trazê-lo aqui para você, mas você precisa descansar agora. Precisa ficar aqui no sol. - Apontou para a janela.

Usando as duas línguas, explicou que o sol estava fazendo o remédio funcionar. Ela olhou para ele meio sonolenta. Repetiu sua frase em inglês, imitando o sotaque com perfeição. Mas seus olhos tinham um brilho esgazeado e profundamente insano. Murmurou alguma coisa em latim quanto a não ser capaz

de se lembrar e então começou a chorar novamente. Ele não suportava ver isso. Mas o que mais podia fazer? O mais rápido que pôde, foi até a outra sala e lhe trouxe uma garrafa de bebida, um conhaque forte e de gosto acentuado, e imediatamente ela o tomou das mãos e bebeu inteiro. Os olhos ficaram turvos por um instante. E então ela gemeu novamente, de pura dor. O gramofone. Ramsey adorava música. Ramsey estava enfeitiçado por ela. Elliott foi até a maquininha e examinou os poucos discos empilhados ao lado. Montes de besteiras de aprender língua inglesa. Ah, ali estava o que queria: Aída. Caruso no papel de Radamés. Abriu a caixa e colocou a agulha no disco. Ao primeiro som tênue da orquestra, ela se sentou na cama; ficou olhando horrorizada. Mas ele foi até ela e tocou seu ombro gentilmente.

- Ópera, Aída - disse ele. Procurou as palavras em latim para explicar que aquilo era uma caixa de música; ela funcionava por partes encaixadas. - A música era de um homem para seu amor egípcio.

Ela desceu da cama e cambaleou passando por ele. Estava agora quase inteiramente nua, e sua forma era realmente bela, os quadris estreitos e as pernas bem proporcionadas. Tentou não olhar para ela; não ficar olhando para os seios dela. Aproximando-se lentamente, ergueu a agulha do gramofone. Ela gritou com ele. Uma saraivada de maldições explodiu de sua boca em latim.

- Faça com que a música continue!

- Sim, mas quero mostrar a você como - disse a ela.

Tornou a colocar a braço da máquina de volta, e baixou a agulha. Só então a profunda selvagem dissipou-se da expressão dela. Ela começou a gemer no ritmo da música, e então colocou as mãos na cabeça, e fechou os olhos bem apertados. Ela começou a dançar, balançando freneticamente de um lado para o outro. Vê-la dançar era apavorante, mas ele sabia onde tinha visto esse mesmo tipo de dança antes. Entre crianças seriamente feridas: uma reação atávica ao ritmo ao som. Ela não reparou quando ele escapuliu para lhe trazer comida.

Ramsés comprou o jornal da banca inglesa e abriu caminho devagar por entre o bazar apinhado. ASSASSINATO NO MUSEU, MÚMIA ROUBADA: EMPREGADA MORTA. Logo abaixo da manchete, o seguinte título: MISTERIOSO EGÍPCIO PROCURADO COMO SUSPEITO. Ele procurou os detalhes, e então amassou o jornal e jogou-o fora. Caminhava com a cabeça baixa, braços dobrados sob a túnica árabe. Será que ela matara aquela serviçal? E por que fizera isso? E como conseguira escapar?

Claro que os oficiais tinham de estar mentindo, mas isso parecia improvável. Não tinha havido tempo bastante para tais artifícios. E ela tivera a oportunidade, pois os guardas estavam ocupados falando a respeito. Tentou ver novamente o que vira naquele salão sombrio: a horrenda monstruosidade que ele ressuscitara do estojo. Ele vira a coisa cambalear em sua direção; ouvira a voz rouca, quase gorgolejante. Vira a atitude de sofrimento estampada no rosto meio carcomido! O que ele podia fazer? Naquela manhã, pela primeira vez desde que fora um mortal, pensou nos deuses. No museu, ante os restos dela antigos cantos lhe vieram à lembrança; palavras ancestrais que ele pronunciara perante o povo e no templo obscuro cercado de sacerdotes. E agora, na rua quente e repleta de pessoas, ele se descobriu sussurrando novamente velhas orações.

Julie estava sentada no velho sofá de chintz da sala de sua suíte apertada. Estava feliz por Alex ao seu lado, segurando sua mão. Samir estava em pé, quieto, ao lado da única poltrona vazia. Do outro lado, dois oficiais britânicos sentados. Miles Winthrop, de pé perto da porta, as mãos atrás das costas, parecia miserável. O mais velho dos dois oficiais, um homem chamado Peterson, tinha um telegrama na mão.

- Mas veja a senhora, senhorita Stratford - disse ele com um sorriso condescendente -, com uma morte em Londres e agora uma outra aqui no Cairo...

- Como o senhor sabe que estão relacionadas? - perguntou Samir. - Este homem em Londres. Você disse que ele era um homem que fazia empréstimos ilegais!

- Ah, Tommy Sharples, sim, a profissão dele era essa.

- Ora, o que é que o senhor Ramsey iria querer com ele? - perguntou Julie. E notável que eu pareça tão calma, pensou, quando estou ficando louca por dentro.

- Senhorita Stratford, a moeda de Cleópatra achada no bolso do morto está relacionada a esses assassinatos. Certamente ela veio de sua coleção. E idêntica às cinco moedas catalogadas.

- Mas não é uma das cinco moedas. Você me disse isso.

- Sim, mas veja a senhora, encontramos diversas outras aqui no Shepheard's.

- Não estou entendendo.

- No quarto do senhor Ramsey. Silêncio. Samir limpou a garganta.

- Vocês revistaram o quarto dele?

Foi Miles quem respondeu:

- Julie, eu sei que ele é um amigo muito querido seu, e toda essa situação é dolorosa. Mas esses assassinatos... são extraordinariamente viciosos. E você precisa nos contar qualquer coisa que possa nos ajudar a prender esse homem.

- Ele não matou ninguém em Londres!

Miles continuou como se não tivesse ouvido essa explosão, com uma civilidade de enlouquecer.

- Agora, o conde, precisamos também falar com o conde, e no momento não podemos encontrá-lo. - Olhou para Alex.

- Não sei onde meu pai está - disse Alex, indefeso.

- E Henry Stratford, onde podemos encontrá-lo?

Os dois egípcios corriam pelas ruas estreitas do velho Cairo, com o cobertor sobre os ombros, o corpo fazendo um grande peso no calor do meio-dia. Mas o corpo valia o suor e o tempo gasto, pois o retorno seria grande. Com os meses de inverno se aproximando, os turistas desceriam aos montes para o Egito. Acharam um corpo bom e bonito na hora certa. Finalmente chegaram à casa de Zaki, ou "a fábrica", como era conhecida por eles em sua própria língua. Através do portão do jardim, eles entraram correndo, com seu troféu para dentro da primeira de uma série de salas mal iluminadas. Não repararam nas múmias encostadas contra a parede de pedra quando passaram, ou no grande número de corpos escuros, coriáceos, sobre as mesas na sala. Só o fedor dos produtos químicos os incomodava. E esperaram impacientes a chegada de Zaki.

- Belo corpo - disse um dos homens aos operários que mexiam uma panela gigantesca de betume no centro da sala. Um grande leito de carvões o mantinha borbulhando, e era da panela que vinha o mau cheiro.

- Ossos bons? - perguntou o homem.

- Ah, sim, ossos ingleses bonitos.

O disfarce era bom. Milhares de beduínos parecidos andavam pelo Cairo. Não ficaria melhor se estivesse invisível, isto é, quando tirava os óculos de sol que ocasionalmente provocavam olhares. Guardou-os no bolso sob o traje listrado quando entrou no jardim de trás do Shepheard's Hotel. Os garotos egípcios de pele morena, cuidando de um carro a motor, nem levantaram os olhos quando ele passou. Andando ao longo da parede, por trás das árvores frutíferas, aproximou-se de uma pequena porta discreta. Do lado de dentro, uma escada dos fundos, sem tapete. Esfregões, vassouras, um balde na entrada. Pegou a vassoura e subiu as escadas devagar. Tinha medo do momento inevitável em que Julie perguntaria o que ele fizera.

Ela estava sentada à beira da cama, comendo da bandeja que ele colocara à sua frente, sobre a mesinha de vime do jardim. Agora vestia uma camisola fina, a única peça de roupa íntima que encontrara no armário de Malenka. Ajudara-a a se vestir. Malenka preparara a comida para ele - frutas, pão, queijo e vinho - mas não se aproximava do quarto. O apetite da criatura era forte, e ela comia quase selvagemente. As garrafas de vinho, ela bebera como se fossem água. E embora ela permanecesse no sol forte, a cura não progredira, disso ele estava absolutamente certo. Quanto a Malenka, ela continuava tremendo na sala da frente. Por quanto tempo poderia controlá-la, Elliott não tinha certeza. Deu uma escapulida e foi ter com ela. Achou-a encolhida, braços dobrados, contra a outra parede.

- Não fique assustada, querida - ele disse a ela.

- Meu pobre inglês - ela disse num sussurro.

- Eu sei, minha cara, eu sei.

Mas aí estava, ele não sabia. Sentou-se novamente na cadeira de pavão, e retirou mais algumas notas. Fez um sinal para que ela se aproximasse e as pegasse. Mas ela ficou simplesmente olhando para ele, olhos perdidos, tremendo, e então virou a cabeça para a parede.

- Coitado do meu inglês - disse ela. - A esta hora está no caldeirão.

Será que ele tinha ouvido direito?

- Que caldeirão? - perguntou. - O que é que você está dizendo?

- Estão fazendo do meu inglês um grande faraó. Meu lindo inglês. Colocam ele no betume, fazem dele uma múmia para turista comprar.

Ele estava chocado demais para responder. Desviou o olhar, incapaz de formular as palavras mais simples.

- Meu inglês lindo, envolvem ele em linho; fazem dele um rei.

Ele queria dizer "Pare", não podia ouvir mais. Mas ficava apenas sentado ali, em silêncio, até que subitamente o som do gramofone o assustou: o som de uma voz aguda falando inglês vinha do outro quarto. Os discos de inglês. Ela os havia encontrado. Tinha certeza de que isso a distrairia, de que eles lhe dariam um pouquinho de descanso. Mas houve um enorme barulho de algo se quebrando. O espelho. Ela o quebrara. Ele se levantou e correu em sua direção; ela estava balançando para frente e para trás no tapete, o vidro quebrado espalhado pela cômoda inteira, por todo o chão ao seu redor, o gramofone tocando.

- Regina. - disse ele. - Bella Regina Cleopatra.

- Lorde Rutherford - ela gritou. - O que aconteceu comigo! Que lugar é este? - Rapidamente ela soltou uma longa torrente de palavras numa língua estranha, e então as palavras deram lugar a gritos histéricos roucos, um após o outro, finalmente se tornaram um único choro.

Zaki inspecionou a operação. Observou-os afundar o corpo nu do inglês bem no fundo do fluido verde viscoso. Antigamente ele embalsamaria esses corpos; levaria aos extremos a duplicação do processo original. Mas isso não era mais necessário. Os ingleses não eram mais tão espertos para desembrulhá-los em suas festas em Londres. Era apenas necessário mergulhá-los por completo em betume, e então as bandagens poderiam ser aplicadas.Aproximou-se do tanque; estudou o rosto do inglês flutuando abaixo da superfície. Ossos bons, isso era verdade. Era disso que os turistas gostavam: de ver um rosto de verdade por baixo das bandagens. E aquele rosto iria realmente parecer muito bom.

Uma batida suave na porta.

- Não quero ver ninguém - disse Julie.

Estava sentada no sofá da saleta de sua suíte, ao lado de Samir, que a abraçava enquanto ela chorava. Ela não conseguia compreender o que havia acontecido. Sem dúvida Ramsés estivera no museu, fora ferido seriamente e escapara. Mas o assassinato da empregada, ela não podia acreditar que ele fizesse uma coisa dessas.

- O roubo da múmia, isso eu compreendo - ela dissera a Samir momentos antes. - Ele conhecia aquela mulher; sabia quem era ela. Não pôde suportar ver o corpo violado por mais tempo, e então correu para retirá-la.

- Mas nenhuma das peças se encaixa - disse Samir.

- Se o fizeram prisioneiro, quem então retirou a múmia? - Parou enquanto Rita atendia a porta.

Julie virou-se, captou de relance um árabe alto em pé, vestido numa túnica larga. Ia se virar quando percebeu o brilho de olhos azuis. Era Ramsés. Ele empurrou Rita e fechou a porta. Imediatamente ela correu para seus braços. Não sabia quais eram suas dúvidas, ou seus temores. Abraçou-o, enterrando o rosto no seu pescoço. Sentiu os lábios dele roçarem sua testa, e então o abraço dele ficou mais forte. Beijou-a na boca, com força, mas também com carinho. Ela ouviu o murmúrio urgente de Samir.

- O senhor, está em perigo. Procuram-no por toda parte.

Mas ela não podia soltá-lo. Vestido com aquela túnica graciosa, ele parecia ainda mais estranho ao mundo dela. O amor puro e precioso que sentia por ele aguçou-se ao ponto da dor.

- Você sabe o que aconteceu? - murmurou ela. - Uma mulher no museu foi assassinada e estão acusando você do crime.

- Eu sei, minha querida - ele disse tranquilo. - A morte está na minha cabeça. E horrores piores ainda.

Ela olhou para ele, tentando aceitar suas palavras. Então as lágrimas tornaram a brotar, e ela cobriu o rosto com as mãos.

Ela estava sentada na cama, olhando estupidificada para ele. Será que ela entendia quando ele lhe dizia que o vestido era muito bom? Ela imitava as palavras do gramofone num inglês perfeito: "Gostaria de um pouco de açúcar no meu café. Gostaria de um pouco de limão no meu chá." Então se calava. Ela deixou-o abotoar os botões de pérola; ela ficou olhando divertida enquanto ele amarrava o laço da saia rosa. Ela deu uma gargalhada maliciosa e levantou a perna contra os gomos pesados da saia.

- Bonito, bonito - disse ela. Isso ele havia ensinado em inglês. - Bonito vestido.

Ela passou por ele de súbito e apanhou uma revista na cômoda e olhou as fotos de mulheres. Então ela perguntou novamente, em latim:

- Que lugar é este?

- Egito - respondeu ele.

Dissera isso repetidas vezes. Então vinha o olhar vazio, e então o olhar de dor. Timidamente ele ergueu a escova, e levou-a aos cabelos dela. Cabelos belos, finos, Tão negros que eram quase azulados. Ela suspirou, ergueu os ombros; adorava que ele a penteasse. Uma risada baixinha escapou de seus lábios.

- Muito bom, Lorde Rutherford - disse ela em inglês. Ela arqueou as costas e moveu os braços, lânguida, uma gata se espreguiçando, as mãos exoticamente graciosas, paradas no ar.

- Bela Regina Cleópatra - suspirou ele. Seria seguro deixá-la agora? Poderia fazer com que ela compreendesse? Talvez se Malenka ficasse do lado de fora, à frente da porta trancada, até que ele voltasse. - Preciso ir agora, Majestade. Preciso conseguir mais do remédio se eu puder.

Ela virou-se, olhou para ele sem entender. Ela não sabia do que ele estava falando! Seria possível que ela nem sequer se lembrasse do que acontecera momentos antes? Ela estava tentando se lembrar.

- De Ramsés - disse ele.

Uma fagulha brincou em seus olhos, então uma sombra enorme sobre o rosto. Ela murmurou alguma coisa, mas ele não ouviu.

- Bom Lorde Rutherford - disse ela.

Ele passou a escova com firmeza. Seus cabelos eram agora uma grande cascata suave de ondulações. Seu rosto assumira uma expressão muito estranha; a boca estava entreaberta; as faces ardiam. Ela virou-se e acariciou o rosto dele. Ela disse alguma coisa rápida em latim que significava que ele possuía o conhecimento de um velho e a boca de um jovem. Ele ficou intrigado, tentando pensar enquanto ela o olhava nos olhos. Parecia que sua própria consciência das coisas flutuava; num momento ela era aquela criatura profundamente aflita da qual devia cuidar; noutro, a grande Cleópatra, e o choque o atingiu novamente. Lasciva, essa mulher; a sedutora de César. Ela se aproximou. Parecia que a perspicácia havia voltado. Então o braço dela envolveu seu pescoço. Os dedos

dela acariciaram seus cabelos. Quente a carne dela. Meu Deus, a mesma carne podre e negra que ficara sob aquele vidro sujo, aquela mesma massa grossa e impenetrável como alcatrão. Mas aqueles olhos, aqueles olhos de avelã madura com pontinhos amarelos nas pupilas, impossível que eles tivessem tornado a viver daquela sujeira escura. A sujeira da morte...

Os lábios dela tocaram os dele num relance. As bocas se abriram e ele sentia a língua dela deslizando entre seus dentes. No mesmo instante seu sexo se agitou. Mas isso era loucura. Ele era incapaz. Seu coração, a dor nos ossos, ela não podia... ela pressionou os seios contra ele. Podia sentir o calor que emanava deles por sob a roupa. A renda, os botões de pérola; eles só a faziam parecer ainda mais deliciosamente selvagem. Sua visão escureceu, ele viu os ossos nus dos dedos dela enquanto ela procurava afastar seus cabelos da testa, enquanto o beijo se tornava mais insistente e sua língua se enfiava mais dentro da boca. Cleópatra, amante de César, de Marco Antônio e de Ramsés, o Maldito. Ele fechou os braços na cintura dela. Ela voltou aos travesseiros de renda, puxando-o por sobre ela. Ele gemeu alto, a boca mordendo-a. Deus, possuí-la. Sua mão levantava as saias de seda e se enfiava entre as pernas dela. Umidade, pelos quentes, lábios úmidos.

- Bom, Lorde Rutherford - ela disse em latim. Seus quadris se chocavam contra os dele, contra seu sexo intumescido, pronto para ser libertado. Ele abriu rapidamente os poucos botões. Quantos anos haviam se passado desde que fizera aquilo com tanta pressa? Mas não havia dúvida do que iria acontecer agora. - Ah, me possua, Lorde Rutherford! - ela sussurrou num sibilo. - Enfia tua adaga em minha alma! E é assim que morro. Não dos horrores que testemunhei. Mas disto, que está além de minhas forças e é, no entanto irresistível.

Beijou-a quase cruelmente, seu sexo latejando entre as coxas molhadas. As gargalhadas doces e malditas borbulhavam para fora dela. Ele fechou os olhos ao mergulhar- na fonte pequena e apertada.

- Não pode ficar aqui, senhor - disse Samir. - O risco é muito grande. Estão vigiando a entrada. Certamente estamos sendo seguidos por toda parte. E, senhor, eles revistaram seu quarto, encontraram as moedas antigas. Podem ter encontrado... mais do que isso.

- Não. Não havia mais nada lá para ser encontrado. Mas preciso falar com vocês dois.

- Algum lugar secreto - disse Julie. - Onde possamos nos encontrar.

- Isso eu posso arranjar - disse Samir. - Mas preciso de umas duas horas. Pode me encontrar do lado de fora da Grande Mesquita às três horas? Estarei vestido como o senhor.

- Vou com vocês! - insistiu Julie. - Nada vai me deixar de fora.

- Julie, você não sabe o que fiz - sussurrou Ramsés.

- Ah, então você tem que me contar - disse ela. - Samir pode conseguir essas roupas tanto para mim quanto para você.

- Ah, como eu te amo - murmurou Ramsés muito baixo. - E preciso de você. Mas para seu próprio bem, Julie, não...

- Seja o que for, eu vou ficar do seu lado.

- Senhor, vá agora. Há policiais por toda parte deste hotel. Vão voltar para nos fazer perguntas. Na mesquita. Três horas.

A dor no seu peito era forte, mas não estava morrendo. Desabou sobre uma cadeirinha de madeira perto da cama. Precisava de uma bebida da garrafa da outra sala, mas não tinha forças para pegá-la. Tudo o que conseguiu fazer foi abotoar lentamente a camisa. Virou-se para olhar para ela uma vez mais, o rosto macio e de cera dormindo. Mas agora os olhos estavam abertos. Ela se sentou e entregou-lhe o frasco de vidro.

- Remédio - disse ela.

- Sim, vou buscar. Mas você tem que ficar aqui. Entendeu? - Primeiro explicou em latim. - Você está segura aqui. Precisa permanecer nesta casa. Parecia que ela não queria isso.

- Onde você vai? - perguntou. Olhou ao redor; olhou a janela ao lado da cama, aberta para o abrasador sol da tarde e uma simples parede caiada. - Egito. Não acredito que este seja o Egito.

- É sim, minha cara, é. E preciso tentar achar Ramsés.

Aquela fagulha novamente, e então a confusão, e subitamente o pânico. Mas levantou-se; não podia mais adiar isso. Só podia torcer e rezar para que Ramsés tivesse de algum modo escapado de seus captores. Certamente Julie e Alex haviam contratado os advogados adequados. Fosse qual fosse o caso, precisava tentar chegar ao hotel.

- Não demoro, Majestade - disse a ela. - Retornarei com o remédio assim que puder.

Ela parecia não confiar nele. Observou com ar de suspeita quando ele saiu do quarto. Malenka ainda estava agachada no canto da sala de estar. Tremia e olhava para ele com olhos vazios, estúpidos.

- Minha cara, me escute - disse ele. Achou a bengala ao lado da mesinha de bebidas e apanhou-a. - Quero que você saia comigo, tranque a porta e monte guarda.

Será que a garota havia entendido? O olhar dela o atravessara; virou-se e viu Cleópatra na porta: descalça, os cabelos despenteados, de forma que novamente ela parecia muito selvagem no vestido inglês de seda cor-de-rosa. Olhava para Malenka. A garota encolheu-se choramingando. O nojo e o medo eram patentes nela.

- Não, não, querida. Venha comigo - disse Elliott.- Não tenha medo, ela não vai machucar você.

Malenka estava aterrorizada demais para ouvir ou obedecer. Seus gritos dignos de pena ficavam cada vez mais altos. O rosto inerme de Cleópatra se transformou numa máscara de ódio. Ela se aproximou da mulher indefesa, que olhava para os ossos nus na mão e no pé da outra.

- Ela é só uma serva - disse o conde, estendendo a mão para o braço de Cleópatra.

Ela virou-se e deu-lhe um tapa, jogando-o para trás e ele caiu sobre a gaiola do papagaio. Quando Malenka deu um grito de pura histeria, o pássaro começou a guinchar frenético, batendo as asas contra as barras. Elliott tentou se firmar. A garota precisava parar de gritar. Era um desastre. Cleópatra, olhando do pássaro que guinchava para a mulher que berrava, parecia também à beira da histeria. Então ela partiu para cima da mulher, agarrando-a pelo pescoço e forçando-a a cair de joelhos, como fizera com Henry horas antes.

- Não, pare. - Elliott atirou-se para cima dela.

Desta vez não podia deixar isso acontecer, e uma vez mais sentiu o poderoso golpe arremessá-lo a metros de distância. Caiu contra a parede, a mão sobre o reboco. Então ouviu aquele ruído, aquele ruído indizível. A garota estava morta. Cleópatra quebrara seu pescoço. O pássaro parara de guinchar. Malenka

jazia de costas para o tapete, a cabeça torcida num ângulo impossível, os olhos castanhos entreabertos. Cleópatra estava em pé, olhando para ela, pensativa. Então disse em latim:

- Está morta.

Elliott não respondeu. Agarrou a beirada da mesinha de tampo de mármore e se pôs de pé. A sensação de latejar do peito não significava nada para ele. Nada podia se comparar à dor era sua alma.

- Por que você fez isso? - murmurou ele.

Ah, mas por acaso ele era louco para fazer uma pergunta daquelas àquela criatura? Esta coisa cujo cérebro estava danificado, sem dúvida, assim como o corpo, por mais bonita que fosse. Quase inocente, ela olhou para Elliott. Então tornou a olhar para a morta.

- Diga-me, Lorde Rutherford, como vim parar aqui? - Seus olhos quase se fecharam. Ela se aproximou dele. Na verdade, ela estendeu o braço e sem esforço ajudou-o a se levantar. Pegou a bengala e colocou-a em sua mão esquerda. - De onde eu vim? - perguntou ela. - Lorde Rutherford! - Ela curvou-se para a frente, os olhos ficando arregalados e cheios de terror. - Lorde Rutherford, eu estava morta? Ela não esperou que ele respondesse; o grito veio em pulsos. Ele abraçou-a, e pôs a mão na sua boca.

- Ramsés trouxe você aqui. Ramsés! Você o chamou. Você o viu.

- Sim! - Ela ficou quieta, sem lutar, simplesmente segurando o pulso dele. - Ramsés estava lá. E quando eu... quando eu o chamei, ele fugiu de mim. Como a mulher, ele fugiu de mim! O mesmo olhar nos olhos dele.

- Ele queria voltar para você. Outros o impediram. Agora preciso pegá-lo. Você entende? Precisa ficar aqui! Precisa esperar por mim. - Ela olhou para além dele. - Ramsés está com o remédio - disse ele. - Vou trazê-lo de volta.

- Quanto tempo?

- Algumas horas - disse ele. - Estamos no meio da tarde. Volto antes de anoitecer.

Ela tornou a gemer, e apertou o polegar curvado nos dentes, olhando para o chão. Parecia de repente com uma criança, uma criança que lutava com um

enorme quebra cabeça.

- Ramsés - murmurou.

Obviamente ela não tinha certeza de quem era ele. Ele deu-lhe umas palmadinhas gentis no ombro; então, com o auxílio de sua bengala, aproximou-se do corpo da garota. O que, em nome dos céus, ele ia fazer com aquilo? Deixá-lo aqui para apodrecer? Como ele podia enterrá-lo no jardim, quando mal podia andar como estava? Fechou os olhos e deu uma risada amarga. Parecia que mil anos haviam se passado desde que vira seu filho, ou Julie, ou os quartos civilizados de um lugar comum como o Shepheard's Hotel. Parecia que mil anos haviam se passado desde que fizera alguma coisa normal ou amara alguma coisa normal; ou acreditara nisso; ou fizera os sacrifícios que a normalidade exigia.

- Vá, vá buscar o remédio - ela lhe disse.

Colocou-se entre ele e a morta. Abaixou-se e ergueu Malenka pelo braço direito. Sem esforço, arrastou a mulher pelo tapete, passando pelo pássaro que soluçava, e teve a felicidade de ficar quieto, e atirou o cadáver da mulher no jardim como se fosse uma boneca de palha. O corpo caiu de cara na parede do outro lado. Não pense agora. Vá para Ramsés. Vá!

- Três horas - ele disse, usando mais uma vez os dois idiomas. - Tranque a porta quando eu sair. Vê a tranca? Ela se virou e viu a porta. Assentiu.

- Muito bem, Lorde Rutherford - ela disse em latim. - Antes de escurecer. Ela não trancou a porta.

Ficou em pé ali, as mãos na madeira nua, ouvindo-o se afastar. Levaria um bom tempo até que ele sumisse de vista. E ela precisava sair daquele lugar! Precisava ver onde estava! Aquilo não podia ser o Egito. E ela não conseguia entender por que estava ali, ou por que tinha tanta fome, e não conseguia se satisfazer, ou por que sentia esse desejo agudo e enervante de estar nos braços de um homem. Teria forçado novamente Lorde Rutherford se ela não quisesse que ele fosse cumprir a tarefa. Mas a tarefa; subitamente as coisas não estavam claras. Ele ia pegar o remédio, mas o que era o remédio?

Como ela podia viver com as enormes feridas abertas que tinha? Mas apenas um momento atrás ela percebera alguma coisa a esse respeito, alguma coisa a ver com a mulher morta, aquela irritante escrava cujo pescoço ela quebrara. Ah, mas a coisa a se fazer era sair dali, enquanto Lorde Rutherford não

estava ali para chamar-lhe a atenção como um professor e mandá-la ficar. Meio atordoada, ela se lembrou das ruas que vira antes, cheias daquelas coisas monstruosas e barulhentas feitas de metal; cheias de mau cheiro e ruído ensurdecedor. Quem eram as pessoas que ela vira ao seu redor? Mulheres com as mesmas roupas que ela vestia. Naquele instante ela ficou horrorizada; mas seu corpo estava cheio de dores e aflições. Agora estava cheio de fortes desejos. Ela não devia ficar com medo. Devia ir.

Voltou ao quarto. Abriu a "revista" chamada Harper's Weekly e olhou os desenhos de mulheres bonitas naqueles estranhos vestidos que as prendiam no meio como se fossem insetos. Então olhou para si mesma no espelho da porta do armário. Precisava de uma coberta para a cabeça, e de sandálias. Sim, sandálias. Rapidamente ela vasculhou o quarto, e achou-as num armário de madeira: sandálias com ouro trançado no couro, e pequenas o bastante para seus pés; e uma coisa estranha grande com flores de seda, uma coisa como as que se usaria em dias de chuva. Deu uma gargalhada quando olhou para isso. Então colocou-o na cabeça, e amarrou as fitas sob o queixo. Agora ela parecia muito com as mulheres nos retratos. Exceto pelas mãos.

O que ela ia fazer com as mãos? Olhou os ossos nus do indicador direito. Estavam cobertos por uma fina camada de pele, mas era como seda, mais fina que o tecido. Podia ver sangue; mas era transparente. E a simples visão dos ossos a fazia se sentir tonta e confusa novamente. Uma lembrança: alguém de pé sobre ela. Não, não comece de novo. Ela precisava amarrar a mão em alguma coisa, um bandagem. A mão esquerda seria suficiente. Ela se virou e começou a procurar no armário de roupas femininas. E então ela fez uma deliciosa descoberta! Duas peças pequenas de seda feitas para as mãos. Eram brancas, e tinham pérolas costuradas! Cada uma tinha cinco dedos e era talhada para se encaixar precisamente na mão. Isso era perfeito. Ela as calçou; esconderam completamente os ossos de fora.

Ah, a maravilha que eram esses "tempos modernos", como Lorde Rutherford os chamara. Esses tempos de caixas de música e "carros a motor", como ele os chamava, as coisas que ela vira esta manhã, por toda parte, como enormes hipopótamos que rugiam nos rios. Como Lorde Rutherford chamaria essas coisas, estas roupas para as mãos? Ela estava perdendo tempo. Foi até a cômoda, apanhou umas moedinhas que havia ali e colocou-as no bolso lateral oculto na saia pesada. Quando abriu a porta da frente, olhou de relance para o cadáver no jardim, jogado contra a parede. Alguma coisa, o que era, ela tinha de entender, mas simplesmente não ficava clara. Alguma coisa...

Tornou a ver aquela figura difusa de pé sobre ela. Tornou a ouvir as palavras sagradas. Uma língua que ela conhecia falando com ela. Esta era a língua de seus ancestrais, você precisa aprendê-la. Não, mas isso tinha sido outro tempo. Estavam num salão iluminado cheio de mármore italiano, e ele estava ensinando a ela. Desta vez, estava escuro e quente e ela lutara para sair, como se estivesse no fundo de um poço, os membros fracos, a água esmagando-a, a boca cheia de água, e ela não conseguia gritar.

- Seu coração bate novamente; você volta à vida! Você é mais uma vez jovem e forte; você existe, agora e para sempre. - Não, não chore novamente! Não lute para se lembrar, para ver.

A figura se afastando; olhos azuis. Ela conhecera aqueles olhos azuis. Assim que eu o bebi, aconteceu. A sacerdotisa me mostrou no espelho... olhos azuis. Ah, mas de quem era essa voz? Essa voz que dissera a prece na escuridão, a antiga prece sagrada para se abrir a boca da múmia?

Ela chamara seu nome! E ali, naquela pequena e estranha casa, Lorde Rutherfòrd também dissera o nome. Lorde Rutherford tinha ido... Voltar antes do escurecer. Não havia jeito. Ela olhou pelo arco para o corpo morto. Precisava sair para aquela terra estranha. E precisava se lembrar de que era extremamente fácil matá-los, quebrar-lhes os pescoços como galhos secos. Saiu apressada, sem fechar a porta. As casas caiadas de cada lado pareciam-lhe familiares e bonitas. Ela conhecera cidades assim. Talvez aquele fosse o Egito, mas não, não podia ser. Ela correu, prendendo bem as fitas para que o estranho adereço da cabeça não voasse. Tão fácil andar rápido. E o sol lhe fazia tão bem. O sol. Num relâmpago ela o vislumbrou cascateando de um alto portal numa caverna. Uma persiana de madeira fora levantada. Ela ouviu o rangido da corrente. Então passou a lembrança, se é que fora mesmo uma lembrança. Acorda, Ramsés. Este era o nome dele. Mas agora ela não se importava. Estava livre para andar por essa estranha cidade, livre para descobrir, para ver!

Samir comprou diversas roupas beduínas na primeira loja do velho Cairo que as vendia. Entrou num pequeno restaurante, um beco sujo de um lugar cheio de franceses abandonados à própria sorte, e lá vestiu o traje solto que o disfarçaria, enfiando os outros - os que comprara para Julie - debaixo do braço, por dentro do traje. Ele gostava dessa roupa solta de camponês, que era infinitamente mais antiga que os ternos e chapéus que a maioria dos egípcios vestia. Na verdade, era provavelmente o mais antigo modo de se vestir ainda existente: a túnica longa e solta dos viajantes do deserto. Nela se sentia livre, e a

salvo de todos os olhos. Correu ao longo das ruelas tortuosas do Cairo árabe, na direção da casa de seu primo Zaki, um homem de quem não gostava, mas que lhe daria exatamente o que queria com mais facilidade e eficiência do que qualquer outro. E quem sabia por quanto tempo Ramsés deveria se esconder no Cairo? Quem sabia como esses mistérios seriam resolvidos?

Quando chegou à fábrica de múmias do primo - certamente um dos lugares mais desagradáveis de todo o mundo conhecido - entrou pelo portão lateral. Uma carga de corpos recém enfaixados cozinhava no sol forte da tarde. Do lado de dentro, sem dúvida, outros estavam sendo fervidos no caldeirão. Um empregado solitário cavava uma trincheira agora, dentro da qual essas múmias ficariam por alguns dias, para ficarem marrons, como se estivessem na terra úmida.

Isso revoltava Samir completamente, embora tivesse ido àquela pequena fábrica muito tempo atrás, como garoto, antes de aprender que existiam múmias de verdade, os corpos dos antigos ancestrais a serem estudados, a serem salvos do roubo e da mutilação, e preservados.

- Procure ver desta maneira - argumentou seu primo Zaki certa vez. - Somos melhores que os ladrões, que vendem nossos antigos governantes em pedaços aos estrangeiros. O que vendemos não é sagrado. É falsificado.

O bom e velho Zaki. Samir ia fazer um sinal para um dos homens que estava lá dentro, um homem que estava na verdade ocupado enfaixando um corpo. Mas então o próprio Zaki surgiu da casinha fedorenta.

- Ei, Samir! Que bom ver você, primo. Vamos tomar um café, primo.

- Agora não, Zaki, preciso de sua ajuda.

- Claro, você não estaria aqui se não precisasse. Samir aceitou a ironia com um sorrisinho humilde.

- Zaki, preciso de um lugar seguro, uma casinha com uma porta segura e uma entrada dos fundos. Secreta. Para alguns dias, talvez mais. Não sei.

Zaki deu uma gargalhada bem-humorada, mas com um pouco de malícia.

- Ah, então o primo culto, o que todos respeitam, vem me pedir um esconderijo?

- Não me questione, Zaki. - Samir tirou um maço de notas de baixo da

túnica. Entregou para o primo. - Uma casa segura. Eu posso pagar.

- Está certo, eu conheço o lugar certo - disse Zaki. - Venha para a casa e tome café comigo. Uma respirada e você se acostuma com o cheiro.

Por décadas Zaki dizia isso. Samir nunca se acostumou com o cheiro. Mas agora se sentia compelido a fazer o que o primo queria, e seguiu-o até a "sala de embalsamamento", um lugar miserável onde havia sempre um caldeirão de betume e outros produtos químicos borbulhando, aguardando um novo corpo a ser nele atirado. Ao passar por ali, Samir reparou que o caldeirão tinha uma nova vítima. Isso o enojou. Desviou o olhar, mas não sem que antes tivesse captado um relance dos cabelos negros do pobre-diabo flutuando livre na superfície, o rosto logo abaixo.

- Que tal uma múmia fresquinha? - Zaki mexeu com ele. - Direto do Vale dos Reis. Diga uma dinastia, eu lhe dou! Homem, mulher, o que você quiser!

- O esconderijo, primo.

- Sim, sim. Tenho várias casas vagas. Primeiro o café, e depois o mando para lá com uma chave. Diga-me o que você sabe sobre o roubo do museu. A múmia que foi roubada, era genuína?

Atordoado, Elliott entrou no saguão do Shepheard's. Sabia que estava desalinhado, que as calças e até o paletó estavam cheios de sujeira e areia. A perna esquerda doía, mas ele não sentia mais. Não se importava com o fato de que, sob a camisa amarrotada e o paletó, ele estava molhado de suor. Sabia que devia estar aliviado por estar ali... seguro e distante de todos os horrores que testemunhara, os horrores de que tinha tomado parte. Mas isso lhe parecia irreal; ele não escapara da atmosfera da casinha.

Por todo o caminho de volta do velho Cairo, enquanto o motorista o conduzia através do tráfego insuportável, ele havia pensado, Malenka está morta porque eu levei a mulher até lá. Henry ele não podia lamentar. Mas Malenka ficaria para sempre em sua alma. E o assassino, sua monstruosa rainha ressuscitada. O que ele faria com ela se não pudesse achar Ramsey? Quando ela se voltaria contra ele?A coisa a se fazer agora era encontrar Samir, pois ele saberia onde Ramsey estaria. Não estava preparado para Alex correndo para cima dele, e o abraçando e tentando impedir sua ida à recepção.

- Pai, graças a Deus o senhor está aqui.

- Onde está Ramsey? Preciso falar com ele agora mesmo. Pai, o senhor não sabe o que aconteceu? Estão procurando por ele em todo o Cairo. Ele é procurado por assassinato, pai, tanto aqui quanto em Londres. Julie está louca. Todos estamos atordoados. E Henry, não conseguimos achar Henry! Pai, onde o senhor estava?

- Você fica com Julie, tome conta dela - disse ele. - Deixe sua americana, a senhorita Barrington, esperar. Tentou ir até o balcão da recepção.

- A senhorita Barrington foi embora - disse Alex com um gesto de dispensa. - Toda a família mudou de ideia esta manhã, depois que a polícia veio interrogá-los sobre Ramsés e nós.

- Lamento, filho - murmurou ele. - Mas você precisa me deixar agora, tenho que encontrar Samir.

- Então o senhor está com sorte. Ele acabou de chegar.

Alex fez um gesto para o caixa. Samir aparentemente acabava de assinar um recibo bancário para mais dinheiro. Estava contando as notas e colocando-as de lado. Tinha um embrulho debaixo do braço. Parecia apressado.

- Deixe-me sozinho agora, meu garoto - disse Elliott ao correr na direção de outro. Samir levantou a cabeça na hora em que Elliott alcançou a mesa de mármore. Puxou Samir de lado. - Preciso vê-lo - sussurrou Elliott. - Se você sabe onde ele está, preciso vê-lo.

- Meu lorde, por favor. - Samir olhou em volta, lenta e casualmente abrangendo todo o saguão. - As autoridades estão procurando por ele. As pessoas estão nos observando agora.

- Mas você sabe quem é ele. Ou como enviar-lhe uma mensagem. Você sabe tudo sobre ele, desde o começo. Os olhos de Samir tornaram-se inescrutáveis. Foi como se uma porta tivesse se fechado firmemente em sua alma. - Diga esta mensagem para ele. Samir começou a se afastar. - Diga que eu tenho ela. Samir hesitou.

- Mas quem? - sussurrou ele. - O que o senhor quer dizer?

Elliott agarrou-lhe o braço com força outra vez.

- Ele sabe. E ela sabe quem é também! Diga a ele que eu a levei do museu.

E estou com ela em lugar seguro. Fiquei com ela o dia inteiro.

- Não entendo o senhor.

- Ah, mas ele entenderá. Agora me escute com cuidado. Diga a ele que o sol a ajudou. Isso a curou, é também o... o remédio do frasco. O conde tirou do bolso o frasco vazio e o pôs na mão de Samir. Samir ficou olhando para ele como se tivesse medo daquilo; como se não quisesse tocá-lo e não soubesse o que diabos faria com aquilo agora que estava com ele. - Ela precisa de mais! - disse Elliott. - Ela está ferida, por dentro e por fora. Está louca. - Pelo canto do olho, viu Alex se aproximando, mas fez um gesto pedindo paciência, e aproximou-se ainda mais de Samir. - Diga a ele que deve me contatar às sete da noite. No café francês chamado Babilônia, na zona árabe. Não falarei com ninguém senão ele.

- Mas espere, o senhor precisa explicar...

- Já lhe disse. Ele vai entender. E sob nenhuma circunstância ele deve me contatar aqui. é perigoso demais. Não quero meu filho metido nisso. No Babilônia às sete. E diga a ele mais uma coisa. Ela matou três vezes. E matará de novo.

Deixou Samir abruptamente, virando-se para o filho e pedindo a mão amiga de Alex.

- Venha, me leve para cima - disse ele. - Preciso descansar. Estou quase desmaiando.

- Meu Deus, pai, o que está acontecendo?

- Ah, isso é você quem tem que me dizer agora. O que aconteceu desde que saí? Ah, e a recepção. Diga à recepção que não vou falar com ninguém. Eles não devem ligar para meu quarto. Ninguém deve subir.

Só mais alguns passos, pensou ele enquanto as portas do elevador se abriam. Se pudesse apenas chegar até uma cama limpa. Estava tonto agora; e perto de vomitar. Estava feliz pelo filho, que o segurava firme pelos ombros, e não o deixaria cair. Assim que alcançou o quarto, perdeu totalmente o equilíbrio. Mas Walter estava lá, e ele e Alex o ajudaram até a cama.

- Quero ficar sentado - ele disse cansado, como um velho inválido.

- Vou lhe preparar um banho, meu lorde, um bom banho quente para relaxar.

- Faça isso, Walter, mas traga-me uma bebida primeiro. Scotch, e deixe a garrafa ao lado do copo.

- Pai, eu nunca vi o senhor assim. Vou chamar o médico da casa.

- Não vai! - disse Elliott. Seu tom de voz assustou Alex. - Por acaso Lady Macbeth teria se beneficiado com um médico? Acho que um médico não teria sido de muita ajuda para ela.

- Pai, o que é isso tudo? - A voz de Alex baixara para um sussurro, como sempre fazia quando ele estava realmente aborrecido. Ficou olhando enquanto Walter punha o copo na mão de Elliott. Elliott tomou um gole do uísque.

- Ah, isso é bom - suspirou.

Naquela horrível casinha, aquela casa de morte e loucura, havia uma dúzia de garrafas de bebidas de Henry, mas mesmo assim não conseguiu tocá-las; não conseguiu beber de um copo que fora de Henry ou comer um pedaço da comida de Henry. Ele dera tudo para ela, mas não conseguia ele mesmo tocar a comida. E agora se deleitava com o calor doce do scotch, tão profundamente diferente da queimação no peito.

- Agora, Alex, você precisa me ouvir - disse ele, tomando outro gole. - Você vai deixar o Cairo imediatamente. Vai fazer suas malas agora e entrar no trem das cinco para Port Said. Eu mesmo vou levar você ao trem.

Seu filho pareceu, de repente, profundamente indefeso. Só um garoto, um doce garotinho. E este é meu sonho de imortalidade, pensou ele; e sempre esteve aqui. Meu Alex, que deve ir para casa agora, para a Inglaterra, onde ficará seguro.

- Isso está fora de questão, pai - Alex disse com a mesma gentileza. - Não posso deixar Julie aqui. Não quero que você deixe Julie. Você vai levar Julie consigo. Diga a ela que se apronte! Faça o que eu digo.

- Pai, o senhor não entende. Ela não vai partir até que Ramsey tenha sido inocentado. E ninguém consegue achar Ramsey. E ninguém consegue achar Henry também. Pai, até que esta questão esteja resolvida, não acho que as autoridades iriam deixar qualquer um de nós partir.

- Meu Deus.

Alex apanhou um lenço; dobrou-o com cuidado e passou na testa de Elliott. Tornou a dobrá-lo e ofereceu-o a Elliott. O pai o aceitou e limpou a boca.

- Pai, o senhor não acha que Ramsey tenha realmente cometido essas coisas terríveis, acha? Quero dizer, eu até que gostava de Ramsey!

Walter apareceu à porta.

- Seu banho está pronto, milorde.

- Pobre Alex - murmurou Elliott. - Pobre decente e honrado Alex.

- Pai, diga-me qual é o problema. Nunca vi o senhor assim. O senhor não é o mesmo.

- Ah, sim, sou eu mesmo. Meu verdadeiro eu. Desesperado e ardiloso e cheio de sonhos loucos como sempre. Eu mesmo demais. Sabe, meu filho, quando você herdar o título, provavelmente será o único conde de Rutherford decente e honrado em toda a nossa história.

- O senhor está sendo filosófico novamente. E não sou assim tão decente e honrado. Sou apenas bem criado, o que espero seja um substituto tolerável. Agora vá para o banho. Vai se sentir muito melhor. E não beba mais scotch, por favor. - Chamou Walter para que viesse ajudar o pai.

Miles Winthrop olhava para o telegrama posto em sua mão pelo homem que estava à sua frente.

- Prendê-la? Julie Stratford? Pelo roubo de uma múmia valiosíssima em Londres? Mas isso é loucura, tudo isso. Alex Savarell e eu freqüentamos a escola juntos! Vou entrar em contato com o Museu Britânico.

- Muito bem, mas faça-o já - disse o outro. - O governador está furioso. O Departamento de Antiguidades está pegando em armas. E ache Henry Stratford. Procure aquela companheira dele, aquela dançarina, Malenka. Stratford está em algum lugar do Cairo, e em apuros, pode estar certo. Enquanto isso, prenda alguém ou o velho vai ficar furioso.

- Ao diabo que prendo - murmurou Miles ao pegar o fone.

Ah, mas que bazar. Vendia-se tudo ali: ricos tecidos, perfumes, especiarias

e os estranhos aparelhos de tique-taque com números romanos; joalheria e cerâmica; e comida! Mas ela não tinha dinheiro para comprar a comida! O primeiro vendedor lhe dissera em inglês, e com gestos indiscutivelmente antigos que o dinheiro que ela tinha não era bom. Continuou andando. Escutava as vozes por toda sua volta, captando o inglês, tentando compreender.

- Não vou pagar tanto. É muito caro, o homem está tentando nos roubar...

- Só uma bebidinha, vamos lá. Está muito quente.

- Ah, e esses colares, que bonitos.

Risadas, ruídos horríveis. Ruídos enormes e irritantes! Ela os ouvira antes. Colocou as mãos sobre as orelhas por baixo do chapéu largo de abas moles. Continuou andando, tentando abafar o que a feria e ainda ouvir o que precisava para aprender. De súbito um som monstruoso - um som inconcebível - balançou-a e ela olhou para cima, à beira de um grito. As mãos não conseguiam abafa-lo. Ela tropeçou para frente, percebendo em seu pânico que as pessoas ao seu redor não estavam apavoradas! Mal prestavam qualquer atenção a isso. Tinha de solucionar aquele mistério! E embora as lágrimas descessem pelos olhos, ela continuou. O que ela viu subitamente a encheu de um pavor indizível. Ela não tinha palavras em qualquer língua para descrever aquilo.

Imenso, negro, movia-se para a frente, sobre rodas feitas de metal, uma chaminé sobre ele arrotando fumaça. O som era tão mais alto que os demais desapareciam. Grandes vagões de madeira o acompanhavam, acoplados por imensos ganchos de ferro preto. Toda a monstruosa caravana corria por sobre uma tira fina de metal sobre o chão. E o barulho ficava cada vez mais alto à medida que a coisa passava rolando por ela e entrava num enorme túnel no qual centenas de pessoas se aglomeravam como se tentando se aproximar dele. Ela soluçou alto, olhando para aquilo. Ah, por que ela deixara o esconderijo? Por que deixara Lorde Rutherford, que a teria protegido? Mas justo quando parecia que ela não podia ver nada pior do que essa estranha cadeia de vagões sacolejando que passava por ela, o último entrou no túnel e ela viu, além da trilha de metal, uma grande estátua de granito de Ramsés, o Grande, de pé com os braços cruzados, os cetros nas mãos em cruz. Num choque ela olhou para o colosso. Arrancada da terra que conhecia, a terra em que ela governava, aquela coisa de pé ali, grotesca, abandonada, horrível. Ela recuou. Mais outra das demoníacas carruagens estava chegando. Ela ouviu um grande ruído agudo que partiu dela, e então passou rugindo, obliterando a estátua. Sentiu-se girando por

dentro, distante de tudo aquilo, de volta à escuridão, de volta à água escura de onde viera. Quando abriu os olhos um jovem inglês estava de pé ao seu lado. Tinha um braço em seus ombros e a erguia e mandava que os outros se afastassem. Ela compreendeu que ele estava falando com ela, perguntando o que poderia fazer.

- Café - sussurrou ela. - Gostaria de um pouco de açúcar no meu café. - Palavras da máquina falante que Lorde Rutherford havia revelado a ela. - Gostaria de um pouco de limão no meu chá.

O rosto dele se iluminou.

- Ora, sim, é claro. Vou lhe pagar um café. Levarei a senhora até lá, até o café britânico!

Tomou-a nos braços. Ele era um jovem muito bonito e musculoso. E tinha olhos azuis, de cor tão rica, quase como o outro... Ela olhou para trás. Não fora um sonho. A estátua estava ali, sobre os caminhos de ferro; ela podia ouvir o troar das carruagens, embora não se visse nenhuma. Ela estava fraca novamente por um momento, tropeçando; ele a segurou. Ajudou-a durante todo o caminho. Ela escutou atentamente as palavras que ele dizia.

- Lá é um bom lugar. Você pode sentar, descansar. Sabe, você me deu um susto bem grande agora há pouco. Parecia até que você tinha levado uma pancada na cabeça.

O café. A voz do gramofone dissera: "vou encontrar você no café." Um lugar para tomar café, obviamente, para se reunir, conversar. E cheio de mulheres com aqueles vestidos, e de rapazes vestidos como Lorde Rutherford e aquela bela criatura, com os braços e pernas poderosos. Ela se sentou à mesinha de tampo de mármore. Vozes por toda parte.

- Ora, eu francamente acho que tudo aqui é super, mas você conhece mamãe, o jeito dela.

E:

- Estranho, não é? Dizem que o pescoço dela foi quebrado.

E:

- Ah, este chá está frio. Chame aquele garçom.

Ela observou o homem na mesa ao lado retirar tiras de papel impresso para o serviçal. Será que aquilo era dinheiro? O serviçal estava dando a ele moedas em troca. Uma bandeja com café quente fora colocada à sua frente. Ela estava com tanta fome que podia ter bebido o bule inteiro, mas sabia que era mais adequado deixar que ele o derramasse nas xícaras. Lorde Rutherford mostrara isso a ela. E sim, o jovem também fez isso. Sorriso bonito que ele tinha. Como dizer a ele que queria levá-lo para à cama imediatamente? Precisavam achar uma pousada pequena. Certamente essas pessoas tinham pousadas. Do outro lado, uma jovem disse rapidamente:

- Bem, eu não gosto nem de ópera. Não iria se eu estivesse em Nova York. Mas já que estamos no Cairo, espera-se que vamos à ópera e gostemos. Isso é ridículo.

- Mas, querida, é Aída. Aída.

- Celeste Aída. - Ela começou a cantarolar, muito baixo para que aquelas pessoas ouvissem. Mas seu companheiro a ouviu. Sorriu para ela, positivamente encantado. Levá-lo para a cama não seria nada. Descobrir uma cama é que seria difícil. Claro que ela poderia levá-lo de volta à casinha, mas era longe demais. Parou de cantar.

- Ah, não, não pare - disse ele. - Continue cantando.

Continue cantando, continue cantando. Esperar apenas um instante era o segredo, então o significado vinha de forma surpreendentemente clara. Ramsés havia lhe ensinado isso. No início, cada língua parece impenetrável. Você a fala; você ouve; e gradualmente ela se torna clara. Ramsés; Ramsés, cuja estátua estava entre as carruagens de ferro! Ela se virou, torcendo o pescoço para olhar pela janela: ora, a janela estava coberta por um pedaço gigante de vidro muito claro. Ela podia ver a sujeira acumulada. Mas por que faziam uma coisa dessas? "Tempos modernos", como dizia Lorde Rutherford. Bem, se podiam fazer aquelas carruagens monstruosas, podiam fazer um vidro daqueles.

- Você tem uma voz adorável, positivamente adorável. Por algum acaso vai à ópera? Todos no Cairo vão, ou ao menos é o que parece.

- O baile vai durar até o amanhecer - disse a mulher oposta à sua companheira.

- Bem, eu acho que isso é super. Estamos longe demais da civilização para

reclamar.

Ele riu. Também ouvira as mulheres.

- Parece que o baile será o acontecimento da temporada aqui.

- Vai acontecer no Shepheard's. - Tomou um gole de seu café. Era o sinal que ela esperava. Esvaziou a xícara inteira de um gole só.

Ele sorriu. Serviu-lhe outra vez.

- Obrigada - disse ela, imitando cuidadosamente o disco.

- Ah, mas você não quer açúcar?

- Acho que prefiro creme, se não se importa.

- Claro que não. - Pôs um gole de leite na sua xícara. Aquilo era creme? Sim, Lorde Rutherfòrd lhe dera o último restinho que a escrava tinha em casa.

- Você vai ao baile no Shepheard's? Eu e meu tio estamos hospedados lá. Meu tio tem negócios aqui.

Ele parou novamente. Para que ele estava olhando? Seus olhos? Seus cabelos? Ele era muito bonito; ela adorava a pele nova de seu rosto e do pescoço. Lorde Rutherfòrd era com certeza um homem bonito; mas este tinha a beleza da juventude. Ela estendeu a mão e sentiu o peito dele através da camisa de linho, e da seda que lhe cobria os dedos. Não deixe que ele sinta os ossos. Como ele parecia surpreso. As pontas dos dedos dela tocaram-lhe as mamas e ela deu-lhe um beliscão muito leve com o dedinho e o polegar. Ele ficou vermelho como uma virgem vestal. O sangue subiu forte ao rosto. Ela sorriu. Ele olhou em volta, para as duas mulheres do outro lado. Mas elas continuavam conversando.

- Simplesmente super!

- Sabe, eu comprei aquele vestido, gastei uma fortuna. Eu pensei, ora, se eu vou estar por aqui, e todo mundo vai...

- À ópera - riu a outra. - Todo mundo vai à ópera.

- Sim - disse ele, mas ainda estava pasmo pelo que ela fizera.

Esvaziou o bule em sua xícara e bebeu tudo. Então ela apanhou o jarrinho de leite e bebeu-o também. Pegou o açúcar e derramou-o na boca. Hum, disso

ela não gostou. Colocou-o de lado, e então deslizou a mão por baixo da mesinha e apertou a perna dele. Ele estava pronto para ela! Ah, pobre rapaz, pobre rapaz de olhos arregalados. Ela se lembrou do tempo em que ela e Marco Antônio levaram aqueles jovens soldados para a tenda, e tiraram a roupa deles, antes de fazer uma escolha. Aquele fora um jogo maravilhoso. Até que Ramsés descobriu. No fim, houve alguma coisa pela qual ele não a tivesse acusado? Mas este aqui era poderosamente amoroso! Ela o queria.

Ela se levantou da mesa. Dirigiu-se até a porta. Barulho do lado de fora. As carruagens. Ela não se importava. Se elas não assustavam toda aquela gente, certamente eram alguma coisa explicável. O que ela tinha de fazer agora era achar um lugar. Ele estava bem atrás dela, falando com ela.

- Venha - ela disse em inglês. - Venha comigo.

Um beco; ela o levou para lá, evitando as poças de lama. Ali havia sombras, e era mais quieto. Ela virou-se e passou os braços sob os dele. Ele se curvou para beijá-la.

- Ora, aqui não, logo aqui! - ele disse nervoso. - Moça, eu não acho...

- Eu digo aqui - sussurrou ela, beijando-o e enfiando a mão pelas roupas dele.

Quente sua pele, o que ela queria. Quente e de aroma adocicado. E tão pronto estava ele, o jovem fauno. Ela levantou as saias do vestido rosa. Acabou rápido demais; ela estremeceu agarrada a ele, os corpos colados, os braços dela envolvidos no pescoço dele. Ela o ouviu gemer ao se derramar dentro dela. Ficou quieto por um momento, quieto demais. Ela ainda estremecia; mas não conseguia atiçá-lo mais. Ele a soltou e encostou-se na parede, como se estivesse doente.

- Espere, por favor, me dê um momento - disse ele quando ela recomeçou a beijá-lo.

Ela o estudou por alguns segundos. Muito fácil. Snap. Então ela estendeu os braços, segurou sua cabeça firmemente entre as mãos, e torceu-a até o pescoço quebrar. Ela ficou olhando, do jeito que a mulher ficou olhando, e do jeito que o outro homem também olhara. Nada nos olhos. Nada. Então ele escorregou parede abaixo, as pernas bem separadas o estudou. Sentiu novamente aquela sensação aguda de um mistério, alguma coisa a ver com ela. Alguma

coisa a ver com o que ela acabara de fazer.

Lembrou-se da figura sombria em pé sobre ela. Apenas um sonho? "Levante, Cleópatra, eu, Ramsés, chamo você! Ah, não! O simples fato de tentar se lembrar causava uma dor lancinante em sua cabeça. Mas a dor não era física. Era dor da alma. Podia ouvir mulheres chorando, mulheres que conhecera. Mulheres chorando. Dizendo-lhe seu nome. Cleópatra. Então alguém cobriu seu rosto com um manto negro. Será que a cobra ainda estava viva? Parecia estranho que a cobra ainda continuasse assim? Sentiu uma vez mais a mordida das presas no seio. Ela deu um pequeno gemido e encostou-se contra a parede, olhando para o garoto morto. Quando aquilo tudo havia acontecido? Quando? Quem ela havia sido? Não se lembra.

Os "tempos modernos" aguardam.Ela inclinou-se, e tirou o dinheiro do paletó do rapaz. Montes e montes de dinheiro num livrinho de couro. Ela enfiou tudo no seu bolso. Um cartão com escrita em inglês e um pequeno retrato do rapaz, que notável. Trabalho muito bonito. E então dois pedacinhos de papel duro com a palavra AIDA escrita neles. E ÓPERA. Elas tinham as mesmas inscrições pequenas que ela vira na "revista", da cabeça de uma egípcia. Certamente valia a pena pegar estas também. Jogou fora o retrato do morto. Enfiando também os papeizinhos de ópera no bolso, ela tornou a cantarolar "Celeste Aída" baixinho, enquanto passava por cima do rapaz morto e saía para a rua barulhenta. Não fique com medo. Faça o que eles fazem. Se eles andam perto dos caminhos de metal, você também deve fazer isso. Mas assim que ela começou, soou outro daqueles estrilos das carruagens de ferro. Tapou os ouvidos, chorou sem querer, e quando levantou o rosto havia outro bom homem no seu caminho.

- Posso lhe ajudar, mocinha? Você não está perdida aqui, está? Não deve vir para a estação ferroviária com esse dinheiro saindo assim pelo seu bolso.

- Estação ferroviária?...

- Não trouxe uma maletinha?

- Não - ela respondeu, inocente. Deixou que ele a pegasse pelo braço.

- O senhor me ajuda? - perguntou, lembrando-se da frase que Lorde Rutherford havia usado uma centena de vezes com ela. - Posso confiar em você?

- Ora, é claro! - disse ele. E falava sério. Outro jovem. Com uma pele

macia, linda! Dois árabes saíram pelos fundos do Shepheard's, um ligeiramente mais alto que o outro, ambos andando bem rápido.

- Lembre-se - Samir disse baixinho -, ande com passos bem largos. Você é um homem. Homens não dão passinhos. E balance os braços com naturalidade.

- Eu devia ter aprendido esse truque há muito tempo - respondeu Julie.

A Grande Mesquita fervilhava de fiéis e também de turistas que vieram ver aquela maravilha, e ver os devotos muçulmanos ajoelhados em adoração. Julie e Samir moveram-se despreocupados no meio dos turistas. Em poucos minutos haviam visto o árabe alto de óculos escuros, com a túnica branca flutuante. Samir colocou uma chave na mão de Ramsés. Murmurou o endereço e as direções. Ramsés deveria segui-lo. Não seria uma longa caminhada. Ele e Julie andaram, com Ramsés alguns passos atrás.

Ah, ela gostava deste, que se chamava de americano e falava com voz tão estranha. Passearam juntos na carruagem "táxi" puxada a cavalos, entre os "carros a motor". E ela não tinha mais medo. Antes de deixarem a "estação ferroviária" ela percebera que as grandes carruagens de ferro carregavam pessoas. Era apenas um meio comum de transporte. Que estranho. Este não era de forma alguma tão elegante quanto Lorde Rutherford, mas falava mais devagar e estava ficando bem simples para entender, especialmente quando ele apontava para as coisas enquanto falava. Ela sabia agora o que era um automóvel Ford, e um Stutz Bearcat, e também um pequeno jipe. Esse homem vendia essas coisas na América. Era mercador de automóveis Ford na América. Até as pessoas pobres podiam comprar essas máquinas de dirigir. Ela agarrou a sacola de couro que ele lhe trouxera, que continha o dinheiro e os pedaços de papel com ÓPERA escritos.

- E aqui é onde vivem os turistas - ele disse a ela - mais ou menos. Quero dizer, este é o setor inglês...

- Inglês - repetiu ela.

- Sim, mas todos os europeus e americanos vêm muito aqui também. E aquele prédio ali: ali é onde ficam as melhores pessoas, os ingleses e os americanos, é o Shepheard's, o hotel, se você entende o que eu quero dizer.

- Shepheard's... o hotel? - Ela deu uma pequena gargalhada.

- É onde vai ser o baile da ópera amanhã de noite. E onde eu fico. Não

gosto muito de ópera. - Fez uma careta. - Nunca liguei muito para isso. Mas aqui no Cairo, bem, isto é importante aqui, sabe?

- Importante aqui, sabe.

- Muito importante. Então achei melhor ir, sabe? E depois ao baile, embora eu tivesse de alugar uma casaca e tudo o mais. - Ele tinha uma luz bonita nos olhos ao olhar para ela. Estava se deliciando imensamente consigo mesmo. E ela também.- E Aída é toda sobre o antigo Egito.

- Sim, Radamés cantando.

- Isso! Então você conhece. Aposto que gosta de ópera, aposto que você aprecia. - Subitamente franziu de leve a testa. - Você está bem, senhorita? Talvez ache a cidade velha mais romântica. Quer beber alguma coisa? Que tal uma voltinha no meu carro? Está estacionado bem atrás do Shepheard's.

- Carro a motor?

- Ah, comigo estará bem segura, senhorita. Sou um motorista muito cuidadoso. Vou lhe dizer mais: já esteve nas pirâmides? Pi-râ-mi-des.

- Não - respondeu ela. - Andar no seu carro, super! Ele riu.

Gritou uma ordem para o táxi e o condutor puxou o cavalo para a esquerda. Deram a volta no hotel, o Shepheard's, um bonito edifício com belos jardins. Quando ele estendeu os braços para ajudá-la a descer da carruagem, quase tocou a abertura sensível em sua lateral. Ela estremeceu. Mas não aconteceu nada. Mesmo assim, isso a lembrou de que a ferida estava ali. Como alguém podia viver com feridas tão feias? Esse era o mistério. Fosse o que acontecesse agora, ela precisava retornar antes do anoitecer para ver Lorde Rutherford novamente. Lorde Rutherford tinha ido falar com o homem que poderia explicar essas coisas... o homem dos olhos azuis.

Chegaram juntos ao esconderijo. Julie concordou em esperar quando Samir e Ramsés entraram, inspecionaram os três quartinhos e seu jardim desleixado; então fizeram-lhe um sinal para que entrasse, e Ramsés trancou a porta. Havia uma mesinha de madeira com uma vela no meio, enfiada numa garrafa velha de vinho. Samir acendeu a vela. Ramsés trouxe duas cadeiras de espaldar alto. Julie apanhou a outra. Era confortável o bastante. O sol da tarde penetrava pelo velho jardim e passava pela porta dos fundos, e o lugar era quente, mas não insuportável, pois havia sido trancado por longo tempo. Um odor pesado e

úmido de especiarias e junco pairava no ar. Julie tirou o adereço árabe da cabeça e soltou os cabelos. Não os prendera com alfinetes por causa da touca, e agora soltava a fita que os prendera num rabo-de-cavalo.

- Não acredito que você tenha matado aquela mulher - ela disse imediatamente, olhando para Ramsés, que estava de frente para ela. Ele parecia um sheik nas roupas do deserto, o rosto parcialmente oculto nas sombras, a vela brilhando nos seus olhos.Samir estava quieto, sentado à esquerda dela.

- Eu não matei a mulher - Ramsés disse a ela. - Mas sou responsável pela morte dela. E preciso de sua ajuda, de ambos. Preciso da ajuda de alguém. E preciso de seu perdão. Chegou a hora de lhes contar tudo.

- Senhor, tenho uma mensagem para vós - disse Samir - que preciso entregar agora.

- Que mensagem? - perguntou Julie. Por que Samir não lhe contara isso?

- É dos deuses, Samir? Estão me chamando para o ajuste de contas? Não tenho tempo para mensagens menos importantes. Preciso contar a vocês o que aconteceu, o que fiz.

- É do Conde de Rutherford, senhor. Ele me abordou no hotel. Parecia um louco; disse que eu devia lhe dizer que ele tem ela..

Ramsés estava obviamente atordoado. Olhou para Samir de forma quase assassina. Julie não podia suportar isso. Samir retirou alguma coisa de baixo da túnica e entregou-a a Ramsés. Era um frasco de vidro, igual aos que ela vira entre os jarros de alabastro da coleção. Ramsés olhou para aquilo, mas não fez esforço para apanhá-lo. Samir ia tornar a falar, mas Ramsés fez um gesto para que continuasse calado. Seu rosto estava tão fortemente desfigurado pela emoção que mal parecia o mesmo.

- Diga-me o que significa isso! - pediu Julie, incapaz de evitar.

- Ele me seguiu até o museu - murmurou Ramsés. Olhava para o frasco vazio.

- Mas, do que você está falando? O que aconteceu no museu?

- Senhor, ele diz que o sol a ajudou. Que o remédio do frasco a ajudou, mas ela precisa mais. Está ferida, por dentro e por fora. Matou três vezes. Está louca.

Ele a mantém segura escondida, quer um encontro com o senhor. Me deu o local e a hora.

Por um momento Ramsés não disse nada. Então levantou-se e foi até a porta.

- Não, pare! - gritou Julie, correndo para ele. Samir também se levantou.

- Senhor, se tentar achá-lo mais cedo, poderá ser preso. O hotel está cercado. Espere até que ele saia e vá a esse lugar para o encontro. É a única coisa segura a fazer!

Ramsés estava obviamente aturdido. Relutante, ele se voltou, encarando Julie com olhos enlouquecidos. Voltou lentamente para a cadeira e se sentou. Julie enxugou as lágrimas com o lenço e sentou-se.

- Onde e quando? - perguntou Ramsés.

- Sete da noite de hoje. No Babilônia, é um night club francês. Eu conheço. Posso levar vocês até lá.

- Não posso esperar até lá!

- Ramsés, conte-nos o que quer dizer tudo isso. Como poderemos ajudar você se nada sabemos?

- Senhor, Julie está certa. Honre-nos com sua confiança agora. Permita-nos que o assistamos agora. Se for capturado novamente pela polícia...

Ramsés fez um gesto de desgosto. Seu rosto trabalhava silenciosamente com a emoção.

- Preciso de vocês, e quando eu lhes contar, posso perder vocês. Mas que seja. Pois lancei o caos em suas vidas.

- Você jamais me perderá - disse Julie, mas seu medo era enorme.

Um grande pavor do que estava por vir se acumulava em sua alma. Até esses últimos momentos ela pensava ter entendido o que acontecera. Ele tomara o corpo de seu amor do museu. Queria vê-lo adequadamente enterrado. Mas agora, encarando o frasco e essas estranhas palavras de Elliott, considerava outras possibilidades mais horrorosas, negando-as no mesmo instante, mas retornando e elas novamente.

- Honre-nos com sua confiança, senhor. Vamos partilhar este fardo.

Ramsés olhou para Samir, e depois para ela.

- Ah, a culpa que vocês jamais poderão partilhar disse.

- O corpo no museu. A mulher desconhecida...

- Sim - murmurou Samir.

- Ela não era desconhecida para mim, meus caros. O fantasma de Júlio César a conhecera. A sombra de Marco Antônio a teria beijado. Milhões um dia choraram por ela...

Julie, assentiu, as lágrimas surgindo novamente.

- E eu fiz o indizível. Levei o elixir ao museu. Não percebi o quanto seu corpo havia sido consumido, que pedaços inteiros de carne não estavam mais lá. Derramei o elixir sobre ela! Depois de dois mil anos, a vida despontou em seu corpo arruinado. Ela ergueu-se! Sangrando, ferida, ela pôs-se de pé. Caminhou. Estendeu as mãos para mim. Disse o meu nome!

Ah, isso era melhor que o melhor dos vinhos, melhor até do que fazer amor, correr pela estrada no carro a motor aberto do americano, o vento assoviando por ela, o americano gritando cordialidades enquanto mexia no "câmbio" para um lado e para o outro. Ver as casas passarem em disparada. Ver os egípcios se arrastando com seus burros e camelos e deixá-los numa nuvem de cascalho. Ela adorou. Olhou para o céu aberto acima, deixando que o vento levantasse seu cabelo completamente enquanto ela mantinha uma das mãos firme no chapéu. De vez em quando ela estudava o que ele fazia para fazer aquela carruagem se mover. Apertar os "pedais", como ele os chamava, a todo instante; puxar o câmbio; girar a roda. Ah, era emocionante demais; maravilhoso demais. Mas subitamente aquele som agudo horrendo a pegou desprevenida. Ela ouvira aquele rugido na "estação ferroviária". Suas mãos voaram para os ouvidos.

- Não fique com medo, mocinha, é só um trem. Veja lá, o trem está chegando! - O coche a motor parou com um solavanco.

Caminhos de metal lado a lado na areia do deserto à frente deles. E aquela coisa, aquele monstro preto enorme' vinha pela direita. Um sino tocava. Ela estava levemente consciente de uma luz vermelha piscando, como o facho de uma lanterna. Será que ela nunca fugiria dessas coisas horríveis? Ele pôs o braço

ao redor dela.

- Está tudo bem, mocinha. Só temos que esperar que ele passe.

Ele ainda estava falando, mas agora os grandes rangidos e grunhidos do monstro engoliam suas palavras. Horríveis, as rodas girando na sua frente, e até mesmo a longa procissão de vagões de madeira, repletos de seres humanos que sentavam dentro deles como se fosse a coisa mais simples do mundo. Tentou recuperar a compostura. Gostava de sentir as mãos quentes dele; o cheiro do perfume que exalava de sua pele. Observou, calma, o último dos vagões passar. Mais uma vez o sino tocou. A luz sobre o pilar piscou. O americano pisou nos pedais mais uma vez, e puxou o câmbio; o carro começou a sacolejar, e dirigiram por sobre os caminhos de metal para o deserto.

- Ora, muitas pessoas em Hannibal, Missouri, você fala para eles sobre o Egito e eles nem sabem do que é que você está falando. Eu disse ao meu pai, estou indo para lá, é isso o que vou fazer. Estou levando o dinheiro que ganhei e indo para lá, e então volto aqui para me estabelecer de vez...

Ela prendeu a respiração. Estava tornando a sentir o prazer de tudo aquilo. Então, bem distante à esquerda, ao horizonte, ela viu as pirâmides de Gizé! Viu a figura da Esfinge surgindo. Ela deu um gritinho. Aquele era o Egito. Ela estava no Egito dos "tempos modernos", mas ela ainda estava em casa. Uma agradável tristeza a acalmou por completo. As tumbas de seus ancestrais, e ali a Esfinge à qual ela fora em sua juventude orar no templo entre suas grandes patas.

- Ah, sim, é uma paisagem bonita, não é? Estou lhe dizendo, se o pessoal lá em Hannibal, Missouri, não aprecia, azar o deles.

Ela riu.

- Azar o deles - disse.

Quando se aproximaram, avistaram as multidões. Um grande campo de carros a motor e carruagens. E mulheres em vestidos rendados de cinturinha fina, como o dela. Homens com palhetas iguais às do americano. E muitos árabes com seus camelos, e braçadas de colares baratos. Ela sorriu. Em seu tempo, eles vendiam joias baratas ali mesmo, para os visitantes de Roma. Alugavam os camelos para voltas. E faziam a mesma coisa agora! Mas isso tirou-lhe o fôlego, a grande tumba do rei Kufu estendendo-se sobre ela. Quando ela tinha vindo até ali, pequena, e vira essa enorme estrutura feita de blocos quadrados? E então

com Ramsés, depois, sozinhos no frio da noite, quando ela estava enfaixada num traje negro, mulher comum, cavalgando com ele naquela mesma estrada. Ramsés! Não, alguma coisa horrível que ela não queria lembrar. As águas negras correndo sobre ela. Ela estava andando em sua direção, e ele recuava! O carro a motor americano parou num solavanco novamente.

- Vamos, mocinha, vamos sair e vê-las. A sétima maravilha do mundo.

Ela sorriu para o americano bochechudo; tão gentil estava sendo com ela.

- Ooooba! Super! - exclamou ela.

Pulou do banco alto antes que ele pudesse lhe dar uma mão. Seu corpo estava muito próximo do dele. O nariz gordinho dele ficou enrugado quando ele sorriu para ela. Boca jovem e doce. Ela o beijou de repente. Ficou na ponta dos pés e o abraçou. Hummmmm. Doce e jovem como o outro. E tão surpreso!

- Ora, você é mesmo uma coisinha bem carinhosa - disse ele em seu ouvido.

Não parecia saber o que fazer agora. Ora, ela mostraria. Tomou sua mão e caminharam pela areia batida até as pirâmides.

- Ah, veja! - ela disse, apontando para o palácio construído à direita.

- Ah, aquele é o Mena House - disse ele. - Não é um mau hotel. Não é o Shepheard's, mas tudo bem. Podemos comer alguma coisa lá, se você quiser.

- Tentei lutar contra eles - disse Ramsés. - Foi impossível. Eram simplesmente muitos. Levaram-me para a cadeia. Eu preciso de tempo para me curar. Deve ter se passado meia hora antes que eu conseguisse escapar.

Silêncio.Julie enterrara o rosto no lenço.

- Senhor - Samir disse gentilmente. - O senhor sabia que este elixir poderia fazer uma coisa dessas?

- Sim, Samir. Eu sabia, embora jamais o tivesse testado dessa forma.

- Então foi a natureza humana, senhor. Nem mais nem menos.

- Ah, mas Samir, eu cometi tantos erros através dos séculos. Eu conhecia os perigos desse produto químico. E vocês agora precisam conhecer também esses perigos. Precisam saber, se vão me ajudar. Essa criatura... essa coisa

enlouquecida que eu trouxe de volta à vida não pode ser destruída.

- Certamente existe alguma forma - disse Samir.

- Não. Aprendi isso por tentativa e erro. E seus livros modernos de biologia aguçaram minha compreensão. Uma vez que as células do corpo estejam saturadas com o elixir, passam a se renovar constantemente. Planta, animal, humano: é tudo a mesma coisa.

- Não há envelhecimento, não há deterioração - murmurou Julie. Estava mais calma agora, podia confiar na própria voz.

- Precisamente. Uma taça cheia me fez imortal. Não mais que o conteúdo daquele frasco. Estou eternamente na primavera da vida. Não preciso de comida, mas estou sempre com fome. Não preciso dormir, mas gosto da sensação. E tenho o perpétuo desejo de... fazer amor.

- E esta mulher... ela não recebeu a medida completa.

- Não, e para começar, ela estava danificada! Esse foi meu erro, vocês não vêem? O corpo não estava todo ali! Mas danificado ou não, ela agora é virtualmente invencível. Compreendi isto quando ela veio até mim pelo corredor. Vocês não percebem?

- Você não está pensando em termos de ciência moderna - disse Julie. Ela limpou os olhos devagar. - Deve haver um meio de deter o processo.

- Por outro lado, se o senhor lhe desse a medida completa, como disse o conde...

- Isso é loucura - sussurrou Julie. - Você não pode sequer considerar isso. Você vai fazer a coisa ficar mais forte.

- Escutem vocês dois - disse Ramsés - o que eu vou dizer. Cleópatra é apenas parte desta tragédia. O conde conhece o segredo agora, com certeza. E o próprio elixir que é perigoso, mais perigoso do que você pensa.

- As pessoas irão querer isso - disse Julie -, e farão tudo para conseguir. Mas Elliott pode ser convencido, e Henry é um idiota.

- Há mais do que isso. Estamos falando de um produto químico que modifica qualquer substância viva pela qual seja absorvida. - Ramsés esperou um instante, olhando os dois. Então continuou: - Séculos atrás, quando eu ainda

era Ramsés, governante desta terra, sonhei em usar este elixir para fazer comida e bebida bastantes para meu povo. Nunca mais passaríamos fome. O trigo cresceria instantaneamente após cada colheita. Arvores frutíferas que dariam frutos para sempre. Vocês sabem o que aconteceu? Fascinados, continuaram olhando para ele em silêncio. - Meu povo não conseguia digerir essa comida imortal. Ela ficava completa em suas entranhas. Morriam agonizantes, como se tivessem comido areia.

- Deuses - murmurou Julie. - Mas é perfeitamente lógico. Claro!

- E quando eu tentei queimar os campos e abater as galinhas e vacas leiteiras imortais, eu vi o trigo queimado reflorescer assim que o sol bateu sobre ele. Vi as carcaças queimadas e sem cabeça lutarem para se erguer. Finalmente foi tudo jogado no mar, com pesos, para irem até o próprio fundo, onde com certeza permanecem, completas e intactas, até o dia de hoje.

Samir estremeceu; cruzou os braços sobre o peito como se sentisse frio. Julie olhou com firmeza para Ramsés.

- Então, o que você está dizendo é que... se o segredo caísse em mãos erradas, regiões inteiras da terra poderiam ser tornadas imortais.

- Povos inteiros - Ramsés respondeu sério. - E nós, que somos imortais, temos tanta fome quanto os mortais. Iríamos saquear os mortais para consumir o que sempre foi deles!

- O próprio ritmo da vida e da morte seria ameaçado- disse Samir.

- Este segredo precisa ser completamente destruído!- disse Julie.

- Se você está com o elixir em seu poder, destrua-o. Agora.

- E como farei isso, querida? Se eu jogar o pó seco ao vento, as pequenas partículas vão aderir à terra assim que caírem, esperando a primeira chuva para liquefazê-las e levá-las às raízes das árvores, que então se tornarão imortais. Se eu derramar o líquido na areia, ele vai formar uma poça que ficará até um camelo passar lá para beber. Derramo no mar e crio peixes, serpentes, crocodilos imortais.

- Pare - ela murmurou.

- Pode consumir tudo, senhor, sem que isso lhe fizesse mal?

- Não sei. Imagino que sim. Mas quem sabe?

- Não faça isso - murmurou Julie. Ele deu-lhe um sorriso fraco e triste.

- Você ainda se importa com o que me acontecer, Julie Stratford?

- Sim, me importo - murmurou ela. - Você é apenas um homem; com o segredo de um deus em seu poder. Eu me importo.

- É justamente isso, Julie - disse ele. - Eu tenho o segredo aqui. - Bateu com o dedo na testa. - Eu sei como preparar o elixir. O que acontecer com esses frascos no fim das contas não importa, pois eu sempre poderei fazer mais.

Olharam um para o outro. A extensão completa daquele horror era impossível de abarcar totalmente. Era preciso vê-lo afastar-se e examiná-lo a distância.

- Agora vocês entendem por que por mil anos eu não dividi o elixir com ninguém. Eu sabia do perigo. E então, com a fraqueza de um mortal - para me valer de sua frase moderna - eu me apaixonei.

Os olhos de Julie encheram-se novamente de lágrimas. Samir esperava pacientemente.

- Sim, eu sei - suspirou Ramsés. - Fui um tolo. Há dois mil anos, vi meu amor morrer para não dar o elixir a seu amante: Marco Antônio, homem dissoluto, que teria me caçado aos confins da terra em busca da fórmula. Pode imaginar aqueles dois, governantes imortais? "Por que não podemos criar um exército imortal?", disse-me ela quando já estava totalmente corrompida pela influência dele. Quando se tornara sua escrava. E agora, nesta época de maravilhas notáveis, ignorei as últimas palavras que ela me disse e a trouxe de volta à vida.

Julie engoliu em seco. As lágrimas caíam silenciosas. Ela nem as limpava mais com o lencinho. Estendeu a mão por sobre a mesa e tocou a dele.

- Não, Ramsés, não é Cleópatra. Você não percebe? Você cometeu um erro terrível, sim, e precisamos encontrar um jeito de desfazer isso. Mas ela não é Cleópatra. Não pode ser.

- Julie, eu não cometi erro nesse ponto! E ela me conhecia! Você não entende? Ela disse meu nome!

Uma música suave vinha do Mena House. Havia luzes amarelas fracas em suas janelas, pequenas figuras de um lado para o outro de seu terraço largo. Cleópatra e o americano estavam de pé num túnel escuro, bem no alto da pirâmide: o poço fúnebre.

Ela abraçou-o febril, deslizando os dedos cobertos de seda para dentro da camisa dele. Ah, as mamas dos homens, tão suaves; uma chave tão grande para tormento e êxtase; como ele se contorcia enquanto ela os manipulava gentilmente, a língua dardejando para dentro e para fora de sua boca. Toda a bravura e o humor acabavam-se agora. Ele era seu escravo. Ela rasgou o tecido de linho de seu peito, e enfiou a mão por dentro do cinto de couro, até a raiz de seu sexo. Ele gemeu. Ela o sentiu levantando suas saias. Então subitamente sua mão parou. Seu corpo inteiro enrijeceu-se. Estranhando, ele virou a cabeça; ele olhava para sua perna nua, e para os pés. Olhava a grande faixa de ossos ensanguentados expostos em sua perna, o leque de ossos em seu pé.

- Jesus Cristo! - ele sussurrou. Recuou contra a parede. - Jesus Cristo!

Um grunhido baixo de mágoa e ódio partiu dela.

- Tire os olhos de mim! - ela gritou em latim. Tire seus olhos de mim! Você não vai me ver assim. Ela soluçou ao agarrar sua cabeça com as duas mãos e batê-la contra a parede de pedra. - Você vai morrer por isso! - Ela cuspiu nele.

E então a torcedura, aquela simples torcedura. E ele também estava morto. Era tudo o que era necessário, e agora havia um silêncio abençoado e seu corpo deitado ali, como o corpo do outro, com o dinheiro aparecendo por baixo do paletó amarfanhado. Suas feridas não podiam matá-la. A rajada de calor do homem chamado Henry não a matara; a rajada que fez aquele barulho horrível, insuportável. Mas tudo o que era preciso para matá-los era isso. Ela olhou pela abertura do poço para as areias ocres à frente das luzes suaves do Mena House. Uma vez mais ela ouviu a música, tão doce, pairando no ar frio. O deserto era sempre frio à noite. E quase escuro, não era? Pequenas estrelas no céu azul-escuro.

Ela sentiu um estranho momento de paz. Bom caminhar sozinha, longe deles no deserto. Mas Lorde Rutherford. O remédio. Estava quase escuro. Agora ela se abaixava, apanhava o dinheiro do americano. Pensou no bonito carro a motor amarelo. Ah, isso a levaria de volta muito rapidamente. E agora era todo dela. Subitamente ela estava rindo, emocionada pela perspectiva. Desceu correndo a pirâmide, pulando facilmente de um bloco de pedra ao outro abaixo;

muita força agora, e então ela correu para o carro. Simples. Apertar o botão de partida elétrica. Então apertar o "pedal da gasolina". Imediatamente ele começou a rugir. Então o câmbio para frente, como ela o vira fazer, e apertar o outro pedal, e, milagres dos milagres, ela estava correndo para a frente, girando a roda como louca .Dirigiu num grande círculo à frente do Mena House. Alguns árabes aterrorizados saíram correndo de seu caminho. Ela apertou a "buzina", como ele a chamava. Assustou os camelos. Então ela foi para a estrada, puxando o câmbio para trás novamente para ir mais rápido, exatamente como ela o vira fazer. Quando ela chegou ao caminho de metal, parou. Agarrou a roda, tremendo. Mas não vinha som algum das grandes vastidões do deserto à esquerda nem à direita. E à frente estavam as luzes do Cairo, um espetáculo tão doce sob o céu cheio de estrelas.

- "Celeste Aída!" - ela cantou enquanto recomeçava a jornada.

- Você pediu nossa ajuda - disse Julie. - Pediu nosso perdão. Agora eu quero que você me ouça.

- Sim, eu quero - disse Ramsés, com voz emocionada, mas estava intrigado. - Julie, ela está... além de qualquer questão.

- O corpo sim - respondeu Julie. - Era dela, sem dúvida. Mas e o ser que vive agora? Não. Não é a mesma mulher que você um dia amou. Aquela mulher, onde quer que esteja, não tem consciência agora do que está acontecendo a este corpo.

- Julie, ela me conhecia! Ela me reconheceu!

- Ramsés, o cérebro naquele corpo conhecia você. Mas pense no que está dizendo. Pense nas implicações. As implicações são tudo, Ramsés. Nossos intelectos - ou almas, se prefere - não residem na carne, dormindo por séculos enquanto nossos corpos apodrecem. Ou vão para reinos mais elevados ou cessam totalmente de existir. A Cleópatra que você amou cessou de existir naquele corpo no dia em que morreu.

Ele olhava para ela tentando assimilar isso.

- Senhor, acho que existe sabedoria nisso - disse Samir. Mas ele também estava confuso. - O conde diz que ela sabe quem é.

- Ela sabe quem deveria ser - disse Julie. - As células! Elas estão lá, revitalizadas, e possivelmente algumas lembranças estão codificadas nelas. Mas

essa coisa é um gêmeo monstruoso de seu amor perdido. Como pode ser mais do que isso?

- Isto poderia ser verdade - murmurou Samir. - Se o senhor fizer o que sugere o conde... se lhe der mais da droga, poderá estar apenas revitalizando um... um demônio.

- Isso está além da minha compreensão! - confessou Ramsés. - Ela é Cleópatra!

Julie balançou a cabeça.

- Ramsés, meu pai está morto há quase dois meses. Não fizeram autópsia nos seus restos. O único embalsamamento feito nele foi o velho milagre do calor e falta de umidade do deserto egípcio. Ele jaz, intacto, numa cripta aqui no Egito. Mas você pensa que eu pegaria esse elixir, se eu o tivesse nas mãos, e o despertaria dos mortos?

- Deus do céu - murmurou Samir.

- Não! - disse Julie. - Porque não seria meu pai. A conexão foi fatalmente quebrada! Uma duplicata de meu pai despertaria. Uma duplicata que conheceria talvez tudo o que meu pai conhecera. Mas meu pai não estaria lá. Não saberia que a duplicata estava andando. E o que você trouxe de volta à vida é uma duplicata de Cleópatra! Seu amor perdido não está ali.

Ramsés estava quieto. Aquilo parecia abalá-lo profundamente. Olhou para Samir.

- Que religião, senhor, sustenta que a alma permanece na carne apodrecida? Não foi assim com nossos antepassados. Não é assim com nenhuma terra no mundo.

- Você é verdadeiramente imortal, meu amor - Julie disse, - Mas Cleópatra esteve morta por vinte séculos. Ela ainda está morta. A coisa que você ressuscitou precisa ser destruída.

- ...falo sim. Imediatamente.

Alex desligou o telefone. Elliott o observava da escrivaninha no canto do quarto.

- Obrigado, Alex. Mentir é realmente uma habilidade social pouco

valorizada. Alguma pessoa inteligente deveria escrever um guia educado de como se mentir. E também de todos os princípios piedosos que justificam a mentira.

- Pai, não vou deixar o senhor sair sozinho.

Elliott voltou para o trabalho em questão. O banho e um breve repouso fizeram muito para restaurar-lhe as forças, muito embora dormir tivesse sido realmente impossível. Ele tivera uma hora silenciosa para pensar no que iria fazer agora; e tomara sua decisão, embora tivesse poucas esperanças de que seu plano fosse funcionar. Não obstante, o elixir valia a pena. Se ao menos Samir tivesse encontrado Ramsés. E tudo nos modos do homem indicara que Samir sabia onde Ramsés estava. Selou o último dos três envelopes, que acabara de endereçar, e voltou-se novamente para o filho.

- Você fará exatamente como eu lhe disse - falou com firmeza. - Se eu não voltar até amanhã ao meio-dia, ponha as cartas no correio. Para sua mãe e para Randolph. E deixe o Cairo assim que for possível. Agora me dê minha bengala. E preciso de meu manto também. Faz um frio desgraçado nesta cidade depois que escurece.

Walter apanhou a bengala imediatamente. Trazia o manto sobre o braço. Colocou-o sobre os ombros de Elliott, ajustando-o com cuidado.

- Pai - pediu Alex. - Pelo amor de...

- Adeus, Alex. Lembre-se, Julie precisa de você. Precisa de você aqui.

- Senhor, já passam das seis agora - disse Samir. Preciso lhe mostrar como encontrar a taverna.

- Posso encontrá-la sozinho, Samir - respondeu Ramsés. - Voltem ao hotel, os dois. Preciso ver por mim mesmo... o estado das coisas. E então falarei com vocês assim que puder.

- Não - disse Julie -, deixe-me ir com você.

- Impensável - disse Ramsés. - É por demais perigoso. E isto é algo que preciso enfrentar sozinho.

- Ramsés, não vou deixar você - ela insistiu. - Julie, precisamos retornar agora - disse Samir. - Precisamos ser vistos antes que comecem a procurar por

nós.

Ramsés levantou-se devagar. Virou-se contra a luz vacilante de vela, que era agora a única iluminação do quarto escuro. Ergueu as mãos como em prece. Para todos os efeitos, parecia um dos muçulmanos na mesquita, uma pequena fagulha de luz brilhando nos olhos.

- Julie - disse ele, voltando-se para ela com um suspiro fundo. - Se você voltar para a Inglaterra agora, ainda pode recuperar sua antiga vida.

- Ah, você me magoa, Ramsés! - exclamou ela. - Você me fere profundamente. Você a ama, Ramsés? Você ama essa coisa que ressuscitou da tumba?

Ela não quis dizer isso. Parou, derrotada, e agora era ela quem virava as costas.

- Eu sei que amo você, Julie Stratford - murmurou ele. - Amei você desde o primeiro momento que a vi. Arrisquei minha descoberta para salvar você. E quero seu amor agora.

- Então não me peça para deixar você - disse ela, a voz comovida. - Ramsés, se eu não tornar a ver você depois desta noite, minha vida está destruída.

- Por minha honra, você me verá. - Pegou-a em seus braços. - Meu amor, meu bravo amor - ele murmurou, acariciando-a. - Preciso de você, de vocês, mais do que posso dizer.

- Que os velhos deuses estejam convosco, senhor sussurrou Samir. - Contaremos os minutos até recebermos alguma notícia.

Apenas uma fraca luz queimava no escritório de Winthrop. Estava atordoado pelo relatório na mesa. O jovem oficial à sua frente aguardava ordens.

- E sua cabeça foi esmagada, você disse?

- E o pescoço também foi quebrado. Como a empregada do museu. E todo o seu dinheiro foi roubado, embora o passaporte tenha sido deixado na lama.

- Dobre a vigilância no Shepheard's - disse Winthrop. - E traga o Conde de Rutherford aqui imediatamente. Sabemos que está lá. Não me interessa o que diz seu filho. Nós o vimos entrar.

Elliott saiu sorrateiramente pela porta dos fundos da ala, enrijecendo a perna esquerda para tirar o peso do joelho. Atravessou o estacionamento às escuras e dirigiu-se ao velho Cairo. Só a duas ruas de distância do Shepheard's ele tomou um táxi que passava.

Julie entrou ligeira na suíte, e trancou a porta. O traje árabe estava bem dobrado debaixo do braço. Ela o havia tirado no táxi, e o colocava agora no fundo do armário, atrás de seu baú. Indo para o banheiro, tirou a pequena valise da gaveta do armário. De quantas coisinhas ela precisava? Ela possuía tanto que não lhe interessava. Só a liberdade importava agora, liberdade com Ramsés, para de algum modo escapar dessa horrível cadeia de eventos.

Mas e se ela jamais voltasse a pôr os olhos naquele homem que jogava toda a sua vida anterior na sombra? Qual era o motivo de fazer aquela malinha antes de saber o que aconteceu? Subitamente tudo a massacrava. Ela deitou-se na cama, fraca, o coração dolorido. Chorava baixinho quando Rita entrou.

O Babilônia. Podia ouvir os tambores e címbalos enquanto ele descia apressado a pequena rua estreita de pedras. Como era estranho que, naquele momento, ele se lembrasse de Lawrence tão bem, seu amado Lawrence. Subitamente um pálido mosaico de sons atrás dele forçou-o a parar. Alguém havia pulado do teto! Virou-se.

- Continue andando - disse o árabe alto. Era Ramsey! - Há um bar na esquina que prefiro para esta reunião. É mais quieto. Vá na minha frente e sente-se.

Elliott estava fraco de alívio. Obedeceu imediatamente. O que quer que acontecesse, não estava mais sozinho nesse pesadelo. Ramsey saberia o que fazer. Seguiu até o barzinho e entrou. Cortinas de contas; lâmpadas de óleo fracas; mesas de madeira; o grupo costumeiro de europeus de má reputação. Um garçom indiferente limpando uma mesa com um pano sujo. Um árabe alto de olhos azuis, vestido com uma bela túnica, estava sentado na última mesa, de costas para a parede da direita. Ramsey. Ele devia ter entrado pelos fundos. Vários homens olharam Elliott com ares de arrogância, com as costas para a porta dos fundos. Ele estava conspícuo em suas roupas adequadas. A menor de suas preocupações. Tomou a cadeira à direita de Ramsey, com as costas para a porta dos fundos. A lamparina vacilante sobre a mesa fedia a óleo queimado. Ramsés já tinha uma bebida na mão. Havia uma garrafa sem rótulo e um copo limpo.

- Onde está ela? - perguntou Ramsey.

- Não tenho a intenção de lhe dizer - disse Elliott.

- Ah? Quais são as regras desse jogo? Ou vou ficar em grande desvantagem?

Elliott ficou calado por um momento. Refletiu novamente sobre sua decisão. Valia a pena. Valia a vergonha do momento. Limpou a garganta.

- Você sabe o que quero - disse para Ramsey. - Você sabia desde o início. Eu não fiz esta viagem ao Egito para proteger a castidade de minha futura nora. Absurdo.

- Eu pensava que você fosse um homem honrado.

- E sou, embora hoje tenha testemunhado coisas que enojariam um monstro.

- Você nunca devia ter me seguido até o museu. Elliott assentiu. Pegou a garrafa, destampou-a e encheu o copo. Uísque. Ah, sim. Tomou um gole grande.

- Eu sei que não deveria ter seguido você - disse ele. - Foi uma loucura juvenil. E talvez eu pudesse ser jovem novamente... para sempre.

Ele olhou para Ramsey. Havia mais que um toque de majestade no homem que vestia aqueles trajes brancos. Parecia bíblico, gigantesco. Os olhos azuis estavam avermelhados, entretanto. E ele estava cansado, e sofria. Isso era bastante claro.

- Eu quero o elixir - Elliott disse polidamente. Assim que você entregá-lo a mim, eu conto onde ela está. E será sua responsabilidade. E acredite em mim, eu não o invejo. Embora eu tenha feito todo o possível.

- Qual é o seu estado? Quero saber precisamente.

- Curada, mas não o bastante. Ela é bela e é fatal. Matou Henry, e sua companheira egípcia, Malenka.

Ramsey ficou quieto por um instante, e então:

- Bem, o jovem Stratford teve o que merecia, para usar sua expressão moderna. Assassinou o tio. Tentou assassinar a prima. Levantei-me da tumba para impedi-lo. A história que ele contou sobre eu tentar estrangulá-lo era

verdade.

Elliott suspirou. Outra grande onda de alívio perpassou-lhe, mas não sem amargura, uma profunda amargura.

- Eu sabia... a parte sobre Lawrence. Sobre Julie eu não imaginava.

- Com meus venenos - Ramsés suspirou.

- Eu amava Lawrence Stratford - murmurou Elliott.- Ele foi meu... meu amante, outrora, e sempre meu amigo. Ramsés fez uma pequena mesura de respeito.

- Essas mortes, foram fáceis para ela? Como aconteceram?

- Ela é incalculavelmente forte. Não tenho certeza de que ela entenda completamente o que é a morte. Ela matou Henry porque ele atirou nela. Malenka ela matou porque a garota estava apavorada e começou a gritar... Quebrou os pescoços dos dois. Com a empregada do museu, o mesmo.

- Ela fala?

- Claramente. Aprendeu inglês comigo como se o absorvesse. Ela me contou quem era. Mas há alguma coisa errada com ela, alguma coisa profunda. Ela não sabe realmente onde está, ou o que está acontecendo com ela. E ela sofre. Sofre indizivelmente por causa das grandes feridas abertas no corpo, pelas quais pode-se ver os ossos. Ela sofre de angústia de dor física. - Elliott tomou outro gole do uísque. - Os danos no corpo dela... certamente há um dano similar no cérebro.

- Você precisa me levar a ela imediatamente!

- Eu dei a ela o que restava no frasco, aquele que você tão cuidadosamente deixou cair no museu. Apliquei-o no rosto dela e nas mãos. Mas é preciso muito mais.

- Você viu isso em funcionamento? Reduziu as feridas?

- Sim. Mas a luz do sol já a curou enormemente. - Elliott fez uma pausa; estudou o rosto aparentemente impassível de Ramsey, os olhos azuis fixos à frente. - Mas certamente isso não é mistério para você!

- Você está errado. - Mecanicamente, Ramsés ergueu o copo e bebeu.

- Um quarto do frasco, era tudo o que havia - disse Elliott. - Teria sido suficiente para mim se eu tivesse bebido ao invés de dá-lo a ela?

- Não sei. - Elliott sorriu, amargo. - Não sou cientista. Apenas um rei.

- Bem, você tem minha proposta, Sua Alteza Real. Você me dá o elixir. E em quantidade suficiente para resolver todas as dúvidas. E lhe darei Cleópatra, rainha do Egito, para fazer com ela o que quiser.

Ramsés olhou para ele direto.

- E suponha que eu lhe dissesse que o mataria se não me dissesse onde ela está?

- Me mate. Sem o elixir eu vou morrer de qualquer forma. São as duas únicas coisas em que penso agora: morte e o elixir. Não tenho certeza de que posso distinguir entre as duas. - Mais um copo de uísque, era tudo o que podia aguentar. Bebeu-o de um gole e fez uma pequena careta. - Escute, vou ser franco com você. Não tenho estômago para o que vi hoje. Mas quero aquela poção. E tudo o mais se perde em face desse desejo.

- Sim, como me lembro bem. Mas não foi assim para ela. Ela escolheu a morte. Estar com seu amado Marco Antônio, embora eu a tivesse oferecido a ela. Essa foi a sua escolha.

- Então ela não sabia realmente o que era a morte. Ramsés sorriu.

- De qualquer forma, disso eu estou certo: ela não se lembra. E se lembrar, duvido que se importe. Ela está viva agora, sofrendo, lutando com suas feridas, suas fomes... - Ele parou. Ramsés inclinou-se para a frente.

- Onde ela está?

- Dê-me o elixir. E eu ajudarei você com ela. Farei tudo o que puder. Não seremos inimigos, você e eu. Não somos inimigos agora, somos?

- Não, inimigos não! - murmurou Ramsés. Sua voz era suave, mas os olhos estavam cheios de raiva. - Mas não posso dá-lo a você. É por demais perigoso. Você simplesmente não entende.

- Mesmo assim, você a ressuscitou dos mortos como um maldito alquimista! - Elliott disse revoltado. - E você o dará a Julie Stratford, não é? E a seu devotado amigo, Samir?

Ramsés não respondeu. Recostou-se na parede, olhos novamente encarando a frente. Elliott levantou-se.

- Estarei no Shepheard's. Quando você tiver preparado o elixir, me chame lá. Conhecerei sua voz quando me chamar. Mas tome cuidado. Então arranjaremos outro encontro.

Apanhando a bengala, dirigiu-se para a porta. Não olhou para trás, por mais duro que isso fosse. Seu rosto queimava de vergonha. Mas aquela era a chance mais pálida que lhe restava, e ele a jogara, por mais miserável que ele se sentisse. Houve um instante de medo quando ele saiu no beco escuro sozinho. Estava agudamente consciente não apenas de todas as dores familiares que o assolavam, mas também da fraqueza geral de que sofria, a maldição prematura da velhice. Então lhe ocorreu que Ramsés o seguiria! Parou e escutou. Nem um som na escuridão. Continuou.

Ela estava na sala da frente; não decidira ainda se matava ou não o pássaro barulhento. Naquele momento ele estava quieto, empoleirado, dançando na gaiola. E era bonito. Se não gritasse, ela não o mataria. Isso parecia justo. O corpo da dançarina começara a apodrecer. Ela o arrastara até o canto mais distante do jardim e jogara um manto enorme sobre ele; mas ainda podia sentir o cheiro. Mesmo na cozinha dos fundos ela podia sentir o cheiro. Mas isso não a impedira de consumir toda a comida que conseguiu encontrar. Alguns limões, muito doces: uma bisnaga de pão velho. Depois vestira um dos outros vestidos rendados à americana. Esse era branco; gostava dele por que fazia sua pele parecer muito bonita e levemente dourada; e tinha saias até maiores com grandes babados para esconder-lhe os pés.A dor nos pés era grande. E a dor no lado também. Se Lorde Rutherford não viesse logo, ela sairia novamente.

Embora não tivesse a menor ideia de como encontrá-lo. Já fora muito difícil encontrar novamente a casa. Ela guiara o carro americano a motor até as cercanias daquela curiosa parte da cidade, onde as casas eram velhas e sem cor ou decoração, e então ela vagara por entre as ruas estreitas até ver a porta aberta. Agora estava ficando impaciente. Subitamente ouviu uma batida na porta.

- Seu nome? - ela perguntou em inglês.

– Elliott, Lorde Rutherford. Abra para mim. Ela abriu a porta na hora.

- Esperei um bom tempo por você, Lorde Rutherford. Trouxe o elixir para mim? Sabe onde está o homem de olhos azuis?

Lorde Rutherford ficou pasmo com o inglês dela. Ela deu de ombros ao fechar a porta.

- Ah, sim, sua linguagem não é mistério para mim - disse ela. - Nas ruas desta cidade hoje eu ouvi muito dela e de outras línguas. Aprendi muitas coisas. É o passado que é o mistério, o mundo de que não consigo me lembrar!

Subitamente ela ficou com raiva. Por que ele estava olhando assim para ela?

- Onde está Ramsés? - ela exigiu. Tinha certeza de que esse era o nome do homem de olhos azuis.

- Eu falei com ele. Disse o que era necessário.

- Sim, Lorde Rutherford. - Ela se aproximou dele. Ele recuou. - Você tem medo de mim?

- Não sei. Eu quero proteger você - murmurou ele.

- Ah, verdade. E Ramsés, o de olhos azuis? Por que ele não vem? - Alguma coisa desagradável, alguma coisa muito desagradável.

Uma imagem pálida de Ramsés recuando dela. De Ramsés a muitos metros de distância dela quando ela gritou. Alguma coisa sobre o veneno da cobra e... ela estava gritando, mas ninguém podia ouvi-la! E então colocaram a capa negra sobre seu rosto. Ela afastou-se de Lorde Rutherford.

- Se eu não me lembrasse de nada, seria mais fácil - murmurou. - Mas eu vejo, e depois não vejo mais. Virou-se para ele.

- Você tem de ser paciente - disse Lorde Rutherford.- Ele virá.

- Paciente! Eu não quero mais ser paciente. Eu quero encontrá-lo. Diga-me onde ele está. Preciso ir ter com ele.

- Não posso. É impossível.

- É possível! - Sua voz tinha se elevado a um grito agudo. Ela viu o medo do rosto dele, ela viu o... o que era? Ele não tinha repulsa como os outros. Não, era outra coisa em seu olhar. - Diga-me onde encontrá-lo! - gritou ela. Deu outro passo em sua direção, encostando-o contra a parede. - vou lhe contar um segredo, Lorde Rutherford. Vocês são fracos, todos vocês. Seres estranhos! E eu

gosto de matar vocês. Alivia minha dor ver vocês morrerem.

Ela correu para ele, agarrando-o pela garganta. Ela arrancaria a verdade dele, e depois o mataria se ele não contasse. Mas de repente, mãos fortes a seguraram, virando-a de costas. Por um momento ela não conseguiu se conter; gritou, tropeçando, e então viu o homem de olhos azuis de pé ao seu lado. Quem era este? Ela sabia, ah, mas estava na ponta da língua. Mesmo assim, a palavra escapou-lhe:

- Ramsés!

Sim, este era Ramsés, o de olhos azuis... Ela correu para ele com as mãos estendidas.

- Saia! - ele gritou para o outro. - Fuja daqui. Vá!

Sua garganta parecia mármore. Ela não conseguia estalar os ossos! Mas ele também não conseguia afastá-la, não importava com que força tentasse. Vagamente ela sabia que Elliott, Lorde Rutherford, havia deixado a casa, batendo a porta atrás de si. E agora ela estava sozinha, lutando contra seu nêmesis, Ramsés, que em outro momento lhe virará as costas; Ramsés, que a ferira. Não se importava por não poder se lembrar. Era como o nome. Ela sabia! Lutaram naquele quarto e até o outro. Ela libertou sua mão direita tempo suficiente para arranhá-lo com os dedos descarnados, antes que ele pegasse seu pulso novamente. Com toda a sua força ela lutou contra ele, espumando de raiva. Então ela viu a mão dele subir. Ela tentou se abaixar, mas o soco acertou-a, e ela caiu na cama. Soluçando, ela se virou e enterrou o rosto nos travesseiros. Não podia matá-lo! Não podia quebrar seu pescoço.

- Maldito seja - ela rugiu, não na nova língua, mas na antiga. - Ramsés malvado!

Ela cuspiu nele, deitada, mãos abaixo dos seios, olhando para ele, desejando ter a força de um gato para pular em cima dele e arrancar-lhe os olhos com as unhas. Por que ele olhava daquele jeito para ela? Por que ele chorava?

- Cleópatra! - murmurou ele.

Sua visão ficou turva por um instante; uma carga de lembranças tão vastas e pesadas flutuavam bem perto dela, pronta para varrer completamente aquele momento, se aceitasse. Lembranças negras e terríveis, lembranças de sofrimentos que ela não queria reviver. Ficou sentada na cama, olhando para ele,

estranhando a expressão suave e ferida de seu rosto.

Esse homem era bonito. Tinha a pele dos jovens; boca firme e doce. E os olhos, os enormes olhos azuis translúcidos. Ela o via em outro lugar, um lugar negro, quando ela saiu do abismo. Ele estava curvado sobre ela recitando a antiga prece em egípcio. Você é, agora e para. sempre.

- Você me fez isso - sussurrou ela. Ouviu o vidro quebrando, a madeira estilhaçando, sentiu aquelas pedras sob os pés. Os braços estavam enegrecidos e murchos! - Você me trouxe aqui, para esses "tempos modernos", e quando eu estendi os braços para você, você fugiu de mim!

Como um garoto, ele mordeu o lábio; trêmulo, lágrimas descendo pelo rosto. Será que ela deveria sentir pena do sofrimento dele?

- Não, eu juro - ele disse no velho e familiar latim. - Outros surgiram entre nós. Eu nunca a teria abandonado.

Era mentira. Uma mentira terrível. Ela tentara levantar-se do sofá. O veneno da serpente a estava paralisando. Ramsés! Em pânico, ela gritara; ela podia ouvir o próprio grito. Mas ele não se virara da janela. E as mulheres ao seu redor, elas imploravam a ele. Ramsés!

Ela sorriu novamente. Aquele era o horror, não era? Ela mesma não sabia a resposta! Ela gargalhou. Ah, era muito engraçado. Ela jogou a cabeça para trás rindo, e sentiu os lábios dele no seu pescoço.

- Sim, me beije, me possua - disse ela. A boca de Ramsés desceu pelo pescoço dela, os dedos abrindo o vestido, a boca se fechando sobre o bico do seio. - Aaaaaah!- Ela mal podia suportar o prazer lancinante.

Ele a prendeu subitamente, a boca presa a ela, a língua lambendo o mamilo, sugando-a com a ferocidade de um bebê. Amar você? Eu sempre amei você. Mas como posso deixar meu mundo? Como posso deixar para trás tudo que gosto? Você é de imortalidade. Não consigo entender tal coisa. Só sei que aqui eu sou rainha, e você está se afastando de mim, ameaçando deixar-me para sempre... Ela afastou-se dele.

- Por favor - ela implorou.Quando e onde ela havia falado aquelas palavras?

- O que foi? - perguntou ele.

- Não sei... Não posso... Eu vejo coisas e elas desaparecem!

- Há tanto que eu preciso lhe contar, tanto a ser revelado. Se você tentasse compreender.

Ela lutou para se levantar e afastou-se dele. Então, olhando para baixo, rasgou o vestido, destruiu o tecido da saia até a bainha. Puxando tudo para trás, ela virou-se e o encarou.

- Sim! Lance seus olhos azuis sobre o que você fez! Isto é o que eu entendo! - Ela tocou a ferida no lado. Eu era uma rainha. E agora sou este horror. O que é isto que você trouxe de volta à vida com seu misterioso elixir? Seu remédio?

Ela abaixou devagar a cabeça, mãos nas têmporas mais uma vez. Mil vezes ela repetira o gesto, mas não parava a dor dentro de sua mente. Gemendo, ela balançava para frente e para trás. Seus gemidos eram como uma canção. Isso aliviava a dor? Ela cantarolava com os lábios fechados, essa estranha música suave. "Celeste Aída".

Então ela sentiu a mão no ombro. Ele a estava virando. Olhar para ele assim em cima era como acordar. Belo Ramsés. Só lentamente ela abaixou os olhos e percebeu o frasco reluzente na mão dele.

- Ah! - Ela o agarrou e ia derramar o conteúdo na mão em concha.

- Não, beba!

Ela hesitou. Mas ele havia derramado tudo na sua boca, ela se lembrava. Sim, garganta abaixo, na escuridão. Com a mão esquerda, ele agarrou sua cabeça por trás, e com a direita ele levou o frasco a seus lábios.

- Beba tudo.

Ela bebeu. Gole após gole e tudo desceu. A luz brilhava no quarto ao seu redor. Uma vibração enorme e maravilhosa a sacudiu dos dedos dos pés até as pontas dos cabelos. O tremeluzir dos olhos era quase insuportável. Ela fechou os olhos, e então os abriu e viu-o olhando para ela espantado. Ele murmurou a palavra "azul". Mas as feridas, elas estavam se curando! Ela levantou os dedos. A sensação de tremor e coceira era apavorante. A carne estava cobrindo o osso. E seu lado, sim, se fechando.

- Oh, pelos deuses, obrigada. Graças aos deuses! - soluçou ela. - Eu estou inteira, Ramsés, eu estou inteira.

Uma vez mais suas mãos a acariciaram, fazendo com que ela se arrepiasse toda. Deixou que ele a beijasse, deixou que arrancasse as roupas rasgadas.

- Suga-me, abraça-me - murmurou ela.

Sobre a carne trêmula onde a ferida estivera ele a beijou, a boca aberta, a língua lambendo-a. Quando desceu para beijar os pelos úmidos entre as pernas dela, ela o puxou para cima.

- Não, dentro de mim. Me preencha! - ela gritou.- Eu estou inteira.

Seus sexos se encaixaram. Ele a ergueu e puxou-a de encontro a ele; ah, sim, nada a se lembrar agora, nada senão a carne; ela amoleceu de êxtase, a cabeça jogada para trás, os olhos fechados.

Derrotado, ele arrastava a perna esquerda como um aleijado, aproximando-se cada vez mais do hotel. Teria sido covarde em fugir? Deveria ter ficado, lutando para ser assistente naquela guerra de titãs? Com malícia nos olhos, Ramsey dissera: - Vá. E Ramsey salvara sua vida com a intervenção; seguindo-o, brincando com sua última tentativa febril de conseguir o elixir da vida. Ah, o que importava agora? Ele devia de alguma forma tirar Alex do Egito; sair ele próprio do Egito. Acordar desse pesadelo de uma vez por todas, e completamente. Era a única coisa que restava a fazer. Aproximou-se dos degraus da frente do Shepheard's, os olhos baixos. E não viu os dois homens que bloquearam seu caminho.

- Lorde Rutherford?

- Deixem-me em paz.

- Lamento, milorde, gostaria que isso fosse possível. Somos do escritório do governador. Existem algumas questões que devemos lhe perguntar.

Ah, a última humilhação. Ele não lutou.

- Então me ajude a subir as escadas, meu jovem - disse ele.

Ela saiu da banheira de cobre, a toalha grande e felpuda branca, os cabelos ainda úmidos e enrolados por causa do vapor. Era um banheiro de palácio aquele cômodo de azulejos pintados e água quente correndo por uma pequena

tubulação. E os perfumes que encontrara; como era doce o aroma, como de lilases amassados. Ela voltou ao quarto e se viu na porta espelhada do armário. Inteira. Perfeita. Suas pernas tinham o contorno próprio. Até mesmo a dor dentro dela, onde o homem mau chamado Henry a ferira, não existia mais.

Olhos azuis! Como essa visão a chocava. Ela tinha sido tão bonita assim quando estava viva? Ela sabia? Os homens sempre disseram que ela era bonita. Ela dançou um pouco, adorando a própria nudez, apreciando a suavidade do próprio cabelo contra as costas dos braços. Ramsés a olhava tranquilo do canto. Ora, isso não era nada fora do comum, era? Ramsés, o vigilante secreto. Ramsés, o juiz. Ela estendeu a mão para a garrafa de vinho sobre a cômoda. Vazia. Ela esmagou-a sobre o tampo de mármore. Fragmentos de vidro caíram no chão. Ele não fez nada; só aquele olhar duro, difícil de encarar. Então, o que importava? Por que não continuar dançando? Ela sabia que era bonita, que os homens a amariam. Os dois homens que ela matara esta tarde ficaram encantados por ela, e agora não havia nenhuma terrível evidência secreta de morte a esconder. Girando, deixando os cabelos voarem ao seu redor, ela gritou:

- Inteira! Viva e inteira!

Do outro aposento veio o súbito grito frenético daquele papagaio, aquele pássaro mau. Agora era a hora de matá-lo, um sacrifício à sua felicidade, como comprar um pombo branco no mercado e soltá-lo em agradecimento aos deuses. Ela foi até a gaiola, abriu a portinhola e enfiou a mão dentro, agarrando imediatamente a coisa que esvoaçava e guinchava. Matou-a apertando os dedos. Então puxou a mão para fora e viu o bicho cair no chão da gaiola. Virando-se, ela olhou para Ramsés. Ah, que rosto triste, tão cheio de desaprovação! Pobre querido!

- Não posso morrer agora. Isso não é verdade?

Nenhuma resposta. Ah, mas ela sabia. Pensara nisso desde... desde que tudo isto começara. Quando olhava para os outros, a compreensão pairando no fundo da sua cabeça. Ele a trouxera dos mortos. Agora ela não podia morrer.

- Ah, como você parece desconsolado. Não está satisfeito com sua mágica? - Aproximou-se dele, rindo baixinho. - Não sou bonita? E agora você chora. Que tolo! Foi tudo seu desígnio, não foi? Você entrou em minha tumba e me trouxe de volta; e agora chora como se eu estivesse morta. Ora, você virou as costas para mim quando eu estava morrendo. Deixou que pusessem a mortalha sobre meu rosto!

Ele suspirou.

- Não. Jamais fiz isso. Você não se lembra do que aconteceu.

- Por que você fez isso? Por que me trouxe de volta? O que fomos um para o outro, você e eu? Como todos esses pedaços brilhantes de memória se encaixam? Quando formarão um só tecido?

Ela se aproximou, olhando para sua pele, tocando-a mais uma vez. Uma pele tão elástica.

- Não sabe a resposta? - ele perguntou. - Não está no fundo de seu ser?

- Sei apenas que você estava lá quando morri. Você foi alguém que eu amava. Eu me lembro. Você estava lá e eu estava apavorada. O veneno da cobra havia me paralisado, eu queria gritar para você, mas não conseguia. Lutei. Eu disse seu nome. Você virou as costas.

- Não! Não, isso não podia ter acontecido! Eu fiquei ali, olhando você.

As mulheres chorando, ela ouviu novamente. Saindo daquele quarto cheio de morte, o quarto onde Marco Antônio morrera, amado Marco. Ela não deixou que levassem o divã, embora o sangue que minava das feridas tivesse ensopado a seda.

- Você me deixou morrer.

Ele pegou-a pelos braços novamente, com força. Era sempre assim com ele?

- Eu queria que você ficasse comigo, do jeito que está agora.

- Como estou agora. E como é isso? Que mundo é este? E o Hades da mitologia? Encontramos com outros?... Com...- Mas ainda há pouco ela sabia. - Com Marco Antônio? ela disse. - Onde está Marco? - Ah... Mas ela sabia.

Afastou-se. Marco estava morto; jazia na tumba. E ele não daria a magia para Marco; era tudo igual de novo. Ele apareceu por trás dela, e abraçou-a.

- Quando você me chamou - disse ele -, o que era que você queria? Diga-me agora.

- Fazer você sofrer! - ela gargalhou. Podia vê-lo no espelho do armário, e ria da dor em seu rosto. - Não sei por que chamei você! Não sei nem quem é

você! - Ela deu-lhe um tapa subitamente. Nenhum efeito. Como dar um tapa num bloco de mármore.

Recuou até o closet. Ela queria alguma coisa bonita. Qual era o vestido mais bonito que aquela mulher miserável possuíra? Ah, esse de seda cor-de-rosa com talhe delgado. Ela apanhou-o, enfiou-se nele e rapidamente colocou os ganchinhos na frente. Os seios ficaram bonitos, presos assim. E a saia era cheia e bela, embora ela não precisasse mais esconder os pés. Tornou a colocar as sandálias.

- Onde você vai?

- Para a cidade. Esta é a cidade do Cairo. Por que eu não deveria sair?

- Preciso falar com você.

- Precisa? - Ela apanhou a sacola de lona.

No canto do olho ela pôde ver um grande pedaço de vidro quebrado sobre a mesinha de mármore. Uma lasca da garrafa que esmagara. Caminhou lânguida até lá. A mão brincou com as pérolas ali. Ela também devia pegar essas. Claro que ele a acompanhou.

- Cleópatra, olhe para mim - ele disse.

Ela se virou abruptamente e beijou-o. Será que ele podia ser tão facilmente enganado? Sim, seus lábios lhe diziam isso, ah, tão deliciosos. Quão esplendidamente ele sofria! Caminhando cegamente ao seu lado, ela achou a lasca e, erguendo-a, rasgou-lhe a garganta. Ela recuou. Ele continuava olhando para ela. O sangue jorrava por seu robe branco. Mas não estava com medo. Seu rosto mostrava apenas tristeza, não medo.

- Eu também não posso morrer - ele murmurou.

- Ah! - ela sorriu. - Alguém despertou você da tumba?

Uma vez mais ela partiu para cima dele, chutando-o, arranhando seus olhos.

- Pare, eu lhe imploro.

Ela levantou o joelho, chutando-o com força entre as pernas. Aquela dor ele sentiu, ah, como sentiu. Dobrou o corpo até, e ela chutou-o com força na

cabeça.Ela correu para o jardim, agarrando a sacola de lona com a mão esquerda, e com a direita alcançou o alto do muro. Num segundo ela tinha passado sobre o muro e saiu correndo pela rua estreita sem luz. Em minutos ela alcançou o carro a motor. No mesmo instante, ligou o motor, injetou-lhe combustível com o pedal e saiu rugindo do bequinho até a rua principal. Ah, o vento em seu rosto novamente; a liberdade; e o poder desta grande besta de metal ao seu comando.

- Leve-me até as luzes brilhantes do Cairo Britânico- disse ela -, querida e doce besta. Sim!

A sala da frente do Shepheard's. Um bom gim do bar, com bastante gelo e só um pouquinho de limão. Estava feliz por terem lhe permitido isso. Que bebedor ele havia se tornado. Uma maravilhosa descoberta lhe passou pela cabeça. Quando voltasse à Inglaterra, ia se embebedar até morrer. Mas eles nunca iriam parar? Certamente haviam percebido que ele não lhes diria nada. Para ele pareciam manequins, as bocas se abrindo como se movimentadas por fios. Cada gesto parecia artificial. Até mesmo o rapazinho bonito que ia e vinha com o gelo e o gim parecia estar representando. Tudo falso. Grotescas, as figuras que passavam pelo saguão; e a música que vinha dos bares e do salão de baile, ora, soava como se essa noite eles pudessem estar tocando no inferno. Algumas vezes as palavras que eles diziam não faziam sentido. Ele conhecia a definição de cada palavra, mas qual era o sentido? Mortos com pescoços quebrados. Teria ela feito isso no breve tempo de sua ausência?

- Estou cansado, cavalheiros - ele disse finalmente.- O calor aqui não vai bem comigo. Levei um tombo sério hoje. Preciso de um descanso agora. Os senhores devem me permitir voltar ao meu quarto.

Os dois homens se entreolharam. Frustração fingida. Nada era real ali. O que era real? As mãos de Cleópatra se fechando em seu pescoço; a figura vestida de branco atrás dela, agarrando-a?

- Lorde Rutherford, estamos lidando agora com vários assassinatos! Obviamente, o esfaqueamento em Londres foi apenas o começo. Agora devemos pedir sua completa cooperação. Esses dois jovens senhores assassinados esta tarde...

- Eu já lhes disse. Nada sei a esse respeito! O que querem de mim, meus jovens, que eu invente coisas para vocês? Isso é absurdo.

- Henry Stratford. O senhor sabe onde podemos encontrá-lo? Ele estava

aqui no Shepheard's para vê-lo há dois dias.

- Henry Stratford frequenta as piores partes do Cairo. Ele caminha sozinho nas ruas escuras de noite. Não sei onde ele está, Deus o ajude. Agora eu preciso realmente ir. Levantou-se. Onde estava aquela maldita bengala agora?

- Não tente deixar o Cairo, senhor - disse o jovem, o arrogante, o que tinha o nariz fino. - Temos o seu passaporte.

- Vocês o quê? Isto é um ultraje - murmurou Elliott.

- Lamento que o mesmo se aplique ao seu filho. E à senhorita Stratford. Já apanhei seus passaportes na recepção. Lorde Rutherford, precisamos chegar ao fundo disso.

- Seu idiota - disse Elliott. - Sou um cidadão inglês! Como ousa fazer isso comigo?

O outro homem se intrometeu.

- Milorde, deixe-me ser sincero com o senhor! Conheço sua relação íntima com a família Stratford, mas o senhor não acha que Henry Stratford poderia estar ligado a esses assassinatos? Ele conhecia esse homem em Londres, o que foi esfaqueado. Quanto ao americano descoberto nas pirâmides, o sujeito tinha sido roubado: muito dinheiro. Agora, sabemos que Stratford teve seus altos e baixos com relação a dinheiro.

Elliott levantou o rosto sem falar. Estavam acusando Henry. Isso não lhe havia ocorrido. Ah, mas era óbvio! Estavam acusando Henry de tudo, claro. E Henry conhecera o sujeito em Londres. Que sorte. Que sorte supremamente maravilhosa. Olhou os dois cavalheiros que agora estavam de pé à sua frente, sem jeito. E se isso funcionasse?

- Milorde, há mais coisas. Temos também dois misteriosos furtos. Não só a múmia roubada do museu do Cairo; mas parece que a múmia da casa da senhorita Stratford em Mayfair também foi roubada.

- É mesmo?

- E uma peça de joalheria egípcia sem preço foi encontrada em poder da companheira de Henry Stratford, uma Daisy Banker, cantora de music hall...

- Sim... - Elliott tornou a recostar-se na cadeira.

- Bem, o que estou concluindo, milorde, é que talvez Stratford esteja envolvido em algo, o senhor sabe, alguma espécie de arranjo de contrabando... as joias e as moedas e as múmias...

- Múmias... Henry e as múmias... - Ah, era tudo tão bonito, e Henry, coitado do Henry, que assassinara Lawrence, estava flutuando no betume agora. Começaria a rir de histeria se pesasse isso tudo com atenção.

- Sabe, Lorde Rutherford, podemos estar procurando o homem errado.

- Mas então, o que Ramsey fazia no museu? - perguntou o oficial mais jovem com um pouco de impaciência.

- Tentando impedir Henry - murmurou Elliott. Ele deve tê-lo seguido. Estava desesperado para conversar com Henry, pela segurança de Julie. É claro.

- Mas como se explicam as moedas? - perguntou o jovem, ficando um pouco esquentado. - Descobrimos sete moedas de ouro de Cleópatra no quarto de Ramsey.

- Mas isso é óbvio - disse Elliott, olhando para cima, a luz acabando de surgir. - Ele deve tê-las tomado de Henry quando discutiram. Ele sabia o que Henry estava para fazer. Devia estar tentando detê-lo. É claro.

- Mas nada disso faz sentido! - exclamou o mais novo.

- Ora, faz muito mais sentido agora do que antes - disse Elliott. - Pobre Henry, pobre dele, louco e condenado.

- É, estou começando a ver um padrão - disse o mais velho.

- Está? - perguntou Elliott. - Mas é claro que está. Agora, se me permitirem, quero consultar um advogado. Quero meu passaporte de volta! Presumo que ainda possa consultar um advogado? Esse privilégio da cidadania britânica ainda não foi revogado?

- Por favor, Lorde Rutherford - disse o mais velho. - O que poderia fazer o jovem Stratford agir assim feito um louco?

- Jogo, meu velho. Jogo. É um vício. Isso destruiu a vida dele.

Inteira, viva, e louca! Mais louca do que antes que lhe desse o resto. Foi isso o que o elixir conseguira. Ah, o fruto do seu gênio. E como esse pesadelo

poderia terminar? Procurou por todas as ruas labirínticas do velho Cairo. Ela desaparecera. Como poderia esperar encontrá-la até que ela lhe desse algum sinal? Se ele nunca tivesse ido aos longos e sombrios corredores do Museu do Cairo, jamais teria visto seus restos negligenciados; um caminho diferente teria sido trilhado no futuro.

Com Julie Stratford a seu lado, todo o mundo poderia ter sido seu. Mas agora estava ligado para sempre ao monstro que criara, trazendo com ela através dos tempos o sofrimento que tentara apaziguar; a criatura louca que só conseguia se lembrar do ódio que um dia lhe votara, e nada do amor. Ah, mas o que ele esperava? Que nessa nova brilhante era, uma grande transformação espiritual se desse em sua alma antiga? E se Julie estivesse certa, e essa alma não fosse sequer a alma de Cleópatra? E se a coisa fosse um terrível gêmeo? O fato era que ele não sabia. Quando a tivera nos braços, só se dera conta de que aquela era a carne que ele um dia adorara; que aquela era a voz que lhe falava ora com raiva, ora com amor; que aquela fosse a mulher que finalmente o atraíra; e tomara a própria vida em vez do elixir... que agora o tentava com um fragmento de memória, que gritara para ele em seus momentos finais séculos atrás; ou tentara; e ele não ouviu seu último pedido. Ele a amava, assim como amava Julie Stratford. Amava as duas!

Continuava caminhando, cada vez mais rápido, para longe da estranha e assustadora quietude do velho Cairo e de volta à confusão da cidade nova. Tudo o que ele podia fazer era continuar a procurar. E que pista ela finalmente lhe daria? Outro assassinato sem sentido; e que outro assassinato seria creditado ao homem conhecido como Reginald Ramsey e levaria outra espada ao coração de Julie? Mas havia poucas chances de que Julie algum dia o perdoasse. Ele havia ido além em sua loucura, e ela esperava maior sabedoria dele, maior coragem. E ele fora um homem naquela casinha, um homem que olhava a imagem sofrida de seu amor perdido. E por isso ele sacrificara um amor mais belo e mais forte por uma paixão que o escravizara séculos atrás. Ele não mais merecia essa amante mais bela, e sabia disso. Mas mesmo assim ele queria aquele amor, e desejava isso; assim como desejara a condenada que devia de alguma forma controlar, ou destruir. Todo consolo estava agora além de seu alcance.

Agora havia belas roupas, vestidos que ela podia amar, pois tinham a velha suavidade e a velha simplicidade, e eram bordados com fios de prata e ouro. Ela se aproximou da janela brilhantemente iluminada, e pôs a mão nela. Leu o letreiro em inglês: SÓ O MELHOR PARA O BAILE DA ÓPERA. Sim, ela queria o melhor. E havia muito dinheiro na sacola. Precisava de sapatos como

aqueles, sapatos altos com saltos tipo adagas. E joias também. Ela foi até a porta e bateu. Uma mulher alta de cabelos prateados atendeu.

- Estamos fechando, querida. Desculpe, se voltar...

- Por favor, aquele vestido! - disse ela. Abriu a sacola e retirou um enorme punhado de dinheiro. Algumas notas caíram flutuando ao chão.

- Minha querida, você não deve exibir uma quantia dessas a esta hora da noite - a mulher disse a ela. Abaixou-se e pegou as notas soltas. - Entre. Está sozinha?

Ah, mas era muito bonito ali dentro; ela tocou o rico material da pequena cadeira dourada. E veja só, mais das estátuas que ela vira na janela, e aquelas estavam enfeitadas não só com ricas sedas flutuantes, mas com peles também. A longa faixa de pele branca a atraiu em especial.

- Eu quero isso - disse ela.

- Claro, minha querida, claro - disse a proprietária. Ela deu seu melhor sorriso para a mulher espantada.

- Isto é... isto é... para o baile da ópera? - perguntou.

- Ah, seria perfeitamente adorável! vou embrulhar para você.

- Ah, mas preciso de um vestido, sabe, e aquelas sandálias, e preciso de pérolas e rubis, se você tiver, pois sabe, perdi, todas as minhas joias.

- Vamos cuidar de você! Por favor, sente-se. Agora, o que gostaria de ver no seu tamanho?

Ia funcionar. Era uma história absurda: Henry entrando no Museu de Antiguidades para roubar uma múmia para pagar suas dívidas. Mas o simples fato era que - e devia se lembrar disso - a verdade era ainda mais absurda! Ninguém acreditaria na verdade. Ligou para seu velho amigo Pitfield assim que chegou à suíte.

- Diga-lhe que é Elliott Rutherford, eu espero. Ah, Gerald. Lamento interromper seu jantar. Parece que estou com um probleminha legal aqui. Acho que Henry Stratford está metido nisso. Sim. Sim, esta noite, se você pudesse. Estou no Shepheard's, claro. Ah, maravilhoso, Gerald. Sabia que podia contar com você. Daqui a vinte minutos. No bar.

Levantou os olhos para ver Alex entrando quando desligava o telefone.

- Pai, graças a Deus o senhor voltou. Confiscaram nossos passaportes! Julie está irada. E Miles acabou de passar por lá com outra história maluca. Algum pobre americano assassinado nas pirâmides, e um sujeito inglês morto do lado de fora do Café Internacional.

- Alex, arrume suas coisas - disse ele. - Já ouvi essa história toda. Gerald Pitfield está a caminho daqui. Ele conseguirá seu passaporte até amanhã de manhã, prometo, e então você e Julie vão estar no trem.

- O senhor vai ter que dizer isso a ela, pai.

- Direi, mas agora tenho de ver Pitfield. Dê-me o braço, e ajude-me a levantar.

- Mas, pai, quem é o responsável...?

- Filho, não quero ser a pessoa a lhe contar. E certamente não a Julie. Mas parece que Henry pode estar muito envolvido.

Silêncio ali em cima. Mal se podia ouvir a música que vinha das janelas iluminadas abaixo. Ela teve de subir as escadas em silêncio, sozinha, querendo apenas ver as estrelas, e ficar longe das indesejáveis batidas na porta e do indesejado tocar do telefone. E lá estava Samir, de pé na beira do telhado, olhando os minaretes e as cúpulas, e a miríade de pequenos telhados do Cairo. Samir, olhando para os céus como se estivesse em oração. Abraçou-a quando ela se aproximou.

- Samir, onde está ele? - murmurou ela.

- Ele nos mandará notícias, Julie. Ele não vai querer quebrar a promessa.

Fora uma escolha estranha: "cetim" verde-claro com fileiras de "botões" de pérola e camadas de " renda de Bruxelas". E a pele solta parecia bem-vinda, disse a mulher, e a mulher devia saber, não devia?

- Seus cabelos, tão bonitos, parece um pecado amarrá-los, mas sabe, minha querida, você devia realmente fazer isso. Parece mais... Talvez amanhã eu possa marcar hora para você com uma cabeleireira.

Naturalmente ela estava certa. As outras mulheres tinham todas cabelos altos, fora da nuca, não igual ao modo que ela sempre usara o dela, a não ser que

seus penteados tinham forma diferente, mais como um grande coração com cachos estranhos. Sim, ela gostaria dessa cabeleireira.

- Especialmente para o baile da ópera!

- Realmente.

E o vestido para o baile da ópera também era uma adorável criação, agora oculto com segurança num bolo de papel duro e brilhante. E também as outras coisas: as belas "calçolas" rendadas e as sedosas "anáguas" e os incontáveis vestidos, e sapatos e chapéus, e vários artigos que ela não conseguia mais lembrar. Lencinhos rendados, cachecóis e uma sombrinha branca para carregar no sol! Que besteiras deliciosas. Era como andar dentro de um grande quarto de vestir. O que eram os tempos modernos, que tais coisas feitas prontas para o corpo estavam por toda parte? A proprietária havia quase terminado seus cálculos, como ela os chamara. Contara muitas "notas" do dinheiro. E agora ela abria o armário de uma grande máquina de bronze, a "registradora", e havia muito mais dinheiro, muitíssimo mais dinheiro do que Cleópatra possuía.

- Devo dizer que você parece estonteante com essa cor! - exclamou a mulher. - Faz seus olhos mudarem de azul para verde.

Cleópatra deu uma gargalhada. Pilhas de dinheiro. Ela ergueu-se da cadeira, e caminhou delicadamente até a mulher, gostando realmente do claque-claque dos saltos altos no piso de mármore. Ela apanhou a mulher pela garganta antes que a pobre criatura sequer erguesse a vista. Ela apertou os dedos, pressionando o polegar bem no osso macio do meio. A mulher parecia surpresa. Emitiu um pequeno som de soluço. Então Cleópatra levantou a mão esquerda e cuidadosamente girou a cabeça dura da mulher para a esquerda. Snap. Mona. Não havia necessidade agora de refletir a respeito, ponderar o grande abismo que existia entre ela e essa triste figura que jazia agora no chão atrás da mesinha, olhando o teto iluminado. Todos aqueles seres estavam ali para serem mortos quando ela quisesse, e o que podiam fazer contra ela?

Ela enfiou o dinheiro na nova bolsinha de cetim para noite que achara ali. O que não coube ela enfiou na velha bolsa de lona. Pegou também todas as joias que sobraram na caixa sob a "registradora". Então empilhou as caixas uma em cima da outra até obter uma pilha monstruosa; carregou-as para fora e depositou-as sobre o banco traseiro do carro. Ir embora agora, para a próxima aventura. Jogando as caudas longas e grossas da pele branca sobre os ombros, ela ligou a besta novamente. E dirigiu-se rápido para o lugar onde "todas as melhores

pessoas ficam, os ingleses e os americanos, o Shepheard's, o hotel, se você entende o que digo".

Ela deu uma sonora gargalhada ao pensar no americano e no seu estranho jeito de falar com ela, como se ela fosse uma idiota; e com a mercadora fora a mesma coisa. Talvez no Shepheard's ela conhecesse alguém de charme e maneiras agradáveis, alguém infinitamente mais interessante que todas essas almas miseráveis que ela enviara às águas escuras de onde viera.

- O que, em nome de Deus, aconteceu aqui? - murmurou o mais velho dos dois oficiais.

Ele estava na entrada da casa de Malenka, relutante em entrar sem um mandado ou permissão. Nenhuma resposta às suas batidas na porta; nenhuma resposta ao chamar o nome de Henry Stratford. Podia ver vidro quebrado sobre a cômoda no quarto aceso. E aquilo no chão parecia sangue. O mais novo, como sempre impaciente e arrogante, havia se aventurado ao jardim com a lanterna elétrica. Cadeiras viradas. Porcelana quebrada.

- Meu Deus, Davis. Há uma mulher morta aqui!

O mais velho não se moveu por um momento. Olhava o papagaio morto no chão da gaiola. E em todas as garrafas vazias enfileiradas de uma ponta a outra do bar. E o paletó do terno pendurado na mesinha do canto.

Então ele decidiu entrar no pequeno jardim às escuras e ver o cadáver com os próprios olhos.

- É a mulher - disse ele. - A tal de Malenka, do Babilônia.

- Bem, acho que não precisamos de mandado sob estas circunstâncias.

O mais velho voltou à sala de estar. Foi cuidadosamente até o banheiro. Viu o vestido rasgado jogado no chão, e os curiosos trapos empurrados numa pilha contra a parede. Não prestou muita atenção ao jovem, que passou por ele; o jovem que andava por ali, vagamente aturdido pelos sinais óbvios de desastre, vasculhando e fazendo anotações no seu livrinho. Aqueles trapos: ora, eles pareciam bandagens de múmia, embora algumas das peças de linho lhe parecessem novas. Olhou para o jovem, que lhe estendia um passaporte.

- É de Stratford - disse ele. - Todos os seus documentos estão ali, no seu paletó.

Elliott apoiou-se no braço de Alex para sair do elevador envidraçado.

- Mas e se Pitfeld não conseguir arranjar isso? - perguntou Alex.

- Vamos continuar a nos conduzir como pessoas civilizadas enquanto tivermos que permanecer aqui - disse Elliott. - Você levará Julie à ópera, amanhã à noite, conforme planejado. E irá acompanhá-la ao baile depois disso. E ficará pronto para partir assim que os passaportes forem liberados.

- Ela não quer ir, pai. E prefere que Samir a acompanhe, se o senhor quer a verdade. Desde que isto tudo começou, é em Samir que ela confia. Ele está sempre a seu lado.

- Não obstante, você vai ficar perto dela. Vamos ser vistos juntos amanhã. Tudo nos seus devidos lugares. Agora, por que é que você não vai para a varanda tomar alguma coisa e deixa o negócio jurídico para mim?

Sim, ela gostava do Shepheard's, isso ela já sabia. Gostara dele aquela tarde mesmo, quando vira a longa fileira de carros a motor à sua frente, com homem e mulher exoticamente vestidos saindo de dentro deles e subindo as escadas. Agora havia poucos carros. Ela conseguiu parar bem à frente da entrada; e um jovem e atraente serviçal veio abrir-lhe a porta. Carregando a sacola de lona e a bolsa de cetim, subiu tranquila as escadas acarpetadas enquanto outros serviçais se atrapalhavam no afã de retirar do carro seus muitos pacotes. O saguão a agradou de imediato. Ah, ela não tinha ideia de que as salas desse prédio palaciano seriam tão grandes. E a multidão andando de um lado para o outro - mulheres esguias e homens muito bem vestidos - a excitou. Aquele era um mundo elegante: "tempos modernos". Era olhar para um lugar daqueles e medir as possibilidades.

- Posso ajudá-la, madame? - Aproximou-se outro serviçal; como era estranha a sua roupa, especialmente o chapéu. Se havia uma coisa dos "tempos modernos" que ela não gostava, eram esses chapéus!

- Ah, seria tão gentil! - ela disse com cuidado. - Eu gostaria de me alojar aqui. Este é o Shepheard's Hotel? O hotel?

- Sim, realmente, madame. Deixe-me levá-la à recepção.

- Espere - murmurou ela.

A alguns metros de distância, ela viu Lorde Rutherford! Não havia engano.

Era ele. E um jovem encantador estava com ele, uma criatura alta e magra de belos traços, finos como porcelana, que tornava suas companhias anteriores bem grosseiras. Forçou a vista, concentrando-se, tentando ouvir o que aquele jovem estava dizendo. Mas era uma distância muito grande. E os dois estavam a todo instante sumindo de vista, atrás de uma fileira de vasos com palmeiras altas. Então o mais jovem apertou a mão de Lorde Rutherford e deixou-o, andando para as portas da frente. E Lorde Rutherford entrou num grande salão sombrio.

- Aquele é o Lorde Rutherford, madame - disse o rapaz solícito ao seu lado.

- Sim, eu sei - ela disse. - Mas o bonito. Quem é?

- Ah, é filho dele, Alex, madame, o jovem Visconde Summerfíeld. São hóspedes frequentes do Shepheard's. Amigos dos Stratford, madame. Ela olhou para ele sem entender. - Lawrence Stratford, madame - explicou ele, ao pegá-la pelo braço e gentilmente guiá-la para a frente. - O grande arqueólogo, o que acabou de fazer a descoberta da tumba de Ramsés.

- O que você disse? - murmurou ela. - Fale devagar.

- O que desenterrou a múmia, madame, de Ramsés, o Maldito.

- Ramsés, o Maldito.

- Sim, madame, uma história e tanto, madame. Ele apontava agora para uma longa mesa ornada à frente dela, que na verdade parecia um altar. - Lá está a recepção, madame. Mais alguma coisa que eu possa fazer?

Ela deu uma risada de pura estupefação.

- Não - disse ela. - Você foi simplesmente super. Muito ok!

Ele lhe deu um olhar doce de indulgência, o olhar que todos os homens lhe davam. E então fez sinal a ela que subisse até a "recepção".

Elliott foi direto ao assunto com Pitfield. Estava ciente de que falava rápido demais, e provavelmente dizia coisas estranhas, mas não podia quebrar o ritmo. Tirar Alex dali. Tirar Julie se fosse possível. Eram os únicos pensamentos na sua cabeça, e depois se preocuparia com Randolph.

- Nenhum de nós tem a menor ligação com qualquer coisa - disse ele. - Eles precisam ter permissão de voltar para casa. Posso ficar por aqui se for absolutamente necessário, mas meu filho deve ter permissão de partir.

Gerald, dez anos mais velho que ele, grisalho e com peso acima da média, escutava com atenção. Não era um homem dado a bebidas fortes, tendia a trabalhar ininterruptamente, de forma que sua família pudesse desfrutar de cada aspecto prazeroso da existência colonial.

- Claro que não - ele dizia agora, com total simpatia. - Mas espere, lá está Winthrop na porta. Traz dois homens consigo.

- Não posso falar com ele! - disse Elliott. - Agora não, pelo amor de Deus.

- Deixe tudo por minha conta.

Como ficaram surpresos quando ela pagou adiantado com pilhas e pilhas do estranho dinheiro que eles chamavam de "notas e libras", embora não pesassem nada. Os jovens serviçais levariam suas muitas coisas à sua suíte, disseram eles. E realmente, havia cozinhas agora trabalhando para fazer qualquer comida que ela desejasse; havia o salão de jantar à direita; e ela poderia comer no quarto se desejasse. Quanto à cabeleireira que ela educadamente pedira para amarrar seus cabelos, essa senhora não estaria disponível até amanhã. Muito bem. Obrigada! Ela deixou cair a chave na bolsa de cetim. Acharia a suíte de número 201 depois. Apressou-se até a porta do salão escuro onde Lorde Rutherford entrara, e o espiou bebendo sozinho. Ele não a viu.

No terraço grande da frente, ela pôde ver seu filho, Alex, encostado numa pilastra branca - um jovem tão bonito em rápida conversação com um egípcio de pele escura. O egípcio voltou ao hotel. O jovem parecia perdido. Ela dirigiu-se imediatamente a ele. Chegou sorrateira ao seu lado e estudou-lhe o rosto delicado: sim, uma beleza. Claro que Lorde Rutherford era homem de um charme considerável; mas aquele era tão jovem que sua pele tinha ainda a maciez de uma pétala, e ainda por cima era alto e os ombros eram fortes e largos, e ele tinha um olhar claro, confiante, nos olhos castanhos quando se virou para ela.

- O jovem Visconde de Summerfield - disse ela. Filho de Lorde Rutherford, segundo me disseram?

Um grande sorriso.

- Sim, eu sou Alex Savarell. Perdoe-me, mas creio que não tive o prazer.

- Estou faminta, Visconde de Summerfield. Por que não me leva ao salão de jantar do hotel? Gostaria de comer alguma coisa.

- Ficaria encantado! Que prazer inesperado.

Ofereceu o braço a ela. Ah, ela gostou muito dele; nãohavia nem um pouco de reticência. Ele escoltou-a de volta ao salão principal, superlotado, passando pela taverna escura onde o pai bebia, na direção de um grande lugar aberto sob um teto dourado alto. Mesas com toalhas de linho enchiam as laterais do imenso salão. Ao centro, homens e mulheres dançavam, as saias das mulheres como grandes flores finas e onduladas. E a música, ah, tão doce, embora quase lhe ferisse os ouvidos. Era bem mais estridente do que a da caixa de música. E era tão triste!

Imediatamente ele pediu a um imperioso senhor que os levasse a uma "mesa". Que pessoa desagradável era aquele homem imperioso que parecia tão finamente vestido quanto qualquer um dos presentes. Mas ele disse: "Sim, Lorde Summerfield", com grande respeito. E a mesa era realmente boa, posta com belos pratos, e flores de perfume doce.

- Que música é esta? - perguntou ela.

- Da América - disse ele. - De Sigmund Romberg. Ela começou a balançar um pouco para frente e para trás.

- Você gostaria de dançar? - perguntou ele. - Isso seria super!

Ah, mas que mão quente ele tinha quando pegou a dela e conduziu-a pelo salão. Quão peculiar que cada casal devesse dançar como se inteiramente sozinho e concentrado num ritual particular. Imediatamente o ritmo melancólico arrebatou-a. E aquele homem adorável, quão adoravelmente ele olhava para ela. Era realmente um adorável jovem esse Alex, Lorde Summerfield.

- Como é encantador aqui - disse ela. - Um verdadeiro palácio. E a música, tão comovente, tão bonita. Dói nos meus ouvidos, mas eu também não gosto de ruídos altos: pássaros guinchadores, armas.

- Claro que não - ele disse surpreso. - Você é uma criatura tão frágil. E seus cabelos, posso lhe dizer que seus cabelos são lindos? É raro ver uma mulher que usa o cabelo livre, e natural. Faz você parecer uma deusa.

- Sim, isso é muito ok. Obrigada.

Ele riu suavemente. Tão sincero. Nenhum medo nos olhos, não recuava. Era como um príncipe acostumado desde a infância com o mimo das babás no

palácio. Gentil demais para o mundo real.

- Você se incomodaria muito de me dizer seu nome? - perguntou ele. - Eu sei que não fomos apresentados adequadamente, então, ao que parece, devemos nos apresentar.

- Meu nome é Cleópatra, rainha do Egito.

Como ela adorava dançar assim, ser carregada, virada; o chão estremecia como água sob seus pés.

- Ah, eu quase acredito em você - ele disse. - Você parece uma rainha. Posso chamá-la de Sua Alteza?

Ela riu.

- Sua Alteza. É o tratamento adequado a uma rainha? Sim, pode me chamar de Sua Alteza. E eu o chamarei de Lorde Summerfield. Estes homens aqui, são todos... lordes?

Através do espelho escuro da parede, Elliott viu Winthrop e suas cortes recuarem. Pitfield vinha logo atrás e tomou a cadeira em frente. Pediu outro drinque.

- Mais confusão - disse ele. - O que diabos aconteceu ao jovem Stratford? - Diga-me.

- Impressionante! Uma dançarina do ventre, companheira de Henry Stratford. Encontraram-na morta, pescoço quebrado, no jardim da casa que ela dividia com Henry. Todas as coisas dele estavam lá. Passaporte, dinheiro, tudo.

Elliott engoliu em seco. Precisava urgente de outra bebida. Ocorreu-lhe que deveria comer alguma coisa para que pudesse continuar a beber sem desmaiar.

- A mesma coisa que aconteceu com o estudante de Oxford esta tarde, pescoço quebrado, e o garoto americano nas pirâmides, e a empregada no museu. Por que será que ele se deu ao trabalho de usar uma faca em Sharples? É melhor você me contar tudo o que sabe a respeito.

O garçom serviu os copos limpos de scotch gim. Eliott pegou seu drinque e tomou um gole, pensativo.

- Justo do que eu tinha medo, a coisa toda. Ele estava fora de si pela culpa.

- Sobre o jogo.

- Não. Por Lawrence. Foi Henry, sabia, e os venenos da tumba.

- Bom Deus, homem, está falando sério?

- Gerald, foi como tudo começou. Ele tinha documentos para Lawrence assinar. Provavelmente forjou-os. Mas não é essa a questão. Ele admitiu o assassinato.

- Para você.

- Não, para outra pessoa. - Interrompeu-se, tinha de pensar sobre isso, mas não tinha tempo. - Para Ramsey.

- Ramsey, aquele que estão procurando.

- Sim, Ramsey tentou falar com ele hoje bem cedo, antes que Henry enlouquecesse e invadisse o museu. A propósito... você disse que eles estiveram na casa da dançarina do ventre. Acharam qualquer evidência de uma múmia ali, qualquer bandagem? Isso certamente amarraria tudo e então parariam de perseguir o pobre Ramsey. Ramsey é inteiramente inocente, você vê. Foi ao museu para tentar falar com Henry.

- Tem certeza disso?

- Foi tudo culpa minha. Não consigo dormir até tarde, a dor nas minhas juntas é muito grande. As cinco da manhã eu estava voltando da minha caminhada. Vi Henry, bastante bêbado, perto do museu, como eu lhe havia dito. Achei que ele estivesse fazendo a ronda dos pubs. E cometi o erro de contar a Ramsey, que havia acabado de descer para seu café matinal. Ramsey tentara conversar com Henry antes. E lá foi ele para encontrá-lo novamente, por Julie.

- Julie e este Ramsey, eles...

- Sim. O noivado com Alex acabou. Foi tudo bem amigável; Alex e Ramsey são amigos. E todo esse problema precisa ser resolvido.

- Claro, claro.

- Ramsey estava tentando impedir o roubo quando a polícia o prendeu. Ele é um homem estranho. Entrou em pânico. Mas certamente você conseguirá resolver isso tudo.

- Ora, vou fazer o possível e o impossível. Mas por que diabos o Stratford invadiria o museu para roubar uma múmia?

- Isto eu não sei. - A frase do ano, pensou. - Tudo o que sei é que a múmia de Ramsés, o Maldito, em Londres, também está desaparecida, e aparentemente ele também roubou algumas moedas e joias. Creio que alguém possa ter se aproveitado dele. Roube um par de relíquias valiosas, arranje um dinheiro rápido, coisa parecida.

- Então ele entra no museu mais famoso do mundo inteiro?

- A segurança egípcia não é muito boa, amigo velho. E você não tem visto Henry nos últimos meses, tem? Está muito deteriorado, meu amigo. Isto pode ser um caso de insanidade pura. O negócio é, não posso deixar que Alex e Julie fosse detidos no Cairo. E eles não partirão até que Ramsey esteja limpo, e Ramsey não fez nada. - Terminou o gim.- Gerald, tire-nos dessa confusão, a todos nós. Eu farei uma declaração, se você aconselhar. Tentarei localizar Ramsey. Se ele tiver imunidade garantida, então certamente me apoiará. Você pode cuidar disso, Gerald, você conhece esses idiotas coloniais! Você lida com eles há anos.

- Sim, certamente que sim. Isso tem de ser manipulado delicadamente, mas sem tempo a perder. E o fato é que eles estão atrás de Stratford. É meramente uma questão de se dispensar Ramsey.

- Sim, protocolos e propriedades e burocracia e todo aquele lixo colonial. Faça isso, Gerald. Não me importo com o que você faça, eu tenho de levar meu filho para casa. Usei muito mal meu filho nisso tudo...

- O quê?

- Nada. Pode trabalhar nisso?

- Sim, mas quanto ao Henry... Você tem alguma ideia de onde ele possa estar?

No caldeirão de betume. Elliott estremeceu.

- Não - disse ele. - Nenhuma ideia. Mas ele tem muitos inimigos por lá, pessoas a quem devia dinheiro. Preciso de outra bebida. Consiga a atenção desse cabecinha oca, sim?

- Jovem Lorde Summerfíeld - disse ela, olhando para a linda boca do rapaz.

- Vamos comer em meus aposentos. E deixar este lugar para ficarmos sozinhos lá.

- Se você deseja assim. - O inevitável fogo nas faces. Ah, como seria o resto desse corpo jovem? Rezava para que houvesse um órgão priápico digno de todos os outros atrativos!

- Realmente, mas você deseja? - ela perguntou. Correu as costas dos dedos pelo seu rosto. Então desceu os dedos pelo peitilho rígido do traje dele.

- Sim, eu desejo - murmurou ele.

Ela o levou para fora do salão de danças, apanhando suas bolsas ao saírem da música ondulante e das luzes, de volta ao salão superlotado.

- Suíte dois-zero-um - disse ela, apanhando a chave. - Como a encontramos?

- Ora, é só pegar o elevador para o segundo andar - disse ele, olhando estranho para ela. - E andar até a frente do edifício.

- O elevador?

Ele conduziu-a até um par de portas de aço. Apertou um botãozinho na parede. Havia um desenho enorme entre esses portais: Aída, a ópera. E havia as mesmas figuras egípcias que ela vira antes.

- Ah, a ópera - disse.

- Sim, um evento e tanto - disse ele.

O portão de aço havia se aberto, e um homem dentro da pequena câmara parecia estar esperando por eles. Ela deu um passo para dentro. Era como uma gaiola. E isso a assustou subitamente. As portas se fecharam com um estrondo. Uma espécie de armadilha, e o aposento começou a se erguer.

- Lorde Summerfield - ela gritou.

- Está tudo bem, Sua Alteza - disse ele.

Abraçou-a, e, virando-se, ela inclinou a cabeça no peito dele. Ah, ele era muito mais doce que todos os outros, e quando um homem forte é doce, até

mesmo as deusas descem do Olimpo para olhar. Finalmente as portas se abriram. Ele levou-a para fora, para um corredor silencioso. Andaram até uma janela distante.

- O que a apavorou tanto? - perguntou ele.

Mas seu tom de voz não continha ironia ou desaprovação. Era quase confortador. Pegou a chave dela, e colocou-a na fechadura.

- O quarto se moveu - ela suspirou. - Não são essas as palavras corretas em inglês?

- Sim, são essas - disse ele.

Fez uma pausa enquanto entravam na comprida saleta de estar, com cortinas e cadeiras ricas, estas últimas muito parecidas com almofadas gigantes.

- Ora, você é uma criatura muito estranha, Tão fora deste mundo.

Ela esticou a mão e acariciou seu rosto, e lentamente o beijou. Subitamente os olhos castanhos dele ficaram preocupados. Mas então ele retribuiu o beijo, e o fogo súbito a surpreendeu e excitou.

- Por esta noite, Lorde Summerfield - disse ela. -, este é meu palácio; e agora devemos procurar o quarto real.

Elliott foi com Pitfield até a porta do bar.

- Não sei como lhe agradecer por ter vindo imediatamente - disse ele.

- Confie em mim, amigo velho, e veja se consegue falar com seu amigo. Naturalmente, não posso aconselhar que você...

- Eu sei, eu sei. Deixe-me cuidar disso. - Elliott retornou ao bar, sentou-se na poltrona de couro e pegou seu gim.

Sim, ele iria definitivamente se embebedar até a morte quando tudo isso acabasse. Iria para o campo, levaria as melhores bebidas, sherry, vinho do Porto, scotch e gim, e simplesmente beberia dia após dia até cair morto. Seria maravilhosamente simples. Ele se via ali sentado, à grande lareira, um pé na otomana de couro. A imagem perdeu o foco; então desapareceu. O enjoo subiu-lhe à garganta, e ele estava prestes a ter um colapso.

- Levar Alex para casa; levá-lo para casa em segurança - murmurou, e

então começou a tremer, incontrolável.

Viu-a novamente, andando pelo museu com os braços esticados. E então na cama, olhando para ele; sentiu sua carícia, e os ossos que apareciam do lado dela quando pressionara o corpo contra o dele. Lembrou-se do olhar enlouquecido nos olhos de Ramsés quando lutou contra ela. O tremor ficou pior. Muito pior. Ninguém no bar escuro reparou; um pianista havia entrado; um jovem, que começou a tocar um ragtime lento.

Ele a ajudara a tirar o belo vestido de cetim verde. Depositou-o sobre a cadeira; e quando as luzes se apagaram, ela viu a cidade através das pálidas cortinas. Ela viu o rio.

- O Nilo - murmurou ela.

Queria dizer como era bonita aquela faixa brilhante de água cortando sinuosa a cidade grande; mas uma sombra se apossou de sua alma. Uma imagem surgiu-lhe como as outras; descendo completa e inteira e então desaparecendo; só que esta fora tão rápida. Uma catacumba, um sacerdote caminhando à sua frente.

- O que é, Alteza?

Ela levantou lentamente a cabeça. Gemeu; isso foi o que o amedrontara.

- Você é tão carinhoso comigo, jovem Lorde Summerfield - disse ela.

Onde estava a inevitável grosseria neste rapaz? A inevitável necessidade de ferir que todos os homens evidenciavam mais cedo ou mais tarde? Ela levantou os olhos e viu que ele agora também estava nu, e a visão de seu corpo jovem e forte agradava-lhe intensamente. Ela pôs a mão sobre seu estômago reto, e depois gentilmente sobre seu peito. Era sempre a dureza dos homens que a excitava; até mesmo os traços rígidos de suas bocas, e o fato de que tensionavam suas bocas quando beijavam; ela gostava até mesmo de sentir seus dentes por entre os lábios. Ela o beijou com força e pressionou os seios contra ele. Ele mal conseguia se controlar; queria carregá-la até a cama; tentava ser gentil.

- Uma coisa tão estranha - murmurou ele. - De onde foi que você veio?

- Do frio e da escuridão. Beije-me. Só torno a ficar quente quando sou beijada. Faça uma fogueira, Lorde Summerfield, para nos queimar.

Ela recostou-se contra os travesseiros, puxando-o sobre ela. Sua mão agarrou o sexo dele e acariciou-o, beliscando a ponta. Quando ele gemeu, ela abriu os lábios dele com os próprios, lambendo-lhe a língua e os dentes.

- Agora - disse ela. - Dentro de mim. A segunda vez será pela música lenta.

A suíte de Julie. Samir colocou os jornais sobre a mesa. Julie tomou uma segunda xícara do doce café egípcio.

- Você não deve me deixar essa noite, Samir. Não até ouvirmos notícias dele - disse ela. - Vou pôr o vestido. Prometa que não vai me deixar.

- Eu estarei aqui, Julie - disse ele -, mas talvez você devesse dormir. Acordarei você assim que ouvir alguma coisa.

- Não, não consigo. Só quero tirar essas roupas. Não demoro.

Ela entrou no quarto. Há cerca de uma hora mandara Rita para seu próprio quarto, e dava graças a Deus por isso; só queria ficar com Samir. Seus nervos estavam em pandarecos. Ela sabia que Elliott estava no hotel, mas não queria ligar para ele. Não queria vê-lo ou falar com ele. Não até que soubesse o que Ramsés fizera, e não conseguia evitar a sensação de mau presságio. Tirou devagar os alfinetes do cabelo, olhando-se distraída no espelho. Por um instante, não notou nada fora do comum, e então subitamente percebeu que havia um árabe alto vestido de branco no canto do aposento, quieto como as sombras, simplesmente observando-a.

Seu árabe, Ramsés.Ela se virou, os cabelos caindo todos de uma vez sobre os ombros. O coração estava a ponto de explodir. Ela poderia ter desmaiado novamente pela segunda vez na vida, se ele não a tivesse amparado. Então ela percebeu a grande mancha de sangue na túnica dele, e mais uma vez sentiu-se fraca; a escuridão se fechava ao seu redor. Silenciosamente ele a abraçou, apertando-a para junto de si.

- Minha Julie - disse ele, a voz embargada.

- Há quanto tempo você estava aqui?

- Só um pouco - respondeu ele. - Deixe-me ficar em silêncio agora; deixe-me abraçar você.

- Onde está ela?

Ele a deixou, recuando.

- Não sei - disse ele, a voz derrotada. - Eu a perdi.

Julie observou-o enquanto ele andava, se virava e a encarava do outro lado do quarto. Estava profundamente consciente de que o amava, e continuaria amando-o, não importava o que acontecesse. Mas não podia dizer uma coisa dessas a ele, não até que soubesse...

- Deixe-me chamar Samir - disse ela. - Ele está lá, na sala de estar.

- Quero ficar sozinho com você por um momento ele disse. E pela primeira vez, ele parecia ter um pouco de medo dela. Era uma coisa sutil, mas ela o sentia.

- Você tem que me contar o que aconteceu.

Ele continuou impassível, olhando para ela, as roupas de sheik fazendo o possível e o impossível para torná-lo irresistível. E então, subitamente, sua expressão partiu-lhe o coração. Não havia como negar.

Com uma voz trêmula ela disse:

- Você deu mais elixir para ela.

- Você não a viu - ele disse baixinho, a voz sem pressa, os olhos cheios de arrependimento indisfarçável. - Você não ouviu o som de sua voz! Você não a ouviu chorando. Não me julgue. Ela está tão viva quanto eu! Eu a trouxe de volta. Deixe que eu me julgue.

Ela apertou as mãos, machucando os dedos da mão direita com os da outra.

- O que você quer dizer com não sabe onde ela está?

- Quero dizer que ela me escapou. Ela me atacou; tentou me matar. E está louca. Lorde Rutherford estava certo. Absolutamente louca. Ela o teria matado se eu não a tivesse impedido. O elixir não alterou isso. Simplesmente curou seu corpo.

Ele deu um passo na direção dela, e antes que ela pudesse evitar, deu-lhe as costas. Ia chorar novamente; ah, tantas lágrimas. E ela não queria.

- Reze a seus deuses - disse ela pelo espelho. - Pergunte a eles o que fazer. Meu Deus apenas condenaria você. Mas seja o que for que aconteceu a esta

criatura, uma coisa é certa. - Ela se virou e encarou-o. - Você nunca mais fabricará o elixir novamente. Consuma o que restou. Faça-o agora, em minha presença. E então apague a fórmula de sua cabeça.

Não houve resposta. Lentamente ele removeu o capuz, e passou a mão pelos cabelos. Por algum motivo isso só o fazia parecer ainda mais galante e sedutor. Uma figura bíblica agora, com cabelos e roupas a flutuar. Ela ficou um pouco mais zangada, e isso fez a ameaça das lágrimas ainda mais cruel.

- Você percebe o que está dizendo?

- Se é perigoso demais para consumir, então encontre algum lugar bem longe, nas areias do deserto, e faça um poço fundo onde possa derramá-lo! Mas livre-se dele.

- Deixe-me fazer uma pergunta...

- Não. - Ela voltou as costas novamente.

Tapou os ouvidos. Quando levantou a cabeça viu no espelho que ele estava bem nos seus ombros. Novamente aquela consciência de que o mundo inteiro fora destruído, que uma luz brilhante atirara tudo o mais numa sombra sem fim. Gentilmente, ele lhe tomou as mãos, e baixou-as. Olhou para seus olhos através do espelho, o corpo quente e próximo ao dela.

- Julie, a noite passada. Se em vez de levar o elixir comigo para o museu, se em vez de derramá-lo sobre os restos de Cleópatra... se em vez disso, eu o oferecesse a você, você o teria tomado?

Ela se recusou a responder. Ele agarrou-a rudemente pelo pulso e virou-a.

- Responda! Se eu nunca a tivesse visto deitada ali no estojo de vidro...

- Mas viu.

Ela pensava em resistir firmemente, mas ele a surpreendeu com seu beijo, com a rudeza e o desespero de seu abraço, com suas mãos movendo-se sobre o rosto dela quase cruelmente. Ele dizia o nome dela como uma prece. Murmurou alguma coisa em egípcio antigo que ela não soube dizer o que era. E então ele disse suavemente em latim que a amava. Ele a amava. Parecia tanto uma explicação quanto uma apologia, de alguma forma, o motivo para todo esse sofrimento. Ele a amava. Disse isso como se apenas descobrisse isso agora, e

agora as lágrimas dela despontavam novamente, com estupidez. Ela estava furiosa. Recuou; então beijou-o e deixou que ele a beijasse novamente, e afundou-se contra seu peito, simplesmente deixando que ele a abraçasse. Então ela disse suavemente:

- Como é ela? Ele suspirou. - É bonita?

- Sempre foi. É agora, é a mulher que seduziu César, Marco Antônio, e o mundo inteiro. Ela ficou rígida, e se afastou dele. - Ela é tão bonita quanto você - disse ele. - Mas você tem razão. Ela não é Cleópatra. É uma estranha no corpo de Cleópatra. Um monstro olhando através dos olhos de Cleópatra. E lutando para usar as habilidades de Cleópatra para suas próprias vantagens sem propósito.

O que mais havia para se dizer? O que ela poderia fazer? Estava tudo nas mãos dele, estivera desde o começo. Ela forçou-o a libertá-la, e então se sentou e encostou o cotovelo no braço da cadeira, repousando a testa na mão.

- Vou encontrá-la - disse ele. - E desfarei todo esse erro terrível. Eu a porei de volta à escuridão da qual a tirei. E ela sofrerá apenas um pouco. E então dormirá.

- Ah, mas é tão terrível! Deve haver alguma outra maneira... - ela irrompeu em soluços.

- O que fiz a você, Julie Stratford? - perguntou ele. - O que fiz à sua vida, a todos os seus doces sonhos e ambições?

Ela tirou o lencinho do bolso e levou-o à boca. Forçou-se a parar esse choro idiota. Assoou o nariz, e então levantou os olhos para ele, a grande e bela figura de sonhos que ele era, em pé ali com sua expressão trágica. Um homem, apenas um homem. Imortal, sim, outrora um rei, sempre um mestre, mas humano como todos nós. Falível como todos nós. Digno de ser amado, como todos nós.

- Não posso viver sem você, Ramsés - ela disse. - Bem, eu poderia. Mas não quero. Ah, agora as lágrimas vinham dele. Se ela não desviasse o olhar, estaria chorando novamente. - Razão não tem mais nada a ver com isso - ela continuou. - Mas é esta criatura a quem você fez mal. Esta coisa que você ressuscitou e que será ferida. Você fala de enterrá-la viva. Eu não posso... Não posso...

- Confie em mim, acharei um jeito que não seja doloroso - murmurou ele.

Ela não conseguia falar. Não conseguia olhar para ele. - E saiba isto. Saiba agora antes que mais tarde possa causar confusão. Seu primo Henry está morto. Cleópatra o matou.

- O quê?

- Foi para a residência de Henry no velho Cairo que Elliott a levou. Ele me seguiu até o museu. E quando os soldados me levaram, Elliott deu abrigo à criatura que eu ressuscitara. Levou-a para lá, e lá ela matou Henry e a mulher, Malenka.

Ela balançou a cabeça, e uma vez mais levou as mãos aos ouvidos. Todas as coisas que ela sabia de Henry, da morte do pai, do atentado contra a sua vida, de algum modo não podiam ajudá-la agora; elas não conseguiam tocá-la. Ela só ouvia o terror.

- Confie em mim quando digo que vou encontrar um jeito sem dor. Pois isto eu deverei fazer antes que mais sangue inocente seja derramado. Não posso voltar as costas para isso até que esteja terminado.

- Meu filho não deixou nenhuma mensagem?

Elliott não abandonara a poltrona de couro, e não tinha intenção de fazê-lo. Mas sabia que tinha de chamar Alex antes de ficar mais bêbado. E então pediu o telefone.

- Mas ele não sairia sem falar comigo. Está certo. Onde está Samir Ibrahaim? Pode ligar para seu quarto para mim?

- Está na suíte da senhorita Stratford, senhor. Dois zero-três. Pediu que qualquer recado seja enviado para lá. Devo telefonar? São onze horas, senhor.

- Não, eu vou subir, obrigado.

Ela inclinou-se sobre o lavatório de mármore. Jogou a água fria no rosto. Não queria olhar no espelho. Então enxugou devagar os olhos com a toalha. Quando virou-se, ela o viu de pé na sala de estar. Podia ouvir a voz baixa e confortadora de Samir.

- Claro que o ajudarei, senhor, mas por onde começamos?

Uma batida fraca na porta do hall. Ramsés recuou para o quarto. Samir foi atender. Era Elliott. Seus olhos se cruzaram apenas por um momento, e então ela

desviou o rosto, incapaz de julgá-lo e incapaz de encará-lo. Pensou apenas, ele teve participação nisso. Sabe de tudo; sabe mais do que eu. E subitamente sua repulsa por todo aquele pesadelo ficou insuportável. Ela foi até a sala de estar, e sentou-se na cadeira do canto.

- Vou direto ao assunto - disse Elliott, olhando diretamente para Ramsés. - Tenho um plano e preciso de sua cooperação. Mas antes que eu comece, deixe-me lembrar que aqui não é seguro para você.

- Eles me encontram, eu fujo novamente - Ramsés disse dando de ombros.

- Que plano é esse?

- Um plano para tirar Julie e meu filho daqui - disse Elliott.

- Mas o que aconteceu depois que eu saí? Quer me dizer?

- Ela é como você descreveu. Louca, incalculavelmente forte e perigosa. Só que agora ela está inteira. Não mais desfigurada. E os olhos têm a cor do céu azul, assim como os meus.

- Ah.

Elliott ficou quieto, como se tivesse sentido uma dor aguda e tivesse de conter o fôlego para deixá-la passar. Julie percebeu subitamente que ele estava bêbado, realmente bêbado. Era talvez a primeira vez que ela o via desse jeito. Ele estava digno, contido, mas bêbado. Estendeu a mão para o copo de Samir, ainda com brandy pela metade, e bebeu o conteúdo quase indiferente. Silenciosamente, Samir foi até a mesinha de vime com bebidas ao canto e pegou uma garrafa para ele.

- Você salvou a minha vida - Elliott disse para Ramsés. - Eu lhe agradeço por isso.

Ramsés deu de ombros. Mas o tom desse diálogo deixou Julie curiosa. Era íntimo, como se esses dois homens conhecessem um ao outro muito bem. Não havia animosidade.

- Que plano é esse? - disse Ramsés.

- Você precisa cooperar. Precisa dizer mentiras. Precisa fazer isso efetivamente. E o resultado final é que você será inocentado dos crimes pelos quais é suspeito, e Julie e Alex estarão livres para partir. Samir também não

estará mais sob suspeita. Então poderemos nos ater a outras questões...

- Não vou a lugar algum, Elliott - Julie disse cansada. - Mas Alex deve ter a permissão de voltar para casa assim que possível.

Samir serviu outra dose de brandy para Elliott, e Elliott pegou-a mecanicamente e bebeu-a.

- Tem gim, Samir? Prefiro gim para ficar bêbado disse ele.

- Vamos ao ponto, milorde - disse Ramsés. - Preciso ir embora. A última rainha do Egito percorre esta cidade sozinha, com um pendor para assassinato; preciso encontrá-la.

- Isto vai exigir um estômago forte - disse Elliott. - Mas existe uma maneira segundo a qual tudo pode ser remontado a Henry. Ele próprio cavou sua sepultura. Mas, Ramsey, você vai ter de mentir como eu lhe disser...

O silêncio da noite. Alex Savarell jazia nu, dormindo sobre os lençóis imaculadamente brancos da suave cama de penas, o fino cobertor de lã cobrindo-o apenas até a cintura, o rosto suave e brando à luz do luar. Na quietude doce, ela desembrulhara os muitos pacotes em silêncio, examinando os finos robes, vestidos, sandálias. Pusera sobre a mesinha de cabeceira os pequenos papéis retangulares da ópera que diziam "Válido para uma pessoa". A lua brilhava sobre as ricas sedas. Faiscava na corda de pérolas, enrolada como uma serpente, sobre a mesa. E além das finas cortinas na janela, ela brilhava sobre o Nilo que fluía para dentro do emaranhado suave de torres e telhados arredondados que era o Cairo!

Cleópatra estava de pé à janela, de costas para a cama macia e o rapaz com aspecto de deus que ali dormia. Ele lhe dera um prazer divino. Sua inocência e simples potência masculina eram tesouros para ela; o mistério e as habilidades dela o arrasaram. Nunca antes ele se colocara nas mãos de uma mulher assim, confessara. Nunca dera asas aos seus desejos com tanto abandono. E agora ele dormia o sono das crianças, seguro na cama, enquanto ela velava à janela.... enquanto lhe ocorriam sonhos, fingindo serem memórias.

Ocorreu-lhe que ela não vira a noite desde que fora acordada. Não conhecera o frio mistério da noite, quando os pensamentos tendem naturalmente a se aprofundar. E o que lhe ocorria agora eram imagens de outras noites, de palácios reais, resplendentes com pisos e pilares de mármore, e mesas repletas de

frutas e carne assada e vinho em ânforas de prata. De Ramsés falando com ela, os dois deitados juntos na escuridão.

- Eu amo você, como não amei nenhuma outra mulher. Viver sem você... não seria vida.

- Meu rei, meu único rei - ela dissera. - O que são os outros, senão brinquedos no jogo de uma criança? Pequenos imperadores de madeira movidos ao acaso, de um lugar a outro.

Isso esvaneceu-se; afastou-se dela. Ela perdera isso como perdera as outras lembranças. E o que era real era a voz de Alex, inquieto em seu sono.

- Sua Alteza, onde está você?

Uma angústia como que encantada descera sobre ela, e ela não conseguia rasgar esse véu. Era pesado demais! escuro demais. Ela cantou para si mesma, aquela canção, aquela doce canção da caixa de música, "Celeste Aída". E então, quando ela se virou e viu seu rosto à luz do luar, olhos fechados, a mão aberta sobre a colcha, sentiu uma profunda saudade. Cantarolou a canção, lábios fechados enquanto se aproximava da cama e olhava para ele. Acariciou-lhe os cabelos com carinho. Com carinho as pontas de seus dedos tocaram-lhe as pálpebras. Ah, deus adormecido, meu doce Endímio. Sua mão moveu-se lânguida para baixo, e tocou-lhe o pescoço, tocou os ossos frágeis que em outros ela quebrara. Coisa frágil e mortal apesar de toda a força, os músculos bem delineados dos braços, o peito largo e macio, as mãos que me dão prazer.

Ela não queria que ele conhecesse a morte! Não queria que ele sofresse. Um grande senso de proteção surgiu nela. Ela ergueu o cobertor branco e enfronhou-se na cama quente ao seu lado. Ela nunca feriria aquele ali, nunca, isso ela sabia. E subitamente a própria morte parecia uma coisa aterrorizante e injusta. Mas por que sou imortal quando ele não é? Ó, deuses. Por um segundo pareceu que um grande portal se abria a uma vastidão de luz e todas as respostas eram reveladas; seu passado, quem era ela, o que acontecera, todas aquelas coisas ficavam claras. Mas estava escuro e silencioso naquele quarto. Não houve tal iluminação.

- Meu amor, meu lindo e jovem amor - disse ela, beijando-o novamente. Imediatamente ele se excitou; reagiu. Abriu os braços para ela.

- Sua Alteza.

Ela tornou a sentir a rigidez entre as pernas dele; queria que ele a preenchesse novamente, a machucasse. Sorriu para si mesma. Se não se pode ser imortal, pelo menos que se seja jovem, ela pensou, triste.

Ramsés escutara em silêncio por muito tempo antes de falar.

- Então o que você está dizendo é que devemos contar essa história elaborada às autoridades, que eu discuti com ele, segui-o até lá dentro, vi-o tirar a múmia do estojo, e então os soldados me prenderam.

- Você mentiu para o Egito quando era rei, não mentiu? Mentiu para seu povo quando disse a eles que era o deus vivo.

- Mas, Elliott - Julie interrompeu. - E se esses crimes continuarem?

- E bem podem continuar - Ramsés disse impaciente. - Se eu não sair daqui e encontrá-la.

- Não há prova de que Henry esteja morto - disse Elliott. - E ninguém jamais encontrará nenhuma. É perfeitamente plausível que Henry esteja a vagar pelo Cairo.

E o que é plausível é que eles vão aceitar. Pitfield ficou impressionado com essa bobajada. E eles também ficarão. E podem caçar Henry enquanto você a caça. Mas Alex e Julie já estarão em segurança então.

- Não, eu já lhe disse - tornou Julie. - Eu vou persuadir Alex a ir...

- Julie, eu posso ter com você depois em Londres - disse Ramsés. - Lorde Rutherford é um homem inteligente. Ele teria dado um bom rei, ou um bom conselheiro real. Elliott deu um sorriso amargo e engoliu direto o terceiro copo de gim. - Declamarei essa poesia de mentiras da forma mais convincente que puder. O que mais precisamos discutir? disse Ramsés.

- Está tudo acertado. Você deve ligar para mim às dez da manhã. Até então terei uma garantia de imunidade para você da parte do próprio governador. Então você deverá ir até o palácio do governador e dar seu depoimento. E não sairemos de lá sem os passaportes.

- Muito bem - concordou Ramsés. - vou deixá-los agora. - Desejem-me boa fortuna.

- Mas onde você vai começar a procurar? - perguntou Julie. - E quando

você vai dormir?

- Você se esquece, minha bela. Não preciso dormir. Vou procurar por ela até nos encontrarmos novamente aqui, antes das dez da manhã. Lorde Rutherford, se isto não funcionar...

- Vai funcionar. E deveremos ir à ópera amanhã à noite, precisamente conforme o planejado, e ao baile depois.

- Isto é absurdo! - exclamou Julie.

- Não, minha filha. Faça isso por mim. É a última coisa que peço de você. Quero o tecido social restaurado. Quero que meu filho seja visto com o pai, e os amigos; com Ramsey, cujo nome será limpo. Quero que todos sejamos vistos juntos. Não quero sombras no futuro de Alex. E o que quer que o futuro lhes reserve, não fechem a porta da vida que um dia viveram. Vale o preço de uma noite de pompa e cerimônia manter essa porta aberta.

- Ah, Lorde Rutherford, como o senhor sempre me diverte e satisfaz - disse Ramsés. - Em outro mundo e outra vida, eu costumava dizer tais coisas bobas aos que me rodeavam. São palácios e títulos que nos fazem essas coisas. Mas fiquei por aqui tempo demais. Samir, venha comigo se quiser. Caso contrário vou sozinho agora.

- Vou com o senhor - disse Samir. Ergueu-se e curvou-se de leve para Eliott, por cerimônia. - Até amanhã, milorde.

Ramsés saiu primeiro; e depois Samir. Por um momento Julie não conseguiu se mover; então pulou da cadeira e saiu correndo atrás de Ramsés. Apanhou-o na escadaria escura nos fundos da ala, e uma vez mais se abraçaram.

- Por favor, me ame, Julie Stratford - sussurrou ele. - Eu não sou sempre um tolo, juro. - Segurou o rosto dela em suas mãos. - Você irá para Londres, onde ficará a salvo, e me verá quando este horror estiver terminado. Ela começou a protestar.- Eu não minto para você. Amo você demais para isso. Contei-lhe tudo.

Ela o viu descer sorrateiro as escadas. Tornou a colocar o capuz e tornou-se o sheik antes de sair para a escuridão, uma das mãos erguidas em graciosa despedida. Ela não queria voltar aos seus aposentos. Não queria ver Elliott. Ela sabia agora por que ele fizera essa jornada; sentira isso o tempo todo, mas agora tinha certeza. Ela sentira quando seguiu Ramsés ao museu. E ficara chocada por

ter ele ido a esses extremos. Pensando melhor, por que deveria chocá-la? Afinal de contas, ele havia acreditado; ele fora o único, tirando Samir talvez, que acreditava. E por isso o mistério e a promessa que o seduzira.

Ao voltar para seus aposentos, rezava para que ele compreendesse a extensão do mal que se havia desvelado. E quando ela pensava em qualquer criatura - não importa quão maligna ou perigosa ou cruel - sendo trancada na escuridão, incapaz de acordar, ela estremeceu e começou a chorar novamente.

Ele estava lá, bebendo o resto do gim sentado na poltrona superestofada, controlado e elegante até na embriaguez, mãos curvadas sobre a bengala. Não levantou os olhos quando ela entrou. Não reuniu forças para ir embora. Ela fechou a porta e o encarou. As palavras dela fluíram facilmente, sem pensamento. Mas ela fez suas acusações. Disse-lhe apenas tudo o que Ramsés dissera. Contou a história da comida que não podia ser digerida, e o gado que não podia ser abatido, e a história da fome insaciável e do desejo carnal; ela contou a Elliott a história de solidão, de isolamento; tudo veio num jato, enquanto ela andava de um lado para o outro, sem olhar para ele, sem encontrar seus olhos. E finalmente ela acabou e o quarto ficou em silêncio.

- Quando éramos jovens - disse ele -, seu pai e eu passamos muitos meses no Egito. Nos debruçamos sobre os livros; estudamos as antigas tumbas; traduzimos os textos; andamos pelas areias dia e noite. Antigo Egito: ele tornou-se nossa musa, nossa religião. Sonhávamos com algum conhecimento secreto aqui, que nos transportaria de todas as coisas que pareciam levar ao tédio e finalmente à desesperança."Será que as pirâmides realmente continham algum segredo ainda por descobrir? Será que os egípcios conheciam uma linguagem mágica que os próprios deuses escutavam? Que tumbas ainda ocultas jaziam dentro dessas colinas? Que filosofia ainda faltava ser revelada? Que alquimia?" Ou será que essa cultura simplesmente produziu uma mera semelhança de alto aprendizado; uma semelhança ao puro mistério? De vez em quando nos perguntávamos se eles eram realmente um povo sábio e místico, mas simples, literal e brutal. Jamais soubemos. E continuo sem saber. Agora percebo que a procura é que era a paixão! A procura, você entende?

Ela não respondeu. Quando olhou para ele, ele parecia muito velho. Os olhos pesavam. Ele desceu da poltrona, aproximou-se e beijou-a no rosto. Fez isso com a mesma elegância com que fazia todas as coisas. Aquele estranho pensamento, que lhe viera à mente tantas vezes no passado, voltou agora. Ela poderia tê-lo amado e se casado com ele, se não existissem Alex nem Edith. E

nem Ramsés.

- Tenho medo por você, minha querida - disse ele. E então deixou-a.

A noite, a noite vazia e silente, apenas com o eco mais pálido da música que tocava abaixo, se descortinava à frente dela. E todas as suas incontáveis noites de sono bom e sem pesadelos do passado lhe pareciam agora os confortos e ilusões perdidas da infância. O amanhecer. O grande e infinito céu rosado abriu-se além das pálidas sombras das pirâmides e da Esfinge marcada e desfigurada, com as patas abertas sobre a areia amarela à sua frente. A forma difusa do Mena House jazia quieta com apenas algumas luzes fracas nos quartos de trás. Apenas um homem solitário, envolto em vestes pretas, passava pelo horizonte montado em seu feio camelo. Em algum lugar um trem a vapor soltou seu apito profundo e latejante. Ramsés caminhava pela areia, os trajes soprados para trás pelo vento frio, até que chegou à Esfinge gigante e parou para olhar a face arruinada, que em seu tempo ainda era bonita, coberta com uma fina camada de rocha calcária.

- Mas você ainda está aqui - murmurou ele na antiga língua, inspecionando as ruínas.

Na fria manhã, ele parou para lembrar-se de um tempo em que todas as respostas lhe pareciam tão simples; quando ele, o bravo rei, tirava a vida com um golpe rápido da espada ou da adaga. Quando matara a sacerdotisa na caverna para que ninguém mais possuísse o grande segredo. Mil vezes ele se perguntara se aquele não fora seu primeiro e mais terrível pecado: matar a velha inocente cuja gargalhada ainda ecoava em seus ouvidos. Eu não sou tolo o bastante para beber isso. Ele era verdadeiramente maldito por isso? Um andarilho na face da terra como o bíblico Caim, marcado por esse grande vigor eterno que o separava para sempre de toda a humanidade?

Não sabia. Só sabia que não podia suportar mais ser o único. Cometera um erro, e cometeria outros. Isso agora era uma certeza. Mas e se tivesse que ficar só? E cada tentativa terminasse num desastre parecido? Colocou a mão na pedra dura da pata da Esfinge. Ali a areia era funda e macia, e o vento bulia com ela e fazia flutuar suas roupas além de machucar cruelmente seus olhos. Uma vez mais ele levantou os olhos para ver a face desfigurada. Pensou na época em que viera aqui em peregrinação e em procissão. Ele ouvia as flautas, os tambores. Sentiu o cheiro do incenso novamente e ouviu os encantamentos rítmicos. Agora ele fazia sua própria prece, mas na linguagem e maneiras daqueles tempos, o que

lhe dava algum consolo quase infantil.

- Deus dos meus pais; da minha terra. Olhai para mim com perdão. Ensinai-me o caminho; ensinai-me o que preciso fazer para devolver à natureza o que tomei. Ou deverei sair em pura humilhação, gritando que já errei o bastante? Não sou deus, nada sei da criação. E pouco de justiça. Mas uma coisa é certa. Os que nos criaram também sabem muito pouco de justiça. Ou o que eles sabem, grande Esfinge, é como tua sabedoria. Um segredo muito grande.

A grande sombra cinzenta do Shepheard's Hotel ficava cada vez mais escura e até mais concreta na luz nascente quando Samir e Ramsés chegaram: duas figuras envoltas em túnicas movendo-se rápida e silenciosamente juntas. Um enorme caminhão preto, balançando em suas quatro rodas, entrou pela rua da frente antes que alcançassem o hotel. Jornais em pilhas fortemente amarradas foram jogados sobre a calçada. Samir retirou um deles rapidamente da primeira pilha enquanto os carregadores vinham apanhar os demais. Procurou uma moeda no bolso e deu-a a um dos garotos, que não lhe deu muita atenção.

”ROUBO E ASSASSINATO NA LOJA DE ROUPAS” Ramsés leu a manchete sobre seu ombro. Os dois homens se entreolharam. Então se afastaram do hotel adormecido, à procura de algum café onde pudessem se sentar e pensar e ler essas notícias ruins, e ponderar sobre o que fazer a respeito.

Seus olhos estavam abertos quando os primeiros raios do sol atravessaram as cortinas finas. Como lhe pareciam bonitos os grandes braços do deus, estendendo-os para tocá-la. Como foram estúpidos os gregos em achar que o poderoso disco era a carruagem de uma divindade, dirigida selvagemente sobre o horizonte. Seus ancestrais sabiam: o sol era o deus Rá. Aquele que dá a vida. O único deus antes de todos os deuses, sem o qual os deuses não eram nada. O sol bateu no espelho; e um grande clarão dourado encheu o quarto, cegando-a por um instante. Ela se sentou na cama, a mão repousando leve no ombro de seu amante. Ela se sentiu um pouco tonta. Parecia que sua cabeça de repente começara a fervilhar.

- Ramsés! - murmurou ela.

O sol cálido caía silencioso sobre seu rosto, suas sobrancelhas unidas e as pálpebras fechadas. Ela o sentia nos seios e no braço estendido. Formigamento; calor; subitamente, uma grande sensação de bem-estar. Ela levantou-se e caminhou sorrateira por sobre o tapete verde-escuro. Mais macio do que grama, comia o som dos seus passos por completo. Ela ficou em pé na janela, olhando

para a praça, e depois para o grande brilho prateado do rio. Com as costas da mão, tocou a própria face quente. Sentiu um arrepio violento. Era como se um vento a tivesse apanhado pelos cabelos e levantado gentilmente pelo pescoço; um vento quente do deserto, soprando rápido dunas, entrando nas paredes do palácio e chegando a ela sorrateiro, e de algum modo se introduzindo nela, e através dela. Seus cabelos faziam um som suave de farfalhar, como se estivessem sendo escovados.

Foi nas catacumbas que tudo começara! O velho sacerdote lhe contara a história, e todos riram no jantar. Um imortal dormindo numa tumba na rocha profunda, Ramsés, o Maldito, conselheiro de dinastias passadas, que fora dormir nas trevas no tempo de seus tataravós. E quando ela despertara, chamara por ele.

- É uma lenda antiga. O pai de meu pai contou-a para ele, embora ele não acreditasse. Mas eu o vi com meus próprios olhos, o rei adormecido. Mesmo assim você precisa estar ciente do perigo.

Treze anos de idade. Ela não acreditava em coisas como o perigo; não no sentido comum; perigo sempre existiu. Caminharam juntos através da passagem tosca escavada na rocha. O teto solto abaixo largava poeira. O sacerdote levava a tocha à frente deles.

- Que perigo? Essas catacumbas é que são o perigo. Elas podem desabar sobre nós! Várias pedras caíram aos seus pés. - Estou lhe dizendo que não gosto disso, velho. O sacerdote continuou. Um homem magro e careca com ombros curvados.

- Diz a lenda que uma vez acordado, ele não poderá ser facilmente despachado. Ele não é uma coisa sem mente, mas um imortal com vontade própria. Ele aconselhará o rei ou rainha do Egito, como fez no passado, mas também fará o que quiser.

- Meu pai sabia disso?

- A ele foi contado. Não acreditou. Nem o pai de seu pai, nem o pai deste. Ah, mas o rei Ptolomeu, no tempo de Alexandre, ele sabia, e chamou Ramsés dizendo as palavras: Levanta, Ramsés, o Grande, um rei do Egito precisa de teu conselho.

- E ele retornou, esse Ramsés, à sua câmara escura? Deixando apenas os sacerdotes com o segredo?

- Assim me foi dito, como disseram a meu pai, e que eu deveria ir ao soberano de meu tempo e contar a história.

Estava quente, sufocante, naquele lugar. Ali a terra funda não era fria. Ela não queria dar nem mais um passo. Não gostava da tocha tremeluzente; a luz maligna do teto redondo. Aqui e ali havia marcas nas paredes, rabiscos na antiga linguagem pictórica. Ela não sabia lê-las; quem sabia? Ela ficou com medo, e detestava sentir medo. E fizeram tantas voltas e curvas que agora ela jamais conseguiria encontrar o caminho sozinha.

- Sim, conta à rainha de seu tempo a história - ela dissera -, enquanto ela é jovem o bastante e tola o bastante para ouvir. Jovem o bastante para ter fé. Isto é o que você tem: fé e sonhos. Sabedoria não é sempre o dom da velhice, majestade. Pelo contrário, é às vezes a maldição.

- E então, quando chegamos a esse ancestral? - ela rira.

- Coragem, Majestade. Ele jaz ali, além daquelas portas.

Ela deu uma olhada à frente. Havia um par de portas: portas enormes! Cobertas por uma camada de poeira, e cobertas depois com inscrições. Seu coração acelerou.

- Leve-me a essa câmara.

- Sim, Majestade. Mas lembre-se da cautela. Uma vez despertado, ele não pode ser despachado. É um imortal poderoso.

- Não me importa! Eu quero ver isso! Ela ultrapassara o velho. No brilho dançante da tocha ela lera em voz alta as inscrições em grego: - Aqui jaz Ramsés, o Imortal. Chamado por si próprio de Ramsés, o Maldito, pois não pode morrer. E dorme eternamente, esperando o chamado dos reis e rainhas do Egito. Ela recuou um passo.

- Abre as portas! Depressa!

Atrás dela, ele tocara algum lugar secreto na parede. Com um grande ruído de pedra contra pedra as portas deslizaram lentamente para trás, revelando uma vasta câmara sem adornos. O sacerdote erguera a tocha bem alto ao entrar do lado dela. Poeira, a poeira limpa e amarelada de uma caverna desconhecida das feras selvagens ou dos pobres andarilhos e frequentadores de colinas e cavernas e tumbas. E ali no altar, uma criatura sombria encolhida, os braços murchos

cruzados sobre o peito; mechas de cabelo castanho sobre o crânio.

- Seu tolo. Ele está morto. O ar seco daqui o preserva.

- Não, Majestade. Veja a porta corrediça lá em cima, e as correntes que dela pendem. Ela deve ser aberta agora.

Ele lhe dera a tocha, e com ambas as mãos puxou as correntes. Novamente o ruído de pedras, o rangido; poeira enchendo o ar, espetando seus olhos, mas lá em cima uma grande janela de ferro se abrira. Como um olho para os céus azuis. O sol quente de verão se derramara sobre o homem adormecido. Ela arregalara os olhos; que palavras havia para descrever o que vira, o corpo inflando; revivendo. Os cabelos castanhos fluindo do escalpo, e então as pálpebras estremecendo, as pestanas se alongando.

- Ele vive. É verdade.

Ela jogara a tocha para o lado e correra até o altar. Curvara-se sobre ele, distante o suficiente para não bloquear-lhe o sol. E os olhos azuis brilhantes se abriram!

- Ramsés, o Grande, levanta! Uma rainha do Egito precisa de teu conselho.

Sem se mover, silencioso, olhando para ela.

- Tão bonita - murmurou.

Ela olhava a praça na frente do Shepheard's Hotel. Via a cidade do Cairo amanhecendo. As carruagens, os carros a motor, moviam-se ruidosamente pelas ruas pavimentadas e limpas; pássaros cantavam nas árvores bem podadas. Barcaças moviam-se sobre as águas calmas do rio. As palavras de Elliott Rutherford voltaram à sua cabeça. "Muitos séculos se passaram... tempos modernos... O Egito teve muitos conquistadores... maravilhas que você não pode imaginar."

Ramsés à sua frente em trajes beduínos, chorando, implorando-lhe que ouvisse. No lugar escuro de vidros brilhantes e estátuas e caixões sem fim, ela se erguera, sentindo dores, os braços estendidos, gritando seu nome! O sangue escorria pela camisa dele onde o feriram. Mesmo assim ele cambaleou em sua direção. Então o segundo disparo atingira o braço dele. A mesma dor maligna que aquele homem chamado Henry lhe propiciara, o mesmo sangue e dor, e na luz fraca do amanhecer, ela os vira arrastá-lo para longe. Não posso morrer

agora. Isso não está certo? Ramsés em pé na porta de seu quarto. Ela estivera chorando, uma jovem rainha atormentada. Mas por quantos anos?

- Não sei. Só sei que não pode desistir de tudo isso agora. Você não sabe o significado do que lhe ofereço. Então deixe-me ir. Use o conhecimento que lhe dei. Eu voltarei. Esteja certa disso. Voltarei quando você mais precisar de mim, e então talvez você tenha tido seus amantes e suas guerras e suas lamentações, e me receba bem.

- Mas eu amo você.

O quarto do Shepheard's Hotel estava imerso numa luz ofuscante; a mobília desapareceu no brilho pulsante. As cortinas leves tocavam sua face ao esvoaçarem. Ela inclinou-se no alpendre, devaneando; a cabeça flutuando.

- Ramsés, eu me lembro!

Na loja de vestidos, o olhar no rosto da mulher! A serviçal gritando! E o jovem, o pobre coitado que olhara para baixo e vira o osso! Ó, deuses, o que fizeram comigo? Ela se virou, afastando-se da luz, mas estava cercada. O espelho fulgurava. Ela ajoelhou-se, as mãos no tapete verde quente. Ela estava deitada, contorcendo-se, virando-se, tentando afastar a enorme força que lhe penetrava o cérebro; que lhe penetrava o coração. Uma grande vibração pulsante invadira toda sua forma. Ela flutuava no espaço. E finalmente jazia quieta no grande turbilhão de vibrações, a luz quente cobrindo-lhe a pele, um fogo alaranjado contra suas pálpebras.

Elliott estava sentado sozinho na ampla varanda. A garrafa vazia brilhava na luz do sol da manhã. Ele cochilava recostado na cadeira estofada, a mente de vez em quando vagando. Jejuando, bebendo, a longa noite sem sono, tudo o aguçara e o deixara um pouco fora do normal; parecia que a própria luz era um milagre cortando o céu; parecia que o grande carro prateado que subia a estrada roncando era uma espécie de piada; assim como o homem grisalho engraçado que desceu da poltrona alta e veio ter com ele.

- Estive com Winthrop a noite toda.

- Eu lhe agradeço muito.

- Velho amigo, podemos ter uma reunião às dez e trinta para colocar tudo em pratos limpos. Pode conseguir isso?

- Posso sim. Pode contar comigo. E Ramsey poderá estar lá se... se... você tiver obtido imunidade total.

- Total e completa, desde que ele assine um depoimento juramentado contra Stratford. Você sabe, claro, que ele atacou novamente a noite passada, roubou uma loja; havia uma mulher lá com uma gaveta cheia de dinheiro. Ele tomou tudo.

- Hummmm. Bastardo. - murmurou Elliott.

- Meu velho, é muito importante que você se levante dessa cadeira, tome um bom banho, faça uma boa barba e esteja lá...

- Gerald, dou-lhe minha palavra. Estarei lá. Dez e trinta, no palácio do governador. Abençoado silêncio. O carro feio fora embora. O rapaz surgira novamente.

- Café, milorde?

- Traga-me alguma coisa, e um pouco de suco de laranja junto. E ligue novamente para o quarto de meu filho. E cheque com a recepção novamente. Certamente ele deixou um recado!

A manhã estava adiantada quando seu jovem lorde finalmente despertou. Roma caíra. E dois mil anos haviam se passado. Por horas ela ficou sentada na janela, vestida num 'vestido azul fino", vendo a cidade moderna. Todos os fragmentos do que ela vira e ouvira era agora uma tapeçaria completa. Mas havia tanto a conhecer, a compreender. Ela se banqueteara, e fez com que os serviçais levassem as evidências; não queria que ninguém visse a maneira bestial com que consumira tanta comida. Agora um pequeno banquete aguardava por ele. E quando ele saiu do quarto, "tão bonito", ela disse baixinho.

- O que houve, Alteza? - Ele se curvou para beijá-la. Ela envolveu sua cintura e beijou-lhe o peito nu.

- Coma seu desjejum, jovem lorde - disse ela. - Há tantas coisas que preciso descobrir. Tantas coisas que preciso ver.

Ele se sentou à mesinha atoalhada. Acendeu as velas com os "fósforos".

- Você não vem?

- Já comi, meu amor. Você pode me mostrar a cidade moderna? Pode me

mostrar os palácios dos britânicos que governam esta terra?

- Vou lhe mostrar tudo, Alteza - disse ele, com a mesma gentileza sem prevenções. Ela se sentou do outro lado.

- Você é simplesmente a pessoa mais estranha que jamais conheci - ele disse, e novamente sem nenhuma intenção ruim. - Na verdade você me fez lembrar de alguém que conheço, um homem muito enigmático... mas isso não importa. Por que você sorri para mim desse jeito? O que está pensando?

- Tão bonito - ela murmurou novamente. - Você é tudo na vida, meu jovem lorde. É tudo e nada. Tão bonito.

Ele corou feito uma garota, e então descansou os talheres de prata, inclinou-se sobre a mesa e mais uma vez ele a beijou.

- Você está chorando - ele disse.

- Sim. Mas estou feliz. Fique comigo, jovem lorde. Não me deixe justo agora.

Ele parecia assustado, e depois paralisado. Ela se lembrava aos poucos do passado; já conhecera alguém tão gentil? Talvez na infância, quando fora estúpida demais para saber o que isso significava.

- Não quero deixar você por nada deste mundo, Sua Alteza - disse ele.

Por um segundo ele pareceu triste novamente, meio sem acreditar. E então se sentiu perdido.

- E a ópera de hoje à noite, meu lorde, vamos juntos? Vamos dançar no baile da ópera?

Que bonita a luz dos olhos dele.

- Isso seria divino - sussurrou ele.

Ela fez um gesto para os pratos defronte.

- Sua comida, meu lorde.

Ele a pegou à moda mortal. Então levantou um embrulho do lado de seu prato, que ela não havia reparado antes. Ele rasgou o embrulho e abriu o que parecia ser um grosso manuscrito coberto com pequenos símbolos.

- Diga-me, o que é isso?

- Ora, um jornal - respondeu ele, quase rindo. Começou a ler. - E temos notícias ruins.

- Leia alto.

- Você não ia querer ouvir. Uma pobre mulher de uma loja de vestidos, com o pescoço quebrado igual ao dos outros. E tem uma foto de Ramsey com Julie. Que desastre! Ramsés? - É o que mais se comenta no Cairo, Sua Alteza. A senhora já deve estar sabendo agora. Meus amigos se envolveram num probleminha, mas é só isso, eles não têm nada a ver com o negócio. Só estão associados a ele. Aqui... Está vendo este homem?

Ramsés. Eles são amigos de Lawrence Stratford, o que desenterrou a múmia de Ramsés, o Maldito.

- Ele é um querido amigo meu e de meu pai. Estão procurando por ele. Uma idiotice sobre roubar uma múmia do Museu do Cairo. é tudo bobagem. Isso logo se resolve. - Parou. - Sua Alteza? Não deixe essa história assustá-la.

Não é verdade, não mesmo. Ela olhava para a "foto", não um desenho como o resto, mas uma imagem densa, quase como uma pintura, mas tudo a tinta, sem dúvida. A tinta chegava a grudar nos seus dedos. E lá estava ele. Ramsés, ao lado de um camelo e um condutor de camelos, vestido nas curiosas roupas pesadas desta época. A legenda abaixo dizia: "Vale dos Reis". Ela quase gargalhou; mas não se moveu nem disse uma palavra. Parecia que o momento se estendia por uma eternidade.

O jovem lorde estava falando, mas ela não conseguia ouvi-lo. Será que ele estava falando que devia falar com seu pai, que seu pai devia estar precisando dele agora? Num transe, ela o observou afastar-se dela. Pusera o jornal de lado. A foto. Ela olhou para ele. Ele estava pegando um instrumento estranho da mesa. Estava falando nele. Pedindo Lorde Rutherford. Imediatamente ela se levantou. Gentilmente tirou a coisa da mão dele. Colocou-a de volta no lugar.

- Não me deixe agora, jovem lorde - disse. - Seu pai pode esperar por você. Eu preciso de você agora. Atônito, ele olhou para ela; não fez nenhum movimento para detê-la enquanto ela o abraçava. - Não traga o mundo para nós ainda - ela sussurrou em seu ouvido, beijando-o. - Vamos aproveitar juntos. Ele aceitou completamente. Tão rapidamente veio o fogo. - Não seja tímido - ela

sussurrou. - Me acaricie; deixe suas mãos fazerem o que quiserem, como na noite passada. Uma vez mais ele lhe pertencia, escravizando-a com seus beijos, acariciando-lhe os seios por sobre o vestido azul.

- Você apareceu para mim por mágica - ele murmurou. - Justo quando eu pensava... quando eu pensava... - E então ele a beijava novamente, e ela o levou até a cama. Ela apanhou o jornal antes de entrarem no quarto.

Quando se meteram debaixo das cobertas, ela o mostrou a ele, enquanto ele tirava o roupão.

- Diga-me - ela disse, apontando para o pequeno grupo de figuras ao lado do camelo, ao sol. - Quem é esta mulher ao lado dele?

- Julie, Julie Stratford - respondeu ele.

Então não houve mais palavras, apenas os frenéticos, apressados e deliciosos abraços; seus quadris contra o dela; o sexo dele penetrando novamente no dela. Quando tudo acabou, e ele estava deitado, ela passou os dedos pelo seu cabelo.

- Essa mulher; ela se importa com ele?

- Sim - ele disse sonolento. - E o ama. Mas isso não importa agora.

- Por que diz isso?

- Porque tenho você - respondeu ele.

Ramsey estava na sua melhor forma, evidenciando aquele charme tranquilo que subjugara todos na viagem de volta; estava sentado, trajado irrepreensivelmente com o terno de linho branco, os cabelos em desalinho, os olhos azuis brilhando com um vigor quase juvenil.

- Tentei conversar com ele. Quando quebrou o vidro retirou a múmia, percebi que não havia esperança. Tentei sair por conta própria, mas os guardas, bem, o senhor conhece a história.

- Mas eles disseram que atiraram em você, eles...

- Senhor, esses homens não são os soldados do Antigo Egito. São contratados que mal sabem disparar suas armas. Eles não teriam vencido os hititas.

Winthrop não pôde evitar uma gargalhada. Até mesmo Gerald estava encantado. Elliott deu um olhar para Samir, que não ousava dar o menor sorriso.

- Bem, se pudéssemos simplesmente encontrar Henry - disse Miles.

- Sem dúvida seus credores também estão procurando por ele - Ramsey acrescentou rapidamente.

- Bem, vamos voltar a essa questão da prisão. Parece que havia um médico lá quando você...

Gerald finalmente interveio.

- Winthrop - disse. - Você sabe muito bem que este homem é inocente. É Henry. Foi Henry o tempo todo. Tudo aponta para isso. Ele invadiu o Museu do Cairo, roubou a múmia, vendeu-a por dinheiro, e fez uma farra de bebidas com ele. Você encontrou as bandagens na casa da dançarina do ventre. O nome de Henry foi encontrado no livro de empréstimos do agiota em Londres.

- Mas toda essa história é tão...

Elliott fez um gesto pedindo silêncio.

- Ramsey já foi submetido o bastante, e nós também. Ele já deu a declaração crucial de que Henry confessou o assassinato de seu tio.

- Ele disse isso muito claramente para mim - Ramsey disse secamente.

- Quero nossos passaportes devolvidos imediatamente - disse Elliott.

- Mas o Museu Britânico...

- Jovem... - começou Gerald.

- Lawrence Stratford deu uma fortuna ao Museu Britânico - declarou Elliott. Finalmente não aguentou mais. Já tinha passado dos limites com essa farsa. - Escute, Miles - disse ele, inclinando-se para a frente. - Você limpa isso tudo e agora, a não ser que queira se tornar um recluso social. Pois eu lhe asseguro que se meu grupo, incluindo Reginald Ramsey, não estiver no trem do meio-dia de amanhã para Port Said, você nunca mais será recebido novamente por qualquer família, no Cairo ou em Londres, que pretenda receber o décimo sétimo Conde de Rutherford. Fui claro?

Silêncio no escritório. O jovem ficou branco. Aquilo era torturante.

- Sim, milorde - ele respondeu baixinho.

Imediatamente abriu a gaveta da escrivaninha e tirou os passaportes um por um, depositando-os sobre o tinteiro à sua frente. Elliott pegou-os todos com um gesto rápido antes que Gerald pudesse fazê-lo.

- Eu acho isso tão desagradável quanto você - disse ele. - Jamais disse tais palavras antes a qualquer ser humano em minha vida, mas quero meu filho liberado para que ele possa voltar à Inglaterra. Então ficarei neste lugar maldito por tanto tempo quanto me quiserem. Responderei a qualquer pergunta que me fizerem.

- Sim, milorde, se eu puder dizer ao governador que o senhor ficará...

- Não acabei de dizer isso? Quer um pacto de sangue?

Foi o bastante. Sentiu a mão de Gerald em seu braço. Tinha o que queria. Samir ajudou-o a se levantar. Lideraram o grupo até a antessala, através do corredor e até a varanda da frente.

- Muito bem, Gerald - disse ele. - Eu ligo se precisar. Apreciaria se notificasse Randolph a esse respeito. E um pouco mais do que posso suportar. Quando Henry for preso, já vai ser terrível o bastante.

- Vamos nos preocupar com isso quando acontecer.

Ramsey estava obviamente impaciente. Começou a descer os degraus indo em direção ao carro que os esperava. Elliott apertou a mão de Gerald e então o seguiu.

- Estamos terminados com essa pequena perfórmance? - disse Ramsey. - Estou perdendo tempo valioso aqui!

- Ora, você tem muito tempo, não tem? - Elliott disse com um sorriso educado. Subitamente sentiu-se leve. Haviam vencido. As crianças podiam ir embora. - É imperativo que você volte ao hotel agora - disse. - Que você seja visto lá.

- Idiotice! E a ideia da ópera hoje é positivamente ridícula.

- Conveniência! - Elliott exclamou, sendo o primeiro a subir no banco de trás do carro. - Entre - disse ele.

Ramsey ficou ali, zangado, desanimado.

- Senhor, o que podemos fazer até termos alguma evidência de onde ela possa estar? - perguntou Samir. - Sozinhos, não conseguiremos encontrá-la.

Dessa vez o quartinho que se movia não a assustou. Ela sabia o que era, e que era para servir as pessoas daqueles tempos, assim como a ferrovia e os carros a motor, e todos os estranhos aparelhos que antes lhe pareceram instrumentos de horror, coisas exóticas, capazes de trazer sofrim ento e morte.Não torturavam pessoas enfiando-as no pequeno aposento e fazendo-as viajar para cima e para baixo. Não dirigiam as grandes locomotivas em cima de exércitos inimigos. Como era estranho que ela houvesse interpretado as coisas em termos de seus usos mais maliciosos. E ele estava explicando as coisas para ela agora, tudo, com facilidade: na verdade, estava falando havia horas. Não era importante fazer-lhe perguntas específicas, exceto ocasionalmente; ele gostava de contar-lhe tudo sobre a múmia de Ramsés, o Maldito, e como Julie Stratford era uma mulher moderna; e de como a Bretanha administrava seu grande império; e assim por diante.

Que ele amara Julie Stratford era óbvio; Ramsés a havia "roubado", mas isso agora não importava. Nem um pouco. O que ele achava que era amor não fora amor, mas uma coisa mais sutil, mais conveniente, e muitíssimo mais fácil. Mas ela realmente queria ouvir sobre sua família? Não, falar de história, então, e do Cairo, e do Egito, e do mundo... Fora uma grande tarefa impedi-lo de chamar o pai. Sentiu-se culpada. Mas ela usara de toda a sua persuasão e todas as suas artimanhas. Ele não precisava de roupas novas; sua camisa e o paletó continuavam tão bons quanto na noite passada. E assim atravessavam agora o saguão lotado do Shepheard's, para entrar no Rolls-Royce dele e ver os túmulos dos mamelucos e toda a "história" de que ela havia falado; e a tapeçaria estava ficando cada vez mais completa. Mas ele notara mais de uma vez como ela parecia mudada desde a noite passada, quando fora quase engraçada. E isso fez com que ela ficasse com um pouco de medo. Tão forte era a afeição que sentia por ela.

- E você gosta disso? - ela perguntou enquanto eles se encaminhavam para as portas da frente.

Ele parou. Era como se ele a visse pela primeira vez. Era tão simples sorrir para ele; ele merecia o sorriso mais carinhoso que ela pudesse dar.

- Você é a coisa mais adorável e maravilhosa que já apareceu na minha vida

- disse ele. - Eu gostaria de poder colocar em palavras o efeito que você tem sobre mim. Você é...

Estavam de pé no meio da multidão que enchia o saguão, perdidos no olhar um do outro.

- Como um fantasma? - sugeriu ela. - Um visitante de outro reino?

- Não, você é muito... muito real para isso! - Ele riu suavemente. - Você é completamente vívida e quente!

Atravessaram a varanda juntos. O carro dele aguardava, exatamente como ele tinha dito. Um vagão preto comprido, ele o chamava, com seus bancos macios de veludo e um teto. Ainda sentiriam o vento pelas janelas.

- Espere, vou apenas deixar um recado para meu pai na recepção, que o veremos esta noite.

- Eu posso fazer isso para o senhor, milorde - disse o serviçal.

- Ah, obrigado, eu apreciaria isso - Alex disse educado, aquela mesma generosidade evidenciada para o serviçal mais baixo. Ao dar para o rapaz um pequeno agrado, olhou-o direto nos olhos. - Diga-lhe que esta noite eu o verei na ópera... por favor.

Ela admirou a graça súbita com a qual ele fazia as menores coisas. Ela tomou-lhe o braço quando desceram as escadas.

- E diga-me - disse ela enquanto ele a ajudava a subir no banco da frente. - Sobre essa Julie Stratford. O que é uma mulher moderna?

Ramsey ainda estava discutindo quando o carro entrou na estrada em frente ao Shepheard's.

- Vamos fazer tudo o que a sociedade espera de nós - disse Elliott. - Você tem o resto da eternidade para procurar sua rainha perdida.

- Mas o que me intriga é isso - insistia Ramsey. Abriu a porta descuidado, quase arrancando uma das dobradiças.- Se o primo de Julie é procurado por altos crimes, como pode Julie dançar num baile como se isso não estivesse acontecendo?

- Sob a lei inglesa, meu amigo, um homem é inocente até que se prove sua

culpa - explicou Elliott, aceitando a mão de Ramsey que ajudava. - e publicamente presumimos que Henry é inocente; e nada sabemos dessas atrocidades, portanto, em particular cumprimos nosso dever como cidadãos da Coroa.

- Sim, você definitivamente deveria ter sido conselheiro de um rei - disse Ramsey.

- Meu Deus, veja só aquilo.

- O quê?

- Meu filho saindo de carro com uma mulher. Numa hora dessas!

- Ah, mas talvez ele esteja fazendo o que a sociedade espera dele! - disse Ramsey desdenhoso, subindo os degraus.

- Lorde Rutherford, perdão: seu filho mandou lhe dizer que o veria esta noite, na ópera.

- Obrigado - disse Elliott, com um pequeno riso irônico.

Elliott só queria dormir quando entrou na saleta de sua suíte. Que bêbado estava se tornando; já estava completamente aborrecido de tanto se inebriar. Queria a cabeça clara, embora compreendesse os perigos. Ramsey ajudou-o a se sentar. Subitamente percebeu que estavam sozinhos. Samir fora para o próprio quarto; e Walter, por um momento, não estava por perto. Elliott ficou ali sentado, tentando reunir forças.

- E o que o senhor fará agora, milorde? - perguntou Ramsey. Estava de pé no centro da sala, estudando Elliott. - O senhor volta para a Inglaterra após seu precioso baile da ópera, como se nada disso jamais tivesse acontecido?

- Seu segredo está seguro. Sempre esteve. Ninguém acreditaria no que vi. E eu só queria esquecer, embora isso nunca consiga.

- E o desejo de imortalidade acabou?

Elliott pensou por um momento. Então respondeu sem pressa, um tanto aliviado consigo mesmo com a resignação de sua voz.

- Talvez na morte eu encontre o que busco, em vez do que mereço. Sempre existe essa chance. - Ele sorriu para Ramsey, que parecia completamente

surpreso pela resposta. - De vez em quando - ele continuou - imagino o céu como uma vasta biblioteca, com um número ilimitado de volumes para se ler. E pinturas e estátuas para examinar à vontade. Imagino isso como um imenso portal para o conhecimento. Você acha que o além poderia ser assim? Em vez de uma grande e tola resposta a todas as nossas questões?

Ramsey deu-lhe um sorriso triste de surpresa.

- Um céu de coisas feitas pelo homem. Como nosso antigo céu egípcio.

- Sim, suponho que sim. Um grande museu. E uma falha da imaginação. Creio que não.

- Ah, existem tantas coisas que eu queria discutir com você, tanto que eu queria saber.

Ramsey não respondeu. O homem ficou simplesmente ali, olhando para ele; e Elliott tinha a estranhíssima sensação de estar sendo ouvido, estudado. Isso o fez consciente do quanto a maioria dos seres humanos em geral é desatenta.

- Mas é tarde demais para isso tudo - suspirou Elliott. - Meu filho Alex é a única imortalidade que me importa agora.

- Você é um homem sábio. Percebi isso quando olhei pela primeira vez nos seus olhos. E, a propósito, você é ruim em traições. Você me contou onde estava mantendo Cleópatra quando disse que ela matara Henry e sua companheira. Tinha de ser a casa da dançarina do ventre. Eu joguei seu jogo com você. Queria ver até que ponto você levaria tudo. Mas você se entregou. Você não é tão bom nessas coisas.

- Bem, minha breve carreira nisso terminou. A não ser que você queira que eu fique aqui quando as crianças voltarem para casa. Mas não vejo como um aleijado e velho prematuro pode ajudar você. Você vê? - Ramsey parecia perplexo.

- Por que não ficou com medo dela quando a viu no museu?

- Eu estava com medo dela. Estava horrorizado.

- Mas você a abrigou. Não poderia ter sido simplesmente por seus próprios fins.

- Fins? Não, acho que não. Eu a achei irresistível, assim como você a achou

irresistível. Era o mistério. Eu queria agarrá-lo. Entrar nele. Além do mais...

- Sim.

- Ela era... uma coisa viva. Um ser que sentia dor.

Ramsey pensou sobre isso por um momento.

- Você irá persuadir Julie a voltar a Londres... até que isso esteja terminado - pediu Elliott.

- Sim, eu farei isso - respondeu Ramsey. Saiu em silêncio, fechando a porta atrás de si.

Eles caminhavam pela Cidade dos Mortos, “o lugar dos exaltados", como se dizia em árabe. Passaram por onde os sultões mamelucos haviam construído seus mausoléus; viram a fortaleza da Babilônia; haviam percorrido os bazares; agora o calor da tarde afetava Alex, e a alma dela estava triste e chocada pelas coisas que descobrira, o longo fio da história tendo conectado os séculos para ela, desde aquela tarde radiante até o tempo em que ela vivera. Ela não queria ver mais as ruínas antigas. Só queria estar com ele.

- Eu gosto de você, jovem lorde - ela disse. - Você me conforta. Me faz esquecer a dor. E as contas que devo acertar.

- Mas o que você quer dizer com isso, minha querida?

Ela foi vencida novamente pela sensação da fragilidade dele, aquele mortal. Ela descansou os dedos no pescoço dele. As memórias voltaram, ameaçando inundação; todas similares demais às ondas negras das quais ela se erguera, como se a morte fosse água. Era diferente para cada ser? Será que Marco descera em ondas negras? Nada a separava daquele momento se ela quisesse agarrá-lo, ver Ramsés dar-lhe as costas novamente e se recusar a dar o elixir a Marco; ver a si própria de joelhos, implorando. "Não o deixe morrer..."

- Tão frágeis, todos vocês... - murmurou ela.

- Não entendo, querida.

E então devo ficar sozinha, não é? Nesta vastidão dos que podem morrer! Ah Ramsés, eu te amaldiçoo! Mesmo assim, quando ela viu novamente a antiga câmara, quando ela viu o homem morrendo no divã e o outro, imortal, dando as costas para ela, viu uma coisa que não vira naqueles trágicos momentos. Viu que

os dois eram humanos; ela viu a tristeza nos olhos de Ramsés. Mais tarde, quando ela se deitou como se morta estivesse, recusando-se a se mover ou falar, depois que enterraram Marco, Ramsés lhe dissera:

- Você era a melhor de todas. Você era única. Tinha a coragem de um homem e o coração de uma mulher. Tinha as habilidades de um rei e a astúcia de uma rainha. Você era a melhor. Pensei que seus amantes pudessem ser uma escola para você; não sua ruína.

O que ela diria agora se pudesse revisitar essa câmara? Eu sei, eu compreendo? Mesmo assim a amargura tocava fundo nela, o incontrolável ódio negro quando ela olhava para o jovem Lorde Summerfield caminhando ao seu lado, aquele belo e frágil menino-homem.

- Querida, você pode confiar em mim? Só conheço você há muito pouco tempo, mas eu...

- O que é que você quer dizer, Alex?

- Parece tão bobo.

- Diga-me.

- Eu te amo.

Ela tocou-lhe o queixo com a mão, roçando suavemente com os nós dos dedos.

- Mas quem é você? De onde veio? - ele murmurou.

Tomou a mão dela e beijou-a, os polegares esfregando a palma. Uma leve onda de paixão a amoleceu, fez o calor pulsar nos seios.

- Eu jamais vou machucar você, Lorde Alex.

- Alteza, diga-me o seu nome.

- Faça um nome para mim, Lorde Alex. Chame-me do que quiser, se não acredita no nome que lhe dei.

Preocupados, seus olhos castanho-escuros. Se ele se curvasse para beijá-la, ela o puxaria ali mesmo para as pedras. Faria amor com ele até que ele se acabasse novamente.

- Regina - murmurou ele. - Minha rainha.

Então Julie Stratford o havia deixado, não havia? A mulher moderna que ia para toda parte por conta própria e fazia o que queria. Mas também, foi um grande rei quem a seduziu. E agora Alex tinha sua rainha. Viu Marco novamente, morto sobre o divã. Sua Majestade, é melhor que o levemos agora. Ramsés se virara para ela e murmurara:

- Venha comigo!

Lorde Summerfield atiçava o calor nela, sua boca na dela, esquecido dos turistas que por eles passavam. Lorde Summerfield, que morreria como Marco Antônio havia morrido. Seria permitido que Julie Stratford morresse?

- Leve-me de volta ao quarto - sussurrou ela. - Estou louca por você, Lorde Alex. Vou tirar suas roupas aqui se não formos.

- Seu escravo para sempre - ele respondeu. No carro a motor, ela se agarrou a ele.

- O que foi, Alteza, me diga?

Ela olhava para as hordas de mortais passando por ela; os incontáveis milhares desta cidade antiga, vestidos em seus eternos trajes de camponeses. Por que ele a ressuscitara? Qual teria sido seu propósito? Ela viu novamente o rosto dele, manchado de lágrimas. Viu o quadro no qual ele estava, sorrindo para o milagre da câmera, com o braço ao redor de Julie Stratford, cujos olhos eram escuros.

- Me abrace, Lorde Alex. Dê-me calor.

Pelas ruas do velho Cairo, Ramsés caminhava sozinho.Como poderia persuadir Julie a pegar aquele trem? Como ele poderia deixá-la voltar a Londres? Mas então não era melhor para ela, e ele não devia pensar nisso imediatamente? Já não tinha provocado suficiente mal? E quanto àquele seu débito para com o Conde de Rutherford; isso ao menos ele devia ao homem que abrigara Cleópatra, o homem de quem gostava e queria tanto estar perto, o homem cujos conselhos teriam sempre sido tão bons para ele, o homem por quem sentia uma profunda e incerta afeição que poderia simplesmente ser amor. Colocar Julie no trem. Como? Seus pensamentos desistiram confusos. Via sem parar o rosto dela. Destrua o elixir. Nunca mais prepare o elixir. Pensou nas manchetes no jornal. Mulher no chão da loja de vestidos. Eu gosto de matar. Alivia a minha dor.

Na antiquada cama em estilo vitoriano de sua suíte, Elliott dormia. Sonhava com Lawrence. Estavam conversando juntos no Babilônia, e Malenka estava dançando, e Lawrence disse: já está quase na hora de você vir. Mas tenho de voltar para casa, para Edith. Tenho de cuidar de Alex. E quero beber até morrer, lá no campo. Já planejei tudo. Eu sei, disse Lawrence, foi isso o que eu quis dizer. Não vai demorar muito.

Miles Winthrop não sabia o que pensar, por fim. Haviam expedido um mandado para prisão de Henry, mas francamente, naquele momento tudo apontava para a possibilidade de que o bastardo estivesse morto. Roupas, dinheiro, identificação, tudo fora deixado para trás, no cenário do assassinato de Malenka. E não era possível saber quando a funcionária da loja fora morta. Ele tinha uma premonição de que aquele caso escabroso jamais seria resolvido. A única coisa a se agradecer era que Lorde Rutherford não era seu inimigo jurado naquele momento. Um estigma desses nunca mais seria superado. Bem, pelo menos o dia tinha sido tranquilo até o momento. Nada de corpos horríveis com os pescoços quebrados, de olhos arregalados deitados no chão frio, dizendo baixinho, "Você não vai encontrar quem fez isso comigo?” Ele temia a ópera daquela noite, as perguntas incessantes que receberia de toda a comunidade britânica. E sabia que não poderia se refugiar na sombra de Lorde Rutherford. Pelo contrário, temia outro entrevero. Teria de se cuidar.

Sete da noite. Julie estava diante do espelho na sua saleta. Vestira o vestido de decote fundo que perturbara violentamente Ramsés, mas não tinha outras roupas apropriadas para aquela ocasião fútil. Via Elliott através do espelho, colocando as pérolas no seu pescoço. Elliott sempre parecia melhor do que quase todos ao seu redor. Bem alinhado, ainda bonito aos cinquenta e cinco anos, usava gravata branca e fraque como se isso lhe fosse inteiramente natural. E de repente ela sentiu que era horrível que eles pudessem continuar assim, como se nada tivesse acontecido. Se estivessem em Londres, não faria diferença; o Egito de repente era um pesadelo; só Julie não estava pronta para despertar ainda.

- E aqui estamos com nossos penachos - disse ela.- Prontos para nossa dança ritual.

- Lembre-se, até que ele seja preso, o que não será, temos todo o direito de presumir que ele seja inocente. E continuar como se ele fosse inocente.

- Isso é monstruoso, e você sabe.

- É necessário.

- Para Alex, sim. E Alex não achou apropriado nos chamar o dia inteiro. Quanto a mim, não me interessa.

- Você tem de voltar a Londres - disse ele. - Quero que você volte a Londres.

- Eu sempre amarei você - disse ela. - Você é carne da minha carne para mim, realmente, sempre foi. Mas o que você quer não me interessa mais. - Ela virou as costas.

Bem perto dele, ela podia ver as provas da tensão que ele acumulara; envelhecera, assim como Randolph envelhecera subitamente quando soubera da morte de Lawrence. Era tão bonito como nunca, mas agora isso vinha acrescido de uma qualidade trágica, certa tristeza filosófica substituíra o velho brilho nos seus olhos.

- Não posso retornar a Londres - disse ela. - Mas levarei Alex ao trem.

Destrua o elixir. Ele estava em frente ao espelho. Vestira a maior parte dos trajes exigidos, retirados do baú de Lawrence Stratford: as calças pretas brilhantes, os sapatos, os cintos. Nu da cintura para cima, olhou o próprio reflexo. O cinto de dinheiro estava amarrado nele, como desde que deixara Londres. E os frascos brilhavam nos bolsos de lona. Destrua o elixir. Nunca mais torne a usá-lo. Ele apanhou a camisa branca dura e vestiu-a com cuidado, fechando os impossíveis botões. Viu o rosto desgastado e cansado de Elliott Savarell. Você irá persuadir Julie a voltar a Londres... até que isso esteja, terminado.

Além das janelas, a cidade do Cairo parecia quieta com o ruído grande das cidades modernas, um som que ele nunca ouvira em tempos antigos. Onde estava ela, a rainha de cabelos negros com os violentos olhos azuis? Ele a viu novamente, suspirando embaixo dele, a cabeça jogada para trás nos travesseiros, a mesma carne. "Suga-me!", ela gritara como há tanto tempo, costas arqueadas como as de uma gata. E então o sorriso no rosto dela; o sorriso de uma estranha.

- Sim, patrão Alex - Walter disse ao telefone. - Para a suíte dois-zero-um, levarei suas roupas agora mesmo. Mas ligue para seu pai na suíte da senhorita Stratford. Ele está ansioso para lhe falar. Está preocupado porque não o viu o dia inteiro. Tanta coisa aconteceu, patrão Alex... - Mas a ligação já havia sido interrompida.

Ligou rápido para a senhorita Stratford. Nenhuma resposta. Não tinha tempo. Tinha de correr com as roupas.

Cleópatra olhava pela janela. Ela havia vestido o lindo vestido de prata pura que tomara da pobre mulher na loja de vestidos. Fieiras de pérolas caíam sobre o decote entre os seios. Ela nunca penteava o cabelo adequadamente, caía sobre ela num véu negro, ainda úmido do banho, e cheio de perfume, e ela gostava. Sorriu amarga ao pensar que era como voltar à infância. Correndo pelos jardins do palácio, os cabelos, seu manto.

- Eu gosto de seu mundo, Lorde Alex - disse ela enquanto observava as luzes tremeluzentes do Cairo sob o céu da noite, que empalidecia. As estrelas pareciam tão perdidas sobre aquele esplendor estonteante. Até mesmo os lampiões da rua tinham uma beleza confortante. - Sim, eu gosto de seu mundo. Gosto de tudo nele. Quero ter dinheiro e poder nele; e ter você ao meu lado.

Ela se voltou. Ele a olhava como se ela o tivesse magoado. Ignorou as batidas na porta.

- Querida, essas coisas nem sempre caminham de mãos dadas em meu mundo - disse ele. - Terras, um título, educação... isto eu tenho, mas dinheiro não.

- Não se preocupe - ela disse, aliviada de que fosse apenas isso. - riqueza eu vou adquirir, meu lorde, isso não é nada. Não quando se é invulnerável. Mas existem algumas contas que preciso acertar primeiro. Preciso machucar alguém que me machucou. Preciso tirar dele... o que ele tirou de mim.

As batidas novamente. Como se despertasse de um sonho, ele tirou os olhos dela e correu para a porta. Um serviçal. Suas roupas de noite haviam chegado.

- Seu pai já foi, senhor. Seus ingressos estão na bilheteria, sob o nome dele.

- Obrigado, Walter.

Mal teve tempo de se vestir. Ao fechar a porta, olhou para ela novamente, com curiosidade, com aquele pequeno toque de tristeza.

- Agora não - ela disse, rapidamente o beijando. E podemos usar esses ingressos, não podemos? - Ela apanhou da cômoda os dois bilhetes que roubara do pobre rapaz morto no beco, os papeizinhos que diziam: "Válido para uma

pessoa."

- Mas eu quero que você conheça meu pai, quero que você os conheça a todos. Quero que eles conheçam você.

- Claro que sim, e conhecerei, breve. Mas vamos ficar um pouco sozinhos perdidos na multidão, para ficarmos juntos. Vamos vê-los quando nos der vontade. Por favor? Ele quis protestar, mas ela o estava beijando, acariciando seus cabelos novamente. - Deixe-me ter uma chance de ver seu amor perdido, Julie Stratford, a distância.

- Ah, mas nada disso importa mais - disse ele.

Outro palácio moderno - a Opera House, lotada de mulheres cheias de joias em vestidos das cores do arco-íris, e os homens que as acompanhavam, elegantes em branco e preto. Como era curioso que todas as cores pertencessem às fêmeas. Os machos vestiam uniformes, cada um perfeitamente idêntico ao do outro, ao que parecia. Ela forçou a vista, para ver os vermelhos e azuis dançando independente de qualquer detalhe. Ela observava o grande tumulto na subida da grande escadaria. Sentiu olhares de admiração sobre ela; o brilho suave da admiração como se sua pele emanasse luz. Lorde Summerfíeld olhava para ela com orgulho e afeição.

- Aqui você é a rainha - murmurou ele, faces ruborizadas novamente, por um instante. Virou-se para um dos mercadores que vendiam estranhos instrumentos cujo propósito ela não conseguia imaginar. - Binóculos de ópera - disse ele ao entregá-los para ela. - E o programa, sim, por favor.

- Mas o que são? - perguntou ela. Ele deu uma pequena gargalhada.- Você caiu do céu, não foi? - Seus lábios tocaram-lhe a nuca e depois o rosto. - Coloque-os nos olhos e ajuste-os até entrarem em foco. Sim, isso. Está vendo? - Ela ficou chocada. Recuou num pulo quando as pessoas na galeria superior pareceram saltar para perto dela. - Que coisa curiosa. O que faz isso acontecer?

- Ampliação - disse ele. - Pedaços de vidro.

Como ele parecia deliciado por ver que ela nunca ouvira falar naquilo. Ela se perguntava como Ramsés havia dominado todos esses pequenos segredos; Ramsés, cuja "tumba misteriosa" fora descoberta há apenas um mês pelo "pobre Lawrence", que agora estava morto. Ramsés, que contava “nos rolos" seu amor por Cleópatra. Seria realmente possível que Alex não soubesse que a múmia e

seu rival Ramsey eram a mesma pessoa? Mas como ele poderia entender isso? Com apenas a história tola do primo de má reputação para ligar os dois? Será que ela acreditara quando o velho sacerdote a levara até a caverna? Um som de carrilhões.

- A ópera vai começar - disse Alex.

Subiram as escadas juntos. Para ela parecia que uma luz brilhante cercava os dois, separava-os dos outros, e os outros podiam ver essa luz, e olhar com cuidado, percebendo que isso era amor. Amor. Ela o amava; não era um amor devastador como o que sentira por Marco Antônio; aquele mergulho nas trevas e na destruição porque um não conseguia resistir ao outro, não podia viver sem o outro, e continuavam juntos, sabendo muito bem que estavam sendo destruídos. Não, aquele era um amor novo, cheio de frescor e carinho como era Alex, mas era amor. Julie Stratford havia sido uma idiota por não amá-lo; mas Ramsés poderia seduzir até a deusa Isis. Se não fosse por Marco Antônio, ela nunca teria amado ninguém senão Ramsés. Isso ele sempre compreendera. Ramsés, o pai, o juiz, o professor, Marco Antônio, o menino mau com quem ela fugira. Brincando no quarto real como crianças; bêbado; louco; não respondia a ninguém; até que Ramsés aparecera, depois de todos aqueles anos. Foi isso o que você fez com sua liberdade? Sua vida?

A pergunta era: o que ela iria fazer com sua liberdade agora? Por que a dor não a machucava? Porque esse mundo novo era magnífico demais. Porque ela fizera o que sonhara naqueles últimos meses, quando os exércitos romanos invadiram o Egito, quando Marco ficou desesperado e cheio de ilusões: outra chance. Outra chance, sem o peso de um amor que a arrastava para baixo, para as ondas negras, para sempre; outra chance sem ódio por Ramsés, que não salvara seu amor condenado; que não a perdoaria por ter se condenado.

- Sua Alteza, estou perdendo você novamente - ele disse baixinho.

- Não, não está - disse ela. As luzes dançavam ao seu redor, - Estou com você, Lorde Alex. - O enorme candelabro de cristal bem acima estava cheio de pequenos arco-íris reluzentes; ela podia ouvir o fraco tilintar do vidro que balançava com a brisa que vinha das portas abertas.

- Ah, mas veja, lá estão eles! - Alex disse de súbito, apontando para onde a balaustrada dobrava e se desviava do topo das escadas.

O ruído ao seu redor morreu; as luzes; a multidão, a suave excitação

conjunta. Ramsés estava ali! Ramsés em indumentária moderna, e ao seu lado a mulher, de beleza considerável, jovem e frágil como Alex, os cabelos ruivos penteados exoticamente para longe do rosto. Um lampejo de olhos negros quando ela olhou em sua direção e não os viu. E Lorde Rutherford, querido Lorde Rutherford, lutando com sua bengala de prata. Será que Ramsés realmente enganava os mortais ao seu redor? Aquele gigante, o rosto brilhando com vigor imortal, cabelos desgrenhados. E a mulher: ela ainda não recebera o elixir. Ainda era mortal. Desesperadamente, com muito medo, ela se agarrou no braço de Alex.

- Querido, agora não - ela implorou. O grupo se moveu mais para a frente, a multidão engolindo-os.

- Mas, querida, só para dizer a eles que estamos aqui.

Ora, isto é esplêndido, quer dizer que Ramsey foi inocentado. Tudo voltou ao normal. Pitfield conseguiu o milagre.

- Dê-me este tempo, Alex, eu lhe peço! - O tom de voz dela era imperioso.

- Está bem, Alteza - ele respondeu com um sorriso condescendente.

Longe deles! Ela se sentia desesperada, como se sufocasse. Alcançando o alto das escadas, olhou para trás. Haviam entrado por uma porta coberta por veludo. E Alex a estava levando noutra direção. Graças aos deuses.

- Ora, parece que estamos na extremidade oposta dos balcões - ele disse sorrindo. - Mas como você pode ser tão tímida quando é tão adorável? Quando é mais bonita do que qualquer mulher que jamais conheci?

- Tenho ciúmes de você, das horas que passamos juntos. Acredite em mim, o mundo estragará isso, Lorde Alex.

- Ah, isso não é possível - ele disse com profunda inocência.

Elliott estava de pé na entrada da porta cortinada.

- Onde diabos Alex pode estar? O que deu nele para ficar sumido numa hora dessas? Ora, a paciência tem limites.

- Elliott, Alex é a menor de nossas preocupações! exclamou Julie. - Ele provavelmente achou outra herdeira americana. O terceiro "amor de sua vida" consecutivo em uma semana.

Elliott deu um sorrisinho amargo enquanto entravam no balcão. A mulher que ele vira de relance no carro era apenas chapéu, laços de fita e cabelos ao vento. Talvez isso fosse simplesmente o mínimo de boa sorte que seu filho necessitava.

Um degrau curvo; um anfiteatro gigante, com a exceção de que estava coberto, e só metade era oval. Na outra extremidade ficava o palco, obviamente, coberto por uma parede de cortinas macias e brilhosas; e afundado à frente e abaixo dele, um grupo grande de homens e mulheres fazendo sons horríveis com seus instrumentos de cordas e suas trompas. Ela pôs as mãos nos ouvidos. Alex levou-a até a primeira fila daquela pequena seção. As poltronas macias e vermelhas na balaustrada eram deles. Ela virou-se à sua esquerda. Do outro lado do abismo fracamente iluminado ela viu Ramsés! E também a mulher de rosto pálido, com olhos grandes e tristes. Lorde Rutherford havia se colocado logo atrás deles; e ao seu lado, um egípcio de pele morena, muito bem vestido como os outros homens. Ela tentou tirar os olhos deles; não entendia completamente o tumulto dentro dela enquanto continuava a olhar. Então Ramsés abraçou a mulher. Abraçou-a forte, como se para confortá-la, e a mulher baixou os olhos, e havia um súbito brilho de lágrimas nas suas faces! Ramsés beijou essa mulher, e a mulher, inclinando-se em sua direção, retribuiu-lhe o beijo! Como a dor penetrou fundo nela quando viu isso! Era como uma faca que subitamente lhe atravessasse a face, abrindo-a ao meio. Ela desviou o rosto, abalada; olhando para o escuro, para o nada. Ela teria gritado se pudesse. Mas ora, o que ela sentia? Um ódio pela mulher inchada dentro dela, queimando-a. Dê a Marco o elixir.

Subitamente o grande teatro ficou escuro. Um homem apareceu à frente da plateia; aplausos irromperam por toda parte ao redor dela, elevando-se até formarem um ruído ensurdecedor. Como tantas coisas nos tempos modernos, era arrasador, porém estranhamente contido. O homem curvou-se, ergueu as mãos, e então virou-se e encarou os músicos, que haviam ficado quietos e parados. Ao seu sinal, eles tocaram em concerto, o som elevou-se, enorme, devastador e belo. O som pareceu tocá-la. Ela sentiu a mão de Alex sobre a sua. O som a cercava, varria sua dor subitamente.

- Tempos modernos - sussurrou ela.

Também estava chorando? Ela não queria odiar! Não queria aquela dor! Novamente na memória, ela viu Ramsés acima dela, na escuridão; era uma tumba aquilo? Ela sentiu o elixir enchendo sua boca. E então ele recuou

horrorizado. Ramsés. Mas ela lamentava que ele tivesse feito isso? Poderia ela realmente amaldiçoá-lo? Ela estava viva!

Elliot passou para o lado de fora da cortina, e foi até o foyer iluminando atrás do balcão, para ler a nota à luz elétrica.

- Estava na recepção do Shepheard's, senhor - disse o rapaz, esperando a moeda que Elliott tirou do bolso e entregou.

“Pai, vejo o senhor na ópera ou no baile depois. Desculpe ser tão misterioso, mas conheci uma companhia feminina por demais atraente. Alex.”

Irritante! Mas que fosse. Tornou a entrar no hall escuro. Ramsés não havia pensado que fosse possível gostar desse espetáculo. Ainda estava furioso com Elliott por ter sido arrastado até ali contra a vontade. E, realmente, a ópera teria sido ridícula se não fosse tão bonita: as gordas figuras egípcias ali cantando em italiano contra um fundo de templos e estátuas pintadas que pareciam profundamente grotescas. Mas as melodias o subjugaram, ainda que aumentassem a dor de Julie. Julie inclinou-se contra o ombro dele, aproveitando a privacidade da escuridão. As belas vozes na penumbra a comoviam. Aquelas horas não seriam a agonia que ele havia imaginado, sua alma covarde chegou até a imaginar que talvez Cleópatra tivesse fugido do Cairo, que ela agora estivesse perdida no mundo moderno, além de todas as esperanças de ser encontrada. E isso tanto o aliviava quanto aterrorizava. Como ela ficaria só à medida que as semanas e meses se passassem, o que sua fúria exigiria?

Ela ergueu os binóculos mágicos de ópera. Olhou para Ramsés e Julie, espantada com a proximidade do foco. A mulher estava chorando, não havia dúvida. Seus olhos escuros estavam fixos no palco, onde o homenzinho feio cantava a linda canção "Celeste Aída", a voz enorme, a melodia capaz de partir corações. Ela estava para baixar os binóculos quando subitamente Julie Stratford murmurou alguma coisa a seu parceiro.

Levantaram-se juntos, Julie Stratford passando rápida pela cortina, e Ramsés acompanhando-a. Rapidamente Cleópatra tocou a mão de Alex.

- Espere aqui - ela sussurrou em seu ouvido.

Ele parecia pensar que isso era normal. Não tentou impedi-la. Ela atravessou rápida a alcova atrás da pequena seção do teatro onde estavam, e andou lenta e cuidadosamente até o grande salão do segundo andar. Estava quase

vazio. Os serviçais atrás de um balcão com tampo de mármore serviam bebidas para alguns velhos que pareciam bem pouco à vontade em seus uniformes preto e brancos, um deles enfiando o dedo pelo colarinho, obviamente aborrecido. Numa mesa distante, contra uma grande janela em arco com cortinas bordadas, Julie Stratford e Ramsés conversavam em sussurros que ela não conseguia ouvir. Ela se aproximou, por trás de uma plantação de árvores em vasos, e ergueu os binóculos de ópera, aproximando seus rostos uma vez mais, mas não as palavras. Julie Stratford balançou a cabeça, recuando. Ramsés segurava sua mão, não deixaria que ela fosse embora. O que ela dizia com tanta paixão? E como ele implorava a ela, ela conhecia aquela autoridade, aquela insistência, mas Julie Stratford era tão forte quanto ela própria fora. Subitamente Julie Stratford levantou-se, apanhando uma bolsinha, e afastou-se rapidamente, cabeça baixa. Ramsés estava desesperado. Apoiou a testa na mão. Rapidamente ela seguiu Julie Stratford, mantendo-se encostada à parede, rezando para que Ramsés não levantasse os olhos .Julie Stratford passou por uma porta de madeira. TOALETE ela estava confusa, indecisa. Subitamente uma voz falou com ela; era uma jovem serviçal.

- Procurando o banheiro das senhoras, madame? É bem aqui.

- Obrigada - disse ela, e entrou. Era obviamente um aposento público.

Graças a Deus, o toalete estava vazio. Julie sentou-se no último banquinho de veludo à frente da mesa comprida de maquilagem, e simplesmente descansou por um momento, a mão cobrindo os olhos. A coisa estava lá fora, o monstro, a criação, como quer que se chamasse aquele tipo de ser; e estavam trancados naquele estúpido auditório escutando a música, como se horrores não tivessem sido cometidos, e como se não pudessem ser cometidos novamente. Mas o pior de tudo era Ramsés forçando uma conclusão entre os dois, segurando sua mão e dizendo que não podia suportar perdê-la. E ela, ela explodira com ele:

- Eu gostaria de nunca ter posto os olhos em você. Gostaria que tivesse deixado Henry fazer seu serviço.

Será que ela estava realmente sendo sincera? Ele machucara seu pulso ao agarrá-la, ainda doía, enquanto ela chorava baixinho naquela saleta quieta, os sussurros mais suaves ecoando pelas paredes espelhadas frias.

- Julie - ele dissera -, foi uma coisa terrível o que eu fiz, sim, eu sei. Mas estou falando agora sobre mim e você. Você está viva, inteira e linda, alma e corpo unidos...

- Não, não diga isso - ela implorara.

- Tome o elixir, e venha comigo, para sempre.

Ela fora incapaz de permanecer ali. Soltara-se dele e correra. E agora, sozinha naquela saleta, ela chorava. Tentava apaziguar sua alma; tentava pensar, mas não conseguia. Dizia a si mesma que devia imaginar sua vida dali a anos, quando isso tudo parecesse uma aventura perigosa que ela só confiaria aos mais amados. Contaria sobre esse homem misterioso que entrara em sua vida... Mas isso era insuportável.

Quando a porta do toalete se abriu, ela cobriu o rosto com o lenço, mantendo a cabeça baixa, tentando apenas se acalmar, respirar. Como seria terrível que a vissem assim, quando queria se retirar e voltar sozinha ao hotel. E essa outra mulher que entrara, por que cargas d'água estava sentada tão próxima dela, bem no tamborete ao lado? Virou a cabeça para a direita. Tinha de se conter. Sobreviver a essa noite de algum modo por Elliott, embora ela estivesse perdendo a fé no sentido de qualquer objetivo anterior.

Ela dobrou o lenço, o trapinho miserável de linho e renda agora encharcado de lágrimas, e enxugou os olhos. Quase por acidente ela levantou os olhos e olhou no espelho. Estava perdendo a cabeça! A mulher logo à sua esquerda a encarava com grandes e ferozes olhos azuis. Ora, a mulher estava a poucos centímetros dela, e que criatura, com todo aquele cabelo preto ondulado cascateando pelos ombros e costas. Ela voltou-se e encarou a mulher, recuando o quanto pôde no tamborete, a mão no espelho para se equilibrar.

- Meu Deus! - Levou um choque, tremia tão violentamente que não conseguia firmar a mão.

- Ah, mas você é realmente uma graça - disse a mulher, perfeito sotaque britânico. - Mas ele não lhe deu seu precioso elixir. Você é mortal. Não há dúvida.

- Quem é você? - soluçou ela. Mas ela. sabia.

- Você chama isso por outro nome? - disse a mulher, pressionando-a, o rosto forte e lindamente modelado bem em cima dela, os cabelos negros ondulantes que pareciam devorar a própria luz. - Por que ele me despertou de meu sono e não lhe deu a poção mágica?

- Me deixe em paz! - murmurou Julie.

Sofria tremores violentos. Tentou se levantar, mas a mulher a forçara a ficar no canto. Em pânico, ela quase gritou.

- Mas você está tão viva - a mulher murmurou. Jovem, delicada, como uma flor; tão fácil de se colher.

Julie afundou contra a parede espelhada. Se ela empurrasse a mulher, poderia desequilibrá-la? Parecia uma impossibilidade virtual; e uma vez mais, quando como Ramsés se erguera do caixão, sentiu que ia desmaiar.

- Parece monstruoso, não é? - continuou a mulher, com o mesmo sotaque inglês. - Que eu devesse colher essa flor porque o que amei foi deixado para morrer. O que você tem a ver com a perda sofrida há tanto tempo? Julie Stratford por Marco Antônio. Não parece justo.

- Deus me ajude! - soluçou Julie. - Deus nos ajude a ambas, a você e a mim. Ah, por favor, me deixe ir!

A mão da mulher voou em sua direção, agarrando-a pelo pescoço; ela não podia suportar isso, os dedos fechando a respiração em sua garganta, a cabeça bateu contra o espelho atrás dela, uma, duas vezes. Ela estava perdendo a consciência.

- Por que eu não deveria matar você? Você me diga!- veio a voz irada nos seus ouvidos. A mão subitamente largou-a. Soluçando, ela caiu sobre a mesinha.

- Ramsés! - ela gritou, a respiração saindo num jorro. - Ramsés!

A porta do toalete abriu subitamente; duas mulheres pararam confusas. Ao seu lado, Cleópatra pulou a mesa e passou correndo por elas, derrubando uma. Desapareceu numa lufada de cabelos pretos cascateantes e tecido de prata reluzente. Julie caiu no chão, chorando. Pessoas gritando; passos apressados. Uma velha de mãos enrugadas e macias ajudava-a a se levantar.

- Tenho de falar com Ramsés - disse ela. Lutou para chegar até a porta. As outras mulheres tentaram detê-la. Ela devia se sentar.

- Alguém pegue um copo d'água!

- Não, deixem-me ir!

Finalmente ela alcançou a porta, e forçou caminho por ela, através do pequeno grupo de lanterninhas que fora bisbilhotar. Ramsés chegou correndo;

ela caiu em seus braços.

- Ela estava lá - falou soluçando no seu ouvido Falou comigo. Ela me tocou. - Colocou a mão na garganta que doía. - Fugiu quando os outros chegaram.

- O que foi, senhorita?

- Senhorita Stratford, o que houve?

- Não, estou bem agora. - Ele quase a tomou nos braços, e levou-a para longe dali.

- Bem, tudo o que eu vi foi outra mulher com ela, sim, uma mulher alta, de cabelos negros.

Levou-a de volta ao foyer do camarote, um espaço particular isolado. Ele tentava clarear a vista, Elliott e Samir estavam ao seu lado subitamente, e a música, a música era um alarido medonho que passava pelas cortinas. Samir encheu uma taça de champanhe para ela. Que absurdo, champanhe!

- Aqui no auditório, em algum lugar. Meu Deus, ela era como um anjo terrível! Uma deusa! Ramsés, ela conhecia meu nome. Ela me conhecia. Falou de vingança por Marco Antônio. Ramsés, ela sabia quem eu era!

O rosto dele era uma máscara de ódio. Ele dirigiu-se para a porta. Ela o agarrou, derrubando a taça de champanhe.

- Não, não vá! Não me deixe! - murmurou. - Ela podia ter me matado. Ela quis. Mas não conseguiu. Ramsés! Ela é uma criatura viva, que tem sentimentos! Ah, Deus, o que você fez, o que eu fiz!

Uma campainha soara no auditório. As pessoas saíam aos borbotões para os espaços abertos. E Alex estaria procurando por ela; e talvez os encontrasse. Ela não podia clarear os pensamentos; não podia se mover. Estava sobre uma sacada de ferro, sobre os degraus de ferro que levavam a um corredor escuro e abandonado, a porta aberta para as luzes e o tumulto à sua direita. A cidade era uma confusão de lampiões e telhados, de cúpulas brilhantes, e torres rasgando o céu azul-escuro. Ela não podia ver o Nilo dali, mas isso não importava. O ar era frio e doce; cheio do perfume das árvores verdes abaixo. Subitamente ela ouviu sua voz:

- Alteza, eu a estive procurando por toda parte!

- Abrace-me, Alex - ela sussurrou. - Abrace-me forte.

Ela suspirou fundo ao se sentir perto dele, suas mãos quentes sobre ela. Gentilmente ele fez com que ela se sentasse sobre os degraus de ferro que subiam para outra sacada mais acima.

- Você não está passando bem - ele disse. - Preciso trazer alguma coisa para você beber.

- Não, fique perto de mim - disse ela.

Sabia que sua voz mal se fazia ouvir. Olhava as luzes da cidade quase desesperada. Queria de alguma forma se agarrar a essa visão da cidade moderna; mover-se mentalmente em direção a ela, fugindo de sua angústia. Era sua única escapatória. Isso e o rapaz ao seu lado, aquela coisínha limpa e inocente que a abraçava e beijava.

- O que eu faço? - ela murmurou no velho latim. - É tristeza que sinto, ou raiva? Sei apenas que é sofrimento.

Ela o estava torturando, mas não queria fazer isso. Será que ele compreendera suas palavras?

- Abra seu coração para mim - ele disse preocupado. - Eu a amo, Alteza. Diga-me o que a está preocupando. Não vou deixar nada machucar você. Se estiver no meu poder, eu impedirei isso.

- Eu acredito em você, jovem lorde - disse ela. Eu também sinto amor por você.

Mas o que era que ela queria? A vingança curaria a ira que a dilacerava? Ou será que ela deveria se retirar agora, levando o jovem Lorde Alex consigo, e ir para tão longe de seu mentor, seu criador, quanto pudesse? Por um momento pareceu que a dor dentro dela consumiria tudo: pensamento, esperança, vontade. Mas então ela percebeu alguma coisa, e isso foi como o sol novamente, o quente sol. Amar e odiar tão ferozmente era a essência da própria vida. E ela tinha a vida novamente, com todas as suas bênçãos e toda a sua dor.

O último ato estava chegando ao fim. Elliott olhava distraído o belo cenário, os amantes condenados sufocando na tumba, a princesa Amnéris

rezando acima.

Graças a Deus estava quase terminado! Verdi na sua melhor forma parecia ridículo naquelas circunstâncias. Quanto ao baile, passariam por ele não mais que um momento ou dois antes de levarem Julie ao seu quarto. Julie estava à beira do colapso. Ainda estava sentada no foyer do camarote atrás deles, tremendo, agarrada a Ramsés. Ela se recusara a deixar que Ramsés a largasse. Então Elliott e Samir vasculharam a multidão nos intervalos. Subiram e desceram as escadas, procurando a mulher que apenas Elliott reconheceria com certeza, mas que Samir poderia localizar pelos cabelos soltos e vestido prateado. Ela não estava em parte alguma. E não era surpresa. Ela devia ter deixado o hall imediatamente após o breve ataque. O mistério era: como ela sabia a respeito de Julie? Como ela encontrara Julie ali? Outro aspecto enlouquecedor disso tudo era que eles também não haviam achado Alex! Mas talvez fosse um mal que vinha para bem.

Alex permanecia de alguma forma miraculosamente intocado pelo que acontecera. Talvez pudesse ser levado para casa sem maiores explicações, mas provavelmente seria esperar demais. Não havia dúvidas na cabeça de Elliott agora que Julie estaria naquele trem amanhã com Alex. Ele próprio ficaria no Cairo até que essa coisa fosse resolvida de uma vez. Samir voltaria para Londres com Julie, isso já fora decidido, pois Alex certamente não poderia protegê-la ou confortá-la, já que não sabia e não devia saber o que estava se passando. Samir ficaria com Julie em Mayfair até que Ramsés voltasse. Elliott não tinha certeza se ajudaria ficando. Mas tinha de ficar. E Julie tinha de ser levada para muito, muito longe. O último dueto lancinante da ópera era no máximo pungente. Não pôde suportá-lo por muito tempo. Levantou os binóculos de ópera e começou a vasculhar o hall. Alex, onde diabos está você? Ele procurou pelo lado esquerdo do círculo lentamente, e então se virou gradualmente para a direita.

Cabeças grisalhas, diamantes reluzentes, homens semi adormecidos, bocas abertas sob bigodes brancos. E uma bela mulher com cabelos negros ondulados que caíam sobre os ombros caminhando rapidamente para a primeira fileira de um balcão distante, mãos dadas com Alex. Ele gelou. Ajustou rapidamente os binóculos, trazendo a imagem ainda mais perto. A mulher se sentara à esquerda de Alex, mas o círculo dos balcões os colocava claramente à vista! Não tenha um ataque do coração agora, Elliott, não depois de tudo por que você passou.

Alex virou-se e beijou a mulher no rosto enquanto ela olhava o palco - a tumba, os amantes condenados - e então, num pequeno e silencioso frenesi, ela

virou-se para Alex com olhos tristes e aninhou-se no seu braço.

- Ramsey - ele murmurou.

Perturbou os que estavam ao seu redor, até mesmo acordou alguém no balcão ao lado. Mas Ramsey o ouvira e atravessara as cortinas, ajoelhando-se ao lado da poltrona de Elliott.

- Lá, veja! Com Alex; é ela. - O sussurro saiu num soluço.

Passando os binóculos para Ramsey, ele olhou as duas figuras distantes. Não precisava deles para ver que Cleópatra havia erguido os seus próprios olhos e os observava. Ouviu Ramsey gemer baixinho, angustiado. Alex havia se virado. Fez um pequeno gesto alegre para eles, um aceno com a mão esquerda. As últimas notas do dueto terminaram. Os aplausos irromperam por toda parte. Os inevitáveis "Bravos" vinham de todas as direções. As luzes da casa estavam acesas. As pessoas já se levantavam. Julie e Samir estavam de pé na entrada do camarote.

- O que foi? - Julie quis saber.

- Estão indo embora. Vou atrás deles! - disse Ramsés.

- Não! - gritou Julie.

- Julie, ela está com Alex Savarell - disse Ramsey.- Ela cativou o filho do conde! Vocês dois, fiquem com Julie. Levem-na de volta ao hotel.

Sabia que não adiantava assim que alcançou o camarote. Tinham ido embora. Pelo menos três saídas se abriam das escadarias de ferro para a lateral do edifício. E as pessoas estavam usando todas. Ele disparou, mezanino afora, perscrutando com os olhos os que desciam a grande escadaria. Nenhuma chance de encontrá-los agora. Estava nas portas da frente quando Elliott, Samir e Julie desceram as escadas. Julie parecia um fantasma de si mesma, agarrada a Samir. Elliott estava obviamente utilizando suas últimas reservas de energia, e o rosto estava de um branco cadavérico.

- Não foi possível - explicou Ramsés. - Eles sumiram novamente.

- Nossa única chance então é o baile - disse Elliott. - É um jogo, você não vê? Alex não sabe o que está acontecendo. Disse que nos encontraria aqui ou no baile.

Acompanharam o fluxo dos convidados, que saíam da Opera House aos borbotões, e atravessaram a praça enorme na direção do hotel. Não havia dúvida, na cabeça dela, de que Ramsés os estava seguindo. Sem dúvida nenhuma Lorde Rutherford viria na esperança de resgatar o filho. Ela não tomara nenhuma decisão quanto ao que deveria fazer. O encontro era inevitável. Palavras deviam ser ditas, e depois disso? Ela via apenas a liberdade, mas sabia onde devia ir ou o que devia fazer para ser livre. Matar a outra não era resposta. Uma grande revolta surgiu nela própria contra todas as vidas que ela tomara sem pensar... até mesmo a vida do homem que apontara a arma para ela, fosse quem fosse.

Resolver o enigma de por que Ramsés a ressuscitara, de como, exatamente, ele fizera isso: isso devia ser parte do que ela tinha de fazer. Mas talvez ela devesse fugir disso e dele. Ela olhou para os carros a motor apontando na rodovia circular à frente da entrada do Shepheard's. Por que eles não podiam fugir, ela e Alex, bem agora? Havia tempo suficiente, não havia, para que ela procurasse seu antigo mestre, aquele homem que dominara toda a sua vida mortal, e agora a recriara por motivos que ela não podia entender? E por um segundo, um pressentimento pavoroso a abalou. Ela apertou ainda mais a mão de Alex. Viu novamente o seu sorriso reconfortante. Ela não disse nada. Sua mente estava confusa quando entraram no brilhante saguão do hotel e seguiram a multidão por outra grande escadaria.

O salão de baile aberto à sua frente no segundo andar era um vasto espaço, muito maior do que o que ela vira a noite passada, no andar de baixo. Mesas com toalhas de linho estavam alinhadas nas paredes laterais, e o salão propriamente dito parecia se estender até o infinito, música surgindo de uma orquestra agora oculta pela multidão muito espremida. Cortinas douradas pendiam do teto alto. Como aquelas pessoas adoravam ornamentos de gesso. Portas e janelas estavam cobertas com gesso, como se fosse creme batido cuidadosamente esculpido. Alguns pares já começavam a dançar com a música. A luz parecia derramar-se dos grandes artefatos de vidros tilintantes. Jovens serviçais andavam de um lado para outro oferecendo vinho branco em taças exóticas sobre bandejas de prata.

- Como vamos encontrá-los? - perguntou Alex. Ah, estou tão ansioso para que você os conheça.

- Está? - sussurrou ela. - E se eles não conseguirem aprovar sua escolha, Lorde Alex, o que você fará?

- Que coisa estranha de se dizer - ele disse com sua inocência característica.

- Eles não vão fazer isso. E no fim das contas, realmente não vai importar se eles gostarem ou não.

- Eu o amo, Lorde Alex. Achava que não, quando o vi pela primeira vez. Achava apenas que você era belo e jovem e que seria lindo ter você nos meus braços. Mas eu o amo.

- Eu sei perfeitamente o que você está dizendo - murmurou ele, com um olhar estranho. - Isso surpreende você?

Parecia que ele queria desesperadamente dizer mais alguma coisa para ela mas não conseguia encontrar as palavras. Veio aquela tristeza, a pequena sombra de tristeza que ela vira nele desde o começo, e pela primeira vez ela percebia que era alguma coisa nela que provocava isso, era uma reação a alguma coisa que ele vira em seu rosto. Alguém chamou o nome dele. O pai chamando. Ela conheceu a voz antes de se virar para ver por si mesma.

- Lembre-se, eu amo, Alex - ela repetiu.

Tinha a estranha sensação de que estava dizendo adeus. Inocentes demais, estas eram as únicas palavras que lhe vieram. Virando-se, ela os viu a todos encaminhando-se na sua direção.

- Pai, e Ramsey! Ramsey, meu velho! - exclamou Alex. - Estou tão contente em ver vocês!

Como num sonho ela os viu, Alex apertando forte a mão de Ramsés e Ramsés olhando fixo para ela.

- Minha querida - a voz de Alex lutava para alcançá-la. - Deixe-me apresentar meu pai, e meus amigos mais queridos. Ora, Sua Alteza... - Ele parou subitamente e confidenciou num sussurro baixinho: - Nem sequer sei seu verdadeiro nome.

- Sabe sim, meu amado - disse ela. - Eu lhe disse quando nos conhecemos. É Cleópatra. Seu pai me conhece, e seu bom amigo Ramsey, como você o chama, também. E já conheci sua amiga Julie Stratford.

Ela fixou o olhar em Lorde Rutherford, a música e o burburinho da multidão eram um rugido em seus ouvidos.

- Permita-me agradecer-lhe, Lorde Rutherford, pela sua recente gentileza

para comigo. O que eu teria feito sem você? E fui tão indelicada em troca.

A sensação de pressentimento ficava cada vez mais forte. Ela estava condenada se permanecesse naquele salão. Mas ela ainda estava em pé ali, a mão que se apoiava em Alex tremendo, e ele olhava dela para seu pai em completa confusão.

- Ora, não estou entendendo, com que então vocês já se conhecem?

Ramsés deu um passo para a frente de súbito. Pegou-a rispidamente pelo braço, e puxou-a de Alex.

- Preciso falar com você - ele disse, os olhos fuzilando-a. - Agora, a sós.

- Ramsey, o que diabos está fazendo? Outras pessoas estavam olhando.

- Alex, fique aqui! - disse seu pai.

Ramsey puxou-a para mais longe ainda. Ela torceu o tornozelo nos saltos altos.

- Me largue! - murmurou ela.

Num borrão, ela viu a pálida Julie Stratford virando-se desesperada para o egípcio de rosto escuro, e o velho Lorde Ruthfereld contendo fisicamente o filho. Num acesso de fúria, ela deu um safanão em Ramsés, assustando-o e libertando-se. Suspiros espantados de todas aquelas estranhas pessoas modernas, que olhavam como se fingissem não olhar. Um silêncio havia caído ao redor deles, embora a música predominasse.

- Vamos conversar quando eu quiser, meu amado mestre! Você interfere justo com meus prazeres, como sempre fez no passado.

Alex correu para o lado dela. Ela passou o braço em volta dele quando mais uma vez Ramsés avançou.

- Qual, em nome de Deus, é o problema com você, Ramsey? - protestou Alex.

- Estou lhe dizendo agora, vamos conversar, você e eu, a sós - Ramsés disse a ela, ignorando o amante.

A fúria dela saiu antes das palavras e as palavras, antes dos pensamentos.

- Você acha que pode me forçar a fazer o que quiser! Você vai pagar por tudo o que me fez! Vai me pagar caro!

Ele agarrou-a, puxando-a para longe de Alex, cujo pai avançou novamente para pegá-lo pelo braço. Ela olhou para trás para ver Alex desaparecendo enquanto a multidão se fechava em torno dele, Ramsés forçando-a pelo meio das pessoas que dançavam, recusando-se a soltá-la, por mais que ela lutasse, a mão direita dele segurando o pulso direito dela, a mão esquerda fechada na cintura dela. Por toda parte os casais giravam ao som da música ensurdecedora e seguindo sua pulsação rítmica. Forçou-a a entrar na dança, um gigante contra a altura dela, levantando-a do chão cada vez que a girava.

- Me solte! - ela sibilou. - Você pensa que eu sou a mesma criatura louca que você deixou naquele pardieiro no velho Cairo. Você pensa que eu sou sua escrava!

- Não, não, eu posso ver que você está diferente. Voltara ao velho latim. - Mas quem é você, na verdade?

- Sua mágica restaurou minha mente, minha memória. Tudo aquilo que sofri está lá, e odeio você agora mais verdadeiramente do que antes.

Como ele estava surpreso, como sofria. Será que ela sentiria pena dele?

- Você sempre foi magnífico em sofrimentos! - Ela cuspiu as palavras nele. - E em seus julgamentos! Mas não sou sua escrava ou sua propriedade. O que você trouxe de volta à vida seria livre para viver.

- É você - murmurou ele - a rainha que era tão sábia quanto impulsiva? Que amava com descuido, mas que sempre sabia como conquistar e reinar?

- Sim, precisamente. A rainha que lhe implorou para dividir seu dom com um homem mortal, mas a quem você recusou. Egoísta, rancoroso e mesquinho até o fim.

- Ah, não, você sabe que isso não é verdade. - O mesmo velho charme, a mesma velha persuasão. E a mesma vontade forte e inabalável. - Teria sido um erro terrível!

- E eu? Eu não sou um erro?

Ela lutou para se libertar. Não conseguiu. Uma vez mais ele girou-a num

grande círculo ao ritmo da música, saias roçando-a enquanto os outros dançavam ao seu redor, indiferentes, ao que parecia, à sua luta.

- Noite passada você me disse que quando estava morrendo, tentou me chamar - disse ele. - O veneno da serpente a havia paralisado. Isso foi verdade? Mais uma vez ela tentou se soltar.

- Não diga essas coisas para mim! - exclamou ela. Puxou o braço esquerdo, mas ele o agarrou novamente. Agora os outros viam o que estava acontecendo. Cabeças se viravam. Um par de dançarinos parou alarmado.

- Responda-me - ele exigiu. - Você tentou me chamar naqueles últimos momentos? Isso é verdade?

- Você acha que justifica o que você fez! - Ela forçou-o a parar. Não seria arrastada por ele. - Eu estava com medo. Eu estava às portas da morte! - confessou. - Foi medo, e não amor! Você acha que eu poderia lhe perdoar por deixar Marco Antônio morrer?

- Ah, é você - ele disse suavemente. Ficaram um instante sem se mover. - É realmente você. Minha Cleópatra, com toda sua duplicidade e paixão. é você.

- Sim, e falo a verdade quando digo que o odeio - ela gritou lágrimas brotando-lhe dos olhos. - Ramsés, o Maldito! Eu amaldiçoo o dia em que deixei a luz do sol entrar na sua tumba. Quando sua doce mortal Julie Stratford estiver morta a seus pés como Marco esteve aos meus, você saberá o significado da sabedoria, do amor, do poder dela que sempre conquista e domina. Sua Julie Stratford é mortal. Seu pescoço pode ser quebrado como um junco de rio.

Ela realmente tinha a intenção de fazer isso? Não sabia. Ela sabia que o ódio e todo o amor que o alimentara tornavam isso possível. Furiosa, ela recuou finalmente livre, e virou-se para fugir.

- Não, você não vai machucá-la. E também não vai machucar Alex - ele gritou em latim. - Ou ninguém mais.

Ela empurrava os dançarinos. Uma mulher gritou, um homem caiu por cima de seu par. Outros tentavam abrir caminho para ela. Ela se virou e viu-o indo em sua direção, chamando-a.

- Levarei você de volta à tumba antes de deixá-la fazer isso. Para dentro da escuridão.

Aterrorizada, ela mergulhou na multidão à sua frente. O ar estava cheio de gritos por toda parte. Mas a porta estava logo à frente, e a liberdade, e ela correu em sua direção com todas as forças.

- Espere, pare, me escute - Ramsés gritava. Olhando para trás ao alcançar as portas, ela via que Alex estava segurando.

- Pare, Ramsey, deixe-a ir! - Outros homens cercavam Ramsés.

Ela correu até o alto das escadas. Agora era a voz de Alex que a chamava, implorando-lhe que esperasse, que não tivesse medo. Mas Ramsés se livraria de seus captores. Eles não poderiam detê-lo, e as ameaças dele ecoavam em seus ouvidos.

Desceu apressada, agarrada ao corrimão, mal se equilibrando nos saltos altos.

- Sua Alteza! - gritou Alex.

Ela correu pelo saguão e saiu. Um carro tinha acabado de parar ao pé da escadaria. O homem e a mulher já estavam fora, o serviçal segurando a porta aberta. Ela olhou para trás. Alex descia correndo as escadas, e Ramsés vinha logo atrás.

- Sua Alteza! Espere!

Ela disparou ao redor do carro, e empurrou o serviçal assustado para longe. Sentou-se ao volante e pisou fundo no pedal. Mas antes que o carro disparasse, Alex pulou pela porta lateral e caiu no banco ao lado dela. Ela lutava para controlar o volante, por pouco não entrando direto no jardim, voltando para a rua que levava ao boulevar.

- Deus do céu - Alex gritava contra o vento. - Ele pegou o carro atrás de nós. Está nos seguindo.

Ela forçou o pedal até o chão, virando o volante desesperadamente para evitar o carro que vinha na sua direção, e então entrou na alameda aberta.

- Sua Alteza, você vai nos matar!

O ar frio atingia o rosto dela à medida que se inclinava para a frente, virando o volante para ultrapassar os carros molengas que não saíam do caminho. Alex tentava falar com ela. Mas ela só ouvia a voz de Ramsés:

"Levarei você de volta à tumba... Na escuridão." Escapar, ela tinha de escapar.

- Não vou deixar que ele a machuque.

Finalmente o boulevar abrira caminho para a estrada aberta. Nada em seu caminho agora. Mesmo assim ela mantinha o pedal apertado até o fundo. Em algum lugar bem à frente estavam as pirâmides, e depois o deserto, o deserto aberto. Mas como ela poderia se esconder lá? Para onde iria?

- Ele ainda está atrás de nós? - ela gritou.

- Sim, mas eu não vou deixar que eles a machuquem, já lhe disse! Me escute.

- Não! - gritou ela. - Não tente me impedir!

Ela empurrou-o quando foi abraçá-la. O carro balançou, saiu da estrada. Pulou para a areia batida, mergulhando na escuridão, faróis brilhando fracos no deserto.

Ela perdera a estrada!Bem à direita ela viu uma luz que piscava e se movia como se estivesse vindo na sua direção. Então ela ouviu aquele som, aquele som terrível: o grito da locomotiva a vapor! Ó, deuses, onde estava? O pânico tomou conta dela. Podia ouvir o barulho das rodas de ferro!

- Onde está? - ela gritou.

- Pare, você precisa parar. Não tente ultrapassá-lo!

Um brilho de faróis atingiu o pequeno espelho sobre ela, cegando-a. Ela jogou as mãos para o alto por um momento, e então tornou a segurar o volante. Então ela viu o horror dos horrores, o grande monstro que rugia e a assustara mais do que tudo. A gigantesca locomotiva de ferro negro que vinha bem à sua direita.

- Os freios! - gritou Alex.

O carro a motor deu um solavanco, um salto e parou. A locomotiva passou a apenas meio metro à frente dela, as enormes rodas bem diante de seus olhos.

- Estamos nos trilhos, diabos, vamos logo, saia! - gritou Alex.

O apito soou novamente, gritando sobre o ruído do ferro. Outro estava vindo da esquerda! Ela viu seu olho amarelo redondo, o raio de luz a atingindo, a

grande saia de ferro flamejante descendo pelo caminho de metal. Tinham-na apanhado, essas coisas; tinham-na apanhado. Como poderia escapar? E Ramsés estava atrás dela, Ramsés gritava seu nome. Sentiu Alex agarrar seu braço e tentar puxá-la do banco. A locomotiva apavorante estava em cima dela. Ela gritou quando houve o choque. Seu corpo foi atirado para cima. Num momento reluzente ela se sentiu voar, bem acima do deserto, jogada como uma boneca ao vento. Abaixo, os terríveis monstros de ferro viajavam, passando um pelo outro, sobre as areias infinitas. Então um relâmpago de luz alaranjada acendeu-se sob ela; um calor insuportável a envolveu com um grande som ensurdecedor, de uma espécie que jamais ouvira.

Ramsés foi atirado para trás com a explosão. Caiu deitado sobre a areia. Por um instante ele viu o corpo dela, jogado para fora do carro, para o alto. No instante seguinte o carro havia explodido, e ela fora engolida no meio do ar por uma grande pluma de fogo alaranjado. Novamente a explosão sacudiu a terra com sua força, o fogo cuspindo cada vez mais alto. E por um momento ele não conseguiu ver nada. Ao se levantar cambaleante, a grande locomotiva que ia para o norte tentava parar. Resfolegando, ainda rangendo, ela empurrou os destroços em chamas do carro para o lado, longe dos trilhos. O trem que ia para o sul continuava seu caminho, indiferente, os vagões chocalhantes aumentando o barulho insuportável.

Ele correu para o carro em chamas. A estrutura retorcida parecia troncos enegrecidos nas labaredas vivas. Não via sinal de vida nem movimento, nenhum sinal dela! Estava para correr na direção do fogo quando Samir o agarrou. Então ouviu Julie gritar. Atordoado ele se virou e olhou para eles. Alex Savarell lutava para se pôr de pé, as roupas enegrecidas e fumegantes. Seu pai estava do lado, uma roupa queimada na mão. O jovem viveria. Isso era óbvio. Mas ela! Onde estava ela? Pasmo, olhou para os grandes trens, um deles parado agora, o outro já desaparecendo rápido; algum dia o mundo conhecera tamanho poder? E a explosão? Fora como um vulcão!

- Cleópatra! - ele gritou.

Então sentiu, apesar de toda a sua força imortal, que estava desfalecendo. Julie Stratford o segurou nos braços. A aurora veio com um forte brilho no horizonte. O sol, prisioneiro da neblina, não parecia um disco, mas uma grande camada de calor tremeluzente. As estrelas desapareciam lentamente.

Uma vez mais ele caminhou de um lado a outro daquele trecho dos trilhos.

Samir o observava, paciente. Julie Stratford adormecera no banco de trás do carro. Elliott e seu filho haviam retornado ao hotel. Só o fiel Samir estava ao seu lado, enquanto ele mais uma vez examinava o carro retorcido e queimado. O esqueleto da coisa era horrível. Horríveis os pedaços de couro queimado pendurados nas molas enegrecidas.

- Senhor - Samir disse paciente -, nada poderia sobreviver a uma explosão dessas. Nos velhos tempos, senhor, tal calor era desconhecido.

Não era desconhecido, ele pensou. Era conhecido no olho de uma montanha em erupção, a própria imagem que lhe viera à mente na noite passada.

- Mas deve haver algum vestígio, Samir. Alguma coisa deve restar. Mas por que punir esse pobre mortal que jamais lhe dera nada senão conforto? E Julie, sua pobre Julie. Precisava levá-la de volta à segurança e quietude do hotel. Ela não dissera nada desde o ocorrido. Ficara ao seu lado, abraçada a ele, mas não dissera uma palavra.

- Senhor, dê graças ao que aconteceu - Samir disse, numa especulação. - A morte a chamou. Certamente ela está em paz novamente.

- Está? - murmurou ele. - Samir, por que eu a assustei? Por que eu a fiz fugir de carro noite afora? Samir, nós brigamos como sempre. Nos esforçamos para ferir um ao outro! De repente não havia mais tempo, estávamos do lado de fora, guerreando um contra o outro. - Ele parou, incapaz de continuar.

- Venha descansar agora, senhor. Até imortais precisam de descanso.

Estavam todos na estação de trem. Para Ramsés, um momento da mais pura angústia. Mas ele não tinha mais palavras a usar que a persuadissem. Quando olhou nos olhos dela, não viu frieza, mas uma dor profunda e incurável. E Alex, ele agora estava mudado, era outro ser humano com o rosto e o corpo de Alex. Ouvira ressentido as meias verdades que lhe contaram. Uma mulher que Ramsey conhecera, louca, perigosa. Então ele se fechara, não queria ouvir mais nada. Agora estavam mais velhos, o rapaz e a moça. A expressão de Julie era mais sombria. Alex, ao seu lado, estava quieto, como que perdido.

- Não vão me manter aqui por mais que alguns dias - dissera Elliott ao filho. - Estarei em casa talvez uma semana depois de sua chegada. Tome conta de Julie. Se você tomar conta de Julie...

- Eu sei, pai, será a melhor coisa para mim.

Era frio o sorriso que antes fora tão quente.O condutor fez sua chamada. O trem estava pronto para sair da estação. Ramsés não queria vê-lo se movendo, não queria ouvir-lhe o ruído. Queria fugir agora, mas sabia que ficaria até o fim.

- Você não vai mudar de ideia - murmurou ele. Ela continuava olhando para o outro lado.

- Sempre amarei você - ela murmurou. Ele teve de se curvar para ouvi-la, deixar os lábios dela quase o tocarem. - Até o dia da minha morte eu o amarei. Mas não, não posso mudar de ideia. Alex apertou subitamente sua mão.

- Adeus, Ramsey. Espero vê-lo na Inglaterra.

O ritual estava quase no fim. Ele se virou para beijar Julie, mas ela já havia recuado. Estava na escadinha de metal que levava ao vagão de passageiros, e então por um instante seus olhos se encontraram. Não era reprovação, não era condenação, ela não poderia fazer mais nada. Ela explicaria isso um milhão de vezes com aquelas mesmas palavras. Finalmente o ruído mais uma vez, aquele terrível som que a tudo engolfava. Com roncos irregulares, a fileira de vagões com janelas começou a andar para frente. Viu o rosto dela na janela. Ela colocou a mão no vidro e olhou para ele uma vez mais, e novamente ele tentou interpretar aquele olhar. Havia um instante de arrependimento? Triste e angustiado, ele ouviu a voz de Cleópatra. Eu chamei por você naqueles últimos instantes. O trem passava. A janela brilhou subitamente com o reflexo prateado do sol, e não pôde vê-la mais.

Parecia que o Conde de Rutherford o levava para fora da estação, onde esperavam os carros a motor, com os choferes uniformizados às portas abertas.

- Para onde você vai? - perguntou-lhe o conde.

Ramsés via o trem desaparecendo, o último vagão com sua portinha de ferro ficando cada vez menor, o ruído inteiramente suportável agora.

- Isso importa? - ele respondeu.

Então, como se voltasse a si, olhou para Elliott. A expressão do conde o surpreendeu quase tanto quanto a de Julie. Não houve reprovação, apenas uma tristeza pensativa.

- O que você aprendeu com tudo isso, milorde? - perguntou subitamente.

- Levarei tempo para saber, Ramsés. Tempo que eu talvez não tenha. Ramsés balançou a cabeça.

- Depois de tudo o que você viu - ele perguntou, deixando a voz baixar para que apenas Elliott pudesse ouvi-lo -, você ainda pediria o elixir? Ou recusaria como Julie?

O trem já havia sumido. O silêncio reinava na estação vazia. Se não se considerasse o fraco zumbido das conversas aqui e ali.

- Isso realmente importa agora, Ramsés? - perguntou Elliott, e pela primeira vez Ramsés viu um rasgo de amargura e ressentimento nele. Pegou a mão de Elliott.

- Vamos nos encontrar novamente - disse ele. Agora preciso ir, ou chegarei atrasado.

- Mas aonde você vai? - perguntou Elliott.

Não respondeu. Virou-se e acenou ao atravessar o pátio dos trens. Elliott despediu-se com um educado aceno de cabeça e um leve movimento da mão, e então foi até o carro que esperava.

Fim de tarde. Elliott abriu os olhos. O sol caía em setas por entre as persianas de madeira, as pás do ventilador girando devagar sobre sua cabeça. Ergueu o relógio de bolso dourado de cima da mesa de cabeceira. Passava das três. O navio deles havia partido. Aproveitou o alívio por um longo momento antes de pensar em qualquer coisa que devesse fazer. Então ele ouviu Walter abrir a porta.

- Aqueles malditos do escritório do governador já ligaram? - perguntou Elliott.

- Sim, milorde. Duas vezes. Eu lhes disse que o senhor estava dormindo e que não tinha a menor intenção de perturbar o seu repouso.

- Você é um bom homem, Walter. E eles podem queimar no inferno.

- Milorde?

- Deixe pra lá, Walter.

- Ah, milorde, o sujeito egípcio passou por aqui.

- Samir?

- Trouxe a garrafa de remédio de Ramsey. Está bem ali, milorde. Ele disse que o senhor sabia o que era.

- O quê? - Elliott ergueu-se, apoiado nos cotovelos. Então, devagar, virou o rosto para a mesa à direita.

Era uma garrafa pequena, do tipo usado para vodca ou uísque, mas sem rótulo. E estava inteiramente cheia de um líquido branco-leitoso, que reluzia de forma estranha, quase luminescente.

- Eu tomaria cuidado com isso, milorde - disse Walter, abrindo a porta. - Se fosse alguma coisa egípcia, eu me cuidaria.

Elliott quase soltou uma gargalhada. Havia uma nota perto da garrafa com seu nome. Sentou-se e ficou ali, sem se mexer, até Walter ir embora. Então estendeu a mão para a nota e rasgou o envelope. Ela estava escrita em letras de imprensa, quase como escrita romana, angulosa e clara.

"Lorde Rutherford, a decisão agora é sua. Que sua filosofia e sua sabedoria possam sustentá-lo. Possa o senhor escolher o caminho certo."

Não conseguia assimilar isso. Não, simplesmente não podia acreditar. Ficou olhando por um longo momento para a nota, então olhou para o frasco.

Ela jazia meio adormecida na cama. Quando abriu os olhos, percebeu que foi sua própria voz que a despertara. Estava chamando Ramsés. Levantou-se devagar e vestiu o robe. Importava se alguém a visse no convés de robe? Mas era hora do jantar, não era? Ela tinha de se vestir. Alex precisava dela. Ah, se ela simplesmente pudesse pensar direito. Foi até o armário e começou a tirar as coisas dali. Onde estavam? Quantas horas fazia que estavam no mar? Quando alcançou a mesa, ele estava sentado lá, olhando para frente. Não a cumprimentou nem se levantou para ajudá-la com a cadeira. Como se isso importasse. Ele começou a falar.

- Ainda não entendo nada. Realmente não entendo. Ela realmente não parecia louca. Aquilo era terrível, mas ela tinha de ouvir. - Quero dizer, havia alguma coisa de sombrio e triste nela - ele disse. - Só sei que eu a amava. E que ela me amava. - Virou-se para Julie. - Acredita no que estou dizendo?

- Acredito - respondeu ela.

- Sabe, ela me dizia as coisas mais estranhas. Dizia que não havia planejado me amar! Mas que acontecera, e você sabe, eu disse a ela que entendia o que ela queria dizer. Mas eu nunca pensei que... quero dizer, era uma coisa inteiramente diferente. Como se em toda a sua vida você tivesse achado que rosas brancas eram vermelhas!

- Sim, eu sei. E que a água morna era quente.

- Eu sei.

- Você deu uma boa olhada nela? Viu como ela era bonita?

- Não vai ajudar ficar remoendo isso. Você não vai trazê-la de volta.

- Eu sabia que iria perdê-la. Desde o começo. Não sei por quê. Eu simplesmente sabia. Ela não era deste mundo, entende? E, no entanto, ela era o mundo mais realmente do que qualquer coisa que eu já tivesse...

- Eu sei. Olhava para a frente, parecia estar olhando para as outras pessoas que jantavam; os garçons de paletó preto andavam de um lado para o outro, talvez ouvindo as vozes civilizadas que conversavam baixinho. Quase inteiramente um navio britânico. Parecia algo muito revoltante.

- É possível esquecer! - ela disse subitamente. - É possível, eu sei que é.

- Sim, esquecer - ele disse, e sorriu friamente, embora não para ela em particular. - Esquecer - repetiu. é isso o que vamos fazer. Você esquecerá Ramsey, pois obviamente aconteceu alguma coisa para separar vocês. E eu a esquecerei. E nos deixaremos levar pelo ato de viver como se nunca tivéssemos amado assim, nenhum de nós. Você com Ramsey e eu com ela. Julie descobriu-se olhando para ele levemente chocada. Quase fechou os olhos.

- Ato de viver! - murmurou. - Que coisa horrível de se dizer.

Ele sequer a ouvira. Apanhara o garfo e começara a comer, ou melhor, a catar a comida. Deixando-se levar pelo ato de comer. Ela ficou sentada ali, tremendo, olhando o prato.

Agora estava escuro lá fora. Uma luz azul brilhava através das persianas abaixadas. Walter aparecera novamente para perguntar se ele queria jantar. Dissera que não. Só queria estar sozinho. Estava sentado, de robe e chinelas, olhando para o frasco sobre a mesa. Brilhava na escuridão. A nota jazia onde ele

a deixara, ao lado do frasco. Finalmente ele se levantou para se vestir. Levou vários minutos, porque cada parte exigia alguma coisa especial de sua paciência, mas por fim terminou. Vestira o paletó de lã cinza, um pouco pesado para os dias ali, mas perfeito para a noite. E então ele foi até a mesa, apoiando-se na bengala com a mão esquerda, e ergueu o frasco com a direita. Colocou-o no bolso interno do paletó, onde mal coube, pesando contra seu peito. Então saiu.

A dor em sua perna ficou pior a alguns passos do Shepheard's. Mas continuou, de vez em quando passando a bengala para o outro lado, para ver se melhorava. Parava quando era obrigado. Então recuperava o fôlego e tornava a caminhar. Em cerca de uma hora alcançou o velho Cairo. Andava sem destino pelas ruelas estreitas. Não procurou a casa de Malenka. Simplesmente andava. E andava. Pela meia-noite, seu pé esquerdo estava dormente de novo. Mas não importava. Por todo lugar onde andava, olhava as coisas. Paredes, portas e os rostos das pessoas. Parava em frente aos cabarés e ouvia a música dissonante. De vez em quando via de relance uma dançarina do ventre fazendo sua performance sedutora. Uma vez parou para ouvir um homem tocando flauta. Não ficava por muito tempo em lugar algum, exceto quando estava muito cansado. Então ele se sentava, e às vezes até cochilava. A noite estava quieta, pacífica. Parecia não abrigar nenhum dos perigos de Londres. Às duas horas ainda estava andando. Cobrira o trecho medieval da cidade, e agora voltava aos distritos mais novos.

Julie apoiava-se na amurada, segurando as pontas do xale. Olhava as águas escuras abaixo, vagamente consciente de que sentia muito frio, de que suas mãos congelavam. Mas não importava. E subitamente lhe pareceu agradável que essas coisas não a ferissem. Que ela não se importasse. Ela não estava ali. Estava em sua casa, em Londres. Estava de pé na estufa, e ela estava toda cheia de flores. Ramsés estava ali também, as bandagens de linho o envolvendo, ele ergueu a mão com ela olhando e arrancou as bandagens do rosto. Os olhos azuis olharam diretamente para ela, imediatamente cheios de amor.

- Não, isso é errado - murmurou ela.

Mas para quem estava falando? Não havia ninguém ali para ouvir o que ela dizia. Todo o navio dormia, todos os civilizados viajantes britânicos que voltavam para casa depois de sua pequena estada no Egito, tão felizes por terem visto as pirâmides, os templos. Destrua, o elixir. Cada gota. Ela olhava para o mar turbulento. O vento subitamente levantou seus cabelos, as pontas do xale. Ela agarrou-se à amurada, e o xale escapou-lhe dos ombros, enrolando-se como uma bola enquanto era levado e caía no escuro. A neblina o engoliu. Ela nunca o

viu atingir a água. E o som do vento e o som dos motores fundiram-se subitamente, e pareciam do mesmo material da neblina. Seu mundo, se fora. Seu mundo de cores esmaecidas e ruídos fracos, se fora. Ela ouvia a voz dele: "Eu a amo, Julie Stratford." Ela se ouvira dizer: "Gostaria de jamais ter posto os olhos em você. Que você tivesse deixado Henry fazer seu trabalho.

Ela sorriu subitamente. Já sentira um frio assim tão grande na vida? Olhou para baixo. Vestia apenas uma fina camisola de dormir. Pudera. E a verdade era: ela devia estar morta agora. Morta como seu pai. Henry colocara o veneno em sua xícara. Fechou os olhos, balançando a cabeça de um lado para o outro ao ritmo do vento.

- Eu amo, Julie Stratford - a voz dele vinha novamente na memória, e dessa vez ela ouvira a si própria responder com o velho clichê, tão bonito. "Eu amarei você até o dia de minha morte". Não adiantava ir para casa. Não adiantava nada. O ato de viver. A aventura havia terminado. O pesadelo havia acabado. E agora o mundo normal seria o pesadelo, a não ser que ela estivesse com seu pai, ou isolada de toda a realidade, seus últimos pensamentos, para apenas os momentos gloriosos que havia passado. Na tenda com ele, fazendo amor com ele, sua finalmente. No templo, sob as estrelas. Ela não contaria a nenhuma criança, em sua velhice, por que jamais se casara. Não contaria a jovem nenhum a história da viagem ao Cairo. Não seria essa mulher, abrigando por toda a vida um terrível conhecimento, um terrível segredo. Mas isso tudo era duro demais, isso tudo. Não havia necessidade de pensamentos tão literais. As águas escuras aguardavam. Ela seria levada para longe, bem longe do navio em minutos; não haveria chance de salvação.

E de repente isso parecia inexpressivamente bonito. Ela tinha apenas de subir na amurada, o que estava fazendo, e deixar-se ir com o vento frio. Ora, o vento sequer a levaria a algum lugar. Havia agarrado sua camisola e a soprava por trás. Ela estendeu os braços e jogou-se para a frente. Parecia que o vento soprava mais forte e ela voava de encontro à água. Estava feito! Em uma fração de segundo ela soube que nada poderia salvá-la, nada poderia intervir, ela já estava caindo, e queria dizer o nome de seu pai. Mas era o de Ramsés que lhe vinha à cabeça. Ah, a doçura, a enorme doçura de tudo isso!

Então dois braços fortes a seguraram. Ela ficou suspensa sobre o mar, atordoada, lutando para ver por entre a neblina.

- Não, Julie. - Era Ramsés implorando. Ramsés, que a erguia sobre a

amurada e a abraçava com força. Ramsés, que estava de pé no convés, com ela nos braços. - A morte sobre a vida não, Julie, não.

Os soluços irromperam de dentro dela numa torrente. Ela quebrou como gelo, as lágrimas quentes escorrendo pela face enquanto o abraçava e enterrava o rosto no seu peito. Ela repetia seu nome incessantemente. Sentiu seus braços protegerem-na do vento cortante.

O Cairo acordava com o sol. O calor parecia se erguer das ruas sujas enquanto o bazar amanhecia, os toldos listrados eram postos sobre as portas, os sons dos camelos e burros aumentava. Elliott estava completamente cansado agora. Não podia resistir ao sono por muito mais tempo, mas continuava a andar. Andou num passo arrastado pelos mercadores de metal e os vendedores de tapetes, e os vendedores de gellebiyyas e de antigüidades falsas: "tesouros" egípcios baratos por alguns pence.

Os vendedores de múmias, que afirmavam oferecer os corpos de reis por uma pechincha. Múmias. Elas ficavam encostadas na parede caiada, à luz do sol. Múmias, enlameadas, desgastadas, em suas bandagens em trapos, mas com as feições dos rostos distinguíveis por baixo da camada de linho e sujeira. Ele parou. Todos os pensamentos com os quais lutara a noite toda pareceram abandoná-lo. As imagens dos que amava e que eram tão íntimas dele subitamente se desvaneceram. Ele estava no bazar, o sol queimava sobre ele, olhava uma fileira de cadáveres contra uma parede. As palavras de Malenka voltaram."Eles fizeram um grande faraó do meu inglês. Meu inglês bonito. Colocaram ele no betume; fizeram dele uma múmia para os turistas comprarem... Meu inglês bonito, amarraram ele em linho, fizeram dele um rei.”

Aproximou-se, irresistivelmente movido pelo que via, embora isso o repelisse completamente. Sentiu a primeira onda de náusea atingi-lo assim que os olhos bateram na primeira múmia, a mais alta e magra, encostada no fim do muro. Então a segunda onda veio assim que o mercador deu um passo adiante, a barriga à frente por baixo dos trajes de algodão listrados, mãos atrás das costas.

- Permita-me oferecer ao senhor uma grande oferta!- disse o mercador. - Este aqui não é igual aos outros. Vê? Se olhar melhor poderá perceber os ossos finos, pois ele foi um grande rei. Venha! Chegue mais perto. Dê uma boa olhada.

Lentamente, Elliott obedeceu. As bandagens eram grossas, maleáveis, tão antigas em aparência quanto qualquer uma que ele já tinha visto! E o cheiro que emanava delas, o cheiro podre de terra e betume. Mas ali, sob aquele verniz

espesso, podia ver o rosto, ver o nariz e a testa larga, ver claramente os olhos fundos e a boca fina! Estava olhando para o rosto de Henry Stratford, disso não havia dúvida.

O sol da manhã rompia em gloriosos raios pela escotilha redonda, rasgando os finos véus brancos da pequena cama de metal. Estavam sentados contra a cabeceira da cama, ainda aquecidos do amor que fizeram, e do vinho que beberam. Agora ela o via encher o copo com o líquido do frasco. Pequenas luzes dançavam no estranho líquido. Ele estendeu-o para ela. Ela pegou-o, e então olhou bem nos seus olhos. Por um breve momento ficou novamente com medo. E pareceu-lhe subitamente que não estava no quarto. Estava no convés, na neblina, e estava frio. O mar aguardava. Então ela estremeceu, e o sol quente se derretia por sua pele, e ela viu o toque de medo que havia também nos olhos dele. Apenas um humano, apenas um homem, pensou. Ele não sabe o que irá acontecer mais do que eu! E sorriu. Bebeu tudo.

- O corpo de um rei, com certeza - disse o mercador, inclinando-se para a frente e fingindo confidencias. - Dou ao senhor por nada! Porque gosto do senhor, vejo que é um cavalheiro. Tem bom gosto. Esta múmia o senhor pode tirar do Egito, não é nada. Eu pago a propina para o senhor... - E ele seguia no cântico de mentiras, a canção do comércio, a imitação idiota da verdade.

Henry por baixo daquela gaze! Henry preso naquelas bandagens sujas para sempre! Henry, que ele acariciara naquele quartinho de Paris muito tempo atrás.

- Venha agora, senhor, não dê as costas aos mistérios do Egito, senhor, o Egito profundo e obscuro, senhor. Terra da magia...

A voz sumiu. Ecoou por um momento enquanto ele dava mais uns passos adiante, na direção do brilho total do sol. Um grande disco flamejante que pendia sobre os telhados. Reluzia em seus olhos quando ele olhava direto. E sem nunca tirar os olhos dele, agarrou firmemente a bengala enquanto metia a outra mão no paletó e puxava a garrafinha. Então, deixando cair a bengala, abriu o frasco e bebeu o conteúdo em grandes goles até a última gota. Petrificado com os arrepios que o tomavam, deixou o frasco cair até o chão. Sentiu o calor em espasmos. Sentiu a perna dormente voltar à vida. O grande peso em seu peito lentamente se desfez, e, esticando os braços com o profundo abandono de um animal, ele ficou olhando fixamente o céu iluminado, o disco dourado. À sua frente o mundo pulsava, brilhava, e então se tornava sólido novamente como nunca desde a meia-idade, quando sua visão começara a enfraquecer lentamente.

Via os grãos de terra aos seus pés. Pisando por cima da bengala de prata, ignorando os gritos do mercador atrás dele, dizendo que ele havia perdido a bengala e devia esperar, saiu do bazar com passos largos e fáceis.

O sol estava bem alto no céu do meio-dia quando ele deixou o Cairo, caminhando pela estrada estreita que levava para leste. Não sabia realmente para onde estava indo e isso não importava. Havia monumentos e maravilhas e cidades suficientes para se ver. Seus passos eram rápidos, e o deserto nunca lhe parecera tão bonito, aquele grande e monótono oceano de areia. Ele bebera o elixir! E não havia retorno agora. Olhos fixos na vastidão azul acima, soltou um pequeno grito, para ninguém, apenas a menor e mais espontânea expressão de sua alegria.

Estavam no convés, o sol quente os cobrindo enquanto se abraçavam. Ela podia sentir a magia movendo-se por sua pele e cabelos. Sentia os lábios dele roçando contra os dela, e de repente eles estavam se beijando como realmente nunca se beijaram antes. Era o mesmo fogo, sim, mas agora sua força e urgência avançavam para se encontrar com as dele. Ele a ergueu e levou-a de volta ao pequeno quarto e deitou-a na cama. O cortinado caiu silenciosamente ao redor deles, captando a luz e envolvendo a ambos.

- Você é minha, Julie Stratford - sussurrou ele. Minha rainha para sempre. E eu sou seu. Seu para sempre.

- Lindas palavras - murmurou ela, sorrindo quase triste.

Ela queria sempre se lembrar desse momento, lembrar-se do olhar de seus olhos azuis. Então, lenta e febrilmente, começaram a fazer amor.

O jovem médico agarrou a maleta e correu até a enfermaria, o jovem soldado de infantaria correndo ao seu lado.

- Simplesmente terrível, senhor, queimada demais, senhor, e ficou ali presa sob as ferragens, bem no fundo do vagão de carga. Não sei como ela pode estar viva.

O que, em nome de Deus, ele ia ser capaz de fazer por ela, ali naquele posto avançado e esquecido por Deus nas selvas do Sudão? Firmou-se contra a maçaneta da porta quando parou dentro do quarto. A enfermeira aproximou-se dele balançando a cabeça.

- Não entendo - disse num sussurro controlado, apontando para a cama com

os olhos.

- Deixe-me vê-la. - Puxou o mosquiteiro. - Ora, esta mulher não está nem um pouco queimada.

Ela jazia adormecida, a cabeça no travesseiro branco, os cabelos negros ondulados balançando ao sol, como se realmente fossem o fantasma de uma brisa que viesse de algum lugar através daquela sala infernalmente quente. Se algum dia já vira mulher tão linda, não conseguia se lembrar, e francamente não queria que o lembrassem agora. Era quase doloroso olhar para ela, de tão linda. E não era uma beleza de bonequinha de porcelana. Suas feições eram fortes, embora exoticamente proporcionadas. Seus cabelos ondulantes, partidos ao meio, faziam uma grande pirâmide brilhante de escuridão sob sua cabeça. Quando ele deu a volta para o outro lado da cama, ela abriu os olhos. Como era notável que eles fossem tão incrivelmente azuis. Então, o milagre dos milagres. Ela sorriu. Ele ficou fraco só de olhar para ela. Palavras como "sina" e "destino" vieram à mente, de passagem, mas persistentes. Quem neste mundo poderia ser ela?

- Que homem bonito é você - ela murmurou.

Sotaque britânico perfeito. Um de nós, ele pensou, odiando a si mesmo na hora, pelo pensamento esnobe. Mas a voz dela era puramente aristocrática. A enfermeira resmungou alguma coisa. Sussurros as suas costas. Ele afastou a cadeira de armar e sentou-se ao lado dela. Levantou o lenço branco sobre seus seios seminus o mais casualmente que pôde.

- Arrume alguma roupa para essa mulher - ele disse sem olhar para a enfermeira. - Você nos deu um susto e tanto, sabia? Eles acharam que você estava queimada.

- Acharam? - murmurou ela. - Foi gentil da parte deles me ajudar. Eu estava num lugar fechado, onde mal conseguia respirar. Eu estava no escuro. Ela piscou com a luz do sol que vinha pela janela. - Você precisa me ajudar a sair para a luz do sol disse.

- Ah, ainda é muito cedo para isso.

Mas ela se sentou, claramente inabalável, e começou a enrolar o lençol ao seu redor como um vestido. As finas sobrancelhas escuras lhe davam um ar de vontade e determinação, que ele achava estranhamente excitante de uma forma

física muito direta. Ela parecia uma deusa com a coisa enrolada sobre um ombro quando se levantou. Novamente aquele sorriso brilhando para ele, subjugando-o profundamente.

- Escute, você precisa me dizer quem é. Sua família, seus amigos, vamos mandar notícias.

- Venha para fora comigo - disse ela.

Ele a seguiu quase estupidamente, tomando sua mão. Deixe que sussurrem! Eles viriam correndo com histórias de que ela havia sido queimada como um bife torrado! Não havia nada de errado com aquela mulher! Será que o mundo enlouquecera?

Ela atravessou a área empoeirada, levando-o pelo portão até o pequeno jardim, que na verdade era dele, e não para os pacientes, adjacente ao seu quarto e às portas de seu consultório. Ela sentou-se no banco de madeira, e ele ao seu lado. Ela jogou os cabelos para trás enquanto olhava o céu flamejante.

- Mas não há por que você ficar aqui fora neste calor terrível - ele disse. - Especialmente se você foi queimada. - Mas isso era estupidez. A pele dela estava radiante, sem uma queimadura no corpo todo; as faces estavam com um rubor belíssimo. Ele jamais vira um ser humano mais saudável em toda sua vida.

- Há alguém que eu deva contatar? - ele tentou novamente. - Temos um telefone e um telégrafo.

- Não se preocupe com isso - ela disse, erguendo-lhe a mão esquerda e brincando distraída com seus dedos. Ele subitamente ficou envergonhado do que isso despertou nele. Não podia evitar olhar para ela, para seus olhos e depois sua boca. Podia ver os bicos dos seus seios através do lençol. - Eu tenho amigos, sim - ela disse quase em transe - e compromissos a acertar. E contas a ajustar. Mas fale-me de você, doutor. E deste lugar.

Ela queria ser beijada? Ele mal podia acreditar nisso e não tinha a intenção de deixar isso passar. Inclinou-se para tocar os lábios dela, hummmm. Não ligava para quem estivesse olhando. Envolveu-a em seus braços, e apertou-a contra ele, atordoado pela maneira como ela se entregava totalmente, os seios quentes contra seu peito. Em outro segundo ele a arrastaria para a cama, se ela não fosse por vontade própria. Mas sabia que ela iria.

- Não há grande pressa em contatar ninguém - ela murmurou ao enfiar a

mão por dentro de sua camisa.

Estavam em pé, caminhando por sobre o piso de laje até a porta do quarto. Ela parou como se não pudesse nem chegar até lá. Ele a tomou nos braços. Pecador, maluco, mas não conseguia impedir. Ela colou sua boca à dele e ele quase caiu. Deitou-a no colchão e fechou as persianas de madeira. Ao diabo com todo mundo.

- Você tem certeza que... - Parou de falar. Estava arrancando a camisa.

- Gosto de homens que coram - ela murmurou, olhando para cima. - E, sim, eu tenho certeza. Quero estar preparada antes de ver meus amigos novamente. - Ela abriu o lençol. - Muito bem preparada.

- O quê? - Ele deitou-se ao seu lado, beijando-lhe o pescoço, correndo a mão por sobre os seios.

Os quadris dela apertaram-se contra os dele quando ele deitou em cima dela. Ela ondulava como uma serpente na cama, mas não era serpente. Era quente e cheirosa e estava pronta para ele!

- Meus amigos... - ela murmurou, olhando para o teto como se levemente entorpecida, uma pequena fagulha de preocupação nos seus olhos azuis.

Mas então ela olhou para ele: toda faminta de repente, voz caindo a um gemido enquanto ela o acariciava, as unhas arranhando deliciosamente seus ombros.

- Meus amigos podem esperar. Temos tempo para nos ver. Todo o tempo do mundo!Ele não tinha a menor ideia do que ela queria dizer. E não se importava.

FIM

Este livro foi impresso na Editora Vozes Ltda. Rua Frei Luís, 100 - Petrópolis – RJ em março de 1993 para a Editora Rocco Ltda.